

História da Psicologia Moderna

Tradução da 10ª edição norte-americana



**Duane P. Schultz
& Sydney Ellen Schultz**

 arilha



Prefácio

O tema deste livro é a história da psicologia moderna, aquele período que se inicia no final do século XIX, no qual a psicologia se tomou uma disciplina distinta e basicamente experimental. Embora não ignoremos o pensamento filosófico anterior, concentramo-nos nos

05, fatores que têm relação direta com o estabelecimento da psicologia como campo de estudo novo e independente. Apresentamos uma história da psicologia moderna, não da psicologia e

de toda a obra filosófica que a precedeu.

da Preferimos narrar a história da psicologia em termos de suas grandes idéias ou escolas de pensamento. Desde o começo formal do campo, em 1879, a psicologia tem sido definida de várias maneiras, à medida que novas idéias conseguem o apoio de grande número de na! seguidores e passam, por algum tempo, a dominar a área. Portanto, o nosso interesse está na sequência progressiva das idéias formuladas para definir o objeto, os métodos e os objetivos

da psicologia.

ud Cada uma das escolas de pensamento psicológico é discutida como um movimento que tem origem em seu contexto histórico, e não como uma entidade independente ou isolada. As

a forças contextuais, consideradas pelos historiadores contemporâneos a “nova” história, incluem não apenas o espírito intelectual da época (o *Zeitgeist*) como também fatores econômicos, políticos e sociais.

Embora o livro esteja organizado em termos das escolas de pensamento — as diferentes definições que marcam a evolução da psicologia —, reconhecemos que essas idéias e aborda gens são obra de estudiosos, pesquisadores e sistematizadores. Afinal, são seres humanos, e não forças abstratas, que escrevem os artigos, fazem as pesquisas, apresentam comunicações de pesquisa e ensinam a próxima geração de psicólogos. Fazendo isso, esses homens e mulheres desenvolveram e promoveram as escolas de pensamento da psicologia. Desse modo, discutimos a vida das eminentes personalidades que moldaram o campo, chamando a atenção para o fato de o seu trabalho ter sido influenciado não só pela época em que floresceu como também pelo contexto de suas próprias experiências pessoais.

Por fim, discutimos cada escola de pensamento em termos dos seus vínculos com as grandes idéias e teorias que a precederam e seguiram. Descrevemos a maneira pela qual cada escola veio a existir a partir da ordem existente, ou numa revolta contra ela, e como cada uma delas inspirou, por sua vez, pontos de vista que a desafiaram, se opuseram a ela e, eventual mente, a substituíram. Assim sendo, a perspectiva histórica nos permite acompanhar um padrão e perceber uma continuidade de desenvolvimento no campo da psicologia.

O preparo da quinta edição deste manual, quase um quarto de século depois da red da primeira, e a percepção de quantas coisas devem ser incluídas, retiradas, revistas e reel

radas, são um vivo testemunho da natureza dinâmica da história da psicologia. Essa história não é fixa nem está acabada, encontrando-se, em vez disso, num estado de mudança e desenvolvimento. Há uma imensa quantidade de trabalhos acadêmicos em fase de produção e de publicação, a respeito de pessoas, tópicos, métodos e teorias da história da psicologia. Por essa razão, acrescentamos mais de 200 novas referências ao trabalho anterior:

Uma importante inclusão acolhida nesta quinta edição é o reconhecimento explícito da nova história, ou seja, da influência de forças contextuais de natureza social, econômica e política sobre a psicologia. Há uma discussão desses fatores no Capítulo 1, ao lado de outros exemplos em vários pontos do livro. Além disso, fornecemos, em praticamente todos os capítulos, exemplos de dados históricos novos, aperfeiçoados ou revisados, que continuam a influir na compreensão deste campo.

Outra modificação é uma ênfase maior no papel e na importância da psicologia aplicada no âmbito da história da psicologia nos Estados Unidos. A partir da reação entusiasmada ao material sobre psicologia aplicada incluído na edição anterior causou, e refletindo a respeito do impacto das forças contextuais do final do século XIX e início do século XX, amplia os dados relativos a esse tópico e procuramos situá-lo no contexto em que o movimento começou no início: como um legado da escola funcionalista. Além das contribuições de Hall e Cattell à psicologia aplicada, adicionamos o trabalho de Witmer, Scott e Münsterberg.

Os fatores contextuais do preconceito e da discriminação nos círculos acadêmicos e profissionais vêm recebendo uma atenção cada vez maior pois interferem nas oportunidades das mulheres e dos afro-americanos dentro da psicologia.

Entre as outras alterações desta edição, há um novo material acerca da vida de psicólogos destacados que procuram demonstrar até que ponto experiências pessoais podem ter influenciado sua obra; a reinclusão de John Stuart Mill, ao lado de sua noção de química mental e sua conclamação para o estabelecimento de uma ciência psicológica; o papel do inconsciente no estruturalismo, no funcionalismo e no comportamentalismo; o desafio cognitivo no comportamentalismo e nas idéias de Bandura e Rotter. Também foram incluídos a superego freudiana da teoria da sedução, os testes experimentais de conceitos freudianos, a psicologia do ego, a teoria das relações objetais e a obra de Anna Freud; uma reavaliação da influência da psicologia humanista; e o trabalho de Miller e Neisser e o desenvolvimento do movimento da psicologia cognitiva.

Ampliamos a introdução às cinco reproduções de textos originais explicando o propósito de pôr os estudantes em contato com essas fontes e assinalando os principais tópicos tratados pelos teóricos citados. Os artigos transcritos descrevem, nas palavras dos próprios teóricos, sua abordagem particular da psicologia, e mostram aos leitores de hoje o tipo de material estudado por gerações anteriores de universitários.

Sumário

Prefácio 5

CAPÍTULO 1

O Estudo da História da Psicologia 17

O Desenvolvimento da Psicologia Moderna 17

A Relevância do Passado para o Presente	19
Os Dados da História	21
Forças Contextuais na Psicologia	25
Concepções da História Científica: Personalista e Naturalista	27
As Escolas de Pensamento: Marcos do Desenvolvimento da Psicologia Moderna	29
Sugestões de Leitura	32
CAPÍTULO 2	
Influências Filosóficas sobre a Psicologia	33
O Espírito do Mecanismo	33
O Universo Mecânico	34
Os Primórdios da Ciência Moderna	38
René Descartes (1596-1650)	38
O Mecanismo e o Problema Mente-Corpo	40
Empiristas e Associacionistas Britânicos: Como Adquirir Conhecimento por Intermédio da Experiência	43
9	
John Locke (1632-1704)	44
George Berkeley (1685-1753)	47
David Hume (1711-1776)	49
David Hartley (1705-1757)	50
James Miii (1773-1836)	51
John Stuart Miii (1806-1873)	52
Contribuições do Empirismo à Psicologia	54
Sugestões de Leitura	55
CAPITULO 3	
Influências Fisiológicas sobre a Psicologia	56
O Papel do Observador Humano	56
Primeiros Avanços da Fisiologia	57
Os Primórdios da Psicologia Experimental	59
Por que a Alemanha?	59
Hermann von Helmholtz (1821-1894)	61
A Vida de Helmhoitz	61
Problemas da Psicologia Sensorial	63

Ernst Weber (1795-1878)	64
O Limiar de Dois Pontos	64
A Diferença Apenas Perceptível	66
Gustav Theodor Fechner (1801-1887)	66
A Vida de Fechner	67
O Relacionamento Quantitativo Entre Mente e Corpo	69
Os Métodos da Psicofísica	70
A Fundação Formal da Nova Ciência da Psicologia	72
Sugestões de Leitura	73
CAPITULO 4	
A Nova Psicologia	75
Um Caso de Dados Distorcidos	75
Wilhelm Wundt (1832-1920)	76
A Vida de Wundt	76
O Sistema de Psicologia de Wundt	81
A Natureza da Experiência Consciente	81
O Método de Estudo: Introspecção	82
Os Elementos da Experiência Consciente	83
Apercepção: A Organização dos Elementos da Experiência Consciente	84
Os Tópicos de Pesquisa do Laboratório de Leipzig	84
Comentário	86
Outros Pioneiros Europeus da Psicologia	88
Hermann Ebbinghaus (1850-1909)	88
Georg Elias Müller (1850-1934)	92
10	
Franz Brentano (1838-1917)	93
Carl Stumpf (1848-1936)	95
Oswald Külpe (1862-1915) e a Escola de Würzburg	96
Comentário	100
Sugestões de Leitura	100
CAPITULO 5	
O Estruturalismo	103
Introdução	103

Edward Bradford Titchener (1867-1927)104

A Vida de Titchener 104

O Sistema de Psicologia de Titchener 107

O Método de Estudo: Introspecção 108

Os Elementos da Consciência 110

Reprodução de Texto Original sobre o Estruturalismo: Trecho de A Text-Book of Psychology, de E. B. Titchener 112

O Destino do Estruturalismo 119

Críticas ao Estruturalismo 119

Contribuições do Estruturalismo 121

Sugestões de Leitura 122

CAPÍTULO 6

O Funcionalismo: Influências Anteriores 123

o Protesto Funcionalista 123

Panorama do Funcionalismo 124

A Revolução da Evolução: Charles Darwin (1809-1882)125

A Vida de Darwin 126

As Obras de Darwin 128

A Influência de Darwin sobre a Psicologia 130

As Diferenças Individuais: Francis Galton (1822-1911) 131

A Vida de Galton 131

A Herança Mental 133

Os Métodos Estatísticos 134

Os Testes Mentais 135

A Associação 136

As Imagens Mentais 137

Outros Estudos 137

Comentário 138

A Influência da Psicologia Animal sobre o Funcionalismo 138

Sugestões de Leitura 141

CAPÍTULO 7

O Funcionalismo: Desenvolvimento e Fundação 143

Somente na América 143

Herbert Spencer (1820-1903) e a Filosofia Sintética	144
William James (1842-1910): Precursor da Psicologia Funcional	147
A Vida de James	148
Os Princípios de Psicologia	152
O Objeto de Estudo da Psicologia: Uma Nova Concepção da Consci	1
Os Métodos da Psicologia	154
A Teoria das Emoções	155
O Hábito	155
Comentário	156
A Fundação do Funcionalismo	156
A Escola de Chicago	157
John Dewey (1859-1952)	157
James Rowland Angeli (1869-1949)	158
Harvey A. Carr (1873-1954)	161
Reprodução de Texto Original sobre o Funcionalismo: Trecho de Psychology, de Harvey A. Carr	
O Funcionalismo na Universidade Colúmbia	168
Robert Sessions Woodworth (1869-1962)	168
Criticas ao Funcionalismo	171
Contribuições do Funcionalismo	172
Sugestões de Leitura	172
CAPÍTULO 8	
O Legado do Funcionalismo: A Psicologia Aplicada	174
O Desenvolvimento da Psicologia nos Estados Unidos	174
Influências Contextuais sobre a Psicologia Aplicada	176
Granville Stanley Hall (1844-1924)	177
A Vida de Hall	179
A Evolução como Estrutura para o Desenvolvimento Humano	182
James McKeen Cattell (1860-1944)	184
A Vida de Cattell	184
Os Testes Mentais	188
Lightner Witmer (1867-1956)	189

A Vida de Witmer 190
A Clínica Psicológica 191
Walter Dill Scott (1869-1955) 192
A Vida de Scott 192
Publicidade e Seleção de Pessoal 194
Hugo Münsterberg (1863-1916) 195
A Vida de Münsterberg 195
A Psicologia Forense e Outras Aplicações 198
Especialidades na Psicologia Aplicada 201
O Movimento dos Testes Psicológicos 202
A Psicologia Industrial/Organizacional 205
A Psicologia Clínica 207
Comentário 208
Sugestões de Leitura 209

12

CAPITULO 9

O Comportamentalismo: Influências Anteriores 210
Uma Ciência do Comportamento 210
A Influência da Psicologia Animal sobre o Comportamentalismo 212
Hans, o Cavalo Inteligente 215
Edward Lee Thorndike (1874-1949) 218
A Vida de Thorndike 218
O Conexionismo 220
Comentário 222
Ivan Petrovitch Pavlov (1849-1936) 222
A Vida de Pavlov 222
Os Reflexos Condicionados 226
Uma Nota sobre Twitmyer 228
Comentário 229
Viadimir M. Bekhterev (1857-1927) 229
Comentário 230
A Influência do Funcionalismo sobre o Comportamentalismo 230
Sugestões de Leitura 231

CAPITULO 10

O Comportamentalismo: Primórdios 233

John B. Watson (1878-1958) 233

A Vida de Watson 233

Reprodução de Texto Original sobre o Comportamentalismo: Trecho de Psychology as the Behaviorist Views It de John B. Watson 240

A Reação ao Programa de Watson 246

Os Métodos do Comportamentalismo 246

O Objeto de Estudo do Comportamentalismo 248

O Instinto 249

A Aprendizagem 250

A Emoção 251

O Pensamento 252

O Atrativo Popular do Comportamentalismo 254

O Surto de Popularização da Psicologia 255

Outros Comportamentalistas Pioneiros: Holt, Weiss e Lashley 256

Críticas ao Comportamentalismo de Watson 257

Contribuições do Comportamentalismo de Watson 260

Sugestões de Leitura 261

CAPITULO 11

O Comportamentalismo: Depois da Fundação 262

O Neocomportamentalismo 262

13

A Influência do Operacionismo 263

Edward Chace Tolman (1886-1959) 264

O Comportamentalismo Intencional 265

Variáveis Intervenientes 266

A Teoria da Aprendizagem 267

Edwin Ray Guthrie (1886-1959) 269

A Aprendizagem por uma Tentativa 269

Clark Leonard Hull (1884-1952) 271

A Vida de Hull 271

O Referencial 273

A Metodologia Objetiva e a Quantificação	274
Os Impulsos	275
A Aprendizagem	275
Burrhus Frederick Skinner (1904-1990)	277
A Vida de Skinner	277
O Comportamentalismo de Skinner	280
O Condicionamento Operante	281
Programas de Reforço	282
O Comportamento Verbal	284
As Máquinas Comportamentalistas de Skinner	284
Walden Two — Uma Sociedade Comportamentalista	285
A Modificação do Comportamento	286
Teorias da Aprendizagem Social: O Desafio Cognitivo no Âmbito do Comportamentalismo	
Albert Bandura (1925-)	288
A Teoria Cognitiva Social	288
A Auto-Eficácia	289
A Modificação do Comportamento	290
Julian Rotter (1916-)	291
Os Processos Cognitivos e o Centro de Controle	291
Comentário	292
Sugestões de Leitura	292
CAPITULO 12	
A Psicologia da Gestalt	294
Introdução	294
Influências Antecedentes sobre a Psicologia da Gestalt	296
A Fundação da Psicologia da Gestalt	298
Max Wertheimer (1880-1943)	299
Kurt Koffka (1886-1941)	301
Wolfgang K (1887-1967)	301
A Natureza da Revolta da Gestalt	303
Reprodução de Texto Original sobre a Psicologia da Gestalt: Trecho de Gestalt Theory	
Max Wertheimer	305
Os Princípios Gestaltistas da Organização da Percepção	310

Os Princípios Gestaltistas da Aprendizagem	311
14	
A Mentalidade dos Macacos	312
O Pensamento Produtivo em Seres Humanos	314
O Princípio do Isomorfismo	314
A Expansão da Psicologia da Gestalt	315
A Teoria de Campo: Kurt Lewin (1890-1947)	317
Críticas à Psicologia da Gestalt	320
Contribuições da Psicologia da Gestalt	321
Sugestões de Leitura	322
CAPITULO 13	
A Psicanálise: Primórdios	323
Introdução	323
Influências Antecedentes sobre a Psicanálise	325
Teorias do Inconsciente	325
A Psicopatologia	326
A Influência de Darwin	329
Outras Fontes de Influência	330
Sigmund Freud (1856-1939) e o Desenvolvimento da Psicanálise	331
A. Psicanálise como Método de Tratamento	340
O Método de Pesquisa de Freud	342
A Psicanálise como Sistema da Personalidade	343
Os Instintos	343
Os Aspectos Conscientes e Inconscientes da Personalidade	344
A Ansiedade	345
Os Estágios Psicosssexuais do Desenvolvimento da Personalidade	346
Reprodução de Texto Original sobre a Psicanálise: Trecho de An Outline of Psychoanalysis, de Sigmund Freud	347
O Mecanismo e o Determinismo no Sistema de Freud	350
As Relações entre a Psicanálise e a Psicologia	350
Críticas à Psicanálise	351
A Validação Científica de Conceitos Psicanalíticos	353
Contribuições da Psicanálise	354

Sugestões de Leitura 355

CAPÍTULO 14

A Psicanálise: Dissidentes e Descendentes 356

Depois da Fundação 356

Os Neofreudianos e a Psicologia do Ego 357

Anna Freud (1895-1982) 357

Carl Jung (1875-1961) 359

A Vida de Jung 359

A Psicologia Analítica 362

Comentário 365

15

Teorias Sociopsicológicas na Psicanálise: O Zeitgeist Ataca Outra Vez 366

Alfred Adler (1870-1937) 367

A Vida de Adler 367

A Psicologia Individual 369

Comentário 371

Karen Horney (1885-1952) 372

A Vida de Horney 372

O Desenvolvimento da Personalidade 372

Comentário 375

Os Descendentes 376

Gordon Allport (1897-1967) 376

Henry Murray (1893-1988) 379

Erik Erikson (1902-) 381

Comentário 384

Sugestões de Leitura 384

CAPÍTULO 15

Além das Escolas de Pensamento: Desenvolvimentos mais recentes 386

As Escolas de Pensamento em Perspectiva 386

As Mulheres na História da Psicologia 388

Leta Stetter Hollingworth (1886-1939) e a Psicologia das Mulheres 390

Os Afro-Americanos na História da Psicologia 390

A Psicologia Humanista: A Terceira Força 392

Abraham Maslow (1908-1970)	395
Cari Rogers (1902-1987)	397
A Influência da Psicologia Humanista	399
O Movimento Cognitivo na Psicologia	400
Influências Antecedentes sobre a Psicologia Cognitiva	401
A Fundação da Psicologia Cognitiva	404
George Miller (1920-)	404
Ulric Neisser (1928-)	407
O Papel do Computador na Psicologia Cognitiva	409
A Natureza da Psicologia Cognitiva	410
Comentário	411
Uma Observação Final	412
Sugestões de Leitura	413
Referências Bibliográficas	415
Índice Remissivo	429

16

1

O Estudo da História da Psicologia
O Desenvolvimento da Psicologia Moderna Forças Contextuais na Psicologia
A Relevância do Passado para o Presente Concepções da História Científica:
Persoalista e
Naturalista
Os Dados da História
As Escolas de Pensamento: Marcos do Desenvol
vimento da Psicologia Moderna
Do mais antigo objeto produziremos a mais nova ciência.
Hermann Ebbinghaus
On Memory
O Desenvolvimento da Psicologia Moderna

Começamos com um paradoxo, uma aparente contradição, ao observar que a psicologia é uma das mais antigas disciplinas acadêmicas e, ao mesmo tempo, uma das mais novas. O interesse pela psicologia remonta aos primeiros espíritos questionadores. Sempre tivemos fascínio pelo nosso próprio comportamento, e especulações acerca da natureza e conduta

humanas são o tópico de muitas obras filosóficas e teológicas. Já no século V a.C., Platão, Aristóteles e outros sábios gregos se viam às voltas com muitos dos mesmos problemas que hoje ocupam os psicólogos: a memória, a aprendizagem, a motivação, a percepção, a atividade onírica e o comportamento anormal. As mesmas espécies de interrogações feitas atualmente sobre a natureza humana também o eram séculos atrás, o que demonstra uma continuidade vital entre o passado e o presente em termos de seu objeto de estudo.

Embora os precursores intelectuais da psicologia sejam tão remotos quanto os de qual quer disciplina, a moderna abordagem psicológica teve início há pouco mais de cem anos. O centenário de nascimento da psicologia moderna foi comemorado em 1979.

A distinção entre a psicologia moderna e seus antecedentes está menos nos tipos de perguntas feitas sobre a natureza humana do que nos métodos empregados na busca das

17

respostas a essas perguntas. O que distingue a disciplina mais antiga da filosofia da psicologia moderna são a abordagem e as técnicas usadas, que denotam a emergência desta última um campo de estudo próprio, essencialmente científico.

Até o último quarto do século XIX, os filósofos estudavam a natureza humana na especulação, a intuição e a generalização baseadas em sua limitada experiência. Sucede transformação no momento em que os filósofos começaram a aplicar os instrumentos e métodos que já tinham se mostrado bem-sucedidos nas ciências físicas e biológicas a questões relativas à natureza humana. Somente quando os pesquisadores passaram a se apoiar na observação e na experimentação cuidadosamente controladas para estudar a mente humana que a psicologia começou a alcançar uma identidade que a distinguiu de suas raízes filosóficas.

A nova disciplina da psicologia precisava desenvolver maneiras mais precisas e objetivas de tratar o seu objeto de estudo. Boa parte da história da psicologia, depois de sua separação da filosofia, é a história do contínuo aprimoramento de instrumentos, técnicas e métodos de estudo voltados para alcançar uma precisão e uma objetividade maiores tanto no âmbito das perguntas como no das respostas.

Se temos a intenção de compreender os complexos tópicos que definem e circunscrevem a psicologia de hoje, o ponto de partida adequado à perspectiva da história deste século XIX, o momento em que a psicologia se tomou uma disciplina independente com métodos de pesquisa e raciocínios teóricos característicos. Não podemos negar que os primeiros filósofos e estudiosos especularam sobre problemas referentes à natureza humana; eles certamente o fizeram. “Quando examinamos os tópicos que hoje compõem a literatura da psicologia profissional” — escreveu Daniel Robinson, historiador de psicologia da Universidade de Orono — “temos muita dificuldade para encontrar um que não tenha sido formulado com frequência de uma maneira a ser aperfeiçoada, [século XIX]” (Robinson, 1981, pp. 390). No entanto, é limitada a influência desses primeiros estudiosos no desenvolvimento da psicologia como ciência distinta e essencialmente experimental.

Somente há cerca de cem anos os psicólogos definiram o objeto de estudo da psicologia e estabeleceram seus fundamentos, confirmando assim sua independência em relação à filosofia. Os primeiros filósofos se preocuparam com problemas que ainda são de interesse mas os abordaram de modos vastamente distintos dos empregados pelos atuais psicólogos. Esses

pioneiros não eram psicólogos no sentido contemporâneo do termo, e discutires suas idéias apenas quando apresentarem uma relação direta com o estabelecimento da psicologia moderna.

A idéia de que os métodos das ciências físicas e biológicas poderiam ser aplicados ao estudo de fenômenos mentais foi herdada do pensamento filosófico e das pesquisas físicas dos séculos XVII a XIX. Essa época fervilhante constituiu o cenário imediato do surgimento da psicologia moderna. Enquanto os filósofos do século passado preparavam o caminho para a abordagem experimental do funcionamento da mente, os fisiologistas atacavam independentemente os mesmos problemas a partir de outra direção, e davam largos passos à compreensão dos mecanismos corporais que estão na base dos processos mentais. Os métodos de estudo eram diferentes do procedimento filosófico, mas a eventual união das disciplinas apartadas — a filosofia e a fisiologia — produziu um campo de estudo em que menos em seus anos de formação, se fez uma tentativa de preservar as tradições e as conflitantes de cada uma delas. Felizmente, a nova psicologia logo conseguiu a sua identidade e estatuta próprias.

O primeiro indício de um campo distinto de pesquisa conhecido como psicologia surgiu-se no último quarto do século XIX, quando o método científico foi adotado com recurso para tentar resolver os problemas da psicologia. No decorrer desse período, m

18

teram-se várias indicações formais de que essa disciplina começava a florescer. Em dezembro de 1879, em Leipzig, Alemanha, Wilhelm Wundt implantou o primeiro laboratório de psicologia do mundo. Em 1881, fundou a revista *Philosophische Studien* (Estudos Filosóficos), considerada a primeira revista de psicologia dedicada primordialmente a relatos experimentais.

Em 1887, O. Stanley Hall fundou o *American Journal of Psychology*, a primeira revista psicológica publicada nos Estados Unidos. E, em 1888, a Universidade da Pensilvânia nomeou James McKeen Cattell, um americano que estudara com Wundt, professor de psicologia, a primeira docência em psicologia do mundo. Até então, os psicólogos trabalhavam em departamentos de filosofia. A posição de Cattell fez com que a psicologia fosse reconhecida nos círculos acadêmicos como disciplina independente.

Entre 1880 e 1895, ocorreram dramáticas e profundas mudanças na psicologia americana. Durante esse período, foram fundados vinte e seis laboratórios e três revistas de psicologia. A Associação Psicológica Americana (APA), a primeira organização científica e profissional de psicólogos, foi fundada em 1892. A Associação comemorou seu centenário em 1992, com um número especial da revista *American Psychologist* dedicado à história da psicologia.

O psicólogo britânico William McDougall definiu a psicologia, em 1908, como a “ciência do comportamento”, ao que parece pela primeira vez. Dessa forma, por volta do começo do século XX, a psicologia americana conseguia a sua independência em relação à filosofia, desenvolvia laboratórios nos quais aplicar os métodos científicos, formava sua própria associação científica e definia-se formalmente como ciência — a ciência do comportamento.

Uma vez estabelecida, a nova disciplina se expandiu com rapidez, em especial nos Estados Unidos, que assumiu e mantém uma posição de destaque no mundo psicológico. Atualmente, mais da metade dos psicólogos do mundo trabalha nos Estados Unidos, e um

grande número de profissionais de outros países teve ao menos uma parte do seu treinamento em instituições americanas. A maioria das publicações psicológicas do mundo vem dos Estados Unidos. A Associação Psicológica Americana, fundada com vinte e seis membros, já incluía mil e cem psicólogos em 1930. Em 1991, o número de associados passava de cem mil.

Essa explosão populacional de psicólogos tem convivido com a explosão paralela de informações prestadas por relatórios de pesquisa, artigos teóricos e revisões da literatura, arquivos de dados computadorizados, livros, filmes, fitas de vídeo e outras formas de publicação. Atualmente, o psicólogo tem cada vez mais dificuldade para manter-se atualizado sobre o desenvolvimento de outras áreas que não a de sua especialização.

A psicologia se expandiu não apenas em termos de seus clínicos, pesquisadores, acadêmicos e de sua literatura publicada, mas também em termos do seu impacto na nossa vida cotidiana. Seja qual for a sua idade, ocupação ou os seus interesses, a sua vida é influenciada de alguma maneira pelo trabalho de psicólogos.

A Relevância do Passado para o Presente

É provável que você esteja cursando esta disciplina por ser obrigado, porque o seu departamento de psicologia o exige para conceder-lhe um diploma. Se for assim, você com certeza não está sozinho. A maioria dos departamentos de psicologia das faculdades americanas exige este curso, e pesquisas periódicas acerca da melhor preparação de estudantes de graduação e pós-graduação para uma carreira em psicologia continuam a recomendar o estudo da história do campo (ver Hilgard, Leary e McGuire, 1991; McGovern, 1990; Moses, 1991).

Dentre todas as ciências, a psicologia é peculiar nesse aspecto. A maioria dos departamentos científicos não tem requisitos semelhantes; muitos não oferecem um curso que apre-

19

sente a história do seu campo. Por que os psicólogos têm tanto interesse no desenvolver histórico da sua área? Uma das razões se relaciona com o que afirmamos antes, o fato de há séculos as questões e os problemas de que se ocupa a psicologia vêm atraindo atenção e interesse. Os estudiosos vêm tentando compreender o pensamento e o comportamento humano desde os primórdios da história registrada. Seus esforços têm produzido muitas descobertas:

conclusões respeitáveis, bem como imprecisões e mitos. Como dissemos, muitas das ideias feitas séculos atrás ainda são relevantes hoje, o que demonstra uma longa continuidade de problemas, embora não de métodos, no âmbito da psicologia, uma continuidade que está presente em outras ciências. Isso significa que a psicologia tem uma ligação visível com o seu próprio passado, um vínculo que muitos psicólogos consideram satisfatório e útil explorar.

O interesse dos psicólogos pela história do seu campo levou à sua formalização como área de estudo. Da mesma maneira como há psicólogos que se especializam em problemas sociais, questões psicofisiológicas, comportamento anormal ou desenvolvimento do adolescente, há também os que se especializam na história da psicologia.

Em 1965, foi criada uma revista multidisciplinar, o *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, cujo editor era um psicólogo. Nesse mesmo ano, foram fundados os *Annals of the*

History of American Psychology, na Universidade de Akron, Ohio, para as necessidades dos pesquisadores mediante a reunião e preservação de dados de pesquisa da história da psicologia. Em 1966, foi formada no âmbito da APA a Divisão de História da Psicologia (Divisão 26), e, em 1969, foi fundada a International Society for the History Behavioral and Social Sciences (a Chevron Society). Organizações para o estudo da história da psicologia têm sido estabelecidas no Canadá, na Grã-Bretanha, na Alemanha e em países. Várias universidades oferecem pós-graduação em história da psicologia, e há programas de doutorado nessa área na Universidade de New Hampshire. O aumento do uso de manuais, monografias, biografias, artigos de revistas, encontros profissionais, obras lidas e fontes de pesquisa em arquivo reflete a importância que os psicólogos atribuem ao estudo da história da psicologia.

“Isso tem algum interesse”, você pode estar pensando, “mas por que concluir que tenho de estudar a história da psicologia?” Considere o que você aprendeu em outros cursos de psicologia: não há uma única forma, abordagem ou definição particulares da psicologia moderna com que concordem todos os psicólogos. Em vez disso, vemos uma enorme diversidade, e até desacordo e fragmentação, tanto em termos de especializações científicas e clínicas como em termos de objeto de estudo.

Alguns psicólogos concentram-se em processos cognitivos, outros estão voltados para forças inconscientes, e há ainda os que trabalham com o comportamento observável e os fatores fisiológicos e bioquímicos. A psicologia contemporânea abrange muitas áreas pouco parecem ter em comum além de um interesse, expresso em termos amplos, pela mente e pela conduta humanas e de uma abordagem que tenta, de alguma maneira, ser científica.

O eixo de referência que vincula essas áreas e abordagens distintas é a história da evolução da disciplina da psicologia. Somente examinando suas origens e estudando o desenvolvimento ao longo do tempo podemos ver com clareza, e no contexto, a diversidade da psicologia moderna. O conhecimento da história pode trazer ordem à desordem, produzir sentido a partir do caos; permite enxergar o passado com mais clareza e enxergar o presente.

Muitos psicólogos acreditam numa técnica que aceita a influência do passado na formação do presente, e a praticam. Os psicólogos clínicos, por exemplo, tentam compreender o problema dos seus pacientes mediante o exame do passado, das forças e eventos que

20

podem tê-los levado a agir ou a pensar de certas maneiras. Compilando histórias de caso, os clínicos que reconstroem a evolução da vida dos pacientes, no processo que, com frequência, permite diagnósticos e explicações de comportamentos atuais. Os psicólogos do comportamento também aceitam a influência do passado na formação do presente; de modo geral, eles acreditam que o comportamento é determinado por experiências precedentes de condicionamento e de reforço, que o estado atual do organismo é explicado pela sua história.

O mesmo ocorre com a disciplina da psicologia. O conhecimento da sua história vai não ajudá-lo a integrar as áreas e problemáticas que constituem a psicologia moderna. Você poderá tal e reconhecer as relações entre várias idéias, teorias e projetos de pesquisa, bem como compreender como elementos distintos da psicologia (e, em alguns casos,

aparentemente não relaciona dos entre si) se tornam compatíveis diante do padrão do seu desenvolvimento histórico. Assim,

como poderíamos descrever a história da psicologia como uma história de caso, examinando os eventos e as experiências antecedentes que lhe deram a face que ela tem hoje.

Por fim, a história da psicologia é por si só uma narrativa fascinante, à qual não faltam o drama, a tragédia e as idéias revolucionárias. As histórias desses homens e mulheres e de

suas crenças oferecem a possibilidade de se avaliar o substancial progresso alcançado em termos de conhecimento e metodologia, no período relativamente curto transcorrido desde que a psicologia se tomou uma disciplina independente. Houve falsos começos, erros e concepções equivocadas, mas, de modo geral, há uma continuidade que moldou a psicologia contemporânea e que nos fornece uma explicação da sua atual riqueza e diversidade.

the

Os Dados da História

itros

Os dados da história — o material que os historiadores usam para reconstruir vidas, eventos e eras — diferem em muito dos dados da ciência. A característica mais distintiva dos dados científicos é o modo como são reunidos. Quando os psicólogos desejam descobrir, por exemplo, as condições nas quais algumas pessoas ajudam outras que aparentemente sofrem,

os modos pelos quais diferentes programas de reforço influenciam o comportamento de animais de laboratório, ou ainda se as crianças imitam ou não o comportamento agressivo que nos observam em outras pessoas, costumam construir situações ou estabelecer condições a partir das quais sejam gerados dados. Eles podem fazer um experimento de laboratório, observar sistematicamente o comportamento em condições controladas no mundo real, aplicar um questionário, ou determinar a correlação entre duas variáveis. Ao usar essas abordagens, os

cientistas moldam as situações ou eventos que desejam estudar; as situações e os eventos podem ser reconstruídos ou reproduzidos por outros cientistas que trabalhem em outros lugares e momentos. Os dados da ciência da psicologia podem ser verificados mediante o estabelecimento de condições semelhantes às do estudo original e a repetição da observação.

Os dados da história, contrariamente, não podem ser reconstruídos nem reproduzidos. Cada evento ou situação de interesse aconteceu em algum momento do passado — talvez há

séculos —, e os historiadores da época podem não ter registrado todos os detalhes do evento

e tal como se desenvolveram. Michael Wertheimer, historiador de psicologia da Universidade de Colorado, escreveu que “a história é uma questão de tudo ou nada; algo

aconteceu um dia e é ponto final — você não pode trazer os eventos passados até o presente para estudá-los, nem

ar pode fazer isso à vontade com os seus determinantes e efeitos, dando-lhes esta ou aquela forma, tal como se pode fazer no laboratório com alguma afirmação científica” (Wertheimer,

a- 1979, p. 1).

o O incidente histórico em si perdeu-se de vista. Como, então, podem os historiadores m abordá-lo? Que dados se podem usar para elaborar um relato a respeito dele? E como poderia

21

alguém nos contar tudo o que aconteceu? Não é porque os historiadores não podem reproc uma situação e gerar dados pertinentes que os dados não existem. Os dados da história e à nossa disposição na forma de fragmentos de eventos passados, tais como descrições fi por participantes ou testemunhas, cartas e diários, ou relatos oficiais. É a partir desses 1 mentos de dados que os historiadores tentam recriar os eventos e as pessoas do passado.

A abordagem histórica da psicologia é semelhante à dos arqueólogos que, trabalhi com fragmentos de civilizações passadas — tais como pontas de flecha, vasos quebrado ossos humanos —, tentam descrever as características dessas civilizações. Algumas escava arqueológicas geram dados mais completos (mais fragmentos) do que outras, permit reconstruções mais precisas. Do mesmo modo, no caso das escavações históricas, a quantii de dados pode ser grande o bastante para deixar poucas dúvidas sobre a precisão da reconstru

Às vezes, contudo, os dados históricos são incompletos. Eles podem ter se perdido sido deliberadamente suprimidos, distorcidos por um participante ou um pesquisador moti por interesses pessoais, ou traduzidos de maneira imprecisa. A história da psicologia coi muitos exemplos incompletos ou, talvez, imprecisos de produção da verdade histórica.

Falemos, antes de tudo, dos dados que se perderam. Ocorreu por vezes de import2 documentos pessoais terem ficado perdidos durante décadas antes de serem descobertos. 1984, uma extensa coleção de documentos de Hermann Ebbinghaus — que se destacoii estudo da aprendizagem e da memória — foi descoberta, cerca de setenta e cinco anos de da sua morte. Em 1983, [descobertas] dez grandes caixas contendo os diários manu tos de Gustav Fechner, o cientista que desenvolveu a psicofísica. Esses diários referiam-s período de 1828 a 1879, época de grande significação na história inicial da psich Contudo, por mais de cem anos, os psicólogos não sabiam da existência desses diários. Aul que não tiveram acesso a essas importantes coleções de documentos haviam escrito li sobre esses pesquisadores e sobre a sua obra. A descoberta desses novos fragmentos de his representa a possibilidade de encaixar mais peças no quebra-cabeças.

Outros dados podem ser deliberadamente ocultados do público ou modificados de v maneiras para proteger a imagem ou a reputação da pessoa envolvida. O primeiro biógral Sigmund Freud, Ernest Jones, minimizou o uso de cocaína por Freud, comentando numa a uma colega: “Temo que Freud tenha usado mais cocaína do que deveria, embora eu nã mencionar isso [minha biografia]” (Isbister, 1985, p. 35). Como veremos no Capítuk dados

revelados mais recentemente confirmam que Freud usou cocaína em sua vida por um período superior ao que Jones estava disposto a admitir publicamente por escrito

Outro caso de supressão de dados foi descoberto no decorrer de uma investigação s o psicólogo gestaltista Wolfgang K e suas atividades durante a Primeira Guerra Mur “Com base na amostra de documentos que li”, relatou o pesquisador, “fiquei com a impressão de que tinham sido cuidadosamente selecionados para apresentar um perfil favorável Köhler. Os documentos revelavam as belas coisas que ele disse e as lições que lhe foram dirigidas” (Ley, 1990, p. 197). Esse caso ilustra uma das dificuldades enfrentadas pelo pesquisador que tenha de julgar a validade de dados históricos: o documento é uma representação precisa da vida e da obra de um indivíduo ou foi escolhido para promover uma imagem particular — positiva ou negativa?

Para um exemplo final de fragmentos de dados suprimidos, voltemos a Sigmund E. Ele morreu em 1939 e, desde a sua morte, muitos dos seus documentos e cartas foram liberados para pesquisa e publicados. Uma ampla coleção de documentos pessoais de E está guardada na Biblioteca do Congresso em Washington, D.C.; a pedido do espólio de E esses documentos só estarão disponíveis bem depois do início do próximo século. A declaração para essa restrição é proteger a privacidade dos pacientes de Freud e sua família

e talvez a do próprio Freud e de sua família. Os psicólogos não têm idéia de como esses documentos vão afetar a nossa compreensão de Freud e sua obra. Talvez eles alterem de modo fundamental as nossas percepções ou, quem sabe, em nada mudem o nosso conhecimento. Mas, até que estejam disponíveis para estudo, a história de uma das figuras fundamentais da psicologia vai permanecer incompleta e, possivelmente, imprecisa.

Outro problema que afeta os dados da história vincula-se às informações que chegam de forma distorcida ao historiador. Nesses casos, os dados estão disponíveis, mas foram mudados de alguma maneira, talvez devido a uma tradução errada ou a distorções introduzidas por um participante no registro de suas próprias atividades.

Podemos recorrer de novo à vida e à obra de Freud para ver alguns exemplos dos efeitos enganosos das traduções. Somente poucos psicólogos e estudantes americanos têm suficiente fluência em alemão para ler Freud no original. A maioria de nós depende do que o tradutor escolhe como as palavras e frases mais adequadas ou equivalentes, mas a correspondência entre a tradução e o sentido pretendido pelo autor nem sempre é exata.

Três conceitos fundamentais da teoria freudiana sobre a estrutura da personalidade são o id, o ego e o superego, termos que você conhece. Não obstante, eles não transmitem com precisão as idéias de Freud. São os equivalentes latinos das palavras usadas por Freud em alemão: ego para Ich (eu), id para Es (isso) e superego para Über-Ich (sobre-eu).

Freud pretendia indicar algo bastante íntimo e pessoal ao usar Ich (eu) e distinguiu-o claramente de Es (isso), que representa uma coisa diferente do “eu” ou estranha a ele. ‘A tradução dos pronomes pessoais [partir do alemão] pelos seus equivalentes latinos — o ‘ego’ e o ‘id’ —, em vez dos equivalentes em inglês, transformou-se em termos técnicos frios que não despertam quaisquer associações pessoais’ (Bettelheim, 1982, p. 53). A

distinção entre “eu” e “mim”, por um lado, e “isso” por outro lado não tem, na tradução, a força do original. Na verdade, diz-se que Freud teria afirmado que “não devia ter escrito Das Ich und das Es, porque Es não pode ser traduzido para o inglês” (Paskauskas, 1988, p. 119).

Consideremos a bem-conhecida expressão freudiana associação livre. Aqui, a palavra associação implica um vínculo ou conexão consciente entre uma idéia ou pensamento e outra, como se cada qual agisse como um estímulo para fazer surgir a próxima palavra numa seqüência. Mas não era isso o que Freud achava. O termo que usou em alemão foi Einfall, que não significa associação, mas intrusão ou invasão, e Freud usou a palavra para denotar algo que vem do inconsciente e que se intromete de maneira incontrolável no pensamento consciente ou o invade.

Essas diferenças de sentido são consideradas por alguns psicólogos pequenas e sutis, mas nem por isso deixam de ser alterações. Os dados — as palavras exatas de Freud — não foram registrados pelos historiadores tal como escritos, tendo passado por alguma distorção no processo de tradução.

Um provérbio italiano — “Traduzir é trair” — exprime essa idéia de modo sucinto (Baars, 1986, p. 73). Historiadores que confiam em traduções podem estar manuseando fragmentos de dados imprecisos ou distorcidos. Na década de 80, a Sociedade Psicanalítica Britânica recomendou que a tradução standard das obras de Freud fosse radicalmente revista, por considerar que ela apresentava uma visão distorcida de suas idéias (Holder, 1988).

Os dados da história também podem ser afetados pelas ações dos participantes nos eventos registrados. Consciente ou inconscientemente, eles podem conduzir seus relatos de uma maneira que os proteja ou promova sua imagem pública. B. F. Skinner, o destacado psicólogo comportamentalista, descreveu na sua autobiografia a rigorosa autodisciplina de sua época de estudante na Universidade Harvard no final dos anos 20. O parágrafo a seguir é citado com frequência em biografias de Skinner:

23

Eu me levantava às seis, estudava até a hora do café, ia às aulas, aos laboratório bibliotecas, e não tinha mais de quinze minutos não programados durante o dia. Estudava nove da noite em ponto e ia dormir. Eu não via filmes nem peças de teatro, raramente concertos, pouquíssimas vezes tinha encontros amorosos e não lia senão psicologia e fis, (Skinner, 1967, p. 398).

Essa descrição parece ser um útil fragmento de dado por indicar facetas do caráter Skinner. Doze anos depois da publicação dessas lembranças de sua rotina diária, e cinco e cinco depois do período descrito, Skinner negou que sua época de graduação tivesse sido tão espartana e difícil quanto ele mesmo sugerira. Referindo-se à passagem citada escreveu: Eu estava me lembrando de uma pose, e não da vida que de fato foi (Skinner, 1979, p. 5).

Embora os dias de escola de Skinner tenham pouca importância para a história da psicologia, as duas versões publicadas, ambas escritas pelo participante, dão uma ideia da dificuldade enfrentada pelos historiadores. Que conjunto de dados, que versão de um caso é mais precisa? Que caracterização está mais próxima da realidade? O que está viciado nas divagações, ou pela natureza seletiva e egoísta da memória? E como vamos saber?

Em alguns casos, é possível descobrir dados comprobatórios junto a colegas ou obs dores. Se o regime escolar de Skinner fosse muito significativo para os historiados psicologia, estes tentariam localizar os colegas de Skinner, ou ao menos seus diários ou c e comparar essas lembranças do comportamento de Skinner em Harvard com as suas pró] Algumas distorções na história podem ser investigadas e resolvidas por meio de consul fontes adicionais. Isso ocorreu com algumas inconsistências nas descrições de certos asp da vida e da obra de Freud. Freud gostava de se apresentar como um mártir da psicanalítica, um visionário que encontrava constantes oposições, desdém, rejeição e vil dios. Seu primeiro biógrafo, Ernest Jones, fez eco a essas afirmações. Dados descobertos tarde indicam que os dois estavam errados. Longe de serem ignoradas, as idéias de Freud volta de 1906, tinham começado a exercer uma imensa influência na geração mais jovem intelectuais vienenses. O consultório particular de Freud era bastante concorrido, podendo até descrevê-lo, em termos modernos, como uma espécie de celebridade.

Durante anos acreditou-se que o importante livro de Freud *A Interpretação dos Sc* (1900) tivesse sido quase totalmente desconsiderado e que, nas raras ocasiões em que me comentário, fosse severamente criticado. Na realidade, o livro recebeu um amplo reconhecimento em revistas profissionais de filosofia, psicologia, psiquiatria e medicina, bem com revistas e jornais populares de Viena, de Berlim e de outras importantes cidades europeias. Muitos dos comentários louvavam o livro (Ellenberger, 1970). O próprio Freud distor o registro, e as distorções foram perpetuadas por inúmeros biógrafos. Essa falsa impressão encontra-se agora corrigida; mas por décadas, até que novos fragmentos de dados tivessem sido desenterrados, esse aspecto da compreensão que temos de Freud foi impreciso.

O que sugerem para o estudo da história da psicologia esses problemas com os c históricos? Eles revelam principalmente que a história, em vez de estática ou estagnada dinâmica, em constante mutação e crescimento; que está sendo aprimorada ou aperfeiçoada sempre que novos dados são descobertos e concepções errôneas são corrigidas. A história nunca pode ser considerada acabada nem completa, pois está sempre em andamento, sem a história contada pelo historiador só pode aproximar-se ou arranhar a superfície da verdade mas o faz mais plenamente a cada ano que passa, a cada nova descoberta e a cada aprimoramento dos fragmentos que constituem os seus dados.

24

Forças Contextuais na Psicologia

A psicologia não se desenvolveu no vácuo, sujeita apenas a influências interiores. Ela é parte da cultura mais ampla em que funciona, estando portanto exposta a influências externas que moldam a sua natureza e a sua direção de maneiras significativas. Uma compreensão adequada da história da psicologia tem de considerar o contexto em que a disciplina surgiu e se desenvolveu — as forças sociais, econômicas e políticas que caracterizam diferentes épocas e lugares (ver Altman, 1987; Furumoto, 1989).

Veremos ao longo deste livro exemplos de como essas várias forças contextuais influenciaram o passado da psicologia e continuam a afetar o seu presente. Mencionemos brevemente

aqui o impacto de três dessas forças: oportunidades econômicas, guerras e discriminação.

Nos primeiros anos do século XX, a natureza da psicologia americana e o tipo de trabalho que muitos psicólogos faziam sofreram uma drástica mudança, basicamente como resultado de oportunidades econômicas. O foco da psicologia americana passou da pesquisa pura do laboratório universitário para a aplicação do conhecimento e das técnicas psicológicas a problemas do mundo real. A explicação essencial dessa mudança foi prática. Como disse um psicólogo, “tornei-me psicólogo aplicado para ganhar a vida” (O’Donnell, 1985, p. 225).

Embora o número de laboratórios de psicologia nos Estados Unidos estivesse crescendo consistentemente perto do final do século XIX, aumentava também o número de psicólogos com doutoramento (Ph.D.), competindo por empregos nesses laboratórios. Na virada do século,

havia três vezes mais psicólogos nos Estados Unidos do que laboratórios de pesquisa em que a eles pudessem encontrar colocação. Felizmente, mais cargos docentes vinham se tornando disponíveis nas instituições estaduais criadas no Meio-Oeste e no Oeste; mas, na maioria dessas universidades, a psicologia, na qualidade de ciência mais nova, recebia a menor parcela dos recursos financeiros. Em comparação com outras disciplinas mais antigas, a psicologia sempre ficava em último lugar nas alocações anuais; havia pouco dinheiro para projetos de

pesquisa, equipamentos de laboratório e salários de professores.

Os psicólogos logo perceberam que, se desejassem que um dia seus departamentos acadêmicos, orçamentos e rendas crescessem, teriam de demonstrar aos administradores universitários e aos legisladores que votavam as alocações de recursos a utilidade que a psicologia

poderia ter na solução de problemas sociais, educacionais e industriais. Desse modo, com o tempo, os departamentos de psicologia passaram a ser julgados com base no seu valor prático.

Ao mesmo tempo, como decorrência do fato de uma nova e importante força social estar varrendo os Estados Unidos, apresentou-se uma atraente oportunidade de aplicação da psicologia a um problema prático. Devido ao influxo de imigrantes para os Estados Unidos perto da virada do século, e à sua alta taxa de natalidade, a educação pública tornara-se uma indústria em crescimento. Entre 1890 e 1918, as matrículas em escolas públicas tiveram um aumento de 700%, sendo construídas em todo o país novas escolas públicas à proporção de uma por dia. Gastou-se na época mais dinheiro em educação do que nos programas militar e de bem-estar social juntos.

Muitos psicólogos aproveitaram essa situação e buscaram maneiras de aplicar o seu conhecimento e os seus métodos de pesquisa à educação. Esse foi o começo de uma rápida mudança de ênfase na psicologia americana — do experimentalismo do laboratório acadêmico para a aplicação da psicologia à aprendizagem, ao ensino e a outras questões práticas de sala de aula.

As guerras foram outra força contextual que ajudou a moldar a psicologia. As experiências de psicólogos que colaboraram com o esforço de guerra dos Estados Unidos na Primeira e

na Segunda Guerras Mundiais aceleraram o desenvolvimento da psicologia aplicada e estenderam a sua influência a setores como a seleção de pessoal, os testes e a engenharia

25

psicológica. Esse trabalho demonstrou à comunidade psicológica, bem como ao público mais amplo, quão útil podia ser a psicologia na resolução de problemas da vida cotidiana.

A Segunda Guerra Mundial também modificou a face e o destino da psicologia na Europa — particularmente na Alemanha, onde nasceu a psicologia experimental, e na Áustria, berço da psicanálise. Muitos psicólogos destacados fugiram da ameaça nazista nos anos 30, e a maioria deles foi para os Estados Unidos. O exílio e a emigração abruptos e forçados marcaram a fase final da mudança do domínio da psicologia do Velho para o Novo Mundo.

A guerra influenciou as posições teóricas de psicólogos individuais. Depois de testemunhar a carnificina da Primeira Guerra, Sigmund Freud foi levado a propor a agressão como uma força motivadora tão importante para a vida humana quanto o sexo, o que representou uma enorme mudança em seu sistema da psicanálise. Erich Fromm atribuiu seu interesse pelo estudo do comportamento irracional e anormal ao fato de ter observado o fanatismo que tomou conta da sua Alemanha natal durante a Primeira Guerra.

Um terceiro fator contextual são a discriminação e o preconceito, que por muitos anos determinaram quem podia tornar-se psicólogo e onde cada profissional poderia trabalhar. Durante décadas, os afro-americanos foram amplamente excluídos da psicologia e da maioria dos campos que exigiam estudos acadêmicos avançados. Até a década de 40, apenas quatro universidades para negros dos Estados Unidos ofereciam graduação em psicologia, e poucas universidades admitiam homens e mulheres negros como alunos de pós-graduação. Entre 1920 e 1966, os dez mais prestigiosos departamentos de psicologia americanos concederam somente oito títulos de doutor a afro-americanos; nesses mesmos anos, quase quatro mil doutorados foram concedidos a brancos (Guthrie, 1976).

Os judeus também foram vítimas de discriminação, especialmente na primeira metade da história da psicologia. O final dos anos 1800 testemunhou a fundação da Universidade Johns Hopkins em Baltimore, Maryland, e da Universidade Clark em Worcester, Massachusetts, importantes instituições nos primórdios da história da psicologia. Sua política geral era excluir professores judeus do corpo docente. E, mesmo na segunda metade do século XX, judeus e judias ainda enfrentavam cotas de admissão na maioria das faculdades. Os que conseguiam o doutorado encontravam dificuldades para obter empregos acadêmicos. Julian Rotter, hoje um importante teórico da personalidade, disse que, quando recebeu seu Ph.D., em 1941, “foi alertado para o fato de que os judeus simplesmente não podiam conseguir empregos acadêmicos, pouco importando as suas credenciais” (Rotter, 1982, p. 346). Como muitos outros psicólogos judeus da época, Rotter começou sua carreira profissional como empregado de um hospital público de doenças mentais, e não de uma universidade.

Um extenso preconceito contra as mulheres tem se manifestado ao longo de quase toda a história da psicologia. Veremos neste livro exemplos de mulheres que tiveram negado seu ingresso em programas de pós-graduação ou foram excluídas de posições docentes. Mesmo quando conseguiam esses cargos, as mulheres recebiam salários menores, e enfrentavam barreiras à promoção e a cargos de chefia. Sandra Scarr, psicóloga do desenvolvimento professora da Universidade da Virgínia, relembra sua entrevista de admissão à Universi

dade Harvard em 1960. Ela ouviu de Gordon Allport, um eminente psicólogo social, que “odiamos aceitar mulheres aqui. Setenta e cinco por cento de vocês se casam, têm filhos nunca acabam o curso, e o resto, de qualquer maneira, nunca consegue nada mesmo” (Scan 1987, p. 26).

Esses e outros exemplos citados adiante mostram o impacto de forças econômicas políticas e sociais sobre o desenvolvimento da psicologia moderna. A história da psicologia foi moldada não apenas pelas idéias, teorias e pesquisas de seus grandes líderes, mas também por influências externas — forças contextuais — sobre as quais teve pouco controle.

26

Concepções da História Científica:

Personalista e Naturalista

Duas abordagens podem ser adotadas para explicar como a ciência psicológica se desenvolveu: a teoria personalista e a teoria naturalista. A teoria personalista da história científica concentra-se nas realizações e contribuições monumentais de certos indivíduos. Nos termos dessa concepção, o progresso e a mudança são diretamente atribuíveis à vontade e à força de pessoas ímpares que mapearam e modificaram o curso da história. Um Napoleão, um Hitler ou um Darwin foram, assim diz essa teoria, forças motrizes e plasmadoras de grandes eventos. A teoria personalista afirma implicitamente que eventos particulares não teriam ocorrido sem a participação dessas figuras singulares. Ela diz, na verdade, que a pessoa faz a época.

À primeira vista, parece evidente que a ciência é de fato a obra de homens e mulheres criativos, talentosos e inteligentes que determinaram a sua direção. Costumamos definir uma época pelo nome da pessoa cujas descobertas, teorias ou outras contribuições marcaram o período. Falamos da física depois de Einstein”, da escultura “depois de Michelangelo” e da psicologia “depois de Watson”. É óbvio, tanto na ciência como na cultura em geral, que indivíduos produziram mudanças dramáticas — e às vezes traumáticas — que alteraram o curso da história. Basta pensar em Sigmund Freud para reconhecer a verdade disso.

Por conseguinte, a teoria personalista tem méritos, mas nem por isso é suficiente para explicar o desenvolvimento de uma ciência ou de uma sociedade. A obra de cientistas, filósofos e eruditos é muitas vezes ignorada ou negada num dado período de tempo, apenas para ser reconhecida bem depois. Essas ocorrências implicam que a época determina se uma idéia vai ser seguida ou desdenhada, louvada ou esquecida. A história da ciência está repleta de exemplos de rejeição a novas descobertas e percepções. Mesmo os maiores intelectos (talvez especialmente os maiores intelectos) foram constrangidos por um fator contextual chamado *Zeitgeist*, o espírito ou clima intelectual de uma época. A aceitação e aplicação de uma descoberta pode ser limitada pelo padrão dominante de pensamento de uma cultura, de uma região ou de uma época, mas uma idéia demasiado nova para ser aceita num período pode sê-lo prontamente uma geração ou um século depois. A mudança lenta parece ser a regra do progresso científico.

Assim sendo, a noção de que a pessoa faz a época não é inteiramente correta. Talvez, como diria a teoria naturalista da história científica, a época faça a pessoa, ou ao menos possibilite o reconhecimento daquilo que uma pessoa tenha a dizer. A não ser que o

Zeitgeist esteja pronto para a idéia nova, o seu proponente pode não ser ouvido; pode ser alvo de zombaria ou mesmo de condenação à morte. Isso também depende do Zeitgeist.

A teoria naturalista sugere, por exemplo, que se Darwin tivesse morrido na juventude, ainda assim uma teoria da evolução teria sido formulada na metade do século XIX. Alguma outra pessoa a teria proposto, porque o Zeitgeist estava pedindo uma nova maneira de considerar a origem da espécie humana. (Veremos no Capítulo 6 que uma outra pessoa de fato propôs essa teoria.)

A capacidade inibidora ou retardadora do Zeitgeist opera não somente no nível da cultura, mas também no âmbito da própria ciência, onde os seus efeitos podem ser ainda mais pronunciados. Muitas descobertas científicas permaneceram adormecidas por um longo tempo, sendo então redescobertas e acolhidas. O conceito da resposta condicionada foi sugerido por Robert Whytt, um cientista escocês, em 1763, mas ninguém estava interessado nisso na época. Mais de um século depois, quando os pesquisadores do campo da psicologia estavam adotando métodos mais objetivos, o fisiologista russo Ivan Pavlov reelaborou as observações de Whytt e as ampliou, tornando-as a base de um novo sistema de psicologia. Uma descoberta tem com frequência de esperar a sua época. “Não há muitas coisas novas neste mundo”, observou um

27

psicólogo, “e certamente não muita coisa nova acerca da natureza psicológica dos seres humanos. O que passa atualmente por descoberta tende a ser a redescoberta, por um dado cientista, de algum fenômeno já bem estabelecido” (Gazzaniga, 1988, p. 231).

Exemplos de descobertas simultâneas independentes também sustentam a teoria naturalista da história. Descobertas semelhantes têm sido feitas por pessoas que trabalham bem distantes em termos geográficos, muitas vezes sem que uma conheça o trabalho da outra. Em 1900, três pesquisadores que não se conheciam redescobriram coincidentemente o trabalho do botânico austríaco Gregor Mendel, cujos escritos sobre a genética vinham sendo amplamente ignorados há trinta e cinco anos.

Posições teóricas populares e correntes num campo científico costumam obstruir ou interditar a consideração de novos pontos de vista. Uma teoria pode dominar uma disciplina a tal ponto que as pesquisas de um novo método ou linha de investigação ficam impossibilitadas. Uma teoria consagrada também pode determinar os modos pelos quais fenômenos ou dados são organizados e examinados, o que pode evitar que cientistas considerem os dados a partir de outras perspectivas: “É a teoria”, disse Albert Einstein, “que determina o que podemos observar” (Broad e Wade, 1982, p. 138).

Além disso, uma teoria dominante pode determinar o tipo de resultados de pesquisas que são publicados nas revistas científicas. Descobertas que contradigam as visões prevalecentes ou se oponham a elas podem ser rejeitadas pelos editores das revistas, que, inadvertida ou deliberadamente, funcionam, nesses casos, como censores. Eles podem fazer prevalecer a conformidade ao recusar ou trivializar uma idéia revolucionária ou uma interpretação incomum.

Um exemplo disso ocorreu na década de 70, quando o psicólogo John Garcia tentou publicar os resultados de uma pesquisa que desafiava a teoria E—R (estímulo—resposta) da aprendizagem vigente (Lubek e Apfelbaum, 1987). As revistas da corrente dominante se

recusaram a aceitar os artigos de Garcia, embora o trabalho fosse considerado bem feito e já tivesse recebido reconhecimento profissional e prestigiosos prêmios. Ele terminou por publicar suas descobertas em revistas menos conhecidas, de menor circulação, o que retardou a disseminação de suas idéias junto a um público mais amplo.

O *Zeitgeist* no âmbito de uma ciência pode ter um efeito inibidor sobre os métodos de investigação, as formulações teóricas e a definição do objeto de estudo da disciplina. Descreveremos nos próximos capítulos a tendência vigente no início da psicologia científica de concentrar-se na consciência e nos aspectos subjetivos da natureza humana. Mesmo quando os seus métodos se tornaram mais objetivos e precisos, o foco de estudo da psicologia continuou a ser subjetivo. A psicologia teria de esperar a década de 20 para finalmente mudar de direção. Contudo, meio século mais tarde, sob o impacto de um *Zeitgeist* distinto, a psicologia começou a retomar a consciência como foco de estudo, respondendo continuamente ao clima intelectual em mutação da época.

É fácil compreender essa situação a partir de uma analogia com a evolução de uma espécie viva. Tanto uma ciência como uma espécie viva mudam ou evoluem em resposta às condições e exigências do ambiente. O que acontece com uma espécie ao longo do tempo? Muito pouco, enquanto o seu ambiente permanece essencialmente constante. Quando o ambiente muda, no entanto, a espécie deve adaptar-se às novas condições ou enfrentar a possibilidade de extinção.

Suponha que o clima tenha ficado significativamente mais frio ou que as águas costeiras tenham ficado estérteis. Para sobreviver, os animais das áreas afetadas têm de alterar suas formas. Uma espécie sem pêlos, por exemplo, precisará desenvolvê-los para enfrentar temperaturas mais frias; uma espécie de pernas curtas precisará tornar-se uma espécie de perna longa se o alimento antes disponível em águas rasas só for encontrado em águas mais funda

28

Algumas espécies não se adaptaram às mudanças ambientais, e a ciência só conhece seus vestígios históricos. Outras modificaram sua forma de alguma maneira, mantendo porém características básicas; nesses casos, as formas mais novas revelam claramente seu vínculo com as mais antigas. Outras ainda se modificam tão radicalmente que se tornam novas espécies, e sua relação com os predecessores não é tão evidente. Por mais branda ou extrema que seja a alteração, o importante é que as espécies vivas podem adaptar-se às exigências ambientais. Quanto mais o ambiente muda, tanto mais uma espécie deve transformar-se.

Consideremos o paralelo com a evolução de uma ciência. Esta última também existe no contexto de um ambiente ao qual deve reagir. O ambiente de uma ciência, seu *Zeitgeist*, não é tanto físico quanto intelectual. Mas, tal como o ambiente físico, o *Zeitgeist* está sujeito a mudanças. O clima intelectual que caracteriza uma geração ou século pode ser totalmente diferente na seguinte. Isso ocorreu, por exemplo, quando a crença em Deus e nos ensinamentos da Igreja estabelecida como fonte de todo conhecimento humano foi substituída pela crença na razão e na ciência.

Esse processo evolutivo marca toda a história da psicologia. Quando o *Zeitgeist* favorecia a especulação, a meditação e a intuição como caminhos para a verdade, a psicologia também dava preferência a esses métodos. Quando o espírito da época ditava uma

abordagem observacional e experimental da verdade, os métodos da psicologia seguiam essa direção. Quando uma forma de psicologia se encontrava em dois climas intelectuais diferentes, ela se tornava duas espécies de psicologia; quando a forma alemã inicial de psicologia emigrou para os Estados Unidos, foi modificada para tornar-se uma psicologia peculiarmente americana, enquanto a psicologia que permaneceu na Alemanha teve uma evolução distinta.

A nossa ênfase no *Zeitgeist* não nega a importância dos grandes homens e mulheres da história da ciência; contudo, ela nos impõe considerá-los numa perspectiva diferente. Um Copérnico ou uma Marie Curie não modificam sozinhos o curso da história pela pura força do seu gênio. O sujeito faz isso apenas porque o caminho já está limpo. Veremos que isso se aplica a todas as grandes figuras da história da psicologia.

Assim, parece claro que, embora a evolução da psicologia deva ser considerada em termos das teorias personalista e naturalista da história, o *Zeitgeist* parece ter o papel mais importante. Por mais valiosas que suas contribuições sejam consideradas hoje, se as figuras significativas da história e da ciência tivessem tido idéias demasiado distantes do clima intelectual de sua época, suas percepções teriam desaparecido na obscuridade. O trabalho criativo individual se parece mais com um prisma — que difunde, elabora e magnifica o espírito da época — do que com um farol, embora um e outro lancem luz no caminho à frente.

As Escolas de Pensamento: Marcos do

Desenvolvimento da Psicologia Moderna

Nos primeiros anos da evolução da psicologia como disciplina científica distinta, no último quarto do século XIX, a direção da nova psicologia foi profundamente influenciada por Wilhelm Wundt, que tinha idéias definidas sobre a forma que essa nova ciência — sua nova ciência — deveria tomar. Ele determinou o objeto de estudo, o método de pesquisa, os tópicos a serem estudados e os objetivos da nova ciência. Ele foi, é claro, afetado pelo espírito de sua época e pelo pensamento então vigente na filosofia e na fisiologia. Não obstante, foi Wundt, em seu papel de agente de uma época, que reuniu as várias linhas de pensamento. Mediante a força de sua personalidade e de sua intensa atividade de escrita e pesquisa, ele moldou a nova

29

psicologia. Por ser um influente promotor do inevitável, a psicologia foi por algum tempo feita à sua imagem.

Mas a situação logo mudou. Instalou-se a controvérsia entre os cada vez mais numerosos psicólogos, O *Zeitgeist* estava se modificando, e novas idéias eram formuladas em outras ciências e na cultura em geral. Alguns psicólogos, refletindo essas novas correntes de pensamento, passaram a discordar da versão de psicologia de Wundt e propuseram suas próprias concepções. Na virada do século, coexistiam várias posições sistemáticas ou escolas de pensamento, que eram, essencialmente, definições diferentes da natureza da psicologia.

O termo escola de pensamento refere-se a um grupo de psicólogos que se associam ideológica e, às vezes, geograficamente ao líder de um movimento. Em geral, os membros de uma escola trabalham em problemas comuns e compartilham uma orientação teórica ou

sistemática. O surgimento de escolas de pensamento diferentes, e por vezes simultâneas, e o seu subsequente declínio e substituição por outras são uma das características mais marcantes da história da psicologia.

O estágio do desenvolvimento de uma ciência em que ela ainda se acha dividida em escolas de pensamento tem sido denominado estágio pré-paradigmático. (Um paradigma — um modelo ou padrão — tem sido descrito nesse contexto como um modo reconhecido de pensar, no âmbito de uma disciplina científica, que fornece, por algum tempo, as perguntas e respostas essenciais aos pesquisadores do campo em questão.) O estágio mais maduro ou avançado do desenvolvimento de uma ciência é alcançado quando ela já não se caracteriza por escolas de pensamento, ou seja, quando a maioria dos membros dessa disciplina chega a um consenso acerca de questões teóricas e metodológicas. Nesse estágio, um paradigma ou modelo comum define todo o campo, e deixam de haver facções concorrentes.

Na história da física, podemos ver paradigmas em ação. O conceito galileu-newtoniano de mecanismo foi aceito pelos físicos por cerca de trezentos anos; no decorrer desse período, quase todos os trabalhos nesse campo foram realizados a partir desse referencial. Mas os paradigmas não são invioláveis. Eles podem mudar, e de fato mudam, assim que a maioria dos membros da disciplina aceita uma nova maneira de organizar o objeto de estudo ou de trabalhar com ele. Na física isso ocorreu quando o modelo em questão foi substituído pelo modelo einsteiniano. O eminente historiador da ciência Thomas Kuhn deu a esse processo de substituição de paradigmas o nome de revolução científica (Kuhn, 1970).

A psicologia ainda não atingiu o estágio paradigmático. Durante os mais de cem anos de sua história, ela tem buscado, acolhido e rejeitado diferentes definições, mas nenhum sistema ou ponto de vista individual conseguiu unificar as várias posições. O psicólogo cognitivista George Miller comentou que “nenhum método ou técnica-padrão integra o campo. Nem parece haver algum princípio científico fundamental comparável às leis do movimento de Newton, ou à teoria da evolução de Darwin” (Miller, 1985, p. 42). O campo permanece especializado, e cada grupo adere à sua própria orientação teórica e metodológica, abordando o estudo da natureza humana a partir de diferentes técnicas, e promovendo a si mesmo com jargões e revistas diferentes, e com todos os outros adereços de uma escola de pensamento.

As primeiras escolas de pensamento no campo da psicologia foram movimentos de protesto, até revolucionários, contra a posição sistemática prevalecente. Cada escola assinalou o que considerava as limitações e falhas do sistema mais antigo e ofereceu novas definições, conceitos e estratégias de pesquisa para corrigir as fraquezas percebidas. Quando uma nova escola de pensamento atraía a atenção da comunidade científica, produzia-se a rejeição do ponto de vista antes festejado. Esses conflitos intelectuais entre posições antigas e novas, incompatíveis entre si, eram travados com ardorosa tenacidade por ambos os lados.

Muitas vezes, os líderes de uma escola anterior não se convertem por inteiro à nova

30

escola de pensamento. Em geral mais velhos, esses psicólogos estão por demais comprometidos, intelectual e emocionalmente, com a sua posição, para mudar. Muitos dos seguidores mais jovens e menos comprometidos passam a apoiar a nova posição, deixando os outros apegados às suas tradições e trabalhando num isolamento cada vez maior.

O físico Max Planck escreveu que “uma nova verdade científica não triunfa por convencer seus opositores e fazê-los ver a luz, mas sim porque estes terminam por morrer, e uma nova geração vai crescendo familiarizada com ela” (Planck, 1949, p. 33). “Como seria bom”, escreveu Charles Darwin a um amigo, “se todo homem de ciência morresse aos sessenta anos, já que, depois disso, ele com certeza se opõe a todas as novas doutrinas” (Boorstin, 1983, p. 468).

No curso da história da psicologia, desenvolveram-se diferentes escolas de pensamento, sendo cada qual um protesto efetivo contra o que a precedia. Toda nova escola usa um modelo mais antigo como base contra a qual se opor e a partir da qual ganhar impulso. Cada posição proclama, em altos brados, o que não é e como difere do teórico sistema antigo. À medida que se desenvolve e obtém seguidores e influência, o novo sistema inspira oposição, e todo o processo de combate começa outra vez. O que começa como uma revolução pioneira e agressiva se toma, com o sucesso, a tradição estabelecida, que então sucumbe diante da força vigorosa de um jovem e novo movimento. O sucesso destrói o vigor. Um movimento alimenta-se da oposição. Quando esta é derrotada, a paixão e o ardor do que foi um novo movimento morrem.

Embora tenha sido apenas temporário o domínio de ao menos algumas escolas de pensamento, cada uma delas desempenhou um papel vital no desenvolvimento da ciência psicológica. A influência das escolas ainda pode ser vista na psicologia contemporânea, mesmo que suas facções tenham pouca semelhança com os sistemas precedentes, porque mais uma vez novas doutrinas substituíram as antigas. Edna Heidbreder, uma destacada historiadora da psicologia, comparou a função das escolas de pensamento na psicologia com a dos andaimes usados para levantar um prédio alto (Heidbreder, 1933). Sem o andaime a partir do qual trabalhar, a estrutura não pode ser construída, mas o andaime não permanece; quando já não é necessário, ele é retirado. Do mesmo modo, a estrutura da psicologia de hoje foi construída com o arcabouço e as diretrizes (os andaimes) estabelecidos pelas escolas anteriores de pensamento.

Não podemos considerar nenhuma escola de pensamento como a versão completa do fato científico. As escolas não são, em sentido algum, produtos acabados; em vez disso, elas oferecem o instrumental, os métodos e os esquemas conceituais que a psicologia emprega para acumular e organizar um corpo de fatos científicos. Como observamos, a moderna ciência psicológica não atingiu a sua forma final. Novas escolas tomaram o lugar das antigas, mas nada garante a sua permanência no processo evolutivo da construção desta ciência. As escolas de pensamento são estágios temporários, embora necessários ao desenvolvimento da psicologia.

A melhor perspectiva para a compreensão do estimulante avanço da psicologia é a do desenvolvimento histórico de suas escolas de pensamento. Pessoas proeminentes deram contribuições notáveis e fizeram pronunciamentos inspiradores, mas a importância da sua obra é mais perceptível quando considerada no contexto das idéias que precederam as suas, e que com frequência serviram de base para as novas formulações, bem como no âmbito dos trabalhos que as seguiram.

Descrevemos os primórdios da psicologia experimental nos Capítulos 2 e 3. Capítulos subsequentes discutem cada uma das principais escolas de pensamento em três níveis: (1) o desenvolvimento pré-científico da posição, incluindo a obra de pesquisadores pioneiros que

desenvolveram seu trabalho sem usar o método experimental; (2) as primeiras tentativas de abordar problemas particulares usando os métodos da ciência; e (3) o estabelecimento formal de cada escola e seus derivativos contemporâneos.

A obra de Wilhelm Wundt (Capítulo 4) e o seu fruto, a escola de pensamento denomi-

31

nada estruturalismo (Capítulo 5), se desenvolveram a partir dos trabalhos iniciais no campo da filosofia e da fisiologia. Seguiu-se a isso o funcionalismo (Capítulos 6, 7 e 8), comportamentalismo (Capítulos 9, 10 e 11) e a psicologia da Gestalt (Capítulo 12) que, ou evoluíram a partir do estruturalismo, ou se revoltaram contra ele. Num curso de tempo mais ou menos paralelo, embora sem analogia quanto ao objeto de estudo, aos métodos ou aos objetivos, a psicanálise (Capítulos 13 e 14) decorreu da reflexão filosófica sobre a natureza do inconsciente e das tentativas da psiquiatria no sentido de tratar os doentes mentais.

Tanto a psicanálise como o comportamentalismo geraram algumas subescolas. Na década de 50, desenvolveu-se o movimento da psicologia humanista como reação ao comportamentalismo e à psicanálise, incorporando princípios da psicologia da Gestalt. Por volta de 1960, o movimento da psicologia cognitivista desafiou com sucesso o comportamentalismo, e a definição da psicologia mudou outra vez. O principal aspecto dessa modificação foi o retorno ao estudo da consciência e de processos mentais ou cognitivos. A psicologia, que ‘perdera a cabeça’ na revolução comportamental, recupera-a nesse momento. Esses acontecimentos estão descritos no Capítulo 15. Você vai ver que há uma progressão evidente no processo evolutivo que distingue a história da psicologia, um processo que continua em nossos dias.

Sugestões de Leitura

Boorstin, D., *The Discoverers*, Nova York: Random House, 1983. Um extenso, legível e dramático relato das grandes descobertas da história do conhecimento humano. O autor descreve como os originadores e proponentes dessas idéias tiveram com frequência de combater mitos e dogmas quase inabaláveis para conseguir a aceitação de sua obra.

Buxton, C. E. (Org.), *Points of View in the Modern History of Psychology*, Orlando, Flórida: Academic Press, 1985. Uma coletânea de artigos sobre questões de historiografia (os princípios e técnicas da pesquisa histórica); ver especialmente o Capítulo 14 (pp. 417-436), que trata da influência de forças contextuais como as concepções filosóficas, biológicas e religiosas.

Cadwallader, T. C., ‘Unique values of archival research’, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 11, pp. 27-33, 1975. Discute como a pesquisa dos arquivos de documentos, diários, correspondência e cadernos de anotações não publicados favorece o acompanhamento retrospectivo do desenvolvimento de uma teoria, a partir de sua forma publicada até suas versões iniciais, assim como elucidar o impacto das circunstâncias pessoais de um teórico sobre as suas idéias.

Furumoto, L., ‘The new history of psychology’, in S. Cohen (Org.), *77 G. Stanley Hall Lectures Series*, vol. 9, pp. 5-34, Washington D.C.: American Psychological Association, 1989. Defende a necessidade de considerar forças contextuais na análise histórica, tais como a influência de instituições e culturas, e mostra como essa abordagem leva a uma compreensão diferente do papel dos psicólogos no desenvolvimento do campo.

Hilgard, E. R., Leary, D. E. e McGuire, G. R., ‘The history of psychology: A survey and critic assessment’, *Annual Review of Psychology*, n 42, pp. 79- 107, 1991. Faz uma revisão das questões atuais na pesquisa histórica, dos métodos usados por historiadores contemporâneos da psicologia, das abordagens usadas no ensino da história da psicologia.

Sarup, G., ‘Historical antecedents of psychology: The recurrent issue of old wine in new bottles’, *American Psychologist*, n 33, pp. 478-485, 1978. Distingue entre ‘antecipações’ (noções antigas que parecem semelhantes a idéias contemporâneas em psicologia) e “alicerces” reais (idéias mais antigas que podem estar diretamente ligadas a idéias e teorias atuais).

32

2

Influências Filosóficas sobre a Psicologia

O Espírito do Mecanismo

O Universo Mecânico

Os Primórdios da Ciência Moderna René Descartes (1596-1650)

O Mecanismo e o Problema Mente-Corpo

O Espírito do Mecanismo

Empiristas e Associacionistas Britânicos: Adquirindo Conhecimento por Intermediário da Experiência

John Locke (1632-1704)

George Berkeley (1685-1753)

David Hume (1711-1776)

David Hartley (1705-1757)

James Mill (1773-1836)

John Stuart Mill (1806-1873)

Contribuições do Empirismo à Psicologia

Nos jardins reais da Europa do século XVII surgiu uma extravagante forma de divertimento entre as muitas maravilhas de uma época verdadeiramente estimulante. A água, correndo em tubulações subterrâneas, punha em operação figuras mecânicas que faziam uma variedade de movimentos, tocavam instrumentos musicais e chegavam a produzir sons semelhantes a palavras. Placas de pressão ocultas, ativadas quando as pessoas inadvertidamente pisavam nelas, empurravam a água pelos encanamentos até o maquinário que movia as estátuas.

Essas diversões da aristocracia refletiam e reforçavam o fascínio seiscentista pela máquina. Toda espécie de máquina foi inventada e aperfeiçoada para uso na ciência, na indústria e nas diversões. O relógio mecânico — chamado por um historiador de “a mãe das máquinas” — é o exemplo mais importante por causa do seu impacto no pensamento

científico (Boorstin, 1983). Os relojoeiros foram os primeiros a aplicar teorias da física e da mecânica à construção de máquinas. Além dos relógios, foram desenvolvidos bombas, alavancas, roldanas e guindastes para servir às necessidades humanas, e parecia não haver limites aos tipos de máquinas possíveis de se conceber, ou aos usos que lhes poderiam ser dados.

Você pode se perguntar qual a relação disso com a história da psicologia moderna. Referir-nos, afinal, a uma época que precede em duzentos anos o estabelecimento da psicologia como ciência focalizando a tecnologia e a física, disciplinas que parecem bem distantes do estado da natureza humana. A relação, no entanto, é clara e direta, visto que os

33

princípios personificados pelos relógios e figuras mecânicas do século XVII influenciaram a direção que a nova psicologia seguiria em quase toda a sua existência.

Falamos aqui do *Zeitgeist* dos séculos XVII a XIX, o solo intelectual que alimentou a nova psicologia. A idéia ou conceito básico do século XVII — a filosofia que iria alimentar a nova psicologia — era o espírito do mecanismo, a imagem do universo como uma grande máquina. Essa doutrina afirmava que todos os processos naturais são mecanicamente determinados e podem ser explicados pelas leis da física.

A idéia teve origem na física — então conhecida como filosofia natural — como resultado do trabalho de Galileu e, mais tarde, de Newton (que, talvez não tão por acaso, fora aprendiz de relojoeiro). Acreditava-se que a natureza de tudo o que existia no universo fossem apenas partículas de matéria em movimento. Segundo Galileu, a matéria se compunha de corpúsculos discretos ou de átomos que se afetavam uns aos outros pelo contato direto, como o fazem as bolas de bilhar. Mais tarde, Newton aprimorou a concepção mecânica de Galileu ao postular que o movimento não era transmitido pelo contato físico, mas por forças de atração e repulsão. Sua idéia, embora importante na física, não alterou radicalmente o conceito nem o modo como ele foi usado na psicologia.

Se o universo consistia de átomos em movimento, todo efeito físico (o movimento de cada átomo) seria consequência de uma causa direta (o movimento do átomo que colidira com ele), e estaria sujeito a leis de medida e cálculo, devendo ser, por conseguinte, previsível. Esse jogo de bilhar, a operação do universo físico, era organizado e sistemático, como um relógio ou qualquer outra boa máquina. O universo físico fora planejado por Deus com perfeição absoluta — no século XVII, os cientistas ainda podiam atribuir causa e perfeição a Deus — e, uma vez que os cientistas conhecessem as leis de funcionamento do universo, seria possível determinar como ele se comportaria no futuro.

Os métodos e as descobertas da ciência nesse período se desenvolviam a passos largos ao lado da tecnologia, havendo entre elas uma combinação de extrema eficácia. A observação e a experimentação tomavam-se as marcas distintivas da ciência, seguidas de perto pela medição. Os pesquisadores logo iriam tentar definir ou descrever todo fenômeno por meio de um número — um processo vital para o estudo do universo como máquina. Nessa era da máquina, foram desenvolvidos e aperfeiçoados termômetros, barômetros, réguas de cálculo, micrômetros, relógios de pêndulo e outros dispositivos de medição, que serviram para reforçar a noção de que era possível medir todos os aspectos do universo mecânico.

O Universo Mecânico

O relógio era a metáfora perfeita para o espírito mecanicista do século XVII, tendo sido justamente considerado uma das maiores invenções de todos os tempos. Os relógios eram, na época, uma sensação tecnológica, não muito diferentes do que os computadores são no nosso século. Nenhuma outra máquina tinha tido tal impacto sobre o pensamento humano em todos os níveis da sociedade. Nessa época os relógios eram produzidos em grande número e em variados tamanhos. Alguns eram pequenos o bastante para caber numa cornija de lareira. Os maiores, alojados nas torres das igrejas e edifícios públicos, podiam ser vistos e ouvidos por todos os habitantes de uma cidade. Enquanto o espetáculo das figuras mecânicas movidas à água nos jardins reais só era visto pela elite, os relógios eram acessíveis a todos, independentemente de classe ou de circunstâncias econômicas. O conceito do relógio mecânico

apossou da mente e do espírito de toda uma civilização como nenhuma outra máquina antes. Raras vezes na história uma máquina expressou tão diretamente, e ao mesmo tempo afetou, o clima intelectual de sua época” (Maurice e Mayr, 1980, pp. vii, ix).

34

Devido à sua visibilidade, regularidade e precisão, os pesquisadores começaram a considerar os relógios como modelos para o universo físico, perguntando-se se o próprio mundo não poderia ser um vasto relógio construído e movido pelo Criador”. Muitos cientistas — incluindo o físico inglês Robert Boyle, o astrônomo alemão Johannes Kepler e o filósofo francês René Descartes — responderam à pergunta com uma afirmação e passaram a considerar o universo “um grande relógio” (Boorstin, 1983, pp. 71, 72). Eles acreditavam que a harmonia e a ordem do universo podiam ser explicadas em termos da regularidade dos relógios, que é embutida na máquina pelo relojoeiro, assim como a regularidade do universo fora, segundo se pensava, embutida nele por Deus.

O filósofo alemão Christian von Wolff descreveu o relógio e o universo em termos simples: “O universo não se comporta distintamente do mecanismo de um relógio.” Seu aluno

Johann Cristoph Gottsched desenvolveu o princípio:

Na medida em que é uma máquina, o universo assemelha-se a um relógio; e é num relógio que podemos, numa escala menor, tornar mais evidente à compreensão aquilo que ocorre no universo em escala maior. As engrenagens do relógio representam as partes do universo; os movimentos dos ponteiros [os eventos e as modificações que se processam no universo]. Assim como no relógio todas as posições das engrenagens e dos ponteiros advêm do arranjo interior, da forma, da dimensão e da ligação de todas as suas partes de acordo com as regras do movimento, assim também tudo quanto acontece no universo produz o seu efeito (Maurice e Mayr, 1980, p. 290).

Quando visto como uma máquina semelhante a um relógio, o universo, uma vez construído e posto em movimento, vai continuar a funcionar com eficiência sem nenhuma interferência exterior. O uso da metáfora do relógio envolve a idéia do determinismo, a crença de que todo ato é determinado por eventos passados. Podemos prever as mudanças que vão ocorrer no relógio, bem como no universo, por causa da regularidade e da seqüência operacional de suas partes. Gottsched acrescentou: “Aquele que perceber perfeitamente a estrutura [relógio] poderá ver toda coisa futura a partir do seu passado e do seu estado presente de organização” (Maurice e Mayr, 1980, p. 290).

Não era difícil perceber perfeitamente a estrutura do relógio. Qualquer pessoa poderia com facilidade, desmontar um, e ver exatamente como ele funcionava. Desse modo, o reducionismo como método de análise foi propagado como um artigo de fé para nova ciência. O funcionamento de máquinas como os relógios podia ser compreendido por meio da sua análise e redução aos seus componentes básicos. Da mesma maneira, poder-se-ia compreender o universo físico — que era, afinal, apenas outra máquina — analisando-o ou reduzindo-o às suas partes mais simples: moléculas e átomos. O reducionismo como método de análise iria caracterizar todas as ciências em desenvolvimento, incluindo a nova psicologia.

Sendo úteis a uma explicação do funcionamento do universo físico, a metáfora do relógio e a análise científica também serviriam para o estudo da natureza humana? Se o universo era semelhante a uma máquina — organizado, previsível, observável e mensurável —, não poderiam os seres humanos ser considerados do mesmo modo? As pessoas e os animais também eram uma espécie de máquina?

A aristocracia intelectual e social do século XVII já tinha os modelos para essa noção nas figuras mecânicas dos seus jardins, e a proliferação de relógios fornecia modelos semelhantes para todos. Em todos os níveis da sociedade, as pessoas só precisavam olhar ao seu redor para ver geringonças mecânicas chamadas autômatos realizando façanhas prodigiosas com precisão e regularidade.

35

Esses bonecos automáticos podem ser vistos hoje nas praças centrais de muitas cidades européias, onde as figuras mecânicas no relógio da torre das prefeituras marcham e dançam, tocam instrumentos musicais e, com seus martelos, fazem soar imensos sinos para marcar os quartos de hora. Na Catedral de Estrasburgo, na França, as figuras dos Magos se inclinam de hora em hora diante de uma estátua da Virgem Maria, enquanto um galo abre o seu bico, põe a língua para fora, agita as asas e canta. Na Catedral de Wells, na Inglaterra, pares de cavaleiros em armadura giram uns em torno dos outros, simulando um combate. Quando o sino bate a hora, um cavaleiro derruba o outro do cavalo. O Museu Nacional Bávaro de Munique, na Alemanha, abriga um papagaio de uns meros quarenta centímetros. Quando o relógio marca a hora, o papagaio assobia, move o bico, agita as asas, gira os olhos e deixa cair uma pelota de aço do seu rabo!

Na figura 2-1, você pode ver o mecanismo interno da figura de um monge com quarenta centímetros de altura, hoje pertencente à coleção do Museu Nacional de História Americana em Washington, D.C. O monge está programado para mover-se no espaço de uma praça de pouco mais de sessenta centímetros. Seus pés parecem movimentar-se sob o hábito, mas na verdade a estátua se move sobre rodas. Ele bate no peito com um braço e acena com o outro, vira a cabeça de um lado para o outro, balança-a, abre e fecha a boca e movimenta os olhos.

Esse tipo de tecnologia mecânica, ao ver dos filósofos e cientistas da época, parecia capaz de realizar o seu sonho de criar um ser artificial. Na verdade, muitos dos primeiros bonecos automáticos davam claramente essa impressão. Poderíamos considerá-los os bonecos de Disney da época, e é fácil compreender por que as pessoas chegaram à conclusão de que os seres humanos e os animais não passavam de outras formas de máquina.

Observemos outra vez o mecanismo interno do monge. Podemos compreender, quase à primeira vista, o funcionamento das engrenagens, alavancas, catracas e outros dispositivos que produzem os movimentos da figura. René Descartes e outros filósofos adotaram esses bonecos automáticos, ao menos até certo ponto, como modelos para os seres humanos. Para eles, não era apenas o universo que se assemelhava ao mecanismo do relógio; as pessoas também. Descartes escreveu que essa idéia não iria parecer nada estranha para quem está acostumado com os diferentes autômatos, ou máquinas que se movem, fabricadas pelo engenho humano... essas pessoas vão considerar o próprio corpo uma máquina feita pelas mãos de Deus, incomparavelmente mais bem organizada e adequada a movimentos mais admiráveis do que qualquer máquina inventada pelo homem” (Descartes, 1637/1912, p. 44). As pessoas podiam ser máquinas melhores do que as construídas pelos relojoeiros, mas eram máquinas mesmo assim.

Desse modo, os relógios abriram caminho para a idéia de que os seres humanos são mecânicos e que os mesmos métodos experimentais e quantitativos, que tinham alcançado tanto sucesso no estudo dos segredos do universo físico, podiam ser aplicados à pesquisa da natureza humana. Em 1748, o médico francês Julien de La Mettrie (que morreu de um overdose de farsa e truques) afirmou: Tenhamos a coragem de concluir que o homem é uma máquina.” Isso se tornou uma força propulsora do *Zeitgeist*, não somente na filosofia, mas em todos os aspectos da vida, e alterou drasticamente a imagem da natureza humana viger até então.

E assim surgiram, entre os séculos XVII e XIX, a concepção dos seres humanos como máquinas e o método — o método científico — mediante o qual era possível investigar a natureza humana. As pessoas se tornaram máquinas, o mundo moderno foi dominado pela perspectiva científica e todos os aspectos da vida passaram a ficar sujeitos às leis da mecânica.

36

Os Primórdios da Ciência Moderna

Observamos que o século XVII testemunhou desenvolvimentos científicos de longo alcance. Até então, os filósofos tinham procurado respostas no passado, nas obras de Aristóteles e outros sábios antigos, bem como na Bíblia. As forças que governavam a busca do conhecimento eram o dogma e as figuras de autoridade. Nesse século, uma nova força assumiu predominância: o empirismo, a obtenção do conhecimento por meio da observação da natureza. A sabedoria vinda do passado tornou-se suspeita. A idade de ouro seiscentista foi iluminada pelas descobertas e percepções de estudiosos que, com sucesso, criaram ou refletiram a atmosfera propícia às mudanças em que a pesquisa científica florescia. Embora essas pesquisas tenham importância para a história da ciência, a maior parte do seu trabalho não tem relação direta com a evolução da psicologia.

Um deles, no entanto, René Descartes, contribuiu diretamente para a história da psicologia moderna. Mais do que ninguém, ele libertou a pesquisa dos rígidos dogmas teológicos e tradicionais que a haviam controlado durante séculos. Ele simbolizou a transição da Renascença para a era moderna científica, ao aplicar a idéia do mecanismo do relógio ao corpo humano. Muitos acreditam que, com isso, ele inaugurou a psicologia moderna.

René Descartes (1596-1650)

Descartes nasceu na França em 31 de março de 1596. Seu pai era conselheiro no parlamento da Bretanha, e dele Descartes herdou recursos suficientes para sustentar uma vida de estudos e viagens. Ao contrário de outras pessoas em circunstâncias semelhantes, ele não se tomou um diletante, o que é possível atribuir ao seu gênio, à sua curiosidade e à sua fome de saber, bem como à sua indiferença pela autoridade dogmática e ao seu desejo de evidências e provas.

De 1604 a 1612, foi aluno de um colégio jesuíta, onde estudou humanidades e matemática. Também exibiu um considerável talento para a filosofia, a física e a fisiologia. Como Descartes tinha uma saúde frágil, o reitor o dispensou dos serviços religiosos matinais e permitiu que ficasse na cama até o meio-dia, hábito que ele manteve por toda a vida. Era na calma das manhãs que ele estudava e produzia suas idéias mais criativas.

Depois de completar sua educação formal, Descartes foi provar as delícias da vida em Paris. Com o tempo, acabou se cansando e resolveu recolher-se para estudar matemática. Em 1617, tornou-se cavaleiro voluntário dos exércitos da Holanda, da Bavária e da Hungria, atitude estranha para alguém de natureza tão contemplativa. Gostava de dançar e jogar e, devido aos seus talentos matemáticos, era um jogador de sucesso. Era também aventureiro, espadachim e, segundo contam, conheceu todos os vícios e prazeres humanos. Seu único vínculo romântico duradouro foi um caso amoroso de três anos com uma holandesa que, em 1635, deu à luz a uma filha. Descartes adorava a criança e ficou arrasado quando ela morreu aos cinco anos de idade. Ele descreveu essa perda como o mais profundo sofrimento da sua vida.

Descartes tinha profundo interesse em aplicar o conhecimento a questões práticas. Perquisiu técnicas que evitassem o embranquecimento do cabelo e realizou experimentos sobre

uso de cadeiras de roda por pessoas fisicamente deficientes.

Em novembro de 1619, ainda no exército, Descartes teve uma série de sonhos que modificaram a sua vida. Segundo seu relato, ele passara o dia 10 de novembro sozinho, no quarto aquecido por uma estufa, meditando sobre idéias relacionadas com a matemática e ciências. Descartes adormeceu e, em sonhos, de acordo com a sua interpretação posterior, se repreendeu por seu ócio. Ele havia sido visitado pelo Espírito da Verdade, que se apossou

38

sua mente. Essa experiência profunda o persuadiu a dedicar a vida à proposição de que a matemática podia ser aplicada a todas as ciências e, assim, produzir a certeza do conhecimento.

Voltou a Paris em 1623 para prosseguir a sua obra matemática e mais uma vez viu que a vida ali era demasiado dispersiva. Vendeu as propriedades herdadas do pai e mudou-se para

o interior da Holanda em 1628. Sua necessidade de solidão e de reclusão era tamanha que, nos

vinte anos seguintes, viveu em treze cidades e em vinte e quatro casas diferentes, só revelando

o seu endereço aos amigos mais próximos com quem mantinha copiosa correspondência. Suas

únicas outras exigências parece que foram ficar próximo de uma igreja católica romana e de uma universidade.

Quase todas as suas obras mais importantes foram escritas durante os seus anos na Holanda, onde a liberdade de pensamento era garantida. No entanto, foi vítima de certa perseguição religiosa. Num dado momento, os livreiros foram proibidos de vender suas obras,

39

Dentre as contribuições do matemático e filósofo francês René Descartes à psicologia estão a doutrina das idéias inatas, a noção da ação reflexa e uma teoria da interação mente-corpo. e ele foi levado diante dos magistrados para responder às acusações feitas por Teólogos de duas cidades holandesas, de ser ateu e libertino, acusações sérias para um católico devoto.

A fama crescente de Descartes chamou a atenção da rainha Cristina da Suécia, que o convidou a ensinar-lhe filosofia. Embora relutante em renunciar à sua liberdade e solidão, ele tinha grande respeito pelas prerrogativas reais. Um navio de guerra foi enviado para buscá-lo, e ele embarcou para a Suécia no outono de 1649. A rainha, que fora descrita como uma aluna não muito boa, insistiu em iniciar as aulas às cinco horas da manhã numa biblioteca mal- aquecida durante um inverno incomumente rigoroso. Descartes suportou levantar-se cedo e enfrentar o frio extremo por quase quatro meses, antes de morrer de pneumonia em 11 de fevereiro de 1650.

Um interessante pós-escrito à morte de um homem que dedicou boa parte da vida ao estudo da interação entre a mente e o corpo é a história do que se passou com seu próprio corpo. Dezesesseis anos depois de sua morte, os amigos decidiram que seus despojos deveriam voltar à França. Infelizmente, o ataúde que enviaram à Suécia era pequeno demais para conter os seus restos mortais. A solução a que chegaram as autoridades foi cortar a cabeça e conservá-la em Estocolmo até que pudessem ser tomadas providências para devolvê-la a Paris.

Enquanto o cadáver estava sendo preparado para a viagem à França, o embaixador francês na Suécia decidiu que queria uma lembrança e cortou o indicador direito. O corpo, agora sem cabeça e com um dedo a menos, foi sepultado novamente em Paris em meio a grande pompa e esplendor. Algum tempo depois, um oficial do exército desenterrou o crânio e, por 150 anos, ele mudou de mãos, de um colecionador sueco para outro, até finalmente chegar a Paris, onde hoje está em exibição no Museu do Homem.

O Mecanismo e o Problema Mente-Corpo

O mais importante trabalho de Descartes em favor do progresso da psicologia é sua tentativa de resolver o problema mente-corpo, objeto de controvérsia durante séculos. Ao longo das épocas, os eruditos têm discutido sobre o modo como a mente, ou as qualidades mentais, podia se distinguir do corpo e de todas as outras qualidades físicas. A questão básica e enganosamente simples é: a mente e o corpo — o mundo mental e o mundo material — são essências ou naturezas distintas? Desde a época de Platão, a maioria dos

pensadores tinha assumido uma posição dualista; sustentava-se que a mente (ou alma, ou espírito) e o corpo tinham naturezas diferentes. Mas aceitar essa posição traria outros problemas: se a mente e o corpo têm naturezas diferentes, qual é o relacionamento entre eles? Um influencia o outro ou eles são independentes?

A teoria aceita antes da época de Descartes dizia que a interação tinha essencialmente uma direção: a mente podia exercer uma enorme influência sobre o corpo, mas este tinha pouco impacto sobre ela. Um historiador contemporâneo sugeriu que, antes de Descartes concebia-se que a relação entre mente e corpo era a mesma que entre a marionete e o seu manipulador (Lowry, 1982). A mente é como o manipulador, movimentando os cordões do corpo.

Descartes aceitou essa posição dualista. A seu ver, a mente e o corpo eram de duas essências diferentes. Mas ele se desviou da tradição ao definir o relacionamento entre os dois. Em sua teoria da interação mente-corpo, Descartes sugeriu que a mente influencia o corpo que este pode exercer sobre ela uma influência maior do que antes se supunha. A relação não é unilateral, mas sim uma interação mútua. Essa ideia, radical no século XVII, teve importantes implicações.

Depois que Descartes propôs sua doutrina, muitos estudiosos descobriram que já se podiam sustentar a ideia de que a mente era o mestre das duas entidades, o titereiro fazendo quase independentemente do corpo. Este, a essência material, passou a ser visto como

mais central, e certas funções antes atribuídas à mente passaram a ser consideradas pertencentes ao corpo. Na Idade Média, por exemplo, acreditava-se que a mente era responsável não só pelo pensamento e pela razão, mas também pela reprodução, pela percepção e pela locomoção. Descartes alegava que a mente só tinha uma função: a de pensar. Todos os outros processos eram funções do corpo.

Desse modo, ele introduziu uma abordagem do problema mente-corpo que focalizava a atenção numa dualidade física/psicológica. Ao fazê-lo, desviou a atenção do conceito abstrato da alma para o estudo da mente e suas operações. Como resultado, os métodos de pesquisa deixaram a análise metafísica e abraçaram a observação objetiva. Enquanto só se podia especular sobre a existência da alma, era possível observar a mente e os seus processos.

Logo, mente e corpo são duas entidades distintas. Não há semelhança qualitativa entre o corpo (o mundo material ou físico) e a mente (o mundo mental). A matéria, a substância material do corpo, tem extensão (ela ocupa espaço) e opera de acordo com princípios mecânicos. A mente, contudo, é livre, não tem extensão nem substância. Mas a ideia revolucionária é a de que mente e corpo, embora distintos, são capazes de interagir dentro do organismo humano. A mente pode influenciar o corpo e o corpo pode influenciar a mente.

Examinemos com mais atenção a concepção cartesiana do corpo. Sendo composto de matéria física, o corpo deve ter as características comuns a toda a matéria — extensão no espaço e capacidade de movimento. Se ele é matéria, as leis da física e da mecânica que explicam o movimento e a ação no mundo físico também têm de aplicar-se a ele. Quando considerado à parte da mente — e é possível fazê-lo porque corpo e mente são entidades

distintas — o corpo é como uma máquina cuja operação pode ser explicada pelas leis mecânicas que governam o movimento de objetos no espaço. Seguindo essa linha de raciocínio, Descartes passou à explicação do funcionamento fisiológico em termos de física.

O filósofo francês recebera forte influência do espírito mecanicista da época, tal como se refletia nos relógios mecânicos e autômatos a que nos referimos. Enquanto se recobrava do que os seus biógrafos denominaram um colapso nervoso”, aos dezoito anos, ele se recuperou numa cidade próxima de Paris onde a sua única diversão era percorrer os jardins reais recém- construídos. Ele ficou fascinado com as maravilhas mecânicas ali instaladas e passava muitas horas pisando nas placas de pressão que faziam os jatos de água ativar as figuras que se moviam, dançavam e emitiam sons.

Essa experiência ajudou a moldar sua maneira de ver o universo físico, em especial no tocante ao corpo humano e animal. Descartes acreditava que o corpo funcionava exatamente como uma máquina, e não via diferença entre ele e as figuras acionadas hidraulicamente nos jardins: Explicava todo aspecto do funcionamento físico — como a digestão, a circulação, a sensação e a locomoção — em termos mecânicos.

Quando descrevia o corpo, Descartes se referia diretamente às figuras que vira nos jardins reais. Ele comparava os nervos do corpo com os canos pelos quais a água passava, e os músculos e tendões com motores e molas. O movimento dos modelos mecânicos não era causado por uma ação voluntária da sua parte, mas por objetos externos; a natureza involuntária desse movimento refletia-se na observação de Descartes de que os movimentos corporais ocorrem muitas vezes sem a intenção consciente da pessoa. A partir disso, ele chegou à idéia da undulatio reflexa, um movimento não supervisionado nem determinado pela vontade de se mover. Por causa dessa proposição, consideram-no muitas vezes o autor da teoria da ação reflexa. Essa idéia é precursora da moderna psicologia comportamental do estímulo-resposta (E-R) — em que um objeto externo (um estímulo) provoca uma resposta involuntária — e uma das noções-chave de boa parte da psicologia americana do século XX.

Descartes encontrou apoio para a sua interpretação mecânica do funcionamento do corpo humano no campo da fisiologia. Em 1628, o médico inglês William Harvey descobrira os fatos

41

fundamentais acerca da circulação sangüínea, e desde então muita coisa estava sendo estudada sobre o processo digestivo. Sabia-se também que os músculos do corpo funcionavam em pares opostos, e que a sensação e o movimento de alguma forma dependiam dos nervos.

Embora os pesquisadores da fisiologia estivessem dando grandes passos na compreensão do corpo humano, sua informação estava longe de ser completa. Pensava-se, por exemplo, que os nervos eram tubos ocos pelos quais fluíam as essências animais. Nossa preocupação aqui, contudo, não é a precisão nem a abrangência da fisiologia do século XVII, mas a sua coerência com uma interpretação mecânica do corpo.

Como não possuíam alma, os animais eram considerados autômatos. Assim preservava-se a diferença entre seres humanos e animais, tão importante para o pensamento cristão. Além

disso, acreditava-se que os animais eram desprovidos de sentimentos. Como poderiam ter sentimentos se não tinham alma? Descartes dissecava animais vivos, antes de haver anestesia, e parecia “divertir-se com seus gritos e lamentos, já que estes não eram senão assobios hidráulicos e vibrações de máquinas” (Jaynes, 1970, p. 224).

Essas idéias faziam parte da tendência geral favorável à noção de que o comportamento humano era previsível. O corpo mecânico movimenta-se e se comporta de maneiras previsíveis desde que se saiba quais são os estímulos. Os animais, sendo semelhantes a máquinas, pertencem por inteiro à categoria dos fenômenos físicos. Assim, não têm imortalidade, são incapazes de pensar e não têm livre-arbítrio. Anos mais tarde, Descartes fez algumas revisões menores em seu pensamento sobre os animais, mas nunca alterou sua convicção de que o comportamento animal pode ser totalmente explicado em termos mecanicistas.

Os escritos de Descartes referem-se freqüentemente à natureza mecânica dos animais.

Sei muito bem que os animais fazem muitas coisas melhor do que nós, mas isso não me surpreende e serve precisamente para provar que eles agem de modo natural e pela força de molas semelhantes às de um relógio, que indica a hora de modo muito melhor do que o nosso julgamento” (Maurice e Mayr, 1980, p. 5).

Embora, segundo Descartes, a mente seja imaterial (isto é, não composta de matéria física), ela é capaz de abrigar o pensamento e a consciência, e, em conseqüência, nos proporciona conhecimento sobre o nosso mundo exterior. A mente não tem nenhuma das propriedades da matéria. Sua característica mais importante é a capacidade de pensar, o que a aparta do mundo material.

Como percebe e tem vontade, a mente tem de influenciar o corpo e ser influenciada por ele de alguma maneira. Quando ela decide deslocar-se de um ponto a outro, por exemplo, essa decisão é concretizada pelos nervos e músculos do corpo. Do mesmo modo, quando o corpo é estimulado — pela luz ou pelo calor, por exemplo —, é a mente que reconhece e interpreta esses dados sensoriais, determinando a resposta apropriada.

Descartes formulou uma teoria sobre a interação dessas duas entidades, mas precisou antes encontrar um ponto físico onde a mente e o corpo se engajassem em sua influência mútua. Ele concebeu a alma como uma entidade unitária, o que significava que ela devia interagir com apenas uma parte do corpo. Ele também acreditava que o ponto de interação se localizava em algum lugar do cérebro, porque a pesquisa demonstrara que as sensações se deslocam para o cérebro e que é nele que o movimento tem origem. Assim, estava claro que o cérebro tinha de ser o ponto focal das funções mentais. A única estrutura cerebral simples e unitária (isto é, não dividida nem duplicada nos dois hemisférios) é a glândula pineal ou conarium, e Descartes a considerou a escolha lógica como sede da interação.

Descartes descreveu em termos mecanicistas a maneira como a interação entre mente e corpo ocorre. Sugeriu que o movimento das essências animais nos tubos nervosos produz uma impressão no conarium e que, a partir dessa impressão, a mente produz uma sensação. Em outras palavras, uma quantidade de movimento (o fluxo das essências animais) produz uma

qualidade puramente mental (uma sensação). O inverso também ocorre, ou seja, a mente pode de algum modo deixar uma impressão no conarium (de uma maneira que ele nunca esclareceu), impressão que, inclinando-se para uma ou outra direção, influencia a direção do fluxo de essências animais para os músculos, do que resulta um movimento. Logo, uma qualidade mental pode influenciar o movimento, uma propriedade do corpo.

Descartes não afirmava que a alma estivesse confinada ao conarium, que ele designava apenas como a sede da interação, nem contida nele. Ele acreditava que a alma se unia com todas as partes do corpo e que o corpo inteiro era a sede da alma.

Ele propôs um ideário que teve uma profunda influência no desenvolvimento da psicologia moderna. Sugeriu que a mente dá origem a duas espécies de idéias: idéias derivadas e idéias inatas. Idéias derivadas são as produzidas pela aplicação direta de um estímulo externo, como o som de um sino ou a visão de uma árvore. Assim, as idéias derivadas são produto das experiências sensoriais. Idéias inatas não são produzidas por objetos do mundo exterior que entram em contato com os sentidos. A designação inato descreve a fonte dessas idéias; elas se desenvolvem a partir apenas da mente ou consciência. A existência potencial de idéias inatas independe de experiências sensoriais, embora essas idéias possam ser concretizadas ou manifestadas na presença de experiências apropriadas. Algumas das idéias inatas identificadas por Descartes são o eu, Deus, os axiomas geométricos, a perfeição e o infinito.

A doutrina das idéias inatas é discutida em capítulos subsequentes. Veremos que ela culmina na teoria nativista da percepção — a idéia de que a nossa capacidade de perceber é antes inata do que adquirida — e na escola de psicologia da Gestalt. Ela também inspirou uma acirrada oposição entre os primeiros empiristas e associacionistas britânicos, bem como entre empiristas posteriores como Helmholtz e Wundt.

A obra de Descartes serviu de catalisador para muitas tendências que mais tarde tiveram destaque na psicologia. Suas contribuições sistemáticas mais dignas de nota são a concepção mecanicista do corpo, a noção de ação reflexa, a teoria da interação mente-corpo, a localização das funções mentais no cérebro e a doutrina das idéias inatas. Com Descartes, vemos a idéia do mecanismo aplicada ao corpo humano. Mas a filosofia mecanicista exercia uma influência tão penetrante que foi apenas uma questão de tempo para que fosse aplicada também à mente humana. É para esse acontecimento significativo — a redução da mente a uma máquina — que nos voltamos agora.

Empiristas e Associacionistas Britânicos:

Como Adquirir Conhecimento por Intermediário da Experiência

Depois de Descartes, foi rápido e prolífico o desenvolvimento da ciência moderna em geral e da psicologia em particular. Por volta da metade do século XIX, o longo período da psicologia pré-científica tinha chegado ao fim. Nessa época, o pensamento filosófico europeu estava impregnado por um novo espírito: o positivismo. O termo e a concepção são o trabalho do filósofo francês Auguste Comte, que empreendia um levantamento sistemático de todo o conhecimento, um projeto deveras ambicioso. Para tornar a sua tarefa mais factível, Comte decidira limitar seu trabalho a fatos inquestionáveis, aqueles que tinham sido determinados através dos métodos da ciência. Assim, positivismo se refere a

um sistema baseado exclusivamente em fatos objetivamente observáveis e indiscutíveis. Tudo o que tiver natureza especulativa, inferencial ou metafísica é rejeitado como ilusório.

A aceitação do positivismo significava que havia então dois tipos de proposições. “Referimo-nos aos objetos dos sentidos, e isso é uma afirmação científica. O resto é absurdo!”

43

(Robinson, 1981, p. 333). O conhecimento derivado da metafísica e da teologia devia ser rejeitado; só o conhecimento produzido pela ciência era considerado válido.

Outras idéias no campo da filosofia sustentavam o positivismo antimetafísico. Os estudiosos adeptos do materialismo acreditavam que todas as coisas podiam ser descritas em termos físicos e compreendidas à luz das propriedades físicas da matéria e da energia. Eles pensavam que a consciência também podia ser explicada nos termos da física e da química. As considerações materialistas dos processos mentais privilegiavam o aspecto físico, isto é, as estruturas anatômicas e fisiológicas do cérebro.

Um terceiro grupo de filósofos, os defensores do empirismo, estava voltado para o modo como a mente adquire conhecimento. Eles alegavam que todo conhecimento é derivado da experiência sensorial.

A concepção popular da natureza humana e do mundo estava em rápida modificação. O positivismo, o materialismo e o empirismo iriam converter-se nos fundamentos filosóficos da nova psicologia. Começava-se a entabular discussões sobre os processos psicológicos no âmbito de evidências factuais observacionais e quantitativas baseadas na experiência sensorial; dava-se uma crescente ênfase aos processos fisiológicos envolvidos no funcionamento mental.

Dentre essas três orientações filosóficas, coube ao empirismo o principal papel na configuração das primeiras etapas do desenvolvimento da nova ciência psicológica. O empirismo estava voltado para o desenvolvimento da mente, para o modo como ela adquire conhecimento. Segundo a concepção empirista, a mente se desenvolve por meio do acúmulo progressivo de experiências sensoriais. Essa idéia se opõe à perspectiva nativista exemplificada por Descartes, que afirma que algumas idéias são inatas. Vamos considerar alguns dos principais empiristas britânicos: John Locke, George Berkeley, David Hume, David Hartley, James Mill e John Stuart Mill.

John Locke (1632-1704)

Filho de um advogado, John Locke estudou em universidades em Londres e Oxford (Inglaterra); e recebeu o grau de bacharel em 1656 e o mestrado pouco depois. Permaneceu em Oxford por vários anos, ensinando grego, retórica e filosofia, tendo mais tarde passado a praticar a medicina. Começou a se interessar por política e, em 1667, foi para Londres para ser secretário do Conde de Shaftesbury, tomando-se mais adiante confidente e amigo desse controvertido estadista. A influência de Shaftesbury no governo diminuiu, e, em 1681, depois de participar de uma conspiração contra o rei Carlos II, fugiu para a Holanda. Embora Locke não se tivesse envolvido na conspiração, seu relacionamento com o conde o deixou sob suspeita, levando-o a fugir também para a Holanda. Vários anos depois, ele pôde voltar à Inglaterra, onde se tornou Comissário de Apelações e escreveu tratados sobre a educação, a religião e a economia. Locke tinha particular interesse pela liberdade

religiosa e pelo direito de autogoverno popular. Seus escritos lhe conferiram muita fama e influência, e ele foi louvado por toda a Europa como defensor do liberalismo no governo.

Sua principal obra de importância para a psicologia é *An Essay Concerning Human Understanding* (Ensaio Acerca do Entendimento Humano) (1690), que foi o ponto culminante de quase vinte anos de estudo e reflexão. Esse livro, que até 1700 teve quatro edições e foi traduzido para o francês e para o latim, assinalou o início formal do empirismo britânico.

Locke se interessava essencialmente pelo funcionamento cognitivo, isto é, os modos pelos quais a mente adquire conhecimento. Ao tratar dessa questão, ele negou a existência de idéias inatas propostas por Descartes, alegando que os seres humanos não estão equipados ao nascer com qualquer espécie de conhecimento. Ele admitia que certos conceitos, como a

44

O filósofo empirista inglês John Locke alegou que, quando nascemos, a mente é uma folha em branco que adquire conhecimento mediante a experiência sensorial.

de Deus, podem parecer inatos aos adultos, mas que isso se deve ao fato de essas idéias nos terem sido ensinadas na infância e ao fato de nós não podermos nos lembrar de nenhuma época em que não tivéssemos consciência delas. Desse modo, Locke explicou o caráter aparentemente inato de algumas idéias em termos de aprendizagem e de hábito.

Como, então, a mente adquire conhecimento? Para Locke, o conhecimento é adquirido por meio da experiência. Todo conhecimento tem base empírica. Ele escreveu:

Suponhamos, pois, que a mente seja, como dizemos, um papel em branco, desprovido de todos os caracteres, sem quaisquer idéias. Como ele vai ser preenchido? De onde há de vir esse vasto estoque que a fantasia humana, ativa e ilimitada, pintou nele com uma variedade quase infinita? De onde ele retira todos os elementos da razão e do conhecimento? A isso respondo, em uma

45

palavra: da experiência. Nela está fundado todo o nosso conhecimento; e dela deriva, em última

análise, o próprio conhecimento (Locke, 1690/1959).

Aristóteles sustentara uma noção semelhante, a de que a mente, no nascimento, era uma tabula rasa, uma folha limpa ou em branco que a experiência iria preencher.

Locke reconhecia dois tipos distintos de experiência, um derivado da sensação e o outro da reflexão. As idéias que advêm da sensação, da estimulação sensorial direta causada por objetos físicos no ambiente, são impressões sensoriais simples. Além da operação dessas sensações na mente, esta também age sobre essas sensações, refletindo acerca delas e, assim, gerando idéias. A função mental ou cognitiva de reflexão como fonte de idéias depende, no entanto, da experiência sensorial, visto que as idéias produzidas pela reflexão da mente se baseiam nas idéias já experimentadas por intermédio dos sentidos.

No desenvolvimento do indivíduo, a sensação vem primeiro. Ela é uma precursora necessária da reflexão porque tem de haver primeiro um reservatório de impressões sensoriais para que a mente seja capaz de refletir. Na reflexão, a pessoa se recorda de impressões sensoriais passadas e as combina de várias maneiras para formar abstrações e outras idéias de nível superior. Todas as idéias, por mais complexas, vêm dessas duas fontes; mas a fonte última permanece sendo as impressões dos sentidos ou a experiência.

Locke também distinguia entre idéias simples e idéias complexas. As idéias simples podem advir da sensação e da reflexão, sendo recebidas passivamente pela mente. São elementos e, por isso, não podem ser analisadas nem reduzidas a idéias mais simples. Entretanto, como observamos, a mente, mediante o processo de reflexão, cria ativamente novas idéias através da combinação de outras. Essas idéias derivadas são o que Locke denominou idéias complexas, que são formadas a partir de idéias simples advindas tanto da sensação como da reflexão. As idéias complexas se compõem de idéias simples, razão por que podem ser analisadas ou decompostas em idéias simples.

Essa noção da combinação ou composição de idéias e de sua análise marca o começo da abordagem da química mental que caracteriza a teoria da associação, na qual idéias simples em ser vinculadas para formar idéias complexas. A associação é um nome mais antigo para o processo que viria a ser chamado de aprendizagem. A redução, ou análise, da vida mental a elementos ou idéias simples e a associação desses elementos para compor idéias complexas formaram o núcleo da nova psicologia científica. Assim como os relógios e outras máquinas podiam ser reduzidos às suas peças componentes, podendo essas peças ser montadas outra vez para formar a máquina complexa, era possível fazer o mesmo com as idéias.

Em essência, Locke tratou a mente como se esta se comportasse de acordo com as leis do universo físico. As partículas básicas ou átomos do mundo mental são as idéias simples, conceitualmente análogas aos átomos materiais do esquema mecanicista de Galileu e Newton. Os elementos básicos da mente são indivisíveis. Eles não podem ser decompostos em nenhuma coisa mais simples e, tal como os seus equivalentes no mundo material, podem combinar-se de várias maneiras para formar estruturas mais complexas. Esse foi um passo significativo para vir-se a considerar a mente tal como já se considerava o corpo: uma máquina.

Outra doutrina proposta por Locke, relevante para a psicologia, é a noção de qualidades primárias e secundárias aplicada a idéias sensoriais simples. As qualidades primárias existem no objeto quer as percebamos ou não. O tamanho e a dimensão de um edifício são qualidades primárias, ao passo que a sua cor é uma qualidade secundária. A cor não é inerente ao objeto, mas depende da pessoa que a percebe. As qualidades secundárias — como a cor, o odor, o som e o gosto — não existem no objeto, mas na percepção que a pessoa tem dele. As cócegas provocadas por uma pena não estão na pena, mas em nossa reação a ela. A dor infligida por uma faca não está na faca, mas em nossa experiência da faca.

46

Um experimento simples ilustra essa doutrina. Prepare três recipientes com água: um com água fria, um com água morna e um com água quente. Coloque uma das mãos na água fria e a outra na água quente; então, ponha ambas as mãos no recipiente com água morna. Uma

das mãos vai perceber essa água como quente e a outra como fria. A água morna tem, é claro, uma só temperatura; ela não é quente e fria ao mesmo tempo. A qualidade secundária ou experiência do calor ou do frio só existe em nossa percepção, não no objeto (nesse caso, a água). Para reiterar, as qualidades secundárias existem apenas no ato da percepção. Se não mordermos um pêssego, o seu gosto não vai existir. As qualidades primárias, como o tamanho e a forma do pêssego, existem nele quer as percebamos ou não.

Locke não foi o primeiro estudioso a distinguir entre qualidades primárias e secundárias. Galileu propusera essencialmente a mesma noção: “Creio que se os ouvidos, a língua e o nariz fossem removidos, as formas, os números e os movimentos [primárias] permaneceria, mas não os odores, gostos e sons [secundárias]. Estes últimos, acredito eu, não são senão nomes quando separados dos seres vivos” (Boas, 1961, p. 262). Essa posição é necessariamente coerente com a essência do mecanismo, e Locke admitiu isso quando observou que a distinção resultava de uma “pequena excursão à filosofia natural”.

A visão mecanicista do universo sustentava que a matéria em movimento constituía a única realidade objetiva. Sendo a matéria tudo o que existe objetivamente, é lógico que a percepção de tudo o mais — cores, odores, sabores, etc. — seria subjetiva. Portanto, tudo o que pode existir independentemente do observador são as qualidades primárias.

Ao estabelecer essa distinção, Locke reconhecia o caráter subjetivo de quase todas as nossas percepções do mundo, uma idéia que o intrigou e alimentou sua necessidade de compreender a mente e a experiência consciente. Ele introduziu as qualidades secundárias para tentar explicar a falta de correspondência precisa entre o mundo físico e a nossa percepção dele.

Uma vez que os estudiosos aceitaram a distinção teórica entre qualidades primárias e secundárias — a idéia de que algumas existiam na realidade e outras somente na nossa percepção — era inevitável que alguém perguntasse se havia, afinal, alguma diferença real entre esses dois tipos de qualidades. Talvez toda a percepção ocorra em termos de qualidades secundárias, subjetivas e dependentes do observador. A pessoa que fez essa pergunta — e lhe deu uma resposta — foi George Berkeley.

George Berkeley (1685-1753)

George Berkeley nasceu e foi educado na Irlanda. Homem profundamente religioso, foi ordenado diácono da Igreja Anglicana aos vinte e quatro anos de idade. Pouco depois, publicou duas obras filosóficas que iriam ter influência sobre a psicologia: *An Essay Towards a New Theory of Vision* (Ensaio para uma Nova Teoria da Visão) (1709) e *A Treatise Concerning the Principles of Human Knowledge* (Tratado Acerca dos Princípios do Conhecimento Humano) (1710). Com esses dois livros, terminou a sua contribuição à psicologia.

Fez muitas viagens pela Europa e ocupou alguns postos na Irlanda, incluindo o de professor no Trinity College, de Dublin. Conseguiu a independência financeira ao receber uma significativa doação em dinheiro de uma mulher que ele conhecera numa festa. Visitou os Estados Unidos, tendo passado três anos em Newport, Rhode Island, e doou sua casa e biblioteca à Universidade Yale quando partiu. Nos últimos anos de sua vida foi bispo de Cloyne. Ao morrer, seu corpo foi deixado na cama, segundo as suas instruções, até começar a se decompor. Berkeley acreditava que a putrefação era o único indício seguro de morte, e não queria ser enterrado antes da hora.

A fama de Berkeley — ou ao menos o seu nome — permanece nos Estados Unidos. Em 47

1855, um clérigo de Yale, o Reverendo Henry Durant, instalou uma academia na Califórnia. Deu-lhe o nome de Berkeley em homenagem ao bom bispo, talvez como reconhecimento por seu poema “On the Prospect of Planting Arts and Learning in America” (Sobre a Perspectiva de Plantar as Artes e a Erudição na América), que inclui o famoso verso: “Westward the course of empire takes its way” (Para o Oeste o curso do império segue seu caminho).

Berkeley concordava com Locke que todo conhecimento do mundo exterior vem da experiência, mas discordava da distinção lockeana entre qualidades primárias e secundárias. Ele dizia que não há qualidades primárias, mas somente o que Locke denominava qualidades secundárias. Para Berkeley, todo conhecimento era uma função da pessoa que percebe ou passa pela experiência. Anos depois, sua posição foi denominada mentalismo, para denotar a ênfase em fenômenos puramente mentais.

Ele afirmava que a percepção é a única realidade de que podemos estar certos. Não nos é dado conhecer com certeza a natureza dos objetos físicos do mundo vivencial. Tudo o que sabemos é como percebemos esses objetos. Como está dentro de nós, sendo portanto subjetiva,

a percepção não reflete o mundo externo. Um objeto físico nada mais é que um acúmulo de sensações experimentadas conjuntamente, de modo que a força do hábito as associa entre si na

mente, O mundo experimentado — o mundo que deriva da nossa experiência ou se baseia nela

— é, ao ver de Berkeley, a soma das nossas sensações.

Não existe, pois, nenhuma substância material sobre a qual possamos estar certos,

porque, se retirarmos a percepção, a qualidade desaparece. Não pode haver cor sem a percepção da cor, nem forma ou movimento sem a percepção da forma ou do movimento.

Berkeley não estava dizendo, contudo, que os objetos reais só existem no mundo material quando percebidos. Sua tese era: como toda experiência ocorre dentro de nós e é relativa à nossa percepção, nunca podemos conhecer com certeza a natureza física dos objetos. Contamos apenas com a percepção que temos deles.

Ele reconhecia a existência de um certo grau de independência, de consistência e estabilidade nos objetos do mundo material, e tinha de descobrir alguma maneira de explicar isso. Ele o fez invocando Deus; afinal, Berkeley era bispo. Deus funcionava como uma espécie de ‘percebedor permanente’ de todos os objetos do universo. Pode-se dizer que uma árvore na floresta existe e possui certas características, mesmo que não haja ninguém lá para percebê-la, porque Deus a está sempre percebendo.

Berkeley aplicou a teoria da associação para explicar o nosso conhecimento dos objetos do mundo real. Esse conhecimento é essencialmente uma construção ou composição de idéias simples ou elementos mentais unidos pelo cimento da associação. As idéias complexas são

formadas mediante a conjugação de idéias simples recebidas através dos vários sentidos, t como ele explicou no Ensaio para uma Nova Teoria da Visão:

Sentado no meu gabinete, ouço uma carruagem descer a rua; olho pela [e a vejo; vou para rua e entro na carruagem. Então, a linguagem comum inclinaria alguém a pensar que ouvi, vi e toqi a mesma coisa, a saber, a carruagem. É, não obstante, certo que as idéias introduzidas por ca sentido são amplamente diferentes e distintas uma da outra; mas, tendo sido observadas constas mente em conjunto, são tratadas como se fossem uma só e a mesma coisa (Berkeley, 1709/1957;

Para Berkeley, a idéia da carruagem é constituída a partir do som das suas rodas, sensação da sua estrutura, do cheiro do seu couro e da visão da sua forma de caixa. A mel constrói as idéias complexas conjugando as idéias simples que lhe servem como blocos bási de construção. A analogia mecânica no uso das palavras construir e blocos de construção 1 é coincidência.

48

Berkeley também empregou a associação para explicar a percepção em profundidade. Ele examinou o problema da percepção na terceira dimensão — a profundidade — considerando o fato de o olho humano ter uma retina de apenas duas dimensões. Sua resposta foi que percebemos a profundidade como resultado da experiência, isto é, devido à repetida associação entre impressões visuais e sensações de tato e movimento que ocorrem nos ajustes e acomo dações feitos pelos olhos quando observamos objetos a distâncias diferentes, ou nos movimen tos corporais que fazemos quando nos aproximamos ou nos afastamos dos objetos que vemos. Em outras palavras, as contínuas experiências sensoriais de caminhar na direção dos objetos ou de alcançá-los, e as sensações advindas dos músculos oculares, se associam ou se ligam para produzir a percepção da profundidade. Quando um objeto é aproximado dos olhos, as pupilas convergem; essa convergência diminui quando o objeto é afastado. Logo, a percepção da profundidade não é uma experiência sensorial simples, mas uma associação de idéias que devem ser aprendidas.

No caso, talvez pela primeira vez, um processo puramente psicológico foi explicado em termos da associação de sensações. Dessa maneira, Berkeley deu continuidade à crescente tendência associacionista no âmbito do empirismo. Sua explicação antecipava de modo preciso a moderna concepção da percepção da profundidade ao considerar as influências dos indícios fisiológicos de acomodação e convergência.

David Huine (1711-1776)

David Hume, filósofo e historiador, estudou Direito na Universidade de Edimburgo, na Escócia, mas não se graduou. Dedicou-se a uma carreira comercial, mas, como não a achou do seu agrado, viveu com sua pequena renda durante três anos de estudo autodidático no campo da filosofia na França. Mudou-se para a Inglaterra e escreveu A Treatise of Huínan Nature (Tratado sobre a Natureza Humana) (1739), seu trabalho de maior importância para a psicologia. Seguiram-se outros livros, e ele alcançou considerável fama como escritor, enquan to trabalhava como secretário, bibliotecário, juiz-advogado de uma expedição militar e tutor de um lunático de berço nobre. Ocupou também vários cargos governamentais e foi muito bem recebido na Europa.

Hume apoiou a noção lockeana da combinação de idéias simples em idéias complexas, e desenvolveu e tornou mais explícita a teoria da associação. Concordou com Berkeley que o mundo material não existe para o indivíduo até ser percebido, e levou a idéia um pouco mais longe: aboliu a mente como substância, dizendo que ela, tal como a matéria, é uma qualidade secundária. A mente só é observável por meio da percepção e não passa do fluxo de idéias, sensações e lembranças.

Estabeleceu uma distinção entre duas espécies de conteúdo mental: impressões e idéias. As impressões são os elementos básicos da vida mental, assemelhando-se à sensação e à percepção na terminologia de hoje. As idéias são as experiências mentais que temos na ausência de objetos estimulantes; seu equivalente moderno é a imagem.

Hume não definiu impressões e idéias em termos fisiológicos, nem com referência a quaisquer estímulos externos. Ele teve o cuidado de não atribuir causas últimas às impressões. Esses conteúdos mentais diferem das idéias, não na sua fonte ou ponto de origem, mas em termos de sua força relativa. As impressões são fortes e vívidas, ao passo que as idéias são cópias fracas de impressões. Esses dois tipos de conteúdo mental podem ser simples ou complexos, e uma idéia simples se assemelha à sua impressão simples. As idéias complexas não se assemelham necessariamente a quaisquer idéias simples, visto advirem de uma combi

49

nação de várias idéias simples em algum novo padrão, que se compõe a partir dessas idéias simples por associação.

Foram propostas duas leis de associação: a semelhança ou similaridade, e a contigüidade no tempo e no espaço. Quanto mais semelhantes e contíguas duas idéias, tanto mais prontamente elas se associam.

A obra de Hume está situada no referencial mecanicista e dá continuidade ao desenvolvimento do empirismo e do associacionismo. Ele alegava que, assim como os astrônomos determinaram as leis e forças do universo físico a partir das quais funcionam os corpos celestes, também era possível determinar as leis do universo mental. Acreditava que as leis da associação de idéias eram a contraparte mental da lei da gravidade na física, que eram princípios universais do funcionamento da mente. Mais uma vez, vemos a noção de que idéias complexas são construídas mecanicamente, através de um amálgama de idéias simples.

David Hartley (1705-1757)

David Hartley, filho de um ministro religioso, preparava-se para uma carreira eclesiástica, mas voltou-se para a medicina por causa de dificuldades doutrinárias. Levou uma vida calma e rotineira como médico e tornou-se filósofo autodidata. Em 1749, publicou *Observations on Man, His Frame, His Duty, and His Expectations* (Observações sobre o Homem, sua Constituição, seu Dever e suas Expectativas). Essa foi sua obra mais importante, considerada por muitos a primeira exposição sistemática da associação.

Hartley é digno de nota não tanto pela originalidade de suas idéias sobre a associação quanto pela clareza e precisão com que organizou e apresentou o trabalho anterior de outros. O conceito de associação de idéias, naturalmente, não começou com Hartley, mas

ele serviu ao significativo propósito de reunir as tendências anteriores de pensamento, sendo com frequência reconhecido como o fundador formal do associacionismo enquanto doutrina.

A lei fundamental de associação de Hartley é a contigüidade, com a qual ele tentou explicar os processos da memória, do raciocínio, da emoção, bem como da ação voluntária involuntária. As idéias ou sensações que ocorrem juntas, de modo simultâneo ou sucessivo, se associam de tal maneira que a ocorrência de uma resulta na ocorrência da outra. Hartley também acreditava que a repetição era tão necessária quanto a contigüidade para a formação de associações.

Ele concordava com Locke que todas as idéias e todo o conhecimento são derivados experiência sensorial, que não há associações inatas nem conhecimentos presentes ao nascer. À medida que a criança cresce e acumula uma variedade de experiências sensoriais, vão se estabelecendo conexões ou cadeias de associação de complexidade crescente. Assim, época em que a pessoa alcança a idade adulta desenvolvem-se sistemas superiores de pensamento. A vida mental de ordem superior pode ser analisada ou reduzida aos elementos átomos dos quais se formou mediante a combinação mental de associações. Hartley foi primeiro a aplicar a doutrina da associação para explicar todos os tipos de atividade mental.

Assim como outros antes dele, Hartley considerava o mundo mental em termos mecânicos. Num aspecto, ele foi além dos objetivos dos outros empiristas e associacionistas. Ele apenas explicou processos psicológicos em termos mecânicos como ainda tentou explicar processos fisiológicos, que estavam em sua base, a partir desse mesmo referencial. Naturalmente que ele tentasse isso devido aos seus estudos de medicina, que poucos de seus predecessores ou colegas filósofos tinham tido.

Newton afirmara que os impulsos do mundo físico têm natureza vibratória. Hartley empregou esse princípio para explicar a operação do cérebro e do sistema nervoso, e ter

dito que as suas idéias “prefiguram alguns aspectos da neurofisiologia contemporânea” (Smith, 1987, p. 123). As vibrações nos nervos — que Hartley considerava sólidas, em vez de ósculas, como Descartes pensara — transmitem impulsos de uma para outra parte do corpo. Essas vibrações produzem no cérebro vibrações menos intensas que Hartley considerava os equivalentes fisiológicos das idéias. A importância dessa noção para a psicologia é o fato de ser mais uma tentativa de usar o conhecimento do universo mecânico como modelo para a compreensão da natureza humana.

James Mill (1773-1836)

James Mill foi educado na Universidade de Edimburgo, na Escócia, e foi ministro da

David Hartley formalizou a doutrina da associação, que usou para explicar todos os tipos de atividade mental

Igreja por um curto período de tempo. Quando descobriu que ninguém conseguia entender seus sermões, deixou a Igreja da Escócia para ganhar a vida como escritor. Seus livros

foram muitos e variados, e sua mais famosa obra literária é *History of British India* (História das Índias Britânicas), que levou onze anos para terminar. Sua contribuição mais importante para a psicologia é *Analysis of the Phenomena of the Human Mind* (Análise dos Fenômenos da Mente Humana) (1829).

Milii aplicou a doutrina mecanicista à mente humana com uma precisão e abrangência raras. Seu objetivo era destruir a idéia de atividades psíquicas ou subjetivas e demonstrar que

a mente não passa de uma máquina. Milii acreditava que os outros empiristas, ao alegarem que

a mente é semelhante a uma máquina em suas operações, não tinham ido longe o bastante. A

mente é uma máquina — ela funciona do mesmo modo mecânico que um relógio — e é posta

em ação por forças físicas externas, sendo dirigida por forças físicas internas.

Segundo James Milii, a mente é uma entidade passiva que sofre a ação de estímulos externos. A pessoa responde a esses estímulos de modo automático e é incapaz de agir com espontaneidade. Como se vê, Milii não deu espaço algum para o livre-arbítrio. Esse ponto de vista persiste hoje nas formas de psicologia derivadas da tradição mecanicista, principalmente o comportamentalismo de B. F. Skinner.

Como sugere o título de sua principal obra, Milii acreditava que a mente deveria ser estudada através da análise, pela redução a seus componentes elementares. Trata-se, como vimos, de uma das bases do mecanicismo. Para entender fenômenos complexos, quer no mundo mental quer no físico, sejam eles idéias ou relógios, é necessário decompô-los até chegar aos seus componentes indivisíveis. Milii escreveu que um ‘conhecimento diferencial dos elementos é indispensável para uma compreensão precisa daquilo que é composto a partir deles’ (Milii, 1829, Vol. 1, p. 1).

Ele sugeriu que as sensações e as idéias são os únicos tipos de elementos mentais que existem. Para a tradição empirista-associacionista até então aceita, todo o conhecimento começa com as sensações, das quais são derivados, através do processo da associação, os complexos de idéias de ordem superior. Para Milii, a associação é uma questão de contigüidade ou concomitância e pode ser tanto simultânea como sucessiva.

Milii acreditava que a mente não tem função criativa, pois a associação é um processo passivo. Em outras palavras, sensações ocorridas juntas numa certa ordem se reproduzem mecanicamente como idéias, e essas idéias acontecem na mesma ordem de suas sensações correspondentes. A associação é tratada em termos mecânicos, e as idéias resultantes são apenas a acumulação ou soma dos elementos individuais.

John Stuart Milii (1806-1873)

James Milii aceitou o argumento de Locke de que a mente humana, ao nascer, é como papel em branco, uma folha vazia que a experiência vai preencher. Quando seu filho John nasceu, Milii resolveu que determinaria as experiências que iriam preencher a mente do menino, e empreendeu o que pode ser considerado o mais rigoroso exemplo de educação particular

registrado. Todos os dias, por até cinco horas, ele ensinava ao filho grego, latin álgebra, geometria, lógica, história e economia política, questionando-o repetidas vezes até que ele desse as respostas corretas.

Aos três anos de idade, John Stuart Miii lia Platão no original em grego. Aos onzi escreveu seu primeiro artigo acadêmico e, aos doze, já dominava o currículo universitário padrão da época. Aos dezoito, ele descreveu a si mesmo como uma “máquina lógica” e, ai vinte e um, sofreu um grave colapso mental, com intensas sensações de depressão. Foram necessários vários anos para que recuperasse seu senso de valor pessoal.

52

John Stuart MIII acreditava que a mente tinha um papel ativo na associação de idéias.

Foi funcionário da Companhia das Índias Orientais durante muitos anos, incumbido da correspondência rotineira sobre a administração inglesa da Índia. Aos vinte e quatro anos, apaixonou-se por uma bela e inteligente mulher casada, Harriet Taylor, que teria profunda influência sobre a sua obra. Quando o marido da senhora Taylor morreu, quase vinte anos depois, Miii a desposou, tendo mais tarde escrito um ensaio intitulado *The Subjection of Women* (A Sujeição das Mulheres), inspirado pelas experiências conjugais de sua esposa com o primeiro marido.

Mili espantava-se com o fato de as mulheres não terem direitos financeiros nem de propriedade, e comparava a situação feminina com a de outros grupos desprivilegiados. Condenava a idéia de que a esposa devesse se submeter sexualmente ao marido a pedido dele, mesmo contra a sua vontade, e de que o divórcio com base na incompatibilidade não fosse permitido. Ele sugeriu que o casamento deveria ser mais uma parceria entre iguais do que um relacionamento entre senhor e escrava (Rose, 1983).

Sigmund Freud mais tarde traduziu o ensaio para o alemão e, em cartas à sua noiva,

53

depreciou a noção da igualdade entre os sexos proposta por Miii. Freud escreveu: A posição da mulher não pode ser senão o que é: uma queridinha adorada na juventude e uma esposa amada na maturidade” (Freud, 1964, pp. 75-76).

Graças aos seus escritos sobre uma variedade de tópicos, John Stuart Miii tomou-se uma figura conhecida e um influente colaborador daquilo que logo se tornaria a nova ciência da psicologia. Manifestou-se contra a posição mecanicista e atomista do pai, James Miii, que considerara a mente uma entidade inteiramente passiva, algo que apenas sofria a ação de estímulos externos. Para John Stuart Mili, a mente tinha um papel ativo na associação de idéias. As idéias complexas, sugeriu ele, não são apenas uma soma decorrente da associação de idéias simples; elas são mais do que a soma das partes individuais (as idéias simples) porque assumem novas qualidades que não estavam presentes nos seus componentes mais simples. Por exemplo, a mistura de pigmentos azuis, vermelhos e verdes na proporção correta produz o branco, que é uma qualidade inteiramente nova. Do ponto de vista dessa síntese criativa, a combinação de elementos mentais sempre gera alguma coisa nova.

John Stuart Miii teve o seu pensamento influenciado pelas descobertas da ciência química, que lhe forneceu um modelo ou contexto diferente do da física, que moldara tão fortemente

as idéias de seu pai e dos primeiros empiristas e associacionistas. Os pesquisadores na área da química estavam demonstrando o conceito de síntese, segundo o qual os compostos químicos exibem atributos não identificados em suas partes ou elementos componentes. A combinação adequada de hidrogênio e oxigênio produz a água, que tem propriedades que não estão presentes em nenhum dos elementos que a compõem. Do mesmo modo, as idéias complexas surgem de combinações de idéias simples e possuem características não encontradas nesses elementos. Mil! denominou sua abordagem associacionista de química mental.

A segunda contribuição importante de Mil! para a psicologia é o seu persuasivo argumento de que é possível ter uma ciência da psicologia. Miii fez essa afirmação numa época em que outros filósofos, notadamente Auguste Comte, negavam a possibilidade de estudar a mente em termos científicos. John Stuart Miii também propôs um campo de estudo, denominado etologia, dedicado à consideração dos fatores que influenciam o desenvolvimento da personalidade humana.

Contribuições do Empirismo à Psicologia

Com o desenvolvimento do empirismo, os filósofos se afastaram das abordagens anteriores do conhecimento. Embora permanecessem tratando basicamente dos mesmos problemas,

a sua abordagem se tomara atomista, mecanicista e positivista.

Recapitulemos as ênfases do empirismo: o papel essencial dos processos da sensação; a análise da experiência consciente em seus elementos; a síntese de elementos para formar experiências mentais mais complexas por meio do processo da associação; e a concentração nos processos conscientes. O principal papel desempenhado pelo empirismo na formação da nova psicologia científica estava prestes a tornar-se evidente, e veremos que os interesses do empiristas constituem o objeto de estudo básico da psicologia.

Perto da metade do século XIX, a filosofia tinha feito tudo o que podia. A justificativa teórica de uma ciência natural do homem fora estabelecida. O que era necessário para traduzir a teoria em prática era uma abordagem experimental do objeto de estudo. E isso logo iria desenvolver sob a influência da fisiologia experimental, que forneceu os tipos de experimentação que completaram as bases para a nova psicologia.

54

Sugestões de Leitura

O Espírito do Mecanismo e o Universo Mecânico

Lancel, D. S., *Revolution in Time: Clocks and the Making of the Modern World*, Cambridge, Massachusetts, Belknap Press of Harvard University Press, 1983. Caracteriza a invenção do relógio mecânico como um dos mais significativos eventos da história humana e avalia o impacto dos relógios no desenvolvimento da ciência e da sociedade.

Lowry, R., *The Evolution of Psychological Theory: A Critical History of Concepts and Presuppositions*, 2 ed., Nova York, Aldine, 1982. Uma análise dos principais pressupostos e pontos de vista a partir dos quais se desenvolveu a psicologia moderna, a começar pelas idéias do mecanismo mental e fisiológico do século XVII.

Descartes e o Problema Mente-Corpo

Watson, R. I., "A prescriptive analysis of Descartes's psychological views", *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 7, pp. 223-248, 1971. Uma descrição geral e uma discussão crítica das concepções cartesianas sobre a estrutura da mente e da distinção estabelecida por Descartes entre mente e corpo.

Empirismo e Associacionismo Britânicos

Drever, J., "The historical background for national trends in psychology: On the nonexistence of English

associationism", *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 1, pp. 123-130, 1965.

Descreve as contribuições de Locke, Berkeley, Hume, Hartley e outros ao pensamento associacionista.

Milner, E. F., "Hume's contribution to behavioral science", *Journal of the History of the Behavioral*

Sciences, n 7, pp. 154-168, 1971. Discute as idéias dos escritos de Hume que fornecem um fundamento para uma ciência empírica do comportamento.

Moore-Russell, M. E., "The philosopher and society: John Locke and the English revolution", *Journal*

of the History of the Behavioral Sciences, n 14, pp. 65-73, 1978. Observa o impacto do *Zeitgeist*

e de outras forças sociais e políticas sobre o desenvolvimento das teorias de Locke.

Smith, C. U. M., "David Hartley's Newtonian neuropsychology", *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 23, pp. 123-136, 1987. Descreve a teoria vibracional de Hartley sobre o funcionamento do cérebro e do sistema nervoso, vinculando-a com o trabalho anterior de Newton e com idéias da neuropsicologia contemporânea.

Warren, H. C., "Mental association from Plato to Hume", *Psychological Review*, n 23, pp. 208-230,

1916. Abrange idéias do associacionismo formuladas por Locke, Berkeley, Hume e outros, e observa

suas raízes na obra de estudiosos anteriores como Platão, Aristóteles e Santo Agostinho.

55

3

Influências Fisiológicas sobre a Psicologia

O Papel do Observador Humano

Ernst Weber (1795-1878) O Limiar de Dois Pontos A Diferença apenas Perceptível

Gustav Theodor Fechner (1801-1887) A Vida de Fechner

O Relacionamento Quantitativo entre Mente e Corpo

Os Métodos da Psicofísica

Tudo começou com uma diferença de cinco décimos de segundo nas observações feitas por dois astrônomos. Era o ano de 1795. O astrônomo real da Inglaterra, Nevil Maskelyne percebeu que as observações feitas pelo seu assistente do tempo que uma estrela levava para passar de um ponto a outro sempre registravam um intervalo menor do que as suas.

Maskelyne advertiu o homem por seus repetidos erros e o alertou para que fosse mais cuidadoso. (o assistente tentou, mas as diferenças persistiram. Com o passar do tempo, elas aumentaram e cinco meses mais tarde, suas observações apresentavam uma diferença de oito décimos de segundo com relação à do astrônomo real. Por isso, o assistente foi dispensado e passou para o apinhado local conhecido como a obscuridade.

Nos vinte anos seguintes, o incidente foi ignorado até ser investigado por Friedrich Wilhelm Bessel, astrônomo alemão há muito interessado por erros de medida. Ele suspeitou que os erros cometidos pelo assistente de Maskelyne fossem causados por diferenças individuais, por fatores pessoais sobre os quais não se tem controle. Se essa suposição estivesse correta, raciocinou Bessel, as variações de observação seriam comuns na experiência de todos os astrônomos. Ele testou sua hipótese e descobriu que ela estava correta. Os desacordos e contradições, mesmo entre os astrônomos mais experientes.

Essa descoberta é importante por ter apontado para duas conclusões inexoráveis. 1

O Papel do Observador Humano

Principais Avanços da Fisiologia

Os Primórdios da Psicologia Experimental Por que a Alemanha?

Hermann von Helmholtz (1821-1894) A Vida de Helmholtz

Problemas da Psicologia Sensorial

A Fundação Formal da Nova Ciência da Psicologia

56

primeiro lugar, que a astronomia teria de levar em conta a natureza do observador humano, porque suas características pessoais podiam influenciar as observações relatadas. Em segundo, se o papel do observador humano tinha de ser considerado na astronomia, por certo seria necessário levá-lo em conta em todas as outras ciências que se apoiassem na observação.

Filósofos como Locke e Berkeley discutiram a natureza subjetiva da percepção, afirmando que nem sempre há, ou nem sequer é frequente haver, uma correspondência exata entre a natureza de um objeto e a percepção que uma pessoa tem dele. Com a obra de Bessel, temos dados de uma ciência rigorosa, a astronomia, para ilustrar essa mesma opinião.

Como consequência, esse evento obrigou a comunidade científica a focalizar o papel do observador humano e a natureza da observação para entender devidamente os resultados dos seus experimentos e as conclusões que tiravam sobre a natureza do mundo físico. Os cientistas passaram a investigar os processos psicológicos da sensação e da percepção estudando os órgãos dos sentidos e os mecanismos fisiológicos mediante os quais recebemos informações acerca do mundo. Assim que os primeiros fisiologistas começaram a estudar a sensação, a psicologia estava a um passo curto e inevitável do seu surgimento.

Primeiros Avanços da Fisiologia

A pesquisa fisiológica que estimulou e orientou diretamente a nova psicologia foi um produto do final do século XIX. Como ocorre com todos os empreendimentos, ela teve seus antecedentes, e é instrutivo considerar esses primeiros trabalhos.

A fisiologia tornou-se uma disciplina de orientação experimental na década de 1830, principalmente sob a influência do fisiologista alemão Johannes Müller (1801-1858), que defendeu a aplicação do método experimental à fisiologia. Müller tinha a prestigiosa posição de professor de anatomia e fisiologia na Universidade de Berlim, sendo um cientista fenomenalmente produtivo: publicava, em média, um artigo acadêmico a cada sete semanas, ritmo que manteve por trinta e oito anos. Uma de suas publicações mais influentes foi o *Handbuch der Physiologie des Menschen* (Manual de Fisiologia Humana), que resumiu a pesquisa fisiológica do período e sistematizou um vasto corpo de conhecimentos. Volumes do *Handbuch* publicados entre 1833 e 1840 citavam muitos trabalhos novos, indicando a enorme expansão da pesquisa em fisiologia experimental. A necessidade de uma obra como essa refletiu-se na rápida tradução para o inglês do primeiro volume, em 1838, e do segundo, em 1842.

Müller também é importante para a fisiologia e para a psicologia por causa de sua teoria das energias específicas dos nervos. Ele propôs que a excitação ou estimulação de um dado nervo sempre produz uma sensação característica, já que cada nervo sensorial tem sua própria energia específica. Essa idéia levou a muitas pesquisas que buscavam localizar funções no sistema nervoso e delimitar mecanismos receptores sensoriais na periferia do organismo.

Vários dos primeiros fisiologistas deram substanciais contribuições ao estudo das funções cerebrais. Seu trabalho é significativo para a psicologia por causa de suas descobertas de áreas especializadas do cérebro e por haverem desenvolvido métodos de pesquisa mais tarde amplamente usados pela psicologia fisiológica.

Um pioneiro na investigação do comportamento reflexo foi Marshall Hall (1790-1857), um médico escocês que trabalhava em Londres. Hall observou que animais decapitados continuavam a se movimentar por algum tempo quando submetidos a formas apropriadas de estímulo. Ele concluiu que os vários níveis de comportamento dependem de partes distintas do cérebro e do sistema nervoso. Hall postulou especificamente que o movimento voluntário depende do cérebro; o movimento reflexo, da medula espinhal; o movimento involuntário, do estímulo direto da musculatura, e o movimento respiratório, da medula.

57

Pierre Flourens (1794-1867), professor de história natural do Collège de France, em Paris, destruiu sistematicamente várias partes do cérebro e da medula espinhal e observou as conseqüências, concluindo que o cérebro controla os processos mentais superiores; partes do mesencéfalo controlam os reflexos visuais e auditivos; o cerebelo controla a coordenação, e o bulbo raquidiano controla as batidas do coração, a respiração e outras funções vitais.

Embora ainda sejam válidas de modo geral, as descobertas de Hall e Flourens têm, para nossos propósitos, importância secundária diante da introdução por esses pesquisadores do

método de extirpação. Nessa técnica, o pesquisador tenta determinar a função de uma dada parte do cérebro removendo-a ou destruindo-a e observando as modificações resultantes no comportamento do animal.

Na metade do século XIX houve a introdução de duas abordagens experimentais para o estudo do cérebro: o método clínico e o uso de estímulos elétricos. O método clínico foi desenvolvido em 1861 por Paul Broca (1824-1880), cirurgião de um hospício perto de Paris. Ele fez a autópsia de um homem que durante muitos anos fora incapaz de falar inteligivelmente. O exame revelou uma lesão na terceira convolução frontal do córtex cerebral. Broca denominou essa seção do cérebro centro da fala, mais tarde chamada, apropriadamente, área de Broca. O método clínico é um útil suplemento da extirpação, visto ser difícil conseguir sujeitos humanos que aceitem a extirpação de partes do seu cérebro. Como uma espécie de extirpação póstuma, esse método oferece a oportunidade de examinar a área danificada do cérebro, a área que se supõe ser responsável por uma condição comportamental existente antes da morte do paciente.

O uso de estímulos elétricos para estudar o cérebro foi introduzido por Gustav Fritsch e Eduard Hitzig em 1870, e consiste em explorar o córtex cerebral com correntes elétricas fracas. Os dois pesquisadores descobriram que a estimulação de certas áreas corticais produzia respostas motoras. Com o desenvolvimento de equipamentos eletrônicos mais sofisticados e precisos, esse método tomou-se, provavelmente, a técnica mais produtiva no estudo de funções cerebrais.

Os fisiologistas estavam aprendendo muito sobre a estrutura e o funcionamento do cérebro humano. Além disso, estavam sendo realizadas inúmeras pesquisas acerca da estrutura do sistema nervoso e da natureza da atividade neural. Como observamos, havia duas teorias anteriores sobre o modo de transmissão da atividade nervosa no corpo: a teoria dos tubos nervosos adotada por Descartes e a teoria das vibrações de Hartley.

Perto do final do século XVIII, o pesquisador italiano Luigi Galvani (1737-1798) sugerira que a natureza dos impulsos nervosos era elétrica e seu sobrinho, Giovanni Aldini, deu prosseguimento às suas pesquisas. Aldini “misturava a pesquisa séria com o exibicionismo. Uma das mais tenebrosas exposições de Aldini, destinada a enfatizar a eficácia da estimulação elétrica na obtenção de movimentos musculares espasmódicos, envolveu o uso das cabeças recém-cortadas de dois criminosos” (Boakes, 1984, p. 96). As pesquisas prosseguiram com tanta rapidez e com resultados tão convincentes que, na metade do século XIX, a natureza elétrica dos impulsos nervosos já era aceita como fato. Acreditava-se que o sistema nervoso era essencialmente um condutor de impulsos elétricos e que o sistema nervoso central funcionava como uma estação distribuidora, enviando os impulsos para as fibras nervosas sensoriais ou motoras.

Embora essa posição fosse um avanço diante das teorias de Descartes e de Hartley, e termos conceituais não havia muita diferença entre elas. Tanto o ponto de vista novo como antigos tinham natureza reflexa. Todos sugeriam que alguma coisa vinda do mundo externo (um estímulo) entrava em contato com um órgão dos sentidos e excitava um impulso nervoso que ia até o lugar apropriado no cérebro ou no sistema nervoso central. Ali, em resposta ao impulso, era gerado um novo impulso, transmitido, através dos nervos motores, para produzir alguma resposta da parte do organismo.

No decorrer do século XIX, a estrutura anatômica do sistema nervoso também est

sendo definida. Veio-se a compreender que as fibras nervosas se compunham, na realidade, de estruturas separadas chamadas neurônios, que de alguma maneira se uniam ou entravam em contato em pontos denominados sinapses. Essas descobertas eram compatíveis com uma imagem mecanicista e materialista dos seres humanos. Pensava-se que o sistema nervoso, assim como a mente, era formado por estruturas atomísticas que se combinavam para gerar o produto mais complexo.

Assim, o espírito do mecanismo dominava tanto a fisiologia como a filosofia do século XIX. Em nenhum lugar isso era mais pronunciado do que na Alemanha. Na década de 1840, um grupo de cientistas, muitos deles ex-alunos de Johannes Müller, formou a Sociedade Física de Berlim. Esses cientistas, jovens na casa dos vinte anos, se comprometeram com a seguinte proposição: todos os fenômenos, incluindo os pertinentes à matéria viva, podem ser explicados em termos físicos. O que eles esperavam fazer era relacionar ou ligar a fisiologia e a física. Seu objetivo era uma fisiologia que seguisse o espírito do mecanismo. Num gesto dramático, quatro dos jovens cientistas (incluindo Hermann von Helmholtz, a quem vamos conhecer logo) fizeram um juramento solene, assinando-o com o próprio sangue — de acordo com a lenda. O juramento afirmava que as únicas forças ativas no organismo são as forças físico-químicas comuns. E assim foram encontrados os caminhos para formar o núcleo da fisiologia do século XIX: o materialismo, o mecanicismo, o empirismo, a experimentação e a medição.

Os primeiros desenvolvimentos da fisiologia indicam os tipos de técnicas de pesquisa e as descobertas que sustentavam uma abordagem científica da investigação psicológica da mente. Como sugerimos, a direção da pesquisa fisiológica influenciou a psicologia recém surgida. A questão principal é que, enquanto os filósofos preparavam o caminho para uma abordagem experimental da mente, os fisiologistas investigavam experimentalmente os mecanismos fisiológicos que estão na base dos fenômenos mentais. O próximo passo era aplicar o método experimental à própria mente.

Os empiristas britânicos tinham afirmado que a sensação é a única fonte do conhecimento. O astrônomo Bessel tinha demonstrado a importância da sensação e da percepção na ciência. Os fisiologistas estavam definindo a estrutura e a função dos sentidos. Tinha chegado o momento de fazer experimentos e quantificar esse acesso para a mente, a vivência subjetiva e mentalista da sensação. Havia técnicas para investigar o corpo; a partir de então essas técnicas são desenvolvidas para explorar a mente. A psicologia experimental estava pronta para começar.

Os Primórdios da

Psicologia Experimental

Quatro cientistas são responsáveis diretos pelas primeiras aplicações do método experimental ao objeto de estudo da psicologia: Hermann von Helmholtz, Ernst Weber, Gustav Theodor Fechner e Wilhelm Wundt. Os quatro eram alemães, conheciam fisiologia e estavam a par dos impressionantes desenvolvimentos da fisiologia e da ciência havidos na metade do século XIX.

Por que a Alemanha?

O pensamento científico progredia na maioria dos países da Europa Ocidental no século XIX, especialmente na Inglaterra, na França e na Alemanha. Nenhum país monopolizava o entusiasmo, a determinação ou o otimismo com que os instrumentos da ciência eram encarados e usados. Por que, então, a psicologia experimental começou na Alemanha, e não na Inglaterra

59

ou na França? Havia alguma característica peculiar que fazia da ciência alemã um terreno mais propício à fecundação da nova psicologia?

Embora as generalizações sejam suspeitas e se encontrem freqüentes exceções à regra, é possível sugerir que a época favoreceu a Alemanha como lugar de origem da nova psicologia. Durante um século, a história intelectual alemã preparara o caminho para uma ciência psico lógica experimental. Ali, a fisiologia experimental estava firmemente estabelecida e era reconhecida num grau ainda não alcançado na França e na Inglaterra. O chamado temperamento alemão ajustava-se bem à descrição e classificação taxonômicas, cuidadosas e minuciosas, e necessárias ao trabalho em biologia, zoologia e fisiologia. A abordagem dedutiva e matemática da ciência era privilegiada na França e na Inglaterra, enquanto a Alemanha, com a sua ênfase na coleta conscienciosa e detalhada de fatos observáveis, tinha adotado uma abordagem classificatória ou indutiva.

Como a ciência biológica e fisiológica não se presta a grandes generalizações a partir das quais os fatos possam ser deduzidos, a biologia só foi aceita muito lentamente nas comunidades científicas da Inglaterra e da França. A Alemanha, no entanto, que se interessava pela descrição e pela categorização e acreditava nesses métodos, acolheu a biologia na sua família de ciências.

Além disso, a ciência tinha para os alemães uma aceção bem ampla. Na França e na Inglaterra, a ciência era algo limitado à física e à química, que podiam ser abordadas quantitativamente. Na Alemanha, em contrapartida, a ciência incluía áreas como fonética, lingüística, história, arqueologia, estética, lógica e crítica literária. Os estudiosos franceses e ingleses eram céticos quanto à aplicação da ciência a algo tão complexo como a mente humana. Isso não ocorria com os alemães, que partiram bem à frente, sem a restrição dos preconceitos, usando o instrumental da ciência para examinar e medir as facetas da vida mental.

A Alemanha também oferecia maiores oportunidades de aprendizagem e prática das novas técnicas científicas — e, nisso, vemos a influência do fator contextual das condições econômicas vigentes. Por causa de sua situação política, a Alemanha tinha um grande número de universidades. Antes de 1870, ano em que a Alemanha se tornou uma nação unificada com um governo central, o país consistia em uma frouxa confederação de reis, ducados e cidades- Estado autônomos. Cada um desses distritos ou províncias tinha estabelecido sua própria bem- financiada universidade. Cada uma delas tinha um corpo docente extremamente bem pago e os mais avançados equipamentos científicos de laboratório.

Em contraste, a Inglaterra contava, na época, com apenas duas universidades, Oxford e Cambridge, e nenhuma facilitava, encorajava ou apoiava a pesquisa científica em qualquer disciplina. Na realidade, elas se opunham ao acréscimo de novos campos de estudo ao

currículo. Em 1877, Cambridge vetou um pedido de ensino de psicologia experimental, porque

isso iria “insultar a religião ao pôr a alma humana num par de pratos de balança” (Hearnshaw,

1987, p. 125). A psicologia experimental só seria ensinada em Cambridge vinte anos depois,

e só foi oferecida em Oxford em 1936. A única maneira de praticar ciência na Inglaterra era ser um cavalheiro-cientista, com renda própria, como Charles Darwin ou Francis Galton (ver

o Capítulo 6). A situação era semelhante na França e, nos Estados Unidos, só em 1876 passou

a haver universidades dedicadas à pesquisa, com a fundação da Universidade Johns Hopkins

em Baltimore, Maryland.

Logo, havia mais oportunidades de pesquisa científica na Alemanha do que em qualquer outro lugar. Em termos pragmáticos, era possível viver como cientista pesquisador na Alemanha, mas não na França, na Inglaterra ou nos Estados Unidos.

No início do século XIX, uma onda de reformas educacionais varreu as universidades alemãs. Desenvolvia-se um novo tipo de instituição, desconhecido em outros lugares e voltado

60

para os princípios da liberdade acadêmica e da pesquisa, envolvendo professores e alunos. Os membros do corpo docente podiam ensinar o que quisessem, sem interferência exterior, e pesquisar o que preferissem. Os alunos podiam escolher os cursos e não tinham um currículo rígido como estorvo. Essa liberdade também se estendia à consideração de novas ciências como a psicologia.

Esse sentido de universidade propiciava o ambiente ideal para o florescimento da investigação científica. Os professores podiam não só fazer palestras, mas também orientar alunos em pesquisas experimentais, em laboratórios bem equipados. Em nenhum outro país uma tal abordagem científica era promovida nessa época.

O clima de reforma nas universidades germânicas também encorajou o seu desenvolvimento, o que se traduzia na oferta de mais cargos aos interessados em carreiras científicas acadêmicas. As oportunidades de alguém se tornar um professor bem pago e respeitado eram bem maiores na Alemanha, embora permanecesse difícil chegar ao topo. O cientista universitário promissor tinha de produzir pesquisas, julgadas relevantes por especialistas no campo, pesquisas que iam além da dissertação típica de doutorado. Isso significou que a maioria das pessoas aceitas para docência universitária eram profissionais extremamente capazes. Quando esses cientistas ingressavam na comunidade universitária, era imensa a pressão feita sobre eles para que dessem contribuições ainda maiores.

Embora a competição fosse intensa e as exigências grandes, o ganho que se obtinha compensava em muito o esforço. Somente os melhores tinham sucesso na ciência alemã do século XIX; o resultado foi uma série de grandes avanços em todas as ciências, incluindo a nova psicologia. Não foi uma coincidência o fato de as pessoas diretamente responsáveis pelo surgimento da psicologia científica serem professores universitários alemães.

Hermann von Helmholtz (1821 -1894)

Helmholtz, prolífico pesquisador no campo da física e da fisiologia, foi um dos maiores cientistas do século XIX. A psicologia estava em terceiro lugar entre as áreas de suas contribuições científicas; contudo, o seu trabalho, ao lado do de Fechner e Wundt, foi decisivo para a fundação da nova psicologia.

A Vida de Helmholtz

Nascido em Potsdam, Alemanha, onde seu pai era professor no Gymnasium (na Europa, um liceu preparatório para a universidade), Helmholtz de início foi educado em casa por causa de sua saúde delicada. Aos dezessete anos, ingressou num instituto médico de Berlim em que não se cobravam anuidades de quem se dispusesse a ser cirurgião do exército depois da graduação. Helmholtz serviu por sete anos, período durante o qual prosseguiu com seus estudos de matemática e física e publicou vários artigos. Apresentou uma tese sobre a indubitabilidade da energia, na qual formulou matematicamente a lei da conservação da energia. Quando deixou o exército, aceitou o cargo de professor-associado de fisiologia da Universidade de Königsberg. Nos trinta anos seguintes, exerceu funções acadêmicas no campo da fisiologia em universidades de Bonn e Heidelberg e, no da física, em Berlim.

Dotado de uma tremenda energia, Helmholtz escrevia acerca de várias áreas diferentes. No curso de seu trabalho sobre a óptica fisiológica, inventou o oftalmoscópio, um aparelho para examinar a retina do olho. Seu trabalho em três volumes nessa área (*Handbuch der Physiologischen Optik* — Manual de Óptica Fisiológica), publicado entre 1856 e 1866, foi tão influente e duradouro que veio a ser traduzido para o inglês sessenta anos mais tarde. Publicou

61

suas pesquisas sobre problemas acústicos em 1863, na obra *Sobre as Sensações Tonais*, que resumia suas próprias descobertas e toda a literatura disponível na época. Ele também publicou obras sobre tópicos tão diversos quanto as pós-imagens, a acromatopsia, a escala musical árabe-persa, os movimentos oculares humanos, a formação de geleiras, axiomas geométricos e a febre do feno. Anos mais tarde, contribuiu indiretamente para a invenção da telegrafia sem fio e do rádio.

No outono de 1893, quando retornava de uma viagem aos Estados Unidos que incluía uma visita à Exposição Mundial de Chicago, Helmholtz sofreu uma grave queda no navio. Menos de um ano depois, teve um derrame que o deixou semiconsciente e delirante. “Seus pensamentos vagavam confusamente”, escreveu sua esposa, “a vida real e a vida onírica, o tempo e as cenas, tudo flutuava como névoa em seu cérebro — na maior parte do tempo, ele não sabia onde estava... É como se a sua alma estivesse longe, bem distante, num belo mundo ideal, dominado apenas pela ciência e pelas leis eternas” (Koenigsberger, 1965, p. 429).

Problemas da Psicologia Sensorial

Têm interesse para a psicologia as pesquisas de Helmholtz sobre a velocidade do impulso nervoso, e sobre a visão e a audição. Antes de sua época, pensava-se que o impulso nervoso fosse instantâneo, ou ao menos que viajasse rápido demais para ser medido. Helmholtz forneceu a primeira medida empírica da velocidade de condução ao estimular o nervo motor e o músculo correspondente da perna de uma rã, num experimento feito de modo a ser possível registrar o momento preciso da estimulação e o movimento resultante. Trabalhando com diferentes comprimentos de nervos, ele registrou o intervalo entre a estimulação do nervo próximo ao músculo e a resposta deste último, fazendo o mesmo para a estimulação mais afastada do músculo. Essas medidas lhe deram o tempo requerido para a condução, a modesta velocidade de vinte e sete centímetros por segundo.

Helmholtz também realizou experimentos sobre os tempos de reação dos nervos sensoriais de sujeitos humanos, estudando o circuito completo, desde a estimulação de um órgão dos sentidos até a resposta motora resultante. As descobertas revelaram tamanhas diferenças entre os sujeitos, e para o mesmo sujeito em várias experiências, que ele abandonou a pesquisa.

A demonstração de Helmholtz de que a velocidade de condução não era instantânea sugeriu que o pensamento e o movimento se seguem um ao outro com um intervalo mensurável, em vez de ocorrerem simultaneamente, como antes se pensava. Helmholtz, no entanto, só se interessava pela medida, e não pelo seu significado psicológico. Mais tarde, as implicações psicológicas de sua pesquisa foram reconhecidas por outros, que tornaram os experimentos com o tempo de reação uma proveitosa linha de investigações na nova psicologia. Sua pesquisa foi uma das primeiras indicações de que era possível fazer experimentos com um processo psicofisiológico e medi-lo.

Seu trabalho sobre a visão também teve influência sobre a psicologia. Ele investigou os músculos oculares externos e o mecanismo mediante o qual os músculos oculares internos fazem a acomodação do cristalino. Além disso, ampliou uma teoria da visão cromática, publicada em 1802 por Thomas Young; essa teoria hoje é conhecida como teoria Young-Helmholtz.

Não menos importante é a investigação de Helmholtz sobre a audição, isto é, a percepção de tons combinados e individuais, e a natureza da harmonia e da dissonância. Ele também formulou uma teoria da ressonância auditiva. A influência duradoura da sua obra acerca da visão e da audição é evidenciada por sua inclusão em modernos manuais de psicologia.

Helmholtz não era psicólogo, nem tinha a psicologia como seu principal interesse, mas contribuiu com um amplo e importante acervo de conhecimentos para a psicologia sensorial,

63

ajudando a fortalecer a abordagem experimental do estudo de problemas psicológicos. Ele considerava a psicologia uma disciplina independente, afim com a metafísica. A psicologia dos sentidos era para ele uma exceção por causa de sua ligação com a fisiologia. Helmholtz não estava voltado para o estabelecimento da psicologia como ciência independente, mas foi tão ampla a sua influência que ele merece ser incluído entre os que deram uma contribuição direta nesse sentido.

Ernst Weber (1795-1878)

Ernst Weber, filho de um professor de teologia, nasceu em Wittenberg, Alemanha. Recebeu o seu doutorado na Universidade de Leipzig em 1815, onde também lecionou anatomia e fisiologia de 1817 até a sua aposentadoria, em 1871. Seu principal interesse de pesquisa foi a fisiologia dos órgãos sensoriais, área em que deu notáveis e duradouras contribuições.

As pesquisas anteriores sobre os órgãos sensoriais tinham se limitado quase exclusivamente aos sentidos superiores da visão e da audição. O trabalho de Weber consistiu sobretudo em explorar novos campos, principalmente as sensações cutâneas e musculares. Ele merece um destaque especial por ter aplicado os métodos experimentais da fisiologia a problemas de natureza psicológica. Suas principais contribuições à psicologia são o seu trabalho sobre o limiar de dois pontos de discriminação da pele e a diferença apenas perceptível detectada pelos músculos. Seus experimentos sobre o tato marcaram uma mudança fundamental no status do objeto de estudo da psicologia. Os vínculos com a filosofia foram, se não cortados, ao menos bastante enfraquecidos. Weber uniu a psicologia às ciências naturais e ajudou a abrir caminho para o uso da pesquisa experimental no estudo da mente.

O Limiar de Dois Pontos

Uma das duas grandes contribuições de Weber à nova psicologia envolveu sua determinação experimental da precisão com que ocorre a discriminação de dois pontos da pele — a distância entre dois pontos necessária para que o indivíduo possa relatar que teve duas sensações distintas. Sem olhar o aparelho, que se assemelha a um compasso para desenho, os sujeitos são solicitados a contar se sentem um ou dois pontos da pele sendo tocados. Quando os dois pontos estão próximos um do outro, os sujeitos relatam uma clara sensação de que só um ponto foi tocado. Com o aumento da distância entre as duas fontes de estímulo, eles se mostram incertos sobre se sentem uma ou duas sensações. Por fim, é alcançada uma distância:

em que os sujeitos relatam dois pontos diferentes de estimulação.

Esse procedimento demonstra o limiar de dois pontos, o limiar no qual os dois pontos de estimulação podem ser distinguidos como tais. A pesquisa de Weber assinala a primeira demonstração experimental sistemática do conceito de limiar — o ponto no qual um efeito psicológico começa a ser produzido — sendo uma idéia amplamente usada desde o início da psicologia até hoje.*

Em outras pesquisas, Weber demonstrou que esse limiar de dois pontos varia em diferentes partes do corpo do mesmo sujeito, e de um sujeito para o outro na mesma parte

do corpo. Embora sua tentativa de explicar essas descobertas através da hipótese de círculos sensoriais (áreas em que a duplicidade não é percebida) já não tenha muita importância, a técnica experimental permanece significativa.

* Anos antes, no próprio século XIX, o filósofo e educador alemão Johann Friedrich Herbart discutiu o conceito de limiar, tendo-o aplicado à consciência. Ele propôs um ponto no qual idéias inconscientes se transformam em

conscientes (ver o Capítulo 13).

A Diferença Apenas Perceptível

A segunda grande contribuição de Weber terminou por levar à formulação da primeira lei quantitativa da psicologia. Weber desejava determinar a diferença apenas perceptível, isto é, a menor diferença entre pesos que podia ser detectada. Para fazê-lo, pedia a seus sujeitos que levantassem dois pesos, um peso-padrão e um peso de comparação, e relatassem se um parecia mais pesado do que o outro. Pequenas diferenças entre os pesos resultavam em julgamentos de identidade; grandes diferenças, em julgamentos de disparidade. No decorrer da pesquisa, Weber descobriu que a diferença apenas perceptível entre dois pesos é uma razão constante, 1:40, do peso-padrão. Em outras palavras, um peso de 41 gramas era descrito como apenas perceptivelmente diferente de um peso-padrão de 40 gramas, o mesmo ocorrendo com um peso de 82 gramas com relação a um peso-padrão de 80 gramas.

Weber passou então a investigar a contribuição das sensações musculares na discriminação entre pesos. Ele descobriu que os sujeitos podiam discriminar com muito maior precisão quando os pesos a ser avaliados eram levantados por eles mesmos do que quando eram colocados em suas mãos pelo pesquisador. O levantamento dos pesos envolvia sensações táteis e musculares, enquanto a colocação dos pesos só provocava sensações táteis. Como era possível discriminar diferenças menores entre os pesos quando estes eram levantados (a razão de 1:40, como foi observado) do que quando eram colocados na mão (uma razão de 1:30), Weber concluiu que as sensações musculares internas tinham influência direta sobre a capacidade de discriminação.

A partir dessas experiências, Weber descobriu que a discriminação parece depender não da diferença absoluta entre dois pesos, mas de sua diferença relativa ou razão. Realizou experimentos envolvendo a discriminação visual e descobriu que a razão era menor do que nas experiências com o sentido muscular. Com base nisso, sugeriu que há uma fração constante, ou razão, para a diferença apenas perceptível entre dois estímulos, em cada um dos sentidos.

As investigações de Weber mostraram que não há uma correspondência direta entre um estímulo físico e a nossa percepção dele. Tal como Helmholtz, contudo, Weber preocupava-se com processos fisiológicos e não avaliou a significação do seu trabalho para a psicologia. O que a sua pesquisa revelou foi um modo de investigar o relacionamento entre corpo e mente, entre o estímulo e a sensação resultante. Isso representou, com efeito, um grande avanço, e só faltava que alguém percebesse o seu significado.

O trabalho de Weber foi experimental no sentido mais estrito do termo. Em condições bem controladas, ele introduzia sistematicamente variações nos estímulos e registrava os efeitos diferenciais na experiência que cada sujeito relatava. Seus experimentos estimularam muitas pesquisas subseqüentes, servindo para focalizar a atenção de fisiologistas ulteriores na validade e importância do experimento como meio de estudo de fenômenos psicológicos. As pesquisas de Weber na medição de limiares viriam a ter fundamental importância para a nova psicologia, e sua demonstração de que as sensações podem ser medidas influenciou virtualmente todos os aspectos da psicologia até os nossos dias.

Gustav Theodor Fechner (1801-1887)

Fechner foi um pensador de interesses intelectuais notavelmente diversos no decorrer d uma ativa carreira de mais de setenta anos. Foi fisiologista por sete anos, físico durante quinz psicofísico por catorze, esteticista experimental durante onze, filósofo por quarenta

— e lido por doze. Dentre esses empreendimentos, a obra de psicofísica foi a que lhe conferi maior fama, embora ele não quisesse ser lembrado pela posteridade como tal.

66

A Vida de Fechner

Fechner nasceu numa aldeia do sudeste da Alemanha onde seu pai era o ministro. Iniciou os estudos médicos na Universidade de Leipzig em 1817, onde assistiu a palestras de Weber

sobre a fisiologia. Fechner permaneceu em Leipzig o resto da vida.

Mesmo antes de graduar-se na escola de medicina, seu lado humanístico revelou sinais de rebelião contra o materialismo vigente em seu treinamento científico. Com o pseudônimo de “Dr. Mises”, escreveu ensaios satíricos zombando da medicina e da ciência, o que continuou a fazer por vinte e cinco anos. Isso sugere um conflito persistente entre os dois lados de sua personalidade — o amor pela ciência e o interesse pela metafísica. Seu primeiro ensaio satírico, “Prova de que a Lua é Feita de Iodo”, atacava o hábito médico de usar o iodo como panacéia. Fechner estava claramente incomodado com a abordagem materialista e esforçava-se por estabelecer o que denominou sua “visão diurna” — a de que o universo pode ser considerado da perspectiva da consciência — oposta à “visão noturna” — a de que o universo, incluindo a consciência, consiste em matéria inerte.

Completados os estudos médicos, Fechner iniciou em Leipzig uma segunda carreira em física e matemática. Nesse período, traduziu manuais de física e química do francês para o alemão. Por volta de 1830, tinha traduzido mais de doze volumes, e essa atividade lhe deu algum reconhecimento como físico. Em 1824, começou a dar aulas de física na universidade e a fazer pesquisas por conta própria. Já perto de 1840, passou a se interessar pela sensação e, ao fazer pesquisas sobre as pós-imagens visuais, provocou sérias lesões nos olhos ao observar o sol com óculos de cor.

Em 1833, depois de muitos anos de árduo trabalho, Fechner conseguiu a prestigiosa nomeação de professor em Leipzig. Depois disso, caiu numa depressão que durou vários anos. Tinha dificuldades para dormir, não conseguia digerir alimentos (no entanto, não tinha fome, e o seu corpo estava quase em estado de inanição) e era extraordinariamente sensível à luz. Passava a maior parte do tempo numa sala escura, com paredes pintadas de preto, ouvindo o que sua mãe lia para ele por uma estreita abertura da porta. Queixava-se de exaustão crônica e, por algum tempo, perdeu todo o interesse pela vida.

Tentou caminhar — a princípio apenas à noite, quando estava escuro, e depois à luz do dia, com os olhos vendados —, esperando combater o tédio e a depressão. Como forma de catarse, compôs alguns enigmas e poemas, incluindo um denominado “Céu de Rato”. Também experimentou uma variedade de terapias medicamentosas, entre as quais laxantes, choque elétrico, tratamentos com vapor e uma espécie de terapia de choque que envolvia a aplicação de substâncias escaldantes à pele — mas nada pôde curá-lo.

A doença de Fechner pode ter tido natureza neurótica, hipótese sustentada pela maneira estranha como depois conseguiu a cura. Sua recuperação começou quando uma amiga sonhou que fizera para ele um prato condimentado à base de presunto cru, com molho de vinho do Reno e suco de limão. No dia seguinte, ela preparou a iguaria e a levou a Fechner,

insistindo pata que ele comesse. Ele o fez, embora com relutância, e começou a comer quantidades cada vez maiores a cada dia, o que o fez sentir-se um tanto melhor.

Sua melhora, no entanto, durou pouco. Cerca de seis meses depois, os sintomas pioraram a ponto de ele temer pela própria sanidade. “Eu tinha a clara sensação”, escreveu ele, “de que a minha mente estaria irremediavelmente perdida se eu não conseguisse conter o dilúvio de pensamentos perturbadores. Com frequência, os assuntos mais triviais me incomodavam de tal maneira que eu muitas vezes precisava de horas, e até de dias, para me livrar dessas preocupações” (Kuntze, 1892, citado em Balance e Bringmann, 1987, p. 42).

Fechner obrigou-se a manter-se ocupado em tarefas mecânicas e rotineiras como forma

67

de terapia ocupacional, mas limitava-se a atividades que não forçassem sua mente ou seus olhos. “Eu fazia fios e bandagens”, ele escreveu, “tingia velas de sebo... enrolava fios e ajudava na cozinha, escolhendo [lavando lentilhas, fazendo cubinhos de torrada e esmagando o pão de açúcar até conseguir açúcar em pó. Eu também descascava e cortava cenouras e nabos... mil vezes desejei morrer” (Kuntze, 1892, citado em Balance e Bringmann, 1987, p. 43).

Aos poucos, muito lentamente, Fecimer voltou a se interessar pelo mundo ao seu redor, e continuou a dieta de presunto cru e temperado em molho de vinho e suco de limão. Então, teve um sonho em que aparecia o número 77. Isto o convenceu de que estaria curado em setenta e sete dias. E assim ocorreu. Sentiu-se tão bem que a sua depressão se transformou em euforia e delírios de grandeza, e chegou a afirmar que Deus o escolhera para resolver todos os enigmas do mundo. A partir dessa experiência, desenvolveu a noção do princípio de prazer que, muitos anos depois, influenciaria a obra de Sigmund Freud.

Em 1844, a universidade concedeu a Fechner uma pequena pensão e ele foi oficialmente considerado inválido. Contudo, nenhum dos quarenta e três anos seguintes de sua vida ele passou sem apresentar uma importante contribuição acadêmica, e continuou a ter uma saúde

excelente até a morte, aos oitenta e seis anos.

O Relacionamento Quantitativo entre Mente e Corpo

22 de outubro de 1850 é uma data importante na história da psicologia. Ainda deitado em sua cama nessa manhã, Fechner repentinamente compreendeu que a lei que governa o vínculo entre a mente e o corpo poderia ser encontrada num relacionamento quantitativo entre uma sensação mental e um estímulo material. Um aumento na intensidade do estímulo, disse Fecimer, não produz o mesmo aumento na intensidade da sensação. Em vez disso, o estímulo é caracterizado por uma série geométrica, enquanto uma série aritmética caracteriza a sensação. Por exemplo, o acréscimo do som de uma sineta ao de outra que já está soando produz um aumento maior na sensação do que a adição de uma sineta a dez outras que já estejam tocando. Logo, os efeitos das intensidades do estímulo não são absolutos e sim relativos à quantidade de sensação que já existe.

O que esta simples mas brilhante revelação demonstrou foi que a quantidade de sensação (a qualidade mental) depende da quantidade de estímulo (a qualidade física ou material). Para

medir a mudança na sensação, temos de medir a mudança do estímulo. Logo, é possível relacionar quantitativamente os mundos mental e material. Fechner cruzou a barreira entre mente e corpo ao vinculá-los entre si empiricamente.

Embora o conceito fosse claro, como traduzi-lo em bases concretas? Seria necessário medir com precisão ambas as intensidades, a subjetiva e a objetiva, a sensação mental e o estímulo físico. Medir a intensidade física de um estímulo não era difícil — poder-se-ia registrar, por exemplo, o nível de brilho ou o peso de vários objetos-estímulo. Mas como se poderia medir a sensação, a experiência consciente que os sujeitos relatam quando reagem a um estímulo?

Fechner propôs duas maneiras de medir sensações. Em primeiro lugar, podemos determinar se um estímulo está presente ou ausente, se é sentido ou não. Em segundo, podemos medir a intensidade do estímulo a partir da qual o sujeito relata a primeira sensação. Este é o limiar absoluto da sensibilidade, o ponto, em termos da intensidade do estímulo, abaixo do qual nenhuma sensação é relatada e acima do qual a pessoa tem uma sensação.

Embora útil, o limiar absoluto é limitado porque só determina um valor de uma sensação — o seu nível mais baixo. Para relacionar ambas as intensidades, temos de ser capazes de especificar toda a gama de valores de estímulo e seus valores de sensação resultantes. Para

69

conseguir-lo, Fechner propôs o limiar diferencial da sensibilidade, a menor quantidade de mudança de um estímulo que produz uma mudança de sensação. Por exemplo, em quanto é preciso diminuir um peso antes de o sujeito sentir a mudança, antes de ele relatar uma diferença apenas perceptível de sensação?

Para medir que peso parece ter um dado objeto (quão pesado o sujeito sente que ele é), não podemos usar a medida física do peso do objeto. Podemos, contudo, usar essa medida física como base de medida da intensidade psicológica da sensação. Em primeiro lugar, medimos em quanto o peso deve ser reduzido antes que o sujeito mal possa discriminar a diferença. Em segundo, modificamos o peso do objeto para esse valor menor e medimos novamente a amplitude do limiar diferencial. Como ambas as mudanças de peso são apenas escassamente perceptíveis, Fechner supôs que elas são subjetivamente iguais. Esse processo pode ser repetido até que o objeto mal seja percebido pelo sujeito. Se cada redução do peso é subjetivamente igual a qualquer outra, o número de vezes que o peso deve ser diminuído — o número de diferenças apenas perceptíveis — pode ser usado como medida objetiva da magnitude subjetiva da sensação. Dessa maneira, estamos medindo os valores de estímulo necessários ao surgimento de uma diferença entre duas sensações.

Fechner sugeriu que, para cada modalidade sensorial, há um certo aumento relativo no estímulo que sempre produz uma modificação observável na intensidade da sensação. Assim, a

sensação (a mente ou qualidade mental) e o estímulo excitante (o corpo ou qualidade material)

podem ser medidos, e o relacionamento entre os dois pode ser enunciado como uma equação:

S K log R

em que S é a magnitude da sensação, K é uma constante e R é a magnitude do estímulo. A relação é logarítmica; uma série aumenta aritmeticamente e a outra geometricamente.

Fechner disse que essa noção não lhe foi sugerida pela obra de Weber, embora este também estivesse na Universidade de Leipzig, onde os dois se viam freqüentemente, e embora Weber tivesse escrito sobre o assunto uns poucos anos antes. Fechner escreveu que só tomou conhecimento da obra de Weber depois de ter iniciado a série de experimentos destinados a testar sua hipótese. Mais tarde, percebeu que o princípio a que havia dado forma matemática era essencialmente aquilo que o trabalho de Weber tinha demonstrado.

Os Métodos da Psicofísica

O resultado imediato da descoberta de Fechner foi o desenvolvimento de um programa de pesquisa no campo que ele mais tarde veio a chamar de psicofísica. (A palavra psicofísica define-se a si mesma: é o relacionamento entre os mundos mental e material.) No curso de sua pesquisa, com seus experimentos sobre o levantamento de pesos, o brilho visual e distâncias táteis e visuais, Fechner desenvolveu um e sistematizou dois dos três métodos fundamentais da psicofísica, usados ainda hoje: o método do erro médio, o método dos estímulos constantes e o método dos limites.

Fechner desenvolveu o método do erro médio (também denominado método de ajuste) em colaboração com A. W. Volkmann, professor de fisiologia da Universidade de Halle, na Alemanha. O método consiste em fazer os sujeitos ajustarem um estímulo variável até perceberem que ele é igual a um estímulo-padrão constante.

Numa série de tentativas, o valor médio da diferença entre o estímulo-padrão e o ajustado do estímulo variável pelos sujeitos representa o erro de observação. O método supõe que os nossos órgãos sensoriais estão sujeitos à variabilidade, o que nos impede de obter uma medida

70

verdadeira. Assim sendo, obtemos um grande número de medidas aproximadas, cuja média representa a melhor aproximação do valor verdadeiro. A técnica é útil para medir o tempo de reação, a discriminação visual e auditiva e a extensão das ilusões. Numa forma ampliada, ela é fundamental para a maioria das atuais pesquisas psicológicas. Toda vez que calculamos uma média, estamos, essencialmente, usando o método do erro médio.

O método dos estímulos constantes, inicialmente denominado método dos casos certos e errados, foi criado por Karl von Vierordt, que era fisiologista, mas foi desenvolvido como instrumento de pesquisa por Fechner. Ele o usou no seu elaborado estudo do levantamento de pesos, que envolveu mais de 67.000 comparações. A técnica envolve dois estímulos constantes, tendo como alvo medir a diferença de estímulo necessária para produzir uma dada proporção de julgamentos corretos. Por exemplo, o sujeito levanta primeiro o peso-padrão de 100 gramas e depois levanta um peso de comparação de, digamos, 88, 92, 96, 104 ou 108 gramas. Ele deve determinar se o segundo peso é mais pesado, mais leve ou igual ao primeiro. O processo continua até que tenha sido feito um certo número de julgamentos para cada comparação.

Para os pesos mais pesados, os sujeitos quase sempre fazem um julgamento de “mais pesado”, e os pesos mais leves quase sempre são julgados como “mais leves”. A partir desses dados, a diferença de estímulo (peso-padrão versus peso de comparação) é determinada para o ponto em que os sujeitos julgam corretamente “mais pesado” 75% do tempo. Algumas variações do procedimento básico tornaram a técnica útil para muitos problemas de medida ligados à determinação de limiares sensoriais.

O terceiro método psicofísico de Fechner era originalmente o método das diferenças apenas perceptíveis; mais tarde foi chamado de método dos limites. A técnica, cuja origem remonta a 1700, foi formalizada em 1827 por Charles Delezenne. Weber, como observamos, também investigou diferenças apenas perceptíveis, mas o método foi desenvolvido formalmente por Fechner, em seus trabalhos sobre a visão e as sensações de temperatura.

No método dos limites, são apresentados aos sujeitos dois estímulos. Um é aumentado ou diminuído até que os sujeitos relatem que detectaram uma diferença. Fechner recomendava que se iniciasse com o estímulo variável numa intensidade claramente superior à do estímulo-padrão e claramente inferior na vez seguinte. Os dados são obtidos a partir de um certo número de provas e é calculada a média das diferenças apenas perceptíveis para se determinar o limiar diferencial. Uma variação que usa um único estímulo é empregada para determinar o limiar absoluto.

Fechner continuou com suas pesquisas psicofísicas por sete anos, publicando parte delas, pela primeira vez, em dois breves ensaios datados de 1858 e 1859. Em 1860, a exposição formal e completa do seu trabalho apareceu em *Elemente der Psychophysik* (Elementos de Psicofísica), um manual da ciência exata das “relações funcionalmente dependentes... dos mundos material e mental, físico e psicológico” (Fechner, 1860/1966, p. 7). O livro é uma das notáveis contribuições originais ao desenvolvimento da ciência psicológica. Na época, a afirmação de Fechner acerca do relacionamento quantitativo entre a intensidade do estímulo e a sensação foi considerada comparável à descoberta por Galileu das leis da alavanca e da queda dos corpos.

No início do século XIX, o filósofo alemão Immanuel Kant insistia que a psicologia nunca poderia tornar-se ciência porque era impossível fazer experimentos com fenômenos e processos psicológicos, ou medi-los. Devido ao trabalho de Fechner, que de fato possibilitou medir a mente, a asserção de Kant já não podia ser levada a sério.

Foi principalmente devido à pesquisa psicofísica de Fechner que Wilhelm Wundt concebeu o plano de sua psicologia experimental. Os métodos de Fechner mostraram ser aplicáveis a uma gama de problemas psicológicos muito mais ampla do que ele poderia imaginar, sendo usados ainda hoje na pesquisa psicológica, com apenas umas poucas modificações. Fechner

71

deu à psicologia aquilo que toda disciplina que deseja ser uma ciência tem de possuir — técnicas de medida precisas e elegantes.

Embora a obra de Weber precedesse a sua, todos os méritos foram conferidos a Fechner. Ele parece ter usado a obra de Weber para desenvolver suas teorias, mas fez muito mais do que simplesmente ampliá-la. Os objetivos de Weber eram limitados; ele era um fisiologista que investigava as diferenças apenas perceptíveis, e a significação mais ampla do seu

trabalho lhe escapou. Fechner procurou uma asserção matemática para o relacionamento entre os mundos físico e mental. Suas brilhantes e independentes intuições sobre a medição de sensações, e seu trabalho em que relacionava essas medidas com as dos estímulos correspondentes a essas sensações, foram necessários para que as implicações e consequências da obra anterior de Weber pudessem ser reconhecidas e aplicadas e assim fazer da psicologia uma ciência exata.

A Fundação Formal da

Nova Ciência da Psicologia

Em meados do século XIX, os métodos da ciência natural estavam sendo usados para investigar fenômenos puramente mentais. Havia sido desenvolvidas técnicas, inventados aparelhos, publicados livros importantes, e foi despertado um amplo interesse. O empirismo britânico e os trabalhos no campo da astronomia acentuaram a importância dos sentidos, e os cientistas alemães estavam descrevendo como os mesmos funcionavam. O espírito positivista da época encorajou a convergência dessas duas linhas de pensamento. Faltava ainda, no entanto, alguém que as unisse, alguém que, em uma palavra, fundasse a nova ciência. Esse toque final foi dado por Wilhelni Wundt.

Wundt é o fundador da psicologia como disciplina acadêmica formal, a primeira pessoa na história da psicologia a ser designada, adequada e irrestritamente, como psicólogo. Na qualidade de primeiro psicólogo, Wundt fundou o primeiro laboratório, editou a primeira revista e deu início à psicologia experimental como ciência. As áreas que ele investigou — incluindo a sensação e a percepção, a atenção, o sentimento, a reação e a associação — se tornaram capítulos básicos em manuais que ainda não haviam sido escritos. O fato de uma parte tão grande da história da psicologia depois de Wundt consistir numa oposição à sua concepção de psicologia não diminui as suas realizações e contribuições como fundador.

Por que terão as honras da fundação da nova psicologia sido conferidas a Wundt e não a Fechner? Elementos de Psico física de Fechner foi publicada em 1860, ao menos quinze anos

antes da data em que se afirma ter Wundt iniciado a psicologia. O próprio Wundt escreveu que

a obra de Fechner representou a “primeira conquista” da psicologia experimental (Wundt 1888, p. 471). Há consenso entre os historiadores sobre a importância de Fechner; alguns at

questionam se a psicologia poderia ter começado quando começou se não fosse pelo seu trabalho. Por que, então, a história não credita a Fechner a fundação da psicologia? A resposta

está na natureza do processo de fundação.

A fundação é um ato intencional e deliberado que envolve capacidades e características que diferem das que são necessárias para as realizações científicas brilhantes. Fundar requer integração e a consideração do trabalho precedente, bem como a publicação e a promoção do material recém-organizado. “Quando todas as idéias centrais já nasceram, algum promotor apressa delas e as organiza, acrescentando tudo o mais que lhe pareça essencial, publica-as

divulga-as, insiste nelas e, em resumo, ‘funda’ uma escola” (Boring, 1950, p. 194). contribuição de Wundt para a fundação da psicologia moderna não vem tanto de alguma descoberta científica ímpar quanto de seu “heróico esforço de divulgação em favor do experimentalismo” (O’Donnell, 1985, p. 16).

72

Fundar é, pois, bastante distinto de originar, embora essa diferença não tenha objetivo depreciativo. Tanto originadores como fundadores são essenciais à formação de uma ciência,

tão indispensáveis quanto o arquiteto e o mestre-de-obras para a construção de uma casa.

Com essa distinção em mente, podemos compreender por que Fechner não é considerado o fundador da psicologia. Dito de modo simples, ele não estava tentando fundar uma nova ciência. Seu objetivo era compreender a natureza do relacionamento entre os mundos mental e material. Ele buscava demonstrar uma concepção unificada da mente e do corpo que procedia de uma especulação mística mas era dotada de base científica. ‘Não se pode dizer que sua inovação da psicofísica teria se tomado uma disciplina de psicologia experimental caso um movimento com bases institucionais não tivesse sido fundado em seguida’ (Ben-David e Collins, 1966, p. 455).

Wundt, contudo, voltou-se deliberadamente para a fundação de uma nova ciência. No prefácio à primeira edição dos seus *Principles of Physiological Psychology* (Princípios de Psicologia Fisiológica) (1873-1874), ele escreveu: “A obra que aqui apresento ao público é uma tentativa de delimitar um novo domínio da ciência.” Wundt estava interessado em promover a psicologia como ciência independente. Vale no entanto repetir que, embora se considere Wundt o fundador da psicologia, ele não foi o seu originador. Essa ciência emergiu, como vimos, de uma longa linha de esforços criativos.

No decorrer da segunda metade do século XIX, o *Zeitgeist* estava pronto para a aplicação da abordagem experimental a problemas da mente. Wundt foi um rigoroso agente do que já estava se desenvolvendo, um bem-dotado promotor do inevitável.

Sugestões de Leitura

Por que a A’emanha?

Dobson, V. e Bruce, D., “The German university and the development of experimental psychology”, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 8, pp. 204-207, 1972. Refere-se à liberdade de ensino e de estudo nas universidades alemãs como pré-condição para o desenvolvimento da nova disciplina da psicologia.

Primórdios da Fisiologia Experimental

Fearing, F., *Reflex Action: A Study in the History of Physiological Psychology*, Cambridge,

Massachusetts, MIT Press, 1970. Sobre descobertas e progressos na neurofisiologia dos séculos XVII a XIX; publicado originalmente em 1930.

Kirsch, I., “The impetus to scientific psychology: A recurrent pattern”, *Journal of the History*

of the Behavioral Sciences, n 12, pp. 120-129, 1976. Descreve o surgimento da psicologia experimental e chama a atenção para os paralelos entre a sua história e a das ciências físicas.

Ladd, G. T. e Woodworth, R. S., Elements of Physiological Psychology (edição revista), Nova York, Scribner's, 1911. Um manual clássico que resume as principais descobertas do início da psicologia fisiológica; cobre pesquisas sobre a anatomia do sistema nervoso e dos sentidos, sobre a localização do funcionamento cerebral, sobre a psicofísica e as sensações e sentimentos.

Helmholtz

Pastore, N., "Helmholtz's 'Popular Lectures on Vision'", Journal of the History of the Behavioral Sciences, n 9, pp. 190-202, 1973. Descreve a obra de Helmholtz sobre a visão, destacando os problemas da constância e das ilusões.

73

Stumpf, C., "Hermann von Helmholtz and the new psychology", Psychological Review, n 2, pp. 1-12, 1895. Uma revisão da pesquisa de Helmholtz e sua ligação com o foco e as metas da nova psicologia; escrito por um dos importantes pioneiros da psicologia que trabalhava na Universidade de Berlim.

Turner, R. S., "Hermann von Helmholtz and the empiricist vision", Journal of the History of

the Behavioral Sciences, n 13, pp. 48-58, 1977. Descreve a influência das idéias filosóficas de Helmholtz sobre o seu programa de pesquisa.

Fechner

Boring, E. G., "Fechner: Inadvertent founder of psychophysics", Psychometrika, t 26, pp. 3-8, 1961. Apresenta um apanhado geral da vida de Fechner e avalia a importância do seu trabalho para a fundação e o desenvolvimento da psicologia experimental.

Fechner, G., Elements of Psychophysics (vol. 1), Nova York Holt, Rinehart and Winston, 1966. Reimpressão da obra clássica de Fechner, publicada originalmente em 1860; descreve os métodos da psicofísica que deram à psicologia suas técnicas científicas de medida e discute o relacionamento entre estímulos físicos ou materiais e sensações mentais.

Marshall, M. E., "Gustav Fechner, Dr. Mises, and the comparative anatomy of angels", Journal of the History of the Behavioral Sciences, n 5, pp. 39-58, 1969. Explora os tópicos dos ensaios de Fechner escritos sob o pseudônimo "Dr. Mises" e expõe elementos sobre as suas visões diurna e noturna do universo.

74

4

A Nova Psicologia

Um Caso de Dados Distorcidos

Wilhelm Wundt (1832-1920)

A Vida de Wundt

O Sistema de Psicologia de Wundt

A Natureza da Experiência Consciente

O Método de Estudo: Introspecção

Os Elementos da Experiência Consciente

A Apercepção: A Organização dos

Elementos da Experiência Consciente

Os Tópicos de Pesquisa do Laboratório

de Leipzig

Comentário

Um Caso de Dados Distorcidos

Wilhelm Wundt, na qualidade de fundador da nova ciência da psicologia, é uma das mais importantes figuras do campo. O conhecimento de sua abordagem da psicologia é vital para uma compreensão da história desta disciplina. Contudo, mais de um século depois de ele tê-la fundado, novos dados (ou aprimoramento de dados conhecidos) levaram alguns psicólogos a concluir que a visão aceita do sistema de Wundt estava errada. Wundt, que tinha ‘horror a ser malcompreendido e mal-interpretado’, sofreu justamente esse destino (Baldwin, 1980, p. 301).

Muitos artigos publicados nas décadas de 70 e 80 fizeram eco a essa questão — o fato de o Wundt descrito nos manuais e salas de aula de psicologia ter pouco em comum com a pessoa real e com as suas concepções (ver, por exemplo, Blumenthal, 1975, 1979; Leahey, 1981). Descrições da psicologia wundtiana tinham retratado suas posições de maneira imprecisa, por vezes atribuindo-lhe crenças que eram o oposto do que ele pretendia.

Como puderam semelhantes erros ser cometidos com a obra de uma pessoa tão proeminente? Wundt escreveu muitos livros e artigos apresentando suas concepções sobre a natureza da psicologia. O seu sistema estava à vista de todos — de todos, é claro, que tivessem fluência em alemão e estivessem dispostos a empregar o tempo necessário ao estudo do fenomenal volume de material publicado por ele.

Outros Pioneiros Europeus da Psicologia

Hermann Ebbinghaus (1850-1909)

Georg Elias Müller (1850-1934)

Franz Brentano (1838-1917)

Cari Stumpf (1848-1936)

Oswald Külpe (1862-1915) e a Escola de Würzburg

Comentário

Mas por que ter todo esse trabalho? A maioria dos psicólogos não pensou ser necessário ler Wundt no original alemão, porque as suas obras mais importantes tinham sido traduzidas para o inglês por seu aluno E. B. Titchener, psicólogo inglês que passou a maior parte da carreira na Universidade Cornell em Ithaca, Nova York (Capítulo 5). Titchener nomeara a si mesmo seguidor leal e fiel intérprete de Wundt. Proclamara que Wundt era a fonte da sua psicologia e o precursor que validava suas credenciais” (Anderson, 1980, p. 95). Portanto, chegou-se a acreditar que a abordagem psicológica de Titchener, que ele denominou estruturalismo, fosse essencialmente uma imagem especular da obra de seu mentor Wundt. Quem conhecesse o sistema de Titchener conheceria também o de Wundt.

Pesquisas posteriores sobre os escritos de Wundt lançaram dúvidas sobre essa conclusão. Titchener não representava Wundt. Há provas sugerindo que ele alterou as posições de Wundt para fazê-las parecer compatíveis com as suas, a fim de dar credibilidade às suas próprias concepções mediante a afirmação de que elas eram coerentes com as do grande fundador da psicologia.

Ao que parece, Titchener resolveu traduzir apenas as partes das publicações de Wundt que sustentassem sua própria abordagem da psicologia. Não sabemos se ele tomou uma decisão deliberada quanto a isso, mas o resultado — a apresentação distorcida do sistema psicológico de Wundt — foi o mesmo, quer Titchener tivesse ou não consciência de suas ações.

A versão imprecisa e incompleta que Titchener deu do sistema de Wundt influenciou várias gerações de psicólogos, não apenas por causa da posição que Titchener alcançou na psicologia americana mas também por causa da notoriedade atingida por seu aluno E. G. Boring, que se tornou, por algum tempo, o principal historiador da psicologia. Boring afirmou que Titchener era um wundtiano na tradição de Leipzig. Embora Boring também dissesse que a obra de Titchener era “distinta da [de Wundt” (Boring, 1950, p. 419), muitos psicólogos que aprenderam história com o livro História da Psicologia Experimental (1929, 1950), de Boring, identificaram o sistema de Titchener com o de Wundt.

Em consequência, sucessivas gerações de estudantes receberam um perfil da psicologia wundtiana que mostrou ser mais mito do que fato, mais lenda do que verdade. Durante cem anos, professores e manuais de história da psicologia (incluindo versões anteriores deste texto) mantiveram e reforçaram o erro, dando-lhe a sanção de seu alegado conhecimento. Essa experiência oferece outro exemplo de como a mudança de dados da história pode influenciar a nossa compreensão de eventos passados. Como observamos no Capítulo 1, a história não é estática nem estagnada, estando sujeita a revisões à medida que são revelados novos dados ou aprimoramentos de dados existentes.

Wilhelm Wundt (1832-1920)

Depois de revisar a vida de Wundt, vamos considerar sua definição de psicologia e a maneira como ela influenciou o desenvolvimento subsequente desse campo.

A Vida de Wundt

Wilhelm Wundt passou seus primeiros anos em aldeias próximas a Mannheim, Alemanha, e teve uma infância marcada por uma intensa solidão. Obteve notas ruins na escola e levou a vida de filho único; seu irmão mais velho estava no internato. Seu único amigo da mesma idade era um garoto mentalmente retardado que tinha boa natureza mas mal podia falar. O

pai de Wundt era pastor e, embora ambos os pais pareçam ter sido sociáveis, as primeiras lembranças de Wundt a respeito do pai são desagradáveis. Ele se lembrava de o pai tê-lo visitado um dia na escola e de ter-lhe batido no rosto por não prestar atenção no professor..

7

Num certo momento, a educação de Wundt esteve a cargo do assistente do seu pai, um jovem vigário por quem o menino desenvolvera uma forte afeição. Quando esse mentor foi transferido para uma cidade próxima, Wundt ficou tão deprimido que conseguiu permissão para ir viver com ele até os treze anos.

Havia uma forte tradição de erudição na família Wundt, com ancestrais de renome intelectual em praticamente todas as disciplinas. Parecia, contudo, que essa impressionante linhagem não teria continuidade com o jovem Wundt. Ele passava a maior parte do tempo em devaneios, em vez de estudar, e foi reprovado no primeiro ano do Gymnasium. Não se dava bem com os colegas e era ridicularizado pelos professores.

Aos poucos, no entanto, Wundt aprendeu a controlar os sonhos diurnos e até chegou a alcançar relativa popularidade. Jamais gostou da escola, mas mesmo assim desenvolveu seus interesses e capacidades intelectuais. Quando terminou o Liceu, aos dezenove anos, estava pronto para a universidade.

Para ganhar a vida e estudar ciências ao mesmo tempo, Wundt resolveu ser médico. Seus estudos de medicina o levaram à Universidade de Tübingen e à Universidade de Heidelberg, onde estudou anatomia, fisiologia, física, medicina e química. (Em sua obra no campo da química, foi influenciado pelo famoso Robert Bunsen.) Gradualmente, Wundt percebeu que a prática da medicina não era do seu agrado e passou a se concentrar na fisiologia.

Depois de um semestre de estudos na Universidade de Berlim com o grande fisiologista Johannes Müller, Wundt retomou a Heidelberg para receber o seu doutorado em 1855. Conseguiu o cargo de docente de fisiologia em Heidelberg, que ocupou de 1857 a 1864, e, em 1858, foi nomeado assistente de laboratório de Hermann von Helmholtz. Ele achou enfadonha a tarefa de instruir novos alunos quanto aos fundamentos do trabalho em laboratório, e se demitiu do cargo poucos anos depois. Em 1864, foi promovido a professor associado e permaneceu na Universidade de Heidelberg por mais dez anos.

No curso de suas pesquisas fisiológicas em Heidelberg, Wundt começou a conceber uma psicologia que fosse uma ciência experimental e independente. Ele apresentou sua proposta inicial de uma nova ciência da psicologia num livro intitulado *Beitriige zur Theorie der Sinneswahrnehmung* (Contribuições para a Teoria da Percepção Sensorial), que foi publicado em partes entre 1858 e 1862. Além de descrever seus próprios experimentos originais, que realizara num tosco laboratório construído em sua casa, ele expressou seus pontos de vista acerca dos métodos da nova psicologia. Em seu livro, Wundt também usou pela primeira vez o termo psicologia experimental. Ao lado de *Elementos de Psicofísica* (1860), de Fechner, o *Beitrag* é com frequência considerado o marco do nascimento literário da nova ciência.

Ao *Beitriige* seguiu-se em 1863 *Vorlesungen über die Menschen und Thierseele* (Conferências sobre as Mentes dos Homens e dos Animais). Uma indicação da importância dessa publicação foi sua revisão quase trinta anos depois, com uma tradução para o inglês e

repetidas reimpressões mesmo depois da morte de Wundt, em 1920. Nela, Wundt discutiu muitos problemas, como o tempo de reação e a psicofísica, que iriam ocupar a atenção dos psicólogos experimentais durante anos.

A partir de 1867, Wundt ofereceu em Heidelberg um curso de psicologia fisiológica, a primeira proposta formal de um tal curso no mundo. De suas palestras surgiria um livro altamente significativo, *Grundzüge der physiologischen Psychologie* (Princípios de Psicologia Fisiológica), publicado em duas partes nos anos de 1873 e 1874. Foram publicadas seis edições em trinta e sete anos, e a última saiu em 1911. Sem sombra de dúvida a obra-prima de Wundt, esse livro estabeleceu firmemente a psicologia como ciência de laboratório, com suas próprias perguntas e métodos de experimentação.

Durante muitos anos, as sucessivas edições desse livro serviram aos psicólogos experimentais como um repositório de informações e um registro do progresso da nova psicologia

78

Foi no prefácio a esse livro que Wundt formulou o seu objetivo de tentar “delimitar um novo domínio da ciência”, O termo psicologia fisiológica incluído no título pode ser enganoso. Na época, a palavra fisiológico era usada como sinônimo da palavra equivalente a experimental em alemão. Assim, Wundt ensinava e escrevia sobre psicologia experimental, e não sobre a psicologia fisiológica tal como a conhecemos hoje.

Wundt iniciou a mais longa e importante fase de sua carreira em 1875, ao aceitar o cargo de professor de filosofia da Universidade de Leipzig, onde trabalhou prodigiosamente por quarenta e cinco anos. Ele montou um laboratório em Leipzig pouco depois de chegar e, em 1881, fundou a revista *Philosophische Studien* (Estudos Filosóficos), o órgão oficial do novo laboratório e da nova ciência. Wundt pretendia chamar a revista de Estudos Psicológicos, mas mudou de idéia, ao que parece porque já havia uma revista com esse título (embora lidasse com espiritualismo e ocultismo). Em 1906, contudo, Wundt renomeou sua revista Estudos Psicológicos. Com um manual, um laboratório e uma revista acadêmica, a psicologia estava indo muito bem.

Sua fama em expansão e seu laboratório atraíram para Leipzig um grande número de alunos desejosos de trabalhar com Wundt. Entre eles havia muitos que mais tarde dariam uma valiosa contribuição à psicologia, incluindo vários americanos, a maioria dos quais voltou para os Estados Unidos e fundou laboratórios próprios. Através desses discípulos, o laboratório de Leipzig exerceu uma imensa influência sobre o desenvolvimento da psicologia moderna, servindo de modelo para os muitos laboratórios novos que estavam sendo desenvolvidos. Além dos instalados nos Estados Unidos, também foram montados laboratórios na Itália, na Rússia e no Japão por estudantes desses países que tinham ido a Leipzig estudar com Wundt. O russo foi a língua para a qual mais livros de Wundt foram traduzidos, e a fama de Wundt na Rússia levou os psicólogos de Moscou a construir uma duplicata do seu laboratório em 1912. Outra réplica foi construída por alunos japoneses na Universidade de Tóquio em 1920, ano da morte de Wundt; mas esse laboratório foi queimado durante manifestações estudantis nos anos 60 (Blumenthal, 1985). Os alunos que acorreram a Leipzig estavam unidos em termos de per-

pectiva e propósito — ao menos no início — e formaram a primeira escola de pensamento no âmbito da psicologia.

As conferências de Wundt em Leipzig eram populares e muito freqüentadas. Numa certa época, ele contava com mais de seiscentos alunos em classe. Seu modo de agir em aula foi descrito por seu aluno E. B. Titchener numa carta escrita em 1890, pouco depois de assistir a uma conferência de Wundt pela primeira vez:

O [abria a porta e Wundt entrava. Todo vestido de negro, é claro, dos sapatos à gravata; uma figura magra e de ombros estreitos, ligeiramente curvada; dava a impressão de ser alto, embora eu duvide que tenha mais de 1,75 m.

Ele caminhava ruidosamente — não há outro modo de dizer — pela coxia lateral até o estrado, arrastando pesadamente os pés, como se seus sapatos fossem feitos de madeira. Para mim,

havia algo positivamente indigno nesse ruidoso arrastar-se, mas ninguém parecia percebê-lo.

Ele chegava ao estrado e eu podia ter uma boa visão dele. Cabelos grisalhos, abundantes, exceto no topo da cabeça — que era cuidadosamente coberto por longos fios puxados dos lados...

O estrado tinha uma escrivaninha comprida, suponho que para demonstrações, e, nela, um descanso de livros ajustável. Wundt fazia alguns gestos estudados — passava o indicador pela testa, arrumava os pedaços de giz — e então encarava o público com os cotovelos sobre o descanso. Curiosa atitude, que favorecia a impressão de altura. Ele começava a conferência com uma voz baixa e fraca, quase apologética; mas, depois de uma ou duas frases, durante as quais a classe ficava sentada em silêncio, surgia sua vigorosa voz de conferencista que se mantinha até o fim da aula. Era uma voz de baixo que fluía fácil e abundantemente, às vezes desprovida de tom, às vezes um pouco estridente; mas era impressionante, havendo uma certa capacidade de persuasão, uma espécie de fervor, naquela emissão que mantinha o nosso interesse e evitava toda sensação de

79

monotonia... A conferência era feita sem que recorresse a anotações; pelo que sei, Wundt nunca olhou uma única vez para o descanso de livros, embora tivesse depositado ali, entre os cotovelos, um montículo de papel...

Wundt não mantinha os braços fixos no descanso: os cotovelos ficavam assim, mas os braços e mãos moviam-se continuamente, apontando e acenando... os movimentos eram controlados e pareciam, de alguma maneira misteriosa, ser ilustrativos...

Ele parava imediatamente ao soar do relógio, e se arrastava para fora, meio encurvado, tal como se arrastara para dentro. Se não fosse por esse absurdo arrastar-se, eu não sentiria senão

admiração pelo seu procedimento como um todo (Baldwin, 1980, pp. 287-289).

Na primeira conferência que ministrava a cada novo grupo de estudantes graduados, Wundt aparecia com uma relação de tópicos de pesquisa. Um aluno americano da Pensilvânia, James McKeen Cattell (Capítulo 8), relembra a maneira pela qual os alunos de Wundt recebiam suas tarefas (Baldwin, 1980, p. 283): “Ele trazia nas mãos uma folha com uma

relação de tópicos de pesquisa e, seguindo a ordem em que estávamos enfileirados de pé — de forma alguma se admitia que sentássemos —, distribuía os tópicos e as horas de trabalho.” Wundt acompanhava de perto as pesquisas de doutorado e tinha poder absoluto de aceitação ou de rejeição das dissertações. O espírito do dogmatismo científico alemão florescia aberta mente no laboratório de Leipzig.

Em sua vida pessoal, Wundt era calmo e modesto, e seus dias seguiam um padrão cuidadosamente controlado. (Em 1970, os diários da senhora Wundt foram descobertos, reve lando muito material novo acerca da vida pessoal de Wundt; esse é outro exemplo de dados históricos recém-descobertos.) Pela manhã, Wundt trabalhava num livro ou artigo, lia teses de alunos e editava sua revista. À tarde, ia a exames ou visitava o laboratório. Cattell recordou que essas visitas se limitavam a cinco ou dez minutos. Ao que parece, apesar da sua grande fé na pesquisa experimental, “pessoalmente, ele não era de trabalhar em laboratório” (Cattell, 1928, p. 545). Depois disso, Wundt dava uma caminhada enquanto pensava em sua palestra da tarde, que costumava fazer às quatro horas. Muitas de suas noites eram dedicadas à música, à política e, ao menos em sua juventude, à preocupação com os direitos dos estudantes e dos trabalhadores. A família Wundt tinha uma boa renda, contava com criados e costumava receber.

Consolidados o laboratório e a revista e com uma imensa quantidade de pesquisas sob sua direção, Wundt dirigiu suas energias para a filosofia. Entre 1880 e 1891, escreveu sobre ética, lógica e filosofia sistemática. Publicou a segunda edição dos *Princípios de Psicologia Fisiológica* em 1880 e a terceira em 1887, ao mesmo tempo em que continuava a mandar artigos para a *Studien*.

Outro campo em que Wundt concentrou seu considerável talento tinha sido esboçado nas *Contribuições* (*Beiträge*) em 1862: a criação de uma psicologia social. Perto do final do século, ele voltou a esse projeto, que culminou nos dez volumes de sua *Völkerpsychologie* (*Psicologia Cultural*), publicados entre 1900 e 1920; o título é com frequência traduzido de modo inipre ciso como “Psicologia dos Povos”

A psicologia cultural tinha que ver com a investigação dos vários estágios do desenvolvimento mental, manifestos na linguagem, na arte, nos mitos, nos costumes sociais, na lei e na moral. As implicações dessa obra para a psicologia têm um significado maior do que o seu conteúdo; ela serviu para dividir a nova ciência da psicologia em duas partes, a experimental e a social. As funções mentais mais simples, como a sensação e a percepção, podem e têm de ser estudadas, acreditava Wundt, pela pesquisa em laboratório. Mas, segundo ele, a experimen. tação científica é impossível quando se trata do estudo dos processos mentais superiores com a aprendizagem e a memória, porque eles são condicionados por hábitos lingüísticos e outro:

aspectos do treinamento cultural. Para Wundt, os processos superiores de pensamento s

80

podiam ser estudados efetivamente mediante as abordagens não-experimentais da sociologia, da antropologia e da psicologia social. A afirmação de que as forças sociais desempenham um importante papel no desenvolvimento dos processos mentais superiores é importante, mas a conclusão de Wundt de que esses processos não podem ser estudados experimentalmente foi refutada pouco tempo depois de ele tê-la expresso, como veremos adiante neste capítulo.

Wundt dedicou dez anos ao desenvolvimento da sua psicologia cultural, tendo-a considerado uma parte essencial da psicologia. Mas ela teve pouco impacto sobre a psicologia americana. Uma pesquisa cobrindo noventa anos de artigos publicados no *American Journal of Psychology* demonstrou que, dentre todas as citações as publicações de Wundt, menos de 4% referiam-se à Psicologia Cultural. Em contrapartida, seus *Princípios de Psicologia Fisiológica* respondiam por mais de 61% das referências (Bro 1980).

Por que uma obra de tal alcance, tão amplamente reconhecida na Alemanha, foi virtualmente ignorada nos Estados Unidos? Uma possibilidade é que Titchener, que levou sua versão da psicologia wundtiana para a América, a tenha considerado sem importância por ela não ser coerente com a sua própria psicologia estrutural.

A produtividade de Wundt continuou sem pausa até a sua morte, em 1920. O historiador E. O. Boring (1950) observou que Wundt escreveu 53.735 páginas entre 1853 e 1920, uma produção de 2,2 páginas por dia.

O Sistema de Psicologia de Wundt

A psicologia de Wundt recorreu aos métodos experimentais das ciências naturais, particularmente às técnicas usadas pelos fisiologistas. Wundt adaptou esses métodos científicos de investigação aos objetivos da nova psicologia e passou a estudar o seu objeto da mesma maneira como os cientistas físicos estudavam o seu. Assim, o espírito da época no campo da fisiologia e da filosofia ajudou a moldar tanto o objeto de estudo da nova psicologia como os seus métodos de investigação.

O objeto de estudo da psicologia de Wundt era, em uma palavra, a consciência. Num sentido amplo, o impacto do empirismo e do associacionismo do século XIX refletiu-se, ao menos em parte, no sistema de Wundt. Sua concepção da consciência foi que ela inclui muitas partes ou características distintas e pode ser estudada pelo método da análise ou redução. Wundt escreveu: O primeiro passo na investigação de um fato tem de ser, por conseguinte, uma descrição dos elementos individuais..., em que ele consiste” (Diamond, 1980, p. 85).

Nesse ponto, contudo, acaba a semelhança entre a abordagem de Wundt e a da maioria dos empiristas e associacionistas. Wundt não concordava com a tese de que os elementos da consciência são entidades estáticas, átomos da mente, passivamente ligados por algum processo mecânico de associação. Wundt partilhava a opinião de John Stuart Mill, segundo a qual a consciência era mais ativa na organização do seu próprio conteúdo. Portanto, o estudo dos elementos, do conteúdo ou da estrutura da consciência, feito isoladamente, só forneceria o começo da compreensão de processos psicológicos.

Devido ao destaque dado à capacidade auto-organizadora da mente ou consciência, Wundt denominava seu sistema voluntarismo, que deriva da palavra *volição*, definida como o ato ou capacidade de desejar. Voluntarismo é um termo que se refere ao poder que a vontade tem de organizar os conteúdos da mente em processos de pensamento de nível superior. Ao contrário dos empiristas e associacionistas britânicos (e, mais tarde, de Titchener), Wundt não enfatizava os elementos em si, mas o processo de organizar ativamente, ou sintetizar, esses elementos.

É importante reiterar, no entanto, que, embora acentuasse o poder mental de sintetizar

elementos em processos cognitivos de nível superior, Wundt reconhecia o caráter básico dos

elementos da consciência. Sem os elementos, nada haveria para a mente organizar.

81

A Natureza da Experiência Consciente

Segundo Wundt, os psicólogos deveriam ocupar-se do estudo da experiência imediata, e não da mediata. A experiência mediata nos oferece informações ou conhecimento sobre coisas que não os elementos da experiência em si. Essa é a maneira usual pela qual a empregamos para adquirir conhecimento do nosso mundo. Por exemplo, quando olhamos uma flor e dizemos: “A flor é vermelha”, essa afirmação implica que o nosso interesse primordial é a flor, e não o fato de passarmos pela experiência do vermelho.

A experiência imediata de olhar para a flor, contudo, não está no objeto em si, mas na experiência de uma coisa vermelha. Assim, para Wundt, a experiência imediata não sofre o viés de interpretações como descrever a experiência da cor vermelha da flor em termos do próprio objeto — a flor. Do mesmo modo, quando descrevemos nossa sensação de desconforto por causa de uma dor de dente, relatamos a nossa experiência imediata. Entretanto, se simples mente disséssemos: “Estou com dor de dente”, estaríamos voltados para a experiência mediata.

Para Wundt, são as experiências básicas (como a experiência do vermelho) que formam os estados de consciência ou os elementos mentais que a mente então organiza ativamente ou sintetiza. Ele pretendia analisar a mente ou consciência até chegar em seus elementos ou partes componentes, assim como os cientistas naturais decompunham seu objeto de estudo, o universo material. A obra do químico russo Dimitri Mendeleev, que desenvolveu a tabela periódica de elementos químicos, endossava o objetivo de Wundt. Alguns historiadores sugeriram que Wundt pode ter estado em busca do desenvolvimento de uma “tabela periódica da mente” (Marx e Hillix, 1979, p. 67).

O Método de Estudo: Introspecção

Como a psicologia de Wundt é a ciência da experiência consciente, o método psicológico deve envolver a observação dessa experiência. Só a pessoa que tem essa experiência pode observá-la, razão por que o método deve envolver a introspecção — o exame do próprio estado mental. Wundt a denominava percepção interior. O uso da introspecção não foi inventado por Wundt; ele remonta a Sócrates. A inovação de Wundt foi a aplicação do controle experimental preciso às condições da introspecção. Alguns críticos, no entanto, se preocupavam com a possibilidade de a contínua exposição a esse tipo de auto-observação levar os alunos à loucura (Titchener, 1921).

O emprego da introspecção na psicologia veio da física, onde o método tinha sido utilizado para estudar a luz e o som, e da fisiologia, em que fora aplicado ao estudo dos órgãos dos sentidos. Por exemplo, para obter informações acerca da operação desses órgãos, o investigador aplicava um estímulo a um deles e pedia ao sujeito que relatasse a sensação produzida. Este procedimento é semelhante aos métodos da pesquisa psicofísica de Fechner. Quando comparavam dois pesos e relatavam se um deles era mais pesado, mais leve ou igual em peso ao outro, os sujeitos estavam praticando a introspecção, pois faziam

um relato de suas experiências conscientes. Quando se diz “Estou com fome”, está se fazendo introspecção relatando uma observação que se fez da própria condição interior.

A introspecção, ou percepção interior, tal como praticada no laboratório de Wundt em Leipzig, seguia condições experimentais estritas, que obedeciam regras explícitas: (1) o observador deve ser capaz de determinar quando o processo pode ser introduzido; (2) ele deve estar num estado de prontidão ou de atenção concentrada; (3) deve ser possível repetir a observação várias vezes; (4) as condições experimentais devem ser passíveis de variação em termos

manipulação controlada dos estímulos. Esta última condição invoca a essência do método

82

experimental: variar as condições da situação-estímulo e observar as modificações resultantes nas experiências do sujeito.

Wundt raramente usava o tipo de introspecção qualitativa em que o sujeito apenas descreve suas experiências interiores, embora essa abordagem fosse adotada por alguns de seus alunos, principalmente Titchener e Oswald Külpe. A espécie de relato introspectivo que Wundt buscava em seu laboratório tratava principalmente dos julgamentos conscientes do sujeito acerca do tamanho, da intensidade e da duração de vários estímulos físicos — os tipos de julgamentos quantitativos feitos na pesquisa psicofísica. Só um pequeno número de estudos envolvia relato de natureza subjetiva ou qualitativa, tais como o caráter agradável ou não de diferentes estímulos, a intensidade de imagens ou a qualidade de determinadas sensações. A maioria dos estudos de Wundt se baseava em medidas objetivas que envolviam sofisticados equipamentos de laboratório, e muitas dessas medidas se referiam a tempos de reação, que podem ser registrados quantitativamente. A partir dessas medidas objetivas, Wundt inferia informações acerca de elementos e processos conscientes.

Os Elementos da Experiência Consciente

Tendo definido o objeto de estudo e o método da psicologia, Wundt procurou definir o objetivo da nova ciência. De acordo com ele, o problema da psicologia era tríplice: (1) analisar os processos conscientes até chegar aos seus elementos básicos; (2) descobrir como esses elementos são sintetizados ou organizados; e (3) determinar as leis de conexão que governam a sua organização.

Wundt considerava as sensações uma das duas formas elementares da experiência. As sensações são suscitadas sempre que um órgão sensorial é estimulado e os impulsos resultantes chegam ao cérebro. Ele classificou as sensações de acordo com a modalidade de sentido envolvida (visão, audição, etc.), com a intensidade e com a duração. Ele não reconhecia diferenças fundamentais entre sensações e imagens, visto que estas últimas também estão associadas com a excitação cortical. Mantendo sua orientação fisiológica, Wundt supôs a existência de uma correspondência direta entre a excitação do córtex cerebral e a experiência sensorial correspondente. Ele considerava a mente e o corpo sistemas paralelos mas não interatuantes. Como a mente não depende do corpo, é possível estudá-la eficazmente em si mesma.

Os sentimentos são a outra forma elementar da experiência. Wundt afirmou que as sensações e os sentimentos são aspectos simultâneos da experiência imediata. Os sentimentos são os complementos subjetivos das sensações, mas não surgem diretamente

de um órgão dos sentidos. As sensações são acompanhadas por certas qualidades de sentimento e, quando se combinam para formar um estado mais complexo, geram uma qualidade de sentimento.

Wundt desenvolveu uma teoria tridimensional do sentimento a partir de suas observações introspectivas. Trabalhando com um metrônomo (um artefato que produz “diques”

audíveis a intervalos regulares), ele relatou que, ao final de uma série de diques, alguns padrões rítmicos lhe pareceram mais agradáveis ou apazíveis que outros. Chegou à conclusão

de que parte da experiência de qualquer padrão desses é um sentimento subjetivo de prazer ou desprazer. (Observe-se que esse sentimento subjetivo é um aspecto simultâneo da sensação dos diques.) Ele então sugeriu que esse estado de sentimento pode ser colocado num ponto ao longo de um contínuo que vai do agradável até o desagradável.

Wundt detectou um segundo tipo de sentimento enquanto ouvia o padrão de diques, relatando ter sentido, enquanto esperava cada som sucessivo, uma ligeira tensão que era seguida por um alívio após a ocorrência esperada do dique. A partir disso, concluiu que, além

83

de um contínuo prazer-desprazer, seus sentimentos tinham uma dimensão de tensão-alívio. Além disso, relatou um ligeiro sentimento de excitação quando a velocidade de diques era aumentada e um sentimento mais calmo quando ela era reduzida.

Mediante um laborioso procedimento de paciente introdução de variações na velocidade do metrônomo e de meticulosas introspecções, registrando suas experiências conscientes imediatas (suas sensações e sentimentos), Wundt descobriu três dimensões independentes do sentimento: prazer-desprazer, tensão-relaxamento e excitação-depressão. Todo sentimento, afirmou ele, pode ser localizado em algum ponto desse espaço tridimensional.

Wundt acreditava que as emoções são combinações complexas desses sentimentos elementares, e que estes podem ser descritos efetivamente através da definição de sua posição em cada uma das três dimensões. Por conseguinte, ele reduziu as emoções a conteúdos mentais conscientes. Sua teoria dos sentimentos estimulou grande número de pesquisas no laboratório de Leipzig e em outros laboratórios, mas não resistiu à prova do tempo.

Apercepção: A Organização dos Elementos da Experiência Consciente

Apesar de sua ênfase nos elementos da experiência consciente, Wundt reconhecia que, quando olhamos para objetos no mundo real, vemos uma unidade ou síntese de percepções. Por exemplo, vemos uma árvore como uma unidade, e não como cada uma das muitas e variadas sensações de brilho, matiz ou forma que os observadores num laboratório podem relatar como resultado de suas introspecções. A nossa experiência visual abrange a árvore como um todo, e não como cada um dos numerosos sentimentos e sensações elementares que podem constituir a nossa percepção da árvore.

Como essa totalidade da experiência consciente é constituída ou construída a partir dos seus componentes elementares? Wundt postulou a doutrina da apercepção para explicar nossas experiências conscientes unificadas. Designou o processo real de organização dos vários

elementos numa unidade como o princípio da síntese criativa ou a lei das resultantes psíquicas. As várias experiências elementares são organizadas num todo por esse processo de síntese criativa, que afirma, essencialmente, que a combinação de elementos cria novas propriedades. “Toda combinação psíquica tem características que não são de modo algum a mera soma das características dos seus elementos” (Wundt, 1896, p. 375). A partir da síntese dos componentes elementares da experiência é criado algo de novo. Poderíamos dizer, como o fazem os psicólogos da Gestalt desde 1912, que o todo é distinto da soma de suas partes.

A noção de síntese criativa tem sua contraparte na química. A combinação de elementos químicos produz resultantes cujas propriedades não ocorrem nos elementos originais. A percepção é, portanto, um processo ativo. A mente não recebe de modo passivo a ação dos elementos da experiência; em vez disso, age sobre eles na síntese criativa das partes para constituir o todo. Logo, Wundt não tratou o processo da associação à maneira passiva e mecânica preferida pela maioria dos empiristas e associacionistas britânicos.

Os Tópicos de Pesquisa do Laboratório de Leipzig

Wundt definiu os problemas da psicologia experimental nos primeiros anos do laboratório de Leipzig e, por alguns anos, as questões com que a nova psicologia experimental se preocupou foram as determinadas pelo trabalho feito em Leipzig. E, o que é mais importante, as extensas pesquisas ali realizadas demonstraram ser possível uma ciência psicológica com base experimental, e a obra de Wundt e seus alunos constituiu os alicerces da nova ciência.

84

Wundt acreditava que a psicologia deveria dedicar-se de início a problemas de pesquisa já investigados e reduzidos a alguma espécie de forma empírica e quantitativa. De modo geral, ele não se ocupou de novas áreas de pesquisas, estando voltado para a ampliação e o desenvolvimento formal das pesquisas em andamento.

Quase todo o trabalho produzido em seu laboratório foi publicado nos *Studien*. Na verdade, essa revista continha poucas pesquisas que não tivessem sido realizadas em Leipzig ou pelos alunos de Wundt, logo depois de o deixarem e tão pouco tempo depois que o seu trabalho ainda trazia a marca do mestre. Mais de cem estudos foram feitos nos primeiros vinte anos de existência do laboratório.

A primeira série de estudos envolveu os aspectos psicológicos e fisiológicos da visão e da audição, e, até certo ponto, dos chamados sentidos inferiores. Problemas típicos investigados na área da sensação e da percepção visual incluíam a psicofísica da cor, o contraste de cores, a visão periférica, as pós-imagens negativas, o contraste visual, o daltonismo, a dimensão visual e as ilusões de óptica. Usaram-se métodos psicofísicos para pesquisar as sensações auditivas. Estudaram-se também as sensações táteis, bem como o sentido de tempo (a percepção ou estimativa de intervalos de tempo de extensões variáveis).

Um tópico que exigiu muita atenção do laboratório foi o tempo de reação, um tema surgido do trabalho de Bessel sobre a velocidade de reação entre os astrônomos. Essa questão já vinha sendo estudada desde o final do século XVIII e fora pesquisada por Helmholtz e por

F. C. Donders, um fisiologista holandês. Wundt acreditava poder demonstrar experimentalmente três estágios na resposta da pessoa a um estímulo: percepção, apercepção e vontade.

Dado um estímulo, o sujeito primeiro o percebe, depois o apercebe e, por fim, tem vontade de reagir a ele; dessa vontade de reagir resultam movimentos musculares. Wundt tinha a esperança de desenvolver uma cronometria da mente através da medida dos tempos dos vários processos mentais como a cognição, a discriminação e a vontade. Contudo, a promessa do método não iria se concretizar, porque em sujeitos experientes os três estágios não se manifestavam com clareza; além disso, os tempos de cada processo não eram constantes de pessoa para pessoa, nem de estudo para estudo.

Os estudos sobre o tempo de reação foram suplementados por pesquisas sobre a atenção e o sentimento. Para Wundt, a atenção é a mais vívida percepção de apenas uma pequena parcela do conteúdo total da consciência, em qualquer momento dado. Isso se refere ao que se costuma denominar foco de atenção. Os estímulos sobre os quais o foco incide são os mais claramente percebidos, e são diferentes dos outros elementos presentes no campo visual. Um exemplo simples é o seu foco sobre as palavras que você está lendo agora, em comparação com o resto da página e dos outros objetos que estão em cima da mesa e que são percebidos com menos clareza. Foram feitas pesquisas sobre o alcance e a flutuação da atenção, bem como sobre sua duração. Um aluno de Wundt, Cattell, investigou a duração da atenção e descobriu que quatro, cinco ou seis unidades de material, tais como números ou palavras, podiam ser percebidas numa exposição curta.

Fizeram-se estudos sobre o sentimento na tentativa de sustentar a teoria tridimensional. Wundt usou o método das comparações de pares, que requer a comparação de estímulos em função do sentimento subjetivo despertado. Outros estudos procuraram vincular mudanças corporais, como as pulsações e a respiração, a sentimentos correspondentes.

Outra área de pesquisa foi a análise de associações verbais, que fora iniciada por Francis Galton (Capítulo 6). Pedia-se ao sujeito que respondesse com uma única palavra quando lhe fosse apresentada uma palavra-estímulo. Wundt começou a classificar os tipos de associações descobertos quando da apresentação de estímulos de uma só palavra para determinar a natureza de todas as associações verbais.

85

As áreas experimentais da psicofisiologia dos sentidos, do tempo de reação, da psicofísica e da associação constituíram mais da metade de todos os trabalhos publicados nos primeiros anos da *Studien*. Wundt demonstrou um discreto interesse pela psicologia infantil e animal, mas aparentemente não fez experimentos nessas áreas, acreditando não ser possível controlar adequadamente as condições de estudo.

Comentário

O ato de estabelecer o primeiro laboratório de psicologia exigia uma pessoa bem versada na fisiologia e na filosofia contemporâneas e capaz de combinar essas disciplinas de maneira efetiva. Para realizar seu objetivo de estabelecimento de uma nova ciência, Wundt teve de rejeitar o passado não científico e cortar os vínculos intelectuais entre a nova psicologia científica e a velha filosofia mental. Ao postular que o objeto de estudo da psicologia era a experiência consciente e que a psicologia era uma ciência baseada na experiência, Wundt pôde evitar discussões sobre a natureza da alma imortal e seu relacionamento com o corpo mortal. Ele disse simples e enfaticamente que a psicologia não tratava desse assunto. Essa afirmação foi um grande passo à frente.

Não podemos deixar de nos maravilhar com a extraordinária energia criadora e com a perseverança de Wundt por mais de sessenta anos. Sua criação de uma psicologia experimental científica merece um grande respeito, e é a fonte de sua maior influência. Ele fundou um novo domínio da ciência, como anunciara que faria, e fez pesquisas num laboratório projetado exclusivamente para esse fim. Publicou os resultados em sua própria revista e tentou desenvolver uma teoria sistemática da mente humana. Alguns dos seus alunos fundaram outros laboratórios e deram continuidade às pesquisas com os problemas e técnicas que ele estabelecera. Assim, Wundt forneceu à psicologia todos os apetrechos de uma ciência moderna.

A época, é claro, estava pronta para o movimento wundtiano, que foi o resultado natural do desenvolvimento das ciências fisiológicas, particularmente nas universidades alemãs. O fato de Wundt ter sido o ponto culminante desse movimento e não o seu criador não diminui a sua estatura. Afinal, para levar um tal movimento à sua plena realização eram necessários uma espécie de gênio e um inabalável senso de dedicação e coragem. Os resultados de seus esforços representam uma realização de importância tão fundamental que Wundt ocupa uma posição ímpar entre os psicólogos do período moderno.

É digno de nota o fato de, embora disseminando-se rapidamente, a psicologia wundtiana não ter transformado de modo imediato ou completo a natureza da psicologia acadêmica na Alemanha. Durante a vida de Wundt — e, na verdade, ainda em 1941 —, a psicologia nas universidades alemãs permaneceu essencialmente um subcampo da filosofia. Em parte, isso decorreu do fato de alguns psicólogos e filósofos, incluindo Wundt no final de sua carreira, se oporem à separação entre psicologia e filosofia. Mas também se impôs um fator contextual mais prático: os funcionários do governo encarregados de prover os recursos financeiros às universidades alemãs não viam valor prático suficiente no novo campo da psicologia para garantir o fornecimento de dinheiro necessário ao estabelecimento de departamentos acadêmicos independentes e laboratórios separados (Ash, 1987).

Tampouco era a nova psicologia, com o seu foco nos conteúdos elementares da consciência e sua síntese, passível de pronta aplicação à solução de problemas do mundo real. Talvez tenha sido essa a razão por que a psicologia de Wundt não conseguiu popularidade no clima pragmático dos Estados Unidos. Sua psicologia era uma ciência acadêmica pura, e só pretendia ser isso; Wundt não tinha nenhum interesse em tentar aplicá-la a questões de ordem prática.

Assim, apesar de sua aceitação em universidades de todo o mundo, na Alemanha a

86

psicologia de Wundt demorou a se desenvolver como ciência distinta. Por volta de 1910, dez anos antes da morte de Wundt, a psicologia alemã tinha três revistas e vários manuais e laboratórios de pesquisa, mas só havia quatro acadêmicos presentes nos registros oficiais como psicólogos, e não como filósofos. Em 1925, na Alemanha, só vinte e cinco pessoas se diziam psicólogos, e apenas catorze entre as vinte e três universidades tinham institutos ou departamentos de psicologia (Turner, 1982). Ao mesmo tempo, havia muito mais psicólogos e departamentos de psicologia nos Estados Unidos, bem como diversas aplicações do conhecimento psicológico e suas técnicas a questões práticas. Mas também esses desenvolvimentos devem sua origem à psicologia de Wundt.

A posição do mestre alemão, como a de qualquer inovador, esteve sujeita a críticas que enfocavam muitos pontos do seu sistema e de sua técnica experimental de introspecção. Por exemplo, quando a introspecção feita por diferentes pessoas apresenta resultados distintos, como decidir quem tem razão? Experimentos que usam a introspecção não garantem o acordo entre os pesquisadores, pois a observação introspectiva é uma experiência particular. Em consequência, não é possível resolver desacordos por meio da repetição de observações. Pensava-se, no entanto, que observadores com mais treinamento e experiência poderiam aperfeiçoar o método.

Durante o tempo de vida de Wundt, foi difícil criticar o seu sistema, principalmente porque ele escrevia muito e com rapidez. Quando um crítico conseguia preparar um ataque sobre um ponto específico, Wundt já tinha modificado sua argumentação numa nova edição de um livro, ou estava escrevendo sobre um assunto totalmente diferente. Os oponentes ficavam para trás, soterrados sob os volumes contendo as detalhadas e complexas descobertas de pesquisa. Além disso, como se assemelhavam a esquemas classificatórios, as teorias wundtianas tendiam a ser pouco coesas e de verificação quase impossível. Não há um centro vital em seu programa, nenhum ponto em que um crítico pudesse prejudicar sua credibilidade ou desarticular o seu sistema de um único golpe.

A posição de Wundt não é um tópico de discussão ativa da psicologia contemporânea já há anos. Como observou um historiador, “o rápido declínio da psicologia wundtiana entre as guerras mundiais (1918-1939) foi impressionante. O imenso corpo de pesquisa e escritos de Wundt praticamente desapareceu no mundo de língua inglesa” (Blumenthal, 1985, p. 44), e também não teve melhor destino no mundo germânico. Durante a vida de Wundt, surgiram na Europa duas outras escolas de pensamento que lançariam uma sombra sobre suas concepções:

a psicologia da Gestalt, na Alemanha, e a psicanálise, na Áustria. Nos Estados Unidos, duas concepções, o funcionalismo e o comportamentalismo, eclipsaram a abordagem wundtiana.

Também se sugeriu que fatores econômicos e políticos — mais uma vez, forças contextuais — contribuíram para o desaparecimento do sistema de Wundt na Alemanha (Blumenthal, 1985). O colapso da economia, depois da derrota alemã na Primeira Guerra Mundial, deixou as universidades do país financeiramente arruinadas. A Universidade de Leipzig nem sequer tinha dinheiro para comprar exemplares dos últimos livros de Wundt para a biblioteca. O laboratório de Wundt, onde ele havia treinado a primeira geração de psicólogos, foi destruído num bombardeio anglo-americano em 4 de dezembro de 1943, durante a Segunda Guerra Mundial. Assim, a natureza, o conteúdo, a forma — e até o lar — da psicologia wundtiana se perderam para sempre.

As monumentais realizações de Wundt não são diminuídas por essa perda nem pelo fato de boa parte da história da psicologia pós-Wundt consistir numa rebelião contra algumas das limitações que ele impôs ao campo. Com efeito, essa rebelião pode aumentar a sua grandeza. Todo movimento de avanço precisa ter algo contra que se firmar e, dessa maneira, Wilhelm Wundt forneceu um atraente e magnífico começo à moderna psicologia experimental.

O monopólio de Wundt sobre a nova psicologia durou apenas um breve tempo. A ciência psicológica também começava a florescer em outros laboratórios alemães. Embora Wundt tenha sido sem dúvida o mais importante organizador e sistematizador dos primórdios da psicologia, outros também influenciaram o desenvolvimento da nova ciência. Esses primeiros psicólogos não-wundtianos tinham pontos de vista distintos entre si, mas todos estavam voltados para o empreendimento comum de fazer avançar a psicologia como ciência. Seus esforços, ao lado dos de Wundt, fizeram da Alemanha o centro indiscutível do movimento.

Aconteciam no entanto, na Inglaterra, trabalhos que iriam dar à psicologia um tema e uma direção inteiramente diferentes. Charles Darwin propunha a teoria da evolução, e Francis Galton começara a trabalhar na psicologia das diferenças individuais. Essas idéias iriam influenciar o progresso da psicologia nos Estados Unidos, muito mais do que a obra de Wundt. Por outro lado, os primeiros psicólogos americanos, a maioria dos quais estudara com Wundt em Leipzig, tinham voltado para casa e tomaram a psicologia wundtiana uma ciência peculiar- mente americana em termos de forma e temperamento. Discutiremos essa questão mais tarde; o importante agora é que, pouco depois de sua fundação por Wundt, a psicologia se dividiu em facções. Embora ele tivesse delimitado o campo, sua abordagem da psicologia cedo se tomou uma entre muitas. Passemos à discussão dos contemporâneos de Wundt na Alemanha.

Hermann Ebbinghaus (1850-1909)

Poucos anos depois de Wundt ter afirmado não ser possível fazer experimentos com os processos mentais superiores, um psicólogo então desconhecido, trabalhando sozinho e longe de qualquer centro de psicologia, começou a fazer bem-sucedidos experimentos com esses processos. Hermann Ebbinghaus tornou-se o primeiro psicólogo a pesquisar experimentalmente a aprendizagem e a memória. Ao fazê-lo, não apenas opôs-se a Wundt como modificou a maneira pela qual a associação ou a aprendizagem podiam ser examinadas.

Antes de Ebbinghaus, notadamente no trabalho dos empiristas e associacionistas britânicos, o modo costumeiro de estudar a associação consistia em trabalhar com associações já formadas. Num certo sentido, o investigador trabalhava retrospectivamente, tentando determinar como os vínculos tinham sido estabelecidos. Ebbinghaus teve um ponto de partida diferente: o desenvolvimento das associações. Assim, foi possível controlar as condições nas quais as associações se formavam e, portanto, tornar mais objetivo o estudo da aprendizagem.

Aceita como uma das grandes manifestações de um gênio original na psicologia experimental, a pesquisa feita por Ebbinghaus acerca da aprendizagem e do esquecimento foi a primeira incursão numa área de problemas verdadeiramente psicológicos, área que não era parte da fisiologia, ao contrário do que ocorrera com a maioria das pesquisas de Wundt. Por essa razão, a obra de Ebbinghaus ampliou consideravelmente o alcance da psicologia experimental.

Nascido perto de Bonn, Alemanha, em 1850, Ebbinghaus fez seus estudos universitários primeiro na Universidade de Bonn e, mais tarde, nas de Halle e de Berlim. No curso do seu treinamento acadêmico, seus interesses passaram da história e da literatura para a filosofia, na qual se graduou em 1873, depois de prestar o serviço militar durante a Guerra Franco-

Prussiana. Permaneceu sete anos como aluno independente na Inglaterra e na França, onde voltou a mudar de interesses, inclinando-se desta vez para a ciência. Por volta de 1876, três anos antes de Wundt ter montado seu laboratório, Ebbinghaus comprou um exemplar de segunda mão do *Elements of Psychophysics* (Elementos de Psícofísica), de Fechner, numa livraria de Londres. Esse encontro casual o influenciou — e à nova psicologia — de modo profundo.

A abordagem matemática de Fechner para o estudo dos fenômenos psicológicos foi uma

88

Mediante os seus estudos sobre a aprendizagem e a memória, Hermann Ebbinghaus ampliou o alcance da psicologia experimental.

estimulante revelação para o jovem Ebbinghaus, que resolveu fazer pelo estudo da memória o que Fechner tinha feito pela psicofísica, usando medidas rígidas e sistemáticas. Ele desejava aplicar o método experimental aos processos mentais superiores e decidiu, provavelmente devido à influência dos associacionistas britânicos, fazer a tentativa no campo da memória.

Examinemos o ousado curso de ação de Ebbinghaus à luz do problema por ele escolhido e de sua própria situação. A aprendizagem e a memória nunca tinham sido estudadas experimentalmente. Na verdade, o eminente psicólogo Wilhelm Wundt dissera que isso era impossível. Além disso, Ebbinghaus não tinha um cargo acadêmico, nenhum ambiente universitário onde efetuar seu trabalho, nenhum professor nem laboratório. E, no entanto, ele realizou sozinho, por um período de cinco anos, uma série de estudos cuidadosamente controlados e minuciosos, usando a si mesmo como sujeito.

Para a medida básica da aprendizagem, ele adaptou uma técnica dos associacionistas, que destacava o princípio da frequência de associações como condição da recordação. Ebbinghaus raciocinou que a dificuldade do material de aprendizagem poderia ser medida pela contagem do número de repetições necessárias para que se conseguisse uma perfeita reprodução desse material. (Este é outro exemplo da influência de Fechner, que media as sensações indiretamente, através da medida da intensidade do estímulo necessário à produção de uma diferença apenas perceptível na sensação. Ebbinghaus abordou o problema da medição da memória de

89

um modo indireto semelhante, contando o número de tentativas ou de repetições necessário à aprendizagem do material.)

Ebbinghaus usava listas de sílabas semelhantes mas não idênticas como material a ser aprendido e repetia a tarefa freqüentemente para ter certeza da precisão dos resultados. Assim, podia cancelar erros variáveis de tentativa para tentativa e tirar a média. Ebbinghaus foi tão sistemático em sua experiência que até regulou seus hábitos pessoais, mantendo-os dentro da maior constância possível e seguindo uma rotina rígida, para aprender o material sempre no mesmo horário todos os dias.

Quanto ao objeto de estudo de sua pesquisa — o material a ser aprendido —, Ebbinghaus inventou a série de sílabas hoje conhecidas como sílabas sem sentido, que revolucionaram o

estudo da aprendizagem. E. B. Titchener mais tarde comentou que o uso dessas sílabas marcou o primeiro avanço significativo da área, desde Aristóteles.

Ebbinghaus reconheceu uma dificuldade inerente ao uso da prosa ou da poesia como materiais de estímulo: os significados ou associações já estão associados às palavras por aqueles que conhecem a língua. Essas associações existentes podem facilitar a aprendizagem do material e, como já estão presentes quando o experimento é feito, não podem ser controladas pelo pesquisador. Ele procurou um material que fosse uniformemente não associado, completamente homogêneo e igualmente desconhecido, um material com o qual só houvesse bem poucas associações passadas. Suas sílabas sem sentido, em geral formadas por duas consoantes com uma vogal no meio (como *lef*, *bok* ou *yat*), satisfaziam esses critérios. Ele escreveu todas as combinações possíveis de consoantes e vogais em cartões, gerando 2.300 sílabas das quais retirava ao acaso aquelas a serem aprendidas.

Novos dados históricos, fornecidos por um psicólogo alemão que leu cuidadosamente as notas de rodapé das obras publicadas de Ebbinghaus, e o livro de exercícios de um dos conjuntos experimentais, e que comparou a tradução inglesa com as palavras de Ebbinghaus em alemão, deram uma nova interpretação ao nosso entendimento das sílabas sem sentido (Gundlach, 1986). Ele descobriu que elas não eram necessariamente sem sentido, nem se limitavam a três letras.

Essa metódica investigação dos dados da história — nesse caso, os próprios escritos de Ebbinghaus — revelou que algumas de suas sílabas tinham quatro, cinco ou seis letras. E, o que é mais importante, o que Ebbinghaus denominou “série sem sentido de sílabas” como objeto de estudo de suas pesquisas foi traduzido incorretamente para o inglês como uma “série de sílabas sem sentido”. Para Ebbinghaus, não eram as sílabas individuais que não deviam ter sentido (embora muitas delas não tivessem), mas toda a série de sílabas. Ou seja, a própria lista de sílabas foi construída para não ter sentido nem interconexões.

Essa nova perspectiva dos escritos de Ebbinghaus também revelou que ele dominava o inglês, o francês e o alemão, tendo ainda estudado latim e grego. “Ele teria tido uma enorme dificuldade, não há dúvida, para construir qualquer sílaba que lhe parecesse sem sentido. O vão esforço por obter a sílaba definitivamente sem sentido e inteiramente livre de associações é o empreendimento de alguns dos seus seguidores” (Gundlach, 1986, pp. 469-470).

Ebbinghaus planejou alguns experimentos usando sua série sem sentido de sílabas para determinar a influência de várias condições sobre a aprendizagem e a retenção. Um desses estudos investigou a diferença entre sua velocidade de memorizar as listas de sílabas e sua velocidade de memorizar materiais mais significativos. Para determinar essa diferença, ele memorizou estrofes do “Don Juan” de Byron. Cada estrofe tem oitenta sílabas, e Ebbinghaus verificou que eram necessárias cerca de nove leituras para memorizar cada estrofe. Em seguida, memorizou uma lista de oitenta de suas sílabas sem sentido e descobriu que a tarefa exigia quase oitenta repetições. Concluiu que o material sem sentido ou desprovido de associações apresenta uma dificuldade nove vezes maior de aprendizagem do que o material significativo.

Ele também estudou o efeito da extensão do material a ser aprendido sobre o número de repetições necessário para uma perfeita reprodução. Concluiu que o material mais extenso requer mais repetições e, em consequência, mais tempo de aprendizagem. Descobriu que o tempo médio necessário à memorização de uma sílaba aumentava quando era aumentado o número de sílabas a serem aprendidas. Esses resultados são mais ou menos previsíveis: quanto mais temos a aprender, tanto mais tempo levamos para fazê-lo. Mas a importância do trabalho de Ebbinghaus é o cuidadoso controle das condições experimentais, a análise quantitativa dos dados e a descoberta de que tanto o tempo total de aprendizagem como o tempo por sílaba aumentam com listas mais extensas de sílabas.

Ebbinghaus estudou outras variáveis que se pensava influenciarem a aprendizagem e a memória, tais como o efeito da ultra-aprendizagem (a repetição das listas mais vezes do que o necessário para uma perfeita reprodução), as associações próximas e remotas dentro das próprias listas, a aprendizagem repetida ou recapitulação, e a influência do tempo entre a aprendizagem e a recordação. Suas pesquisas sobre o efeito do tempo produziram a famosa curva de esquecimento de Ebbinghaus. Essa curva, como todo aluno de psicologia sabe, demonstra que o material é esquecido bem rapidamente nas primeiras horas depois da apren— dizagem e com mais lentidão daí por diante.

Em 1880, Ebbinghaus foi nomeado para um cargo acadêmico na Universidade de Berlim, onde deu continuidade às pesquisas, reproduzindo e verificando seus estudos anteriores. Publicou os resultados num livro chamado *Über das Gedächtnis* (Sobre a Memória) em 1885, que representa o que talvez seja a mais brilhante pesquisa individual da história da psicologia

experimental. Além de dar início a um novo campo de estudo, ainda vital hoje, a obra dá um exemplo de habilidade técnica, perseverança e engenhosidade. É impossível encontrar na história da psicologia qualquer outro pesquisador isolado que tenha se submetido a um regime tão rigoroso de experimentação. Sua pesquisa foi tão exigente, exaustiva e sistemática que é citada, mais de cem anos depois, em manuais contemporâneos.

Ebbinghaus deixou a outros a tarefa de desenvolver o campo da aprendizagem e da memória, bem como de estender e aprimorar a metodologia. Depois de 1885, quando foi promovido a professor-assistente em Berlim, ele publicou relativamente pouco. Fundou um laboratório e, em 1890, fundou uma revista com o físico Arthur König, a *Zeitschrift für Psychologie and Physiologie der Sinnesorgane* (Revista de Psicologia e Fisiologia dos Órgãos dos Sentidos). Era necessária uma nova revista na Alemanha, porque a *Studien de Wundt*, o principal órgão do laboratório de Leipzig, não podia publicar relatos de todas as pesquisas psicológicas realizadas na época. Essa necessidade, apenas nove anos depois de Wundt ter fundado a sua revista, é um testemunho significativo do fenomenal crescimento da nova psicologia, em termos de dimensões e de diversidade.

No primeiro número de sua revista, Ebbinghaus e König fizeram uma audaciosa defesa das duas disciplinas incluídas no título: a psicologia e a fisiologia. Esses campos, escreveram

eles, cresceram juntos de modo consistente..., para formar um todo; promovendo e pressupondo o um ao outro, e constituem dois membros de igual valor de uma grande ciência dupla”

(Turner, 1982, p. 151). Uma tal declaração, apenas onze anos depois de Wundt ter fundado seu laboratório experimental, mostra quão longe chegara a idéia de psicologia de Wundt.

Ebbinghaus não foi promovido outra vez na Universidade de Berlim, ao que parece porque não publicava muito, e, em 1894, aceitou um cargo na Universidade de Breslau, onde permaneceu até 1905. Em 1897, desenvolveu um teste de completar sentenças, provavelmente o primeiro teste bem-sucedido dos processos mentais superiores. Uma forma modificada desse teste é incluída hoje em testes de inteligência geral ou de capacidade cognitiva.

Em 1902, Ebbinghaus publicou um manual geral altamente bem-sucedido, *Die Grundzüge der Psychologie* (Princípios de Psicologia), dedicado à memória de Fechner e, em 1908, um texto mais popular, *Abriß der Psychologie* (Svnário de Psicologia). Ambos os livros tiveram várias edições e foram revisados por outros depois da morte de Ebbinghaus. Este foi para a Universidade de Haile em 1905, e morreu de repente de pneumonia, em 1909.

Ebbinghaus não fez contribuições teóricas à psicologia, não criou um sistema formal nem teve discípulos importantes para a psicologia. Não fundou uma escola nem parece tê-lo desejado. Contudo, tem grande importância não somente para o estudo da aprendizagem e da memória, de que foi o iniciador, como também para a psicologia experimental como um todo.

Uma medida do valor histórico geral de um cientista é o quanto sua posição e suas conclusões resistem ao teste do tempo. A partir desse padrão, pode-se sugerir que Ebbinghaus é mais importante do que Wundt. Suas pesquisas conferiram objetividade, quantificação e experimentação ao estudo da aprendizagem, um tópico central da psicologia moderna. Deve-se a Ebbinghaus o fato de o trabalho sobre o conceito de associação ter abandonado a especulação acerca dos seus atributos e passado à investigação científica formal. Muitas de suas conclusões sobre a natureza da aprendizagem e da memória permanecem válidas um século depois de ele as ter publicado.

Georg Elias Müller (1850-1934)

Fisiologista e filósofo por formação, homem que nunca ia dormir antes da meia—noite, Georg Müller tinha um forte interesse pela psicologia, que manifestou numa carreira de quarenta anos na Universidade de G Alemanha. Entre 1881 e 1921, seu bem equipado laboratório rivalizou com o de Wundt em Leipzig, atraindo muitos alunos da Europa e dos Estados Unidos.

Müller fez um trabalho considerável acerca da visão cromática, tendo criticado amplamente, bem como reformulado, o trabalho de Fechner no campo da psicofísica. Suas contribuições de pesquisa foram tão substanciais que E. B. Titchener retardou por dois anos o segundo volume do seu manual de psicologia experimental para poder incorporar informações do último livro de Müller.

Müller foi um dos primeiros a trabalhar na área iniciada por Ebbinghaus, o estudo experimental da aprendizagem e da memória, e suas pesquisas verificaram e ampliaram muitas das descobertas de Ebbinghaus. A abordagem deste último fora estritamente objetiva; ele não tinha registros de introspecções sobre os seus processos mentais enquanto estava voltado para suas tarefas de aprendizagem. Müller, contudo, acreditava que a

abordagem de Ebbinghaus tendia a fazer o processo de aprendizagem parecer demasiado mecânico ou automático. Ele achava que a mente tinha um envolvimento mais ativo no processo. Os resultados que obteve confirmaram que a aprendizagem não se produz mecanicamente. Seus sujeitos tinham um envolvimento ativo no agrupamento e na organização conscientes do material, e até encontraram significados nas listas de sílabas sem sentido.

Com base nessas pesquisas, Müller concluiu que a associação por contigüidade não explica adequadamente por si a aprendizagem, já que o sujeito parece buscar ativamente relações entre os estímulos a serem assimilados. Ele sugeriu que um conjunto de fenômenos mentais, tais como prontidão, hesitação e dúvida (as chamadas atitudes conscientes), tem influência decisiva sobre a aprendizagem. Logo se seguiram descobertas semelhantes, como veremos, a partir do trabalho de Oswald Külpe, na Universidade de Würzburg.

Müller foi o primeiro a propor e a demonstrar no laboratório a teoria do esquecimento por interferência. A seu ver, o esquecimento era menos uma função da decadência da memória ao longo do tempo do que da interferência de novos dados na recordação de matéria aprendido antes.

92

Uma contribuição final para o estudo da aprendizagem merece menção. Junto com Friedrich Schumann, seu assistente de laboratório, Müller desenvolveu o tambor da memória,

um tambor giratório que permite a apresentação uniforme do material a ser aprendido. Hoje comum nos laboratórios, esse aparelho é significativo por ter aumentado a precisão e a objetividade da pesquisa sobre aprendizagem e memória.

Franz Brentano (1838-1917)

Aos dezesseis anos de idade, Franz Brentano iniciou sua formação para o sacerdócio, estudando nas universidades de Berlim, de Munique e de Tübingen, na Alemanha. Graduiu-se em filosofia em Tübingen no ano de 1864. Ordenado no mesmo ano, dois anos mais tarde começou a ensinar filosofia na Universidade de Würzburg e a escrever e dar palestras sobre Aristóteles. Em 1870, o Concílio Vaticano, reunido em Roma, aceitou a doutrina da infalibilidade papal, algo com que Brentano não podia concordar. Ele pediu demissão do cargo de professor, para o qual fora nomeado na qualidade de padre, e deixou a Igreja.

Seu livro mais famoso, *Psychologie von empirischen Standpunkten* (Psicologia do Ponto de Vista Empírico), foi publicado em 1874, o ano em que apareceu a segunda parte da primeira edição de *Princípios de Psicologia Fisiológica*, de Wundt. O livro de Brentano constituía uma oposição direta à concepção wundtiana, comprovando a dissidência já evidente na nova psicologia. Nesse mesmo ano, Brentano foi nomeado professor de filosofia da Universidade de Viena, Áustria, onde permaneceu por vinte anos, período durante o qual sua influência cresceu consideravelmente. Conferencista popular, teve entre seus alunos várias personalidades que alcançaram destaque na história da psicologia: Carl Stumpf, Christian von Ehrenfels e Sigmund Freud. Em 1894, Brentano aposentou-se, tendo passado seus últimos anos na Itália e na Suíça estudando e escrevendo.

Brentano foi um dos mais importantes não-wundtianos devido à sua diversificada influência no campo da psicologia. (Veremos mais tarde ter sido ele o precursor intelectual da psicologia gestaltista e da psicologia humanista.) Partilhou com Wundt o objetivo de fazer da psicologia uma ciência. Contudo, enquanto a psicologia de Wundt era experimental, a sua era empírica. Para Brentano, o principal método da psicologia era a observação, e não a experimentação, embora ele não rejeitasse o método experimental. Uma abordagem empírica é em geral mais ampla, já que obtém seus dados tanto da observação e da experiência individual como da experimentação.

Brentano se opôs à idéia wundtiana fundamental de que a psicologia deveria estudar o conteúdo da experiência consciente. Ele afirmou que o objeto de estudo próprio da psicologia é a atividade mental — o ato mental de ver, por exemplo, em vez do conteúdo mental daquilo que é visto. Assim, a chamada psicologia do ato de Brentano contrariava a visão wundtiana de que os processos mentais envolvem conteúdos. Brentano alegou que é preciso estabelecer uma distinção entre a experiência como estrutura e como atividade. Por exemplo, o conteúdo sensorial do vermelho é distinto da atividade de perceber o vermelho. Para Brentano, o ato da experiência é o verdadeiro objeto de estudo da psicologia. Ele afirmou que uma cor não é uma qualidade mental, mas estritamente uma qualidade física. O ato de ver a cor, no entanto, é mental. É claro que um ato sempre envolve um objeto; um conteúdo sempre está presente, porque o ato de ver é sem sentido se não houver algo para ser visto.

Esse objeto de estudo redefinido pedia um método de estudo distinto, já que os atos, ao contrário dos conteúdos sensoriais, não são acessíveis por meio do método praticado no laboratório de Wundt em Leipzig. O estudo dos atos mentais exigia uma observação em escala mais ampla do que a usada por Wundt. Por isso, a psicologia do ato é mais empírica do que

93

experimental quanto à sua metodologia. Isso não implica que a psicologia de Brentano seja um retorno à filosofia especulativa; embora não seja experimental, ela se baseia na observação sistemática.

A posição de Brentano teve os seus adeptos, mas a psicologia wundtiana manteve sua proeminência na nova psicologia. Como Wundt publicava mais do que Brentano, sua posição ficou melhor conhecida. Do mesmo modo, era mais fácil estudar as sensações ou conteúdos conscientes do que os atos, mais impalpáveis, com os métodos da psicofísica.

Gari Stumpf (1848-1936)

Nascido numa família de médicos, Gari Stumpf desde muito cedo teve contato com a ciência, o que não o impediu de ter maior interesse pela música. Aos sete anos, começou a estudar violino e, aos dez, compunha música. Como aluno da Universidade de Würzburg, interessou-se pela obra de Brentano e voltou a sua atenção para a filosofia e a ciência. Por sugestão de Brentano, Stumpf foi para a Universidade de G onde se doutorou em 1868. Nos anos seguintes, enquanto começava a trabalhar no campo da psicologia, exerceu alguns cargos acadêmicos.

Em 1864, foi nomeado para a Universidade de Berlim, a posição docente mais apreciada

na psicologia alemã. Wundt, que na época era considerado o decano dos psicólogos alemães,

seria a escolha lógica para o cargo. Afirma-se que o influente Helmholtz se opôs à indicação de Wundt.

Os anos passados por Stumpf em Berlim foram extremamente proveitosos, e seu laboratório original, composto por três pequenas salas, tornou-se um grande e importante instituto. Embora esse laboratório nunca rivalizasse com o de Wundt em termos de alcance ou de intensidade de pesquisa, Stumpf é com frequência considerado o principal competidor de Wundt. Stumpf treinou os psicólogos que iriam fundar a psicologia da Gestalt, uma escola de pensamento que se opunha às concepções wundtianas.

Os primeiros escritos psicológicos de Stumpf estavam voltados para a percepção do espaço, mas a sua obra mais importante foi *Tonpsychologie* (Psicologia do Som), que foi publicado em dois volumes, em 1883 e 1890. Essa obra e seus outros estudos de música lhe deram uma posição que só perdia para a de Helmholtz no campo da acústica, tendo sido considerada um esforço pioneiro no estudo psicológico da música.

A influência de Brentano pode explicar a aceitação por Stumpf de uma abordagem da psicologia menos rigorosa do que Wundt considerava necessária. A fenomenologia, o tipo de introspecção favorecida por Stumpf, refere-se ao exame da experiência não distorcida, isto é, a experiência tal como ocorre. Ele não concordava com Wundt no tocante a decompor a experiência em elementos. Fazê-lo, argumentava ele, é tomar a experiência artificial e abstrata, e, portanto, não mais natural. Um aluno de Stumpf, Edmund Husserl, mais tarde propôs a corrente filosófica da fenomenologia, movimento precursor de outras formas de psicologia, notadamente da psicologia da Gestalt.

Numa série de publicações, Stumpf e Wundt travaram um acalorado debate sobre a introspecção de sons. O debate foi iniciado por Stumpf no nível teórico, mas Wundt o tornou pessoal. Essencialmente, a controvérsia envolvia a questão de determinar quais relatos dos introspeccionistas eram os mais confiáveis. Quando se lidava com sons, dever-se-iam aceitar os resultados de observadores de laboratório altamente treinados, como queria Wundt, ou de especialistas em música, como era do agrado de Stumpf? Stumpf não aceitava os resultados obtidos no laboratório de Wundt em Leipzig acerca desse problema.

Continuando a escrever sobre música e acústica, Stumpf criou um centro para guardar os registros de música primitiva de todo o mundo.

95

Seus estudos de acústica levaram Carl Stumpf a travar um acalorado debate com Wundt acerca do uso adequado da introspecção na psicologia.

Fundou a Associação de Psicologia Infantil de Berlim e publicou uma teoria do sentimento em que tentava reduzir o sentimento à sensação. Stumpf foi um dos psicólogos alemães que manteve sua independência em relação a Wundt e, assim fazendo, ampliou as fronteiras da psicologia.

Oswald Külpe (1862-1915) e a Escola de Würzburg

96

Inicialmente aluno, discípulo e seguidor de Wundt, Oswald Külpe, no decorrer de sua carreira, liderou um grupo de alunos num movimento voltado para romper com o que considerava as limitações da obra do fundador. Embora não fosse uma revolução, o movimento de Külpe foi uma declaração de liberdade contra a estreiteza de algumas concepções de Wundt. Külpe trabalhou com inúmeros problemas que a psicologia de Wundt desconsiderara.

Aos dezenove anos, Külpe iniciou seus estudos na Universidade de Leipzig. Sua intenção era estudar história; mas, sob a influência de Wundt, voltou-se para a filosofia e para a psicologia experimental, que, em 1881, ainda estava em sua infância. Mas Külpe continuou a

sentir forte atração pela história e, depois de um ano de estudos com Wundt, voltou a dedicar-

se a ela em Berlim. Depois de duas outras incursões na psicologia e na história, voltou a trabalhar com Wundt em 1886, tendo permanecido em Leipzig por oito anos.

Diplomando-se em Leipzig, lá ficou como professor-assistente e assistente de Wundt, fazendo pesquisas no laboratório. Escreveu um manual, *Grundriss der Psychologie* (Esboço de Psicologia), publicado em 1893 e dedicado a Wundt. Nele, Külpe definiu a psicologia como a ciência dos fatos da experiência, dependente do indivíduo que passa pela experiência.

Em 1894, Külpe tomou-se professor da Universidade de Würzburg, onde instalou, dois anos mais tarde, um laboratório que cedo ameaçou rivalizar com o de Wundt em importância. Entre os alunos atraídos para Würzburg, havia vários americanos; um deles, James Rowland Angell, tornou-se um figura importante no desenvolvimento do funcionalismo (Capítulo 7).

No Esboço de Psicologia, Külpe não discutiu o processo mental superior do pensamento. Na época, sua posição ainda era compatível com a de Wundt. Alguns anos mais tarde, contudo, ele se convenceu de que os processos de pensamento podiam ser estudados experimentalmente. A memória, outro processo mental superior, fora estudada assim por Ebbinghaus. Se a memória podia ser estudada no laboratório, por que não o pensamento? A formulação dessa pergunta pôs Külpe em oposição direta ao seu antigo mestre, porque Wundt enfatizara que os processos mentais superiores não podiam ser objeto de um estudo experimental.

Um segundo ponto de divergência entre a escola de Würzburg, como ela veio a ser chamada, e o sistema wundtiano vincula-se com a introspecção. Külpe desenvolvera um método denominado introspecção experimental sistemática. Ele envolvia a realização de uma tarefa complexa (como o estabelecimento de ligações lógicas entre conceitos), depois da qual se pedia aos sujeitos que fizessem um relato retrospectivo dos seus processos cognitivos durante a realização da tarefa. Em outras palavras, pedia-se aos sujeitos que realizassem algum processo mental, tal como pensar ou julgar, e depois examinassem de que maneira tinham pensado ou julgado. Wundt tinha rejeitado o uso do relato retrospectivo em seu laboratório. Ele acreditava em estudar a experiência consciente tal como ocorria, e não a memória dela depois da ocorrência.

O método introspectivo de Külpe era sistemático; nele, a experiência como um todo era descrita de maneira precisa mediante o seu fracionamento em períodos de tempo. Tarefas semelhantes eram repetidas muitas vezes para que os relatos introspectivos pudessem ser corrigidos, corroborados e ampliados. Esses relatos eram com frequência suplementados por perguntas que dirigiam a atenção do sujeito para pontos particulares.

Há várias outras diferenças entre as abordagens introspectivas de Külpe e de Wundt. Este último não concordava em fazer os sujeitos descreverem com detalhes suas experiências conscientes, concentrando a sua pesquisa em medidas objetivas e quantitativas, como os tempos de reação e os tipos de julgamentos requeridos na pesquisa psicofísica.

A introspecção experimental sistemática de Külpe, em contrapartida, acentuava os relatos subjetivos, qualitativos e detalhados feitos pelos sujeitos acerca da natureza dos seus processos de pensamento. Os sujeitos não tinham apenas de fazer julgamentos simples sobre a intensidade de um estímulo, devendo além disso descrever os processos mentais complexos

97

pelos quais passavam durante sua exposição a alguma tarefa experimental. A abordagem de Külpe tinha como alvo direto a investigação do que se passava na mente do sujeito durante uma experiência consciente.

Külpe não rejeitou o foco de Wundt sobre a experiência consciente, o instrumento de pesquisa que era a introspecção, nem a tarefa fundamental de analisar a consciência em seus elementos. O alvo do seu trabalho era expandir a concepção de objeto de estudo da psicologia de Wundt a fim de incluir os processos mentais superiores, bem como aprimorar o método da introspecção.

Quais foram os resultados dessa tentativa de expansão e aprimoramento? O ponto de vista de Wundt acentuava que a experiência consciente podia ser reduzida aos seus elementos sensoriais ou imaginais componentes. Para ele, toda experiência se compõe de sensações ou imagens. A introspecção direta de processos de pensamento, empregada por Külpe, encontrara provas para sustentar a perspectiva oposta, a de que o pensamento pode ocorrer sem conteúdos sensoriais ou imaginais. Essa descoberta veio a ser identificada como pensamento sem uma base, expressão que representa a noção de sentidos no pensamento que não parecem envolver quaisquer imagens específicas. Desse modo, a pesquisa de Külpe identificou uma forma ou aspecto não sensorial da consciência.

Os tópicos de pesquisa da escola da Würzburg eram variados. Uma importante contri-
buição foi um estudo de Karl Marbe sobre o julgamento comparativo de pesos. Marbe descobriu que, embora estivessem presentes durante a tarefa, as sensações e imagens pareciam não ter papel no processo de julgamento. Os sujeitos não conseguiam relatar como os julgamentos de pesos mais leves ou mais pesados surgiam na sua mente. Essa descoberta contrariou a convicção há muito mantida sobre os processos de pensamento — de que, ao fazer um julgamento dessa espécie, o sujeito retém uma imagem mental do primeiro objeto (o peso) e o compara com uma impressão sensorial do segundo objeto. O experimento de Marbe demonstrou que não existe essa comparação entre imagem e impressão sensorial e que o processo de julgamento é mais enganoso do que se supunha.

O grupo de Würzburg de Külpe também se ocupou da associação e da vontade. Um estudo realizado por Heniy Watt demonstrou que, numa tarefa de associação de palavras (em que se pedia ao sujeito que reagisse a uma palavra-estímulo), o sujeito tinha poucas informações relevantes para contar sobre seu processo consciente de julgamento. Essa descoberta forneceu uma demonstração adicional de experiência consciente que não pode ser reduzida a sensações e imagens. Watt verificou que os sujeitos podiam responder corretamente sem ter consciência de pretender fazê-lo no momento da resposta. Ele concluiu que o trabalho consciente era feito antes de a tarefa ser realizada, no momento em que as instruções eram dadas e compreendidas.

Segundo Watt, os sujeitos recebiam as instruções e, de alguma maneira, decidiam reagir do modo requerido. Diante da palavra-estímulo, cumpriam as instruções sem esforço consciente ulterior. Como resultado da compreensão das instruções, explicava Watt, os sujeitos aparentemente estabeleciam um conjunto ou tendência determinante inconsciente para reagir da forma desejada. Uma vez que a tarefa tivesse sido compreendida e a tendência determinante adotada, a tarefa específica era realizada com pouco ou nenhum esforço consciente. Essa pesquisa sugeria que predisposições situadas fora da consciência são de algum modo capazes de controlar atividades conscientes.

Em 1907, com o trabalho de Karl Bühler, iniciou-se um novo período na escola de Würzburg. Seu método de pesquisa envolvia a apresentação ao sujeito de uma questão que exigia certa reflexão antes de poder ser respondida. Pedia-se a sujeitos que fizessem o relato mais completo possível das etapas envolvidas na formulação da resposta, enquanto o experi

98

Treinado em Leipzig, Oswald Kewpe e sua escola de Würzburg ampliaram o objeto de estudo da psicologia ao incluírem nele os processos mentais superiores.

mentador intercalava perguntas sobre o processo. Os resultados obtidos por Bühler reforçaram a noção dos elementos não sensoriais da experiência. Ele afirmou que esses novos tipos de elementos estruturais são vitais para o processo de pensamento.

Como era de esperar, a modificação feita por Külpe no método introspectivo de Wundt e sua tentativa de aumentar a lista de elementos provocaram fortes críticas dos wundtianos ortodoxos e ataques mordazes do próprio Wundt, que considerou a forma de introspecção de Würzburg “falsos” experimentos, afirmando que esse método na verdade não envolvia introspecção nem experimentação.

De certo modo, é estranho que os wundtianos se opusessem tão fortemente à sugestão de Külpe sobre a vida mental não-sensorial. Afinal, Külpe seguia trilhas abertas por Wundt.

99

Não tinha Wundt percorrido linhas mais ou menos semelhantes? Não era a sua noção de sentimentos um reconhecimento dos elementos não-sensoriais da experiência consciente? Não foi sem dúvida por acaso que Külpe, produto do treinamento wundtiano, tenha instigado esse movimento.

O interesse de Würzburg pela área da motivação constitui uma importante contribuição à psicologia moderna. O conceito de conjunto ou tendência determinante certamente tem

relação direta com os trabalhos atuais no campo. Do mesmo modo, a demonstração de que a experiência depende não apenas de elementos conscientes mas também de tendências determinantes inconscientes sugere o papel dos determinantes inconscientes do comportamento, idéia que constitui parte importante do sistema desenvolvido por Sigmund Freud.

Comentário

Vemos, assim, que divisões e controvérsias envolveram a psicologia, praticamente desde o momento de sua fundação. Deve-se acentuar, no entanto, que, apesar de todas as diferenças, esses primeiros psicólogos estavam unidos em termos de tema e propósito.

Wundt, Ebbinghaus, Brentano, Stumpf e outros mudaram irrevogavelmente o estudo da natureza humana. Graças aos seus esforços, a psicologia já não era

um estudo da alma [um estudo, realizado por meio da observação e dos experimentos, de certas reações do organismo humano não incluídas no objeto de estudo de nenhuma outra ciência. Os psicólogos alemães, apesar das suas muitas diferenças, estavam, nesse sentido, engajados num empreendimento comum; e sua capacidade, sua habilidade e a direção comum dos seus trabalhos fizeram das pesquisas nas universidades alemãs o centro do novo momento da psicologia (Heid breder, 1933, p. 105).

A Alemanha não permaneceu por muito tempo como centro do novo movimento. Uma versão da psicologia de Wundt logo foi levada aos Estados Unidos por seu aluno E. E. Titchener.

Sugestões de Leitura

Wundt e os Primórdios da Psicologia Experimental

Anderson, R. J., “The untranslated content of Wundt’s Grundziige der Physiologischen Psychologie”,

Journal of the History of the Behavioral Sciences, n 21, pp. 381-386, 1975. Sugere que Titchener

só traduziu a parte da obra de Wundt que sustentava sua própria posição.

Baldwin, E. T., “In memory of Wilhelm Wundt by his American students”, Psychological Review, n

28, pp. 153-158, 1921. Contém reminiscências dos alunos americanos de Wundt, incluindo psicólogos notáveis como Angeli, Cattell, Hall e Titchener.

Benjamin, L. T., Jr., Harry Kirke Wolfe: Pioneer in Psychology, Lincoln, University of Nebraska Press, 1991. Uma fascinante e notável biografia de um dos primeiros alunos de Wundt e Ebbinghaus, um dos dois primeiros americanos a obter um doutorado na Universidade de Leipzig. Wolfe montou na Universidade de Nebraska um dos primeiros laboratórios americanos de pesquisa em psicologia, sendo um professor notável que treinou uma geração de psicólogos mais tarde proeminentes no campo.

Blumenthal, A. L., “A reappraisal of Wilhelm Wundt”, American Psychologist, n 30, pp. 1081-1088, 1975. Reavalia as contribuições de Wundt e suas idéias e tendências da

psicologia cognitiva; ilustra a importância de esse, o mal alemão para formar uma ideia exata

da sua obra /

Afil ,

100

Bringmann, W. O., Balance, W. e Evans, R. B., "Wilhelm Wundt, 1832-1920: A brief biographical sketch", *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 11, pp. 287-297, 1975. Descreve os

primeiros anos, a educação, as pesquisas e as atividades profissionais de Wundt.

Danziger, K., *On the Subject: Historical Origins of Psychological Research*, Cambridge, Inglaterra, Cambridge University Press, 1990. Acompanha as mudanças na metodologia da pesquisa psicológica da introspecção do século XIX de Wundt à ênfase, da metade do século XX, na quantificação e na análise estatística; examina o impacto de fatores contextuais sociais sobre as práticas de pesquisa americana e alemã.

Haeblerlin, H. K., "The theoretical foundations of Wundt's folk psychology", *Psychological Review*, n

23, pp. 279-302, 1916. Exposição e análise da psicologia cultural de Wundt.

Leahey, T. H., "Something old, something new: Attention in Wundt and modern cognitive psychology", *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 15, pp. 242-252, 1979. Descreve e compara a obra de Wundt com a de pesquisadores contemporâneos no campo dos problemas da percepção.

Sokal, M. M. (Org.), *An Education in Psychology: James McKeen Cattell's Journal and Letters from Germany and England, 1880-1888*, Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 1981. Reproduz e anota mais de 450 documentos que cobrem a educação universitária e a carreira profissional de Cattell; examina em especial o material relativo aos seus anos como pesquisador do laboratório de Wundt em Leipzig.

Ebbinghaus

Ebbinghaus, H., *Memory: A Contribution to Experimental Psychology*, Nova York, Dover, 1964. Reimpressão da obra clássica de Ebbinghaus, publicada originalmente em 1885, que descreve sua metodologia de pesquisa, suas listas de sílabas e suas descobertas no campo da aprendizagem, da retenção e do esquecimento.

Kintsch, W., "Reflections on Ebbinghaus", *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory,*

and Cognition, n 11, pp. 461-463, 1985. Breves observações sobre as contribuições de Ebbinghaus

e críticas à sua metodologia experimental e teorização.

Postman, L., "Hermann Ebbinghaus", *American Psychologist*, n 23, pp. 149-157, 1968. Descreve as

contribuições de Ebbinghaus ao estudo experimental da memória.

Young, R. K., 'Ebbinghaus: Some consequences', Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition, n 11, pp. 491-495, 1985. Afirma que o trabalho de Ebbinghaus era tão significativo que, por quase 80 anos, os psicólogos relutaram em sugerir outras formas de abordar problemas da aprendizagem e da memória.

Müller

Boring, E. O., "An operational restatement of O. E. Müller's psychophysical axioms", Psychological

Review, n 48, pp. 457-464, 1941. Discute as concepções de Müller sobre a relação entre processos

mentais e processos cerebrais.

Brentano

Rancureilo, A. C., A Study of Franz Brentano: His Psychological Standpoint and His Significance in the

History of Psychology, Nova York, Academic 1968. Uma biografia de Brentano e uma avaliação do

seu significado histórico.

Sussman, E. J., 'Franz Brentano: Much alive, though dead', American Psychologist, n 17, pp. 504-506,

1962. Uma nota acerca da continuidade da influência das idéias de Brentano.

Stumpf

Langfeld, H. S., 'Stumpf's 'Introduction to Psychology' ', American Journal of Psychology, n 50, pp.

33-56, 1937. Descreve o curso de iniciação à psicologia dado por Stumpf na Universidade de Berlim em 1906-1907.

101

Külpe e a Escola de Würzburg

Lindenfeld, D, Oswald Külpe and the Würzburg School", Journal of the History of the Behavioral

Sciences, n 14, pp. 132-141, 1978. Avalia a importância de Külpe e vincula sua concepção de

psicologia com seus pontos de vista filosóficos.

Ogden, R. M., Oswald Külpe and the Würzburg School", American Journal of Psychology, n 64, pp.

4-19, 1951. Descreve as pesquisas experimentais realizadas no laboratório de psicologia de Külpe, na Universidade de Würzburg.

102

O Estruturalismo

Introdução Reprodução de Texto Original sobre o Estruturalismo:

Trecho de A Text-Book of Psychology, de

Edward Bradford Titchener (1867-1927) E. B. Titchener

A Vida de Titchener

O Sistema de Psicologia de Titchener

O Destino do Estruturalismo

O Método de Estudo: Introspecção

Os Elementos da Consciência

Críticas ao Estruturalismo

Contribuições do Estruturalismo

Introdução

E. B. Titchener alterou dramaticamente o sistema de Wundt, enquanto jurava ser um seguidor leal. Ele propôs a sua própria abordagem, a que deu o nome de estruturalismo, e afirmou que ela representava a forma de psicologia esposada por Wundt. Contudo, os dois sistemas eram radicalmente diferentes, e o rótulo estruturalismo não pode ser aplicado à psicologia de Wundt, mas sim à obra de Titchener.

A psicologia estrutural atingiu nos Estados Unidos uma proeminência que durou vários anos, até ser desafiada e derrubada por movimentos mais novos. Embora Titchener fosse sem dúvida uma influente figura da história da psicologia americana, seus contemporâneos, como veremos nos capítulos seguintes, estavam desenvolvendo diferentes definições de psicologia.

Wilhelm Wundt reconhecia elementos ou conteúdos da consciência, mas a sua atenção se concentrava primordialmente na organização ou síntese desses elementos em processos cognitivos de nível superior mediante o princípio da apercepção. Para ele, a mente tem o poder de sintetizar espontaneamente elementos, uma posição que contrariava a noção mecânica e passiva da associação favorecida pela maioria dos empiristas e associacionistas britânicos.

Titchener aceitou o foco empirista e associacionista sobre os elementos ou conteúdos mentais e sua ligação mecânica através do processo da associação. Descartou a ênfase wundtiana na apercepção e se concentrou nos elementos que compõem a estrutura da consciência. Segundo Titchener, a tarefa fundamental da psicologia é descobrir a natureza dessas experiências conscientes elementares — ou seja, analisar a consciência em suas partes separadas e,

103

assim, determinar sua estrutura. Para consegui-lo, Titchener modificou o método introspectivo

de Wundt, tornando-o mais parecido com o de Külpe.

Edward Bradford Titchener (1867-1927)

Titchener passou seus anos mais produtivos na Universidade de Cornell, em Nova York. Para Titchener, com frequência retratado com as vestes acadêmicas que costumava usar nas aulas, cada palestra era uma produção dramática. O cenário era cuidadosamente preparado pelos assistentes sob sua vigilante inspeção. Os membros docentes mais novos, que assistiam às suas aulas, entravam por uma porta para ocupar a primeira fila de cadeiras, e o professor Titchener entrava por outra, que levava diretamente ao estrado do mestre. Titchener afirmava que a beca de professor de Oxford lhe dava o direito de ser dogmático. Embora só tivesse estudado com Wundt por dois anos, assemelhava-se ao seu mentor em muitos aspectos, incluindo a natureza autocrática, as aulas formais e até a sua abundante barba.

A Vida de Titchener

Nascido em Chichester, Inglaterra, numa família tradicional com pouco dinheiro, Titchener empregou suas consideráveis capacidades intelectuais para ganhar bolsas de estudo que lhe permitissem prosseguir em sua educação. Estudou no Colégio Malvern e na Universidade de Oxford, dedicando-se à filosofia e aos clássicos nos quatro primeiros anos e tornando-se, no quinto, assistente de pesquisa em fisiologia.

Enquanto estava em Oxford, Titchener interessou-se pela nova psicologia de Wundt, interesse que não foi encorajado nem compartilhado por ninguém da universidade. Era natural, pois, que ele fizesse uma jornada a Leipzig, a Meca dos peregrinos científicos, para estudar com Wundt, tendo obtido o grau de doutor em 1892. Parece não haver dúvida de que Wundt deixou uma impressão permanente no jovem aluno, embora Titchener, aparentemente, tivesse tido pouco contato com ele. Os anos de Titchener em Leipzig determinaram o seu futuro na psicologia e o de seus muitos alunos. Ele teve um impacto sobre a psicologia americana, mas dentro de pouco tempo, a psicologia na América iria seguir seu próprio curso, numa direção que divergia da abordagem de Titchener.

Tendo recebido o seu grau, Titchener planejou tornar-se o pioneiro da nova psicologia experimental na Inglaterra. Os acadêmicos ingleses, no entanto, mostravam-se céticos diante da abordagem científica de um dos seus tópicos filosóficos favoritos. Portanto, poucos meses depois de dar um curso de extensão em biologia em Oxford, Titchener foi para os Estados Unidos ensinar psicologia e dirigir o laboratório da Universidade de Cornell. Tinha vinte e cinco anos e permaneceu em Cornell o resto da vida.

Entre 1893 e 1900, ele desenvolveu seu laboratório, comprando equipamentos, fazendo pesquisas e escrevendo sessenta e dois artigos. À medida que sua reputação ia atraindo um número cada vez maior de alunos para Cornell, ele ia se afastando da exigente tarefa de participar pessoalmente de cada pesquisa; nos últimos anos, elas eram feitas quase que inteiramente pelos seus alunos. No cômputo geral, ele ‘publicou muito poucos trabalhos experimentais com o seu próprio nome... Tal como Wundt, pôs-se à frente de suas iniciativas de pesquisa, defendendo-as, vinculando-as com outros empreendimentos, divulgando-as para alunos, profissionais e leigos’ (Tweney, 1987, p. 40).

Assim, foi através da orientação das pesquisas dos alunos que sua posição sistemática chegou à plenitude. Ele supervisionou mais de cinquenta teses de doutorado em psicologia ao longo de trinta e cinco anos, e a maioria dessas dissertações traz a marca do seu pensamento pessoal. Ele exercia sua autoridade na seleção dos tópicos de pesquisa, distribuindo os qu

estavam vinculados às questões que o interessavam. Ele esperava que todos os alunos gradua dos trabalhassem coletivamente a partir de suas idéias e, assim, construiu uma posição sistêmica unificada, que considerava “a única psicologia científica digna desse nome” (Roback, 1952, p. 184).

Titchener traduziu do alemão para o inglês alguns livros de Wundt. Quando completou a tradução da terceira edição dos *Princípios de Psicologia Fisiológica*, de Wundt, descobriu que este já terminara a quarta. Ele traduziu a quarta, apenas para saber que o incansável mestre tinha publicado a quinta.

Entre os livros de Titchener estão *An Outline of Psychology* (Esboço de Psicologia) (1896), *Principles of Psychology* (Introdução à Psicologia) (1898) e a obra em quatro volumes

O estruturalismo foi estabelecido por Edward Bradford Titchener como a primeira escola americana de pensamento no campo da psicologia.

Experimental Psychology (Psicologia Experimental) (1901-1905). Afirma-se que Külpe descreveu este último trabalho como “a mais erudita obra de psicologia em língua inglesa” (Boring, 1950, p. 413). Mesmo hoje, a *Psicologia Experimental* de Titchener é incluída “entre os mais importantes livros da história da psicologia” (Benjamin, 1988a, p. 210).

Esses manuais, como os volumes individuais da obra vieram a ser chamados, promoveram o desenvolvimento do trabalho de laboratório em psicologia nos Estados Unidos e influenciaram toda uma geração de psicólogos experimentais, incluindo os que mais tarde divergiram da psicologia estrutural. Entre estes estava John B. Watson, o fundador da escola comportamental de pensamento (Capítulo 10). Os manuais de Titchener gozaram de ampla popularidade, tendo sido traduzidos para o russo, o italiano, o alemão, o espanhol e o francês.

Titchener dedicou-se a várias atividades que consumiram tempo e energia. Regia um pequeno conjunto musical em sua casa todas as noites de domingo e, durante muitos anos, foi “professor substituto de música” em Cornell, antes da implantação de um departamento de música. Seu interesse em colecionar moedas levou-o, com dedicação típica, a aprender chinês e árabe para entender os caracteres gravados nas moedas. Também era versado em meia dúzia de línguas modernas. Mantinha uma volumosa correspondência com colegas; a maioria das cartas era datilografada, mas continha acréscimos feitos à mão.

À medida que envelhecia, Titchener ia se afastando da vida social e acadêmica. Era considerado uma lenda viva em Cornell, embora um número crescente de professores jamais o tivesse conhecido ou mesmo visto. Ele fazia boa parte do seu trabalho no estúdio, em casa, e passava relativamente pouco tempo na universidade. A partir de 1909, só dava aulas nas tardes de segunda-feira no semestre de primavera de cada ano. Sua esposa selecionava todos os visitantes e o protegia de intrusões do mundo exterior; estava entendido que nenhum aluno devia telefonar para ele exceto em caso de emergência extrema.

Embora fosse autocrático à maneira de um mestre alemão, Titchener também era gentil

e prestativo com os alunos e colegas, desde que eles o tratassem com a deferência e o respeito

que ele considerava merecer. Fala-se de jovens docentes e estudantes graduados que lavavam

o seu carro e instalavam cortinas em sua casa no verão — não porque alguém lhes ordenasse

isso, mas por respeito e admiração.

Um ex-aluno, Karl Dallenbach, cita uma declaração de Titchener segundo a qual “um homem não pode ter a esperança de se tornar psicólogo enquanto não tiver aprendido a fumar” (Dallenbach, 1967, p. 91). Seguindo isso, muitos dos seus alunos passaram a fumar charutos, ao menos na presença do mestre. Outra doutoranda, Cora Friedline,

estava discutindo sua pesquisa no gabinete de Titchener quando o seu indefectível charuto começou a queimar-lhe a barba. Ele estava falando nesse momento e sua imponência levou-a a hesitar em interrompê-lo. Por fim, ela disse: “Queira perdoar-me, dr. Titchener, mas suas suíças estão em chamas.” Quando ele finalmente apagou o fogo, este já tinha começado a queimar-lhe a camisa e a camiseta.*

A atenção de Titchener para com os alunos não terminava quando eles deixavam Corneli — nem o seu impacto sobre a vida deles. Dallenbach, ao receber seu grau de doutor, pretendia ir para a escola médica, mas Titchener conseguiu-lhe um cargo de professor na Universidade de Oregon. Dallenbach pensava que Titchener aprovaria sua ida para a escola médica, mas estava enganado. “Tive de ir para Oregon, pois ele não pretendia que o seu treinamento e trabalho comigo se perdessem” (Dallenbach, 1967, p. 91).

* Extraído de Ludy T. Benjamin, ir. Baseado em material dos artigos de Cora Friedling, Archives of the History of American Psychology, Universidade de Akron, Ohio.

106

As relações de Titchener com psicólogos fora do seu grupo eram por vezes tensas. Eleito em 1892 para a Associação Psicológica Americana pelos membros fundadores, demitiu-se pouco depois porque a associação se negou a expulsar um membro que ele acusara de plágio. Conta-se que um amigo pagou as cotas de Titchener por alguns anos para que o seu nome continuasse a figurar como membro da APA.

Em 1904, formou-se um grupo de psicólogos chamados “Experimentalistas de Titchener”, que se reunia regularmente para comparar resultados de pesquisas. Titchener selecionava os tópicos e os convidados, e, de modo geral, dominava as reuniões. Uma das regras do encontro era não permitir a presença de mulheres. Seu aluno E. G. Boring comentou que Titchener “queria relatos orais que pudessem ser interrompidos, contestados e criticados numa sala cheia de fumaça sem a presença de mulheres — porque, em 1904, quando o grupo dos Experimentalistas foi formado, as mulheres eram consideradas demasiado puras para fumar” (Boring, 1967, p. 315).

Várias mulheres que estudavam no Colégio Bryn Mawr, da Pensilvânia, tentaram frear as reuniões, mas eles as mandaram embora. Numa dada ocasião, elas se esconderam debaixo de uma mesa durante toda a sessão. A noiva de Boring e outra mulher

esperaram na outra sala “com a porta entreaberta para ouvir como era a psicologia masculina livre de expurgos. Elas saíram ilesas” (Boring, 1967, p. 322).

Afirma-se que Titchener não estava tanto discriminando deliberadamente as mulheres quanto refletindo as atitudes patriarcais da época. Dos cinquenta e seis doutorados que outorgou, mais de um terço foi a mulheres, uma proporção bastante elevada para a época (Furumoto, 1988). A primeira mulher a receber um Ph.D. em psicologia, e o primeiro doutorando de Titchener, foi Margaret Floy Washburn. “Ele não sabia bem o que fazer comigo”, recorda-se ela (Washburn, 1932, p. 340). Ela havia escolhido a Universidade Colúmbia, mas eles não admitiam mulheres para os cursos de pós-graduação. Titchener a aceitou, e ela, depois de receber o grau em Cornell, teve uma bem-sucedida carreira no campo da psicologia. Suas contribuições profissionais incluem um importante livro sobre psicologia animal e a presidência da Associação Psicológica Americana.

Por volta de 1910, Titchener começou a trabalhar no que concebeu como uma exposição completa do seu sistema. Infelizmente, faleceu de tumor cerebral aos sessenta anos, antes de terminar a obra. Algumas de suas partes foram publicadas numa revista e, mais tarde, reproduzidas num livro póstumo. Conta-se que o cérebro de Titchener foi conservado e está em Cornell em exibição.

O Sistema de Psicologia de Titchener

De acordo com Titchener, o objeto de estudo da psicologia é a experiência consciente. Todas as ciências, observou ele, compartilham desse objeto — uma parcela do mundo da experiência humana —, mas cada qual se ocupa de um aspecto diferente. O objeto de estudo da psicologia é a experiência enquanto dependente das pessoas que passam por ela. Esse tipo de experiência difere da estudada pelos cientistas de outros campos. Por exemplo, a luz e o

som são estudados por físicos e psicólogos. Os físicos vêem esses fenômenos da perspectiva

dos processos físicos envolvidos; os psicólogos os vêem em termos do modo como são vivenciados pelo observador humano.

Outras ciências, disse Titchener, citando o exemplo da temperatura, são independentes das pessoas que passam pela experiência. A temperatura de uma sala pode ser de 35° haja ou não alguém na sala para senti-la. Contudo, quando há observadores na sala que relatam que o calor os incomoda, essa sensação é vivenciada por essas pessoas e depende delas. Essa experiência é que é objeto de estudo da psicologia.

107

Titchener alertou para o fato de que, no estudo da experiência consciente, não se deve cometer o que ele denominou erro de estímulo, isto é, confundir o processo mental com o estímulo ou com o objeto observado. Por exemplo, observadores que vêem uma maçã e a descrevem como maçã, em vez de falar das tonalidades, do brilho e das características espaciais que percebem, cometem o erro de estímulo. O objeto da observação não deve ser descrito com a linguagem cotidiana, mas sim em termos do conteúdo consciente da experiência.

Quando se concentra no objeto-estímulo e não no processo consciente, o observador não distingue o que sabe sobre o objeto (o fato de ele ser chamado de maçã) de sua própria experiência imediata. Tudo o que o observador sabe de fato sobre um objeto tal como uma maçã é a sua cor, o seu brilho e o seu padrão espacial (que ela é vermelha, reluzente e redonda). Quando descreve qualquer coisa que não essas características, o observador interpreta o objeto, em vez de observá-lo — e, assim, trata da experiência mediata, e não da imediata.

Titchener definiu a consciência como a soma das nossas experiências num dado momento de tempo, e a mente como a soma das nossas experiências acumuladas ao longo da vida. Mente e consciência são realidades semelhantes, mas, enquanto a consciência envolve processos mentais que ocorrem no momento, a mente envolve o acúmulo total desses processos.

A psicologia estrutural de Titchener é uma ciência pura. Ele alegava que a psicologia tem de estudar, e chegar a compreender, a mente humana generalizada, não as mentes individuais e, certamente, não as diferenças individuais entre as mentes. Sua psicologia, portanto, não tem preocupações pragmáticas ou utilitárias. A psicologia, segundo ele, não se ocupa da questão da cura de “mentes enfermas”, nem da reforma de indivíduos ou da sociedade. Seu único propósito legítimo é descobrir os fatos ou a estrutura da mente. Ele acreditava que os cientistas têm de manter-se livres de preocupações com o valor prático de sua obra, e declarava sem subterfúgios sua oposição à psicologia infantil, à psicologia animal e a outras áreas não compatíveis com sua psicologia experimental introspectiva do conteúdo da consciência.

O Método de Estudo: Introspecção

A psicologia, como todas as ciências, depende da observação, mas da observação da experiência consciente. A forma de auto-observação de Titchener, ou introspecção, era realizada por observadores bem treinados que tinham de reaprender a perceber para que pudessem descrever seu estado consciente, e não o estímulo. Titchener percebeu que todos aprendem a descrever a experiência em termos do estímulo — como é o caso de passar a chamar um objeto vermelho, reluzente e redondo de maçã — e que, na vida cotidiana, isso é benéfico e necessário. No laboratório, entretanto, essa prática tinha de ser desaprendida mediante um treinamento intensivo.

Para descrever sua abordagem, Titchener adotou o rótulo de Külpe, introspecção experimental sistemática. Tal como Külpe, ele usava relatos detalhados, qualitativos e subjetivos das atividades mentais do sujeito durante o ato da introspecção. Ele se opunha à abordagem wundtiana, com seus equipamentos e sua concentração em medidas objetivas, e, em 1912, criticou publicamente o tipo de pesquisa feito no laboratório de Leipzig:

Quem se lembra dos laboratórios da psicologia de vinte anos atrás dificilmente consegue conter o espanto diante do contraste que, no momento, expõe num vivo relevo a diferença entre a antiga e a nova ordem. O experimentador de antigamente [década de 1890] confiava sobretudo em seus instrumentos; o cronoscópio, o quimógrafo e o taquistoscópio tinham — e dificilmente exagero em dizer — mais importância do que o observador... Havia ainda vastidões da vida mental que os experimentos não tinham tocado (Titchener, 1912a, p. 427).

As vastidões da vida mental a que Titchener se referia eram as sensações e imagens elementares, que, a seu ver, formavam a estrutura da consciência. Elas eram o cerne da sua psicologia — não a síntese dos elementos por meio da apercepção (de que Wundt se ocupava), mas a análise da experiência consciente complexa em termos de suas partes componentes. Titchener enfatizava as partes, enquanto Wundt destacava o todo. Essa é uma concepção que Titchener pode ter adquirido na obra de James Miii, *Análise dos Fenômenos da Mente Hwnana*. Seguindo a maioria dos empiristas e associacionistas britânicos, o objetivo de Titchener era descobrir os átomos da mente.

Titchetier também foi influenciado pela doutrina do mecanismo, e o espírito mecanicista é evidente na imagem estruturalista dos observadores que lhe forneciam dados. Nos relatórios de pesquisa publicados na época, os sujeitos eram por vezes chamados de reagentes, termo usado pelos cientistas para denotar substâncias que, por causa de sua capacidade de ter certas reações, são usadas para detectar, examinar ou medir outras substâncias. Um reagente costuma ser um agente passivo que é aplicado a alguma coisa para produzir determinadas respostas. O paralelo com a química é evidente.

Transpondo esse conceito aos observadores humanos do laboratório de Titchener, vemos que seus sujeitos eram considerados instrumentos de registro que anotavam objetivamente as características do estímulo que observavam. Os sujeitos não passavam de máquinas imparciais e isoladas. Titchener escreveu que a observação treinada se tornaria mecanizada ou habitual, deixando de ser um processo consciente.

Se sujeitos humanos são considerados máquinas, é fácil pensar que todos os seres humanos são máquinas. Essa concepção mostra o impacto permanente da visão mecânica do universo de Galileu e de Newton, uma influência que não desapareceu com a eventual queda do estruturalismo. Veremos, à medida que a história da psicologia se desenrola, que essa imagem do ser humano como máquina caracterizou boa parte da psicologia experimental na primeira metade do século XX.

Titchener acreditava que a observação em psicologia tem de ser não só introspectiva como experimental. Ele observava com diligência as regras da experimentação científica, notando que

um experimento é uma observação que pode ser repetida, isolada e variada. Quanto maior a frequência com que se pode repetir uma observação, tanto mais provável é ver claramente o que ela é e descrever com precisão o que se viu. Quanto mais rigorosamente se pode isolar uma observação, tanto mais fácil fica a tarefa de observar, e tanto menor é o perigo de se ser confundido por circunstâncias irrelevantes ou de acentuar o ponto errado. Quanto mais amplamente se puder variar uma observação, tanto mais claramente a uniformidade da experiência se revelará e tanto maiores serão as oportunidades de se descobrirem leis. Todos os apetrechos experimentais e todos os laboratórios e instrumentos são fornecidos e planejados com este objetivo em vista: permitir que o estudioso possa repetir, isolar e variar suas observações (Titchener, 1909, p. 20).

Os reagentes e sujeitos do laboratório de Titchener faziam introspecções com uma variedade de estímulos, fornecendo extensas e detalhadas observações dos elementos de suas experiências. A introspecção era um empreendimento sério, e os sujeitos, estudantes

graduados, tinham de dedicar-se muito para realizar o que Titchener denominava o ‘duro trabalho de introspecção’.

A doutoranda de Titchener, Cora Friedline, se recorda da época em que o laboratório de Comeu estudava a sensibilidade orgânica. Pediu-se aos observadores que engolissem um tubo

que ia até o estômago pela manhã e o mantivessem ali ao longo do dia. Muitos deles primeiro

109

vomitavam (pois não tinham estômago para cumprir a tarefa), mas aos poucos foram se acostumando. Entre as aulas e outras atividades, eles iam ao laboratório. Ali, jogava-se água aquecida pelo tubo, e eles faziam a introspecção das sensações que experimentavam. O processo mais tarde foi repetido com água gelada.

A introspecção às vezes se intrometia na vida particular dos estudantes graduados. Por algum tempo pediu-se a eles que levassem livros de anotações quando usassem o banheiro e

registrassem suas sensações e sentimentos quando urinavam e defecavam.

Outra informação sobre pesquisas introspectivas fornece um exemplo de dados perdidos para a história. Estudantes graduados casados receberam a tarefa de anotar suas sensações e sentimentos elementares durante o ato sexual e de ligar instrumentos de medida ao corpo para registrar mudanças fisiológicas. Essa pesquisa em geral não era publicada na época, tendo sido revelada por Cora Friedline em 1960. Mas era conhecida do campus da Universidade Cornell, o que deu ao laboratório de psicologia a reputação de lugar imoral. A encarregada do dormitório feminino não permitia que as alunas visitassem o laboratório depois que escurecia. Quando surgiu o boato de que estavam sendo colocadas camisinhas nos tubos que os alunos estavam engolindo, dizia-se no dormitório que “o laboratório estava cheio de camisinhas, não sendo um lugar seguro para se ir”. *

O trabalho de pesquisa mais rotineiro do laboratório de Titchener está descrito na transcrição de um material original apresentado adiante.

Os Elementos da Consciência

Para Titchener, os três problemas ou finalidades da psicologia eram: (1) reduzir os processos conscientes aos seus componentes mais simples ou mais básicos; (2) determinar as leis mediante as quais esses elementos se associam; e (3) conectar esses elementos às suas condições fisiológicas. Logo, os objetivos da psicologia coincidem com os das ciências naturais. Depois de decidir sobre que parte do mundo natural desejam estudar, os cientistas passam a descobrir seus elementos, para demonstrar de que maneira eles se combinam em fenômenos mais complexos e para formular as leis que governam esses fenômenos. O grosso dos esforços de Titchener estava para o primeiro problema — a descoberta dos elementos da consciência.

Titchener propôs três estados elementares de consciência: sensações, imagens e estados afetivos. As sensações são os elementos básicos da percepção e ocorrem nos sons, nas visões, nos cheiros e em outras experiências evocadas por objetos físicos do ambiente. As

imagens são elementos de idéias e estão no processo que retrata ou reflete experiências não concreta- mente presentes no momento, como a lembrança de uma experiência passada. Não fica claro nos escritos de Titchener se ele considerava sensações e imagens como mutuamente exclusi vas. Ele acentuava as semelhanças entre elas ao mesmo tempo em que alegava que era possível distingui-las umas das outras. Os estados afetivos (afetos ou sentimentos) são elementos da emoção, estando presentes em experiências como o amor, o ódio ou a tristeza.

No Esboço de Psicologia (1896), Titchener apresentou uma relação dos elementos da sensação descobertos em sua pesquisa, que incluía mais de 44.000 qualidades de sensação, sendo 32.820 visuais e 11.600 auditivas. Acreditava-se que cada elemento era consciente e diferente de todos os outros, e que podiam se combinar para formar percepções e idéias.

Embora básicos e irreduzíveis, esses elementos podiam ser categorizados, do mesmo modo como elementos químicos são agrupados em várias classes. Apesar de sua simplicidade,

* As recordações de Friedline foram apresentadas em 11 de abril de 1900, no Colégio kandolph-Macon de Lynchburg, Virgínia. Agradecemos a Frederick B. Rowe pela cópia de suas anotações.

110

os elementos têm características que nos permitem distinguir entre eles. Aos atributos wundtianos de qualidade e intensidade, Titchener acrescentou a duração e a nitidez. Ele considerava esses quatro atributos características básicas de todas as sensações que estão presentes, num certo grau, em toda experiência.

A qualidade é a característica — como “frio” ou “vermelho” — que distingue claramente cada elemento de todos os outros. A intensidade se refere à força ou fraqueza, sonoridade ou brilho de uma sensação. A duração remete ao curso de uma sensação ao longo do tempo. A nitidez está vinculada com o papel da atenção na experiência conscien te; aquilo que constitui o foco de nossa atenção é mais nítido do que aquilo para onde a atenção não é dirigida.

As sensações e imagens têm esses quatro atributos, mas os estados afetivos só têm qualidade, intensidade e duração, faltando-lhe nitidez. Titchener acreditava não ser possível concentrar diretamente a atenção num elemento da emoção. Quando tentamos fazê-lo, a qualidade afetiva — a tristeza ou prazer, por exemplo — desaparece. Alguns processos senso— riais, particularmente a visão e o tato, também possuem o atributo da extensão, pois se espalham pelo espaço.

Todos os processos conscientes são redutíveis a uma dessas categorias. As descobertas da escola de Wiirzburg não levaram Titchener a mudar de posição. Ele reconheceu que qualidades obscuras e mal definidas podem ocorrer durante o pensamento, mas mantinha que elas ainda eram elementos sensoriais ou imaginais. Segundo Titchener, os sujeitos do labora tório de Külpe tinham cometido o erro de estímulo, pois tinham dado mais atenção ao objeto

- de estudo do que aos seus processos conscientes.

Os alunos graduados de Titchener no laboratório de Comei! realizaram um grande número de pesquisas sobre estados afetivos ou sentimentos, e suas descobertas levaram à rejeição da teoria tridimensional do sentimento, defendida por Wundt. Titchener sugeriu que o afeto só tinha uma das dimensões da teoria de Wundt, a do prazer-desprazer, negando as dimensões da tensão-relaxamento e da excitação-depressão.

Perto do final da vida, Titchener começou a alterar seu sistema em muitos aspectos. Já em 1918, tinha desistido de falar do conceito de elementos mentais em suas aulas e começava a alegar que a psicologia deveria estudar não os elementos, mas as dimensões ou processos mais amplos da vida mental. Ele as denominava qualidade, intensidade, duração (protensity/pro tensidade), nitidez (attensity/atensidade) e extensão (extensity/extensidade). Sete anos mais tarde, escreveu para um pós-graduando: “Você deve desistir de pensar em termos de sensações e afetos. Isso era bom há dez anos; mas agora, como eu lhe disse, está completamente desatualizado... Você tem de aprender a pensar, antes, em termos de dimensões e não em termos de constructos sistemáticos como a sensação” (Evans, 1972, p. 174).

Mesmo o termo psicologia estrutural deixara de ser adotado por Titchener no início dos anos 20, quando ele começou a falar de sua abordagem como psicologia existencial. Ele também reconsiderou a forma controlada de introspecção que praticara por tanto tempo e passou a defender uma abordagem mais aberta e fenomenológica.

Essas são mudanças dramáticas e, se Titchener tivesse vivido o bastante para levá-las a efeito, teriam alterado radicalmente a fisionomia — e o destino — da psicologia estrutural. Elas sugerem também a flexibilidade e a abertura que os cientistas gostam de pensar que possuem, mas que nem todos podem demonstrar. As provas dessas mudanças foram reunidas a partir de um meticuloso exame das cartas e aulas de Titchener (Evans, 1972; Henle, 1974). Embora essas idéias nunca tivessem sido formalmente incorporadas ao sistema de Titchener, indicam uma direção e um objetivo rumo aos quais ele seguia, mas que a morte o impediu de alcançar.

111

Reprodução de Texto Original sobre o Estruturalismo:

Trecho de A Text-Book of Psychology, de EB. Titchener

O material a seguir, extraído do conhecido livro de Titchener A Text-Book of Psychology (1909),* descreve a concepção estruturalista ortodoxa do objeto de estudo e da metodologia da nova ciência da psicologia.

Você pode estar se perguntando por que lhe pedimos para ler algo que Titchener escreveu há mais de oitenta anos. Afinal, você acabou de ler sobre o sistema de Titchener, e o seu professor falou sobre ele em classe. Isso deve ter lhe dado uma visão geral da abordagem psicológica desse autor. É preciso lembrar, contudo, que tanto os autores de manuais como os professores dão suas próprias versões, concepções e percepções do material estudado. Eles devem reduzir, abstrair e sintetizar os dados originais, depurá-los até que atinjam uma proporção que lhes permita trabalhar com eles. Nesse processo, algo da forma e do estilo peculiares ao original, e inclusive do conteúdo, pode se perder.

Para compreender um sistema de pensamento de maneira mais completa, o ideal seria que déssemos os dados originais da história em que os escritores baseiam seus livros e os

professores, suas aulas. Na prática, no entanto, é impossível fazê-lo num semestre. Eis por que damos uma amostra dos dados originais, as próprias palavras dos teóricos, de cada uma das principais escolas de pensamento. Esses excertos vão mostrar como os teóricos descreveram suas abordagens pessoais da psicologia e vão familiarizar o leitor com o estilo de exposição estudado por gerações precedentes de alunos de psicologia.

Em cada um dos cinco textos originais incluídos neste livro, fazemos uma indicação dos pontos principais, a fim de oferecer uma introdução e um referencial que permitam uma melhor

compreensão do que cada teórico diz.

Na descrição de sua psicologia estrutural, reproduzida a seguir, Titchener discute: (1) a diferença entre a experiência que não depende da pessoa que passa pela experiência e a experiência que depende da pessoa, com exemplos de cada uma; (2) a distinção entre processo mental, consciência e mente, e a relação entre a vida mental e o sistema nervoso; (3) a natureza da introspecção que ele praticava, e sua relação com o tipo de introspecção ou observação usada em outras ciências; e (4) o problema ou objetivo da psicologia estrutural e a semelhança entre a psicologia e as ciências naturais, incluindo as questões básicas “o quê”, “como” e “por quê”, que ele acreditava serem formuladas por todas as ciências.

Todo conhecimento humano deriva da experiência humana; não há outra fonte de conhecimento. Mas a experiência humana, como vimos, pode ser considerada de diferentes pontos de vista. Suponha-se que tomamos dois pontos de vista, tão distintos quanto possível, e descobrimos por nós mesmos como se manifesta a experiência nos dois casos. Em primeiro lugar, vamos considerar a experiência como totalmente independente de qualquer pessoa em particular, supondo ainda que a experiência aconteça haja ou não alguém para passar por ela. Em segundo lugar, vamos considerar a experiência algo inteiramente dependente de uma pessoa específica, supondo ainda que a experiência só ocorre quando há alguém para passar por ela. É muito difícil encontrarmos perspectivas mais distintas entre si do que estas. Quais são as diferenças na experiência quando esta é considerada a partir de ambas as referências?

Consideremos, de início, as três coisas que aprendemos em primeiro lugar na física: o

* Reproduzido com permissão da Macmillan Publishing Co., Inc., de *A Text-Book of Psychology*. de E.B. Titchener (pp. 6-9, 15-25, 36-41). Copyright 1909 da Macmillan Publishing Co., Inc. Revisado em 1937 por Sophia

K. Titchener. (Notas de rodapé omitidas.)

112

espaço, o tempo e a massa, O espaço físico, que é o espaço da geometria, da astronomia e da geologia, é constante, sempre e em toda parte o mesmo. Sua unidade é 1 centímetro, e o centímetro tem precisamente o mesmo valor onde quer e quando quer que seja aplicado. O tempo físico também é constante, e sua unidade constante é 1 segundo. A massa física é constante; sua unidade, 1 grama, é sempre e em toda parte a mesma. Aqui temos a experiência do espaço, do tempo e da massa considerada independentemente da pessoa que os vivencia. Passemos, então, ao ponto de vista que leva em conta a pessoa que passa pela

experiência. As duas linhas verticais da Fig. 1 [5-1 neste volume] são fisicamente iguais; têm a mesma medida em unidades de 1 centímetro. Para você, que as vê, elas não são iguais. A hora que você passa na sala de espera da estação de um vilarejo e a hora que você passa assistindo a um espetáculo divertido são fisicamente iguais; têm a mesma medida em unidades de 1 segundo. Para você, a primeira hora passa lentamente e a outra, rapidamente; elas não são iguais. Tome duas caixas circulares de papelão de diâmetros diferentes (digamos, de 2 cm e 8 cm) e ponha areia até que ambas pesem, digamos, 50 gramas. As duas massas são fisicamente iguais; colocadas nos pratos de uma balança, deixarão o fiel exatamente no centro. Para você, no momento em que as levantar com as duas mãos ou levantar uma por uma com a mesma mão, a caixa de diâmetro menor será consideravelmente mais pesada. Aqui temos a experiência do espaço, do tempo e da massa considerada como algo dependente da pessoa que a vivencia. É a mesma experiência que discutimos há pouco. Mas o nosso primeiro ponto de vista nos dá fatos e leis da física, enquanto o segundo nos dá fatos e leis da psicologia.

Passemos agora a três outros tópicos discutidos nos manuais de física: o calor, o som e a luz. O calor propriamente dito, segundo os físicos, é a energia do movimento molecular; isto é, o calor é uma forma de energia decorrente de um movimento das partículas de um corpo entre si mesmas. O calor radiante pertence, assim como a luz, ao que é chamado energia radiante — a energia que se propaga por movimentos ondulatórios do éter luminífero, de que o espaço é preenchido. O som é uma forma de energia devida aos movimentos vibratórios de corpos, propagando-se através de movimentos ondulatórios de algum meio elástico, sólido, líquido ou gasoso. Em suma, o calor é uma dança de moléculas; a luz é um movimento ondulatório do éter; o som é um movimento ondulatório do ar. O mundo da física, em que esses tipos de experiência são considerados independentes da pessoa que tem a experiência, não é quente nem frio, nem escuro nem luminoso, nem silencioso nem ruidoso. Só quando as experiências são consideradas dependentes de alguém» temos calor e frio, pretos e brancos, cores, cinzentos, tonalidades, silvos, assobios. E essas coisas são o objeto de estudo da psicologia.,.

PROCESSO MENTAL, CONSCIÊNCIA E MENTE. O fato mais marcante do mundo da experiência humana é o fato da mudança. Nada é imóvel; tudo está em movimento. O sol um dia perderá o seu calor; as montanhas eternas estão, pouco a pouco, se desgastando e desaparecendo. Observemos o que observarmos, seja qual for o ponto de vista do qual o fazemos, encontramos processo, ocorrência; em nenhum lugar há permanência ou estabilidade. A humanidade, é verdade, tentou sustar esse fluxo e conferir estabilidade ao mundo da experiência supondo a existência de duas substâncias permanentes, a matéria e a mente; assim, as ocorrências do mundo físico são consideradas manifestações da matéria, e as ocorrências do mundo mental, manifestações da mente. Essa hipótese pode ter valor num certo estágio do pensamento humano; mas toda hipótese que não é adequada aos fatos tem, cedo ou tarde, de ser abandonada. Por conseguinte, os físicos estão desistindo da hipótese de uma matéria substancial e imutável, e os psicólogos abandonam a hipótese de uma mente substancial e imutável. Os objetos estáveis e as coisas substanciais não pertencem ao mundo da ciência, física ou psicológica, mas apenas ao senso comum.

Definimos a mente como a soma total da experiência humana, considerada como algo dependente da pessoa que passa por essa experiência. Dissemos, além disso, que a frase “pessoa que passa pela experiência” se refere ao corpo vivo, ao indivíduo organizado; e

sugerimos que, para propósitos psicológicos, o corpo vivo pode ser reduzido ao sistema nervoso e às suas ligações. Logo, a mente se toma a soma total da experiência humana, considerada dependente de um sistema nervoso. E, como a experiência humana sempre é processo, ocorrência, e como o aspecto dependente

113

/

/

/

/

Figura 5-1

da experiência humana é o seu aspecto mental, podemos dizer, de modo mais abreviado, que a mente é a soma total de processos mentais. Todas essas palavras são relevantes. Soma total” implica que estamos voltados para o mundo total da experiência, e não para uma parcela limitada dele; “mental” supõe que tratamos da experiência em seu aspecto dependente, condicionado por um sistema nervoso; e “processos” implica que o nosso objeto de estudo é uma corrente, um fluxo perpétuo, em vez de uma coleção de objetos imutáveis.

Não é fácil, mesmo com a maior boa vontade possível, passar do senso comum para a concepção científica da mente; a mudança não pode ocorrer de uma hora para outra. Devemos considerar a mente uma corrente de processos? Mas a mente é pessoal, minha mente; e minha personalidade continua ao longo da minha vida. A pessoa que passa pela experiência é apenas o organismo físico? Mas, outra vez, a experiência é pessoal, é a experiência de um eu permanente. A mente é espacial, tal como a matéria? Mas a mente é invisível, intangível; ela não está nem aqui nem ali, e nem é quadrada nem redonda.

Só é possível responder a essas objeções depois de termos avançado no campo da psicologia e sermos capazes de ver de que maneira funciona a concepção científica da mente. Mesmo agora, contudo, elas se enfraquecem quando você as considera atentamente. Veja a questão da personalidade. Será que a sua vida é na verdade sempre pessoal? Não ocorre, às vezes, de você esquecer-se de si mesmo, perder a si mesmo, desconsiderar-se, negligenciar-se, contradizer-se, de um modo bem literal? A vida mental sem dúvida só é pessoal intermitentemente. E será a sua personalidade, quando realizada, imutável? Você é o mesmo eu na infância e na idade adulta, em seu trabalho e em sua diversão, quando se comporta da melhor maneira e quando se sente livre de restrições? Está claro que a experiência do eu é não apenas intermitente como composta, em ocasiões diferentes, de fatores bem distintos. Quanto à outra questão, a mente é sem dúvida invisível, porque a visão é mente, e é intangível, porque o tato é mente. A experiência da visão e a experiência do tato dependem da pessoa que passa por elas. Mas o próprio senso comum dá testemunho, contra a sua própria crença, do fato de a mente ser espacial: falamos, e falamos corretamente, de uma ideia na nossa cabeça, de uma dor no pé. E se a ideia for a de um círculo visto na imaginação, ela é redonda; e se é a ideia visual de um quadrado, é quadrada.

A consciência, como mostra a consulta a qualquer dicionário, é um termo carregado de

significados. Talvez baste aqui distinguir dois de seus usos principais.

114

Em seu primeiro sentido, consciência significa a percepção pela mente dos seus próprios processos. Da mesma maneira como, do ponto de vista do senso comum, a mente é o eu interior que pensa, lembra, escolhe, raciocina, dirige os movimentos do corpo, assim também a consciência é o conhecimento íntimo desse pensamento e dessa direção. Temos consciência da correção da nossa resposta à pergunta de um exame, do caráter desajeitado dos nossos movimentos, da pureza dos nossos motivos. A consciência é, portanto, algo mais amplo do que a mente; ela é ‘a percepção daquilo que passa na própria mente do homem’; é “o conhecimento imediato que a mente tem de suas sensações e pensamentos”.

No seu segundo sentido, a consciência é identificada com a mente, e “consciente”, com “mental”. Enquanto os processos mentais ocorrem, a consciência está presente; quando estão em suspenso, instala-se a inconsciência. “Dizer que tenho consciência de um sentimento é apenas dizer que o sinto. Ter um sentimento é estar consciente; e estar consciente é ter um sentimento. Ter consciência da picada do alfinete é apenas ter a sensação. E, embora eu tenha essas várias maneiras de expressar a minha sensação, dizendo ‘sinto a picada de um alfinete’, ‘sinto a dor de uma picada’, ‘tenho a sensação de um picada’, ‘sinto como uma picada’, e ‘tenho consciência de um sentimento’, a coisa que é expressada dessas várias maneiras é uma só e a mesma.”

Temos de rejeitar a primeira dessas definições. Não só é desnecessário como enganoso falar da consciência como a percepção que a mente tem de si mesma. É desnecessário porque, como veremos adiante, essa percepção é uma questão de observação, do mesmo tipo geral que a observação do mundo exterior; é enganoso porque sugere que a mente é um ser pessoal, em lugar de um fluxo de processos. Deveremos portanto considerar que mente e consciência significam a mesma coisa. Entretanto, já que temos duas palavras diferentes, e é conveniente fazer alguma distinção entre elas, falaremos de mente quando nos referirmos à soma total de processos mentais que ocorrem no tempo de vida de uma pessoa, e falaremos de consciência quando nos referirmos à soma total de processos mentais que ocorrem agora, num dado tempo “presente”. A consciência será, então, uma seção, uma divisão, do fluxo mental. Essa distinção já está, na verdade, presente no linguajar comum: quando dizemos que um homem “perdeu a consciência”, queremos dizer que o lapso é temporário, que a vida mental logo será reatada; quando dizemos que um homem “perdeu o juízo [mente]”, queremos dizer, não que a mente desapareceu de todo, mas com certeza que o desarranjo é permanente e crônico.

Em consequência, embora o objeto de estudo da psicologia seja a mente, o objeto direto do estudo psicológico é sempre a consciência. Em temios estritos, jamais podemos observar a mesma consciência duas vezes; a correnteza mental flui, sem jamais retornar. Do ponto de vista prático, podemos observar uma consciência particular quantas vezes desejarmos, já que os processos mentais se agrupam da mesma maneira, revelam o mesmo padrão de organização, sempre que o organismo é posto nas mesmas circunstâncias. A preamar de ontem nunca vai se repetir, o mesmo ocorrendo com a consciência de ontem; mas temos tanto uma ciência da psicologia como uma ciência da oceanografia.

O MÉTODO DA PSICOLOGIA. O método científico pode ser resumido numa única palavra:

“observação”. A única maneira de trabalhar em ciência é observando os fenômenos que compõem o objeto de estudo da ciência. E a observação envolve duas coisas: a atenção aos fenômenos e o seu registro; ou seja, a experiência clara e vivida e um relato da experiência em palavras ou fórmulas... Assim, o método da psicologia é a observação. Para distingui-la da observação da ciência física, que é a inspeção, um olhar para fora, a observação psicológica foi denominada introspecção, um olhar para dentro. Mas essa diferença de nome não nos deve deixar cegos para a semelhança essencial dos métodos. Vejamos alguns exemplos típicos.

Podemos começar com dois casos bem simples. (1) Suponha que lhe mostrem dois discos de papel: um é de um violeta uniforme, e o outro é composto em partes iguais de vermelho e azul. Se esse segundo disco girar rapidamente, o vermelho e o azul vão se misturar, como dizemos, e você vai ver um certo azul avermelhado, ou seja, uma espécie de violeta. O seu problema é ajustar as proporções de vermelho e azul no segundo disco de modo que o violeta resultante corresponda

115

exatamente ao violeta do primeiro disco. Você pode repetir essas observações quantas vezes quiser; pode isolar as observações trabalhando numa sala isenta de outras cores que possam interferir; pode variar as observações trabalhando para igualar os violetas, primeiro a partir de um disco bicolor com um nítido excesso de azul e, em seguida, com um disco claramente mais vermelho. (2) Suponha também que é tocado o acorde dó-mi-sol e que lhe peçam para dizer quantos tons ele contém. Você pode repetir essa observação; pode isolá-la, trabalhando numa sala silenciosa; pode variá-la, fazendo o acorde ser tocado em diferentes setores da escala e em diferentes oitavas.

Está claro que, nesses casos, praticamente não há diferença entre introspecção e inspeção. Usa-se o mesmo método que se empregaria para contar as oscilações de um pêndulo ou fazer leituras na escala de um galvanômetro, no laboratório de física. Há uma diferença em termos de objeto de estudo: as cores e os tons são experiências dependentes, e não independentes; mas o método é essencialmente o mesmo.

Examinemos agora alguns exemplos em que o material da introspecção é mais complexo. (1) Suponha que lhe seja dita uma palavra e que lhe seja pedido que observe o efeito que esse estímulo produz na consciência; como a palavra o afeta, que idéias evoca, etc. A observação pode ser repetida; pode ser isolada — você pode estar sentado num quarto escuro e silencioso, livre de perturbações; e pode ser variada — diferentes palavras podem ser proferidas, a palavra pode ser projetada numa tela em vez de falada, etc. Aqui, contudo, parece haver uma diferença entre introspecção e inspeção. O observador que acompanha o curso de uma reação química, ou os movimentos de alguma criatura microscópica, pode anotar de momento a momento as diferentes fases do fenômeno observado. Mas, se tentar relatar as mudanças na consciência ao mesmo tempo em que elas se desenrolam, você interfere na consciência; sua tradução da experiência mental em palavras introduz novos fatores na experiência em si. (2) Suponha ainda que você esta observando um sentimento ou uma emoção: um sentimento de decepção ou irritação, uma emoção de raiva ou desgosto. O controle experimental ainda é possível; podem ser criadas no laboratório psicológico situações que permitam repetir, isolar e introduzir variações nesses sentimentos. Mas a observação que você faz deles interfere, de modo ainda mais sério que

antes, no curso da consciência. O exame frio de uma emoção é fatal para a sua própria existência; a raiva desaparece, a decepção evapora, assim que você começa a examiná-las.

Para vencer essa dificuldade do método introspectivo, os estudantes de psicologia em geral recebem a recomendação de retardar sua observação para depois de o processo a ser descrito ter consumado seu curso, quando eles então devem se recordar do processo e descrevê-lo de memória. Assim, a introspecção se torna retrospectão; o exame introspectivo se toma exame post mortem. Essa regra é sem dúvida boa para o iniciante, havendo casos em que mesmo o psicólogo experiente faz bem em segui-la. Mas ela de modo algum é universal. Pois temos de nos lembrar (a) de que as observações em questão podem ser repetidas. Não há, pois, razão para que o observador a quem a palavra é dita, ou em quem a emoção se instala, não deva relatar sua observação de imediato, no primeiro estágio de sua experiência, quando sente o efeito imediato da palavra, no começo do processo emotivo. É verdade que esse relato interrompe a observação. Mas, depois da descrição precisa do primeiro estágio, podem-se fazer outras observações, e o segundo, o terceiro e os outros estágios podem ser descritos da mesma maneira. Assim, acaba-se por obter um relato completo de toda a experiência. Há, teoricamente, algum perigo de os estágios sofrerem uma separação artificial; a consciência é um fluxo, um processo, e, se o dividimos, corremos o risco de perder certos vínculos intermediários. Na prática, contudo, esse perigo mostrou ser muito pequeno; além disso, sempre podemos recorrer à introspecção e comparar os nossos resultados parciais com a lembrança que temos da experiência inteira. Por outro lado, (b) o observador experiente adquire o hábito de introspecção, tem a atitude introspectiva arraigada no seu sistema, e assim consegue não apenas tornar notas mentais enquanto a observação está em andamento, sem interferir na consciência, como até rascunhar notas escritas, como o faz o histologista enquanto mantém o olho na ocular do microscópio.

Em princípio, portanto, a introspecção é muito parecida com a inspeção. Os objetos obser-

116

vados são distintos; são objetos da experiência dependente, e não da independente; têm a propensão de ser fugazes, passageiros, fugidios. Às vezes eles se recusam a ser observados enquanto acontecem, tendo de ser preservados na memória tal como um tecido delicado é preservado no fluido endurecedor antes de poder ser examinado. E o ponto de vista do observador é diferente; é a perspectiva da vida humana, do interesse humano, não do afastamento e da indiferença. Mas, de modo geral, o método da psicologia muito se assemelha ao da física.

Não se deve esquecer que, embora o método das ciências física e psicológica seja substancialmente o mesmo, o objeto de estudo dessas ciências é o mais distinto possível. Em última análise, como vimos, o objeto de estudo de todas as ciências é o mundo da experiência humana; entretanto, também vimos que o aspecto da experiência tratado pela física é radicalmente diferente do tratado pela psicologia. A semelhança de método pode nos tentar a passar de um aspecto para o outro, como ocorre com um compêndio de física que contém um capítulo sobre a visão e a percepção da cor, ou com um manual de fisiologia que inclui parágrafos sobre ilusões de julgamento; mas essa confusão de objeto de estudo tem como resultado inevitável a confusão de pensamento. Como todas as ciências estão voltadas para o mesmo mundo da experiência humana, é natural que o método

científico, seja qual for o aspecto da experiência a que é aplicado, seja em princípio o mesmo. Por outro lado, quando decidimos examinar algum aspecto particular da experiência, é necessário nos restringirmos a esse aspecto, sem mudar de ponto de vista à medida que a investigação se desenvolve. Por conseguinte, é uma grande vantagem contar com os dois termos, introspecção e inspeção, para denotar a observação feita a partir das diferentes perspectivas da psicologia e da física. O uso da palavra introspecção é um constante lembrete de que trabalhamos em psicologia, de que observamos o aspecto dependente do mundo da experiência.

A observação, como dissemos antes, implica duas coisas: atenção aos fenômenos e registro dos fenômenos. A atenção deve ser mantida no mais alto grau possível de concentração; o registro deve ter precisão fotográfica. A observação é, portanto, tão difícil quanto cansativa; e a introspecção é, de modo geral, mais difícil e fatigante do que a inspeção. Para garantir resultados confiáveis, temos de ser rigorosamente imparciais e livres de preconceitos, vendo os fatos tais como são, prontos a aceitá-los assim, sem tentar enquadrá-los em qualquer teoria preconcebida; esó devemos trabalhar quando a nossa disposição geral for favorável, quando estivermos bem e com boa saúde, à vontade no nosso ambiente, livres de preocupações e ansiedades exteriores. Se essas regras não forem seguidas, nenhum volume de experimentação nos ajudará. O observador, no laboratório de psicologia, está nas melhores condições exteriores possíveis; a sala onde trabalha está adaptada e equipada de tal maneira que a observação possa ser repetida, que o processo a ser observado possa destacar-se claramente contra o pano de fundo da consciência, e que os fatores envolvidos no processo possam ser avaliados separadamente. Mas todo esse cuidado é em vão, exceto se o próprio observador, ao trabalhar, estiver com a mente equilibrada, der ao trabalho plena atenção e tiver capacidade de traduzir adequadamente sua experiência em palavras...

O PROBLEMA DA PSICOLOGIA. A ciência sempre busca responder a três perguntas acerca do seu objeto de estudo: o quê, como e por quê. O que precisamente, tirando-se todas as complicações e fazendo uma redução aos termos mais elementares, é esse objeto de estudo? Como, então, vem ele a se apresentar como se apresenta; como se combinam e organizam os seus elementos? E, finalmente, por que ele se apresenta agora nessa combinação ou arranjo particular, e não em outra? Se quisermos ter uma ciência, temos de responder a essas três perguntas...

Responder à pergunta ‘o quê?’ é a tarefa da análise. A ciência física, por exemplo, tenta, através da análise, reduzir o mundo da experiência independente aos seus termos mais elementares, chegando assim aos vários elementos químicos. Responder à pergunta ‘como?’ é tarefa da síntese. A ciência física descreve o comportamento dos elementos em suas várias combinações e termina por formular as leis da natureza. Quando essas duas perguntas estão respondidas, temos uma descrição de fenômenos físicos. Mas a ciência pergunta, além disso, ‘por que’ um dado conjunto de fenômenos ocorre justamente de uma determinada maneira e não de outra; e responde à pergunta ‘por quê?’ revelando a causa de que os fenômenos observados são o efeito. Havia

orvalho no solo ontem à noite porque a superfície da terra estava mais fria do que a camada de ar acima dela; o orvalho se forma sobre o vidro, e não sobre o metal, porque o poder

irradiador de um é grande e o outro é pequeno. Quando a causa de um fenômeno físico foi identificada assim, diz-se que o fenômeno está explicado.

Até agora, no tocante à descrição, o problema da psicologia lembra de perto o da física. O psicólogo procura, antes de tudo, analisar a experiência mental em seus componentes mais simples. Ele toma uma consciência em particular e trabalha com ela repetidamente, fase por fase e processo por processo, até que a sua análise não possa mais ir adiante. Restam-lhe certos processos mentais que resistem à análise, elementos de natureza absolutamente simples que não podem ser reduzidos, mesmo em parte, a outros processos. Esse trabalho continua, com outras consciências, até que ele possa falar com uma certa confiança acerca da natureza e do número de processos mentais elementares. Em seguida, ele se ocupa da tarefa da síntese. Reúne os elementos em condições experimentais; em primeiro lugar; talvez, dois elementos do mesmo tipo, depois mais elementos desse tipo e, em seguida, processos elementares de diversos tipos; ele acaba por discernir a regularidade e a uniformidade de ocorrência que vimos serem características de toda experiência humana. Assim, ele aprende a formular as leis de conexão dos processos mentais elementares.* Se ocorrem juntas, sensações de som se combinam ou se fundem; se ocorrem lado a lado, sensações de cor se intensificam mutuamente; e tudo isso acontece de modo perfeitamente regular, permitindo-nos formular as leis da fusão tonal e as do contraste cromático.

Se, no entanto, tentarmos elaborar uma psicologia meramente descritiva, vamos descobrir que não há esperança de ela ser uma verdadeira ciência da mente. Uma psicologia descritiva seria para a psicologia científica mais ou menos como as histórias naturais ultrapassadas diante dos modernos manuais de biologia, ou como a concepção de mundo que um rapaz consegue no seu gabinete de experimentos físicos diante da de um físico bem treinado. Ela nos diria muito sobre a mente e incluiria um grande corpo de fatos observados que poderíamos classificar e, em larga medida, submeter a leis gerais. Contudo, não haveria nela unidade nem coerência; faltar-lhe-ia o princípio diretor que a biologia, por exemplo, tem na lei da evolução, ou a física, na lei da conservação de energia. Para dar à psicologia um cunho científico, não podemos nos limitar a descrever a mente; temos também de explicá-la. Temos de responder à pergunta ‘por quê?’

Mas há uma dificuldade aqui. Está claro que não podemos considerar um processo mental a causa de outro processo mental, se não por outras razões, porque, com a mudança do nosso meio circundante, podem-se estabelecer consciências inteiramente novas. Quando visito Atenas ou Roma pela primeira vez, tenho experiências que se devem, não à consciência passada, mas aos estímulos presentes. Do mesmo modo, não podemos considerar os processos nervosos a causa de processos mentais. O princípio do paralelismo psicofísico estabelece que os dois conjuntos de eventos, processos do sistema nervoso e processos mentais, têm cursos paralelos, em correspondência exata mas sem interferência: eles são, em última análise, dois aspectos diferentes da mesma experiência. Um não pode ser a causa do outro.

Não obstante, explicamos fenômenos mentais por referência ao corpo, ao sistema nervoso e aos órgãos que estão ligados a ele. O sistema nervoso não causa, mas explica, a mente. Ele a explica tal como o mapa de um país explica os vislumbres fragmentados de colinas, rios e cidades que captamos ao percorrê-lo. Em suma, a referência ao sistema nervoso introduz na psicologia precisamente a unidade e a coerência que uma psicologia restrita à descrição não consegue alcançar

A ciência física, portanto, explica ao atribuir uma causa; a ciência mental explica por referência aos processos nervosos que correspondem aos processos mentais sob observação. Podemos juntar essas duas modalidades de explicação se definirmos a própria explicação como a declaração das circunstâncias ou condições próximas sob as quais o fenômeno descrito ocorre. O orvalho se forma com a condição de uma diferença de temperatura entre o ar e o solo; as idéias

* Ao usar a frase “conexão dos processos mentais elementares”, Titchener revela a influência dos empiristas e associacionistas e de sua visão mecânica da associação. Segundo Wundt, os elementos são sintetizados ou organizados

pelo poder ativo da mente, e não conectados de uma forma passiva e mecânica.

118

se formam com a condição da ocorrência de certos processos no sistema nervoso. Fundamentalmente, o objeto e o modo de explicação são, nos dois casos, os mesmos.

Em [assim como o método da psicologia é, em todos os pontos essenciais, o método das ciências naturais, o problema da psicologia é essencialmente da mesma espécie do problema da física. O psicólogo responde à pergunta “o quê?” analisando a experiência mental em seus elementos. Responde à pergunta “como?” formulando as leis de conexão desses elementos. E responde à pergunta “por quê?” explicando os processos mentais em termos dos seus processos paralelos no sistema nervoso. Seu programa não precisa ser desenvolvido nesta ordem; ele pode vislumbrar uma lei antes de completar a análise, e a descoberta de um órgão sensorial pode sugerir a ocorrência de determinados processos elementares antes de o psicólogo descobrir esses processos por meio da introspecção. Há um estreito vínculo entre essas três perguntas, e a resposta a qualquer uma ajuda a responder às outras duas. A medida do nosso progresso na psicologia científica está na nossa capacidade de dar respostas satisfatórias às três.

O Destino do Estruturalismo

As pessoas com frequência alcançam proeminência na história porque se opõem a alguma posição ou pensamento antigos. Mas, no caso de Titchener, a situação pode ser o contrário, pois ele se manteve firme quando todos pareciam contradizê-lo. O ideário da psicologia americana e europeia estava mudando na segunda década do século XX, mas isso não acontecia com o enunciado formal do sistema de Titchener. Alguns psicólogos chegaram a considerar o seu trabalho uma tentativa fútil de apegar-se a princípios e métodos antiquados.

Titchener acreditava estar estabelecendo o padrão básico da psicologia, mas os seus esforços mostraram ser somente uma fase na história dessa ciência. A era do estruturalismo acabou quando ele morreu. O fato de ter se mantido por tanto tempo é um tributo efetivo à sua personalidade dominadora.

Críticas ao Estruturalismo

As críticas mais rigorosas ao estruturalismo foram dirigidas ao seu método: a introspecção. Essas críticas tinham muito mais relação com a introspecção praticada nos laboratórios de Titchener e de Külpe, que estava voltada para relatos subjetivos dos elementos da

consciência, do que com o método wundtiano de percepção interior, que estava voltado para respostas mais objetivas a estímulos externos.

A introspecção, definida em termos amplos, vinha sendo usada há muito tempo, e os ataques ao método não eram novos. O filósofo alemão Immanuel Kant escrevera, um século antes do trabalho de Titchener, que toda tentativa de introspecção altera necessariamente a experiência consciente que estiver sendo estudada, porque introduz no conteúdo dessa experiência consciente um elemento de observação. O filósofo positivista Augusto Comte também dirigiu críticas ao método introspectivo. Várias décadas antes de Titchener propor a sua psicologia, Comte escreveu:

A mente pode observar todos os fenômenos, exceto os seus próprios... O órgão observador e o órgão observado são idênticos, e a sua ação não pode ser pura e natural. Para observar, nosso intelecto deve fazer uma pausa em sua atividade; contudo, o que se quer observar é precisamente essa atividade. Se não se puder fazer essa pausa, não se pode observar; se se conseguir fazê-la, nada há a observar. Os resultados desses métodos são proporcionais ao seu caráter absurdo (Comte, 1830/1896, Vol. 1, p. 9).

119

Outras críticas à introspecção foram feitas em 1867 pelo médico inglês Henry Maudsley, que escreveu amplamente sobre psicopatologia:

Há pouca concordância entre os introspeccionistas. E, quando há, podemos atribuí-la ao fato de eles terem de ser meticulosamente treinados, tendo, pois, uma predisposição intrínseca no tocante às suas observações. Um corpo de conhecimento fundamentado na introspecção não pode ser indutivo; nenhuma descoberta pode ser feita por quem é treinado especificamente sobre o que observar. Devido ao alcance da patologia da mente, dificilmente se deve confiar num relato que a pessoa faz de si mesma. O conhecimento introspectivo não pode ter o caráter geral que esperamos da ciência. Ele tem de estar restrito à classe de refinados sujeitos adultos bem treinados. Grande parte do comportamento (hábito e desempenho) ocorre sem correlatos conscientes (Turner, 1967, p. 11).

Havia, pois, dúvidas substanciais acerca da introspecção antes de Titchener a ter aperfeiçoado e modificado para harmonizá-la com os requisitos do método experimental. As alterações por ele feitas não reduziram as críticas. À medida que o método foi se tornando mais específico, também os ataques se tornaram mais refinados.

Uma das críticas refere-se à definição de introspecção. Ao que parece, Titchener teve dificuldade em defini-la com o grau necessário de rigor, e sua tentativa foi relacioná-la com condições experimentais particulares. ‘O curso que um observador segue’, escreveu ele, ‘apresenta variações de detalhes de acordo com a natureza da consciência observada, com o propósito do experimento, com a instrução dada pelo experimentador. Introspecção é, portanto, um termo genérico que cobre um grupo indefinidamente amplo de procedimentos metodológicos específicos’ (Titchener, 1912b, p. 485). Com tantas variações, é difícil encontrar semelhanças entre os usos que ele fazia do termo.

Um ponto que mencionamos antes tem que ver com a questão de saber o que precisa mente os introspeccionistas estruturalistas eram treinados para fazer. Os alunos graduados-observadores de Titchener que aprendiam a fazer introspecção eram instruídos a ignorar certas classes de palavras (as chamadas palavras significativas) que eram parte fixa do seu

vocabulário. A frase “vejo uma mesa”, por exemplo, não tem significado científico para um estruturalista; a palavra mesa é uma palavra significativa, baseada num conhecimento previamente estabelecido e geralmente aceito, acerca da combinação específica de sensações que aprendemos a identificar e rotular como mesa. Logo, a observação “vejo uma mesa” nada dizia ao estruturalista sobre a experiência consciente do observador. O estruturalista não estava interessado no agregado de sensações resumido numa palavra significativa, mas nas formas elementares específicas da experiência. Observadores que diziam “mesa” estavam cometendo o erro de estímulo.

Se essas palavras comuns fossem retiradas do vocabulário, como a experiência seria descrita? Teria de ser desenvolvida uma linguagem introspectiva. Como Titchener (e Wundt) acentuavam que as condições exteriores do experimento têm de ser cuidadosamente controladas para que a experiência consciente pudesse ser determinada com precisão, dois observadores deveriam ter experiências idênticas e conseguir resultados que se corroborassem mutuamente. Devido a essas experiências altamente semelhantes sob condições controladas, parecia teoricamente possível desenvolver um vocabulário operacional isento de palavras significativas. Afinal, é por causa dos elementos habituais nas experiências da vida cotidiana que podemos concordar com significados convencionais para palavras familiares.

Embora o desenvolvimento de um tal vocabulário introspectivo em princípio possa ser possível, ele nunca foi feito. Havia freqüentes desacordos entre os observadores, até mesmo nas condições experimentais mais rigidamente controladas. Introspeccionistas de diferentes

120

laboratórios obtinham resultados diferentes. E muitas vezes havia desacordos entre sujeitos do mesmo laboratório. Titchener, no entanto, afirmava que o acordo terminaria por ser alcançado. Se tivesse havido suficiente acordo acerca de descobertas introspectivas, o estruturalismo poderia ter durado mais do que durou.

Havia outras críticas à introspecção. Afirmava-se que a introspecção era, na realidade, retrospectiva, visto passar algum tempo entre a experiência e o relato dela. Como o esquecimento, de acordo com a demonstração de Ebbinghaus, é mais rápido imediatamente depois de uma experiência, parecia provável que parte dela se perdesse antes de a introspecção ocorrer. A resposta estruturalista a essa acusação consistia em especificar que os observadores trabalham com breves intervalos de tempo, e postular a existência de uma imagem mental primária que, de acordo com suas alegações, mantinha a experiência para o observador até que ele pudesse relatá-la.

Outra dificuldade que assinalamos é que o ato de examinar minuciosamente uma experiência de modo introspectivo pode introduzir nela mudanças radicais. Pensemos na dificuldade de fazer a introspecção do estado consciente de raiva. No processo de dar-lhe atenção racional e de tentar dissecar essa experiência em seus componentes elementares, a raiva pode reduzir-se ou desaparecer. Titchener acreditava, entretanto, que introspeccionistas experimentados e bem treinados se tornavam, com a prática contínua, inconscientes de sua tarefa observacional.

O método da introspecção não foi o único alvo de críticas. O movimento estruturalista foi acusado de artificialismo e de esterilidade por causa de sua tentativa de analisar processos

conscientes até decompô-los em seus elementos. Alegavam os críticos que a totalidade de uma experiência não pode ser recuperada por nenhuma ligação ou associação de suas partes elementares. Para esses críticos, a experiência não ocorre em termos de sensações, imagens ou estados afetivos, mas em totalidades unificadas. Algo da experiência consciente é inevitavelmente perdida em qualquer esforço artificial de analisá-la. Veremos que a escola de psicologia da Gestalt fez um uso efetivo dessa crítica ao lançar seu novo movimento, sua revolta contra o estruturalismo.

A definição estrita de psicologia adotada pelos estruturalistas também foi atacada. O escopo da psicologia moderna se desenvolvia em algumas áreas que os estruturalistas preferiam excluir, por não serem elas coerentes com sua definição e seu método. Para Titchener, a psicologia animal e a psicologia infantil nada tinham de psicologia. Seu conceito do campo era demasiado limitado para abarcar todos os novos trabalhos realizados por um número rapidamente mais numeroso de psicólogos nos Estados Unidos. A psicologia estava ultrapassando Titchener — e com muita rapidez.

Contribuições do Estruturalismo

Titchener e os estruturalistas sem dúvida deram importantes contribuições à psicologia. Seu objeto de estudo — a experiência consciente — era claramente definido. Seus métodos de pesquisa seguiam a melhor tradição científica, envolvendo observação, experimentação e medição. Como a consciência era melhor percebida pela pessoa que tinha a experiência consciente, o melhor método de estudo desse objeto era a auto-observação.

Embora o objeto de estudo e os objetivos dos estruturalistas estejam hoje ultrapassados, a introspecção — definida como um relato verbal baseado na vivência — ainda é usada em muitas áreas da psicologia. Pesquisadores no campo da psicofísica, por exemplo, pedem aos sujeitos que digam se um segundo som soa mais alto ou mais baixo do que o primeiro. Relatos verbais são feitos por pessoas que descrevem suas vivências enquanto permanecem em ambientes experimentais incomuns como cubículos de privação sensorial. Relatos clínicos de

121

pacientes e respostas a testes de personalidade e escalas de atitude também têm natureza introspectiva.

Também é possível obter dos sujeitos experimentais relatos introspectivos envolvendo processos cognitivos como o raciocínio. Por exemplo, os psicólogos industriais/organizacionais dão importância aos relatos introspectivos dos funcionários sobre a maneira como interagem com terminais de computador, para o desenvolvimento e aperfeiçoamento desses equipamentos. Esses e outros casos envolvem relatos verbais baseados na experiência pessoal, e constituem formas legítimas de coleta de dados. Veremos no Capítulo 15 que o movimento cognitivista em psicologia, com seu renovado interesse pelos processos conscientes, conferiu uma legitimidade ainda maior à introspecção.

Outra contribuição do estruturalismo é essencialmente negativa: ter servido de alvo a críticas. O estruturalismo funcionou como forte referencial ortodoxo contra o qual os movimentos que começavam a surgir organizaram suas forças. Essas escolas de pensamento recém-nascidas deviam sua existência, numa escala não desprezível, à sua progressiva

reformulação da posição estruturalista. Observamos que os avanços da ciência requerem algo a que se opor. Com a ajuda de Titchener e dos estruturalistas, a psicologia avançou bem além de suas fronteiras iniciais.

Sugestões de Leitura

Angeli, F., “Titchener at Leipzig”, *Journal of General Psychology*, n 1, pp. 195-198, 1928. Um colega

descreve a época de Leipzig e discute as pesquisas e as características de personalidade de Titchener.

Bering, E. O., ‘A history of introspection’, *Psychological Bulletin*, n 50, pp. 169-189, 1953. Discute

a introspecção praticada na psicologia estrutural de Titchener e descreve o uso de métodos introspectivos (frequentemente sob nomes diferentes) em escolas de pensamento psicológico posteriores.

Dunlap, K., “The case against introspection”, *Psychological Review*, n 19, pp. 404-413, 1912. Observa

incoerências entre várias definições e aplicações da introspecção.

Evans, R. B., “E. B. Titchener and his lost system”, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*,

n 8, pp. 168-180, 1972. Descreve o desenvolvimento da abordagem psicológica estruturalista de

Titchener e especula acerca das mudanças em seu pensamento perto do fim da vida.

Henle, M., “Did Titchener commit the stimulus error? The problem of meaning in structural psychology”, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 7 pp. 279-282, 1971. Descreve incoerências na abordagem titcheneriana da introspecção e sugere maneiras pelas quais ele revisou suas concepções de psicologia nos últimos anos de vida.

Hindeland, M. J., “Edward Bradford Titchener: A pioneer in perception”, *Journal of the History of the*

Behavioral Sciences, n 7, pp. 23-28, 1971. Descreve a abordagem experimental de Titchener para

os problemas da sensação e da percepção.

Radford, J., “Reflections on introspection”, *American Psychologist*, n 29, pp. 245-250, 1974. Faz uma

revisão das concepções históricas da introspecção e compara a abordagem de Titchener com o

trabalho do comportamentalista John B. Watson.

Titchener, E. B., *A Primer of Psychology* (ed. rev.), Nova York, Macmillan, 1912. Um manual básico

sobre a abordagem estruturalista da psicologia; cobre a metodologia de pesquisa e tópicos específicos como a atenção, o sentimento, a emoção, a memória e o pensamento.

Washburn, M. F., "Introspection as an objective method *Psychological Review*, n 29, pp. 89-112,

1922. Uma análise das semelhanças de métodos entre o estruturalismo e o comportamentalismo.

122

6

O Funcionalismo: Influências Anteriores

O Protesto Funcionalista

Panorama do Funcionalismo

A Revolução da Evolução: Charles Darwin

(1809-1882)

A Vida de Darwin

As Obras de Darwin

A Influência de Darwin sobre a Psicologia

As Diferenças Individuais: Francis Galton

(1822-1911)

O Protesto Funcionalista

A Vida de Galton

A Herança Mental

Os Métodos Estatísticos

Os Testes Mentais

A Associação

As Imagens Mentais

Outros Estudos

Comentário

A Influência da Psicologia Animal sobre o Funcionalismo

A psicologia funcional, como sugere o nome, interessa-se pela mente tal como esta funciona ou é usada na adaptação do organismo ao seu ambiente. O movimento funcionalista concentrou-se numa questão prática: o que os processos mentais realizam? Os funcionalistas estudavam a mente não do ponto de vista de sua composição (uma estrutura de elementos mentais), mas como um conglomerado de funções ou processos que levam a conseqüências práticas no mundo real.

Os estudos da mente feitos por Wundt e Titchener nada revelavam das conseqüências ou resultados da atividade mental. Nem aspiravam a isso, pois essa meta utilitária não era compatível com sua abordagem da psicologia como ciência pura. O funcionalismo, na qualidade de primeiro sistema exclusivamente americano de psicologia, foi um protesto deliberado contra a psicologia de Wundt e o estruturalismo de Titchener, vistos como demasiado estreitos e restritos. Eles não conseguiam responder às perguntas que os funcionalistas faziam: O que a mente faz? Como ela o faz?

O funcionalismo não foi um protesto contra os métodos e tópicos de pesquisa de Leipzig e Cornell. De fato, os funcionalistas adotaram muitas das descobertas desses laboratórios. Eles

123

não faziam objeções à introspecção, nem se opunham ao estudo experimental da consciência. A sua oposição voltava-se para as definições anteriores de psicologia que descartavam toda consideração das funções utilitárias e práticas da mente, as atividades ou operações conscientes em andamento.

Embora o funcionalismo fosse um protesto contra a escola de pensamento existente, seus proponentes não pretendiam tornar-se uma escola no sentido pleno da palavra. A razão principal para isso parece ter sido pessoal, e não ideológica. Nenhum dos defensores da posição funcionalista tinha a ambição de fundar e liderar um movimento formal. Com o tempo, o funcionalismo acabou por desenvolver muitas das características de uma escola de pensamento, mas isso não era o seu alvo. Seus líderes pareciam contentar-se em desafiar as posições de Wundt e de Titchener e ampliar as bases e o alcance da nova psicologia — e o fizeram com considerável sucesso. Eles modificaram a ortodoxia existente sem se empenhar em substituí-la.

Em conseqüência, o funcionalismo nunca foi uma posição sistemática tão rígida ou formalmente diferenciada quanto o estruturalismo de Titchener. Por isso, não é possível descrevê-lo com tanta clareza e precisão quanto a este último. Não houve uma única psicologia funcional, como tinha havido uma única psicologia estrutural. Existiram várias psicologias funcionais que, embora diferindo entre si de algum modo, partilhavam o interesse pelas funções da consciência. E, devido a essa ênfase no funcionamento do organismo em seu ambiente, os funcionalistas interessaram-se pelas possíveis aplicações da psicologia. Assim, a psicologia aplicada desenvolveu-se rapidamente nos Estados Unidos, onde é hoje o mais importante legado do movimento funcionalista.

Panorama do Funcionalismo

O funcionalismo tem uma longa história, datando da metade da década de 1850. Seu desenvolvimento histórico, ao contrário do estruturalismo, foi promovido por líderes intelectuais com vários interesses e formações. Pode-se atribuir parcialmente a essa base diversificada o fato de o funcionalismo, ao contrário do estruturalismo, não ter estagnado nem declinado.

Neste capítulo, vamos fazer uma consideração das influências anteriores ao movimento da psicologia funcional, incluindo os trabalhos de Charles Darwin, de Francis Galton e dos primeiros estudiosos do comportamento animal. Embora essas primeiras fontes de influência sejam britânicas, o funcionalismo começou formalmente e floresceu nos Estados

Unidos. É importante observar a época em que os precursores do funcionalismo desenvolviam as suas idéias — o período anterior e concomitante aos anos em que a nova psicologia progredia. *On the Origin of Species (A Origem das Espécies)* (1859), de Darwin, foi publicado um ano antes de *Elementos de Psicofísica* (1860), de Fechner, e vinte anos antes de Wundt estabelecer seu laboratório em Leipzig. Galton começou a trabalhar nas diferenças individuais em 1869, antes de Wundt escrever seus *Princípios de Psicologia Fisiológica* (1873-1874). Experimentos sobre psicologia animal foram feitos na década de 1880, antes de Titchener ter ido à Alemanha e ser influenciado por Wundt. Dessa maneira, importantes trabalhos sobre as funções da consciência, as diferenças individuais e o comportamento animal estavam sendo feitos no momento em que Wundt e Titchener estavam excluindo essas áreas do domínio da psicologia. Coube aos novos psicólogos americanos, com seu temperamento diferente, atribuir à função, às diferenças individuais e ao rato branco um novo destaque na psicologia.

A atual psicologia americana é funcionalista tanto em termos de orientação como de atitude. Evidencia-o a ênfase nos testes, na aprendizagem, na percepção e em outros processos

funcionais que ajudam a nossa adaptação e o nosso ajustamento ao ambiente.

124

A Revolução da Evolução:

Charles Darwin (1809-1882)

On the Origin of Species by Means of Natural Selection (A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural), de Charles Darwin, publicado em 1859, é um dos mais importantes livros da história da civilização ocidental. A teoria da evolução nele apresentada libertou os cientistas de tradições e superstições até então inibidoras, tendo-os lançado na era da maturidade e da respeitabilidade das ciências da vida. A teoria da evolução também teria um tremendo impacto na psicologia americana contemporânea, que deve sua forma e substância tanto à influência da obra de Darwin como a qualquer outra idéia ou indivíduo. Além disso, a teoria evolutiva exerceu, como veremos no Capítulo 13, uma grande influência sobre a obra de Sigmund Freud.

A sugestão de que os seres vivos mudam com o tempo, que é a noção fundamental da evolução, não teve origem em Darwin. Embora antecipações intelectuais dessa idéia geral remontem ao século V a.C., só no final do século XVIII a teoria foi investigada sistematicamente. Erasmus Darwin (o avô de 170 quilos de Charles Darwin e Francis Galton) defendia a crença de que todos os animais de sangue quente tinham evoluído a partir de um mesmo filamento vivo, animado por Deus. Em 1809, o naturalista francês Jean Baptiste Lamarck formulou uma teoria comportamental da evolução que acentuava a modificação da forma corporal de um animal através dos seus esforços de adaptação ao ambiente; essas modificações, sugeriu Lamarck, eram herdadas pelas gerações seguintes. De acordo com essa teoria, para dar um exemplo, a girafa desenvolveu o seu longo pescoço no decorrer de gerações, por ter tido de alcançar ramos cada vez mais altos para encontrar comida. Em meados da década de 1800, o geólogo britânico Charles Lyell introduziu a noção de evolução na teoria geológica, afirmando que a Terra tinha passado por vários estágios de desenvolvimento até alcançar sua atual estrutura.

Por que, passados tantos séculos de aceitação do relato bíblico da criação, os cientistas foram impelidos a buscar uma explicação alternativa? Uma das razões é que aumentavam os conhecimentos sobre as outras espécies que habitam a Terra. Os pesquisadores descobriam e estudavam curiosos tipos de vida animal existentes em vários continentes. Era inevitável, portanto, que alguns pensadores comessem a perguntar como Noé poderia ter posto um par de cada um desses animais na arca. Havia simplesmente um número grande demais de espécies para que se continuasse a crer na história bíblica.

Exploradores e cientistas tinham encontrado fósseis e ossos de criaturas não condizentes com os de espécies existentes — ossos que aparentemente pertenciam a animais que um dia percorreram a Terra e desapareceram. Por conseguinte, deixara de ser possível considerar as formas vivas como constantes e imutáveis desde o começo dos tempos; elas estavam sujeitas a modificação. Antigas espécies foram extintas e novas apareceram, sendo algumas alterações de formas existentes. Talvez, especularam alguns cientistas, toda a natureza derive da mudança e ainda esteja em processo de evolução.

O impacto da mudança contínua estava sendo observado tanto no domínio intelectual e científico como na vida cotidiana. A sociedade estava sendo transformada pelas forças da Revolução Industrial. Valores, relações sociais e normas culturais que tinham sido constantes durante gerações estavam sendo destroçadas com a migração de numerosos contingentes vindos das áreas rurais e cidadezinhas para os gigantescos centros urbanos fabris.

Sobretudo, havia a crescente influência da ciência. As pessoas contentavam-se menos em fundamentar seu conhecimento da natureza humana e da sociedade naquilo que a Bíblia

125

e as autoridades antigas afirmavam ser verdadeiro. Elas estavam prontas para depositar sua fé na ciência.

Mudança era o *Zeitgeist* da época. Ela afetou o lavrador, cuja vida passara a pulsar segundo o ritmo da máquina, e não mais das estações, assim como o cientista, que agora passava o tempo desvendando os segredos de um conjunto de ossos recém-descobertos. O clima social e intelectual tornava cientificamente respeitável a idéia de uma teoria evolutiva. Houve muita especulação e teorização, mas, por muito tempo, foram poucas as provas capazes de sustentá-las. Então, *A Origem das Espécies* forneceu tantos dados bem organizados que a idéia de evolução não pôde mais ser ignorada. A época exigia essa teoria, e Charles Darwin tornou-se o seu veículo.

A Vida de Darwin

Quando menino, Charles Darwin dava poucas indicações de vir a ser o arguto e zeloso cientista que o mundo iria conhecer. Na verdade, esperava-se que ele não fosse senão um ocioso cavalheiro, preocupado apenas com os esportes. Em seus primeiros anos de vida, mostrou-se tão pouco promissor que o seu pai, um médico abastado, chegou a se preocupar em ver o jovem Charles ser a desgraça da família. Embora nunca tivesse gostado da escola nem ido bem nos estudos, Charles cedo mostrou interesse pela história natural e por colecionar moedas, conchas e minerais. Enviado pelo pai à Universidade de Edimburgo para estudar medicina, ele a achou maçante. Percebendo que Charles ia mal, o pai decidiu que o jovem deveria tornar-se clérigo.

Darwin passou três anos na Universidade de Cambridge, e descreveu a experiência como tempo perdido, ao menos do ponto de vista acadêmico. Em termos sociais, foi uma época maravilhosa, que ele considerou o período mais feliz de sua vida. Colecionava besouros, caçava e passava boa parte do tempo bebendo, cantando e jogando cartas com um grupo de colegas que ele mesmo considerava dissipados e pouco dotados intelectualmente.

Um de seus instrutores, o destacado botânico John Stevens Henslow, promoveu a nomeação de Darwin como naturalista a bordo do navio H.M.S. Beagle, que o governo britânico preparava para uma viagem científica ao redor do mundo. Essa famosa excursão, que durou de 1831 a 1836, começou em águas sul-americanas, rumou para o Taiti e a Nova Zelândia e voltou para a Inglaterra pela Ilha de Ascensão e pelos Açores. A viagem deu a Darwin a oportunidade ímpar de observar uma imensa variedade de plantas e formas de vida animal, e ele coletou uma vasta quantidade de dados. Essa jornada modificou o caráter de Darwin. Deixando a vida de diletante e amante dos prazeres, voltou à Inglaterra como um cientista sério e dedicado, com uma paixão e um objetivo na vida — promulgar sua teoria da evolução.

Em 1839, Darwin se casou; três anos mais tarde, mudou-se com a esposa para Down, uma cidadezinha a cerca de vinte e cinco quilômetros de Londres, para poder concentrar-se em sua obra sem as distrações da vida da cidade. Sempre mal de saúde, continuou a ser acometido por problemas físicos, queixando-se de vômitos, flatulência, furúnculos, eczema, vertigens, tremores e ataques de depressão. Ao que parece, os sintomas eram neuróticos, provocados por qualquer mudança em sua rotina diária. Sempre que o mundo exterior se fazia presente, impedindo-o de trabalhar, ele tinha um ataque. A enfermidade tornou-se um recurso útil, protegendo-o das questões da vida diária e propiciando-lhe a solidão e a concentração de que precisava para criar sua teoria. Um escritor denominou o problema de saúde de Darwin uma “doença criativa” (Pickering, 1974).

126

A teoria da evolução proposta por Charles Darwin criou condições para o surgimento da psicologia funcional, que estudava o papel adaptativo da consciência em vez do seu conteúdo.

Desde a época do seu retorno com o Beagle, Darwin estava convencido da validade da teoria da evolução das espécies. Por que, então, esperou vinte e dois anos antes de apresentar sua obra ao mundo? A resposta parece estar em sua atitude extremamente conservadora, um requisito de temperamento para um bom cientista. Darwin sabia que sua teoria era revolucionária e desejava ter certeza de que, quando ele a publicasse, ela tivesse provas suficientes em seu apoio. Por isso, agiu com meticulosa cautela.

Só em 1842 Darwin sentiu-se preparado para escrever um breve sumário de trinta e cinco páginas sobre o desenvolvimento de sua teoria. Dois anos mais tarde, ele o expandiu, redigindo

um ensaio de duzentas páginas, mas ainda não estava satisfeito. Continuou a conservar suas

127

idéias para si, partilhando-as apenas com Charles Lyell e com o botânico Joseph Hooker. Por mais quinze anos ele continuou a trabalhar com os seus dados, conferindo, elaborando, revisando, para ter certeza de que, quando finalmente a publicasse, a teoria fosse inatacável.

Ninguém sabe quanto tempo mais Darwin teria demorado se não tivesse recebido, em junho de 1858, uma carta esmagadora de um certo Alfred Russel Wallace, um jovem naturalista. Este, enquanto convalescia de uma doença nas Índias Orientais, fizera o esboço de uma teoria da evolução espantosamente semelhante à de Darwin, embora não apoiada no volume de dados que Darwin acumulara. Wallace dizia que fizera o trabalho em três dias! Em sua carta, pedia a opinião de Darwin sobre a sua teoria e a sua ajuda para conseguir publicá-la. Podemos imaginar o que Darwin sentiu diante disso, depois de mais de duas décadas de um trabalho penoso e cansativo.

Darwin tinha outra característica que não é incomum entre cientistas: ambição pessoal. Mesmo antes de sua viagem no *Besgle*, ele escrevera em seu diário que tinha a “ambição de ocupar um lugar justo entre os homens de ciência”. E também escrevera: “Eu gostaria de atribuir menos valor a essa insignificância que é a fama” e “Destesto a idéia de escrever para conseguir a prioridade, mas por certo ficaria aflito se alguém publicasse as minhas doutrinas antes de mim” (Merton, 1957, pp. 647-648).

Com invejável honestidade, contudo, Darwin refletiu sobre a carta de Wallace e decidiu:

“Parece-me difícil ter de perder a prioridade depois de tantos anos, mas não posso ter a certeza de que isso altere a justiça do caso... Seria uma desonra para mim publicar agora” (Merton, 1957, p. 648).

Os amigos de Darwin, Lyell e Hooker, sugeriram que ele lesse o trabalho de Wallace e partes do seu próprio livro a ser publicado numa reunião de Linnean Society em 1 de julho de 1858. O resto é história. Todos os 1.250 exemplares da primeira edição de *A Origem das Espécies* foram vendidos no dia da publicação. O livro gerou uma comoção e uma controvérsia imediatas, e Darwin, embora sujeito a muitos insultos e críticas, conseguiu a “insignificância que é a fama”.

As Obras de Darwin

A teoria darwinista da evolução é tão conhecida que damos aqui apenas um apanhado de seus pontos fundamentais. Partindo do fato óbvio da variação entre membros individuais de uma espécie, Darwin raciocinou que essa variabilidade espontânea é transmissível por herança. Na natureza, um processo de seleção natural resulta na sobrevivência dos organismos mais bem preparados para o seu ambiente e na eliminação dos que não se ajustam. Ocorre uma contínua luta pela sobrevivência, escreveu Darwin, e as formas que sobrevivem são as que fizeram adaptações ou ajustes bem-sucedidos às circunstâncias ambientais a que estão expostas. Espécies que não podem adaptar-se não sobrevivem.

Darwin formulou a idéia de uma luta pela sobrevivência depois de ler o *Essay on the Principle of Population* (Ensaio sobre o Princípio da População), escrito pelo economista Thomas Malthus em 1789. Malthus observara que o suprimento de alimentos do mundo aumenta aritmeticamente, enquanto a população humana tende a crescer geometricamente. O resultado inevitável, que Malthus descreve como de “matiz melancólico”, é que muitos seres humanos viverão em condições próximas da inanição. Só os mais vigorosos e espertos sobreviverão.

Darwin estendeu esse princípio a todos os organismos vivos e desenvolveu o conceito de seleção natural. As formas orgânicas que sobrevivem à luta e alcançam a maturidade tendem a transmitir à sua prole as habilidades ou vantagens que lhes permitiram vencer. Além

128

disso, como a variação é outra lei geral da hereditariedade, os descendentes mostrarão variações entre si; alguns vão possuir as qualidades vantajosas desenvolvidas num grau superior ao dos pais. Essas qualidades tendem a se manter e, no curso de muitas gerações, podem ocorrer grandes mudanças de forma. Essas mudanças podem ser tão amplas que explicam as diferenças entre espécies hoje existentes.

A seleção natural não foi o único mecanismo da evolução que Darwin reconheceu. Ele também acreditava na doutrina lamarckiana de que as mudanças de forma produzidas pela experiência no decorrer da vida de um animal podem ser transmitidas a gerações subsequentes.

Embora muitos clérigos fossem receptivos à idéia da teoria evolutiva, outros a viram como uma ameaça porque acreditavam ser ela incompatível com uma interpretação literal do relato bíblico da criação. Um eminente ministro denominou-a * ‘uma tentativa de destronar Deus’, acrescentando que: ‘Se a teoria darwinista for verdadeira, o Gênesis é uma mentira... e a revelação de Deus ao homem, tal como nós, cristãos, a conhecemos, é uma ilusão’ (White, 1896/1965, p. 93). A controvérsia foi intensa e duradoura.

Menos de um ano depois da publicação de *A Origem das Espécies*, realizou-se um debate na Universidade de Oxford num encontro da Sociedade Britânica para o Progresso da Ciência. Os debatedores eram o biólogo Thomas Henry Huxley, que defendia Darwin e a evolução, e o Bispo Samuel Wilberforce, advogado do livro do Gênesis. “Referindo-se às idéias de Darwin, [deu graças... por não ser descendente de um macaco. A réplica foi dada por Huxley: ‘Se tivesse de escolher, eu preferiria ser descendente de um humilde macaco a sê-lo de um homem que emprega o seu conhecimento e a sua eloquência para dar uma imagem errônea dos que consomem a vida na busca da verdade’ “ (White, 1896/1965, p. 92).

Durante o debate, um homem começou a andar pelo salão carregando uma Bíblia acima da cabeça. “O livro, o livro”, exclamava ele. Era Robert Fitzroy, capitão do Beagle durante a viagem de Darwin. Fundamentalista na sua opção religiosa, Fitzroy culpava-se pela sua participação no desenvolvimento da teoria da evolução. Cinco anos depois, ele se suicidou (Gould, 1976, p. 34).

Dados recém-descobertos levaram a uma reavaliação da história desse famoso confronto (Richards, 1987). Ao que parece, o relato do debate em Oxford vem da atitude anticlerical de Huxley e de sua tentativa (talvez inconsciente) de promover sua condição científica. Na verdade, foi menos um debate do que uma série de palestras. O Capitão Fitzroy apenas teve sua oportunidade de falar, e foi Joseph Hooker, e não Huxley, que fez a réplica mais eficaz a Wilberforce. Darwin manteve as boas relações com este último; ele considerou as observações do bispo “incomumente argutas; elas não têm valor científico algum, mas ele me ataca num estilo esplêndido” (Gould, 1986, p. 31).

A batalha não tinha acabado. Em 1925, no famoso Caso Scopes do “julgamento do macaco”, realizado em Dayton, Tennessee, um professor secundário, John T. Scopes, foi processado por ensinar a teoria da evolução. Quase meio século depois, em 1972, um clérigo do Tennessee afirmou que a teoria de Darwin “promove a corrupção, a luxúria, a imoralidade, a ambição e atos de depravação criminosa como o vício das drogas, a guerra e atos atrozes de genocídio” (New York Times, 1 de outubro de 1972). A Suprema Corte norte-americana deitou por terra em 1968 a lei que proibia o ensino da evolução nas escolas públicas, mas uma pesquisa de 1985 revelou, que em nível nacional, metade dos adultos americanos rejeitava a teoria da evolução (Washington Post, 3 de junho de 1986). Em 1987, a Suprema Corte derrubou uma emenda do Estado da Louisiana que exigia que, se a evolução fosse ensinada nas escolas públicas, a “ciência da criação”, a concepção bíblica da origem das espécies, teria de merecer igual tempo. E, em 1990, a junta estadual de educação do Texas aprovou manuais científicos que tratavam da teoria da evolução, mas um terço dos seus membros fez objeção.

129

Darwin permaneceu distante das disputas de sua época e escreveu outros livros importantes para a psicologia. Seu segundo grande relatório sobre a evolução, *The Descent of Man* (A Ascendência do Homem), de 1871, reunia provas da evolução humana a partir de formas inferiores de vida, destacando a semelhança entre os processos mentais humanos e animais. O livro alcançou rápida popularidade. Um colunista de uma importante revista, a *Edinburgh Review*, disse: “Na sala de estar, ele está competindo com o último romance, e, no estúdio, está perturbando tanto o homem de ciência como o moralista e o teólogo. Por toda a parte, ele levanta uma tempestade mista de ira, assombro e admiração” (Richards, 1987, p. 219). O assombro, a admiração e a aceitação logo venceram.

Darwin fez um abrangente estudo das expressões emocionais nos homens e nos animais, sugerindo que as mudanças de gestos e posturas que caracterizam as principais emoções podiam ser interpretadas em termos evolutivos. Em seu livro *The Expression of the Emotions in Man and Animals* (A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais), de 1872, ele alegou que as expressões emocionais são remanescentes de movimentos que um dia serviram a alguma função prática.

A partir de 1840, Darwin manteve um diário sobre o seu filho bebê, registrando o seu desenvolvimento. Ele publicou suas anotações na revista *Mind*, em 1877, com o título de ‘Esboço Biográfico de um Bebê’. Esse artigo é considerado uma das primeiras fontes da moderna psicologia infantil.

A importância dos fatores mentais na evolução das espécies era patente na teoria de Darwin, e ele citava com frequência reações conscientes nos homens e nos animais. Devido ao papel atribuído à consciência na teoria evolutiva, a psicologia foi levada a aceitar o ponto de vista da evolução.

A Influência de Darwin sobre a Psicologia

A obra de Darwin no final do século XIX foi uma importante força plasmadora da psicologia moderna. A teoria da evolução fez surgir a estimulante possibilidade de uma continuidade no funcionamento mental entre os homens e os animais inferiores. Embora amplamente anatômicas, as provas sugeriam com vigor haver continuidades no desenvolvimento do comportamento e dos processos mentais. Se a mente humana tinha evoluído a

partir de mentes mais primitivas, existiriam semelhanças no funcionamento mental dos homens e dos animais. A separação entre animais e homens proposta dois séculos antes por Descartes estava assim exposta a um sério questionamento, e o estudo do comportamento animal podia agora ser considerado vital para uma compreensão do comportamento humano. Os cientistas voltaram—se para a pesquisa do funcionamento mental animal, introduzindo um novo objeto no laboratório de psicologia. Esse novo campo da psicologia animal iria ter amplas implicações.

A teoria evolutiva também provocou uma mudança no objeto de estudo e no objetivo da psicologia. O foco dos estruturalistas era a análise do conteúdo consciente. A obra de Darwin inspirou alguns psicólogos, em especial norte-americanos, a levar em conta as possíveis funções da consciência. Isso parecia a muitos investigadores mais importante do que a deter minação dos elementos da consciência. Assim, à medida que a psicologia ia se voltando mais e mais para o modo de funcionamento do organismo em sua adaptação ao ambiente, a pesquisa detalhada de elementos mentais começava a perder o seu atrativo.

A teoria de Darwin também influenciou a psicologia ao ampliar a metodologia que a nova ciência podia legitimamente usar. Os métodos empregados no laboratório de Wundt em

Leipzig derivavam primariamente da fisiologia, em especial dos métodos psicofísicos de

130

Fechner. Os métodos de Darwin, que produziam resultados aplicáveis tanto ao homem como aos animais, em nada se pareciam com técnicas de base fisiológica. Seus dados advinham de uma variedade de fontes, incluindo a geologia, a arqueologia, a demografia, observações de animais selvagens e domésticos, e pesquisas sobre a criação de animais. A sua teoria era apoiada por informações vindas de todos esses campos.

Ali estavam provas tangíveis e impressionantes de que os cientistas poderiam estudar a natureza humana com outras técnicas além da introspecção experimental. Seguindo o exemplo de Darwin, os psicólogos que tinham sido influenciados pela teoria da evolução e por sua ênfase nas funções da consciência tornaram-se mais ecléticos no tocante a métodos de pesqui sa. Como resultado, ampliaram-se os tipos de dados reunidos pelos psicólogos.

Outro efeito da teoria da evolução na psicologia foi o foco mais insistente nas diferenças individuais. O fato da variação entre membros da mesma espécie era evidente para Darwin em consequência de sua observação, durante a viagem no Beagle, de inúmeras espécies e formas. A evolução não poderia ocorrer se toda geração fosse idêntica à dos seus pais. Portanto, a variação era um importante pilar da teoria evolutiva.

Enquanto os psicólogos estruturais continuavam a buscar leis gerais que abrangessem todas as mentes, os psicólogos influenciados pelas idéias de Darwin começaram a procurar os modos pelos quais as mentes individuais diferiam, e técnicas para medir essas diferenças. A psicologia dos estruturalistas tinha pouco espaço para a consideração da mente dos animais ou das diferenças individuais. Cabia aos cientistas de tendência funcionalista a exploração desses problemas. Como resultado, a forma e a natureza da nova psicologia começaram a mudar.

As Diferenças Individuais:

Francis Galton (1822-1911)

Galton aplicou efetivamente o espírito da evolução à psicologia com o seu trabalho sobre os problemas da herança mental e das diferenças individuais na capacidade humana. Antes dos esforços de Galton, o fenômeno das diferenças individuais não tinha sido considerado um objeto de estudo necessário na psicologia, o que era uma séria omissão. Só umas poucas tentativas isoladas tinham sido feitas, principalmente por Weber, Fechner e Helmholtz, que tinham relatado diferenças individuais em seus resultados experimentais, mas não as tinham investigado de modo sistemático. Wundt e Titchener, por sua vez, não as consideravam parte da psicologia.

A Vida de Galton

Francis Galton era dotado de uma inteligência extraordinária (um QI estimado de 200) e de grande profusão de idéias novas. Ele talvez não tenha igual na história da psicologia moderna. Sua curiosidade criativa e seu gênio o fizeram tratar de uma variedade de problemas, cujos detalhes ele deixava para os outros preencherem. Entre as áreas que investigou, estão as impressões digitais (que a força policial logo adotou para fins de identificação), a moda, a distribuição geográfica de beleza, o levantamento de peso e a eficácia da oração. Para esse homem versátil e inventivo, pouca coisa era desprovida de interesse.

Nascido em 1822 perto de Birmingham, Inglaterra, era o mais novo de nove filhos. Seu pai era um próspero banqueiro cuja família rica e socialmente proeminente incluía pessoas importantes nas principais esferas de influência: o governo, a Igreja e a corporação militar. Desde cedo, Galton tinha familiaridade com pessoas influentes devido às ligações de sua família. Aos dezesseis anos, por insistência do pai, Galton começou a estudar medicina como aluno tutelado do Hospital Geral de Birmingham. Foi aprendiz dos médicos, receitou pílulas,

131

A evolução deixou sua primeira marca na psicologia através do trabalho de Francis Galton sobre a herança mental e as diferenças individuais.

estudou compêndios de medicina, gessou fraturas, amputou dedos, extraiu dentes, vacinou crianças e ainda conseguiu se divertir lendo os clássicos, principalmente Horácio e Homero. De modo geral, essa não era uma experiência agradável, e ele só permaneceu ali devido à continua pressão do pai.

Um incidente ocorrido durante seu aprendizado médico ilustra sua incansável curiosidade. Desejando saber por si mesmo os efeitos dos vários medicamentos da farmácia, Galton começou a tomar pequenas doses de cada um, principiando, de modo sistemático, com os classificados na letra “A”. Esse empreendimento científico terminou na letra “C”, quando ele tomou uma dose de óleo de cróton, um forte laxante.

132

Depois de um ano no hospital, Galton continuou sua educação médica no King's College, de Londres. Um ano depois mudou de planos e matriculou-se no Trinity College, da Universidade de Cambridge, onde, com um busto de Isaac Newton diante de sua lareira, deu asas ao seu interesse pela matemática. Embora o seu trabalho tenha sido interrompido

por um severo colapso mental, ele conseguiu graduar-se. Voltou a estudar medicina, o que agora muito o desagradava, mas a morte do pai o libertou dessa profissão.

As viagens e as explorações chamaram a atenção de Galton. Ele foi ao Sudão em 1845 e ao Sudoeste Africano em 1850, ano em que inventou um teletipo. Publicou relatos de suas viagens e recebeu uma medalha da Sociedade Geográfica Real. Na década de 1850, parou de viajar, por causa do casamento e da saúde frágil, disse ele, mas conservou seu interesse pelas explorações e escreveu um guia chamado *The Art of Travel* (A Arte de Viajar). Organizou expedições para outros exploradores e fez palestras sobre a vida no acampamento para solda dos treinados para a Guerra da Criméia. Seu espírito inquieto o levou à meteorologia e a projetar instrumentos de registro de dados do tempo. Resumiu suas descobertas num livro considerado a primeira tentativa de mapeamento extenso de padrões do tempo.

Quando seu primo Charles Darwin publicou *A Origem das Espécies*, Galton voltou imediatamente sua atenção para a nova teoria. De início, o aspecto biológico da evolução o cativou, e ele fez uma pesquisa sobre os efeitos das transfusões de sangue entre coelhos para determinar se as características adquiridas podiam ser herdadas. Embora o aspecto genético da teoria não o interessasse por muito tempo, suas implicações sociais orientaram o trabalho subsequente de Galton e determinaram sua influência sobre a psicologia moderna.

A Herança Mental

O primeiro livro de Galton que teve importância para a psicologia foi *Hereditary Genius* (Gênio Hereditário), publicado em 1869. Nele, Galton procurou demonstrar que a grandeza individual ou gênio ocorria com uma frequência demasiado grande no interior de famílias para ser explicada por influências ambientais. Sua tese é, em resumo, que homens eminentes têm filhos eminentes. Em sua maior parte, os estudos biográficos relatados no livro eram pesquisas sobre a ancestralidade de pessoas importantes como cientistas e médicos. Seus dados revelaram que toda pessoa famosa herdava não apenas o gênio como uma forma específica de genialidade. Por exemplo, um grande cientista nascia numa família que alcançara proeminência na ciência.

O objetivo último de Galton era encorajar o nascimento de indivíduos mais eminentes ou capazes e desencorajar o nascimento dos incapazes. Para ajudar a atingir essa meta, ele fundou a ciência da eugenia (a ciência que trata dos fatores capazes de aprimorar as qualidades hereditárias da raça humana), afirmando que os seres humanos, assim como os animais, podiam ser aperfeiçoados por seleção artificial. Ele acreditava que, se homens e mulheres de talento considerável fossem selecionados e acasalados por sucessivas gerações, seria produzida uma raça de pessoas altamente dotadas. Propunha Galton que se desenvolvessem testes de inteligência a ser usados na escolha dos homens e mulheres mais brilhantes para o acasalamento seletivo, recomendando que quem alcançasse os níveis mais altos nos testes devia receber incentivos financeiros para se casar e ter filhos. (É interessante o fato de Galton, que fundou a eugenia e acreditava que só as pessoas muito inteligentes deviam se reproduzir, não ter tido filhos. Ao que parece, o problema era genético; nenhum dos seus irmãos os teve.)

Ao tentar verificar sua tese eugênica, Galton envolveu-se em problemas de medida e estatística. Em *Gênio Hereditário*, ele aplicara conceitos estatísticos aos problemas da

hereditariedade e classificara os homens célebres da sua amostra em categorias, segundo a frequência com que o seu nível de aptidão ocorria na população. Ele descobriu que homens eminentes

133

têm maior probabilidade de gerar filhos eminentes do que os homens comuns. Sua amostra consistia em 977 homens famosos, cada um deles tão notável que a proporção era de 1 para 4.000. Aleatoriamente, esperava-se que o grupo tivesse apenas um genitor proeminente; em vez disso, havia 332. A probabilidade de eminência em certas famílias era elevada, mas não o suficiente para que Galton considerasse seriamente alguma possível influência de um ambiente superior, de educação ou de oportunidades, oferecidos aos filhos das famílias notáveis por ele estudadas. A eminência, ou a sua falta, era uma função da hereditariedade, alegava ele, e não de oportunidade.

Galton escreveu *English Men of Science* (Homens de Ciência Ingleses), em 1874, e *Natural Inheritance* (Herança Natural), em 1889, além de mais de trinta artigos sobre problemas de hereditariedade. Seu interesse por esse assunto, que começou pelo indivíduo e pela família, abarcou a raça humana como um todo. Galton fundou a revista *Biometrika* em 1901, estabeleceu o Laboratório de Eugenia no University College de Londres, em 1904, e fundou uma organização para a promoção da idéia do aprimoramento racial; tudo isso existe ainda hoje.

Os Métodos Estatísticos

Assinalamos o interesse de Galton pelas medidas e pela estatística. Ao longo de sua carreira, ele nunca parecia plenamente satisfeito com um problema até descobrir alguma maneira de quantificar os dados e analisá-los estatisticamente. Ele não se limitou a aplicar métodos estatísticos; também os desenvolveu.

Um estatístico belga, Adolph Quetelet, tinha sido o primeiro a aplicar a dados biológicos e sociais métodos estatísticos e a curva normal de probabilidade. A curva normal fora usada em trabalhos sobre a distribuição de medidas e erros na observação científica, mas o princípio da distribuição normal só veio a ser aplicado à variabilidade humana quando Quetelet demonstrou que medidas antropométricas de amostras aleatórias de pessoas geravam tipicamente uma curva normal. Ele mostrou que medidas da estatura de dez mil sujeitos se aproximavam da curva normal de distribuição, e usou a frase *l'homme moyen* (o homem médio) para exprimir a descoberta de que a maioria dos indivíduos se aglomera em torno da média ou centro da distribuição, e que um número cada vez menor vai sendo encontrado à medida que nos aproximamos dos extremos.

Galton ficou impressionado com os dados de Quetelet e supôs que resultados semelhantes poderiam ser encontrados para características mentais. Ele descobriu, por exemplo, que as notas dadas em exames universitários seguiam a mesma distribuição da curva normal dos dados de medida física de Quetelet. Devido à simplicidade da curva normal e à sua coerência em inúmeros traços, Galton propôs que um grande conjunto de medidas ou valores de características humanas poderia ser significativamente definido e resumido por dois números: o valor médio da distribuição (a média) e a dispersão ou gama de variação em torno desse valor médio (o desvio-padrão).

A obra de Galton na estatística produziu uma das mais importantes medidas da ciência, a correlação. O primeiro relato sobre o que ele denominou “co-relações” apareceu em 1888. As técnicas modernas de determinação da validade e da confiabilidade de testes, bem como os métodos de análise fatorial, são resultados diretos da descoberta, por Galton, da correlação, produzida quando ele observou que as características herdadas tendem a regredir na direção da média. Por exemplo, ele observou que os homens altos não são, em média, tão altos quanto os pais, enquanto os filhos de homens muito baixos são, em média, mais altos do que os pais. Ele concebeu o meio gráfico de representar as propriedades básicas do coeficiente de correlação e desenvolveu uma fórmula de cálculo, hoje em desuso.

134

Galton aplicou o método da correlação a variações de medidas físicas, demonstrando, por exemplo, uma correlação entre a altura do corpo e o comprimento da cabeça. Com o estímulo de Galton, seu aluno Karl Pearson desenvolveu a fórmula matemática usada ainda hoje para o cálculo do coeficiente de correlação, chamada de coeficiente de correlação do produto-momento de Pearson. O símbolo do coeficiente de correlação, r , vem da primeira letra da palavra regressão, em reconhecimento à descoberta de Galton da tendência de as características humanas herdadas regredirem na direção da média ou mediana. A correlação é uma ferramenta fundamental das ciências sociais e do comportamento, bem como da engenharia e das ciências naturais. A partir da obra pioneira de Galton, foram desenvolvidas muitas outras técnicas estatísticas.

Os Testes Mentais

Com o desenvolvimento de testes mentais específicos, Galton pode ser considerado o primeiro clínico da psicologia. Diz-se que ele criou os testes mentais, embora o termo venha de James McKeen Cattell, um seu discípulo americano e ex-aluno de Wilhelm Wundt. Galton começou supondo que a inteligência podia ser medida em termos das capacidades sensoriais da pessoa — ou seja, quanto maior a inteligência, tanto maior o nível de discriminação sensorial. Ele derivou essa suposição da concepção empirista de John Locke, segundo a qual todo o conhecimento é adquirido através dos sentidos. Se isso é verdade, concluiu Galton, “os indivíduos mais capazes têm os sentidos mais aguçados. O fato de os idiotas mais rematados costumarem ter deficiências sensoriais parecia confirmar essa linha de pensamento” (Loevin— ger, 1987, p. 98).

Galton precisou inventar os aparelhos com os quais pôde tomar, rápida e precisamente, as medidas sensoriais para uma grande quantidade de pessoas. Com engenho e entusiasmo típicos, concebeu vários instrumentos. Para determinar a mais alta frequência de som capaz de ser ouvida, inventou um apito, que testou em animais e em pessoas. (Ele gostava de percorrer o zoológico de Londres com o apito fixado na parte inferior de uma bengala oca; esfregava uma ampola de borracha na parte superior e observava as reações dos animais.) Esse apito de Galton, em forma aperfeiçoada, foi um equipamento-padrão do laboratório de psicologia até ser substituído, nos anos 30, por um aparelho eletrônico mais sofisticado.

Outros instrumentos incluíram um fotômetro para medir a precisão com a qual um sujeito poderia igualar duas manchas de cor, um pêndulo calibrado para medir o tempo de reação a sons e luzes, uma série de pesos a serem dispostos em ordem de grandeza para medir a

sensibilidade cinestésica, uma barra com uma escala variável de distâncias para testar a estimativa da extensão visual e conjuntos de garrafas contendo diferentes substâncias para testar a discriminação olfativa. A maioria dos testes de Galton serviu de protótipo para o equipamento-padrão dos atuais laboratórios.

De posse dos seus novos testes, Galton começou a reunir grande número de dados. Fundou o seu Laboratório Antropométrico, em 1884, na Exposição Internacional de Saúde, levando-o mais tarde para o Museu de South Kensington, em Londres. O laboratório esteve em atividade por seis anos, período durante o qual Galton coligiu dados de mais de nove mil pessoas. Os instrumentos de medida antropométrica ficavam sobre uma longa mesa na extremidade de uma sala estreita. Pagando uma entrada de três pence, a pessoa podia passar pela mesa e ser medida por um assistente que registrava os dados num cartão. Além das medidas acima assinaladas, obtinham-se informações sobre a altura, o peso, a capacidade torácica, a força de impulsão e de compressão, a rapidez de sopro, a audição, a visão e o sentido cromático. O objetivo desse programa de testes em larga escala era definir a gama das capacidades humanas. Galton esperava testar toda a população britânica para determinar o nível exato dos recursos mentais coletivos.

135

Um século mais tarde, um grupo de psicólogos dos Estados Unidos analisou os dados de Galton (Johnson et al., 1985). Eles encontraram substanciais correlações teste-reteste, indicando que os dados tinham consistência estatística. Além disso, esses dados forneciam informações úteis sobre tendências de desenvolvimento durante a infância, a adolescência e a maturidade da população testada. Medidas como peso, alcance do braço, capacidade respiratória e força de compressão revelaram um padrão semelhante ao verificado no desenvolvimento dessas capacidades tal como relatado na literatura psicológica mais recente; a exceção fica por conta do fato de a taxa de desenvolvimento da época de Galton parecer ligeiramente mais lenta. Assim, os psicólogos concluíram que os dados de Galton continuam a ser instrutivos em nossos dias.

A Associação

Galton trabalhou em dois problemas na área da associação: a diversidade das associações de idéias e o tempo necessário à produção de associações. Um dos métodos de estudo da diversidade das associações usados por Galton foi caminhar 450 jardas em Pau Mali, rua de Londres que fica entre a Praça de Trafalgar e o Palácio de St. James, concentrando sua atenção num objeto até que ele sugerisse uma ou duas idéias associadas. Na primeira vez que tentou isso, ficou surpreso com o número de associações advindas dos quase trezentos objetos que viu. Galton descobriu que muitas dessas associações eram lembranças de experiências passa-

Em seu laboratório no Museu de South Kensington, de Londres, Galton usou uma variedade de novos dispositivos para realizar o primeiro programa de testes mentais em larga escala.

136

das, incluindo incidentes há muito esquecidos. Refazendo o percurso dias depois, encontrou uma considerável repetição das associações evocadas na primeira caminhada. Isso diminuiu

muito seu interesse pelo problema, e ele se voltou para os experimentos do tempo de reação, que produziam resultados mais úteis.

Para esses experimentos, Galton preparou uma relação de setenta e cinco palavras, escrevendo cada uma numa tira separada de papel. Depois de uma semana, olhou uma de cada vez e usou um cronômetro para registrar o tempo necessário à produção de duas associações para cada palavra. Muitas das associações eram palavras simples, mas muitas lhe surgiram como imagens ou quadros mentais cuja descrição requeria várias palavras. Sua tarefa seguinte foi determinar a origem dessas associações. Ele descobriu que cerca de 40% remontava a eventos de sua infância e adolescência. Esta pode ser considerada uma das primeiras demonstrações da influência das experiências infantis na personalidade adulta.

Talvez de maior importância do que os seus resultados tenha sido o seu método experimental de estudo de associações. Sua invenção do teste de associação de palavras marcou a primeira tentativa de submeter a associação à pesquisa de laboratório. Wilhelm Wundt adaptou a técnica, limitando a resposta a uma única palavra, e a usou para pesquisas em seu laboratório de Leipzig. O analista Carl Jung aperfeiçoou-a para seus próprios estudos de associação de palavras.

As Imagens Mentais

A investigação feita por Galton das imagens mentais assinala o primeiro uso amplo do questionário psicológico. Pedia-se aos sujeitos que se recordassem de uma cena, como a da mesa do desjejum, e tentassem evocar imagens dela. Eles eram instruídos a indicar se as imagens eram tênues ou nítidas, claras ou escuras, coloridas ou não coloridas, etc. Para surpresa de Galton, o primeiro grupo de sujeitos, amigos cientistas seus, não relatou nenhuma imagem nítida! Alguns nem sequer tinham certeza sobre o que Galton falava ao referir-se a imagens. Recorrendo a sujeitos de capacidade mais mediana, obteve relatórios de imagens nítidas e distintas que muitas vezes eram cheias de cores e detalhes. Galton descobriu que as imagens das mulheres e crianças eram particularmente concretas e detalhadas. Investigando cada vez mais pessoas, descobriu que as imagens geralmente têm uma distribuição normal na população.

Esse trabalho inaugurou uma longa linha de pesquisas sobre imagens, estudos que corroboraram em larga medida os resultados por ele obtidos. Tal como ocorria com boa parte de suas pesquisas, seu trabalho com as imagens tinha raízes na tentativa de demonstrar semelhanças hereditárias. Ele descobriu que a semelhança em termos de imagens é maior entre parentes do que entre pessoas sem parentesco.

Outros Estudos

A riqueza do talento de Galton é patenteada pela variedade de suas pesquisas. Além dos importantes programas já discutidos, ele certa vez tentou colocar-se no estado mental dos loucos imaginando que todos ou tudo o que via enquanto passeava o estavam espionando. Ao final do passeio matinal, cada cavalo parecia estar observando-o diretamente, ou, o que era igualmente suspeito, disfarçando sua espionagem ao não lhe prestar, de maneira sofisticada, nenhuma atenção” (Watson, 1978, pp. 328-329).

Na época em que Galton viveu, era acirrada a controvérsia entre a teoria da evolução e a teologia fundamentalista. Com objetividade característica, ele pesquisou o problema e con

cluiu que, embora muitas pessoas tivessem intensas crenças religiosas, isso não constituía prova suficiente da validade dessas crenças. Ele discutiu o poder da oração em termos da

137

produção de resultados e verificou que isso de nada servia aos médicos na cura dos pacientes, nem aos meteorologistas na invocação de mudanças no tempo, ou nem sequer aos clérigos na condução de seus negócios cotidianos. Ele acreditava que, no tocante às relações com os outros ou em termos da vida emocional, pouca diferença havia entre pessoas que professavam uma crença religiosa e as que não o faziam. Esperava dar ao mundo um novo conjunto de crenças, estruturado em termos científicos, para substituir o dogma religioso. A seu ver, a meta a ser alcançada deveria ser, em vez de um lugar no céu, o desenvolvimento evolutivo de uma raça humana mais perfeita e mais nobre através da eugenia.

Galton sempre parecia estar calculando alguma coisa. Ele ocupava o tempo em palestras e no teatro contando os bocejos e posturas irrequietas do público e descrevia esses resultados como uma medida do tédio. Enquanto era retratado, contou o número de pinceladas dadas pelo artista — umas vinte mil. Em certa ocasião, decidiu contar com odores, e não com números; treinando-se para esquecer os números, atribuiu valores numéricos a cheiros como o da cânfora e da hortelã-pimenta, e aprendeu a somar e subtrair pensando neles. Desse exercício intelectual resultou um artigo intitulado “Aritmética pelo Cheiro”, publicado no primeiro número da revista americana *Psychological Review*.

Comentário

Galton passou apenas quinze anos pesquisando questões psicológicas, mas seus esforços nesse período relativamente curto influenciaram a direção que a nova psicologia iria tomar. Ele não era de fato mais psicólogo do que eugenista ou antropólogo. Era um indivíduo extrema mente bem-dotado cujo talento e temperamento não podiam ficar restritos a uma única disciplina. Basta considerar as áreas de pesquisa a que ele se dedicou, áreas pelas quais os psicólogos mais tarde se interessaram: adaptação, hereditariedade versus ambiente, comparação de espécies, desenvolvimento infantil, o método do questionário, técnicas estatísticas, diferenças individuais, testes mentais. Pelo alcance dos seus interesses e métodos, Galton influenciou a psicologia americana bem mais do que o fundador, Wilhelm Wundt.

A Influência da Psicologia Animal

sobre o Funcionalismo

A teoria evolutiva de Charles Darwin serviu de impulso para a psicologia animal. Antes de Darwin publicar sua teoria, não havia razão para que os cientistas se interessassem pela mente animal, já que os animais eram considerados desprovidos de mente, autômatos sem alma. Afinal, Descartes tinha acentuado que os animais não tinham semelhança com os seres humanos.

A Origem das Espécies alterou essa noção. As provas de Darwin levaram à sugestão de que não havia uma distinção bem definida entre as mentes humana e animal. Era possível postular uma continuidade entre todos os aspectos físicos e mentais dos seres humanos e dos animais porque os seres humanos eram considerados derivados dos animais por meio do constante processo evolutivo da mudança e do desenvolvimento. “Não há diferença

fundamen tal entre o homem e os mamíferos superiores em termos de faculdades mentais”, afirmou Darwin (1871, p. 66). Se se pudesse demonstrar a existência da mente nos animais e provar a continuidade entre as mentes animal e humana, seria possível refutar a dicotomia homem- animal defendida por Descartes. Por isso, iniciou-se a busca de provas da presença da mente ou de inteligência nos animais.

Darwin defendeu sua teoria no livro *The Expression of the Emotions in Man and Animals* (A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais) (1872), no qual afirmou que o

138

comportamento emocional humano resulta da herança do comportamento que um dia serviu aos animais mas deixou de ter relevância para os seres humanos. Um dos muitos exemplos que usou para demonstrar essa idéia foi o modo como as pessoas arreganham os lábios para revelar escárnio. Ele sustentava que esse movimento era um resquício da maneira pela qual os animais arreganhavam seus caninos quando irados.

Nos anos posteriores à publicação de *A Origem das Espécies*, o tópico da inteligência animal ganhou mais popularidade, não somente entre os cientistas como também para o público mais amplo. Nas décadas de 1860 e 1870, muitas pessoas escreviam para revistas científicas e populares a fim de relatar exemplos de comportamento animal considerados indícios de capacidades mentais até então insuspeitadas. Circulavam milhares de histórias acerca de façanhas de inteligência incomum realizadas por gatos e cães, cavalos e porcos, caracóis e pássaros.

O próprio Wilhelm Wundt não ficou imune a essa tendência. Em 1863, antes de se tornar o primeiro psicólogo do mundo, ele escreveu sobre as capacidades intelectuais de uma ampla gama de formas vivas, de pólipos a besouros e castores. Afirmou que os animais que exibiam um mínimo de capacidades sensoriais também deviam possuir poderes de julgamento e de inferência consciente. Os chamados animais inferiores diferem dos seres humanos não tanto em termos de capacidades como pelo fato de não terem recebido a mesma educação e treinamento. Trinta anos depois, Wundt ficou muito menos generoso em termos de atribuição de inteligência aos animais, mas, por algum tempo, a sua voz se uniu à dos muitos que sugeriam que os animais poderiam ser tão inteligentes quanto o homem.

Quem formalizou e sistematizou o estudo da inteligência animal foi o fisiologista britânico George John Romanes (1848-1894), que, quando criança, foi considerado pelos pais “um completo estúpido” (Richards, 1897, p. 334). Quando jovem, Romanes ficara impressionado com os escritos de Darwin. Mais tarde, depois de ele e Darwin terem se tomado amigos, este lhe deu suas anotações sobre o comportamento animal. Assim, Darwin escolheu Romanes para dedicar-se a essa parte do seu trabalho, qual seja aplicar a teoria da evolução à mente tal como Darwin a aplicara ao corpo. Romanes tomou-se um digno sucessor. Era bem abastado e não tinha de se preocupar com ganhar a vida. Seu único emprego era o de conferencista em tempo parcial na Universidade de Edimburgo, o que exigia a sua presença apenas duas semanas por ano. Ele passava os invernos em Londres e Oxford, e os verões à beira-mar, num local onde construiu um laboratório particular tão bem equipado quanto o de qualquer universidade.

Em 1883, Romanes publicou *Animal Intelligence* (inteligência Animal), considerado em geral o primeiro livro de psicologia comparada. Ali reunia dados sobre o comportamento de protozoários, formigas, aranhas, répteis, peixes, aves, elefantes, macacos e animais domésticos. Seu propósito era demonstrar o alto grau da inteligência animal, bem como sua semelhança com o funcionamento intelectual humano, ilustrando assim uma continuidade no desenvolvimento mental. Em suas palavras, ele desejava mostrar que “não há diferenças de modalidade entre os atos de razão realizados pelo caranguejo e qualquer ato de razão realizado por um homem” (Richards, 1987, p. 347).

A metodologia de Romanes é denominada, em termos um tanto depreciativos, método anedótico, isto é, o uso de relatos observacionais, e com frequência casuais, do comportamento animal. Muitos dos relatos que ele aceitava vinham de observadores acríticos e não treinados, sendo portanto vulneráveis a críticas que os consideravam observações incorretas, descrições descuidadas e interpretações tendenciosas.

De que maneira Romanes derivava suas descobertas sobre a inteligência animal dessas observações anedóticas? Ele empregava uma técnica curiosa, que terminou por ser descartada,

conhecida como introspecção por analogia. Nessa abordagem, os pesquisadores supõem que

139

os mesmos processos mentais passados em sua mente também ocorrem na mente dos animais observados. A existência da mente e de funções mentais específicas é inferida pela observação do comportamento animal e pela elaboração de uma analogia — uma correspondência ou relação — entre os processos mentais humanos e os que se supõem ocorrer nos animais.

Romanes descreveu o processo da introspecção por analogia nos seguintes termos:

Partindo do que sei subjetivamente sobre as operações da minha própria mente, bem como das atividades que, no meu organismo, essas operações parecem desencadear, procedo por analogia para inferir, das atividades observáveis realizadas por outros organismos, o fato de certas operações mentais fundamentarem ou acompanharem essas atividades (Mackenzie, 1977, pp. 56-57).

Através do uso dessa técnica, Romanes concluiu que os animais são capazes dos mesmos tipos de racionalização, ideação, raciocínio complexo e capacidade de resolução de problemas que os seres humanos exibem. Alguns dos seus seguidores até atribuíram aos animais um nível de inteligência bem superior ao da pessoa média.

Num estudo com gatos, que Romanes considerava os mais inteligentes animais afora os macacos e elefantes, ele discorreu sobre o comportamento do gato do seu cocheiro. Através de uma série de movimentos complicados, o gato conseguia abrir uma porta que levava aos estábulos. Empregando a introspecção por analogia, Romanes chegou à seguinte conclusão:

Os gatos, nesses casos, têm uma idéia bem definida quanto às propriedades mecânicas de uma porta; eles sabem que, para conseguir abri-la, mesmo quando sem o trinco, é necessário empurrá-la... Primeiro o animal deve ter observado que a porta é aberta pela mão que segura a maçaneta e move o trinco. Em seguida, deve raciocinar, usando ‘a lógica dos

sentimentos”: se uma mão pode fazê-lo, por que não uma pata?... O fato de empurrar com a pata traseira depois de abrir o trinco deve decorrer de um raciocínio adaptativo (Romanes, 1883, pp. 421-422).

Embora o trabalho de Romanes esteja bem aquém do rigor científico moderno, ele na verdade seguiu certos critérios para julgar a confiabilidade dos relatos que usava. Apesar dessa precaução, a linha demarcatória entre o fato e a interpretação subjetiva, em seus dados, não é nitida. Mesmo que se reconheçam as deficiências em termos de seus dados e método, ele é respeitado por seus esforços pioneiros na promoção do desenvolvimento da psicologia comparada e na preparação do caminho para a abordagem experimental que viria a seguir. Vimos que, em muitas áreas da ciência, o emprego de dados observacionais precede o desenvolvimento de uma metodologia experimental mais aprimorada, e foi Romanes quem deu início ao estágio observacional da psicologia comparada.

As fraquezas inerentes ao método anedótico e à introspecção por analogia foram adiante por Conwy Lloyd Morgan (1852-1936), que Romanes designou como seu sucessor. Professor de psicologia e educação na Universidade de Bristol, Inglaterra, e um dos primeiros homens a montar numa bicicleta nos limites da cidade, Morgan também foi geólogo e zoólogo. Ele propôs uma lei da parcimônia (também chamada de Cânone de Lloyd Morgan), num esforço de opor-se à tendência de antropomorfizar os animais e atribuir-lhes demasiada inteligência. O princípio determina que o comportamento de um animal não deve ser interpretado como resultante de um processo mental superior se puder ser explicado em termos de um processo mental inferior. Morgan apresentou a sua idéia em 1894, podendo tê-la derivado de uma lei da parcimônia publicada por Wundt dois anos antes. Wundt dissera que “os princípios explicativos complexos só podem ser usados quando os mais simples se mostrarem insuficientes” (Richards, 1980, p. 57).

140

Morgan seguiu essencialmente a mesma abordagem metodológica de Romanes: observar o comportamento de um animal e tentar explicá-lo por meio de um exame introspectivo dos seus próprios processos mentais. Contudo, aplicando sua lei da parcimônia, ele evitava atribuir complexos processos mentais de nível superior aos animais quando seu comportamento podia ser explicado mais simplesmente em termos de processos de nível inferior. Ele acreditava que a maior parte dos comportamentos animais podia ser vista como resultado de aprendizagem ou associação baseadas na experiência sensorial, sendo a aprendizagem um processo de nível mais baixo do que o pensamento racional ou a ideação. Com o cânone de Morgan, o uso da introspecção por analogia tomou-se mais restrito, mas terminou por ser substituído por métodos mais objetivos.

Morgan foi o primeiro a realizar estudos experimentais em larga escala no campo da psicologia animal. Embora não conduzidos sob condições científicas rígidas, seus primeiros experimentos envolviam cuidadosas e detalhadas observações do comportamento animal, na maioria das vezes nos ambientes naturais, mas com algumas modificações artificialmente induzidas. Esses estudos não permitiam o mesmo grau de controle das experiências de laboratório, mas constituíram um importante avanço em relação ao método anedótico de Romanes.

Embora os primeiros trabalhos na área da psicologia comparada tivessem origem britânica, a liderança do campo logo passou para os Estados Unidos. As razões para essa mudança

incluem a morte prematura de Romanes por tumor cerebral e a decisão de Morgan de deixar a carreira de pesquisador e dedicar-se à administração universitária.

A psicologia comparada foi resultado da comoção e da controvérsia provocadas pela noção darwinista de continuidade das espécies. Talvez ela tivesse surgido sem a teoria da evolução, mas é provável que não tivesse tido um início tão bem fundamentado, nem tivesse surgido quando surgiu. São fundamentais para a teoria de Darwin a noção de função e a asserção de que, à medida que uma espécie evolui, sua estrutura física vai sendo determinada pelos requisitos necessários à sua sobrevivência. Essa premissa levou os biólogos a considerar cada estrutura anatômica um elemento que funciona num sistema vivo total em adaptação. Quando começaram a examinar processos mentais da mesma maneira, os psicólogos criaram um novo movimento: a psicologia funcional. Os Capítulos 7 e 8 consideram o desenvolvimento do novo funcionalismo nos Estados Unidos. Continuamos a história do desenvolvimento da psicologia animal no Capítulo 9.

Sugestões de Leitura

Darwin

Angeli, J. R., "The influence of Darwin on psychology", *Psychological Review*, n 16, pp. 152-169,

1909. Discute as idéias de Darwin sobre a evolução e a expressão das emoções e avalia o impacto

de sua obra sobre a psicologia funcional.

Boring, E. O., "The influence of evolutionary theory upon American psychological thought". lii S. Person (Org.), *Evolutionary Thought in America*, New Haven, Connecticut, Yale University Press, 1950, pp. 268-298. Examina a influência da teoria da evolução de Darwin sobre as idéias de Baldwin, Dewey, Hall, James e Watson, profissionais que contribuíram para o desenvolvimento da psicologia nos Estados Unidos.

Darwin, C., *The Autobiography of Charles Darwin and Selected Letters*, Nova York, Dover, 1958.

Reimpressão da autobiografia de Darwin, publicada originalmente em 1887, com materiais suplementares fornecidos pelo filho de Darwin.

Gould, S. J., "Knight takes bishop?", *Natural History*, n 95 (5), pp. 18-23, 1986. Compara os fatos e a

lenda sobre o debate de 1860 acerca da evolução, travado entre Wilberforce, Bispo de Oxford, e o

cientista Thomas Henry Huxley.

141

Richards, R. J., "Why Darwin delayed, or interesting problems and models in the history of science", *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 19, pp. 45-53, 1983. Discute fatores contextuais passíveis de explicar a relutância de Darwin em publicar sua teoria da evolução e as descobertas que fizera em sua viagem no Beagle.

Richards, R. J., *Darwin and the Emergence of Evolutionary Theories of Mind and Behavior*, Chicago, University of Chicago Press, 1987. Um relato bem escrito e cuidadosamente fundamentado da evolução das idéias de Darwin e do seu impacto sobre o estudo científico da mente. Leva em consideração fatores contextuais de cunho social e psicológico, incluindo as personalidades dos grandes cientistas da época.

Shields, S. A., "Functionalism, Darwinism, and the psychology of women: A study in social myth", *American Psychologist*, n 30, pp. 739-754, 1975. Discute a psicologia feminina, as bases biológicas das diferenças sexuais e idéias sobre a educação feminina em termos de suas raízes no movimento funcionalista.

Galton

Burt, C., "Francis Galton and his contributions to psychology", *British Journal of Statistical Psychology*,

ti 15, pp. 1-49, 1962. Um esboço biográfico e uma revisão e avaliação da obra de Galton.

Buss, A. R., "Galton and sex differences: A historical note", *Journal of the History of the Behavioral*

Sciences, n 12, pp. 283-285, 1976. Sugere que o contexto social da sociedade vitoriana em que

Galton trabalhou afetou sua interpretação de sua pesquisa sobre diferenças sexuais.

Diamond, S., "Francis Galton and American psychology", *Annals of The New York Academy of Sciences*, n 291, pp. 47-55, 1977. Descreve a influência das idéias de Galton, particularmente a quantificação e a análise estatística, e seu impacto sobre pioneiros da psicologia americana como Janies McKeen Cattell da Universidade da Pensilvânia, e Joseph Jastrow da Universidade de Wisconsin

Forrest, D. W., *Francis Galton: The Life and Work of a Victorian Genius*, Nova York, Taplinger, 1974.

Biografia de Galton que enfatiza sua obra sobre a hereditariedade e a eugenia. Inclui uma relação

de suas invenções.

Pearson, K., *The Life, Letters and Labors of Francis Galton*, Cambridge, Inglaterra, Cambridge University Press, 1914, 1924, 1930. A maciça, hoje clássica, biografia em três volumes de Galton, cobrindo sua vida, seus interesses de pesquisa e sua aplicação da estatística a problemas da hereditariedade e da eugenia.

Psicologia Animal

Boakes, R., *From Darwin to Behaviourism: Psychology and the Minds of Animals*, Cambridge, Inglaterra, Cambridge University Press, 1984. Faz um levantamento das idéias sobre a relação entre o comportamento animal e humano de 1870 a 1930, bem como do seu impacto sobre o desenvolvimento da psicologia.

Carr, S., "The interpretation of the animal mind", *Psychological Review*, n 34, pp. 87-106, 1927.

Discute o problema do antropomorfismo nas primeiras pesquisas sobre a psicologia animal.

Domjan, M., “Animal learning comes of age”, American Psychologist, n 42, pp. 556-564, 1987. Avalia

o campo da aprendizagem animal em termos do seu contexto histórico a partir de Darwin, Romanes, Morgan e Thomdike, relacionando-o com a teoria contemporânea da aprendizagem.

Lockard, R. B., ‘Reflections on the fall of comparative psychology: Is there a message for us all?’, American Psychologist, n 26, pp. 168-179, 1971. Acompanha o desenvolvimento da psicologia comparada, da obra de Darwin aos anos 50, bem como os desafios apresentados pela pesquisa no campo da biologia do comportamento.

Richards, R. J., “Lloyd Morgan’s theory of instinct: From Darwinism to neo-Darwinism”, Journal of the

History of the Behavioral Sciences, t. 13, pp. 12-32, 1977. Faz uma revisão da obra de Darwin,

Romanes, Morgan e McDougall.

Waters, R. H., “Morgan’s canon and anthropomorphism”, Psychological Review, n 46, pp. 534-540,

1939. Discute o impacto do cânone de Morgan sobre a pesquisa psicológica e sobre a interpretação

de descobertas relativas ao comportamento animal.

142

7

O Funcionalismo:

Desenvolvimento e Fundação

A Fundação do Funcionalismo

A Escola de Chicago

John Dewey (1859-1952)

James Rowland Angell (1869-1949)

Harvey A. Carr (1873-1954)

Reprodução de Texto Original sobre o Funcionalismo:

Trecho de Psychology, de Harvey A. Carr

O Funcionalismo na Universidade Colúmbia Robert Sessions Woodworth (1869-1962)

Somente na América

Herbert Spencer (1820-1903) e a Filosofia Sintética

William James (1842-1910): Precursor da Psicologia Funcional

A Vida de James

Os Princípios de Psicologia

O Objeto de Estudo da Psicologia: Uma Nova Concepção da Consciência

Os Métodos da Psicologia

A Teoria das Emoções

O Hábito

Comentário

Somente na América

Contribuições do Funcionalismo

Críticas ao Funcionalismo

Na virada do século, a psicologia assumira nos Estados Unidos um caráter próprio, distinto do da psicologia de Wundt e do estruturalismo de Titchener, que não se interessavam em estudar o propósito ou a função da consciência. Vimos que o movimento funcionalista estava se desenvolvendo a partir das obras de Darwin e de Galton e que tinha como foco a operação dos processos conscientes, e não a estrutura ou o conteúdo da consciência. O principal interesse dos psicólogos funcionais era a utilidade ou o propósito dos processos mentais para o organismo vivo em suas permanentes tentativas de adaptar-se ao seu ambiente. Os processos mentais eram considerados atividades que levavam a consequências práticas, em vez de elementos componentes de alguma espécie de padrão.

A orientação prática do funcionalismo levou inevitavelmente os psicólogos a se interessar pela aplicação da psicologia a problemas do mundo real. Desdenhada por Wundt e

143

Titchener, a psicologia aplicada foi acolhida entusiasticamente pelos funcionalistas, tornando-se seu mais importante legado, um legado que caracteriza a atual psicologia americana. Examinaremos o crescimento e o impacto da psicologia aplicada no Capítulo 8. Neste, trataremos do desenvolvimento e da formalização da psicologia funcional nos Estados Unidos no final do século XIX e começo do século XX.

Por que a psicologia funcional progrediu e floresceu nos Estados Unidos, e não na Inglaterra, onde o espírito funcional surgiu? A resposta está no temperamento americano — suas características sociais, econômicas e políticas peculiares. O *Zeitgeist* americano estava pronto para a evolução e para a atitude funcionalista dela derivada.

Herbert Spencer (1820-1903) e a

Filosofia Sintética

Em 1882, um filósofo inglês autodidata, de sessenta e dois anos, que tinha inventado uma vara de pescar desmontável, chegou aos Estados Unidos, onde foi saudado como herói nacional. Foi recebido no navio, em Nova York, por Andrew Carnegie, o patriarca multimilionário da indústria do aço americana. Carnegie louvou o filósofo como um messias. Aos olhos de muitos líderes americanos, nos negócios, na ciência, na política e na

religião, o homem era de fato um salvador; foi convidado para jantares regados a vinho e recebeu honras e elogios em profusão.

Seu nome era Herbert Spencer, o intelectual que Darwin denominava o “nosso filósofo”, e seu impacto sobre a cena americana foi monumental. De mente prolífica, escreveu muitos livros, vários dos quais ditava a uma secretária nos intervalos de sets de tênis ou enquanto passeava num barco a remo. Suas obras eram publicadas em série em revistas populares, seus livros vendiam centenas de milhares de exemplares, e seu sistema de filosofia era ensinado em universidades por professores de quase todas as disciplinas. Suas idéias, lidas por pessoas de todos os níveis da sociedade, influenciaram uma geração inteira de americanos. Se já existisse a televisão, Spencer sem dúvida teria aparecido em programas de entrevistas e sido ainda mais louvado.

A filosofia que propiciou a Spencer tanto reconhecimento e aclamação foi, numa palavra, o darwinismo — a noção da evolução e da sobrevivência dos mais capazes —, que ultrapassava a própria obra de Darwin.

Nos Estados Unidos, era intenso o interesse pela teoria da evolução de Darwin; lá, suas idéias foram aceitas mais depressa e de modo mais pleno do que na sua terra natal. A teoria da evolução era discutida e acolhida não só nas universidades e entre as camadas esclarecidas, como também em revistas populares e até em algumas publicações religiosas.

Spencer escreveu sobre as implicações da evolução para o conhecimento e a experiência do homem. Ele afirmava que o desenvolvimento de todos os aspectos do universo, incluindo o caráter humano e as instituições sociais, é evolutivo, operando de acordo com o princípio da sobrevivência dos mais capazes, expressão que ele cunhou. Foi a sua ênfase no que veio a ser denominado darwinismo social, a aplicação da evolução à natureza humana e à sociedade, que foi recebida com tanto entusiasmo na América. A concepção utópica de Spencer sustenta que, por meio da sobrevivência dos mais capazes, evidentemente só os melhores sobreviveriam. Por conseguinte, a perfeição humana era inevitável desde que nada interferisse na ordem natural das coisas. Ele defendia com veemência o individualismo e um sistema econômico de laissez-faire, opondo-se a toda tentativa governamental de regulamentar a vida dos cidadãos, condenando até subsídios à educação e à habitação.

144

Devia-se deixar que as pessoas e organizações se desenvolvessem a si mesmas e à sociedade a seu próprio modo, da mesma maneira como as outras espécies vivas foram deixadas no mundo da natureza livres para se desenvolver e se adaptar. Qualquer ajuda do Estado seria uma interferência no processo evolutivo natural. As pessoas, empresas ou instituições que não pudessem adaptar-se ao ambiente eram incapazes de sobreviver, devendo-se permitir que pudessem ou se extinguissem em nome da melhoria da sociedade como um todo. Se os governos continuassem a sustentar os pobres e fracos, estes durariam, enfraquecendo por fim toda a sociedade, além de violarem a lei primária segundo a qual só os mais fortes e mais capazes sobrevivem. Spencer assinalou que, garantindo que só os melhores sobrevivam, as sociedades podem se aprimorar e alcançar eventualmente a perfeição.

Essa mensagem era compatível com o credo e o espírito individualista da América na época, e as frases “sobrevivência dos mais capazes” e “luta pela existência” logo se tornaram parte da consciência nacional. Elas refletiam bem a sociedade americana do final do século XIX, período em que os Estados Unidos eram um exemplo vivo das idéias de Spencer.

Essa nação pioneira estava sendo fundada por pessoas muito empenhadas que acreditavam na livre iniciativa, na auto-suficiência e na independência quanto à regulamentação governamental. Elas sabiam tudo sobre a sobrevivência dos mais capazes a partir de sua própria experiência cotidiana. Ainda havia muita terra livre disponível para quem tivesse a coragem, a astúcia e a capacidade de conquistá-la e arrancar dela a sobrevivência. Os princípios da seleção natural eram demonstrados de modo vivido no dia-a-dia, particularmente na fronteira oeste, onde a sobrevivência e o sucesso dependiam da capacidade de adaptação às exigências de um ambiente hostil; quem não conseguia adaptar-se não sobrevivia. O historiador americano Frederick Jackson Turner descreveu os sobreviventes nos seguintes termos:

Aquela rudeza e força combinadas com a argúcia e a curiosidade inquisitiva; aquela inclinação mental prática e inventiva, pronta a encontrar expedientes; aquele magistral domínio de coisas materiais..., forte na conquista de grandes metas; aquela energia irrequieta e nervosa; aquele individualismo dominante” (Turner, 1947, p. 235).

O povo dos Estados Unidos estava voltado para o prático, o útil e o funcional, e a psicologia americana, em seus estágios pioneiros, refletia essas qualidades. Por isso, a América era mais propícia à teoria evolutiva do que a Alemanha, ou mesmo a Inglaterra. A psicologia americana tornou-se funcional porque a evolução e o seu espírito funcional estavam de acordo com o temperamento básico dos Estados Unidos. E, como as concepções de Spencer eram coerentes com o ethos americano em geral, seu sistema filosófico influenciou todos os campos do conhecimento, incluindo a nova psicologia.

Spencer tinha escrito sobre a evolução em 1850, mas suas publicações haviam atraído relativamente pouca atenção. Depois do aparecimento de *A Origem das Espécies*, de Darwin, em 1859, Spencer associou-se ao movimento, e seu próprio ramo de evolucionismo mais especulativo fortaleceu-se com a posição bem documentada de Darwin. Seu trabalho era complementar, enquanto Darwin tinha a cautela de não fazer generalizações que extrapolassem seus minuciosos dados, Spencer se dispunha a discutir as implicações da teoria e a aplicar a doutrina evolutiva universalmente.

Para consegui-lo, formulou o que denominou filosofia sintética. (Ele usou a palavra sintética no sentido de sintetizar ou combinar, e não com a conotação de algo artificial ou não natural.) Fundamentou esse sistema todo-abrangente na aplicação dos princípios evolutivos a todo conhecimento e experiência do homem. Especificamente, afirmou que o desenvolvimento de todos os aspectos do universo envolve dois processos: a diferenciação seguida pela integração. Toda coisa que se desenvolve ou cresce é, no início, homogênea e simples. Surgem partes patentemente distintas (diferenciação) e, num estágio ulterior, essas partes ímpares se juntam ou se combinam (integração) num novo todo funcional.

Segundo Spencer, a sequência diferenciação-integração, mediante a qual todas as coisas vão da homogeneidade para a heterogeneidade, é evolutiva. A implicação dessa idéia para a

psicologia é que, à medida que o sistema nervoso evolui em espécies cada vez mais complexas, ocorre um aumento correspondente na riqueza e na variedade de experiências a que o organismo é exposto; assim, há níveis cada vez mais elevados de funcionamento.

O sistema de filosofia sintética de Spencer foi publicado, em dez volumes, entre 1860 e 1897. Esses livros foram aclamados por muitos dos principais pensadores da época como obras de gênio. C. Lloyd Morgan escreveu a Spencer que “a nenhum dos meus mestres intelectuais devo tanto gratidão quanto ao senhor”. Alfred Russel Wallace deu ao seu primeiro filho o nome de Spencer. Depois de ler um dos livros de Spencer, Darwin disse que ele era “dez vezes melhor do que eu” (Richards, 1987, p. 245).

Dois dos volumes da filosofia sintética constituem *The Principles of Psychology* (Princípios de Psicologia), publicados inicialmente em 1855 e mais tarde usados por William James como manual do curso de psicologia que ele deu em Harvard. Nesses dois volumes, Spencer discute a noção de que a mente tem a sua forma atual devido a esforços passados e presentes de adaptação a vários ambientes. Acentuando a natureza adaptativa dos processos mentais e nervosos, Spencer escreveu que uma crescente complexidade de experiências e, por conseguinte, de comportamento, é parte do processo evolutivo da necessidade que um organismo tem de se adaptar ao seu ambiente para sobreviver.

William James (1842-1910):

Precursor da Psicologia Funcional

Há muito de paradoxal acerca de William James e do seu papel na psicologia americana. De um lado, ele foi por certo o principal precursor americano da psicologia funcional. Foi o pioneiro da nova psicologia científica nos Estados Unidos e o decano dos psicólogos, considerado ainda hoje por muitos o maior psicólogo americano que já existiu. De outro, James chegou a negar que fosse um psicólogo ou que houvesse uma nova psicologia.

Além disso, James era visto por alguns psicólogos da sua época como uma força negativa no desenvolvimento de uma psicologia científica, devido ao seu conhecidíssimo interesse pela telepatia, pela clarividência, pelo espiritualismo, pela comunicação com os mortos em sessões espíritas e por outras experiências místicas. Titchener, Cattell e outros destacados psicólogos americanos criticaram James por sua entusiástica aceitação de fenômenos mentalistas e psíquicos que eles, na qualidade de psicólogos experimentais, estavam tentando expurgar do seu campo.

James não fundou um sistema formal de psicologia nem teve discípulos. Embora a psicologia à qual ele esteve associado estivesse tentando ser científica e experimental, James não foi um experimentalista, nem nas suas atitudes nem nas suas ações. A psicologia, que ele um dia chamou de “cienciazinha detestável”, não foi a paixão da sua vida, o que não era o caso de Wundt e Titchener. James trabalhou algum tempo no campo da psicologia e depois dedicou-se a outras coisas.

Mesmo enquanto trabalhou ativamente em psicologia, manteve-se independente, recusando-se a ser absorvido por qualquer ideologia, sistema ou escola. James não foi seguidor nem fundador, nem discípulo nem líder. Conhecia os avanços e as mudanças pelas quais a psicologia passava na época e envolveu-se a fundo com elas; contudo, foi capaz de selecionar, dentre as várias posições, as partes compatíveis com a sua concepção de psicologia, tendo rejeitado o resto.

Esse homem fascinante, que tanto contribuiu para a psicologia, deu-lhe as costas nos

147

últimos anos de sua vida. (Antes de fazer uma palestra em Princeton, ele pediu para não ser apresentado como psicólogo.) Disse que o campo consistia em uma elaboração do óbvio” e permitiu-lhe seguir seu caminho sem a sua presença dominadora. Ainda assim, seu lugar na história da psicologia está garantido e é significativo.

Embora não tenha fundado a psicologia funcional, James escreveu e pensou, com clareza e eficácia dentro da atmosfera funcionalista que permeava a psicologia americana na época, e com isso influenciou o movimento funcionalista ao servir de inspiração às gerações subseqüentes de psicólogos.

A Vida de James

William James nasceu no Astor House, um hotel da cidade de Nova York, no seio de uma conhecida e opulenta família. Seu pai dedicou-se com entusiasmo à educação dos cinco filhos, que se alternava entre a Europa (por causa de sua crença de que as escolas americanas eram demasiado limitadas) e os Estados Unidos (por causa da convicção igualmente forte de que seus filhos deveriam ser educados entre seus compatriotas). Assim, a educação formal inicial de James, interrompida frequentemente por viagens, ocorreu na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Itália, na Suíça e nos Estados Unidos. O pai também incentivou nos filhos a independência intelectual.

Essas estimulantes experiências expuseram James às vantagens intelectuais e culturais da Inglaterra e da Europa, e durante toda a vida ele fez constantes viagens ao exterior. Além disso, o método favorito do pai no tratamento de doenças era enviar o membro da família enfermo à Europa, e não a um hospital. E sua mãe só dava aos filhos um amor e uma atenção significativos quando eles estavam doentes. Talvez por isso a saúde de James durante tantos anos raramente tenha sido boa.

Embora parecesse acreditar que nenhum dos filhos precisaria se preocupar em aprender uma profissão ou ganhar a vida, o pai de James tentou encorajar o precoce interesse do jovem William pela ciência. Aos quinze anos, ele ganhou um microscópio como presente de Natal. Já possuía equipamentos de química — um “bico de Bunsen e vidros com misteriosos líquidos que ele misturava, aquecia e transvasava, sujando os dedos e as roupas, o que consternava o pai e, por vezes, causava alarmantes explosões” (Allen, 1967, p. 47).

Aos dezoito anos, James decidiu ser artista. Seis meses no estúdio do pintor William Hunt em Newport, Rhode Island, o convenceram de que ele não prometia, e, em 1861, entrou na Lawrence Scientific School de Harvard. James desistiu de sua primeira opção, a química, ao que parece porque desdenhava as laboriosas exigências das atividades de laboratório, e inscreveu-se numa escola médica. Mas tinha pouco entusiasmo pela prática da medicina, observando que “há muita impostura nela... Com a exceção da cirurgia, em que às vezes se consegue algo positivo, o médico faz mais devido ao efeito moral da sua presença sobre o paciente e a família do que por qualquer outro motivo. Além disso, arranca dinheiro deles” (Allen, 1967, p. 98).

James interrompeu os estudos médicos durante um ano para ser assistente do zoólogo Louis Agassiz numa expedição ao Brasil, destinada a coletar espécimes de animais marinhos na bacia do Rio Amazonas. A viagem deu-lhe a oportunidade de experimentar outra possível

carreira, a de biólogo; entretanto, ele descobriu que não tolerava a coleta e a categorização precisas e ordenadas que esse campo exigia. Sua reação à química e à biologia foi profética em relação ao seu subsequente repúdio da experimentação em psicologia.

Depois da expedição de 1865, a medicina já não tinha para ele o mesmo atrativo anterior; não obstante, James retomou relutantemente seus estudos porque nada mais lhe despertava o

148

interesse. Interrompeu o trabalho por motivo de doença, queixando-se de depressão, distúrbios digestivos, insônia, problemas visuais e costas fracas. “Todos podiam perceber”, escreveu um historiador, “que ele estava sofrendo de América; a Europa era a única cura” (Milier e Buckhout, 1973, p. 84).

Viajou para uma estação de banhos na Alemanha, mergulhou na literatura e escreveu longas cartas aos antigos. Mas, no cômputo geral, parecia tão infeliz quanto estivera em casa. Assistiu a algumas conferências sobre fisiologia na Universidade de Berlim e comentou que já era tempo de “a psicologia começar a ser uma ciência” (Allen, 1967, p. 140). Ele também exprimiu o desejo de poder, se escapasse da doença e passasse do inverno, aprender algo sobre psicologia com o grande Helmholtz e com “um homem chamado Wundt”, em Heidelberg. James passou do inverno, mas não se encontrou com Wundt na época. Contudo, o fato de ele ter ouvido falar de Wundt mostra que estava a par das tendências intelectuais mais recentes, mais ou menos dez anos antes de Wundt ter montado seu laboratório.

James formou-se em medicina, em Harvard, no ano de 1869, mas sua depressão piorou e ele várias vezes pensou em suicídio. Tinha ataques de terror indistintos e horríveis e disse que sentia uma insegurança que nunca conhecera antes. Durante meses, não conseguiu sair à noite sozinho, tão intensos eram o seu medo e desespero. Nesses meses sombrios, começou a construir uma filosofia de vida, compelido não tanto pela curiosidade intelectual quanto pelo desespero.

Depois de ler os ensaios sobre o livre-arbítrio do filósofo Charles Renouvier, James se convenceu da sua existência e resolveu que o seu primeiro ato de livre-arbítrio seria acreditar no livre-arbítrio e, em seguida, acreditar que poderia curar-se por meio dessa crença no poder da vontade. Ao que parece, ele obteve algum êxito, porque, em 1872, se sentia bem o bastante para aceitar um cargo de professor de fisiologia em Harvard, comentando que “é uma coisa nobre para o ânimo ter algum trabalho responsável a fazer” (James, 1902, p. 167). Um ano depois, tirou licença e viajou para a Itália; mas posteriormente retomou seu cargo de docente.

No ano acadêmico 1875-1876, James deu seu primeiro curso de psicologia, intitulado “As Relações entre a Fisiologia e a Psicologia”. Assim, Harvard tornou-se a primeira universidade norte-americana a oferecer a nova psicologia experimental. James nunca recebera um treinamento formal em psicologia; a primeira conferência de psicologia a que assistiu foi a sua própria. Obteve junto à universidade a verba de trezentos dólares para comprar equipamentos de laboratório e de demonstração para o seu curso.

O ano de 1878 testemunhou dois eventos importantes. O casamento de James, que lhe daria cinco filhos e um pouco da ordem de que ele tanto precisava em sua vida, e a assinatura de

um contrato com a editora de Henry Holt, de que resultou um dos livros clássicos de psicologia. James acreditava que levaria dois anos para escrever o livro; levou doze, e começou o trabalho, para gáudio dos amigos, na lua-de-mel.

Uma das razões que fizeram James demorar tanto para escrever o livro foi o seu hábito compulsivo de viajar. Quando não estava na Europa, podia ser encontrado vagando pelas Montanhas Adirondack de Nova York ou em New Hampshire. Um biógrafo escreveu que:

Suas cartas dão a impressão de que periodicamente ele precisava ficar sozinho, que todo relacionamento Íntimo, com o tempo, acabava por fatigá-lo e que ele considerava as viagens um recurso crucial para lidar com a inquietação. É bem conhecido dos amigos de James o fato de ele programar uma viagem após o nascimento de cada filho, escrevendo depois [esposa] sobre a sua culpa por tê-lo feito. Sempre estava ausente, mesmo que não fosse além de Newport, em feriados como o Natal, Ano Novo, etc., bem como em aniversários. Embora com certeza avaliasse as dificuldades que a sua ausência causava à família, ele parece ter sido incapaz de alterar o hábito...

150

As fugas de James em relação à sua família eram escapadas diante das inúmeras responsabilidades humanas, em busca da natureza, da solidão e do alívio místico (Myers, 1986, pp. 36-37).

James continuou a dar aulas em Harvard nos intervalos das viagens e, em 1880, foi nomeado professor-assistente de filosofia. Foi promovido a professor de filosofia em 1885, passando esse título ao de professor de psicologia em 1889. Em suas viagens ao exterior, conheceu muitos psicólogos europeus, incluindo Wundt, que, como James escreveu, “deixou-me] uma impressão pessoal agradável, com sua voz suave e seu amplo e fácil sorriso”. Alguns anos depois, James observou que Wundt “não é um gênio, mas um professor — um ser cuja obrigação é saber tudo e ter opinião própria sobre tudo” (Allen, 1967, pp. 251, 304).

O livro de James, *Princípios de Psicologia*, foi publicado em dois volumes em 1890, e foi um tremendo sucesso. Esse livro ainda é considerado uma importante contribuição ao campo. Quase oitenta anos depois de sua publicação, um psicólogo escreveu: “Os *Princípios*, de James, são sem dúvida o livro de psicologia mais erudito, mais provocador e, ao mesmo tempo, mais inteligível já publicado em inglês ou em qualquer outra língua” (MacLeod, 1969, p. iii). Um sinal de sua contínua popularidade é o fato de o livro ser lido por pessoas que não são obrigadas a lê-lo. É claro que nem todos reagiram favoravelmente à obra. Wundt e Titchener, cujas concepções James atacara, não gostaram dele. “É literatura”, escreveu Wundt, “é belo, mas não é psicologia” (Bjork, 1983, p. 12).

A reação de James ao livro, depois de sua conclusão, também não foi favorável. Numa carta ao editor, ele descreveu a obra como “um abominável, distendido, tumefacto, ingurgitado e edemático volume, testemunhando apenas dois fatos: primeiro, que não existe uma ciência da psicologia e, segundo, que W. J. é um incapaz” (Allen, 1967, pp. 314-315).

Com a publicação dos *Princípios*, James decidiu que já dissera tudo o que desejava sobre a ciência da psicologia e que já não se interessava mais em dirigir o laboratório de psicologia. Providenciou para que Hugo Münsterberg, então professor da Universidade de Freiburg, na

Alemanha, se tornasse diretor do laboratório de Harvard e se encarregasse dos cursos de psicologia, para ficar livre e dedicar-se à filosofia. Münsterberg fora criticado por Wundt, o que constituía, ao ver de James, um grande louvor, mas nunca cumpriu o papel que James pretendia, o de ser líder na pesquisa experimental de Harvard. Passados alguns poucos anos, Münsterberg dedicou-se a uma variedade de campos aplicados e deu pouca atenção ao laboratório. Ele é importante por ter ajudado a popularizar a psicologia e tomá-la uma disciplina mais aplicada, como veremos no Capítulo 8.

Embora fundasse e equipasse o laboratório em Harvard, James não era experimentalista. Nunca se convenceu por inteiro do valor do trabalho de laboratório em psicologia e pessoalmente não gostava dele. “Tenho um ódio natural pelo trabalho experimental”, comentou ele com Münsterberg. Em 1894, afirmou que os Estados Unidos tinham laboratórios demais e, nos *Princípios*, declarou que os resultados do trabalho de laboratório não eram proporcionais ao montante dos dolorosos esforços envolvidos. Não surpreende, pois, que James tenha dado poucas contribuições importantes nessa área.

Embora James não tenha treinado alunos graduados nem discípulos para dar continuidade de à sua concepção, vários deles — em particular Angeli, Woodworth e Thorndike — fizeram contribuições notáveis para o desenvolvimento da psicologia, como veremos adiante ao discutir o seu trabalho.

James também foi providencial em facilitar a educação universitária de Mary Whiton Calkins, que desenvolveu a técnica da associação pareada, usada no estudo da memória, e se tornou a primeira mulher presidente da Associação Psicológica Americana. Nunca lhe tinham permitido inscrever-se formalmente na universidade, mas James a acolheu em seus seminários

151

e insistiu para que a universidade lhe conferisse o grau. Apesar de James ter em alta conta a capacidade de Calkins, Harvard recusou-se a conferir o Ph.D. a uma mulher. Mais tarde, ela sucedeu James na presidência da APA.

Nos últimos vinte anos de sua vida, James dedicou-se a aperfeiçoar seu sistema filosófico e, na década de 1890, foi reconhecido como o principal filósofo americano. Em 1899, publicou *Talks to Teachers* (Palestras a Professores), desenvolvido a partir de conferências que fizera para professores mostrando de que maneira a psicologia poderia ser aplicada à situação de aprendizagem em sala de aula. *The Varieties of Religious Experience* (As Variedades da Experiência Religiosa [Paulo, Cultrix, 1991]) apareceu em 1902; ele publicou ainda três outros livros de filosofia entre 1907 e 1909.

A saúde de James foi frágil durante toda a sua vida, e ele se aposentou de Harvard em 1907. Vários anos antes, numa excursão de alpinismo, ele ficara perdido durante treze horas, evento que aparentemente lhe agravara uma lesão cardíaca. O problema piorou, e ele faleceu em 1910, dois dias depois de voltar de sua última viagem à Europa.

Os Princípios de Psicologia

Como James não foi um experimentalista nem um fundador — nem sequer um psicólogo nos últimos anos de sua vida —, de que maneira veio a exercer uma influência tão profunda sobre a psicologia? Por que ele é considerado por muitos o principal psicólogo americano? Sugeriram-se três razões para a sua estatura e a sua irresistível influência. Em primeiro

lugar, James escreveu com uma clareza e um brilhantismo raros na ciência, tanto na época como agora. Seu estilo tem magnetismo, espontaneidade e encanto. A segunda razão de sua influência é negativa, no sentido em que todos os movimentos são negativos, já que se opõem à ordem existente. James foi adversário da posição wundtiana de que o alvo da psicologia é analisar a consciência até isolar seus elementos. Por último, James ofereceu um modo alternativo de considerar a mente, uma abordagem compatível com a nova concepção funcional americana de psicologia. A época estava pronta para o que James tinha a dizer.

O conceito de funcionalismo é explícito na psicologia de James, que, nos *Princípios de Psicologia*, apresenta o que mais tarde seria o preceito básico do funcionalismo americano: o objetivo da psicologia não é a descoberta dos elementos da experiência, mas o estudo das pessoas vivas em sua adaptação ao ambiente. Para ele, a função da consciência é nos orientar quanto aos fins exigidos pela sobrevivência. A consciência é vital para as necessidades de seres complexos num ambiente complexo; sem ela, o processo da evolução humana não poderia ter ocorrido.

Ao ser publicado, em 1890, *Princípios de Psicologia* foi

saudado em casa e no exterior como um evento de primeira grandeza no mundo psicológico. Não se tratava apenas de um levantamento abrangente de um novo campo do saber, não era só uma nova síntese dos fatos da psicologia; era em si mesmo uma contribuição à psicologia... Por causa do seu frescor e vigor, de suas atitudes definidas e sugestões estimulantes, constituía por si mesmo um evento na história da psicologia (Heidbreder, 1933, p. 197).

O livro de James trata a psicologia como ciência natural e, em especial, biológica. Isso não era novo em 1890; mas, nas mãos de James, a ciência psicológica seguiu uma direção distinta da da psicologia wundtiana. James interessava-se pelos processos conscientes como atividades orgânicas que produziam alguma mudança na vida desse organismo. Os processos mentais eram considerados atividades úteis e funcionais de organismos vivos, em sua tentativa de se manter e se adaptar ao seu mundo.

Uma atitude afim é a ênfase de James nos aspectos não-rationais da natureza humana.

152

As pessoas, observou ele, são criaturas tanto de ação e paixão como de pensamento e razão. Mesmo ao discutir processos puramente intelectuais, James destacava o não-razional. Ele notou que o intelecto opera sob as influências fisiológicas do corpo, que as crenças são determinadas por fatores emocionais, e que a razão e a formação de conceitos são afetadas pelos desejos e necessidades do homem. Para James, os seres humanos não são criaturas inteiramente racionais.

A seguir, vamos descrever algumas das principais áreas abordadas por James nos *Princípios*.

O Objeto de Estudo da Psicologia:

Uma Nova Concepção da Consciência

James afirma no início do livro que “A psicologia é a Ciência da Vida Mental, tanto dos seus fenômenos como de suas condições” (James, 1890, Vol. 1, p. 1). Em termos do objeto

de estudo, as palavras-chave são fenômenos e condições. “Fenômenos” é o termo usado para indicar que o objeto de estudo está presente na experiência imediata; “condições” refere-se à importância do corpo, do cérebro em particular, na vida mental. De acordo com James, as subestruturas físicas da consciência formam uma parte básica da psicologia. Ele reconhece a importância de considerar a consciência, o ponto focal de seus interesses, seu ambiente natural, o ser humano físico. Essa percepção da biologia, da ação do cérebro sobre a consciência é uma característica peculiar à abordagem psicológica de James.

James rebelou-se contra o que considerava a artificialidade e estreiteza da posição wundtiana, uma revolta que antecipou o protesto generalizado feito mais tarde pelos psicólogos gestaltistas e funcionais. Ele afirmou que as experiências são simplesmente o que são, e não grupos nem amálgamas de elementos. A descoberta de elementos discretos por meio da análise introspectiva não demonstra que esses elementos existam independentemente do observador. James afirmava que os psicólogos podem encontrar numa experiência aquilo que sua posição sistemática em psicologia lhes diz que deve estar lá.

Um provador de chá treinado aprende a discriminar num sabor elementos especiais que a pessoa não-treinada pode não perceber. Esta, ao tomar o seu chá, experimenta uma fusão dos elementos que se diz existirem no sabor, uma mistura não passível de análise. Do mesmo modo, dizia James, o fato de algumas pessoas poderem analisar suas experiências conscientes não significa que os elementos discretos por elas relatados estejam presentes na consciência de outra pessoa exposta à mesma experiência. James considerava esse pressuposto a falácia do psicólogo.

Ao atacar o centro vital da abordagem wundtiana, James declara que não existem sensações simples na experiência consciente; elas só existem como resultado de um processo bastante tortuoso de inferência ou abstração. Numa declaração ousada e caracteristicamente eloqüente, James escreveu: “Nunca houve alguém que tivesse tido uma sensação simples em si. A consciência, desde o dia em que nascemos, exibe uma prolífica multiplicidade de objetos e relações, e aquilo que denominamos sensações simples resulta da atenção discriminativa, levada com frequência a um grau bem alto” (James, 1890, Vol. 1, p. 224).

Em lugar da análise artificial e da redução da experiência consciente a pretensos elementos, James clamou por um novo programa para a psicologia. Disse que a vida mental é uma unidade, uma experiência total que muda. O ponto básico de sua concepção da consciência é que esta flui como uma corrente. James cunhou a frase fluxo de consciência para exprimir essa propriedade. Sendo a consciência um fluxo contínuo, qualquer tentativa de subdividi-la em fases ou elementos temporariamente distintos só pode distorcê-la.

153

Outra característica da consciência é a sua eterna mutação; jamais podemos ter exata mente o mesmo estado ou pensamento mais de uma vez. Os objetos do ambiente podem repetir-se, mas não as sensações ou pensamentos idênticos que eles estimulam. Podemos pensar num objeto em mais de uma ocasião; mas, cada vez que isso acontece, fazemo-lo de maneira diferente devido ao efeito de experiências intervenientes. Portanto, a consciência é cumulativa, e não repetitiva.

Além disso, a mente é sensivelmente contínua, ou seja, não há rupturas claras no fluxo de consciência. Pode haver hiatos temporais, como ocorre durante o sono, mas, ao acordar,

não temos dificuldade para estabelecer vínculo com o fluxo de consciência que estava em andamento antes da interrupção. A mente também é seletiva. Ela escolhe dentre os muitos estímulos a que está exposta, filtra alguns, combina ou separa outros, seleciona ou rejeita outros ainda. Só podemos dar atenção a uma pequena parte do mundo de nossas experiências, e o critério de seleção, segundo James, é a relevância. A mente seleciona estímulos relevantes para que a consciência possa operar de maneira lógica e para que uma série de idéias possa chegar a um fim racional.

Acima de tudo, James destacou o propósito da consciência. Ele acreditava que esta tem de ter alguma utilidade biológica, pois do contrário não teria sobrevivido. O propósito ou função da consciência é capacitar-nos a nos adaptar ao ambiente, permitindo-nos escolher. James distinguia entre hábito e escolha consciente; para ele, o hábito é involuntário e não consciente. Quando o organismo se vê diante de um novo problema e necessita de uma nova modalidade de ajustamento, a consciência entra em cena. Essa ênfase na intencionalidade reflete claramente a influência da teoria evolutiva sobre o pensamento de James.

Sempre interessado em aumentar o próprio conhecimento da experiência consciente, James tentou ampliar sua própria consciência inalando óxido nítrico, um gás usado como anestésico. Enquanto esteve sob a influência do gás, ele acreditou que vivenciava revelações místicas de grandes verdades cósmicas que resolviam alguns dos enigmas do universo. Infelizmente, pela manhã ele não conseguiu se lembrar dessas grandes verdades, mas, certa noite, pôde registrá-las no papel. Ao despertar, correu para a escrivaninha e verificou que escrevera o seguinte: “Hógamo, hígamo, o homem é polígamo. Hígama, hógama, a mulher é monóga ma.” James não continuou a fazer essas experiências.

Os Métodos da Psicologia

A discussão do objeto de estudo da psicologia segundo James fornece indícios sobre os seus métodos de estudo. Como a psicologia está voltada para uma consciência altamente pessoal e imediata, seu instrumento básico tem de ser a introspecção. James acreditava que é possível investigar estados de consciência examinando a própria mente por meio da introspecção, e a considerava o exercício de um dom natural. “A Observação Introspectiva é aquilo em que temos de nos apoiar, em primeiro lugar, primordialmente, e sempre... ela significa, com efeito, olhar para dentro da própria mente e relatar o que descobrimos ali. Todos concordam que ali descobrimos estados de consciência” (James, 1890, Vol. 1, p. 185).

James conhecia as dificuldades e limitações da introspecção e aceitava que ela não era uma forma perfeita de observação. Pensava, no entanto, que os resultados introspectivos poderiam ser verificados por controles apropriados e mediante a comparação das descobertas feitas por vários observadores.

Embora não usasse amplamente o método experimental, James acreditava que o seu emprego era outro recurso possível do conhecimento psicológico — especialmente no campo

da psicofísica, da análise da percepção espacial e da pesquisa da memória.

Para complementar os métodos introspectivo e experimental, James indicou o uso do método comparativo em psicologia. Investigando o funcionamento psicológico de diferentes populações, como animais, crianças, povos primitivos e pessoas mentalmente perturbadas, o psicólogo poderia, ao ver de James, descobrir variações significativas e úteis na vida mental.

Os métodos que James citou em seu livro assinalam uma importante distinção entre o estruturalismo e o funcionalismo recém-surgido. O movimento americano não se limitaria a uma técnica, como a introspecção, por exemplo. Ele aplicaria outros métodos, num ecletismo que ampliava o alcance da psicologia. Nessa diversidade metodológica, temos outro legado de Darwin.

James acentuou o valor que tinha para a psicologia o pragmatismo, cujo principal preceito afirma que a validade de uma idéia ou conceito deve ser testada por suas consequências práticas. A expressão popular da perspectiva pragmática é que “qualquer coisa é verdadeira se funcionar”. A noção de pragmatismo foi postulada nos anos 1870 por Charles Sanders Peirce, matemático e filósofo, amigo de toda a vida de James. A obra de Peirce permaneceu praticamente desconhecida até James escrever *Pragmatism* (Pragmatismo), em 1907, livro que formalizou a doutrina como movimento filosófico e que constitui uma das principais contribuições filosóficas de James.

A Teoria das Emoções

Uma das mais famosas contribuições teóricas de James refere-se às emoções. Sua teoria, publicada num artigo de 1884 e, mais tarde, nos *Princípios*, contradizia o pensamento da época acerca do assunto. Supunha-se que a experiência subjetiva de um estado emocional precedesse a expressão ou ação corporal ou física. O exemplo tradicional — encontramos um urso, assustamo-nos e fugimos — ilustra a idéia de que a emoção (o medo) vem antes da expressão corporal (fugir).

James inverteu a noção, afirmando que o despertar da resposta física precede o surgimento da emoção, especialmente no tocante ao que ele chamou de emoções “mais rudes”, como o medo, a raiva, o pesar e o amor. Por exemplo, vemos o urso, fugimos e então temos medo. Essencialmente, “nosso sentimento das mudanças [no momento em que elas ocorrem É a emoção” (James, 1890, Vol. 2, p. 449). Para validar suas afirmações, James recorreu à observação introspectiva de que, se essas mudanças corporais, como o aumento dos batimentos cardíacos, a aceleração da respiração e a tensão muscular, não ocorressem, não haveria emoção. Num caso de descoberta simultânea, o fisiologista dinamarquês Carl Lange publicou uma teoria análoga em 1885. A semelhança entre as duas levou à designação teoria James—Lange. A concepção jamesiana da emoção produziu muita controvérsia e estimulou consideráveis pesquisas.

O Hábito

O capítulo dos *Princípios* que trata do hábito ilustra bem a concepção de James acerca das influências fisiológicas. Ele descreve todas as criaturas vivas como “feixes de hábitos” (James, 1890, Vol. 1, p. 104), considerando que o hábito envolve o funcionamento do sistema nervoso. James postulou que as ações repetidas ou habituais servem para aumentar a plasticidade da matéria neural. Como resultado disso, fica mais fácil realizar as ações em repetições subsequentes e com menos atenção.

James também acreditava que os hábitos têm imensas implicações sociais, como observa neste trecho freqüentemente citado:

155

O hábito é, pois, o enorme volante da sociedade, seu mais precioso agente conservador. Só ele nos mantém dentro dos limites da ordem... Ele nos condena a lutar na batalha da vida segundo as diretrizes da nossa criação ou da nossa primeira escolha, e a obtermos o melhor de um empreendimento que nos desagrade, porque não há outro para o qual estejamos capacitados ou porque é tarde demais para começar outra vez. Ele impede que os diferentes estratos sociais se misturem. Já aos vinte e cinco anos de idade, percebemos o maneirismo profissional fixar-se no jovem viajante comercial, no jovem médico, no jovem ministro, no jovem advogado. Vemos as pequenas linhas divisórias percorrerem o caráter, os estratagemas de pensamento, os preconceitos, os modos de ser da “profissão”, numa palavra, linhas de que o homem nunca pode escapar — não mais do que o seu casaco pode de repente conseguir um novo conjunto de dobras. De modo geral, é melhor que ele não escape. É bom para o mundo que, na maioria de nós, por volta dos trinta anos, o caráter esteja sólido como cimento e jamais volte a amolecer (James, 1890, Vol. 1, p. 121).

Comentário

É inegável que James é um dos mais importantes psicólogos que os Estados Unidos já produziram. Os Princípios foram uma grande influência, tendo sua publicação sido legitimamente aclamada como um grande acontecimento na história da psicologia. O livro afetou as concepções de milhares de estudiosos, e a posição de James inspirou John Dewey e outros psicólogos funcionais a desviarem a nova ciência da psicologia da visão estruturalista e a dirigi-la para a fundação formal da escola funcionalista de pensamento.

A Fundação do Funcionalismo

Como assinalamos no início do Capítulo 6, os pesquisadores associados com a fundação do funcionalismo não tinham a ambição de criar uma nova escola de psicologia. Eles protestavam contra as limitações da psicologia de Wundt e do estruturalismo de Titchener, mas não desejavam substituí-los por outro “ismo” caracterizado pela rigidez e estreiteza que a formalização costuma envolver. Um formando da Universidade de Chicago, o principal centro da psicologia funcional, relembra que o departamento de psicologia dessa instituição tinha uma orientação claramente funcional, mas “sem consciência de si mesmo e, certamente, sem promover a psicologia funcional como escola” (McKinney, 1978, p. 145). A formalização desse movimento de protesto foi imposta aos seus líderes, em parte, por E. B. Titchener.

Paradoxalmente, foi Titchener quem pode ter “fundado” a psicologia funcional ao adotar a palavra estrutural em oposição a funcional num artigo, “Postulados de uma Psicologia Estrutural”, publicado em 1898 na *Philosophical Review*. Nesse artigo, Titchener assinala as diferenças entre psicologia funcional e estrutural, alegando que o estruturalismo era a única modalidade de estudo adequada à psicologia. Mas, ao estabelecer o funcionalismo como oponente, Titchener inadvertidamente serviu para torná-lo mais visível. “O que Titchener atacava na verdade não tinha nome até que ele lhe desse um; desse modo, ele impulsionou o movimento a uma posição de destaque e, mais do que qualquer pessoa,

contribuiu para divulgar o termo funcionalismo no universo da psicologia” (Harrison, 1963, p. 395).

Naturalmente, nem todo o crédito da fundação do funcionalismo pode ser atribuído a Titchener. É verdade que aqueles a quem a história rotulou de fundadores da psicologia funcional foram, no mínimo, fundadores relutantes.

A Escola de Chicago

Em 1894, John Dewey e James Rowland Angell, que tinham aparecido na capa da revista Time, foram para a recém-criada Universidade de Chicago. Sua influência conjunta é ampla-

156

mente responsável pelo fato de aquela instituição tornar-se um importante centro do funcionalismo. Mas a universidade em si também teve um papel na fundação dessa nova escola de psicologia. Como escreveu um historiador,

É por certo apropriado que a primeira escola nitidamente americana de psicologia tenha surgido

na nova universidade que constituía por si só uma expressão de tantas coisas caracteristicamente

americanas. A façanha quase incrível de criar por inteiro uma grande universidade — concretizar

um plano, reunir um corpo docente notável, trazer à existência toda a complexa organização, corpo

e alma — deu ao lugar um ar de grandes coisas alcançadas e por alcançar; e em nada surpreende

o fato de uma escola de pensamento, tendo sido iniciada nessas circunstâncias, ter florescido e

crescido (Lleidbreder, 1933, p. 204).

John Dewey (1859-1952)

Quando se considera o funcionalismo uma escola distinta de psicologia, em vez de uma orientação ou atitude, John Dewey costuma receber o crédito de iniciador desse movimento. Cita-se um artigo publicado por ele em 1896 como um marco no estabelecimento formal do funcionalismo; Dewey exerceu uma grande influência nessa escola de pensamento, muito embora tenham sido poucos os seus anos de contribuição ativa à psicologia.

Dewey teve uma infância corriqueira e não mostrou grandes talentos até seus primeiros anos na Universidade de Vennont. Depois da graduação, foi professor secundário por alguns anos e estudou filosofia por conta própria, publicando vários artigos eruditos. Fez pós-graduação na Universidade Johns Hopkins, recebeu seu Ph.D. em 1884 e lecionou nas Universidades de Michigan e Minnesota. Em 1886, publicou o primeiro manual americano

da nova psicologia (intitulado, apropriadamente, Psychology), que foi popular até ser eclipsado pelos Princípios de Psicologia, de William James, em 1890.

Convidado para a Universidade de Chicago em 1894, ali permaneceu por dez anos, período durante o qual se tomou uma força vital no campo da psicologia. Fundou uma escola-laboratório ou escola experimental, considerada na época uma inovação radical na educação e serviu de pedra angular ao moderno movimento da educação progressista. Ficou na Universidade Colúmbia, de Nova York, entre 1904 e 1930, trabalhando na aplicação da psicologia a problemas filosóficos e educacionais, o que constitui outro exemplo da orientação prática de muitos psicólogos funcionais.

Dewey era um homem brilhante mas não um bom professor. Um dos seus alunos recorda-se de que Dewey ‘sempre usava um pequeno boné verde — urna boina... Chegava [classe], sentava-se à escrivaninha, punha o boné verde diante de si e fazia urna palestra para o boné verde — falando monotonamente... Se havia alguma coisa que fazia os alunos dormirem, era isso. Mas se você pudesse prestar atenção ao que ele tinha a dizer, valia a pena’ (May, 1978, p. 655).

O artigo de 1896, “O Conceito de Arco Reflexo em Psicologia”, publicado por Dewey na Psychological Review, foi o ponto de partida da psicologia funcional. Nesse trabalho — sua mais importante e, infelizmente, última contribuição à psicologia propriamente dita —, Dewey atacou o molecularismo, o elementarismo e o reducionismo psicológicos do arco reflexo, com sua distinção entre estímulo e resposta, uma idéia que fora promovida por alguns fisiologistas.

Os proponentes do arco reflexo afirmavam que uma unidade de comportamento termina com a resposta a um estímulo, por exemplo, como quando uma criança afasta a mão do fogo. Dewey contestou isso dizendo que o reflexo forma mais um círculo ou circuito do que um arco, pois a percepção que a criança tem do fogo se modifica com essa experiência, passando

157

a ter uma função distinta. A chama, que de início atraía a criança, passa a repeli-la. A resposta altera a percepção que a criança tem do estímulo (a chama), razão por que a percepção e o movimento (estímulo e resposta) têm de ser considerados uma unidade, e não sensações e respostas individuais. Logo, Dewey argumentava que o comportamento envolvido numa resposta reflexa não pode ser significativamente reduzido aos seus elementos sensório-motores básicos — não mais do que a consciência pode ser significativamente analisada em seus componentes elementares.

Quando essa forma de análise e redução artificial do comportamento é adotada, acreditava Dewey, o comportamento perde todo o sentido, restando apenas as abstrações na mente dos psicólogos que fazem esse exercício. Ele escreveu que o comportamento não deve ser tratado como uma construção científica artificial, mas sim em termos da sua significação para

o organismo ao adaptar-se ao ambiente. Para ele, o objeto de estudo adequado da psicologia é

o organismo total, funcionando em seu ambiente.

Dewey sofreu forte influência da teoria da evolução, e sua filosofia baseava-se na noção de mudança social. Ele se opunha à idéia de um mundo estático, sendo favorável ao progresso atingido por meio da luta do intelecto humano com a realidade. Nessa luta pela sobrevivência, a consciência e o comportamento funcionam a favor do organismo; a consciência produz o comportamento apropriado que capacita o organismo a sobreviver e progredir. Uma função é uma coordenação total de um organismo com vistas à realização do alvo da sobrevivência. Assim, para Dewey, bem como para outros psicólogos da época, a psicologia funcional é o estudo do organismo em uso.

Dewey dedicou pouco tempo à psicologia. Coerente com sua orientação funcional, empregou a maior parte dos seus esforços na aplicação da psicologia a problemas da educação. Seu programa para o movimento da educação progressista é formulado em “Psicologia e Prática Social”, uma palestra proferida por ele ao deixar o cargo de presidente da Associação Psicológica Americana (Dewey, 1900). Mais do que qualquer outra pessoa, Dewey é responsável pelo espírito pragmático da educação americana; ele acreditava que o ensino deveria orientar-se para o aluno, e não para o assunto.

A importância de Dewey para a psicologia está na sua influência sobre psicólogos e outros pensadores e no seu desenvolvimento de um alicerce filosófico para o funcionalismo. Quando saiu da Universidade de Chicago, a liderança da nova escola passou para James Rowland Angell.

James Rowland Angell (1869-1949)

James Rowland Angell deu ao movimento funcionalista as feições de uma escola prática de pensamento. Tornou o departamento de psicologia da Universidade de Chicago o mais importante da sua época, a principal base de treinamento dos psicólogos funcionais.

Angell era filho de uma família de acadêmicos de Vermont. Seu avô fora presidente da Universidade Brown, em Providence, Rhode Island; seu pai dirigia a Universidade de Vermont e foi, mais tarde, presidente da Universidade de Michigan. Angell iniciou os estudos universitários em Michigan, onde foi aluno de Dewey e veio a conhecer os Princípios de Psicologia de James — que, segundo ele, influenciaram seu pensamento mais do que qualquer outro livro. Ele trabalhou com James por um ano em Harvard e concluiu o mestrado em 1892.

Continuou os estudos na Universidade de Halle, Alemanha, depois de saber, para sua decepção, que Wilhelm Wundt não podia aceitar mais alunos em Leipzig naquele ano. Ele não obteve seu Ph.D.; sua dissertação foi aceita com a condição de ser revisada (escrita num alemão melhor), mas, para fazer isso, ele teria de ficar em Halle sem remuneração. Angell

158

preferiu dar aulas na Universidade de Minnesota, onde o salário, embora baixo, era melhor do que nada, particularmente para um jovem ansioso por casar-se. Sem ter obtido o grau de doutor, Angell foi fundamental na concessão de doutorados a muitos outros e, ao longo de sua carreira, recebeu vinte e três títulos honorários.

Depois de um ano em Minnesota, Angell foi para a Universidade de Chicago, onde ficou por vinte e cinco anos. Seguindo a tradição familiar, presidiu a Universidade Yale, onde

ajudou a desenvolver o Instituto de Relações Humanas. Em 1906, foi eleito o décimo quinto presidente da Associação Psicológica Americana. Quando se aposentou da vida acadêmica, foi consultor da National Broadcasting Company (NBC).

Em 1904, Angell publicou o manual *Psychology*, que deu corpo à abordagem funcionalista. O livro teve tanto sucesso que, em 1908, já tinha quatro edições, o que indica o atrativo

159

Ao articular os objetivos utilitários do funcionalismo, James Rowland Angell transformou essa perspectiva numa escola de pensamento que floresceu, sob a sua liderança, na Universidade de Chicago.

da posição funcionalista. Nele, Angell afirmava que a função da consciência é aperfeiçoar as capacidades de adaptação do organismo e que a meta da psicologia é estudar o modo pelo qual a mente ajuda esse ajustamento do organismo ao seu ambiente.

Uma contribuição mais importante à psicologia funcional está consubstanciada no discurso presidencial que Angell dirigiu em 1906 à Associação Psicológica Americana e que foi publicado na *Psychological Review*. Nesse artigo, intitulado “O campo da psicologia funcional”, ele formula claramente a concepção funcionalista:

A psicologia funcional é no momento pouco mais do que um ponto de vista, um programa, uma ambição. Ela obtém sua vitalidade, fundamentalmente, talvez de um protesto contra a excelência exclusiva de um outro ponto de vista do estudo da mente, desfrutando hoje, ao menos, do vigor peculiar que em geral acompanha o Protestantismo de qualquer espécie em seus primeiros estágios, antes de tornar-se respeitável e ortodoxo (Angell, 1907, p. 61).

Vimos que os novos movimentos adquirem vitalidade e ímpeto apenas com referência a uma posição estabelecida ou opondo-se a ela. Angell traçou as linhas de combate desde o início, embora tenha concluído modestamente suas observações introdutórias ao texto em questão: “Renuncio formalmente a toda intenção de formular novos planos; estou empenhado no que pretende ser um sumário desapaixonado de condições reais.”

A psicologia funcional, prosseguiu ele, nada tinha de nova, mas desde o início fora uma parte significativa da psicologia. Ele reuniu três idéias que considerava os principais temas do

movimento funcionalista.

1. A psicologia funcional é a psicologia das operações mentais, estando em contraste com a psicologia dos elementos mentais (o estruturalismo). O elementarismo titcheneriano ainda era forte, e Angell promoveu o funcionalismo em oposição a ele. A tarefa do funcionalismo é descobrir como opera um processo mental, o que ele realiza e em que condições ocorre. Para ele, uma função mental, ao contrário de um momento da consciência estudado pelos estruturalistas, não é uma coisa perecível; ela persiste e dura tal como acontece com as funções biológicas. Do mesmo modo como uma função fisiológica pode operar através de estruturas diferentes, assim também uma função mental pode operar por meio de idéias de conteúdo distinto.

2. A psicologia funcional é a psicologia das utilidades fundamentais da consciência. Esta última, considerada à luz desse espírito utilitário, serve de mediadora entre as necessidades do organismo e as exigências do seu ambiente. O funcionalismo estuda os processos mentais não como eventos isolados e independentes, mas como parte ativa e permanente da atividade biológica e como parte do movimento mais amplo de evolução orgânica. As estruturas e funções do organismo existem porque, ao permitirem que o organismo se adapte ao seu ambiente, capacitaram-no a sobreviver. Angell acreditava que, como sobrevivera, a consciência também deve prestar um serviço essencial ao organismo. Cabia ao funcionalismo descobrir qual é precisamente esse serviço, não apenas no tocante à consciência, como também em termos de processos mentais específicos, como formar um juízo e desejar.

3. A psicologia funcional é a psicologia das relações psicofísicas, voltada para o relacionamento total do organismo com o seu ambiente. O funcionalismo inclui todas as funções mente-corpo e deixa aberto o estudo do comportamento não-consciente ou habitual. Supõe a existência de uma relação entre o mental e o físico, uma interação da mesma espécie que ocorre entre forças do mundo físico. O funcionalismo sustenta que não há distinção real entre a mente e o corpo. Ele os considera não como entidades distintas, mas como pertinentes à mesma ordem, supondo uma fácil transferência entre um e outro.

160

O discurso presidencial de Angell na APA, proferido em 1906, foi feito num momento em que o espírito do funcionalismo já estava firmemente estabelecido e era influente. Ele lhe deu a forma de um empreendimento dinâmico e proeminente, com um laboratório, um corpo de dados de pesquisa, uma equipe entusiasta de professores e um grupo dedicado de alunos graduados. Ao levar o funcionalismo à condição de escola formal, Angell deu-lhe o foco e a estatura necessários para torná-lo eficaz. Contudo, ele continuou a insistir que o funcionalismo não constituía de fato uma escola nem devia ser identificado exclusivamente com a psicologia ensinada em Chicago. Ele acreditava que o movimento era demasiado amplo para ser contido no âmbito de uma única instituição. Apesar dos protestos de Angell, a escola formal do funcionalismo floresceu e ficou permanentemente associada com a psicologia ensinada e praticada em Chicago.

Harvey A. Carr (1873-1954)

Harvey Carr, formado em matemática pela Universidade DePauw, Indiana, e pela Universidade do Colorado, passou a dedicar-se à psicologia por causa da amizade e do interesse de um professor que fora discípulo de O. Stanley Hall (Capítulo 8). Como não havia laboratório de psicologia no Colorado, Carr transferiu-se para a Universidade de Chicago, onde o seu primeiro curso de psicologia experimental foi dado pelo jovem professor-assistente Angell. Em seu segundo ano em Chicago, onde foi assistente de laboratório, trabalhou com John B. Watson, então professor e, mais tarde, fundador da escola comportamentalista de psicologia. Watson iniciou Carr na psicologia animal.

Carr recebeu o Ph.D. em 1905 e, depois de muitas dificuldades, conseguiu um emprego numa escola secundária do Texas e, mais tarde, um cargo numa escola de pedagogia estadual em Michigan. Em 1908, voltou a Chicago para substituir Watson, que fora para a Universidade Johns Hopkins. Carr sucedeu Angell como responsável pelo departamento de psicologia em Chicago e ampliou a posição teórica de Angell sobre o funcionalismo.

Durante a gestão de Carr (1919-1938), o departamento de psicologia concedeu 150 doutorados.

A obra de Carr representa o funcionalismo a partir do momento em que este já não precisava fazer uma cruzada contra o estruturalismo. O movimento tomara-se uma posição reconhecida. Sob a liderança de Carr, o funcionalismo em Chicago alcançou o seu auge como sistema formalmente definido. Ele afirmava que a psicologia funcional era a psicologia americana. O trabalho feito em Chicago era a psicologia da época e, como tal, não exigia uma formulação sistemática muito aprimorada para distingui-la de quaisquer outras abordagens. Outras versões de psicologia, como o comportamentalismo, a psicologia da Gestalt e a psicanálise, eram tidas como desenvolvimentos desnecessariamente exagerados que atuavam sobre aspectos mais limitados da psicologia. Pensava-se que essas escolas pouco tinham a acrescentar à toda-abrangente psicologia funcionalista.

Como o livro de Carr, *Psychology* (1925), é uma expressão cabal do funcionalismo, vale a pena examinar dois dos seus principais pontos. Em primeiro lugar, Carr definiu o objeto de

estudo da psicologia como a atividade mental — processos como a memória, a percepção, o sentimento, a imaginação, o julgamento e a vontade. Em segundo, a função da atividade mental

é registrar, fixar, reter, organizar e avaliar experiências e usá-las na determinação da ação.

Carr denominou de comportamento adaptativo ou de ajustamento a forma específica de ação em que as atividades mentais aparecem.

Vemos aqui a ênfase familiar da psicologia funcional nos processos mentais, e não nos elementos e no conteúdo da consciência. Vemos também uma descrição da atividade mental

em termos daquilo que ela realiza ao permitir que o organismo se adapte ou se ajuste ao seu

161

ambiente. É significativo que em 1925 esses pontos tenham sido discutidos desapaixonadamente como um fato, e não mais como questões de debate.

Examinando os métodos de estudo da atividade mental, Carr reconhecia a validade da observação introspectiva e da observação objetiva. Notando que o método experimental é mais desejável, ele no entanto admitia ser difícil, senão impossível, fazer uma investigação experimental adequada da mente. Carr acreditava, com Wundt, que o estudo de produtos culturais como a literatura, a arte, a linguagem e as instituições sociais e políticas podia fornecer

162

Sob a liderança de Harvey A. Carr, sucessor de Angeli em Chicago, o funcionalismo deixou de ser um protesto contra o estruturalismo e assumiu sua forma sistemática final.

informações sobre os tipos de atividades mentais que os haviam produzido. Ele também admitia o valor do conhecimento sobre os processos fisiológicos envolvidos na atividade mental.

Embora o funcionalismo não aderisse, ao contrário do estruturalismo, a um método de estudo específico, havia na prática uma ênfase sobre a objetividade. Boa parte da pesquisa feita na Universidade de Chicago não usava a introspecção e, quando o fazia, submetia-a ao máximo a verificações por controles objetivos. É importante notar que, nas pesquisas em Chicago, os sujeitos eram tanto animais como pessoas.

A escola funcionalista de Chicago deu início ao movimento rumo ao estudo do comportamento manifesto e objetivo, em lugar do estudo exclusivo da mente subjetiva ou consciência. O funcionalismo ajudou a levar a psicologia americana ao extremo oposto do estruturalismo, chegando a ponto de só se concentrar no comportamento, ignorando de vez o estudo da mente. Assim, os funcionalistas forneceram a ponte entre o estruturalismo e o movimento revolucionário do comportamentalismo.

Reprodução de Texto Original sobre o Funcionalismo:

Trecho de Psychology, de Harvey A. Carr

A discussão a seguir foi reproduzida do Capítulo 1 do livro Psychology, de Carr, publicado em 1925.* Ela indica a forma final do funcionalismo que descrevemos e abrange os seguintes tópicos: (1) o objeto de estudo da psicologia funcional, com ilustrações dos tipos de atos adaptativos em que a mente se envolve; (2) a natureza psicofísica da atividade mental, mostrando o relacionamento entre as atividades mentais e suas bases fisiológicas ou corporais; (3) os métodos de pesquisa da psicologia funcional, indicando a variedade de métodos de coleta de dados que se acrescentam à técnica estruturalista da introspecção; e (4) o relacionamento entre a psicologia funcional e as outras ciências, incluindo a observação de que a psicologia é uma ciência biológica que pode ser aplicada a outras disciplinas, bem como a problemas da vida cotidiana.

O OBJETO DE ESTUDO DA PSICOLOGIA. A psicologia se ocupa primordialmente do estudo da atividade mental. Este termo é a designação genérica de atividades como a percepção, a memória, a imaginação, o raciocínio, o sentimento, o julgamento e a vontade. É difícil caracterizar os elementos essenciais dessas várias atividades com um único termo, já que a mente faz várias coisas de tempos em tempos. Usando termos abrangentes, podemos dizer que a atividade mental está voltada para o registro, a fixação, a retenção, a organização e a avaliação de experiências, bem como para sua subsequente utilização na orientação da conduta. O tipo de conduta que reflete a atividade mental pode ser denominado comportamento adaptativo ou de ajustamento... Um ato adaptativo é a resposta de um organismo com referência ao seu ambiente físico ou social, com um caráter que satisfaça suas condições motivadoras. Exemplos dessas operações mentais podem ser retirados da formação profissional de um médico. Às vezes, sua mente está primordialmente voltada para a tarefa de aquisição de conhecimentos a partir de aulas, livros e clínicas, ou de suas experiências profissionais. Em outros momentos, o foco principal de sua mente é tentar memorizar certos dados importantes. Mais uma vez, podem predominar as atividades reflexivas, ocupando-se sua mente da tarefa de analisar, comparar, classificar e relacionar os dados de que ele dispõe com outros aspectos do seu saber

médico. Vem por fim o aspecto da conduta adaptativa — o uso desse conhecimento e dessa habilidade no diagnóstico, no tratamento ou na intervenção cirúrgica.

* Harvey A. Can Psychology, Nova York, Longmans, Gi-een, 1925, pp. 1-14.

163

Todo ato mental vincula-se, pois, mais ou menos diretamente, com a manipulação da experiência como meio de conseguir um ajustamento mais eficaz ao mundo. Logo, todo ato mental pode ser estudado a partir de três aspectos — seu significado adaptativo, sua dependência da experiência anterior e sua influência potencial na atividade futura do organismo. Por exemplo, a percepção é um elemento constitutivo de um ato mais amplo; é um processo de tomar conhecimento de objetos com base naquilo que estamos fazendo, ou em termos de sua relação com algum modo de comportamento considerado. A percepção também envolve o uso da experiência passada, visto que o significado de qualquer objeto só pode ser avaliado em termos das nossas experiências precedentes com o objeto. De igual modo, toda experiência com um objeto é suscetível de exercer algum efeito sobre a maneira pela qual esse objeto será apreendido em ocasiões ulteriores.

Um momento de reflexão evidencia a importância desses vários aspectos da atividade mental. A retenção é essencial a toda aprendizagem, a todo desenvolvimento mental e a todo progresso social. A aquisição de um ato de habilidade envolve uma série de tentativas sucessivas ou períodos de prática durante os quais o ato é gradualmente aperfeiçoado e estabelecido. Cada passo de progresso é resultado das tentativas precedentes. Os efeitos de cada período de prática são retidos, e são esses efeitos acumulados que tornam as tentativas subseqüentes mais fáceis. Sem retenção, não pode haver mente. A pessoa que perdesse de súbito o registro de suas experiências passadas ficaria quase tão impotente quanto um bebê.

Para serem usadas com eficácia, nossas experiências devem ser adequadamente organizadas e sistematizadas. Na linguagem popular, costuma-se dizer que a pessoa insana perdeu o juízo [mente]. Na realidade, essas pessoas possuem mente [Elas acumulam, organizam e avaliam suas experiências de alguma maneira, reagindo ao mundo com base nessas experiências. Essas pessoas têm mentes desorganizadas. Suas experiências não são organizadas e avaliadas de modo adequado. Teoricamente, qualquer grupo de experiências pode ser organizado de várias maneiras. O modo de pensar e o caráter da conduta de um indivíduo são em larga medida função de sua organização prévia. Certos tipos de organização levam a modos irracionais de pensar e a formas anti-sociais de comportamento. Por conseguinte, as experiências não têm de ser apenas organizadas; elas devem ser adequadamente organizadas para serem usadas com eficácia numa reação inteligente e racional ao mundo.

A mente também avalia de forma contínua os vários aspectos da experiência. Ela não apenas rotula as coisas como boas, más e indiferentes, mas também organiza as coisas boas da vida numa escala elementar de valor relativo. A apreciação estética nos domínios da literatura, da música e das artes gráficas ilustra essa função. Também podem ser citados os valores éticos. Rotulamos a conduta social como certa e errada, e desenvolvemos conceitos de virtudes como a caridade, a castidade, a honestidade, a sobriedade e a pontualidade. O sistema de valores de uma pessoa constitui talvez o mais importante aspecto de sua personalidade. Alguns alunos enfatizam em demasia o valor relativo do estudo e se tornam ratos de biblioteca e maníacos pelo estudo. Alguns rapazes atribuem demasiada importância

ao valor da independência financeira e deixam a escola para procurar um emprego. Algumas pessoas subestimam a importância de se vestir adequadamente, dos hábitos lingüísticos corretos, da cortesia, da gentileza e de muitas outras coisas que contribuem para se ter uma personalidade eficaz nas relações sociais. Algumas pessoas levam a política, a religião ou a ciência demasiado a sério e superestimam a importância relativa desses aspectos da vida... A mente avalia de fato suas experiências, e... a conduta do indivíduo é em larga medida uma função dos seus ideais e do seu sistema de valores.

Assim sendo, todas as experiências de uma pessoa durante a vida se organizam num sistema complexo mas unitário de tendências de reação que determinam em grau elevado a natureza da sua atividade subsequente. A disposição reativa de uma pessoa, ou seja, o que ela faz e o que ela pode e não pode fazer, é uma função do seu equipamento inato, da natureza de suas experiências precedentes e do modo como estas foram organizadas e avaliadas. O termo “eu” é em geral empregado para caracterizar uma pessoa da perspectiva de sua disposição reativa. Também falamos da personalidade de uma pessoa quando desejamos referir-nos a todos os traços e caracteres

164

ísticas do seu eu que facilitam ou dificultam sua eficiência ao tratar com outros indivíduos, ao passo que o termo “mente” é usado quando queremos caracterizar uma pessoa em termos de seus traços e potencialidades intelectuais... A psicologia se dedica, portanto, ao estudo da personalidade, da mente e do eu, que constituem todavia objetos conceituais passíveis apenas de um estudo indireto, através de suas manifestações — somente na medida em que se exprimem nas reações da pessoa. As várias atividades concretas envolvidas num ato de ajustamento são os dados observáveis e o objeto de estudo da psicologia.

A NATUREZA PSICOFÍSICA DA ATIVIDADE MENTAL. Essas várias operações mentais envolvidas numa resposta de ajustamento costumam ser denominadas processos psicofísicos. Pelo seu caráter físico, indicamos serem elas atos de que a pessoa tem algum conhecimento. Por exemplo, um indivíduo não só percebe um objeto e reage a ele, como pelo menos tem consciência do fato e pode ter algum conhecimento sobre a natureza e o significado desses atos. Os indivíduos não estão acostumados a raciocinar, tomar decisões e reagir com base nessas decisões e se esquecer por inteiro do fato. A realização de todo ato mental por parte da pessoa implica alguma espécie de contato vivencial com esse ato. Por esse motivo, referir-nos-emos a esses atos mentais algumas vezes como experiências ou atividades vivenciais. Além de serem experimentados, esses atos constituem também as reações de um organismo físico. São atos que envolvem diretamente estruturas como os órgãos dos sentidos, os músculos e os nervos. É evidente a participação dos órgãos dos sentidos e dos músculos em atividades como a percepção e os atos voluntários. O sistema nervoso também está envolvido em todos os atos mentais. Embora esse fato não seja óbvio, a verdade da doutrina foi plenamente estabelecida. A integridade dessas estruturas é essencial à atividade mental normal. Uma excisão ou lesão de qualquer parte do cérebro costuma estar correlacionada com alguma espécie de distúrbio mental. Todas as condições que afetam o metabolismo dessas estruturas também influenciam o caráter das operações mentais. Não tentaremos explicar a natureza dessa relação psicofísica. Apenas observamos o fato de que esses atos mentais são eventos psicofísicos e insistimos que eles têm de ser estudados como tais...

De acordo com a nossa concepção, a psicologia não pode diferenciar-se da fisiologia em termos do caráter metafísico do seu objeto de estudo. Tanto a psicologia como a fisiologia estão voltadas para o estudo das atividades funcionais dos organismos. A psicologia se ocupa de todos os processos diretamente envolvidos no ajuste do organismo ao seu ambiente, ao passo que a fisiologia se dedica ao estudo de atividades vitais como a circulação, a digestão e o metabolismo, que estão envolvidas primordialmente na manutenção da integridade estrutural do organismo. Assim sendo, a psicologia e a fisiologia se ocupam de dois grupos mutuamente relacionados e interativos de processos orgânicos...

MÉTODOS DE ABORDAGEM. É possível estudar os atos mentais a partir de várias abordagens. Podemos observá-los diretamente, estudá-los indiretamente por meio de suas criações

e produtos e, por fim, examiná-los em termos de sua relação com a estrutura do organismo.

Os atos mentais podem ser observados subjetiva ou objetivamente. A observação objetiva se refere à apreensão das operações mentais de outro indivíduo na medida em que se refletem no seu comportamento. A observação subjetiva se refere à apreensão das próprias operações mentais. A observação subjetiva, com frequência denominada introspecção, foi considerada no passado o único modo de apreensão de um tipo diferente do envolvido na percepção de um evento externo. Na verdade, os dois processos são essencialmente iguais em termos de natureza, só podendo ser distinguidos em termos dos objetos apreendidos. Cada modo de observação é dotado de certas vantagens e limitações.

1. A introspecção nos fornece um conhecimento mais íntimo e abrangente dos eventos mentais. Alguns desses eventos não podem ser apreendidos objetivamente. Por exemplo, podemos

saber, a partir do comportamento de uma pessoa, que ela está absorvida em pensamentos, sem que

165

possamos dizer o que ela está pensando. A pessoa em si não apenas sabe o que está pensando como tem plena consciência daquilo que está considerando. Do mesmo modo, a observação objetiva não nos dá nenhum indicio que permita determinar se o pensamento é mediado por palavras ou por imagens visuais. A introspecção costuma revelar os motivos e considerações derivados da experiência passada que nos influenciam em qualquer ato particular. Seria muito difícil obter conhecimentos dessa espécie usando exclusivamente o método objetivo.

2. As observações subjetivas são sobremodo difíceis. Muitas operações mentais consistem numa sede de eventos complexos e em rápida mudança cuja análise e apreensão abrangentes são difíceis. Na medida em que a nossa mente costuma envolver-se no trato de situações objetivas, muitas pessoas encontram considerável dificuldade quando tentam romper esse hábito e tomar-se introspectivas.

3. Nem sempre se pode testar a validade de uma observação subjetiva. Diante de um relato feito por alguém que está pensando por meio de imagens visuais, qualquer verificação ou refutação de sua afirmativa é praticamente impossível, tendo em vista que esse evento

mental determinado só pode ser observado por essa pessoa. Tampouco podemos decidir que o relato não é verdadeiro porque outras pessoas afirmam que pensam em termos verbais, visto ser possível que haja diferenças entre as maneiras de pensar das pessoas. Por outro lado, qualquer ato objetivo pode ser observado por várias pessoas e é possível comparar os seus relatos.

4. Naturalmente, o uso do método subjetivo deve ficar restrito a sujeitos treinados e habilitados. Por conseguinte, a psicologia deve empregar o método objetivo no estudo dos animais,

das crianças, dos povos primitivos e em muitos casos de insanidade.

5. Podem-se usar instrumentos para registrar e medir quaisquer manifestações objetivas da mente. Esses registros podem então ser analisados à vontade. Dessa maneira, podem-se detectar atos que de outro modo escapariam à nossa atenção. Por exemplo, tem-se usado a fotografia como meio de estudo dos movimentos oculares mais sutis envolvidos num ato de percepção. Esse método tem sido amplamente empregado no estudo das atividades perceptuais envolvidas na leitura e em certas ilusões de óptica.

O método da experimentação é subsidiário da observação. Num experimento, observam-se as operações mentais em certas condições prescritas e definidas. Um experimento, freqüentemente denominado observação controlada, pode ser relativamente simples ou bem complexo, de acordo com o grau de controle exercido. Como ilustração de um tipo simples de experimento, podemos citar o caso da memorização de uma lista de palavras com o propósito de análise desse processo e de descoberta de algumas das condições que influenciam a nossa capacidade de recordação desse material em algum momento subsequente. De modo geral, a execução de qualquer ato mental com o propósito de estudar esse ato pode ser denominada experimento. Um experimento psicológico não envolve necessariamente o uso de uma técnica elaborada e de formas complicadas de aparelhos. O caráter do aparelho é uma função do problema. Usam-se instrumentos como recurso de controle das condições experimentais ou de medição e registro de quaisquer características da situação experimental. O valor primordial de um experimento depende do fato de as observações serem feitas sob determinadas condições prescritas e especificadas. Portanto, um experimento é um meio de descoberta de fatos e relações que normalmente fugiriam à detecção no curso ordinário da experiência. Além disso, os resultados de qualquer experimento podem ser testados por outros pesquisadores. O método experimental tem suas limitações no campo da psicologia: nem todos os aspectos da mente humana estão sujeitos a controle; as reações mentais de uma pessoa são quase totalmente uma função de suas experiências prévias. Um controle experimental completo de uma mente humana implica uma liberdade para manipular o seu desenvolvimento ao longo da vida de maneiras que são tão impossíveis quanto socialmente indesejáveis.

Também é possível estudar a mente, de forma indireta, por meio de suas criações e produtos

166

— invenções industriais, literatura, arte, costumes e crenças religiosas, sistemas éticos, instituições políticas, etc. Esse método poderia ser denominado abordagem social. É claro que ele não é usado quando se podem estudar as operações mentais em si. Em consequência, ele é usado principalmente no estudo de raças primitivas ou de civilizações

passadas. Na prática, esse método é essencial- mente histórico ou antropológico. Não há dúvida de que o nosso conhecimento da mente humana seria limitado ao extremo se fôssemos forçados a usar apenas esses dados. Fatos dessa natureza, no entanto, são importantes para um entendimento dos aspectos desenvolvimentais da mente.

Os atos mentais podem ser estudados ainda da perspectiva da anatomia e da fisiologia. Há uma íntima relação entre a estrutura de um órgão e suas possibilidades funcionais, O neurologista tenta conceber as organizações estruturais do sistema nervoso em termos de sua relação com as várias atividades em que essas organizações estão envolvidas, O estudo das relações recíprocas entre os atos mentais e os componentes arquitetônicos do sistema nervoso por certo esclarece as concepções tanto da psicologia como da neurologia. Sabemos que o caráter dos atos mentais é influenciado pelas condições metabólicas do sistema nervoso. Com frequência, os defeitos neurais estão correlacionados com distúrbios da percepção, da memória, da recordação e da atividade voluntária. Assim foi obtida uma parcela considerável do conhecimento preciso e detalhado da relação entre operações mentais e estruturas nervosas. Extirpam-se certas partes das estruturas nervosas dos animais e observa-se o efeito dessa perda do tecido nervoso sobre a capacidade subsequente do organismo. Muitas características da mente têm de ser explicadas em termos das peculiaridades fisiológicas do sistema nervoso. O fato da retenção, certos aspectos temperamentais da mente e do processo do esquecimento têm de ser explicados dessa maneira.

Evidencia-se, pois, que todo fato é um dado psicológico sempre que puder ser usado na compreensão da natureza e do significado das operações mentais. Um mesmo fato pode ser significativo para várias ciências, como a neurologia, a psicologia e a fisiologia, constituindo uma parte dos dados de cada um desses ramos do conhecimento. A psicologia, assim como as outras ciências, usa qualquer fato significativo para os seus propósitos sem levar em conta como, onde ou por quem ele foi obtido. Nenhuma abordagem particular consegue dar um conhecimento completo de um ato mental. As várias fontes de conhecimento se complementam, e a psicologia se dedica à tarefa de sistematizar e harmonizar os vários dados a fim de formar uma concepção adequada de tudo o que está envolvido nas operações da mente.

Fatos da observação comum constituem talvez a principal parcela dos dados factuais em que se baseiam as atuais concepções de psicologia. A psicologia difere da maioria das ciências naturais por tratar, num grau considerável, dos fatos óbvios da vida diária. Os atos mentais são eventos vivenciados e, naturalmente, todos têm de adquirir uma certa parcela de conhecimento acerca de suas próprias operações mentais no curso da vida. Parte considerável do nosso tempo e energia também é dedicada à tarefa de lidar com outras mentes. Assim sendo, todos adquirem um certo grau de conhecimento psicológico prático. A psicologia como ciência se distingue da variedade de conhecimento do senso comum em vários aspectos. Ela observa e analisa operações mentais com mais cuidado e de modo mais sistemático, usa o método experimental sempre que possível, reúne seus dados factuais de uma variedade mais ampla de fontes e tenta construir um sistema mais adequado de conceitos para compreender esses dados. Qualquer sistema de conceitos dessa espécie só tem valor na medida em que o estudioso o emprega para compreender suas próprias operações mentais ou para entender as ações dos outros. Em larga medida, o estudioso deve

considerar um manual de psicologia simplesmente como um guia para o estudo de sua própria mente...

RELAÇÃO COM OUTRAS CIÊNCIAS. No tocante às suas relações sistemáticas, a psicologia deve ser classificada no grupo biológico de ciências que tratam dos fenômenos dos organismos vivos. O seu maior parentesco é com a fisiologia, já que as duas estão voltadas para o estudo das reações dos organismos animais, não havendo linhas fixas de demarcação entre os dois campos. A psicologia se ocupa das relações adaptativas dos organismos com relação a suas condições ambientais na medida em que essas reações dependem de experiências precedentes. Os fisiologistas revelam pouco interesse sistemático por esse tópico, ocupando-se, na maior parte do

167

tempo, do estudo das atividades vitais. Se a fisiologia for arbitrariamente definida como o estudo das funções orgânicas, a psicologia deverá, naturalmente, ser considerada um ramo especial da fisiologia. Contudo, pouco importa se a psicologia é considerada subordinada à fisiologia ou em pé de igualdade com ela. Na realidade, as duas ciências estudam de fato aspectos distintos da atividade orgânica.

A psicologia reúne materiais de um grande número de campos da atividade humana. Ela se apropria de quaisquer fatos que tenham importância para uma compreensão da mente. Um psicólogo profissional, como é de esperar, tem acesso direto a uma gama muito restrita de fenômenos mentais, razão por que tem de obter seu material de estudo junto a uma grande variedade de fontes. A psicologia incorpora fatos da sociologia, da educação, da neurologia, da fisiologia, da biologia e da antropologia, e espera chegar a ser capaz de tomá-los da bioquímica. A maioria do nosso conhecimento factual acerca da imensa variedade de distúrbios mentais é uma contribuição dos médicos e psiquiatras. Os profissionais de direito fornecem com frequência fatos peculiares sobre a mente e a personalidade. Os vários ramos dos negócios e da indústria oferecem muitos dados sugestivos. Com efeito, dados psicológicos podem ser reunidos a partir de qualquer campo do empreendimento humano.

A psicologia, por sua vez, interessa-se por dar as contribuições que puder a todos os campos afins de pensamento e de ação, como a filosofia, a sociologia, a educação, a medicina, o direito, os negócios e a indústria. É claro que todo conhecimento sobre a natureza humana tem extrema utilidade para qualquer campo de atividade relacionado de algum modo com o pensamento e a ação do homem. Embora a psicologia tenha exercido uma considerável influência sobre alguns desses campos, esse programa prático deve ser considerado uma espécie de ideal, já que a psicologia ainda não alcançou nenhum conhecimento muito adequado ou completo da natureza humana.

O Funcionalismo na Universidade Colúmbia

Como observamos no Capítulo 6, a psicologia funcional, ao contrário da psicologia estrutural, não tem uma abordagem nem uma forma unificadas. Embora o desenvolvimento primordial e a fundação do funcionalismo tenham ocorrido na Universidade de Chicago, outra abordagem foi elaborada na Universidade Colúmbia por Robert Woodworth. Veremos nos Capítulos 8 e 9 que Colúmbia também foi a base acadêmica de dois outros psicólogos de orientação funcionalista: James McKeen Cattell, cujo trabalho sobre os testes mentais personificou o espírito funcionalista americano, e E. L. Thorndike, cujas pesquisas

sobre problemas da aprendizagem animal reforçaram a tendência funcionalista de conseguir maior objetividade.

Robert Sessions Woodworth (1869-1962)

Robert Woodworth não pertenceu formalmente à escola funcionalista na tradição de Angell e Carr. Na verdade, ele não gostava das restrições impostas pela filiação a qualquer escola de pensamento. Escreveu em 1930 que o tipo de psicologia que ele desenvolvia “não aspira a ser uma escola. É isso precisamente o que ela não deseja ser. Pessoalmente, sempre rejeitei que me dissessem, o que acontece de vez em quando, pelo que me lembro, qual o caminho a seguir — o que, na qualidade de psicólogos, deveríamos fazer, e o que a psicologia, na divina ordem das ciências, tem de fazer” (Woodworth, 1930, p. 327). Embora não possa rotular Woodworth de funcionalista no sentido estrito, sua obra cabe num capítulo sobre o funcionalismo americano por ter ele expresso e refletido uma forma livre de funcionalismo que ainda caracteriza a psicologia nos Estados Unidos. Boa parte do que Woodworth disse

168

sobre a psicologia segue o espírito funcionalista da escola de Chicago; mas ele acrescentou um importante ingrediente novo.

Woodworth participou ativamente da psicologia por mais de setenta anos, como pesquisador, mestre estimado, autor e editor. Depois de receber seu grau de bacharel na Amherst College, de Massachusetts, lecionou ciências no curso secundário e matemática numa pequena faculdade. Durante esse período, de acordo com o seu relato, passou por duas experiências que mudaram a sua vida. Em primeiro lugar, assistiu a uma palestra do respeitado psicólogo

G. Stanley Hall e, em segundo, leu *Princípios de Psicologia*, de William James. Nesse momento, descobriu que tinha de ser psicólogo. Inscreveu-se em Harvard, onde obteve o mestrado, e terminou o Ph.D. em 1899, em Colúmbia, sob a orientação de Cattell. Woodworth ensinou fisiologia em hospitais da cidade de Nova York por três anos, tendo passado mais um trabalhando com o fisiologista Charles Scott Sherrington, na Inglaterra. Em 1903, voltou a Colúmbia, onde permaneceu até a sua primeira aposentadoria, em 1945. Mas era tão popular que continuou a dar aulas para grandes classes até 1958, quando se aposentou de Colúmbia, aos oitenta e nove anos, pela segunda vez.

A lista de publicações de Woodworth é extensa, e o seu trabalho influenciou várias gerações de alunos. Sua posição foi exposta em inúmeros artigos de revista e em *Dynamic Psychology* (Psicologia Dinâmica), de 1918, e em *Dynamics of Behavior* (A Dinâmica do Comportamento), de 1958. Ele escreveu um texto introdutório, *Psychology*, publicado em 1921, que em 1947 já tinha cinco edições e que foi, segundo se diz, o texto mais vendido de psicologia por vinte e cinco anos. Sua obra *Experimental Psychology* (Psicologia Experimental), de 1938 e 1954, também se tornou um clássico. Em 1956, Woodworth recebeu a primeira Medalha de Ouro da Fundação Psicológica Americana por suas “inigualáveis contribuições para a determinação do destino da psicologia científica” como um “integrador e organizador do conhecimento psicológico”.

Woodworth afirmava que a sua abordagem na verdade não era nova, mas era a seguida pelos “bons” psicólogos, mesmo antes de a psicologia se tornar uma ciência. O saber

psicológico deve começar, disse ele, com uma investigação da natureza do estímulo e da resposta, isto é, com eventos exteriores, objetivos. Mas quando a psicologia, ao tentar explicar o comportamento, considera apenas o estímulo e a resposta, deixa de lado o que talvez seja o elemento mais importante — o próprio organismo vivo. O estímulo não é a causa completa de uma resposta particular. O organismo, com seus níveis variáveis de energia e suas experiências presentes e passadas, também age na determinação da resposta.

Assim, de acordo com Woodworth, a psicologia tem de levar em conta o próprio organismo, que se interpõe entre o estímulo e a resposta. Conclui-se disso que o objeto de estudo da psicologia tem de ser tanto a consciência como o comportamento — uma posição mais tarde adotada pelos psicólogos humanistas. O estímulo externo e a resposta manifesta podem ser descobertos pela observação objetiva do comportamento, ao passo que o que ocorre no interior do organismo só pode ser conhecido mediante a introspecção. Assim, Woodworth aceitava esta última como um instrumento útil à psicologia, ao lado dos métodos observacional e experimental.

Woodworth introduziu no funcionalismo uma psicologia dinâmica que parecia uma extensão ou elaboração dos ensinamentos de Dewey e James. (A palavra dinâmica fora usada em 1884 por Dewey e em 1908 por James.) Uma psicologia dinâmica está voltada para a mudança e para a interpretação dos fatores causais da mudança. Como tal, ela se traduz como interesse pela motivação. De fato, Woodworth disse em 1897 que queria desenvolver uma inotivologia.

169

A primeira expressão da posição sistemática de Woodworth é *Dynamic Psychology* (1918), que argumenta em favor de uma psicologia funcional que inclua o tópico da motivação. Embora haja semelhanças entre a posição de Woodworth e a dos funcionalistas de Chicago, ele deu uma ênfase muito maior aos eventos fisiológicos que estão na base do comportamento. Sua psicologia dimin-jica, ou motivologia, dedica-se aos relacionamentos causa-e-efeito. Ele acreditava que o alvo da psicologia deveria ser determinar por que as pessoas se comportam como o fazem, por que sentem e agem de certas maneiras. Logo, seu interesse primordial estava nas forças que impelem ou ativam o organismo humano.

170

Robert Sessions Woodworth defendeu uma abordagem psicológica eclética com ênfase na motivação.

Ao discutir as seqüências causais no comportamento, Woodworth distinguia dois tipos de eventos: mecanismos e impulsos. Um mecanismo vincula-se com o modo pelo qual uma tarefa é realizada, por exemplo, os aspectos mecânicos de um movimento físico. Um impulso vincula-se com o porquê de a tarefa ser realizada. Os mecanismos e impulsos são iguais no sentido de serem respostas do organismo; os mecanismos podem tornar-se impulsos e vice-versa.

Noutro exemplo de distorção de dados na história da psicologia, costuma-se atribuir a Woodworth a introdução do termo impulso. Contudo, uns oito meses antes de ele usar esse termo impresso, John B. Watson o empregara num artigo para o *American Journal of Psychology* (Watson e Morgan, 1917), dando-lhe o mesmo sentido.

A posição de Woodworth era essencialmente eclética. Ele não queria aderir a um único sistema nem queria desenvolver sua própria escola. Seu ponto de vista surgiu não do protesto, mas do desenvolvimento, da elaboração e da síntese, e ele procurava o que havia de melhor em cada sistema de pensamento.

Críticas ao Funcionalismo

Os ataques ao movimento funcionalista surgiram rápida e veementemente dos redutos estruturalistas. E, pela primeira vez, ao menos nos Estados Unidos, a nova psicologia se dividiu em facções beligerantes. Comeu e Chicago se tornaram, respectivamente, o quartel dos acampamentos inimigos estruturalista e funcionalista. Choveram acusações, investidas e contra-investidas entre as universidades, marcadas pelo fanatismo característico daqueles que estão convencidos de que são os donos da verdade.

Uma das críticas feitas ao funcionalismo foi que o próprio termo não era claramente definido. Em 1913, C. A. Ruckmick, aluno de Titchener, examinou quinze compêndios de psicologia geral para determinar de que modo “função” era definida pelos vários autores. Os dois empregos mais comuns eram * ‘uma atividade ou processo’ e ‘um serviço a outros processos ou ao organismo como um todo’. No primeiro emprego, função equivale essencialmente a atividade; por exemplo, lembrar e perceber são funções. No segundo, função é definida em referência à utilidade de alguma atividade do organismo, como a função da digestão ou da respiração. Ruckmick acusou os funcionalistas de às vezes usarem a palavra função para descrever uma atividade e, outras vezes, para se referirem à sua utilidade.

Somente cerca de dezessete anos depois de ser feita, essa acusação de uso incoerente e ambíguo foi rebatida. Escrevendo em 1930, Harvey Carr argumentou que as duas definições não eram incoerentes porque se referiam aos mesmos processos. O funcionalismo se interessava por uma determinada atividade tanto em si mesma (a primeira definição) como em termos do seu relacionamento com outras condições ou atividades (a segunda definição). Ele observou que uma prática semelhante era seguida na biologia. Um historiador, no entanto, sugeriu que “O funcionalismo primeiro usou o conceito, vindo depois a defini-lo; e essa sequência de eventos é característica do movimento... O funcionalismo nunca se dispôs a colocar a definição e a sistematização em primeiro plano” (Heidbreder, 1933, p. 228).

Outra crítica, vinda particularmente de E. B. Titchener, relacionava-se com a definição de psicologia. Os estruturalistas afirmavam que o funcionalismo nada tinha de psicologia, pois não se restringia ao objeto de estudo e à metodologia do estruturalismo. Na opinião de Titchener, qualquer abordagem que não fosse a análise introspectiva da mente em seus elementos não era psicologia. Ora, era essa a definição de psicologia que os funcionalistas questionavam e se empenhavam em substituir.

Outros críticos censuraram o interesse dos psicólogos funcionais por atividades de natureza prática ou aplicada — uma manifestação da antiquíssima controvérsia entre ciência pura e

ciência aplicada. Os estruturalistas não viam com bons olhos a psicologia aplicada. Os funcionalistas, contudo, não se preocupavam em manter a psicologia como ciência pura e nunca pediram desculpas pelos seus interesses práticos. Carr sugeriu que era possível seguir

procedimentos científicos rigorosos tanto em psicologia pura como em psicologia aplicada, e que se podiam fazer pesquisas válidas tanto num laboratório de universidade como numa fábrica, num escritório ou numa sala de aula. É o método, e não o objeto de estudo, segundo Carr, que determina o grau de cientificidade de um campo de investigação. Hoje, essa controvérsia entre ciência pura e aplicada já não chega a extremos na psicologia americana, principalmente porque a psicologia aplicada está muito disseminada. Isso pode ser considerado uma contribuição do funcionalismo, e não um defeito.

Contribuições do Funcionalismo

Como atitude ou perspectiva geral, o funcionalismo se tomou parte da principal corrente da psicologia americana. Sua precoce e vigorosa oposição ao estruturalismo teve um imenso valor para o desenvolvimento da psicologia nos Estados Unidos. Também foram significativas as consequências de longo prazo da transferência da ênfase da estrutura para a função. Um dos resultados disso foi que a pesquisa sobre o comportamento animal, que não fazia parte da abordagem estruturalista, veio a ser elemento fundamental da psicologia.

A psicologia funcionalista, definida em termos amplos, também incorporava estudos de bebês, crianças e retardados mentais. Além disso, o funcionalismo permitia que os psicólogos complementassem o método da introspecção com outras técnicas de obtenção de dados, como a pesquisa fisiológica, os testes mentais, os questionários e as descrições objetivas do comportamento. Todos esses métodos, que eram anátema para os estruturalistas, eram considerados pelos funcionalistas respeitáveis fontes de informação psicológica.

À época da morte de Wundt (1920) e de Titchener (1927), suas abordagens psicológicas tinham sido superadas nos Estados Unidos pela abordagem mais abrangente e prática dos funcionalistas. A vitória funcionalista completou-se perto de 1930, e hoje, nos Estados Unidos, a psicologia é, em alguma medida, de orientação funcional. Mas o funcionalismo não existe hoje como escola distinta de pensamento. Devido ao seu sucesso, já não há necessidade de manter sua característica de escola. Ele deixou sua marca na psicologia americana contempôanea, principalmente em sua ênfase na aplicação dos métodos e das descobertas da psicologia a problemas do mundo real.

Sugestões de Leitura

Allen, O. W., William James: A Biography, Nova York, Viking Press, 1967. Uma vivida e absorvente

biografia de James, baseada em documentos inéditos da família James.

Angell, J. R., "Behavior as a category of psychology", Psychological Review, n 20, pp. 255-270, 1913.

Discute problemas associados com o uso do termo 'consciência' e comenta o valor da consciência

e da introspecção para a psicologia.

"Century of the birth of William James", Psychological Review, na 50, pp. 81-139, 1943. Contém

artigos de Angell, Thorndike, Allport, Dewey e outros sobre a vida e a obra de William James.

Crissman, P., "The psychology of John Dewey", *Psychological Review*, n 49, pp. 441-462, 1942. Faz

uma revisão e uma avaliação de conceitos importantes da abordagem psicológica de Dewey.

Dewey, J., "The need for social psychology", *Psychological Review*, n 24, pp. 266-277, 1917. Discute

a importância da pesquisa em psicologia social para se alcançar um entendimento completo do

comportamento humano.

James, W., *Psychology: Briefer Course*, Nova York, Collier Books, 1962. A versão condensada do

segundo volume dos *Princípios de Psicologia*, adaptado por James para uso em sala de aula. 172

McKinney, F., "Functionalism at Chicago — memories of a graduate student. 1929-1931", *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 14, pp. 142-148, 1978. Descreve os docentes, os alunos,

os trabalhos de curso e o *Zeitgeist* intelectual do departamento de psicologia da Universidade de Chicago.

Myers, O. E., *William James: His Life and Thought*, New Haven, Connecticut, Yale University Press,

1986. Um esboço biográfico de James e da família James, bem como uma exposição das idéias de

James em psicologia e filosofia, mostrando como o seu pensamento mudou ao longo do tempo.

O'Donnell, J. M., *The Origins of Behaviorism: American Psychology, 1870-1920*, Nova York, New York University Press, 1985. Descreve de que modo forças contextuais como pressões sociais, competição econômica e a ascensão da universidade moderna transformaram a psicologia americana, de estudo dos processos conscientes, em ciência do comportamento condicionado; estabelece relações entre tendências filosóficas e científicas do século XIX e as formulações americanas do estruturalismo, do funcionalismo e do comportamentalismo.

Raphelson, A. C., "The pre-Chicago association of the early functionalists", *Journal of the History of*

the Behavioral Sciences, n 9, pp. 115-122, 1973. Uma descrição geral da obra de John Dewey e do

seu impacto sobre o desenvolvimento da psicologia funcional na Universidade de Chicago.

Thorne, F. C., “Reflections on the Golden Age of Columbia’s psychology”, *Journal of the History of*

the Behavioral Sciences, sé 12, pp. 159-165, 1976. Descreve o corpo docente e a orientação de

pesquisa do departamento de psicologia da Universidade Colúmbia entre 1920 e 1940.

173

8

O Legado do Funcionalismo: A Psicologia Aplicada

O Desenvolvimento da Psicologia nos Estados Unidos Walter Dill Scott (1869-1955)

A Vida de Scott

Influências Contextuais sobre a Psicologia Aplicada Publicidade e Seleção de Pessoal

Oranville Stanley Hall (1844-1924) Hugo Münsterberg (1863-1916)

A Vida de Hall A Vida de Münsterberg

A Evolução como Estrutura para o Desenvolvimento Humano A Psicologia Forense e Outras Aplicações

Especialidades na Psicologia Aplicada

James McKeen Cattell (1860-1944) O Movimento dos Testes Psicológicos

A Vida de Cattell A Psicologia Industrial/Organizacional

Os Testes Mentais A Psicologia Clínica

Lightner Witmer (1867-1956) Comentário

A Vida de Witmer

A Clínica Psicológica

O Desenvolvimento da Psicologia nos Estados Unidos

Vimos que a doutrina da evolução e a psicologia funcional dela derivada rapidamente dominaram os Estados Unidos, perto do final do século passado, e que a psicologia americana foi orientada muito mais pelas idéias de Darwin e Galton do que pelo trabalho de Wundt. Foi um curioso e até paradoxal fenômeno histórico. Wundt treinou boa parte dos membros da primeira geração de psicólogos americanos em sua forma de psicologia, incluindo-se aí Hall, Cattell, Witmer, Scott e Münsterberg. Contudo, “poucos elementos do sistema de psicologia de Wundt sobreviveram à passagem de retomo pelo Atlântico com os jovens americanos que tinham ido para o exterior” (Blumenthal, 1977, p. 13). Quando voltaram aos Estados Unidos, esses alunos de Wundt, esses novos psicólogos, se puseram a estabelecer uma psicologia que pouco se assemelhava ao que Wundt lhes tinha ensinado. A nova ciência, mais ou menos como uma espécie viva, adaptava-se ao seu novo ambiente.

muito tempo no clima intelectual americano, no *Zeitgeist* da América, em sua forma original; por isso, transformaram-se no funcionalismo. Eles não eram tipos práticos de psicologia, não tratavam da mente em uso e não podiam ser aplicados às exigências cotidianas e aos problemas da vida. A cultura americana tinha uma orientação prática, pragmática; as pessoas valorizavam o que funcionava. Era necessária uma forma de psicologia utilitária, que arregaçasse as mangas. “Precisamos de uma psicologia usável”, escreveu G. Stanley Hall, o decano da psicologia aplicada americana. “Os pensamentos wundtianos nunca poderão se aclimatar aqui, pois são antipáticos ao espírito e ao temperamento americanos” (Hall, 1912, p. 414).

Os psicólogos americanos recém-treinados retomaram da Alemanha e, à maneira típica mente direta e agressiva da América, transformaram a espécie peculiarmente germânica de psicologia. Começaram a estudar não o que a mente é, mas o que faz. Enquanto alguns psicólogos americanos — James, Angell e Carr em especial — desenvolviam a abordagem funcionalista em laboratórios acadêmicos, outros a aplicavam em ambientes extra-universitários. Assim, a guinada para um tipo prático de psicologia ocorria ao mesmo tempo que o funcionalismo era fundado como escola distinta de pensamento formal.

Os psicólogos aplicados levaram sua psicologia para o mundo real, para as escolas, fábricas, agências de publicidade, tribunais, clínicas de orientação infantil e centros de saúde mental, e fizeram dela algo funcional em termos de objeto de estudo e de uso. Com isso, modificaram a natureza da psicologia americana tão radicalmente quanto os fundadores acadêmicos do funcionalismo. A literatura profissional da época reflete o seu impacto. Na virada do século, 25% das comunicações de pesquisa publicadas nas revistas psicológicas americanas eram a respeito de psicologia aplicada, e menos de 3% envolviam introspecção (O'Donnell, 1985). As abordagens de Wundt e Titchener, que há tão pouco tempo constituíam a nova psicologia, iam sendo superadas com rapidez por uma psicologia mais nova ainda.

A disciplina desenvolveu-se e prosperou nos Estados Unidos enquanto o país como um todo também passava por esse processo. O vibrante e dinâmico crescimento da psicologia americana no período 1880-1900 é um evento marcante na história da ciência. Em 1880, não havia laboratórios nos EUA; perto de 1895, havia vinte e seis, e eles estavam melhor equipados do que os da Alemanha. Em 1880, não havia revistas americanas de psicologia; em 1895, havia três. Em 1880, os americanos tinham de ir à Alemanha para estudar psicologia; em 1900, eles tinham programas de graduação em casa. Por volta de 1903, o número de Ph.D.s em psicologia nas universidades americanas só perdia para os conferidos em química, zoologia e física. A publicação britânica *Who's Who in Science* (1913) afirmou que os Estados Unidos lideravam na psicologia, havendo no país um número maior de psicólogos notáveis — oitenta e quatro — do que na Alemanha, na Inglaterra e na França juntas (Joncich, 1968).

Passados pouco mais de vinte anos do início da psicologia na Europa, os psicólogos americanos assumiram a liderança incontestável do campo. James McKeen Cattell afirmou, em seu discurso de posse na presidência da Associação Psicológica Americana, em 1895, que “o crescimento acadêmico da psicologia na América nos últimos cinco anos é quase

sem precedentes... A psicologia é matéria obrigatória do currículo de graduação... e, entre os cursos universitários, a psicologia hoje rivaliza com as outras ciências principais em número de alunos e na quantidade de trabalhos originais realizados” (Cattell, 1896, p. 134).

A psicologia fez sua estréia americana, diante de um público ávido, na Feira Mundial de Chicago de 1893. Num programa que lembrava o Laboratório Antropométrico de Francis Galton na Inglaterra, os psicólogos organizaram exposições de aparelhos de pesquisa e um laboratório de testes em que, mediante uma taxa, os visitantes podiam ter suas capacidades medidas. Uma exposição mais ampla foi feita na Exposição de Compras da Louisiana, em St. Louis, Missouri, em 1904. Esse “evento povoado de astros” apresentou conferências dos

175

principais psicólogos da época — E. B. Titchener, de Cornell; C. Lloyd Morgan, Pierre Janet, G. Stanley Hall e um novo Ph.D. chamado John B. Watson (Benjamin, 1986). Wundt não teria aprovado essa popularização da psicologia, e nada parecido com isso ocorreu na Alemanha. Popularizar a psicologia refletia o temperamento americano, que tinha modificado tão substancialmente a psicologia wundtiana, tornando-a psicologia funcional e estendendo-a bem além do laboratório.

Portanto, a América acolheu a psicologia com entusiasmo, e essa disciplina logo se firmou nas aulas das faculdades e na vida cotidiana das pessoas. O seu alcance é hoje bem mais amplo do que os seus fundadores podiam imaginar — ou desejar.

Influências Contextuais sobre a Psicologia Aplicada

O *Zeitgeist* americano, o espírito intelectual e o temperamento da época, ajudou a promover o surgimento da psicologia aplicada. Mas forças contextuais mais práticas também foram responsáveis pelo seu desenvolvimento. No Capítulo 1, vimos como fatores econômicos afastaram o foco da psicologia americana, da pesquisa pura, para a aplicação. Vimos que, enquanto o número de laboratórios de psicologia crescia perto do final do século XIX, o número de doutores americanos em psicologia crescia numa velocidade três vezes maior. Muitos desses Ph.D.s, em especial os que não dispunham de uma fonte independente de renda, tinham de olhar para além da universidade para sobreviver economicamente.

O psicólogo Harry Hollingworth (1880-1956), por exemplo, não conseguia viver com o salário anual de 1.000 dólares que recebia por suas aulas no Barnard College da cidade de Nova York para complementá-lo, dava aulas em outras universidades e era inspetor de exames por meio dólar a hora. Fazia palestras de psicologia para executivos da área de publicidade e fazia tudo o que considerava capaz de lhe dar condições de ter uma vida dedicada à pesquisa e às atividades acadêmicas. Contudo, descobriu que sua única opção para viver era dedicar-se à psicologia aplicada (Benjamin, Rogers e Rosebaum, 1991).

Hollingworth não foi um caso isolado. Outros pioneiros da psicologia aplicada também foram motivados pela necessidade econômica. Isso não quer dizer que eles não considerassem esse trabalho prático, estimulante e desafiador. A maioria o considerava, além de reconhecer que o comportamento humano e a vida mental podiam ser estudados, em ambientes do mundo real, com a mesma eficácia com que eram estudados nos

laboratórios acadêmicos. Deve-se observar que alguns desses psicólogos se empenharam em campos aplicados a partir de um interesse genuíno e de um desejo de trabalhar na área. Permanece contudo o fato de muitos membros da primeira geração de psicólogos aplicados americanos terem sido compelidos a abandonar seus sonhos de pesquisa experimental pura como única alternativa a uma vida de pobreza.

A situação era ainda pior para os que davam aulas nas universidades estaduais, menos dotadas de recursos, do Meio-Oeste e do Oeste, na virada do século. Perto de 1910, um terço dos psicólogos americanos trabalhavam nelas e, com o aumento do número de profissionais nessas condições, cresceram as pressões para que eles se voltassem para problemas práticos e, assim, provassem o valor financeiro da psicologia.

Em 1912, Christian A. Ruckmick fez um levantamento entre os colegas psicólogos e concluiu que a psicologia, apesar de sua popularidade junto aos alunos, não tinha uma boa imagem nas instituições de ensino americanas. Os fundos a ela dedicados e os equipamentos que lhe eram fornecidos eram deficientes, havendo apenas uma pequena esperança de melhoria no futuro (Leary, 1987). A melhor maneira possível de remediar a situação — a fim de aumentar os orçamentos e salários departamentais — era demonstrar aos administradores universitários e legisladores estaduais que a ciência psicológica podia ajudar a curar muitos males sociais.

176

G. Stanley Hall aconselhou um colega do Meio-Oeste a fazer a influência da psicologia ser sentida ‘fora da universidade, evitando que algum homem ou partido irresponsável, dado ao sensacionalismo, a criticasse no legislativo’. Cattell incitou seus colegas a “fazer aplicações práticas e desenvolver uma profissão de psicologia aplicada” (O’Donnell, 1985, pp. 215,221).

A solução, portanto, era evidente: tomar a psicologia mais valiosa mediante sua aplicação. Mas aplicá-la a quê? Felizmente, a resposta logo se tomou clara: as matrículas nas escolas públicas sofriam um crescimento dramático; entre 1870 e 1915, o número de alunos matriculados elevou-se de sete para vinte milhões. A quantidade de dinheiro gasta na educação pública no período passou de 63 para 605 milhões (Siegel e White, 1982). A educação de repente se tomava um grande negócio e chamou a atenção dos psicólogos.

Hall proclamou em 1894 que “o campo principal e imediato de aplicação da [era a educação]” (Leary, 1987, p. 323). Mesmo William James, que não podia ser considerado um psicólogo aplicado, escreveu um livro sobre o uso da psicologia em situações de sala de aula (James, 1899). Perto de 1910, mais de um terço dos psicólogos americanos se mostravam interessados pela aplicação da disciplina a problemas educacionais. Três quartos dos que se intitulavam psicólogos aplicados já trabalhavam na área. A psicologia encontrara o seu lugar no mundo real.

Discutiremos neste capítulo as carreiras e as contribuições de cinco pioneiros no campo da psicologia aplicada; eles estenderam a nova ciência não apenas à educação, mas também aos negócios e à indústria, aos centros de testes, aos tribunais e às clínicas de saúde mental. Esses cinco homens tinham sido treinados em Leipzig por Wilhelm Wundt para se tornarem psicólogos acadêmicos puros; todos, contudo, se afastaram dos ensinamentos do mestre quando iniciaram a carreira em universidades americanas. São exemplos notáveis de como a psicologia americana veio a ser influenciada mais por Darwin e C3alton do que por

Wundt, e de como a abordagem wundtiana foi reformulada quando do seu transplante para o solo americano.

Depois de examinar a obra desses destacados profissionais, descreveremos os primórdios de três áreas importantes da psicologia aplicada: os testes psicológicos, a psicologia industrial/organizacional e a psicologia clínica.

Granville Stanley Hall (1844-1924)

Embora William James tenha sido o primeiro grande psicólogo americano, o explosivo desenvolvimento da psicologia nos Estados Unidos entre 1880 e 1900 não resultou apenas do

seu trabalho. Outra figura notável na história da psicologia americana foi Granville Stanley Hall.

A carreira psicológica de Hall foi uma das mais interessantes e variadas. Hall trabalhava com arroubos de energia e entusiasmo em várias áreas, que logo deixava, entregando os detalhes à investigação de outros. Não foi um fundador do funcionalismo, mas as suas contribuições aos novos campos e atividades da psicologia aplicada tinham um pronunciado sabor funcional.

A psicologia americana tem uma dívida com Hall em virtude da sua notável coleção de primeiros lugares. Foi ele quem recebeu o primeiro grau de doutor em psicologia da América e afirmava ter sido o primeiro aluno americano do primeiro ano do primeiro laboratório de psicologia. (Novos dados da história revelam que ele foi, na verdade, o segundo; ver Benjamin, Acord, Durkin, Link e Vestal, 1992.) Hall deu início ao que muitos consideram o primeiro laboratório de psicologia dos Estados Unidos e fundou a primeira revista americana de psicologia. Foi o primeiro presidente da Universidade Clark, o organizador e primeiro presidente da Associação Psicológica Americana e um dos primeiros psicólogos aplicados.

177

A Vida de Hall

G. Stanley Hall nasceu numa fazenda de Massachusetts e desde cedo desenvolveu uma sucessão de interesses que mais tarde caracterizariam a sua vida. Também era característica sua grande ambição. Aos catorze anos, jurou deixar a fazenda e ‘fazer e ser algo no mundo’... Seu mais intenso medo na adolescência era o da mediocridade” (Ross, 1972, p. 12). Em 1863, ingressou no Willliams Coliege. Ao graduar-se, Hall já acumulava várias honrarias e tinha desenvolvido um entusiasmo pela filosofia, pela teoria evolutiva em especial, o que iria influenciar sua carreira na psicologia.

Em 1867, inscreveu-se no Seminário Teológico União, de Nova York, embora não tivesse grande vocação para ministro. Seu interesse pela evolução em nada ajudava, além de ele não se fazer notar por uma ortodoxia religiosa. Diz a história que, quando Hall fez seu sermão de prova diante de professores e alunos, o presidente do Seminário ajoelhou-se e rezou pela sua alma.

A conselho do pregador Heniy Ward Beecher, Hall foi para a Universidade de Bonn, Alemanha, estudar filosofia e teologia. Dali, foi a Berlim, onde fez estudos no campo da

fisiologia e da física. Essa fase da sua educação foi complementada por interlúdios românticos e pela frequência assídua a cervejarias e teatros, experiências essas que, para um jovem de formação puritana, exigiam coragem. Ele se referiu a sua surpresa e alegria ao ver um dos seus professores de teologia tomando cerveja num domingo. O tempo que Hall permaneceu na Europa foi para ele uma época de liberação.

Voltou para casa em 1871, com vinte e sete anos, nenhum grau e uma grande dívida. Obteve o diploma em teologia e pregou numa igreja rural de Cowdersport, Pensilvânia, por... dez semanas. Depois de ser preceptor por mais de um ano, Hall conseguiu um cargo de professor no Antioch College, de Ohio. Ensinava literatura inglesa, língua e literatura francesa e alemã, e filosofia; servia como bibliotecário, dirigia o coro e pregava na capela. Em 1874, depois de ler *Psicologia Fisiológica*, de Wundt, teve despertado seu interesse pela nova ciência, o que o deixou meio indeciso sobre sua carreira. Tirou uma licença do Antioch, instalou-se em Cambridge, Massachusetts, e tornou-se instrutor de inglês em Harvard.

Além de dedicar-se ao trabalho monótono e cansativo de ensinar inglês a calouros, Hall estudava e fazia pesquisas na escola médica. Em 1878, apresentou sua dissertação sobre a percepção muscular do espaço e recebeu o primeiro grau em psicologia dos Estados Unidos. Ele chegou a conhecer muito bem William James, mas os dois homens, embora próximos em idade, eram muito distantes em formação e temperamento.

Tão logo se doutorou, Hall foi para a Europa; lá, estudou fisiologia em Berlim e foi aluno de Wundt em Leipzig. A expectativa de trabalhar com Wundt foi, ao que parece, melhor do que a realidade. Embora Hall fosse às palestras do mestre e cumprisse suas obrigações de sujeito do laboratório, suas pesquisas seguiam linhas mais fisiológicas, e sua carreira ulterior demonstra que Wundt, em última análise, teve pouca influência sobre ele. Quando voltou à América em 1880, Hall não tinha perspectiva de emprego; contudo, num espaço de dez anos, tornou-se uma figura de renome nacional.

Hall reconheceu, ao retomar da Alemanha, que a melhor oportunidade de satisfazer a sua ambição estava em aplicar a psicologia à educação. Em 1882, fez uma palestra numa reunião da National Education Association (Associação Nacional de Educação — NEA), em que insistia para que se fizesse do estudo psicológico da criança um componente nuclear da profissão de docente. Ele repetia essa mensagem em todas as oportunidades, e isso logo levou ao primeiro passo de sua rápida saída da obscuridade. O presidente de Harvard o convidou a fazer uma série de palestras sobre educação nas manhãs de sábado. Essas conferências bem

179

recebidas deram a Hall muita publicidade favorável, e um convite para lecionar em tempo parcial na Universidade Johns Hopkins, estabelecida há seis anos como a primeira escola de graduação dos Estados Unidos.

As palestras de Hall foram um grande sucesso e lhe valeram o cargo de professor efetivo da Hopkins em 1884. No tempo que ali passou, Hall deu início ao que costuma ser considerado o primeiro laboratório de psicologia da América (formalmente estabelecido em 1883), que ele chamou do seu “laboratório de psicofisiologia” (Pauly, 1986, p. 30). Foi professor de alguns alunos que se tornariam psicólogos proeminentes, incluindo John Dewey e James McKeen Cattell. Em 1887, Hall fundou a *American Journal of Psychology*,

a primeira revista de psicologia dos Estados Unidos, ainda hoje uma publicação importante. Essa revista servia de plataforma de idéias teóricas e experimentais, e funcionava como eixo de solidariedade e independência para os psicólogos americanos. Numa explosão de entusiasmo, Hall imprimiu uma quantidade excessiva de exemplares do primeiro número; ele e a revista precisaram de cinco anos para cobrir esses custos iniciais.

Em 1888, Hall tomou-se o primeiro presidente da Universidade Clark em Worcester, Massachusetts. Antes de assumir o cargo, fez uma longa viagem para estudar em universidades européias e contratar professores para a sua nova escola. A viagem serviu também a outro propósito. ‘Hall parece ter considerado a viagem uma combinação de Grand Tour e férias remuneradas por trabalhos ainda não começados... ela incluiu algumas paradas totalmente irrelevantes do ponto de vista da tarefa que ele iria realizar, tais como academias militares russas, antigos sítios históricos gregos e o roteiro-padrão de bordéis, circos e curiosidades’ (Koelsch, 1987, p. 21).

Hall desejava fazer de Clark uma universidade nos moldes da Johns Hopkins e das universidades alemãs, com ênfase primordial na pesquisa, e não no ensino. Infelizmente, o fundador — o abastado comerciante Jonas (Silman) Clark — tinha idéias diferentes e não forneceu tanto dinheiro quanto Hall esperava. Com a morte de Clark em 1900, a dotação foi dedicada à fundação de uma faculdade tradicional, a que Hall se opunha, mas que Clark há muito tempo defendia.

Hall tornou a Universidade Clark mais receptiva a mulheres e a grupos minoritários do que a maioria das escolas dos Estados Unidos na época. Embora partilhassem da oposição nacional à co-educação para graduandos, admitia mulheres à graduação. Também teve a incomum iniciativa de encorajar estudantes asiáticos (japoneses em especial) a se inscreverem em Clark, e teve o gesto inédito de estimular os afro-americanos a entrar no programa de graduação. O primeiro americano negro a obter um Ph.D. em psicologia, Francis Sumner, estudou com Hall. Hall se recusou a impor restrições à contratação de judeus como professores, numa época em que a maioria das instituições não os contratava (Guthrie, 1976; Sokal, 1990).

Além de presidente, ele era professor de psicologia e deu aulas na graduação por vários anos. Hall ainda encontrou tempo para fundar, às suas próprias custas, em 1891, a revista *Pedagogical Seminary* (hoje *Journal of Genetic Psychology*), para servir de veículo a pesquisas sobre o estudo das crianças e de psicologia educacional. Em 1915, fundou a *Journal of Applied Psychology*, elevando o número de revistas psicológicas americanas a dezesseis.

A Associação Psicológica Americana (APA) foi fundada em 1892, principalmente graças aos esforços de Hall. A convite seu, cerca de uma dúzia de psicólogos se reuniram em seu gabinete para planejar a organização e o elegeram o primeiro presidente. Por volta de 1900, o grupo tinha 127 membros.

O interesse de Hall pela religião persistiu. Fundou a *Journal of Religious Psychology* (1904), que só durou uma década. Em 1917, publicou um livro intitulado *Jesus, the Christ*, ia

the Light of Psychology (Jesus, o Cristo, à Luz da Psicologia). Sua descrição de Jesus como

uma espécie de “super-homem adolescente” não foi bem recebida pela religião oficial (Ross, 1972, p. 418).

A psicologia prosperou em Clark sob a direção de Hall. Durante seus trinta e seis anos ali, foram conferidos oitenta e um doutorados em psicologia. Seus alunos se lembram dos seminários noturnos cansativos, mas estimulantes, realizados às segundas-feiras em sua casa; neles, os doutorandos eram questionados pelos docentes e pelos colegas. No final das reuniões, que duravam até quatro horas, um criado trazia uma gigantesca porção de sorvete.

Os comentários de Hall sobre os textos dos alunos costumavam ser devastadores. ‘Hall resumia as coisas’, lembra-se Lewis Terman, “com uma erudição e uma imaginação fértil que sempre nos espantavam e nos faziam sentir que sua percepção imediata do problema ia imensuravelmente além da do aluno que lhe dedicara vários meses de trabalho intenso.” E quando as sessões terminavam, Terman “sempre ia para casa atordoado e intoxicado, tomava um banho quente para acalmar os nervos e ficava acordado durante horas rememorando a cena e formulando as coisas inteligentes que deveria ter dito e não dissera” (Sokal, 1990, p. 119).

Os graduandos de certo modo adoravam Hall. Um deles se lembrou recentemente da impressão que tinha de Hall há setenta anos. “Hall era um homem de compleição forte, com O laboratório de psicologia de Hall na Universidade Johns Hopkins é considerado o primeiro laboratório dos Estados Unidos.

181

mais de 1,80 m de altura. Era visto freqüentemente com seu cortador manual de grama ao longo do declive que ia do jardim da frente de sua casa até a calçada... Percorrendo com facilidade a parte superior da inclinação, com a mão esquerda no bolso, ele manipulava o cortador para cima e para baixo com a direita, num sucessivo empurrar e puxar vigoroso de uma extremidade da elevação à outra, o que dava uns bons trinta metros de distância. Às vezes, enquanto ia andando, mantinha conversa com um aluno que caminhava pela calçada ao seu lado” (Averili, 1990, p. 125).

Favorável a estimular estudantes brilhantes, desde que mostrassem a deferência adequada, Hall era capaz de ser generoso e de dar apoio. Num certo momento, podia-se dizer que a maioria dos psicólogos americanos estivera associada com Hall na Clark ou na Johns Hopkins, embora ele não fosse a fonte primordial de inspiração para todos eles. Talvez sua influência pessoal se reflita melhor no fato de um terço dos seus alunos de doutorado terem terminado por ser administradores universitários como ele.

Hall foi um dos primeiros americanos a se interessar pela psicanálise, sendo bastante responsável pela atenção que ela logo recebeu nos Estados Unidos. Em 1909, para celebrar o vigésimo aniversário de fundação da Clark, ele convidou Sigmund Freud e Carl Jung para uma série de conferências, um convite corajoso devido à suspeita com que a psicanálise era recebida. Hall também convidou seu ex-professor Wilhelm Wundt, que recusou por causa da idade — e porque ia ser o principal orador no aniversário de 500 anos de sua própria universidade.

Hall continuou a escrever depois da sua aposentadoria em 1920. Faleceu quatro anos mais tarde, poucos meses depois de ser eleito para um segundo mandato como presidente da APA. Depois da sua morte, foi feita uma pesquisa entre os membros da APA para avaliar as contribuições de Hall à psicologia. Dentre as 120 pessoas que responderam, 99 colocaram Hall entre os dez maiores psicólogos do mundo. Muitos louvaram sua capacidade didática, seus esforços para promoção da psicologia e seu desafio à ortodoxia, mas, assim como outros que o conheceram, criticaram suas qualidades pessoais. Ele foi descrito como de difícil trato, não confiável, inescrupuloso, cheio de rodeios e agressivamente voltado para sua autopromoção. William James disse um dia que Hall era a “mais estranha mistura de grandeza e pequenez que eu já vi” (Myers, 1986, p. 18). Mesmo seus críticos, contudo, concordariam com o julgamento da pesquisa da APA: “levou à produção de mais textos e à realização de mais pesquisas do que quaisquer outros três profissionais da área juntos” (Koelsch, 1987, p. 52).

A Evolução como Estrutura para o Desenvolvimento Humano

Embora Hall tivesse interesse por muitas áreas, seus devaneios intelectuais tinham um único tema orientador: a teoria da evolução. Seu trabalho acerca de uma variedade de tópicos psicológicos era norteado pela convicção de que o desenvolvimento normal da mente envolve uma série de estágios evolutivos. Assim, Hall empregou a teoria da evolução como estrutura para amplas especulações teóricas e aplicadas. Ele contribuiu mais para a psicologia educacional do que para a psicologia experimental, na qual se concentrou somente nas primeiras fases de sua carreira. Concordando com a importância do método experimental para a psicologia, ele, no entanto, ficava impaciente com suas limitações. Para os objetivos e esforços mais gerais de Hall, o trabalho de laboratório no âmbito da nova psicologia parecia muito restrito.

Chamam-no freqüentemente de psicólogo genético, por causa do seu interesse pelo desenvolvimento humano e animal, e pelos problemas correlatos da adaptação. Em Clark, o geneticismo de Hall levou-o ao estudo psicológico da infância, que ele transformou no cume de sua psicologia. Numa palestra feita na Feira Mundial de Chicago de 1893, ele disse: “Até agora, fomos à Europa buscar a nossa psicologia. A partir deste momento, tomemos uma

182

criança, coloquemo-la em nosso meio e deixemos que a América faça sua própria psicologia” (Siegel e White, 1982, p. 253). Hall pretendia aplicar sua psicologia ao funcionamento da criança no mundo real. Como bem observou um ex-aluno seu, “A criança se tornou, por assim dizer, seu laboratório” (Averili, 1990, p. 127).

Em seus estudos sobre a criança, Hall fez amplo uso de questionários, técnica aprendida na Alemanha. Por volta de 1915, ele e seus alunos tinham desenvolvido e usado 194 questionários cobrindo muitos tópicos (White, 1990). Era tão amplo o seu uso de questionários que, por algum tempo, o método esteve associado, nos Estados Unidos, com o nome de Hall, embora a técnica tivesse sido desenvolvida antes por Francis Galton.

Esses primeiros estudos sobre as crianças geraram um grande entusiasmo público, levando à criação do chamado movimento de estudo da criança. Embora tenha desaparecido em uns poucos anos por causa de pesquisas malfeitas, o movimento serviu para deixar estabelecida

a importância, tanto do estudo empírico da criança, como do conceito de desenvolvimento psicológico.

A mais influente obra de Hall é o extenso (cerca de mil e trezentas páginas) livro em dois volumes *Adolescence: Its Psychology, and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion, and Education* (A Adolescência Sua Psicologia e Suas Relações com a Fisiologia, a Antropologia, a Sociologia, o Sexo, o Crime, a Religião e a Educação), publicado em 1904. Essa enciclopédia contém a mais completa sistematização da teoria de recapitulação de Hall, sobre o desenvolvimento psicológico. Ele acreditava que as crianças repetem, em seu desenvolvimento pessoal, a história de vida da raça humana. Quando brincam de índios e caubóis, por exemplo, as crianças repetem ou resumem a história dos seres primitivos. O livro incluía muito material de interesse para psicólogos infantis e educadores, tendo passado por várias reedições, uma delas vinte anos depois de sua publicação inicial.

Adolescence também causou controvérsia porque alguns consideravam haver nele uma excessiva concentração no sexo. Hall foi acusado de lascívia. Numa resenha do livro, o psicólogo E. L. Thorndike escreveu que “os atos e sentimentos, normais e mórbidos, resultantes do sexo são discutidos de um modo sem precedentes na ciência inglesa”. Thorndike foi muito mais crítico numa carta a um colega, onde disse que o livro de Hall era “um choque cheio de erros, de masturbação e de Jesus. O homem é um louco” (Ross, 1972, p. 385). Na época, Hall fazia uma série de palestras semanais sobre sexo em Clark. Era um ato escandaloso, embora ele não tivesse permitido a presença de mulheres. Ele acabou por desistir das palestras porque “muita gente de fora se havia infiltrado e alguns até ouviam sub-repticiamente à porta” (Koelsch, 1970, p. 119).

Muitos psicólogos se sentiam incomodados com o entusiasmo de Hall pelo sexo. “Não há como afastar Hall desse maldito sexo?”, escreveu Angell a Titchener. “Eu na verdade acho que é ruim, moral e intelectualmente, tocar tanto a tecla sexual” (Boakes, 1984, p. 163). Eles não precisavam se preocupar; o produtivo e enérgico Hall logo se interessou por outra coisa.

Ao envelhecer, Hall naturalmente se interessou por um estágio ulterior do desenvolvimento: a velhice. Aos setenta e oito anos, publicou o livro em dois volumes *Senescence* (Senescência), em 1922. Foi a primeira pesquisa de natureza psicológica em larga escala sobre questões geriátricas. Nos últimos anos de vida, ele também escreveu duas autobiografias. *Recreations of a Psychologist* (Recreações de um Psicólogo), em 1920, e *The Life and Confessions of a Psychologist* (Vida e Confissões de um Psicólogo), em 1923.

G. Stanley Hall foi um dia apresentado a um auditório como ‘o Darwin da mente’, uma caracterização que com certeza o agradou e exprimia vividamente suas aspirações e a atitude básica que permeava sua obra. A outro auditório foi apresentado como “a maior autoridade mundial no estudo da criança”. Dizem que ele afirmou que o elogio estava correto (Koelsch, 1987, p. 58). Ao longo de sua vida, manteve-se versátil e ágil. Seu entusiasmo aparentemen

te ilimitado era ousado, diversificado e não-técnico, e talvez seja essa característica que fez dele uma personalidade tão estimulante e influente.

Em sua segunda autobiografia, Hall escreveu: ‘Toda a minha vida consciente ativa foi formada por uma série de manias ou excessos, alguns fortes, alguns fracos; alguns duradou

ros... e outros efêmeros” (Hall, 1923, pp. 367-368). Perspicaz observação. Hall era vivaz, agressivo, quixotesco, sempre às turras com os colegas, mas nunca enfadonho. Ele uma vez observou que Wilhelm Wundt preferia ser banal a estar brilhantemente errado. Talvez Hall preferisse estar brilhantemente errado a ser banal.

James McKeen Cattell (1 860-1 944)

O espírito funcionalista da psicologia americana também foi bem representado na vida e na obra de James McKeen Cattell, que influenciou o movimento em prol de uma abordagem prática e orientada para os testes no estudo dos processos mentais. A psicologia de Cattell voltou-se mais para as capacidades humanas do que para o conteúdo consciente e, nesse aspecto, ele se aproxima muito de um funcionalista. Tal como Hall e William James, ele nunca se associou formalmente com o movimento, mas tipificou o espírito funcionalista americano em sua ênfase nos processos mentais em termos de sua utilidade para o organismo, bem como em seu desenvolvimento de testes mentais, hoje uma área importante da psicologia aplicada.

A Vida de Cattell

Cattell nasceu em Easton, Pensilvânia. Bacharelou-se em 1880 no Lafayette College, presidido pelo pai. Seguindo o costume de ir à Europa fazer estudos de pós-graduação, Cattell passou primeiro pela Universidade de Göttingen, indo mais tarde para Leipzig estudar com Wilhelm Wundt.

Um ensaio filosófico lhe valeu uma bolsa de estudos na Universidade Johns Hopkins em 1882. Na época, seu principal interesse era a filosofia e, no primeiro semestre que passou em Hopkins, não foram oferecidos cursos de psicologia. Ao que parece, Cattell se interessou pela psicologia por causa de suas próprias experiências com drogas. Ele experimentou várias substâncias: haxixe, morfina, ópio, cafeína, tabaco e chocolate. Considerou os resultados interessantes em termos pessoais e profissionais. Algumas drogas, principalmente o haxixe, o deixavam consideravelmente eufórico, reduzindo a depressão que vinha sentindo. Ele também observou os efeitos das drogas no seu funcionamento mental.

“Vi-me fazendo brilhantes descobertas científicas e filosóficas”, confidenciou ele ao seu diário; “meu único medo era não conseguir me lembrar delas pela manhã.” Um mês depois, ele escreveu: “A leitura ficou desinteressante. Continuei a ler sem prestar muita atenção. É preciso um longo tempo para escrever uma palavra. Estou bem confuso” (Sokal, 1981a, pp. 51-52). Mas não estava tão confuso a ponto de deixar de reconhecer a importância psicológica das drogas. Observava o seu próprio comportamento e estado mental com crescente fascínio. “Eu parecia ser duas pessoas”, escreveu, “uma das quais podia observar a outra e até fazer experimentos com ela” (Sokal, 1987, p. 25).

No segundo semestre de Cattell na Johns Hopkins, G. Stanley Hall começou a dar aulas de psicologia, e ele (assim como John Dewey) se inscreveu no curso de laboratório de Hall. Pouco depois, Cattell começou a fazer pesquisas sobre o tempo de reação, que é o tempo necessário para diferentes atividades mentais; esse trabalho reforçou seu desejo de ser psicólogo.

A volta de Cattell a Wundt na Alemanha, em 1883, é objeto de algumas anedotas bem conhecidas na história da psicologia, e servem de exemplos adicionais de como os dados

históricos podem ser distorcidos. Supostamente, Cattell apareceu no laboratório da Universi
184

dade de Leipzig e anunciou a Wundt, pura e simplesmente: “Herr Professor, o senhor precisa de um assistente; e eu vou ser o seu assistente” (Cattell, 1928, p. 545). Cattell deixou claro para Wundt que escolheria o seu próprio projeto de pesquisa, sobre a psicologia das diferenças individuais, tópico que não era relevante para a psicologia wundtiana. Diz-se que Wundt teria caracterizado Cattell e seu projeto como ganz Amerikanisch (“tipicamente americanos”), uma observação profética. O interesse pelas diferenças individuais, um corolário natural do ponto de vista evolutivo, foi desde então uma característica da psicologia americana, e não da alemã.

185

Os métodos de James McKeen Cattell, práticos e voltados para os testes, refletiam o espírito da psicologia funcional americana.

Cattell teria dado a Wundt sua primeira máquina de escrever, na qual a maioria dos livros do mestre foram escritos. Por causa desse presente, Cattell foi criticado, jocosamente, por ter “prestado um sério desserviço... ter permitido que Wundt escrevesse duas vezes mais livros do que lhe teria sido possível de outro modo” (Cattell, 1928, p. 545).

Uma cuidadosa e exaustiva pesquisa em arquivos feita pelo historiador Michael M. Sokal, do Instituto Politécnico de Worcester, a respeito das cartas e diários de Cattell, indica que essas histórias são duvidosas. O relato desses eventos por Cattell, escrito muitos anos depois, não é corroborado pela sua correspondência nem por suas anotações no diário à época em que ocorreram. Por exemplo, Sokal (1981) assinala que Wundt tinha Cattell em alta conta e o nomeou seu assistente de laboratório em 1886. Além disso, não há provas de que Cattell quisesse estudar as diferenças individuais na época. Por último, Cattell fez com que Wundt usasse a máquina de escrever, mas não lhe teria dado uma.

Cattell descobriu que não conseguia praticar satisfatoriamente a introspecção wundtiana. Ele era incapaz de fracionar o tempo de reação em várias atividades, como a da percepção ou da escolha, e questionava a possibilidade de alguém conseguir fazê-lo. Essa atitude não agradava a Wundt; em consequência, Cattell fez algumas pesquisas em sua própria sala.

Apesar de suas divergências, Wundt e Cattell concordavam sobre o valor do estudo do tempo de reação. Cattell acreditava que isso tinha utilidade para o estudo das várias operações mentais e para as pesquisas sobre as diferenças individuais. Muitos estudos hoje clássicos sobre o tempo de reação foram realizados por Cattell nos seus três anos em Leipzig, e ele publicou vários artigos sobre o assunto antes de partir.

Tendo obtido o doutorado em 1886, Cattell voltou aos Estados Unidos e foi dar aulas de psicologia no Bryn Mawr College e na Universidade da Pensilvânia. Depois foi trabalhar em Cambridge, Inglaterra, onde conheceu Francis Galton. Os dois tinham interesses e concepções semelhantes acerca das diferenças individuais, e Galton, então no auge da fama, ampliou os horizontes de Cattell. “Galton forneceu a Cattell um objetivo científico — a medida das diferenças psicológicas entre as pessoas” (Sokal, 1987, p. 27). Cattell admirava a versatilidade de Galton e sua ênfase na medição e na estatística. Por isso, Cattell foi mais tarde um dos primeiros psicólogos americanos a acentuar a quantificação, a hierarquização e a atribuição de graus, embora fosse pessoalmente “analfabeto em

matemática — somava e subtraía, muitas vezes, com imprecisão” (Sokal, 1987, p. 37). Desenvolveu o método da ordem de mérito (também chamado método de classificação), que é muito usado em psicologia, e foi o primeiro psicólogo a ensinar a análise estatística de resultados experimentais.

Wundt não era favorável ao uso de técnicas estatísticas. Logo, foi a influência de Galton sobre Cattell que levou a nova psicologia americana a se parecer mais com o trabalho de Galton do que com o de Wundt. Isso também explica por que os psicólogos americanos começaram a se concentrar em estudos de grandes grupos de sujeitos, que permitiam comparações estatísticas, e não de sujeitos individuais (a abordagem favorecida por Wundt). O impacto inicial dessa mudança se fez sentir na psicologia educacional, a maioria dos resultados de pesquisas publicada nesse campo, entre 1900 e 1910, envolvia dados estatísticos coletados entre grandes amostragens (Danziger, 1987).

Cattell também foi influenciado pela obra de Galton no campo da eugenia. Cattell defendia a esterilização de delinquentes e de “pessoas imperfeitas”, bem como a concessão de incentivos às pessoas mais inteligentes e saudáveis para que elas se casassem entre si. Ele ofereceu a cada um dos seus sete filhos mil dólares se eles se casassem com filhos ou filhas de professores universitários (Sokal, 1971).

Em 1888, Cattell tornou-se professor de psicologia da Universidade da Pensilvânia, nomeação conseguida pelo seu pai. Sabendo que uma cadeira de filosofia bem-remunerada

186

seria criada na universidade, o velho Cattell agiu junto ao reitor da escola, um velho amigo seu, para garantir o posto para o filho. Ele insistiu para que este publicasse mais artigos a fim de aumentar sua reputação profissional e foi pessoalmente a Leipzig conseguir uma carta de recomendação de Wundt. Disse ao reitor que, como sua família tinha recursos, o salário não importava, o que fez Cattell ser contratado com uma remuneração bem baixa (O'Donnell, 1985). Mais tarde Cattell diria, incorretamente, que foi o primeiro professor de psicologia do mundo, quando sua nomeação na realidade foi para filosofia. Ele ficou na Pensilvânia por apenas três anos, deixando-a para ser professor de psicologia e chefe do departamento na Universidade Colúmbia, onde passou vinte e seis anos.

Motivado pela sua insatisfação com a *American Journal of Psychology*, fundou com J. Mark Baldwin, em 1894, a *Psychological Review*. No mesmo ano, Cattell adquiriu de Alexander Graham Bell o semanário *Science*, que estava prestes a deixar de ser publicado por falta de fundos. Cinco anos mais tarde, *Science* tornou-se a revista oficial da Associação Americana para o Progresso da Ciência (AAAS). Em 1906, Cattell iniciou uma série de obras de referência, incluindo *American Men of Science* e *Leaders in Education*. Comprou o *Popular Science Monthly* em 1900; depois de vender o nome em 1915, continuou a publicá-lo como *Scientific Monthly*. Outro semanário, *School and Society*, foi fundado em 1915. O fenomenal trabalho de organização e edição tomava muito tempo de Cattell, não sendo surpreendente que declinasse sua produtividade como pesquisador de psicologia.

Durante sua carreira em Colúmbia, esta foi a faculdade americana que conferiu mais doutorados em psicologia. Cattell enfatizava a importância do trabalho independente e concedia aos alunos considerável liberdade em suas pesquisas. Ele acreditava que um

professor devia ser independente, tanto da universidade como dos alunos, e, para ilustrar sua afirmação, vivia a sessenta quilômetros do campus, perto da academia militar de West Point. Montou um laboratório e um escritório editorial em casa e só ia à universidade em dias certos da semana. Assim, conseguia evitar as freqüentes distrações, comuns à vida acadêmica.

Esse distanciamento foi apenas um dos vários fatores que tornaram tensas suas relações com a administração universitária. Ele exigia uma crescente participação docente nos assuntos universitários, dizendo que muitas decisões cabiam aos professores e não aos administradores. Com esse objetivo, ajudou a fundar a Associação Americana de Professores Universitários (AAUP).

Cattell não era diplomático nos contatos com a administração da Colúmbia. Foi descrito como uma pessoa difícil de conviver, “grosseiro, irrecuperavelmente detestável e carente de decência” (Gruber, 1972, p. 300). Cattell não se pautava pelas regras aceitas da conduta social, preferindo a sátira cortante à persuasão polida em seus ataques à administração.

Em três ocasiões, entre 1910 e 1917, os curadores pensaram em aposentá-lo. O golpe decisivo veio durante a Primeira Guerra Mundial, quando Cattell escreveu duas cartas ao Congresso norte-americano protestando contra a prática de enviar soldados recrutados à frente de batalha. Essa era uma posição impopular para ser adotada mas, caracteristicamente, Cattell não voltou atrás. Foi demitido da Colúmbia em 1917, acusado de deslealdade ao país. Ele processou a universidade por difamação e, embora indenizado em quarenta mil dólares, não recuperou o cargo. Isolou-se dos colegas e passou a escrever panfletos cáusticos sobre a administração universitária. Fez muitas inimizades e viveu amargurado por essa experiência o resto da vida.

Cattell nunca mais voltou à vida acadêmica. Dedicou-se às publicações, à AAAS e a outras sociedades científicas. Seus esforços promocionais como porta-voz da psicologia diante das outras ciências conquistaram para a disciplina uma posição mais importante perante a comunidade científica.

Em 1921, realizou uma de suas maiores ambições: a promoção da psicologia aplicada

187

como negócio. Organizou a Psychological Corporation, cujas ações foram compradas por membros da APA, para prestar serviços psicológicos à indústria, à comunidade psicológica e ao público. Essa organização registrou um considerável crescimento e hoje é um empreendimento de vulto internacional.

Cattell manteve-se ativo como editor e defensor da psicologia até morrer, em 1944. Sua ascensão extremamente rápida no cenário da psicologia americana merece menção. Aos vinte e oito anos, era professor na Universidade da Pensilvânia; aos trinta e um, chefe de departamento em Colúmbia; aos trinta e cinco, presidente da Associação Psicológica Americana; e, aos quarenta, o primeiro psicólogo eleito para a Academia Nacional de Ciências (NAS).

Os Testes Mentais

Mencionamos os primeiros trabalhos de Cattell sobre o tempo de reação e o seu interesse pelo estudo das diferenças individuais. O alcance dos seus outros trabalhos foi ilustrado em

1914, quando um grupo de alunos seus, que coligia seus artigos originais de pesquisa, descobriu que, além do tempo de reação e das diferenças individuais, havia estudado a leitura e a percepção, a associação, a psicofísica e o método da ordem do mérito. Embora a importância dessas áreas não possa ser negada, Cattell influenciou a psicologia principalmente com seu trabalho aplicado sobre as diferenças individuais e com o desenvolvimento e uso de testes mentais para medir essas diferenças.

Num artigo publicado em 1890, ele cunhou o termo testes mentais, e, em seu período na Universidade da Pensilvânia, administrou uma série desses testes a seus alunos. ‘A psicologia’, escreveu Cattell, “não pode atingir a certeza e a exatidão das ciências físicas se não se apoiar nos alicerces da experimentação e da mensuração. Um passo nessa direção poderia ser dado com a aplicação de uma série de testes mentais e medidas, a um grande número de pessoas” (Cattell, 1890, p. 373). É precisamente isso que ele tentou fazer. Continuou com o programa de testes em Colúmbia e reuniu dados de várias turmas de calouros.

Os tipos de testes usados por Cattell ao tentar medir o alcance e a variabilidade das capacidades humanas diferiam dos testes de inteligência ou de capacidade cognitiva, desenvolvidos mais tarde. Estes últimos usaram tarefas mais complexas de aptidão mental. Os de Cattell eram semelhantes aos de Galton, estando primordialmente voltados para medidas corporais ou sensorio-motoras elementares, como a pressão dinamométrica, a taxa de movimento (a rapidez com que a mão pode se mover cinquenta centímetros), a sensação (usando o limiar de dois pontos), a pressão que causa dor (quantidade de pressão na testa necessária para provocar dor), as diferenças apenas perceptíveis para a avaliação de pesos, o tempo de reação a sons, o tempo para denominar cores, a bissetção de uma linha de cinquenta centímetros, a avaliação de um período de tempo de dez segundos, e o mimem de letras lembradas depois de uma única apresentação.

Por volta de 1901, ele tinha reunido dados suficientes para correlacionar os escores dos testes com medidas do desempenho acadêmico dos alunos. As correlações se mostraram desapontadoramente baixas, o mesmo ocorrendo com as intercorrelações dos testes individuais. Como resultados semelhantes tinham sido obtidos no laboratório de E. B. Titchener, Cattell concluiu que testes desse tipo não serviam para prever o desempenho acadêmico ou, por suposição, a capacidade intelectual.

Em 1905, o psicólogo francês Alfred Binet, em colaboração com Victor Henri e Théodore Simon, desenvolveu um teste de inteligência usando medidas mais complexas de capacidades mentais superiores. Essa abordagem ofereceu o que foi considerado uma medida eficiente de inteligência e marcou o começo do fenomenal desenvolvimento dos testes de inteligência.

Apesar do seu fracasso em medir as aptidões mentais, a influência de Cattell no movimento
188

dos testes mentais foi grande. Seu aluno E. L. Thorndike tornou-se líder da psicologia dos testes mentais e, durante anos, a Universidade Columbia foi o centro do movimento.

A partir da obra de Galton, Cattell empreendeu uma série de estudos para investigar a natureza e a origem da aptidão científica, usando sua técnica da ordem do mérito. Estímulos classificados por alguns juizes eram colocados numa ordem hierárquica final mediante o cálculo da média atribuída a cada item de estímulo. O método foi aplicado a eminentes

cientistas americanos, pedindo-se a pessoas competentes em cada campo científico que seria lizassem hierarquicamente alguns dos seus colegas mais notáveis. O importante livro de referência *American Men of Science* veio desse trabalho. Apesar do título, o livro também relacionava mulheres americanas cientistas. A edição de 1910 inclui dezenove psicólogas, cerca de 10% do total geral de psicólogos (O'Donnell, 1985).

O impacto de Cattell sobre a psicologia americana não veio do desenvolvimento de um sistema de psicologia — ele tinha pouca paciência com teorias — nem de uma impressionante lista de publicações. Sua influência veio principalmente do seu trabalho como organizador, executivo e administrador da ciência e da prática psicológicas, e como elo de ligação entre a psicologia e a comunidade científica mais ampla. Cattell tomou-se um embaixador da psicologia, fazendo palestras, editando publicações e promovendo as aplicações práticas do campo.

Ele também contribuiu para o desenvolvimento da psicologia através dos seus discípulos. Durante os seus anos em Colúmbia, treinou, como observamos, mais alunos de psicologia do que qualquer outro nos Estados Unidos, e vários deles, incluindo Robert Woodworth e E. L. Thorndike, alcançaram grande destaque no campo. Mediante seu trabalho com os testes mentais, a medição de diferenças individuais e a promoção da psicologia aplicada, Cattell revigorou energicamente o movimento funcionalista na psicologia americana. Quando ele morreu, o historiador E. G. Boring escreveu a um de seus filhos: ‘Na minha opinião, seu pai fez mais até mesmo que William James para dar à psicologia americana sua fisionomia peculiar, para torná-la distinta da psicologia alemã da qual decorreu’ (Bjork, 1983, p. 105).

Lightner Witmer (1867-1956)

Enquanto Hall modificava para sempre a natureza da psicologia americana ao aplicá-la à criança e à sala de aula, e enquanto Cattell aplicava a psicologia à medição de aptidões mentais, um aluno seu e de Wundt a aplicava à avaliação e ao tratamento de certos tipos de comportamento anormal. Apenas dezessete anos depois de Wundt ter fundado a nova ciência da psicologia, outro dos seus ex-alunos a estava usando de uma maneira prática, incompatível com as intenções do mestre. Em 1896, Lightner Witmer, que substituíra Cattell na Universidade da Pensilvânia e insistia que sua sala de aula fosse mantida na temperatura de vinte graus, abriu a primeira clínica psicológica, fundando o campo por ele denominado psicologia clínica.

Witmer ofereceu o primeiro curso universitário na nova área e fundou a primeira revista, *Psychological Clinic*, que editou durante vinte e nove anos. Foi um dos pioneiros da abordagem funcionalista que acreditava dever a nova ciência ser usada para ajudar as pessoas a resolver problemas, e não para estudar o conteúdo de sua mente.

É importante observar que o que Witmer praticava em sua clínica psicológica não era a psicologia clínica que hoje conhecemos. Veremos que o seu trabalho estava voltado para a avaliação e o tratamento de problemas comportamentais e de aprendizagem de crianças em idade escolar, uma área aplicada hoje chamada de psicologia escolar. A moderna psicologia clínica cuida de uma gama mais ampla de distúrbios psicológicos, das brandas às graves, em pessoas de todas as idades. Embora Witmer tenha sido fundamental para o desenvolvimento da psicologia clínica, e tenha usado esse rótulo livremente, o campo ampliou-se bem além do que ele imaginara.

A Vida de Witmer

Lightner Witmer nasceu em 1867 em Filadélfia, Pensilvânia. Era filho de um próspero farmacêutico que inculcou nos três filhos a importância da educação. O irmão e a irmã de Witmer se formaram em medicina, e ele doutorou-se com Wilhelm Wundt em Leipzig. Sempre um aluno excelente, Witmer primeiro frequentou uma escola particular e, em 1884, ingressou na Universidade da Pensilvânia. Depois da graduação, ensinou história e inglês numa escola particular de Filadélfia antes de matricular-se em cursos de direito na Universidade da Pensilvânia.

Aparentemente sem intenção de fazer carreira em psicologia, ele frequentava as aulas de psicologia experimental de Cattell, por razões que permanecem obscuras, e tornou-se assistente de ensino do departamento de psicologia. Witmer começou a fazer pesquisas sobre as diferenças individuais quanto ao tempo de reação sob a orientação de Cattell, esperando conseguir seu Ph.D. na Pensilvânia. Cattell tinha outros planos. Ele tinha Witmer em tão alta conta que o escolheu como sucessor quando foi para a Universidade Colúmbia. Era uma oportunidade ímpar para o jovem, mas Cattell impôs uma condição: Witmer teria de ir para Leipzig doutorar-se com Wundt. O prestígio de um Ph.D. alemão ainda era fundamental, e Witmer concordou.

Ele estudou com Wundt e com Oswald Külpe; um dos seus colegas, recém-chegado da Inglaterra, foi E. B. Titchener. Witmer não se impressionou com a abordagem wundtiana de pesquisa, tendo mais tarde comentado que a única coisa que conseguiu com a experiência de Leipzig foi o grau. Wundt se recusou a permitir que Witmer prosseguisse com o trabalho sobre o tempo de reação que ele iniciara com Cattell, e o obrigou a fazer pesquisas introspectivas tradicionais sobre conteúdos conscientes.

Witmer criticava o que chamava de “métodos displicentes de pesquisa” usados por Wundt, descrevendo como este fizera Titchener repetir uma pesquisa... porque os resultados obtidos por ele não eram os que Wundt tinha esperado. Do mesmo modo, ele me excluiu como sujeito... porque, em sua opinião, minha reação sensorial ao som e ao toque era breve demais para ser uma verdadeira reação sensorial” (O'Donnell, 1985, p. 35).

Mesmo assim, Witmer recebeu seu grau e voltou para ocupar seu novo cargo na Universidade da Pensilvânia no verão de 1892, o mesmo ano em que Titchener obteve o seu e foi para Corneli, e em que outro aluno de Wundt, Hugo Münsterberg, era levado para Harvard por William James. Também nesse ano, Hall deu início à Associação Psicológica Americana, tendo Witmer como um dos seus membros fundadores. Foi a época em que os espíritos funcionalista e aplicado começaram a tomar conta da psicologia americana.

Nos dois anos seguintes, Witmer trabalhou como psicólogo experimental, fazendo pesquisas e apresentando artigos sobre as diferenças individuais e a psicologia da dor. Enquanto isso, no entanto, ele buscava meios de aplicar a psicologia ao comportamento anormal. O impulso para fazê-lo veio num certo dia de março de 1896, como resultado de um incidente que se originou nas circunstâncias econômicas antes mencionadas — a verba disponível para o campo da educação pública, que estava em franca expansão.

Muitos conselhos estaduais de educação estavam estabelecendo departamentos de pedagogia (instrução nos princípios e métodos de ensino) em seus colégios e universidades, e os

psicólogos estavam sendo chamados a dar cursos para um número crescente de profissionais que se especializavam em educação, bem como para professores públicos em busca de títulos mais elevados de graduação. Também se pedia aos psicólogos que deixassem a pesquisa em laboratório e descobrissem maneiras de treinar alunos para se tornarem psicólogos educacionais. Os departamentos de psicologia se beneficiaram muito desse súbito influxo de alunos, já que, então como agora, os orçamentos departamentais dependiam do número de matrículas.

190

A Universidade da Pensilvânia estabeleceu cursos para professores públicos em 1894, ficando Witmer responsável por alguns deles. Dois anos mais tarde, uma aluna, Margaret Maguire, consultou Witmer sobre os problemas que tinha com um dos seus alunos, um garoto de catorze anos que estava encontrando dificuldades para aprender a soletrar, embora estivesse indo bem em algumas outras matérias. Poderiam os psicólogos ajudar a resolver esse problema? “Pareceu-me”, escreveu Witmer, “que se a psicologia valesse alguma coisa para mim ou para os outros, ela teria de ser capaz de servir a um caso de retardamento dessa espécie” (McReynolds, 1987, p. 853). Montou uma clínica incipiente e assim começou o trabalho de sua vida.

Dentro de poucos meses, Witmer estava preparando cursos sobre métodos de tratamento de crianças com distúrbios mentais, cegas e com outros problemas, e publicou um artigo sobre o assunto, intitulado “O Trabalho Prático em Psicologia”, na revista *Pediatrics*. Apresentou uma comunicação sobre o tópico na reunião anual da APA, e foi ali que usou o termo psicologia clínica pela primeira vez. Em 1907, fundou a revista *Psychological Clinic*, que foi a primeira, e por muitos anos a única, no campo. No seu primeiro número, Witmer propôs uma nova aplicação da psicologia — na verdade, uma nova profissão — a ser chamada psicologia clínica. No ano seguinte, fundou um internato para crianças retardadas e perturbadas, e, em 1909, sua clínica universitária expandiu-se e tomou-se uma unidade administrativa independente.

Witmer ficou na Universidade da Pensilvânia durante toda sua vida profissional, lecionando, promovendo e praticando sua psicologia clínica. Aposentou-se em 1937, vindo a morrer em 1956, aos 89 anos — o último do pequeno grupo de psicólogos que se reunira em 1892 no gabinete de G. Stanley Hall para fundar a Associação Psicológica Americana.

A Clínica Psicológica

Na qualidade de primeiro psicólogo clínico do mundo, Witmer não tinha exemplos, nem precedentes, em que basear suas ações, e desenvolveu seus próprios métodos de diagnóstico e tratamento no transcorrer do próprio trabalho. Com seu primeiro caso, o garoto que tinha problemas de soletração, Witmer examinou o nível de inteligência, o raciocínio e a capacidade de leitura do menino e concluiu que esta última era deficiente. Depois de análises exaustivas que duraram muitas horas, Witmer concluiu que o menino sofria daquilo que ele denominou amnésia visual verbal. Embora pudesse lembrar-se de figuras geométricas, ele tinha problemas para se lembrar de palavras. Witmer desenvolveu um programa paliativo intensivo que produziu alguma melhoria, mas o garoto nunca conseguiu dominar a leitura ou a ortografia.

Os professores enviaram à nova clínica de Witmer muitas outras crianças portadoras de um amplo espectro de deficiências e problemas, entre os quais hiperatividade, várias deficiên-

cias de aprendizagem e desenvolvimento motor ou verbal inadequado. Conforme se tornava cada vez mais experiente, Witmer pôde desenvolver programas-padrão de avaliação e tratamento, e, além de admitir médicos e assistentes sociais para a clínica, contratou mais psicólogos.

Witmer reconhecia que problemas médicos podem interferir no funcionamento psicológico, razão por que submetia as crianças a um exame clínico para determinar se a subnutrição

ou defeitos visuais e auditivos contribuía para as suas dificuldades. Os pacientes eram testados e entrevistados amplamente por psicólogos; ao mesmo tempo, os assistentes sociais preparavam históricos de caso acerca de sua situação familiar.

A princípio, Witmer acreditava que os fatores genéticos eram amplamente responsáveis por muitos dos distúrbios de comportamento e déficits cognitivos que via; mais tarde, porém, com o aumento da sua experiência clínica, percebeu que os fatores ambientais eram mais importantes. Ele enfatizou a necessidade de oferecer, ainda em tenra infância, uma variedade

191

de experiências sensoriais à criança, antecipando os programas de enriquecimento Head Start de tempos mais recentes. Ele também acreditava na intervenção direta na vida dos pacientes e da sua família, alegando que, se as condições em casa e na escola fossem melhoradas, o comportamento da criança também melhoraria.

O desenvolvimento na educação pública ofereceu à nova psicologia amplas oportunidades — e generosas recompensas — a quem tirasse seus métodos e descobertas do laboratório acadêmico. O exemplo de Witmer foi seguido e ampliado por muitos outros psicólogos. Por volta de 1914, havia quase vinte clínicas psicológicas em operação nos Estados Unidos, a maioria das quais inspirada na de Witmer. Além disso, os alunos que ele treinara divulgaram a sua abordagem, ensinando à geração seguinte de estudantes o trabalho clínico.

Witmer também foi influente na área da educação especial, treinando muitos dos primeiros profissionais desse campo. Um dos seus alunos, Morris Viteles, ampliou o trabalho de Witmer ao fundar, em 1920, uma clínica dedicada à orientação vocacional, a primeira dos Estados Unidos. Outros incluíram adultos no trabalho clínico. Além disso, abordagens mais novas de psicoterapia, desenvolvidas por Sigmund Freud e seus seguidores, fizeram com que o campo crescesse consideravelmente além de suas origens. Esse desenvolvimento, que ocorre naturalmente em todos os campos, de forma alguma reduz a importância de Lightner Witmer em termos da elaboração e evolução da psicologia clínica.

Waiter Dili Scott (1869-1955)

Outro aluno de Wundt, Walter Dili Scott, deixou o mundo da psicologia introspectiva pura que aprendera em Leipzig para aplicar a nova ciência à publicidade e aos negócios. Jogador universitário de rúgbi e quase missionário, Scott dedicou boa parte da sua vida adulta a tornar o mercado e o ambiente de trabalho mais eficientes e a determinar como os líderes empresariais poderiam motivar os empregados e consumidores.

A obra de Scott reflete a crescente preocupação da psicologia funcional com o lado prático das coisas. “Ao retornar da Leipzig de Wundt para a Chicago da virada do século, Scott fez

suas publicações passarem da teorização gorniânica à utilidade prática americana. Em vez de explicar as motivações e impulsos em geral, Scott descrevia como influenciar pessoas, incluindo consumidores, públicos de palestras e trabalhadores” (Von Mayrhauser, 1989, p. 61).

Scott reuniu um impressionante número de primeiros lugares. Foi o primeiro a aplicar a psicologia à publicidade e à seleção e administração de pessoal, o primeiro a ostentar o título de professor de psicologia aplicada, o fundador da primeira empresa de consultoria psicológica e o primeiro psicólogo a receber a Distinguished Service Meda], uma condecoração do Exército dos Estados Unidos.

A Vida de Scott

Walter Dill Scott nasceu numa fazenda em Illinois, no ano de 1869. Ele começou a se dedicar à idéia do aumento da eficiência aos doze anos quando atava o campo. Como seu pai ficava doente com frequência, o garoto basicamente dirigia a pequena fazenda familiar. Um dia, ele fez uma pausa no final de um sulco para deixar os dois cavalos descansar. Contemplando os edifícios da Universidade Normal Estadual de Illinois, a distância, ele percebeu de repente que, se quisesse conseguir alguma coisa, tinha de parar de perder tempo. E ali estava ele, perdendo dez minutos de cada hora para deixar os cavalos descansar! Isso equivalia a mais ou menos uma hora e meia por dia, tempo que ele podia usar lendo e estudando. A partir daquele dia, Scott sempre levava ao menos um livro consigo e lia em todos os momentos de folga.

Para pagar os estudos, ele colhia e enlatava amoras, vendia ferro-velho e aceitava

192

empregos estranhos. Guardava parte do dinheiro e, com o resto, comprava livros. Aos dezoito anos, inscreveu-se na universidade e iniciou sua longa jornada para longe da fazenda. Dois anos depois, conseguiu uma bolsa para a Universidade Northwestern, em Evanston, Illinois, onde aceitou empregos de preceptor para ganhar um dinheiro extra, jogou rúgbi, conheceu a mulher com quem iria se casar e decidiu ser missionário na China.

Essa carreira, contudo, significaria mais três anos de estudo e, quando se graduou num seminário teológico de Chicago e estava pronto para ir para a China, Scott descobriu que não havia vagas; a China estava cheia. Foi então que pensou numa carreira em psicologia. Havia feito um curso na área e gostara. E já tinha lido artigos em revistas sobre a nova ciência e o laboratório que Wundt instalara em Leipzig. Graças às suas bolsas, atividades de preceptor e vida frugal, Scott economizara vários milhares de dólares, o suficiente não apenas para ir à Alemanha como para casar-se.

Em 21 de julho de 1898, Scott e sua noiva partiram. Enquanto ele estudava com Wundt em Leipzig, a senhora Scott fazia seu Ph.D. em literatura na Universidade de Halle, a trinta quilômetros de distância. Eles só se viam nos fins de semana. Os dois se doutoraram dois anos depois e voltaram para casa, onde Scott foi dar aulas na Universidade Northwestern na área de psicologia e pedagogia. Ele já estava sob a influência da tendência de aplicar psicologia a problemas da educação.

Sua passagem para um campo novo e distinto de aplicação ocorreu em 1902, quando um líder na área da publicidade procurou Scott, que fora recomendado por um ex-professor, e lhe pediu para aplicar princípios psicológicos à publicidade a fim de torná-la mais eficaz.

Ele ficou muito interessado na idéia. Na melhor tradição do espírito do funcionalismo americano, ele já se afastara da psicologia wundtiana e buscava um modo de tornar a psicologia mais aplicável a preocupações do mundo real. E tinha agora a sua chance.

Scott escreveu *The Theory and Practice of Advertising* (Teoria e Prática da Publicidade), o primeiro livro sobre o tópico, seguido por uma torrente de artigos em revistas e livros, publicados à medida que sua experiência, sua reputação e seus contatos com a comunidade empresarial se ampliavam. Depois, voltou sua atenção para os problemas de seleção e administração de pessoal. Em 1905, passou de instrutor a professor na Northwestern e, em 1909, assumiu o cargo de professor de publicidade na escola de comércio da universidade. Em 1916, foi nomeado professor de psicologia aplicada e diretor da divisão de pesquisa de vendas na Universidade Técnica Carnegie, de Pittsburgh.

Em 1917, quando os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra, Scott ofereceu seus préstimos ao exército para ajudar na seleção de pessoal militar. No início, ele e suas propostas não foram bem recebidos; nem todos estavam convencidos do valor prático da psicologia. Além disso, o general com quem Scott falou desconfiava de professores, tendo quase explodido de raiva. ‘Ele disse que sua função era fazer com que os professores universitários não se pusessem no caminho do progresso, que estávamos em guerra com a Alemanha e que ele não tinha tempo para brincar com experiências; disse ainda que muitas pessoas achavam que o exército era um grande cachorro no qual aplicar experimentos, e que ele faria o que fosse preciso para nenhum professor universitário consegui-lo’ (Von Mayrhauser, 1989, p. 65). Scott acalmou o irado oficial, levou-o para almoçar e o persuadiu do valor de suas técnicas de seleção. Perto do fim da guerra, ele provou que tinha razão e terminou por receber do exército a mais importante medalha concedida a civis.

Em 1919, fundou sua própria empresa (chamada, imaginativamente, *The Scott Company*), que fornecia serviços de consultoria a mais de quarenta empresas importantes nos setores de seleção de pessoal e métodos de aumento da eficiência do trabalhador. No ano seguinte, ele se tornou presidente da Northwestern, tendo se aposentado em 1939.

193

Publicidade e Seleção de Pessoal

As marcas deixadas pelo treinamento em psicologia experimental wundtiana e sua tentativa de estendê-la ao domínio prático são dois traços evidentes nos primeiros escritos de Scott

sobre a publicidade. Ele escreveu, por exemplo, que os órgãos dos sentidos eram as janelas da alma. Quanto maior o número de sensações que recebemos de um objeto, tanto melhor o conhecemos. A função do sistema nervoso é nos tornar conscientes das visões, sons, sensações, sabores, etc. dos objetos do nosso ambiente. O sistema nervoso que não responde ao som ou a qualquer outra qualidade sensível é deficiente.

Consideram-se os anúncios, por vezes, o sistema nervoso do mundo dos negócios. O anúncio de instrumentos musicais que não contenha nada que desperte imagens de som é um anúncio deficiente... Assim como o nosso sistema nervoso é organizado para nos fornecer todas as sensações possíveis de qualquer objeto, assim também o anúncio, que é comparável ao sistema nervoso, deve despertar no leitor tantos tipos distintos de imagens quantos sejam os que o próprio objeto pode suscitar (Jacobson, 1951, p. 75).

Scott afirmava que os consumidores são não-rationais e facilmente influenciáveis, e concentrou-se na emoção e na simpatia como fatores importantes para o despertar dessa sugestionabilidade. Ele também acreditava, como era comum na época, que as mulheres eram mais facilmente influenciadas do que os homens por anúncios que jogavam com as emoções e os sentimentos. Aplicando o que denominou a lei da sugestionabilidade à publicidade, ele recomendava que as empresas usassem ordens diretas — tais como “Use o Sabão X” — para vender seus produtos. Scott também promoveu o uso de cupom porque estes exigiam uma ação específica e direta dos consumidores, que tinham de destacar o cupom da revista ou jornal, preenchê-lo e enviá-lo para receber uma amostra grátis. Essas duas técnicas — as ordens diretas e o envio de cupom — foram rapidamente adotadas pelos publicitários e, por volta de 1910, já eram uma estratégia generalizada (Kuna, 1976).

Para o seu trabalho em seleção de pessoal, com vendedores, executivos e militares em particular, Scott desenvolveu escalas de avaliação e testes de grupo para medir as características de pessoas já bem-sucedidas nessas ocupações. Assim como fora com Witmer na psicologia clínica, não havia trabalhos precedentes nos quais Scott pudesse basear sua abordagem, tendo ele mesmo de desenvolvê-la. Ele pedia a oficiais superiores e a supervisores que fizessem listas dos seus subordinados e os classificassem segundo categorias de aparência, comportamento, sinceridade, produtividade, caráter e valor para a instituição/organização. Os candidatos eram hierarquizados com base nas qualidades consideradas necessárias ao bom desempenho do trabalho em questão, um procedimento não muito diferente do empregado hoje.

Scott concebeu testes psicológicos para avaliar a inteligência e outras capacidades, mas, em vez de julgar cada candidato individualmente, como era prática corrente, elaborou testes passíveis de aplicação a grupos. O mundo dos negócios e a corporação militar exigiam a rápida avaliação de grande número de candidatos, e era mais eficaz e barato testá-los em grupo.

Os testes de Scott diferiam dos desenvolvidos por Cattell e outros por mais razões ainda. Ele não tentava avaliar a natureza da inteligência geral da pessoa como um conteúdo ou faculdade; o que lhe interessava era o modo como a pessoa usava sua inteligência. Em outras palavras, ele queria medir o funcionamento da inteligência num ambiente real. Para ele, a inteligência não se definia em termos de capacidades cognitivas específicas, mas em termos práticos como julgamento, rapidez e precisão — as características necessárias à boa realização de um trabalho. O seu interesse se restringia à comparação entre os índices alcançados pelos candidatos e os índices de funcionários já bem-sucedidos no trabalho; não era sua intenção

194

determinar o que esses índices poderiam representar em termos de conteúdo mental. Essa abordagem prática dos testes tipificou o homem e toda a sua obra.

Tal como Witmer, Scott só tem recebido uma atenção passageira por parte da história da psicologia. Várias razões explicam esse relativo desdém. Como a maioria dos psicólogos aplicados, Scott não formulou teorias, não fundou uma escola de pensamento, não treinou um grupo leal de alunos para dar prosseguimento ao seu trabalho, fez poucas pesquisas acadêmicas e raramente publicava nas revistas dominantes da época. Seu trabalho para corporações priva das e para os militares era estritamente prático, voltado para atender as

necessidades do cliente. Além disso, muitos psicólogos acadêmicos, particularmente aqueles detentores de posições de destaque em universidades importantes e que contavam com generosas verbas para seus laboratórios, tendiam a menosprezar o trabalho dos psicólogos aplicados, acreditando que ele não contribuiria para o progresso da psicologia como ciência.

Scott e outros psicólogos aplicados contestavam essa posição. Para eles, não havia conflito entre as aplicações utilitárias e o progresso da ciência. Na verdade, eles acreditavam que “o progresso empírico da psicologia dependia muito dos resultados da experiência extra acadêmica” (Von Mayrhauser, 1989, p. 63). Os psicólogos aplicados alegavam que a divulgação da psicologia para um público maior demonstrava o seu valor, o que, por sua vez, aumentava o reconhecimento da importância da pesquisa psicológica nas universidades. Logo, os primeiros psicólogos aplicados estavam refletindo o legado e o impacto do espírito funcionalista na psicologia americana, tentando torná-la uma ciência útil.

Hugo Münsterberg (1863-1916)

Hugo Münsterberg, o professor alemão típico, foi por algum tempo um sucesso fenomenal na psicologia americana e o psicólogo mais conhecido do público. Escreveu centenas de artigos para revistas populares e mais de vinte livros. Era um visitante frequente da Casa Branca, convidado de dois presidentes americanos, Theodore Roosevelt e William Howard Taft. Münsterberg era procurado como consultor por empresas e líderes governamentais, tendo entre suas amizades os ricos, famosos e poderosos, incluindo o kaiser Frederico, da Alemanha, o magnata do aço Andrew Carnegie, o filósofo Bertrand Russell, bem como astros de cinema e intelectuais.

Foi — por algum tempo — um honrado professor da Universidade Harvard, eleito para a presidência da Associação Psicológica Americana e da Associação Filosófica Americana. Considerado o fundador da psicologia aplicada, foi também um dos dois psicólogos acusados de ser espiões. Foi descrito como “o mais prolífico propagandista da psicologia aplicada”, uma pessoa que “publicava volumes sobre psicologia educacional, legal, industrial, médica e cultural” (O’Donnell, 1985, p. 225). E, segundo o seu biógrafo, Münsterberg foi também um escritor popular bem-sucedido, “abençoado por um peculiar pendor pelo sensacional; sua vida pode ser interpretada como uma série de promoções — de si mesmo, de sua ciência e de sua pátria [(Hale, 1980, p. 3).

Perto do fim da vida, tornou-se objeto de escárnio e ridículo, tema de cartuns e caricaturas em jornais, e um embaraço para a universidade a que servira por tantos anos. Quando ele morreu, em 1916, não houve elogios fúnebres para o homem que um dia fora considerado um gigante da psicologia americana.

A Vida de Münsterberg

Em 1882, aos dezenove anos, Münsterberg deixou sua cidade natal, Danzig, na Alemanha, e foi para Leipzig, pretendendo estudar medicina. Mas, ao fazer um curso com Wilhelm

195

Wundt, mudou abruptamente seus planos de carreira. A nova psicologia o deixara animado e oferecia oportunidades que a pesquisa e a prática médicas não poderiam oferecer.

Conseguiu o Ph.D. com Wundt em 1885 e formou-se médico na Universidade de Heidelberg dois anos

196

Hugo Münsterberg foi muito influente na promoção de várias especialidades da psicologia aplicada, incluindo a psicologia forense, a psicologia clínica e a psicologia industrial.

depois, tendo estudado nesta última com o objetivo de se preparar melhor para uma carreira de pesquisador acadêmico. Foi lecionar na Universidade de Freiburg e, como não havia instalações na universidade, montou um laboratório em casa às suas custas.

Münsterberg publicou um livro e vários artigos sobre sua pesquisa experimental em psicofísica, que Wundt criticou por lidarem com os conteúdos cognitivos da mente, não com os sentimentos. Ao mesmo tempo, sua obra atraiu um grupo leal de seguidores, e alunos vindos da Alemanha e de outros lugares acorreram em bando para o seu laboratório. Ele parecia bem encaminhado para conseguir um emprego de professor numa universidade importante e a reputação de pesquisador respeitado.

William James fê-lo sair dessa trilha em 1892 ao lhe dar a oportunidade de ser o bem pago diretor do laboratório de psicologia da Universidade Harvard. James foi lisonjeiro em seu apelo, escrevendo para Münsterberg que Harvard era a maior universidade dos Estados Unidos e precisava de um gênio para dirigir o laboratório de modo a manter sua primazia na psicologia. Münsterberg teria preferido ficar na Alemanha, mas a ambição o levou a aceitar a oferta de James.

Não foi rápida nem fácil sua transição da Alemanha para os Estados Unidos, e da psicologia experimental pura para a psicologia aplicada. No início, ele desaprovava a disseminação da psicologia aplicada e atacava os administradores universitários por pagarem tão pouco aos pesquisadores que os forçavam a ganhar a vida dedicando-se a ocupações mais práticas. Criticava os psicólogos americanos que escreviam livros populares para o público leigo, faziam palestras para líderes empresariais e ofereciam, mediante pagamento, seus serviços de especialistas. Dentro de pouco tempo, contudo, ele estaria fazendo tudo isso.

Depois de dez anos nos Estados Unidos, e talvez percebendo que nenhuma universidade alemã lhe ofereceria um cargo de professor, escreveu seu primeiro livro em inglês. Intitulado *American Traits* (Características Americanas), o livro, de 1902, era uma análise psicológica, social e cultural da sociedade americana. Escritor rápido e talentoso, ele era capaz de ditar para uma secretária um livro acessível de quatrocentas páginas, em no máximo um mês. William James comentou que o cérebro de Münsterberg era incansável. E. B. Titchener observou que ele tinha “o dom fatal de escrever com facilidade — fatal especialmente para a ciência, e sobretudo para uma ciência jovem, em que a precisão é, de todos, o aspecto mais necessário” (Hale, 1980, p. 23).

A reação entusiástica ao livro de Münsterberg o encorajou a escrever mais para o público em geral do que para os colegas, e ele logo estava publicando em revistas populares, e não em periódicos profissionais. Afastou-se da pesquisa psicofísica e dos conteúdos da mente e passou a escrever sobre as atividades cotidianas para as quais os psicólogos poderiam contribuir. Seus livros e artigos tratavam de julgamentos nas cortes e do sistema de justiça criminal, da propaganda de produtos de consumo, do aconselhamento vocacional, da saúde

mental e da psicoterapia, da psicologia educacional e industrial e da psicologia do cinema. Münsterberg produzia cursos por correspondência sobre aprendizagem e negócios, e chegou a fazer uma série de filmes sobre testes mentais para exibição nos cinemas.

Münsterberg nunca hesitou em se envolver em questões controversas. Durante um sensacional julgamento por assassinato, administrou quase cem testes mentais ao assassino confesso de dezoito pessoas, o qual tinha acusado um líder sindical de pagar pelos crimes. Com base nos resultados desses testes, que incluíram um teste de associação de palavras (apelidado pela imprensa de “máquina da mentira”), Münsterberg anunciou publicamente — antes de o júri ter chegado a um veredito no julgamento do líder sindical — que a alegação do assassino implicando o líder era verdadeira. O júri, no entanto, absolveu este último, o que foi desastroso para Münsterberg; um jornal passou a referir-se a ele como ‘Professor Monsterwork’.

197

Em 1908, ele se envolveu na luta nacional contra o movimento de proibição da venda de bebidas alcoólicas. Ele se opôs à proibição, recorrendo à sua experiência como psicólogo e afirmando que o álcool, tomado com moderação, é benéfico. Os fabricantes de cerveja germânicos, incluindo Adolphus Busch e Gustave Pabst, se deliciaram com o apoio de Münsterberg e deram grandes contribuições financeiras ao seu esforço de promoção da imagem da Alemanha nos Estados Unidos. Numa infeliz e suspeita coincidência, Busch doou cinquenta mil dólares ao Museu Germânico proposto por Münsterberg poucas semanas antes de este publicar um artigo na *McClure's Magazine* denunciando a ideia da proibição. Isso causou furor nos jornais e revistas populares.

As ideias de Münsterberg sobre as mulheres também eram difíceis de ignorar. Embora apoiasse a presença de várias mulheres que eram estudantes graduadas em Harvard, incluindo Mary Whiton Calkins, ele acreditava que esse trabalho era muito rigoroso para a maioria delas. Sua concepção era de que as mulheres não deviam ser treinadas para carreiras acadêmicas, porque isso as afastaria de casa. Ele também afirmava que elas não deviam lecionar em escolas públicas, porque não tinham capacidade de ensinar tão bem quanto os homens e não eram bons modelos para meninos. Ele acreditava que não se devia permitir a presença de mulheres no júri por elas serem incapazes de deliberação racional; esta observação produziu manchetes internacionais.

O presidente de Harvard e a maioria dos colegas de Münsterberg não gostaram desse sensacionalismo — nem aprovaram o seu interesse em aplicar a psicologia a problemas práticos. As relações estremecidas alcançaram o ponto da ruptura com a contínua e ardente defesa de sua Alemanha natal feita por Münsterberg durante a Primeira Guerra. Esta eclodiu na Europa em 1914, embora os Estados Unidos só tivessem se envolvido diretamente no conflito em 1917. Mas a opinião pública americana era definitivamente antialemã. Aquele país era o agressor numa guerra que já custara milhões de vidas, e Münsterberg estava assumindo uma posição cada vez mais impopular.

Ele escreveu inúmeros artigos defendendo a Alemanha, e mantinha um contato aberto com o embaixador alemão em Washington, D.C., e com o escritório alemão de assuntos estrangeiros em Berlim. Os jornais diziam que Münsterberg era um agente secreto, um espião e um oficial militar de alta patente. Os jornais de Boston pediam que ele se demitisse de Harvard. Seus vizinhos suspeitavam que os pombos que a sua filha alimentava no

quintal dos fundos estavam sendo usados para levar mensagens a outros espiões. Um aluno de Harvard que vivia em Londres ofereceu à universidade dez milhões de dólares se ela demitisse Münsterberg.

Münsterberg recebia ameaças de morte pelo correio e era alvo do desprezo dos colegas. O ostracismo e os ataques cada vez mais virulentos lhe abateram o espírito. Mas, em 16 de dezembro de 1916, os jornais matutinos traziam especulações sobre conversações de paz na Europa. ‘Até a primavera teremos paz’, ele anunciou à esposa (Münsterberg, 1922, p. 302). Ele foi a pé, pela neve espessa daquele dia frio, para dar sua aula da manhã. Ao chegar à escola, sentia-se exausto. Münsterberg entrou na classe e foi ao chão sem dizer uma palavra. Morreu instantaneamente de uma síncope.

A Psicologia Forense e Outras Aplicações

Os extremos do comportamento e das crenças de Münsterberg não diminuem a importância do seu trabalho em psicologia aplicada. Ninguém mais contribuiu tanto para o progresso da psicologia aplicada em geral e para o seu avanço nas áreas da psicologia forense, clínica e industrial. Apesar de todos os seus defeitos, Münsterberg permanece como uma das figuras mais influentes no desenvolvimento da abordagem funcional e tipicamente americana da psicologia.

198

A primeira área de aplicação em que ele trabalhou, a psicologia forense, trata da relação entre a psicologia e a lei. Münsterberg escreveu uma série de artigos sobre tópicos como o uso da hipnose no interrogatório dos suspeitos, formas de evitar o crime, detecção de pessoas culpadas por meio do uso de testes mentais e o caráter inconfiável das testemunhas oculares. Ele tinha particular interesse por este último assunto, isto é, pelo caráter falível da percepção humana diante de um evento como um crime e da lembrança subsequente do evento. Ele descreveu pesquisas sobre crimes simulados em que se pedia às testemunhas, imediatamente depois de terem visto o crime, que descrevessem o que tinha ocorrido. Os sujeitos não concordavam quanto aos detalhes do que tinham testemunhado, embora a cena ainda estivesse viva em sua memória. Quão preciso poderia ser tal testemunho numa corte, perguntou Münsterberg, já que o evento em discussão teria ocorrido muitos meses antes?

Em 1908, ele publicou *On the Witness Stand* (No Banco das Testemunhas), que descrevia os problemas das testemunhas oculares. A obra também considerava outros fatores psicológicos que podem afetar o resultado de um julgamento, tais como as falsas confissões, o poder de sugestão no interrogatório de testemunhas e o uso de medidas fisiológicas (a taxa de batimentos cardíacos, a pressão sanguínea, a resistência da pele) para detectar estados emocionais alterados num suspeito ou réu. O livro foi reimpresso muitas vezes, tendo tido uma edição em 1976, quase setenta anos depois de sua publicação.

No final dos anos 70, houve um ressurgimento do interesse pelas questões levantadas por Münsterberg (ver Loftus, 1979; Loftus e Monahan, 1980), e a Sociedade Americana de Psicologia Forense foi fundada, como uma divisão da Associação Psicológica Americana, para promover a pesquisa básica e aplicada na área forense.

Münsterberg publicou um livro intitulado *Psychotherapy* (Psicoterapia) em 1909, iniciando o trabalho numa área aplicada inteiramente distinta. Ele tratava os pacientes num laboratório, e não numa clínica, e nunca cobrava as consultas. Ele confiava muito na

autoridade da sua posição como terapeuta e não hesitava em fazer sugestões diretas aos pacientes sobre como eles podiam se curar. A doença mental, acreditava ele, era antes um problema de desajuste comportamental do que algo atribuível a um conflito inconsciente profundo, como afirmava Sigmund Freud. Münsterberg se opôs às concepções freudianas de saúde mental, particularmente à ênfase nos distúrbios sexuais como causa primária de problemas emocionais. Münsterberg concordava, no entanto, que, em alguns casos, questões de caráter sexual poderiam estar na raiz do problema.

Sua abordagem terapêutica consistia em forçar as idéias perturbadoras do paciente a sair da consciência, em suprimir os comportamentos indesejáveis ou problemáticos e em incitar o paciente a esquecer — deixar de lado — a dificuldade emocional. Tratava uma variedade de problemas, incluindo o alcoolismo, o abuso de drogas, as alucinações, os pensamentos obsessivos, as fobias e as desordens sexuais. Não aceitava pacientes psicóticos ou pessoas com problemas neurológicos, por pensar que essa forma de psicoterapia não funcionava nesses casos. Por algum tempo, usou a hipnose como método de tratamento, mas interrompeu a prática depois que uma mulher que ele tratava o ameaçou com uma arma. A história deliciou os jornais, e o presidente de Harvard exigiu que ele parasse de hipnotizar mulheres.

Seu livro sobre psicoterapia em muito contribuiu para levar o campo da psicologia clínica à atenção do público, mas não foi bem recebido por Lightner Witmer, que abrira sua clínica na Universidade da Pensilvânia vários anos antes. Witmer nunca alcançara — nem procurara — o tipo de aplauso popular que Münsterberg desejava. Num artigo publicado em sua revista, *Psychological Clinic*, Witmer queixou-se de que Münsterberg tinha barateado a profissão ao alardear suas curas “na praça do mercado”. Ele considerava Münsterberg pouco mais que um curandeiro, por causa do “modo garboso com que o professor de psicologia de

199

[vai pelo país, alegando ter tratado em seu laboratório psicológico centenas e centenas de casos desta ou daquela forma de distúrbio nervoso” (Hale, 1980, p. 110).

Ao mesmo tempo, Münsterberg sistematizava, desenvolvia e promovia mais um campo, o da psicologia industrial. Iniciou este trabalho em 1909, com o artigo “A Psicologia e o Mercado”. O texto cobria várias áreas para as quais ele acreditava que a psicologia poderia contribuir: a orientação vocacional, a publicidade, a administração de pessoal, os testes mentais, a motivação dos empregados e os efeitos da fadiga e da monotonia no desempenho da função. Sua perspectiva era caracteristicamente ampla, tratando de todos os aspectos e problemas dos negócios, desde a seleção dos operários certos para realizar a tarefa com eficiência até a promoção do produto acabado.

Münsterberg foi contratado como consultor por várias empresas, tendo feito para elas inúmeras pesquisas. Ele publicou suas descobertas em *Psychology and Industrial Efficiency* (Psicologia e Eficiência Industrial), de 1913, outro livro escrito para o público em geral. A obra alcançou tamanho sucesso que foi para as listas dos livros mais vendidos. Ele afirmava que a melhor maneira de aumentar a eficiência no trabalho e assegurar a harmonia no local de trabalho consistia em selecionar trabalhadores para funções adequadas às suas capacidades mentais e emocionais. E como os empregadores fariam isso da melhor forma?

Mediante o desenvolvimento de técnicas psicológicas de seleção como testes mentais e simulações em que se podiam avaliar as várias aptidões e capacidades dos candidatos.

Münsterberg fez pesquisas sobre ocupações tão diversas quanto capitão de navio, condutor de bonde, telefonista e vendedor, mostrando como seus métodos de seleção promoviam melhorias no desempenho da função. No tocante a problemas de eficiência, apresentou resultados de estudos que mostravam, por exemplo, que conversar enquanto se trabalha reduz a eficiência. Sua solução não era proibir as conversas entre trabalhadores (isso, admitia ele, geraria hostilidade), mas projetar o local de trabalho de modo a dificultar essas conversas. Esse objetivo poderia ser alcançado pelo aumento da distância entre as máquinas ou pela separação dos espaços com divisórias.

Principalmente graças aos esforços promocionais de Münsterberg, o campo da psicologia industrial exerceu um impacto cada vez mais amplo no mundo do trabalho. Ele propôs ao presidente americano Woodrow Wilson e ao kaiser alemão que seus governos estabelecessem departamentos para patrocinar pesquisas sobre as aplicações da psicologia à indústria. Esses líderes mostraram interesse pela idéia, mas a irrupção da guerra impediu sua implementação.

Tal como outros pioneiros do campo, Münsterberg não formulou teorias, não fundou uma nova escola de pensamento nem — assim que iniciou o trabalho em psicologia aplicada — fez pesquisas acadêmicas puras. Ele insistia para que sua pesquisa servisse a um propósito definido, fosse funcional e orientada para ajudar as pessoas de alguma maneira. Embora tivesse sido treinado por Wilhelm Wundt na técnica da introspecção, criticava os psicólogos que se apegavam à técnica e fustigava colegas não desejosos de empregar as descobertas e métodos da psicologia para a melhoria da humanidade.

Münsterberg nunca aderiu formalmente à definição funcionalista de psicologia e sempre se recusou a definir sua própria abordagem, acreditando que fazê-lo limitaria sua utilidade. Se houve um tema que caracterizou sua diversificada, bombástica e controversa carreira, foi o de que a psicologia tem de ser útil. Nesse sentido, Münsterberg, apesar do temperamento germânico, foi a quintessência do psicólogo americano, refletindo e demonstrando o espírito da sua época. Deve-se a ele o fato de a psicologia aplicada, que ele tanto fez para fundar no início do século XX, ter crescido a ponto de tornar-se uma das forças dominantes na psicologia americana agora que o século XXI se aproxima.

200

Especialidades na Psicologia Aplicada

Vimos como a psicologia, sob a influência do funcionalismo, começou a ser aplicada a problemas do mundo real no início do século. No Capítulo 10, veremos que o comportamentalismo de John B. Watson também contribuiu para o desenvolvimento da tendência aplicada. Depois de deixar o mundo acadêmico, Watson se tornou um popular psicólogo aplicado. Na época, a psicologia já não podia ficar restrita ao mundo da ciência pura do laboratório onde Wundt e Titchener tentaram valorosamente mantê-la.

Embora o movimento aplicado em psicologia tenha tido o seu começo nos anos entre a virada do século e a Primeira Guerra, seu progresso inicial foi relativamente lento. Contudo, depois que a América entrou na guerra, em 1917, os psicólogos aplicados foram chamados para tratar de problemas práticos e imediatos. A psicologia tornou-se visível aos

olhos do público. Psicólogos e não-psicólogos reconheciam que os princípios e métodos do campo podiam ser usados para melhorar o bem-estar humano. Cattell comentou que a guerra pôs a psicologia “no mapa e na primeira página” (O’Donnell, 1985, p. 239). Hall escreveu que a guerra tinha “dado à psicologia aplicada um tremendo impulso. No cômputo geral, isso vai ser bom para a psicologia..., não devemos tentar ser demasiado puros” (Hall, 1919, p. 48). Algumas revistas, como a *Journal of Experimental Psychology*, interromperam sua publicação nos anos da guerra, mas a *Journal of Applied Psychology* floresceu.

Nos anos 20, passada a guerra, a psicologia se tornou uma “mania nacional” (Dennis, 1984, p. 23). As pessoas, em todos os Estados Unidos, passaram a acreditar que os psicólogos

- eram capazes de curar tudo — da desarmonia conjugal à insatisfação com o trabalho — e vender qualquer produto — de desodorantes a anti-sépticos bucais. Esse crescente clamor por soluções levava cada vez mais psicólogos a deixar a pesquisa pura para se entregar às áreas aplicadas. Na edição de 1921 do *American Meti of Science* de Cattell, mais de 75% dos psicólogos ali citados diziam estar engajados num trabalho de cunho aplicado; em 1910, o número fora 50% (O 1985). As reuniões da seção de Nova York da APA, no início dos anos 20, mostravam um substancial aumento, com relação aos anos anteriores à guerra, no número de artigos sobre pesquisas aplicadas (Benjamin, 1991).

Contudo, no final da década de 20 e durante os dez anos da depressão econômica mundial dos anos 30, a psicologia aplicada passou a ser atacada por não conseguir ser fiel à sua promessa. Líderes empresariais, por exemplo, queixavam-se de que, embora útil, a psicologia industrial não estava curando todos os seus males. Experiências negativas com testes de seleção malconcebidos os tinham levado a contratar alguns trabalhadores improdutivos.

Talvez as expectativas dos psicólogos e seus clientes fossem exageradas, mas, seja como for, surgiu um desencanto com a psicologia aplicada. Um dos maiores críticos foi Grace Adams, que fora aluna de Titchener. Em “O Declínio da Psicologia na América”, artigo publicado numa revista popular, Adams afirmou que a psicologia “abandonara suas raízes científicas para que psicólogos alcançassem popularidade e prosperidade”. Ela acusou os psicólogos de “se mascararem como cientistas” e fracassarem na resolução dos problemas sociais e econômicos trazidos pela depressão (Benjamin, 1986, p. 944). O *New York Times* e outros jornais importantes criticavam os psicólogos por prometerem mais do que podiam dar e por não conseguirem aliviar o mal-estar causado pela depressão. O número de artigos populares sobre temas psicológicos declinou a partir de 1929, e a imagem e a promessa da psicologia só seriam restauradas em 1941, depois da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra. Vemos assim outro exemplo da guerra como influência contextual no desenvolvimento da psicologia.

A Segunda Guerra trouxe outro conjunto de problemas urgentes para a psicologia resolver, o que reviveu e ampliou sua influência geral. Vinte e cinco por cento dos psicólogos americanos estavam diretamente envolvidos no esforço de guerra, e muitos outros deram contribuições indiretas através da pesquisa e da redação de textos. Ironicamente, a guerra também fez renascer uma psicologia incipiente na Alemanha, onde o campo declinara depois de os nazistas terem expulsado todos os psicólogos judeus de seus empregos. As necessidades dos militares alemães criaram uma nova demanda de psicólogos com vistas à

seleção de oficiais, pilotos, tripulação de submarinos e de outros especialistas (Geuter, 1987).

Nos anos posteriores ao fim da guerra, a psicologia americana como um todo passou pelo mais dramático período de crescimento de sua história. Dentro do campo, o desenvolvimento mais significativo ocorreu nas áreas aplicadas. A psicologia aplicada superou a acadêmica e orientada para pesquisas, que predominara por muitos anos. Já não cabia a afirmação de que a maioria dos psicólogos dedicava-se ao ensino ou trabalhava no campo experimental. Antes da Segunda Guerra, quase 70% dos doutorados em psicologia eram concedidos na área da psicologia experimental; perto de 1960, esse número era 25%, tendo caído para 8% por volta de 1984 (Goodstein, 1988).

Em 1940, pouco antes de os Estados Unidos entrarem na guerra, 75% dos psicólogos trabalhavam em ambientes acadêmicos. Eles eram 47% em 1962 e 42% em 1980 (Gilgen, 1982). Disso resultou uma mudança em termos do poder na APA, onde os psicólogos aplicados (particularmente os psicólogos clínicos) assumiram uma posição de comando. Alguns professores e cientistas, orientados para a pesquisa, se ressentiram no domínio dos clínicos e formaram sua própria organização, a Sociedade Psicológica Americana (APS), em 1988. Em 1991, ela tinha mais de 12.000 membros.

Completeremos nossa cobertura do legado do funcionalismo com uma breve discussão de três áreas de psicologia aplicada que têm os mais antigos antecedentes históricos: os testes psicológicos, a psicologia industrial/organizacional e a psicologia clínica. Trataremos dos testes em primeiro lugar porque boa parte do desenvolvimento das duas outras áreas derivou deles.

O Movimento dos Testes Psicológicos

Ao falarmos da obra de Francis Galton e de James McKeen Cattell, discutimos a origem do movimento dos testes mentais. Foi Cattell quem cunhou o termo testes mentais, mas coube a Alfred Binet, um psicólogo francês autodidata, rico e independente, desenvolver o primeiro teste verdadeiramente psicológico da capacidade mental.

Binet discordava da abordagem de Galton e Cattell, que empregava testes de processos sensorio-motores para medir a inteligência. Para ele, a avaliação de funções cognitivas como a memória, a atenção, a imaginação e a compreensão forneceria uma melhor medida da inteligência. A oportunidade de prová-lo veio em resposta a uma necessidade prática. Em 1904, o ministro francês da instrução pública nomeou uma comissão para estudar as capacidades de aprendizagem de crianças que estavam tendo dificuldades na escola. Binet e um psiquiatra, Théodore Simon, foram indicados para a comissão, tendo investigado juntos os tipos de tarefas intelectuais que podiam ser dominados pela maioria das crianças em diferentes idades.

A partir do perfil que fizeram dessas tarefas, eles elaboraram o primeiro teste de inteligência. O teste consistia em trinta problemas organizados em ordem ascendente de dificuldade e se concentrava em três funções cognitivas: julgamento, compreensão e raciocínio. Três anos mais tarde, em 1908, o teste foi revisto e ampliado, e o conceito de idade mental, introduzido. A idade mental foi descrita como a idade em que crianças de capacidade média podiam realizar certas tarefas. Por exemplo, se uma criança com idade cronológica de quatro anos passasse em todos os testes em que a amostra de crianças de cinco anos médias tinha

passado, atribuía-se à criança de quatro anos uma idade mental de cinco. Uma terceira revisão do teste foi preparada em 1911; mas, depois da morte de Binet, o desenvolvimento do teste, e dos testes de inteligência em geral, passou para os Estados Unidos.

O teste foi introduzido nos Estados Unidos por Henry Goddard, aluno de G. Stanley Hall e psicólogo de uma escola de crianças mentalmente retardadas em Vineland, Nova Jersey.

Alfred Binet (apresentado aqui com suas filhas) desenvolveu o primeiro teste verdadeiramente psicológico de capacidade mental, que evoluiu para o amplamente usado Teste de Inteligência Stanford-Binet.

Goddard denominou sua tradução do teste Escala Binet-Simon de Medida da J (Binet-Simon Measuring Scale for Intelligence).

Em 1916, Lewis M. Terman, que também estudara com Hall, desenvolveu uma versão do teste que se tornou padrão. Ele lhe deu o nome de Teste Stanford-Binet, a partir do nome da universidade à qual estava ligado, e adotou o conceito de quociente de inteligência (QI). A medida do QI, definida como a razão entre idade mental e idade cronológica, fora proposta originalmente pelo psicólogo alemão William Stern. O Stanford-Binet passou por várias revisões e continua a ter amplo uso.

No dia em que os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra, realizava-se em Harvard uma reunião da Sociedade de Psicólogos Experimentais, de Titchener. O presidente da APA, Robert Yerkes, estava presente. Yerkes instou os psicólogos presentes a considerar de que maneira a psicologia poderia ajudar na campanha da guerra. Titchener objetou, explicando que era súdito britânico; o mais provável é que não quisesse se envolver com a guerra por não gostar de aplicar a psicologia a problemas práticos. Ele pode ter temido que os esforços dos psicólogos para ajudar a vitória na guerra os fizessem “trocar uma ciência por uma tecnologia” (O'Donnell, 1979, p. 289).

O exército tinha diante de si o problema de avaliar a inteligência de grande número de recrutas a fim de estudá-los e classificá-los, bem como atribuir-lhes tarefas adequadas. O Stanford-Binet é um teste individual de inteligência que requer uma pessoa bem treinada para aplicá-lo de modo adequado. Ele não pode ser usado para nenhum programa de testes em larga escala que envolva a avaliação de muitas pessoas num curto espaço de tempo. Para esse propósito, é necessário um teste para grupo de administração simples.

Yerkes, nomeado major do exército, reuniu um grupo de quarenta psicólogos para realizar essa tarefa. Eles examinaram alguns testes, nenhum dos quais de uso geral, e escolheram como modelo o de Arthur S. Otis, que estudara com Terman. Otis preparou os testes Army Alpha e Army Beta, com base no de Otis. O Beta era uma versão do Alpha usada especificamente para pessoas que não falavam inglês ou eram analfabetas. Suas instruções eram dadas por meio de demonstração ou mímica, em vez de oralmente ou por escrito.

A implantação do programa seguia lentamente, e a ordem formal para o início dos testes só foi dada três meses antes do fim da guerra. Mais de um milhão de homens foram testados, mas os militares já não precisavam dos resultados. O programa, embora tenha tido pouco efeito no esforço de guerra, teve um enorme impacto sobre a psicologia. A publicidade que

recebeu contribuiu em muito para promover o status da psicologia, e esses testes se tornaram protótipos dos muitos que mais tarde foram concebidos.

O desenvolvimento e o uso de testes de personalidade grupais também foram estimulados pelo esforço de guerra. Até aquela época, só se tinham feito tentativas limitadas de avaliação da personalidade. Nos últimos anos do século XIX, o psiquiatra alemão Emil Kraepelin usara o que havia chamado de teste de associação livre; nele, um paciente respondia a uma palavra- estímulo com a primeira palavra que lhe viesse à mente. A técnica fora criada por Galton. Em 1910, Carl Jung desenvolvera uma técnica semelhante, o teste de associação de palavras, que ele empregava na avaliação dos complexos de seus pacientes. Esses dois eram testes de personalidade individuais. Quando o exército manifestou interesse em separar os recrutas altamente neuróticos, Robert Woodworth construiu o Personal Data Sheet, um inventário pessoal em que os pacientes indicavam os sintomas neuróticos que tinham. Tal como o Army Alpha e o Army Beta, esse teste teve pouco uso real nos anos de guerra, mas também veio a servir de protótipo para o desenvolvimento dos testes de personalidade grupais.

A psicologia aplicada teve sua própria vitória na guerra, a de ter conquistado a aceitação pública. Em pouco tempo, milhares de empregados, escolares e candidatos à faculdade viam-

204

se diante de baterias de testes cujos resultados poderiam determinar o curso de sua vida. Uma epidemia de testes varreu os Estados Unidos; mas, na pressa em dar uma resposta ao apelo dos negócios e da educação, era inevitável que aparecessem alguns testes malconcebidos e impropriamente pesquisados, que levaram a resultados desapontadores. Em consequência, muitas empresas abandonaram o uso dos testes psicológicos na metade dos anos 20. Essa foi uma das razões do desencanto geral com a psicologia que se manifestou nesse período. Com o tempo, foram desenvolvidos testes melhores que permitiram ao comércio e à indústria a seleção de melhores pessoas para suas vagas e de melhores trabalhos para os candidatos; hoje, a seleção e colocação de pessoal por meio de testes tomou-se parte essencial do processo de contratação.

Os testes também participaram de uma importante controvérsia social na década de 20. Em 1921, foram tornados públicos os resultados dos testes de recrutas do exército durante a Primeira Guerra. Segundo os dados, a idade mental dos convocados e, por extensão, da população branca em geral era de apenas treze anos. Os resultados também indicavam que quase a metade dos cidadãos americanos brancos podiam ser caracterizados como retardados mentais ou pessoas de mente fraca. Além disso, os dados mostravam que os negros, assim como os imigrantes de países mediterrâneos e latino-americanos, tinham um QI menor. Só os imigrantes do norte da Europa tinham um QI igual ao dos americanos brancos.

Isso levantou muitas questões entre cientistas, políticos e jornalistas. Como podia uma forma democrática de governo sobreviver se o povo era tão estúpido? Deveriam os grupos de QI baixo ter direito de voto? Deveria o governo recusar a entrada de imigrantes dos países de QI baixo? Como podia permanecer significativa a noção de que as pessoas foram criadas iguais?

O conceito de diferenças raciais em termos de inteligência fora apresentado nos Estados Unidos já nos anos 1880, tendo havido muitos clamores para que se impusessem restrições a imigrantes de países mediterrâneos e latino-americanos. Por outro lado, mesmo antes do desenvolvimento dos testes de inteligência, era geralmente aceito o alegado uívei inferior de inteligência dos afro-americanos. Um dos mais ativos e coerentes críticos dessa concepção era Horace Mann Bond (1904-1972), um destacado erudito afro-americano, presidente da Universidade Lincoln, da Pensilvânia.

Bond, doutorado em educação pela Universidade de Chicago, publicou alguns livros e artigos em que afirmava que as diferenças de QI entre negros e brancos eram decorrentes de fatores ambientais, e não genéticos. Ele fez pesquisas que demonstraram que os negros dos Estados do norte tinham um QI maior do que os brancos dos Estados do sul, uma descoberta que prejudicou seriamente a acusação de que os negros eram geneticamente inferiores em termos de inteligência (Urban, 1989).

Muitos psicólogos responderam à sugestão de diferenças raciais quanto à inteligência, acusando os testes de serem viciados. Com o tempo, a controvérsia arrefeceu, apenas para ressurgir nos anos 70. Desde então, os psicólogos se esforçam para desenvolver testes isentos de distorções culturais e educacionais que avaliem com mais precisão as capacidades humanas. Permanece uma grande necessidade prática de testes, e sua utilidade na seleção, no aconselhamento e no diagnóstico continua sendo um foco importante da psicologia aplicada.

A Psicologia Industrial/Organizacional

Descrevemos a fundação da psicologia industrial por Walter Dill Scott e os primeiros esforços deste e de Hugo Münsterberg para promover a aplicação da psicologia ao mundo do trabalho. Tal como ocorreu com outras áreas da psicologia aplicada, esse campo passou por um monumental aumento de alcance, popularidade e expansão graças à Primeira Guerra.

205

Scott foi voluntário do Exército norte-americano e desenvolveu uma escala de avaliação para a seleção de capitães baseada nas avaliações que havia concebido para classificar líderes no setor de negócios. Perto do final da guerra, ele tinha avaliado as qualificações profissionais de três milhões de soldados, e o seu trabalho foi um outro exemplo amplamente divulgado do valor prático da psicologia.

Depois da guerra, os negócios, a indústria e o governo solicitaram os serviços de psicólogos industriais para reformular suas políticas de pessoal e introduzir testes psicológicos como meios de seleção de empregados e funcionários. Em 1919, como observamos, Scott fundou sua empresa de consultoria, e, dois anos mais tarde, Cattell fundou sua Psychological Corporation, que também promoveu com sucesso a aplicação da psicologia ao mundo dos negócios.

O foco primordial da psicologia industrial no decorrer dos anos 20 foi a seleção e a colocação de candidatos a empregos — a pessoa certa na função certa. O escopo do campo aumentou em 1927 com os estudos Hawthorne, realizados na fábrica da Western Electric em Hawthorne, Illinois (Roethlisberger e Dickson, 1939). Essa pesquisa fez com que esse

campo passasse da seleção e colocação para problemas mais complexos, envolvendo relações humanas, motivação e o moral.

O estudo começou como uma investigação dos efeitos do ambiente físico do trabalho — iluminação e temperatura, por exemplo — sobre a eficiência do empregado. Os resultados surpreenderam os psicólogos e os gerentes de fábrica. Descobriu-se que as condições sociais e psicológicas do ambiente de trabalho tinham mais importância do que as condições físicas em que as funções eram realizadas. Os estudos Hawthorne abriram novas áreas de exploração de fatores com a qualidade e a natureza da liderança, os grupos informais que os trabalhadores compõem, as atitudes dos empregados com relação ao emprego, a comunicação entre operários e dirigentes, e uma vasta gama de outras forças sociais e psicológicas capazes de influir na motivação, na produtividade e na satisfação.

A Segunda Guerra Mundial levou um grande número de psicólogos a um envolvimento direto com o esforço de guerra. Tal como na Primeira Guerra, sua principal contribuição foram os testes, a avaliação e a classificação de recrutas. Por volta dos anos 40, tinham-se concebido testes bem mais sofisticados. A operação de equipamentos bélicos cada vez mais complexos, tais como aeronaves de alta velocidade, exigia aptidões mais aprimoradas. A necessidade de identificar pessoas dotadas da capacidade de dominar essas aptidões produziu o aperfeiçoamento dos procedimentos de seleção e treinamento. Essas armas criaram na psicologia industrial uma especialidade que recebeu múltiplas denominações: engenharia psicológica, engenharia humana, engenharia dos fatores humanos e ergonomia. Trabalhando em estreito contato com os engenheiros de sistemas, os profissionais da engenharia psicológica forneciam informações sobre as capacidades e as limitações humanas. Seu trabalho tinha influência direta sobre o projeto de equipamentos militares, tornando-os mais compatíveis com as características e aptidões das pessoas que iriam usá-los. Hoje, o campo da engenharia psicológica não se restringe a equipamentos militares, aplicando-se ainda a produtos de consumo como teclados de computador, móveis de escritório e mostradores de painéis nos automóveis.

A partir dos anos 50, os líderes empresariais vêm aceitando a influência da motivação, da liderança e de outros fatores psicológicos no desempenho profissional. Esses aspectos do ambiente de trabalho têm assumido uma importância crescente, o mesmo ocorrendo com o impacto do clima psicológico e social como um todo em que o trabalho é realizado. Atualmente, os psicólogos estudam a natureza de diferentes estruturas organizacionais, seus padrões e estilos de comunicação e as estruturas sociais formais e informais que produzem. Reconhecendo essa ênfase nas variáveis organizacionais, a Divisão de Psicologia Industrial da APA tornou-se a Sociedade de Psicologia Industrial e Organizacional.

206

Estudos realizados nas décadas de 20 e de 30 na fábrica da Western Electric Company em Hawthorne, Illinois, levaram os psicólogos aplicados às complexas áreas das relações humanas, dos estilos de liderança e da motivação e do moral dos empregados.

A Psicologia Clínica

A aplicação da psicologia à avaliação e ao tratamento do comportamento anormal foi feita pela primeira vez por Lightner Witmer em sua clínica da Universidade da Pensilvânia. Além disso, dois livros foram um primeiro impulso no campo. A *Mind That Found Itself* (Uma

Mente Que Encontrou A Si Mesma), escrito em 1908 por um ex-paciente, Clifford Beers, alcançou imensa popularidade e atraiu a atenção pública para a necessidade de tratar de maneira mais humana os doentes mentais. Psychotherapy (Psicoterapia), escrito em 1909 por Hugo Munsterberg, que também foi muito lido, detalhava técnicas para tratar uma variedade de distúrbios mentais. Ele promoveu a psicologia clínica ao mostrar formas específicas de ajudar pessoas perturbadas.

A primeira clínica de orientação infantil foi instalada em 1909 por William Healey, psiquiatra de Chicago. Logo surgiram muitas clínicas do gênero, cujo propósito era tratar os distúrbios infantis no início, para que esses problemas não se tornassem enfermidades mais sérias na idade adulta. As clínicas usavam a abordagem de equipe, introduzida por Witmer, em que todos os aspectos das dificuldades de um paciente eram tratados por psicólogos, psiquiatras e assistentes sociais.

As idéias de Sigmund Freud foram, naturalmente, cruciais para o desenvolvimento da

207

psicologia clínica. Sua obra de psicanálise fascinou e enfureceu alguns segmentos da psicologia oficial e do público americano. De suas idéias os psicólogos clínicos extrairam as primeiras técnicas psicológicas de terapia.

Não obstante, o progresso da psicologia clínica era lento e, mesmo em 1940, ela ainda era uma parte pouco significativa da psicologia. Havia poucas instalações para tratamento de adultos perturbados e, por isso, escassas oportunidades de trabalho para os psicólogos clínicos. Não havia programas educacionais para treinar psicólogos clínicos, e o trabalho destes se limitava, em geral, à aplicação de testes.

A situação sofreu uma abrupta mudança quando os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra, em 1941. Foi esse evento, mais do que qualquer outro, que tornou a psicologia clínica a ampla e dinâmica área aplicada especializada que veio a ser desde então. O exército instalou programas de treinamento para várias centenas de psicólogos clínicos, necessários ao tratamento de distúrbios emocionais dos militares.

Finda a guerra, a necessidade de psicólogos clínicos ficou ainda maior. A Administração dos Veteranos (VA) viu-se responsável por mais de 40.000 veteranos com problemas psiquiátricos. Mais de outros três milhões de veteranos precisavam de aconselhamento vocacional e pessoal para facilitar sua reintegração à vida civil, e cerca de 315.000 necessitavam de aconselhamento para conseguir ajustar-se a incapacidades físicas decorrentes de ferimentos de guerra. A demanda por profissionais de saúde mental estava no auge, excedendo em muito a oferta.

Para ajudar no atendimento dessa necessidade cruciante, a VA financiou programas de especialização de nível universitário e pagou as anuidades de alunos em troca de trabalho em seus hospitais e clínicas. Grande número de psicólogos clínicos treinados nos anos 50 recebeu a maior parte dessa instrução sob os auspícios da VA. Os programas também mudaram o tipo de pacientes tratados pelos psicólogos clínicos. Antes da guerra, o trabalho se voltava principalmente para crianças com problemas de delinquência e de ajustamento; as necessidades dos veteranos porém significavam que a maioria dos pacientes tratados eram adultos com graves problemas emocionais. A VA (hoje Departamento de Assuntos dos Veteranos — Department of Veterans Affairs) continua a ser a maior fonte individual

de empregos para psicólogos nos Estados Unidos, e tem tido um enorme impacto sobre o campo da psicologia clínica.

Os psicólogos clínicos também trabalham em centros de saúde mental, escolas, empresas e consultórios particulares. Discutiremos adiante as mudanças ocorridas a partir dos anos 50 nos métodos de tratamento, notadamente as terapias de comportamento, que são uma decorrência da escola comportamentalista. No momento, a psicologia clínica é a maior dentre as áreas aplicadas; mais de um terço de todos os estudantes formados estão em programas de clínica, e cerca de 40% dos membros da APA praticam a psicologia clínica.

Comentário

A natureza da psicologia americana passou por grande alteração desde os anos em que Hall, Cattell, Witmer, Scott e Münsterberg estudaram com Wundt na Alemanha e trouxeram essa psicologia para os Estados Unidos. Como resultado de seus esforços, a psicologia já não está restrita às salas de conferência, bibliotecas e laboratórios, tendo se estendido a muitas áreas da vida cotidiana. Além dos testes, da psicologia escolar e educacional, da psicologia clínica, da psicologia industrial/organizacional e da psicologia forense, os psicólogos atuam hoje no aconselhamento psicológico, na psicologia comunitária, na psicologia do consumidor, na psicologia populacional e ambiental, na psicologia da saúde e da reabilitação, na psicologia dos exercícios físicos e esportes, na psicologia da política pública e militar e na psicologia dos meios de comunicação. Nenhuma dessas áreas teria sido possível se a psicologia permanecesse

208

voltada para os conteúdos da experiência consciente. As pessoas, idéias e eventos que discutimos nestes capítulos sobre o funcionalismo impeliram a psicologia americana a ir bem além dos limites do laboratório de Leipzig.

Consideremos os seguintes fatores: a noção darwiniana de adaptação e função; a identificação por Galton das diferenças individuais e suas tentativas de medi-las; o Zeigist americano, com sua ênfase no que é prático e útil; a mudança, nos laboratórios acadêmicos de pesquisa, do conteúdo para a função, promovida por James, Angell, Carr e Woodworth; os fatores sociais e econômicos e as forças da guerra — tudo isso se entrelaçou para dar à luz uma psicologia destinada a modificar a nossa vida, uma ciência ativa, assertiva, atraente e influente.

Esse movimento geral da psicologia americana na direção do lado prático foi reforçado pelo comportamentalismo, a próxima escola de pensamento na evolução da psicologia.

Sugestões de Leitura

Averill, L. A., *Recollections of Clark's G. Stanley Hall*, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 26, pp. 125-130, 1990. Relata os três anos que o autor passou como aluno graduado da

Universidade Clark e suas lembranças de Hall como professor.

Benjamin, L. T., Jr., *'Why don't they understand us? A history of psychology's public image'*, *American Psychologist*, n 41, pp. 941-946, 1986. Acompanha o desenvolvimento da imagem da psicologia desde o começo, numa apresentação pública na Feira Mundial de

Chicago, até os escritos de psicólogos em revistas e livros populares, passando por suas aplicações no campo da educação.

Diehl, L. A., “The paradox of O. Stanley Hall: Foe of coeducation and educator of women”, *American Psychologist*, n 41, pp. 868-878, 1986. Examina a teoria de Hall sobre as diferenças sexuais no desenvolvimento humano — especialmente sua concepção de que o papel próprio à mulher é o de mãe — e estabelece um contraste entre isso e os seus esforços em favor das mulheres que faziam pós-graduação na Universidade Clark

Hale, M., Jr., *Human Science and Social Order: Hugo Münsterberg and the Origins of Applied Psychology*, Filadélfia, Temple University Press, 1980. A vida e a obra de Münsterberg, um dos fundadores da psicologia aplicada; o livro considera em especial sua concepção da natureza da sociedade e o papel da psicologia na solução de problemas sociais.

Hulse, S. H.; e Green, B. F., Jr. (Orgs.). *One Hundred Year of Psychological Research in America*: O.

Stanley Hall and the Johns Hopkins Tradition, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1986.

Apresenta artigos de um simpósio realizado para comemorar o centenário de fundação do laboratório

de psicologia na Universidade Johns Hopkins por Hall. Veja-se em especial a Parte 1, *Perspectiva*

Histórica”, que trata da vida de Hall e de como moldou o departamento de pós-graduação em psicologia. McReynolds, P., “Lightner Witmer: Little-known founder of clinical psychology”, *American Psychologist*, n 42, pp. 849-858, 1987. Faz um esboço da vida e da carreira de Witmer, descreve o princípio de sua clínica na Universidade da Pensilvânia e avalia sua importância para a história da psicologia aplicada.

Sokal, M. M.; (Org.), *Psychological Testing and American Society: 1890-1930*, New Brunswick, Nova Jersey, Rutgers University Press, 1987. Um relato das idéias, programas e práticas pioneiras do movimento de testes mentais nos Estados Unidos, cobrindo o trabalho de Cattell, Scott, Goddard, Ternan e Otis, entre outros.

Sokal, M. M., “O. Stanley Hall and the institutional character of psychology at Clark, 1889-1920”, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 26, pp. 114-124, 1990.

Descreve a psicologia ensinada e promovida na Universidade Clark e remonta sua origem a aspectos do próprio temperamento de Hall.

Von Mayrhauser, R. T., “Making intelligence functional: Walter Dill Scott and applied psychological

testing in World War I”, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 25, pp. 60-72, 1989.

Descreve os esforços de Scott, Thorndike e outros na elaboração do primeiro teste de inteligência grupal.

O Comportamentalismo: Influências Anteriores

Uma Ciência do Comportamento Ivan Petrovitch Pavlov (1849-1936)

- A Vida de Pavlov

A Influencia da Psicologia Animal sobre o Com-

- Os Reflexos Condicionados

portamentalismo

Uma Nota sobre Twitmyer

Hans o Cavalo Inteligente

Comentano

Edward Lee Thomdike (1874-1949)

A Vida de Thorndike Viadimir M. Bekhterev (1857-1927)

O Conexionismo Comentário

Comentário

A Influencia do Funcionalismo sobre o Comporta-

mentalismo

Uma Ciência do Comportamento

Perto da segunda década do século XX, menos de quarenta anos depois do lançamento formal da psicologia por Wilhelm Wundt, essa ciência já havia passado por drásticas revisões. Os psicólogos não concordavam mais sobre o valor da introspecção, sobre a existência dos elementos da mente, ou sobre a necessidade de a psicologia permanecer uma ciência pura. Os funcionalistas estavam reescrevendo as regras da psicologia, fazendo com ela experiências e aplicações que não poderiam ser admitidas em Leipzig ou Comeil.

O movimento na direção do funcionalismo era menos revolucionário que evolutivo. Os funcionalistas não procuravam deliberadamente destruir as posições de Wundt e Titchener. Em vez disso, eles as modificaram, acrescentando um pouco aqui, mudando alguma coisa ali, de modo que, gradativamente, ao longo dos anos, surgiu uma nova forma de psicologia. Tratava-se mais de um lento processo de desgaste interno do que de um ataque deliberado de fora. Os líderes do movimento funcionalista não sentiam uma grande necessidade de solidificar ou formalizar seu pensamento. A seu ver, não se tratava tanto de romper com o passado como de construir a partir dele. Em consequência, a passagem do estruturalismo ao funcionalismo não foi tão perceptível na época em que ocorreu.

Não há dia ou ano certos que possamos apontar como o começo do funcionalismo, nem um momento em que a psicologia tenha mudado da noite para o dia. Na verdade, é difícil, como observamos, apontar um indivíduo particular como o fundador do funcionalismo.

Quem

o fundador foi a situação da segunda década do século XX nos Estados Unidos. O funcionalismo estava amadurecendo, e o estruturalismo ainda ocupava uma posição forte, se bem que não mais exclusiva.

Em 1913 irrompeu um protesto contra as duas posições. Seu autor pretendia que fosse um rompimento abrupto e aberto, uma guerra total voltada para abalar os dois pontos de vista.

Não haveria modificação do passado, nem compromisso com ele.

Esse novo movimento recebeu o nome de comportamentalismo e teve como líder um psicólogo de 35 anos, John B. Watson. Apenas dez anos antes, Watson recebera seu Ph.D. de Angell, na Universidade de Chicago. Na época — 1903 —, Chicago era o centro da psicologia funcional, um dos dois movimentos que Watson se dispunha a esmagar.

Os pilares básicos do comportamentalismo de Watson eram simples, diretos e ousados. Ele desejava uma psicologia objetiva, uma ciência do comportamento que só lidasse com atos comportamentais observáveis, passíveis de descrição objetiva em termos de estímulo e resposta. Ele queria aplicar aos seres humanos os procedimentos e princípios experimentais da psicologia animal, um campo em que trabalhara.

Os interesses de Watson lançaram luz sobre aquilo que ele queria descartar. Para ser uma ciência objetiva, a psicologia do comportamento tinha de rejeitar todos os conceitos e termos mentalistas. Palavras como imagem, mente e consciência — herança dos dias da filosofia mental — não tinham sentido para uma ciência como essa. Watson era de particular veemência na sua rejeição do conceito de consciência. Para ele, a consciência “nunca foi sentida, tocada, cheirada, provada ou movida. É uma simples suposição tão improvável quanto o velho conceito de mente” (Watson e McDougall, 1929, p. 14). Por conseguinte, a técnica da introspecção, que supunha a existência de processos conscientes, era irrelevante.

Como fundador do comportamentalismo, Watson promoveu essas opiniões de modo vigoroso. Contudo, como vimos, fundar não é o mesmo que originar. As idéias do movimento comportamentalista que estava prestes a tomar de assalto a psicologia não surgiram com Watson; vinham sendo desenvolvidas na psicologia e na biologia há vários anos.

Não é uma crítica a Watson observar que ele, tal como todos os fundadores, organizou, integrou e propõe idéias e questões já existentes. A partir desse amálgama, ele construiu seu novo sistema de psicologia. Vale a pena reiterar: “Criações absolutamente [são muito raras, se é que ocorrem; a maioria das novidades são apenas novas combinações de velhos elementos, e o grau de novidade é, portanto, uma questão de interpretação” (Sarton, 1936, p. 36).

Este capítulo examina as influências anteriores do comportamentalismo, os velhos elementos que Watson combinou com tanta eficácia para formar sua nova psicologia. Ao menos três

grandes tendências afetaram a sua obra: (1) a tradição filosófica do objetivismo e do mecanicismo; (2) a psicologia animal; e (3) a psicologia funcional. Estas duas últimas exerceram o impacto

mais direto e evidente. As tradições filosóficas aludidas estavam em desenvolvimento há algum

tempo, tendo favorecido e reforçado o crescimento da psicologia animal e do funcionalismo.

Não era incomum, por volta de 1913, a insistência de Watson na necessidade de uma maior objetividade na psicologia. Essa noção tem uma longa história, que talvez tenha começado com Descartes, cujas tentativas de explicações mecanicistas do corpo figuram entre os primeiros passos na direção dessa maior objetividade. Tem maior importância na história do objetivismo o filósofo francês Auguste Comte (1798-1857), fundador do positivismo, movimento que enfatizava o conhecimento positivo (fatos), cuja verdade não é discutível (ver o Capítulo 2). Segundo Comte, o único conhecimento válido é o que tem natureza social e é objetivamente observável. Esses critérios levaram ao abandono da introspecção, que depende da consciência individual privada e não pode ser objetivamente observada. Comte fez um vigoroso protesto contra o mentalismo e a metodologia subjetiva.

211

Nos primeiros anos do século XX, o positivismo era parte do *Zeitgeist* científico. Watson raramente discutia o positivismo, o mesmo ocorrendo com a maioria dos psicólogos americanos da época; contudo, eles “agiam como positivistas, mesmo que não assumissem o rótulo” (Logue, 1985a, p. 149). Assim, quando Watson se pôs a trabalhar no comportamentalismo, o objetivismo, o mecanicismo e o materialismo eram fortes. Exerciam uma influência tão preponderante que levaram inexoravelmente a um novo tipo de psicologia, sem consciência, sem mente, sem alma, um tipo de psicologia que só se interessava pelo que pudesse ser visto, ouvido e tocado. O resultado inescapável disso foi a ciência do comportamento, que concebia o ser humano como uma máquina.

A Influência da Psicologia Animal sobre o Comportamentalismo

Watson declarou sucintamente a relação entre a psicologia animal e o comportamentalismo: “O comportamentalismo é uma consequência direta de estudos sobre o comportamento animal [no decorrer da primeira década do século XX]” (Watson, 1929, p. 327). Está claro, portanto, que o antecedente mais importante do programa de Watson foi a psicologia animal, desenvolvida a partir da teoria evolutiva. Isso resultou em tentativas de demonstrar a existência da mente em organismos inferiores e a continuidade entre as mentes animal e humana.

Apresentamos no Capítulo 6 a obra de dois pioneiros da psicologia animal — George John Romanes e Conwy Lloyd Morgan. Com a lei da parcimônia de Morgan e sua maior preferência pelas técnicas experimentais, e não pelas anedotais, o campo da psicologia animal estava se tornando mais objetivo. Contudo, a consciência ainda constituía o seu foco, e inferiam-se informações sobre o nível de consciência de um animal a partir das observações do seu comportamento. Logo, embora a metodologia ficasse mais objetiva, não ocorria o mesmo com o objeto de estudo.

Em 1889, Alfred Binet publicou *The Psychic Life of Micro-Organisms* (A Vida Psíquica dos Microorganismos), em que propunha que os protozoários unicelulares são dotados da capacidade de perceber objetos e discriminar entre eles, bem como de exibir um comportamento com algum grau de intencionalidade. Em 1908, Francis Darwin (filho de

Charles Darwin) discutiu o papel da consciência nas plantas. Nos primórdios da psicologia animal nos Estados Unidos, descobrimos, sem nenhuma surpresa, a continuidade do interesse pela consciência animal. A influência de Romanes e de Morgan persistiu por um bom tempo.

Um passo significativo na direção de uma maior objetividade na psicologia animal foi dado por Jacques Loeb (1859-1924), fisiologista e zoólogo alemão que trabalhou em várias instituições norte-americanas, entre as quais a Universidade de Chicago. Reagindo à tradição antropomórfica de Romanes e ao método da introspecção por analogia, Loeb desenvolveu uma teoria do comportamento animal baseada no conceito de tropismo, um movimento forçado involuntário. Nesse modo de ver, a resposta do animal é uma função direta e automática de um estímulo ou reação a ele. Diz-se que o comportamento é forçado pelo estímulo, não necessitando, portanto, de nenhuma explicação em termos de consciência animal. A teoria de Loeb teve influência por algum tempo nas ciências biológicas, tendo representado uma mudança com relação ao trabalho de Romanes e Morgan.

Embora seu trabalho fosse talvez a abordagem mais objetiva e mecanicista da psicologia animal então proposta, Loeb não descartara por inteiro o passado. Ele não rejeitava a consciência, em especial no caso de animais no alto da escala da evolução, como os seres humanos. Ele afirmava que a consciência entre os animais fora revelada pela memória associativa, ou seja, a idéia de que os animais tinham aprendido a reagir a certos estímulos de uma maneira desejada. Por exemplo, quando um animal responde ao chamado do seu nome ou reage a um

212

som específico ao ir repetidamente até o lugar onde é alimentado, tem-se uma prova da memória associativa. Portanto, mesmo no sistema de Loeb, em tudo o mais mecanicista, a mente ou consciência ainda era evocada, mediante a associação de idéias (Loeb, 1918).

Watson fizera vários cursos com Loeb na Universidade de Chicago e expressara o desejo de pesquisar sob sua orientação, o que indica que, na época, ele tinha simpatia pelas concepções mecanicistas de Loeb (ou, ao menos, curiosidade em relação a elas). Angeli e outro professor, o neurologista H. H. Donaldson, convenceram Watson a desistir desse plano, alegando que Loeb era “perigoso”, uma palavra passível de várias interpretações, mas que talvez indique sua desaprovação do objetivismo de Loeb.

No começo do século, o estudo do comportamento animal segundo uma perspectiva biológica tornara-se popular nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, a psicologia animal experimental, principalmente a obra de E. L. Thorndike na Universidade Colúmbia, se desenvolvia com rapidez. Robert Yerkes iniciara estudos de animais em 1900, e seu trabalho, que empregava vários animais, fortaleceu a posição e a influência da psicologia comparada.

Também em 1900, o labirinto para ratos foi introduzido por W. S. Small na Universidade Clark, e o rato branco e o labirinto se tornaram o método-padrão do estudo da aprendizagem. Mas a consciência continuou a se imiscuir na psicologia animal, mesmo com o rato branco no labirinto. Interpretando o comportamento do roedor, Small escreveu, em termos mentalistas:

“Também está claro..., que o que se pode adequadamente denominar idéias tem algum lugar no processo associativo. Imagens rudimentares — visuais, olfativas, motoras —, condições orgânicas e atividades instintivas são com certeza os principais elementos. Não é impossível que esses elementos venham a compor idéias. A analogia com a experiência humana aponta, com efeito, para essa conclusão” (Mackenzie, 1977, p. 85).

Embora mais restrito do que o ramo antropomorfizante de Romanes, esse comentário de Small representa uma preocupação com processos mentais, e mesmo com elementos mentais. Watson, nos primeiros anos de sua carreira, viu-se sob a mesma influência. Sua dissertação de doutorado, completada em 1903, tinha como título “Educação Animal: O Desenvolvimento Psíquico do Rato Branco”. Até 1907, ele ainda discutia a experiência consciente da sensação em seus ratos.

Em 1906, Charles Flenry Turner, um dos primeiros psicólogos afro-americanos e um prolífico pesquisador no campo da psicologia comparada, publicou um artigo intitulado “Observações Preliminares sobre o Comportamento da Formiga”. Watson fez uma resenha do artigo na prestigiosa revista *Psychological Bulletin* e o cobriu de louvores. Na resenha, Watson usou a palavra comportamento do título de Turner. Essa pode ter sido a primeira vez que Watson usou o termo por escrito, embora ele o tenha empregado antes num pedido de recursos (Cadwallader, 1984, 1987).

Por volta de 1910, cerca de oito laboratórios de psicologia comparada tinham sido instalados (os primeiros foram em Clark, em Harvard e na Universidade de Chicago), e muitas universidades estavam oferecendo cursos nessa área. Margaret Floy Washburn, que fora a primeira doutoranda de Titchener, ensinava psicologia animal em Cornell. Ela escreveu um manual de psicologia comparada intitulado *The Animal Mind* (A Mente Animal) em 1908. O livro teve três edições. Observe-se o seu título: A Mente Animal. A imputação de consciência

aos animais persistia, assim como o método de fazer introspecção da mente animal por analogia com a humana. Washburn observou que “somos obrigados a admitir que toda interpretação psíquica do comportamento animal deve ter como base a analogia com a experiência humana... Devemos ser antropomórficos nas noções que formamos acerca do que acontece na mente de um animal” (Washburn, 1908, p. 88).

Embora tenha sido considerado “a mais abrangente revisão da literatura sobre psicologia animal da época”, esse livro marcou o fim de uma era na psicologia animal.

213

214

Depois dele, nenhum outro texto usaria a abordagem de inferir estados mentais a partir do comportamento. As questões tinham despertado o interesse de [Spencer, Lloyd Morgan e Yerkes saíram de moda e praticamente desapareceram da literatura. Quase todos os manuais subsequentes do campo tinham orientação comportamental e se voltavam primordialmente para tópicos e problemas de aprendizagem (Demarest, 1987, pp. 134, 144).

Robert M. Yerkes estudou uma gama de animais - de tartarugas e rãs a porcos e chimpanzés - e promoveu uma abordagem objetiva e biológica para a psicologia comparada.

Tratando da mente ou do comportamento, não era fácil ser psicólogo animal. Para os membros do legislativo e os administradores universitários, esse campo não tinha nenhum valor prático. O presidente de Harvard “não via futuro na modalidade de psicologia comparada de Yerkes. A coisa cheirava mal, era cara e parecia não ter relação com o serviço público prático. Chegou aos ouvidos de Yerkes que o caminho para a promoção poderia passar pela psicologia educacional [não pela animal]” (Reed, 1987b, p. 94).

Os alunos treinados por Yerkes em seu laboratório foram para campos aplicados, visto não conseguirem empregos em psicologia comparada. Os que tinham cargos universitários descobriram ser os membros mais descartáveis dos seus departamentos de psicologia. Em épocas de dificuldades financeiras, eles costumavam ser os primeiros demitidos. O próprio Watson teve problemas no início da carreira. “Minhas pesquisas no momento estão muito problemáticas”, ele escreveu a Yerkes em 1904. “Não temos absolutamente nenhum lugar para manter os animais e não há recursos para manter o ‘zoológico’, mesmo que tivéssemos o lugar” (O’Donnell, 1985, p. 190).

Em 1908 foram publicados apenas seis estudos sobre animais, 4% de todas as pesquisas psicológicas do ano. No ano seguinte, quando Watson sugeriu a Yerkes que todos os psicólogos animais jantassem juntos durante a reunião da APA, sabia-se que uma mesa os comportaria a todos — os 9. Na edição de 1910 de *American Men of Science*, de Cattell, apenas 6 entre os 218 psicólogos citados disseram estar trabalhando com pesquisa animal. Naturalmente, as perspectivas de carreira eram poucas, mas o campo se expandia devido à intensa dedicação dos poucos que nele permaneciam.

O periódico *Journal of Animal Behavior*, mais tarde *Journal of Comparative Psychology*, foi fundado em 1911. Dois anos antes, a obra do fisiologista russo Ivan Pavlov havia se tornado conhecida nos Estados Unidos graças a um artigo escrito por Yerkes e por um aluno russo, Sergius Morgulis. A obra de Pavlov sustentava uma psicologia objetiva e, em particular, o comportamentalismo de Watson.

A psicologia animal se estabeleceu e tomou-se cada vez mais objetiva em termos de métodos e objeto de estudo. Os tipos de experiências conscientes invocados pelos pesquisadores animais se reduziram, terminando por desaparecer de vez.

Antes de falarmos das influências mais específicas sobre o desenvolvimento do comportamentalismo watsoniano, vamos narrar a história do cavalo mais famoso do campo da psicologia.

Hans, o Cavalo Inteligente

No início dos anos 1900, quase todas as pessoas alfabetizadas do mundo ocidental tinham lido sobre Hans, o Cavalo Prodígio, por certo a mais inteligente criatura quadrúpede que já viveu. Ele era uma celebridade na Europa e nos Estados Unidos. Escreveram-se peças e canções sobre ele, bem como livros e artigos de revistas, e os publicitários usavam o seu nome para vender produtos. Hans era uma sensação.

O cavalo somava e subtraía, usava frações e decimais, lia, soletrava, dizia as horas, discriminava cores, identificava objetos e dava demonstrações de uma memória fenomenal. Ele respondia às perguntas batendo a pata um número especificado de vezes ou virando a cabeça na direção do objeto correto.

“Quantos cavalheiros presentes estão usando chapéus de palha?” — perguntava-se ao cavalo. Hans batia a resposta com a pata direita, tendo o cuidado de omitir os chapéus de palha

usados pelas senhoras.

‘O que a senhora tem nas mãos?’

215

216

O cavalo batia “Schinn”, que significa sombrinha, indicando cada uma das letras por meio de uma tabela especial. Ele era invariavelmente bem-sucedido na distinção entre bengalas e sombrinhas, bem como entre chapéus de palha e de feltro.

E, ainda mais importante, Hans pensava sozinho. Quando lhe faziam uma pergunta completamente nova, tal como quantos cantos há num círculo, ele balançava a cabeça de um lado para o

outro dizendo que não havia nenhum (Femald, 1984, p. 19).

Margaret Floy Washburn foi a primeira doutoranda de Titchener em Comeu e escreveu um manual de psicologia comparada.

Não admira que as pessoas se assombrassem. Não admira que o proprietário de Hans, Wilhelm von Osten, de Berlim, onde era professor aposentado de matemática, ficasse contente com o que conseguira. Ele passara vários anos ensinando a Hans o que considerava os fundamentos da inteligência humana. A motivação desses grandes esforços era puramente científica; seu objetivo era provar que Darwin estava certo ao sugerir que os seres humanos e os animais têm processos e capacidades mentais semelhantes. Von Osten acreditava que a única razão por que os cavalos e outros animais parecem menos inteligentes do que são é o fato de não receberem educação suficiente. Ele estava convencido de que, com o tipo certo de exercícios e de treinamento, o cavalo poderia mostrar que era um ser inteligente.

Vale dizer que von Osten não tirava proveito financeiro das exposições de Hans. Nunca cobrou ingressos para as demonstrações que fazia no jardim do seu prédio e nunca se beneficiou da publicidade resultante.

Nomeou-se um comitê governamental para examinar o fenômeno e determinar se alguma fraude ou truque estava envolvido. O grupo incluía um gerente de circo, um veterinário, treinadores de cavalos, um aristocrata, o diretor do zoológico de Berlim e o psicólogo Carl Stumpf, da Universidade de Berlim (Capítulo 4).

Em setembro de 1904, depois de uma longa investigação, o comitê concluiu que Hans não recebia sinais ou indícios intencionais do proprietário. Nada de fraude nem de enganos. Mas Stumpf não ficou completamente satisfeito. Ele estava curioso sobre como o cavalo

conseguia responder corretamente a tantos tipos diferentes de perguntas, e entregou o problema a um dos seus alunos de pós-graduação, Oskar Pfungst, que abordou a tarefa com o meticuloso cuidado de psicólogo experimental.

Um dos primeiros experimentos de Pfungst foi feito depois de uma demonstração de que Hans respondia corretamente às perguntas mesmo quando o seu dono, von Osten, não estava presente. Pfungst formou dois grupos, um composto de pessoas que sabiam as respostas às perguntas feitas ao cavalo, e o outro, de pessoas que não sabiam. Isso levou a uma descoberta fundamental: Hans só podia responder corretamente quando quem perguntava sabia a resposta. Evidentemente, Hans recebia de alguma maneira informações da pessoa que perguntava, mesmo que fosse um estranho.

Depois de uma série de experimentos bem controlados, Pfungst concluiu que Hans fora condicionado inintencionalmente a começar a bater a pata sempre que percebesse o mínimo movimento descendente da cabeça de von Osten. Quando o número correto de batidas era alcançado, von Osten movia a cabeça ligeiramente para cima, e o cavalo parava. Pfungst demonstrou que quase todos, mesmo pessoas que nunca tinham se aproximado antes de um cavalo, faziam os mesmos movimentos de cabeça ligeiramente perceptíveis quando falavam com um cavalo.

Assim, verificou-se que Hans não tinha um estoque de conhecimentos. Ele apenas fora treinado para começar a bater a pata, ou para inclinar a cabeça na direção de um objeto, sempre que quem fizesse a pergunta realizasse um certo tipo de movimento. Além disso, fora condicionado a parar de bater em resposta a outra espécie de movimento. Durante o período de treinamento, von Osten reforçara Hans ao lhe dar pedaços de cenoura ou barras de açúcar sempre que o cavalo respondia corretamente. Com o progresso do treinamento, von Osten já não tinha de reforçar o comportamento do animal a cada réplica correta; ele o recompensava parcial ou intermitentemente. O psicólogo comportamentalista B. F. Skinner demonstraria mais tarde a eficácia desse tipo de reforço parcial no processo de condicionamento.

O caso do prodigioso Hans demonstrou o valor (na verdade, a necessidade) de uma abordagem experimental para o estudo do comportamento animal, e tornou os psicólogos ainda

mais céticos quanto a afirmações de altos níveis de inteligência em animais. Estava claro, no

217

entanto, que os animais são capazes de aprender e podem ser condicionados a mudar seu comportamento. Por conseguinte, o estudo da aprendizagem animal passou a ser considerado mais proveitoso do que a contínua especulação acerca do que poderia estar ocorrendo na mente do animal em termos de algum alegado nível de inteligência. O relatório de Pfungst sobre suas experiências com Hans foi revisto por Watson, e as conclusões ali apresentadas influenciaram sua crescente propensão a promover uma psicologia que só tratasse do comportamento, e não da consciência (Watson, 1908).

Edward Lee Thorndike (1874-1949)

Thorndike, que nunca conseguiu aprender a dirigir, é um dos mais importantes pesquisadores no desenvolvimento da psicologia animal. Ele elaborou uma teoria objetiva e

mecanicista da aprendizagem, que se concentra no comportamento manifesto. Acreditava que a psicologia tem de estudar o comportamento, e não elementos mentais ou experiências conscientes de qualquer espécie; assim, reforçou a tendência de uma maior objetividade iniciada pelos funcionalistas. Ele interpretou a aprendizagem não em termos subjetivos, mas em termos das conexões concretas entre estímulos e respostas. Contudo, como veremos, ele permitiu algumas referências à consciência e aos processos mentais.

As obras de Thorndike e de Ivan Pavlov dão outro exemplo de descobertas simultâneas independentes. Thorndike desenvolveu sua lei do efeito em 1898, e Pavlov fez uma proposta semelhante com sua lei do reforço, em 1902, mas foram necessário muitos anos antes de se perceber essa semelhança.

A Vida de Thorndike

E. L. Thorndike foi um dos primeiros psicólogos americanos a receber toda a educação nos Estados Unidos. É significativo que isso tenha sido possível apenas duas décadas depois da fundação da psicologia. Seu interesse pela ciência foi despertado, tal como ocorreu com tantos outros, pela leitura dos *Princípios de Psicologia*, de William James, quando fazia a graduação na Universidade Wesleyan em Middletown, Connecticut. Mais tarde, estudou com James em Harvard, onde iniciou suas pesquisas sobre a aprendizagem.

Ele planejara fazer suas pesquisas tendo crianças como sujeitos, mas foi proibido pela administração da universidade, ainda vulnerável por causa de um escândalo, alguns anos antes, quando um antropólogo tinha afrouxado as roupas de crianças para tomar-lhes medida do corpo. Sabendo disso, Thorndike escolheu galinhas, ao que parece inspirado pelas palestras que Morgan fizera em Harvard, descrevendo suas próprias pesquisas com esses animais.

Thorndike treinou suas galinhas para percorrer labirintos improvisados com livros. Contasse a história das dificuldades de Thorndike para encontrar acomodações para suas galinhas.

Como a sua senhoria vislumbrara os animais no seu quarto, ele pediu ajuda a William James.

Este não conseguiu espaço nem no laboratório, nem no museu da universidade; assim, levou

Thorndike e suas galinhas para o porão de sua casa, ao que parece para a delícia dos seus filhos. Thorndike não completou sua educação em Harvard. Acreditando que uma certa jovem

não correspondia ao seu interesse, matriculou-se com Cattell em Colúmbia, para afastar-se da região de Boston. Quando Cattell lhe ofereceu uma bolsa, Thorndike foi para Nova York com suas duas galinhas mais treinadas. Ele prosseguiu com suas pesquisas em Colúmbia, trabalhando com cães e gatos em caixas-problema que ele mesmo projetava. Em 1898, recebeu o doutorado. Sua dissertação, “*Inteligência Animal: Um Estado Experimental dos Processos Associativos em Animais*”, foi publicada ao lado de pesquisas subseqüentes sobre a aprendizagem associativa em galinhas, peixes e macacos.

Muito ambicioso e competitivo, Thorndike escreveu à noiva: Decidi chegar ao topo da psicologia em cinco anos, dar aulas por mais dez e depois parar” (Boakes, 1984, p. 72). Ele

não trabalhou como psicólogo animal por muito tempo, admitindo voluntariamente que não tinha um real interesse nisso. Tinha se dedicado ao assunto apenas para se formar e estabelecer uma reputação. Além disso, esse não era o campo em que alguém com tanto ímpeto pudesse ter sucesso.

Thorndike tomou-se instrutor de psicologia no Teachers College da Universidade Colúmbia em 1899. Ali, voltou-se para sujeitos humanos, aplicando suas técnicas de pesquisa com animais a crianças e jovens. O resto de sua longa carreira foi passado principalmente nas áreas

219

Edward Lee Thorndike, pioneiro no estudo da aprendizagem, formulou sua teoria do conexionismo para explicar o modo pelo qual os organismos estabelecem associações entre situações e respostas.

da aprendizagem humana, da psicologia educacional e dos testes mentais. Escreveu vários manuais e chegou ao topo; em 1912, foi eleito presidente da Associação Psicológica Americana. Ficou bastante rico com os direitos dos seus testes mentais e manuais, e, por volta de 1924, tinha uma renda de quase setenta mil dólares por ano, uma tremenda soma na época (Boakes, 1984).

Os cinquenta anos de Thorndike em Colúmbia estão entre os mais produtivos já registrados. Sua bibliografia exibe 507 itens, muitos deles copiosos livros e monografias. Aposentou-se em 1939, mas continuou a trabalhar até morrer, dez anos depois.

O Conexionismo

Thorndike criou uma abordagem experimental em associação a que deu o nome de conexionismo, e que abrangia várias novidades importantes com relação às concepções tradicionais da aprendizagem. Ele escreveu que, se fosse analisar a mente humana, encontraria

conexões de força variável entre (a) situações, elementos de situações e compostos de situações, e (b) respostas, prontidões para responder, facilitações, inibições e direções de respostas. Se todos esses elementos pudessem ser completamente inventariados, revelando o que o homem pensa e faz, e o que o satisfaz e contraria, em toda situação concebível, parece-me que nada ficaria de fora... Aprender é estabelecer conexões. A mente é o sistema de conexões do homem (Thorndike, 1931, p. 122).

Essa posição era um descendente direto da noção filosófica mais antiga da associação (ver o Capítulo 2), com uma diferença significativa: em vez de falar sobre associações ou conexões entre idéias, Thorndike propunha conexões entre situações e respostas. Assim, ele incorporou um referencial mais objetivo à sua teoria psicológica. Seu estudo da aprendizagem também diferia do associacionismo clássico pelo fato de os sujeitos serem animais, e não seres humanos. Esse método se tomara aceitável como resultado da noção darwiniana de continuidade das espécies.

Embora se concentrasse nas conexões entre situações e respostas, e alegasse que a aprendizagem não envolve reflexão consciente, Thorndike estava voltado para processos mentais ou subjetivos. Falava em “satisfação”, “contrariedade” e “desconforto” ao discutir

o comportamento dos seus animais experimentais, termos mais mentalistas do que comportamentistas. Logo, Thorndike revelava a influência da perspectiva estabelecida por Romanes e Morgan. “Para Thorndike..., a análise detalhada das operações mentais de um animal, com base na inferência objetiva, era seguida por descrições da experiência particular do animal com base na inferência subjetiva” (Mackenzie, 1977, p. 70).

Deve-se dizer que Thorndike, à semelhança de Jacques Loeb, não admitia com a facilidade e extravagância de Romanes que os animais tivessem altos níveis de consciência e de inteligência. Podemos ver uma consistente diminuição no papel que a consciência teve, na psicologia animal, desde o seu começo até a época de Thorndike, assim como uma concentração maior no uso do método experimental para o estudo do comportamento mais objetivo.

A despeito da nuance mentalista do trabalho de Thorndike, não devemos perder de vista a natureza mecanicista de sua abordagem. Ele afirmava que, para estudar o comportamento, dever-se-ia decompô-lo ou reduzi-lo aos seus elementos mais simples: as unidades estímulo-resposta. Desse modo, ele partilhava com os estruturalistas um ponto de vista analítico e atomista. Essas unidades são os elementos do comportamento (e não da consciência), os blocos de construção a partir dos quais se compõem comportamentos mais complexos.

As conclusões de Thorndike derivaram das pesquisas que ele fez empregando um equipamento que projetou, a caixa-problema (ver Figura 9-1). O animal colocado na caixa tinha

de aprender a operar um trinco para escapar. Os estudos de Thorndike com gatos envolviam a colocação de um gato privado de alimento na caixa. Colocava-se comida fora dela como recompensa para a fuga. A porta da caixa ficava fechada por vários trincos. O gato tinha de puxar uma alavanca ou corrente e, às vezes, executar vários atos em sucessão a fim de abrir a porta.

No início, o gato exibia um comportamento meio caótico, empurrando, farejando e dando patadas para conseguir o alimento. Ele terminava por descobrir o comportamento correto e a porta se abria. Na primeira tentativa, esse comportamento ocorria por acaso. Em tentativas subsequentes, os comportamentos aleatórios iam sendo exibidos com frequência cada vez menor até a aprendizagem se completar. Depois disso, o gato se comportava corretamente tão logo era colocado na caixa.

Thorndike adotou medidas quantitativas de aprendizagem. Uma das técnicas consistia em registrar o número de comportamentos errados, de atos que não levavam à fuga. Esses comportamentos tinham sua frequência reduzida numa série de tentativas. Outra técnica envolvia o registro do tempo decorrido entre o momento em que o gato era posto na caixa e a sua fuga bem-sucedida. Com a aprendizagem, esse intervalo diminuía.

Thorndike escreveu sobre a incorporação ou obliteração de uma tendência de resposta a partir dos resultados favoráveis ou desfavoráveis. Tendências de resposta mal-sucedidas (as que nada faziam para que o gato saísse da caixa) são obliteradas depois de algumas tentativas. Tendências de resposta que levam ao êxito são incorporadas nas mesmas circunstâncias. Esse tipo de aprendizagem tem sido chamado de aprendizagem por tentativa

e errcr, Thorndike preferia denominá-lo “tentativa e sucesso casual” (Jonçich, 1968, p. 266).

A incorporação ou obliteração de uma tendência de resposta foi formalizada por Thorndike como a lei do efeito: “Todo ato que, numa dada situação, produz satisfação fica

Figura 9-1. A caixa-problema de Thorndike.

221

associado com essa situação, de maneira que, quando a situação se repete, o ato tem mais probabilidade de se repetir do que antes. Inversamente, todo ato que, numa dada situação, produz desconforto se torna dissociado dessa situação, de maneira que, quando a situação se repete, o ato tem menos probabilidade de se repetir do que antes” (Thorndike, 1905, p. 203).

Uma lei concomitante — a lei do exercício ou lei do uso e desuso — afirma que toda resposta dada numa situação particular fica associada com essa situação. Quanto mais é usada na situação, tanto mais fortemente a resposta se associa com ela. Inversamente, o desuso prolongado da resposta tende a enfraquecer a associação. Em outras palavras, a simples repetição de uma resposta numa situação tende a fortalecer essa resposta. As pesquisas ulteriores de Thorndike o convenceram de que a repetição de uma resposta é relativamente ineficaz em comparação com as conseqüências da resposta em termos de recompensa.

No início dos anos 30, Thorndike reexaminou a lei do efeito num amplo programa de pesquisa com sujeitos humanos. Os resultados revelaram que recompensar uma dada resposta de fato a fortalece, mas que impor uma punição a uma determinada resposta não produz um efeito negativo comparável. Ele reformulou a lei do efeito dando maior ênfase à recompensa do que à punição.

Comentário

As investigações feitas por Thorndike sobre a aprendizagem humana e animal estão entre as mais importantes da história da psicologia. Suas teorias tiveram amplo uso na educação, aumentando o envolvimento da psicologia nessa especialidade. Além disso, sua obra anunciou a ascensão da teoria da aprendizagem à proeminência que ela alcançaria na psicologia americana. Embora teorias e modelos de aprendizagem cada vez mais novos tenham surgido desde a época de Thorndike, o significado de suas contribuições permanece inalterado. Sua obra é um marco no associacionismo, e o espírito objetivo com que conduziu suas pesquisas é uma relevante contribuição para o comportamentalismo. Com efeito, John B. Watson escreveu que as pesquisas de Thorndike assentaram os alicerces do comportamentalismo.

Ivan Pavlov também prestou tributo a Thorndike:

Alguns anos depois do início do trabalho com o nosso novo método, chegou ao meu conhecimento que experiências um tanto semelhantes tinham sido realizadas na América e, de fato, não por fisiologistas, mas por psicólogos. A partir de então, estudei com mais atenção as publicações americanas e agora devo reconhecer que a honra de ter dado os primeiros passos por esse caminho pertence a E. L. Thorndike. Suas experiências precederam as nossas em dois ou três anos, devendo o seu livro ser considerado um

clássico, tanto pela sua perspectiva corajosa diante de uma tarefa imensa como pela precisão dos seus resultados (Pavlov, 1928, in Jonçich, 1968, pp. 415-416).

Ivan Petrovitch Pavlov (1849-1936)

A influência de Pavlov é pronunciadamente sentida em muitas áreas da psicologia contemporânea. Seu trabalho sobre a aprendizagem ajudou a levar o associacionismo, de sua ênfase tradicional nas idéias subjetivas, para o estudo concentrado das secreções glandulares e movimentos musculares objetivos e quantificáveis. Em consequência, o trabalho de Pavlov forneceu a Watson um novo método de estudo do comportamento e uma maneira de tentar controlá-lo e modificá-lo.

A Vida de Pavlov

Ivan Pavlov nasceu na cidade de Ryazan, na Rússia Central, sendo o primogênito dos onze filhos de um pároco de aldeia. Sua posição numa família tão grande lhe impôs

222

bilidades e trabalhos duros ainda em tenra idade, características que ele conservou por toda a vida. Pavlov deixou de ir à escola por vários anos devido a um acidente que envolveu um grave golpe em sua cabeça quando ele tinha sete anos. Seu pai o educou em casa e, em 1860, ele entrou para o seminário de teologia, pretendendo preparar-se para o sacerdócio. Mais tarde, depois de ler Darwin, Pavlov mudou de idéia. Em 1870, percorreu a pé várias centenas de quilômetros para freqüentar a universidade em São Petersburgo, onde decidiu especializar-se em fisiologia animal.

Com seu treinamento universitário, Pavlov juntou-se à terceira classe emergente da sociedade russa, a *intelligentsia*. (As outras classes eram a aristocracia e o campesinato.) Pavlov era

educado e inteligente demais para o campesinato de onde viera, mas comum e pobre demais para a aristocracia, que jamais poderia alcançar. Essas condições sociais costumam produzir um intelectual particularmente dedicado que tem a vida inteira centrada nos interesses intelectuais que justificam a sua existência. E foi o que ocorreu com Pavlov, cuja devoção quase fanática à ciência pura e à pesquisa experimental era sustentada pela energia e simplicidade de um camponês russo (Milier, 1962, p. 177).

Pavlov se diplomou em 1875 e iniciou o treinamento médico, não para praticar a medicina, mas com a esperança de seguir carreira na área da pesquisa fisiológica. Depois de estudar dois anos na Alemanha, voltou a São Petersburgo, onde foi por vários anos assistente de pesquisa de laboratório.

Sua dedicação à pesquisa foi de extrema importância. A obstinação de Pavlov não se deixava perturbar por questões práticas como salário, vestuário ou condições de vida. Sua esposa, Sara, que ele desposou em 1881, dedicava-se a protegê-lo das questões mundanas. Logo no início do casamento eles fizeram um pacto, concordando que ela não deixaria que nada o distraísse do trabalho. Ele prometeu, em troca, nunca beber nem jogar cartas, e só freqüentar reuniões nas tardes de sábado ou domingo. Pavlov seguia uma disciplina rígida, trabalhando sete dias por semana de setembro a maio; os verões eram passados no campo.

É característica da sua indiferença pelos assuntos cotidianos a história segundo a qual Sara precisava lembrá-lo freqüentemente do dia de receber o pagamento. Ela dizia que “não se pode confiar que ele compre uma única roupa sozinho”. Nada lhe interessava exceto a pesquisa. Quando tinha setenta e três anos e ia de bonde para o laboratório, ele saltou do veículo em movimento, caiu e quebrou a perna. “Ele era o próprio ímpeto. Não podia esperar que parasse. Uma mulher que estava por perto viu o que havia acontecido e disse: ‘Minha nossa; esse homem é um gênio, mas não sabe descer de um bonde sem quebrar a perna’ “ (Gantt, 1979, p. 28).

A família viveu na pobreza até 1890, quando, aos quarenta e um anos, Pavlov finalmente conseguiu o posto de professor de farmacologia na Academia Médica Militar de São Petersburgo. Em 1883, enquanto Pavlov preparava sua dissertação de doutorado, nasceu seu primeiro filho. Fraca e doentia, a criança não sobreviveria, disse o médico, a não ser que ela e a mãe pudessem descansar no campo. Com grande esforço, Pavlov conseguiu tomar emprestado dinheiro suficiente para a viagem; mas era tarde, e a criança morreu. Por algum tempo, Pavlov dormiu no laboratório, enquanto a esposa e o segundo filho ficavam com parentes, porque eles não podiam pagar um apartamento. Um grupo de alunos seus, sabendo de suas dificuldades financeiras, deu dinheiro a Pavlov a pretexto de pagar as despesas das palestras que lhe haviam encomendado. Pavlov gastou o dinheiro com os animais do laboratório, não ficando com nada para si. Sua dedicação e seu compromisso com o trabalho eram tão grandes que as dificuldades não parecem tê-lo incomodado. Ele disse que isso nunca lhe causava “nenhuma preocupação exagerada”.

223

Em 1923, Pavlov visitou os Estados Unidos para assistir a uma conferência em Nova York e foi roubado em dois mil dólares, uma soma considerável, na Grand Central Station. Ele tinha se sentado num banco para descansar por um momento e colocara a bagagem ao seu lado. Ficou tão absorto com a multidão e a paisagem ao seu redor que não cuidou da mala; ao levantar, ela havia desaparecido. “Bem”, disse ele, “não se devia colocar a tentação no caminho dos necessitados” (Gerow, 1986, p. 42).

224

Agraciado com o Prêmio Nobel em 1904 pelo seu trabalho sobre as glândulas digestivas, Ivan Petrovitch Pavlov fez progredir a causa da objetividade em psicologia graças a pesquisas sobre a formação do reflexo condicionado.

Pavlov costumava ter fortes explosões emocionais no trabalho, muitas vezes dirigidas aos assistentes de pesquisa. Conta-se que, durante a Revolução Bolchevique de 1917, ele reclamou com um dos seus assistentes que chegara dez minutos atrasado; disparos de armas de fogo nas ruas não iriam interferir na pesquisa. “Que diabo de diferença faz a revolução”, gritou ele, “quando você tem um trabalho a fazer no laboratório?” (Gantt, 1979, p. 29). De modo geral, esses assomos logo eram esquecidos. Seus alunos sabiam o que se esperava deles, pois Pavlov nunca hesitava em lhes dizer. Ele era honesto e direto, embora nem sempre polido, em suas relações com os outros.

Ele tinha consciência do seu mau gênio. Quando um membro do laboratório, cansado dos seus insultos, pediu para sair, “Pavlov replicou que seu comportamento abusivo não passava de um hábito, e que o colaborador deveria tratá-lo como o mau cheiro dos cães, querendo dizer que isso não era uma razão suficiente para ele se demitir do laboratório”

(Windholz, 1990, p. 68). Os fracassos nas pesquisas levavam Pavlov à depressão, mas os sucessos lhe causavam tanta felicidade que ele se congratulava não só com os colaboradores como com os próprios animais das experiências.

Conhecido como um excelente professor, Pavlov era capaz de fascinar um auditório de alunos e colegas. Implacável numa discussão, mesmo assim admitia seus erros, embora errar fosse raro. Era popular com os alunos e um dos poucos professores que os encorajavam a interromper as palestras com perguntas. “Havia claros ciúmes entre os pupilos de Pavlov acerca de quem era mais íntimo dele”, escreveu um colega. “As pessoas contavam vantagens quando Pavlov falava com elas por algum tempo e... a atitude de Pavlov com relação a uma pessoa era o principal fator determinante da hierarquia no grupo” (Konorski, 1974, p. 193). Muitos alunos começaram a imitar os gestos e o modo de falar de Pavlov.

Pavlov foi um dos poucos cientistas russos a permitir mulheres e judeus no seu laboratório, ficando irado quando alguém exprimia um simples indicio de anti-semitismo. Dono de um bom senso de humor, sabia apreciar uma brincadeira. Durante a cerimônia em que recebeu um grau honorário da Universidade Cambridge da Inglaterra, alguns alunos fizeram descer por uma corda, até o seu colo, um cachorro de brinquedo. Pavlov levou-o para casa e guardou-o ao lado da escrivaninha.

Suas relações com o regime soviético eram complicadas e difíceis. Ele criticava abertamente a revolução e o governo soviético. Escrevia cartas de protesto perigosamente fortes e iradas a Joseph Stalin, o líder tirânico que matou e exilou milhões de pessoas, e boicotava reuniões científicas russas para demonstrar sua desaprovação. Só em 1933 aceitou o governo, reconhecendo que este conseguira algum sucesso em unir os povos soviéticos. Nos últimos três anos da sua vida, Pavlov viveu em paz com as autoridades a quem criticara por dezesseis anos. Apesar de sua atitude, Pavlov recebia um generoso apoio da burocracia soviética para as suas pesquisas, e em geral não sofria a interferência do governo.

Uma passagem da autobiografia de Pavlov resume a sua atitude geral:

Rememorando a minha vida, eu a descreveria como feliz e bem-sucedida. Recebi tudo o que se pode esperar dela: a plena realização dos princípios com que comecei a viver. Sonhei encontrar felicidade no trabalho intelectual, na ciência — e encontrei. Desejava ter uma pessoa amável como a companheira da minha vida e a encontrei na minha esposa... que suportou com paciência todas as dificuldades da nossa existência antes de eu chegar a professor, sempre encorajou minhas aspirações científicas e dedicou-se à nossa família tal como eu me dediquei ao laboratório. Renunciei às coisas práticas da vida, com seus meios astutos e nem sempre irrepreensíveis, e não vejo razões para me arrepender disso; pelo contrário, encontro precisamente aí um certo consolo (Pavlov, 1955, p. 46).

225

Pavlov era cientista em todas as situações. Tinha o hábito de auto-observar-se sempre que estava doente, e o dia de sua morte não foi exceção. Ele chamou o médico, um neuropatologista, e descreveu seus sintomas. Embora muito fraco por causa de uma pneumonia, Pavlov conseguiu relatar: “Meu cérebro não está funcionando bem; surgem sentimentos obsessivos e movimentos involuntários; a mortificação deve estar se instalando” (Gantt, 1941, p. 35). Depois de discutir o significado dos sintomas com o médico por algum tempo,

adormeceu. Ao despertar, Pavlov levantou-se na cama e começou a procurar as roupas, com a mesma energia impaciente que demonstrara a vida inteira. “É hora de levantar”, exclamou. “Ajude-me, tenho de me vestir!” E, com isso, caiu nos travesseiros e morreu.

Os Reflexos Condicionados

Durante sua notável e produtiva carreira, Pavlov trabalhou em três temas de pesquisa. O primeiro se relacionava com a função dos nervos cardíacos, e o segundo, com as glândulas digestivas primárias. Sua brilhante pesquisa sobre a digestão lhe deu reconhecimento mundial e, em 1904, o Prêmio Nobel. Sua terceira área de pesquisa, graças à qual ele ocupa um lugar proeminente na história da psicologia, foi o estudo dos centros nervosos superiores do cérebro. Dedicou-se a esse trabalho com sua energia e determinação típicas, de 1902 até morrer, em 1936. Em seu trabalho sobre esse tópico, ele usou a técnica do condicionamento, sua maior realização científica (Pavlov, 1927).

A noção de reflexos condicionados surgiu, como tantos progressos científicos decisivos, de uma descoberta acidental. Trabalhando com as glândulas digestivas de cães, Pavlov empregou o método da exposição cirúrgica para permitir a coleta das secreções digestivas fora do corpo, onde podiam ser observadas, medidas e registradas. As operações cirúrgicas necessárias para desviar as secreções de uma glândula particular, por meio de um tubo, para fora do corpo, sem prejudicar os nervos e o suprimento de sangue, exigiam uma considerável engenhosidade e habilidade técnica.

Um dos aspectos desse trabalho tinha relação com a função da saliva, que podia ser involuntariamente secretada sempre que a comida era colocada na boca do cachorro. Pavlov observou que, às vezes, a saliva aparecia antes de a comida ser dada, isto é, ocorria um fluxo antecipatório de saliva. Os cães salivavam quando viam a comida ou a pessoa que costumava alimentá-los, e até quando ouviam seus passos. O reflexo da secreção, com sua resposta não- aprendida da salivação, tinha de alguma maneira se conectado com — ou sido condicionado por — estímulos que, em ocasiões precedentes, estavam associados ao ato de alimentar. Esses reflexos psíquicos (o nome que Pavlov lhes deu originariamente) eram despertados no animal por estímulos que não o original (o alimento). Pavlov percebeu que isso acontecia porque esses outros estímulos (tais como a visão e os sons do assistente) tinham sido com frequência associados à ingestão de alimentos. Os associacionistas tinham se referido a esse fenômeno pela designação de associação por frequência de ocorrência. Depois de um longo período de dúvidas sobre o prosseguimento dessa observação devido à sua natureza psíquica, Pavlov decidiu, em 1902, continuar, e logo mergulhou na nova pesquisa.

Seguindo o *Zeitgeist* vigente na psicologia animal, Pavlov (como Thorndike, Loeb e outros antes dele) se concentrou no início nas experiências mentalistas dos seus animais de laboratório; podemos ver isso em seu termo original para os reflexos condicionados — reflexos psíquicos. Ele escreveu sobre os desejos, o julgamento e a vontade dos animais, interpretando os eventos psíquicos destes em termos subjetivos, humanos. Passado algum tempo, contudo, Pavlov desprezou todas as referências mentalistas em favor de uma abordagem direta, objetiva, que descreveu da seguinte maneira: “No começo das nossas experiências psíquicas com as

glândulas psíquicas..., tentamos conscientemente explicar nossos resultados imaginando o estado subjetivo do animal. Mas nada veio disso, a não ser uma controvérsia estéril e concepções individuais irreconciliáveis. Por essa razão, só nos restava a alternativa de fazer a pesquisa em bases puramente objetivas” (Cuny, 1965, p. 65).

A pesquisa subsequente de Pavlov foi um modelo de objetividade e de precisão. Seus primeiros experimentos foram simples. Ele mostrava ao cão um pedaço de pão que tinha nas mãos antes de dá-lo ao animal para que comesse. Com o tempo, a salivação começava assim que o cão via o pão. A resposta da salivação, quando o pão era colocado na boca do animal, era uma resposta reflexa natural do sistema digestivo; não há necessidade de aprendizagem para que isso ocorra. Pavlov denominou-a reflexo não condicionado ou inato. Salivar diante da visão da comida não é, contudo, um ato reflexo, mas uma resposta que tem de ser aprendida. Pavlov denominou esta última de reflexo condicionado (em vez de usar a expressão mentalista reflexo psíquico), porque essa resposta dependia de uma associação ou conexão entre a visão da comida e sua subsequente ingestão, ou estava condicionada a ela.

Pavlov descobriu que qualquer estímulo podia produzir a resposta salivar condicionada, desde que fosse capaz de atrair a atenção do animal sem despertar nele medo ou raiva. Ele testou estímulos com uma sineta, uma campainha, uma lâmpada e o tiquetaque de um metrônomo.

Sua meticulosidade e precisão ficam evidenciadas na complexa e sofisticada técnica usada para coletar a saliva. Um tubo de borracha era inserido numa incisão feita na bochecha do cão, e era por ali que a saliva fluía. Cada gota de saliva, ao cair numa plataforma assentada sobre uma mola sensível, ativava um marcador num tambor rotativo (ver Figura 9-2). Esse arranjo, que possibilitou o registro do número preciso de gotas e do momento em que cada uma caía, é apenas um exemplo do grande esforço de Pavlov para padronizar as condições experimentais, aplicar controles rigorosos e eliminar fontes de erro.

Ele se preocupava tanto em evitar intromissões que projetou cubículos especiais para a sua pesquisa. O animal experimental era colocado em arreios num cubículo, e o experimentador ocupava outro, podendo assim operar os vários estímulos de condicionamento, coletar a saliva e apresentar a comida sem ser visto pelo animal.

Todas essas precauções, porém, não o satisfaziam por completo. Ele acreditava que ainda assim estímulos ambientais intercorrentes podiam afetar os animais. Com recursos fornecidos por um negociante moscovita, Pavlov projetou um prédio de pesquisas de três andares, mais tarde apelidado de a “Torre do Silêncio”, em que as janelas eram revestidas por vidros muito grossos. As salas tinham portas de aço duplas que se fechavam hermeticamente, e as vigas de aço que sustentavam os pisos estavam embutidas em areia. Uma vala profunda cheia de palha cercava a edificação. Assim eliminavam-se as vibrações, os ruídos, os extremos de temperatura, os odores e até correntes de ar. Pavlov esperava que nada além dos estímulos condicionantes a que os animais estavam expostos os afetasse.

Um experimento típico de condicionamento era realizado da seguinte maneira. O estímulo condicionado (uma luz, por exemplo) é apresentado (neste caso, acesa). Imediatamente se apresenta o estímulo não condicionado (o alimento). Depois de algumas apresentações pareadas de luz e alimento, o animal saliva ao ver a luz. O animal está então condicionado a

responder ao estímulo condicionado. Está formada uma associação ou vínculo entre a luz e o alimento. A aprendizagem ou o condicionamento só ocorre se a luz for seguida pelo alimento algumas vezes. Logo, o reforço (ser alimentado) é necessário para que a aprendizagem aconteça.

Além de estudar a formação dessas respostas condicionadas, Pavlov e seus associados investigaram fenômenos correlatos como o reforço, a extinção de respostas, a recuperação espontânea, a generalização, a discriminação e o condicionamento de ordem superior — todos eles termos bem conhecidos na atual linguagem da psicologia. Cerca de duzentos colaboradores

227

foram trabalhar com Pavlov, e seu programa experimental se estendeu por um período de tempo mais longo e envolveu mais pessoas do que qualquer esforço de pesquisa desde Wundt.

Uma Nota sobre Twitmyer

Um interessante dado histórico revela a descoberta independente do mesmo fenômeno ao mesmo tempo. Em 1904, o jovem americano Edwin Burket Twitmyer (1873-1943), ex-aluno de Lightner Witmer na Universidade da Pensilvânia, apresentou uma comunicação na reunião da APA com base na sua dissertação de doutorado, completada dois anos antes. Seu trabalho tinha relação com o familiar reflexo bobo do joelho. No curso do seu estudo, o rapaz percebeu que os sujeitos começaram a responder a outros estímulos que não o original, que era o bater do martelo logo abaixo do joelho. Ele descreveu as reações dos sujeitos como um tipo novo e incomum de arco reflexo e sugeriu que ele fosse mais estudado (Twitmyer, 1905).

Ninguém se interessou pelo que ele disse. Terminada a apresentação, o público não fez perguntas. Sua pesquisa foi ignorada. Desanimado, ele não levou a questão adiante.

Várias razões foram fornecidas para explicar o contínuo anonimato de Twitmyer. Talvez o Zeitgeist americano ainda não estivesse pronto para aceitar uma noção como a de reflexo condicionado. Talvez o rapaz fosse muito jovem e inexperiente, ou carecesse das habilidades

e recursos econômicos necessários para perseverar e promover sua nova descoberta. Ou, talvez,

fosse simplesmente uma questão de hora errada.

Twitmyer fez sua palestra pouco antes do almoço, numa sessão dirigida por Wiiliair

James. A sessão estava atrasando, e James (talvez faminto, ou quem sabe entediado) suspen deu-a peremptoriamente sem dar muito tempo para a discussão da comunicação de Twitmyer

Figura 9-2. Aparato usado por Pavlov para estudar a resposta salivar condicionada em cães.

228

Embora sua história seja lembrada periodicamente como outro exemplo de descoberta simultânea (ver Coon, 1982; Misceo e Samelson, 1983; Windholz, 1986), ela é também o trágico relato de um cientista que podia ter se tornado famoso por ter feito uma das mais importantes descobertas de toda a psicologia. “Certamente Twitmyer deve ter se debatido com essa constatação durante boa parte da sua vida — a noção do que o seu legado à psicologia poderia ter sido” (Benjamin, 1987, p. 1.119).

Comentário

Com a obra de Pavlov, as medidas e uma terminologia mais precisas e objetivas foram introduzidas no estudo da aprendizagem. Além disso, ele demonstrou que processos mentais superiores podiam ser estudados em termos fisiológicos com o uso de sujeitos animais, sem referência à consciência. Por outro lado, o condicionamento tem tido amplas aplicações práticas em áreas como a terapia comportamental. Portanto, o trabalho de Pavlov influenciou o rumo da psicologia para uma maior objetividade no seu objeto de estudo e metodologia, reforçando a tendência ao funcional e prático.

As técnicas de condicionamento pavlovianas deram à ciência da psicologia um elemento básico, o átomo do comportamento, uma unidade concreta operacional a que o comportamento humano complexo podia ser reduzido e servir como objeto experimental em condições de laboratório. Como veremos, John B. Watson apoderou-se dessa unidade de comportamento e fez dela o núcleo do seu programa. Pavlov gostou do trabalho de Watson, acreditando que o desenvolvimento do comportamentalismo nos Estados Unidos representava uma confirmação de suas idéias e métodos.

É irônico que a maior influência de Pavlov tenha sido na psicologia, um campo em relação ao qual ele não se mostrava inteiramente favorável. Pavlov conhecia as psicologias estrutural e funcional, e concordava com William James que a psicologia ainda não alcançara a estatura de uma ciência. Em consequência, ele a excluiu do seu próprio trabalho. Ele cobrava muitas dos assistentes de laboratório que usavam terminologia psicológica, e não fisiológica, e, em suas palestras, fazia com frequência observações como “devemos considerar o fato incontestado segundo o qual a fisiologia da parte superior do sistema nervoso de animais superiores não pode ser estudada com sucesso se não renunciarmos por inteiro às pretensões insustentáveis da psicologia” (Woodworth, 1948, p. 60).

Perto do final da vida, Pavlov mudou de atitude e até se referia a si mesmo como psicólogo experimental. Mas sua concepção inicialmente negativa do campo não impediu os psicólogos de fazerem uso efetivo de sua obra. No princípio, eles usavam a resposta condicionada para medir a discriminação sensorial nos animais, fim para o qual ela ainda é empregada. Na década de 20, começaram a utilizá-la como o fundamento de teorias da aprendizagem, o que tem gerado muitas pesquisas, muitas aplicações e muita controvérsia.

Vladimir M. Bekhterev (1857-1927)

Vladimir Bekhterev é outra figura importante no movimento que deslocou o foco da psicologia animal e do estudo da aprendizagem das idéias subjetivas para o comportamento manifesto objetivamente observável. Embora menos conhecido que Pavlov, esse fisiologista, neurologista e psiquiatra russo foi um pioneiro em várias áreas de pesquisa. Contemporâneo e rival de Pavlov nos primeiros anos do século XX, manifestou um interesse independente pelo condicionamento.

Bekhterev graduou-se na Academia Médica Militar de São Petersburgo em 1881. Estudou em Leipzig com Wundt, fez alguns cursos em Berlim e em Paris e, ao voltar à Rússia,

229

assumiu a cadeira de doenças mentais na Universidade de Kazan. Em 1893, foi nomeado catedrático de doenças nervosas e mentais da Academia Médica Militar, onde também organizou um hospício. Em 1907, fundou o Instituto Psiconeuro (hoje chamado Instituto Bekhterev de Pesquisas Psiconeurológicas) e iniciou um programa de pesquisas neurológicas.

A pesquisa de Pavlov sobre os condicionamentos se concentrava quase exclusivamente nas secreções glandulares. Bekhterev se interessou pela resposta condicionante motora, estendendo o princípio pavloviano do condicionamento aos músculos estriados. Sua descoberta básica foi o reflexo associado, revelado pelo estudo de respostas motoras. Ele verificou que os movimentos reflexos — como o afastamento do dedo diante de uma fonte de choque elétrico

— poderiam ser provocados não só pelo estímulo não condicionado (o choque elétrico) como também por estímulos associados com o original. Por exemplo, fazer soar uma campainha na hora do choque logo provocava o afastamento do dedo.

Os associacionistas explicavam esses vínculos em termos da operação de alguma espécie de processo mental. Bekhterev, por seu turno, considerava as reações totalmente reflexas. Ele acreditava que comportamentos de nível superior, de maior complexidade, podiam ser explicados da mesma maneira, isto é, como uma combinação dos reflexos motores de nível inferior. Os processos de pensamento tinham para ele o mesmo caráter, visto dependerem das atividades interiores da musculatura da fala, idéia mais tarde adotada por Watson. O psiquiatra russo defendia uma abordagem completamente objetiva dos fenômenos psicológicos, opondo-se ao emprego de termos e conceitos mentalistas.

Ele apresentou suas idéias no livro *Psicologia Objetiva*, publicado em 1907. Esse trabalho foi traduzido para o alemão e para o francês em 1913, quando foi lido por Watson. Em 1932, publicou-se em inglês uma terceira edição com o título *General Principles of Human Reflexology* (Princípios Gerais de Reflexologia Humana).

Comentário

Desde os primeiros momentos da psicologia animal, na obra de Romanes e Morgan, podemos perceber um movimento constante no sentido de uma maior objetividade em termos de objeto de estudo e de metodologia. Os trabalhos iniciais do campo recorriam aos conceitos de consciência e processos mentais, empregando métodos de pesquisa que também eram subjetivos. No início do século XX, contudo, o objeto de estudo e a metodologia da psicologia animal eram totalmente objetivos. Secreções glandulares, reflexos condicionados, atos, comportamentos — esses termos não deixavam dúvida de que a área finalmente se livraria do seu passado subjetivo.

Dentro em breve, a psicologia animal iria servir de modelo para o comportamentalismo, cujo líder preferia claramente sujeitos animais a humanos, em sua pesquisa psicológica. Watson adotou as descobertas e métodos dos psicólogos animais como base do desenvolvimento de uma ciência do comportamento, aplicável tanto aos animais como aos homens.

A Influência do Funcionalismo no Comportamentalismo

Outro antecedente direto do comportamentalismo foi o funcionalismo. Embora não totalmente objetiva, na época de Watson a psicologia funcional tinha de fato uma maior objetividade do que suas antecessoras. Cattell e outros funcionalistas, que acentuavam o comportamento e a objetividade, tinham declarado sua insatisfação com a introspecção. Disse mos no Capítulo 8 que, na virada do século, menos de 3% dos artigos experimentais publica dos nas revistas psicológicas americanas envolviam o uso da introspecção. Os psicólogos aplicados pouco tinham a fazer com a consciência e a introspecção, e suas várias especialida 230

das constituíam essencialmente uma psicologia funcional objetiva. Assim, os psicólogos funcionais tinham abandonado a psicologia pura da experiência consciente, proposta por Wundt e Titchener, antes de Watson entrar em cena. Em seus escritos e palestras, alguns psicólogos funcionais eram bem específicos ao defender uma psicologia objetiva que tivesse como foco o comportamento, e não a consciência.

Cattell, falando na Feira Mundial de St. Louis, Missouri, em 1904, disse:

Não estou convencido de que a psicologia deva limitar-se ao estudo da consciência como tal... A noção tão generalizada de que não há psicologia afora a introspecção é refutada pelo argumento material do fato consumado. Parece-me que a maioria dos trabalhos de pesquisa realizados por mim ou no meu laboratório é quase tão independente da introspecção quanto o trabalho da física ou da zoologia... Não vejo razão para que a aplicação do conhecimento sistematizado ao controle da natureza humana não possa, no curso deste século, alcançar resultados comparáveis às aplicações da ciência física ao mundo material, no século XIX (Cattell, 1904, pp. 179-180, 186).

Watson estava presente à palestra de Cattell. A semelhança entre a sua posição pública ulterior e a declaração de Cattell é tão flagrante que um historiador sugeriu que este último deveria ser chamado de “avô” do comportamentalismo de Watson (Burnham, 1968, p. 149).

Na década anterior à fundação formal do comportamentalismo por Watson, o clima intelectual estadunidense favorecia e reforçava a idéia de uma psicologia objetiva, e o movimento geral da psicologia americana seguia a direção comportamentalista. Robert Woodworth, da Universidade Colúmbia, comentou que os psicólogos americanos estavam “chegando len tamente ao comportamentalismo..., na medida em que um número cada vez maior deles exprimia, a partir de 1904, uma preferência por definir a psicologia como a ciência do comportamento, e não como uma tentativa de descrição da consciência” (Woodworth. 1943, p. 28).

Em 1911, Walter Pillsbury, ex-aluno de Titchener, definiu a psicologia, em seu manual, como a “ciência do comportamento”. Ele afirmava ser possível tratar os seres humanos com a mesma objetividade aplicada a qualquer outro aspecto do universo físico. No mesmo ano, Max Meyer publicou *The Fundamental Laws of Human Behavior* (As Leis Fundamentais do Comportamento Humano). Em 1912, William McDougall escreveu *Psychology: The Study of Behavior* (Psicologia: O Estudo do Comportamento); e Knight Dunlap, psicólogo da Johns Hopkins, onde Watson ensinava, propôs que se banisse a introspecção da psicologia.

Angell, talvez o funcionalista de idéias mais avançadas, previu que a psicologia americana estava pronta para assumir uma maior objetividade. Em 1910, ele comentou que parecia possível que o termo consciência desaparecesse da psicologia, tal como ocorrera com alma. Em 1913, pouco antes do aparecimento do manifesto comportamentalista de Watson, Angell desenvolveu esse ponto, sugerindo que seria proveitoso esquecer a consciência e descrever o comportamento animal e humano de maneira objetiva. Assim, a noção de que a psicologia deveria ser a ciência do comportamento já estava ganhando adesões. A grandeza de Watson não esteve em ser o primeiro a propor a idéia, mas em ver, talvez com mais clareza do que qualquer outro, o que o tempo exigia. E mostrou ser o agente vigoroso e ativista de uma revolução cuja inevitabilidade e êxito já estavam garantidos, pois ela já estava ocorrendo.

Sugestões de Leitura

Bitterman, M. E., “Thorndike and the problem of animal intelligence”, *American Psychologist*, n 24, pp. 444-453, 1969. Discute a carreira de Thorndike em Columbia e suas experiências de aprendizagem animal com as caixas-problema.

231

Coon, D. J., “Eponymy, obscurity, Twitmyer, and Pavlov”, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 18, pp. 255-262, 1982. Discute o trabalho de Twitmyer sobre as respostas condicionadas e sugere que fatores sociais, econômicos, intelectuais e pessoais se combinaram para promover as descobertas de Pavlov em vez das de Twitmyer.

Fernald, D., *The Hans Legacy: A Story of Science*, Hillsdale, Nova Jersey, Lawrence Erlbaum, 1984.

Um interessante relato da história de Hans, O Cavalo Inteligente, e de suas implicações para a

pesquisa científica.

Ionich, (3., *The Sane Positivist: A Biography of Edward L. Thorndike*, Middletown, Connecticut,

Wesleyan University Press, 1968. Um relato da vida, da época e das contribuições à psicologia de

Thorndike.

Ljunggren, B., *Great Men With Sick Brains and Other Essays*, Park Ridge, Illinois, American Association

of Neurological Surgeons, 1990. Inclui um ensaio sobre Viadimir Bekhterev que fornece novas

informações sobre a sua vida e o seu trabalho na reflexologia.

Mackenzie, B. D., *Behaviourism and the Limits of Scientific Method*, Atlantic Highlands, Nova Jersey,

Humanities Press, 1977. Sugere que o comportamentalismo não cumpriu suas promessas iniciais por

ter aplicado o método científico a questões psicológicas de maneira demasiado rigorosa.

Pauly, P. J., "The Loeb-Jennings debate and the science of animal behavior", *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 17, pp. 504-515, 1981. Descreve a controvérsia sobre os tropismos animais entre o biólogo Jacques Loeb e Herbert Spencer Jennings, uma troca de opiniões ocorrida em livros e artigos e em reuniões científicas. Chama a atenção para a influência de Loeb sobre John B. Watson e o seu desenvolvimento do comportamentalismo.

Windholz, G., "Pavlov and the Pavlovians in the laboratory", *Journal of the History of the Behavioral*

Sciences, n 26, pp. 64-74, 1990. Descreve a rotina diária nos laboratórios de Pavlov em Leningrado

(São Petersburgo) entre 1897 e 1936, e sua influência pessoal sobre os seus colaboradores e alunos.

Yerkes, R. M. e Morgulis, S., "The method of Pavlov in animal psychology", *Psychological Bulletin*, n 6, pp. 257-273, 1909. O artigo que levou o trabalho de Pavlov à atenção dos psicólogos americanos. Descreve o procedimento experimental de Pavlov na investigação do reflexo salivar em cães, e apresenta pesquisas subsequentes acerca dos efeitos de vários estímulos auditivos sobre as respostas dos cães.

232

10

O Comportamentalismo: Primórdios

John B. Watson (1878-1958) A Aprendizagem

A Vida de Watson A Emoção

O Pensamento

Reprodução de Texto Original sobre o

Comportamentalismo: O Atrativo Popular do Comportamentalismo

Trecho de *Psychology as the Behaviorist*

O Surto de Popularização da Psicologia

Views It, de John B. Watson

Outros Comportamentalistas Pioneiros: Holt, Weiss

A Reação ao Programa de Watson e L

Os Métodos do Comportamentalismo

Críticas ao Comportamentalismo de Watson

O Objeto de Estudo do Comportamentalismo Contribuições do Comportamentalismo de Watson O Instinto

John B. Watson (1878 -1958)

Discutimos vários antecedentes do movimento comportamentalista que influenciaram Watson na sua tentativa de construir uma nova escola de pensamento para a psicologia.

Admitindo que fundar não é o mesmo que dar origem a, ele descreveu seus esforços como uma cristalização de tendências correntes na psicologia. Tal como Wilhelm Wundt, o primeiro promotor-fundador da psicologia, Watson se dedicou deliberadamente a fundar uma nova escola. Essa intenção o distingue de outros a quem a história hoje considera precursores do comportamentalismo.

A Vida de Watson

John B. Watson nasceu numa fazenda perto de Greenville, Carolina do Sul, onde sua educação elementar ocorreu numa escola de uma única sala. Sua mãe era extremamente religiosa, e o seu pai, exatamente o oposto. O velho Watson bebia bastante, era dado à violência e teve várias relações extraconjugais.

Como o pai de Watson nunca passava muito tempo num emprego, a família vivia à beira da pobreza, mal subsistindo com o produto da fazenda. Os vizinhos sentiam pena e desdém.

233

Embora sua carreira acadêmica tenha sido breve, John B. Watson, o fundador do comportamentalismo, foi fundamental na elaboração de uma psicologia objetiva, livre do mentalismo, e com o mesmo grau de cientificidade da física.

Quando Watson tinha treze anos, seu pai fugiu com outra mulher, para nunca mais voltar, o que magoou Watson pelo resto da sua vida. Muitos anos depois, quando Watson já era rico e famoso, o pai foi a Nova York tentar vê-lo, mas ele se recusou a encontrá-lo.

Na infância e na juventude, Watson foi descrito como um delinqüente. Ele mesmo dizia ser preguiçoso e insubordinado, e nunca foi além da média necessária para passar de ano na escola. Seus professores o consideravam indolente, insolente e, às vezes, incontrolável. Ele se envolvia em brigas e foi preso duas vezes, numa delas por dar tiros em área urbana. Mesmo assim, ele se matriculou na Universidade Furman, dos batistas, em Greenville, aos dezesseis anos, decidido a ser ministro religioso. Ele prometera à mãe, muitos anos antes, que abraçaria a vida clerical. Watson estudou filosofia, matemática, latim e grego, e esperava graduar-se em 1899 e entrar no Seminário Teológico de Princeton no outono seguinte.

Ocorreu uma coisa curiosa no último ano de Watson em Furman. Um dos professores avisou os alunos que quem entregasse o exame final com as páginas trocadas seria reprovado.

Watson levou a sério o desafio, pôs a prova invertida e foi reprovado; ao menos foi assim que

234

ele contou a história. Um exame mais recente dos dados pertinentes da história — no caso, as notas de Watson — revela que ele não foi reprovado nessa matéria em particular. Seu biógrafo sugere que a história que Watson preferiu contar revela algo de sua natureza, isto é, “sua ambivalência diante do sucesso. Sua constante luta por conquistas e aprovação era sabotada com frequência por atos de pura obstinação e impulsividade, mais características de uma evitação da respeitabilidade” (Buckley, 1989, p. 11).

Watson ficou em Furman mais um ano e recebeu o grau de mestre em 1900; nesse ano, porém, sua mãe faleceu, liberando-o do voto de tomar-se ministro. Em vez do seminário teológico, Watson foi para a Universidade de Chicago. Na época, era “um jovem ambicioso, muito consciente do status social, ávido por deixar sua marca no mundo, mas totalmente confuso quanto à sua escolha de profissão e desesperadamente inseguro com relação à sua falta de meios e de sofisticação social. Ele chegou ao campus com cinquenta dólares no bolso” (Buckley, 1989, p. 39). Escolhera Chicago para pós-graduar-se em filosofia sob a direção de John Dewey, mas, passado algum tempo, considerou Dewey incompreensível. “Eu nunca soube do que ele estava falando na época”, lembrou Watson, “e, infelizmente para mim, continuo não sabendo” (Watson, 1936, p. 274). Seu entusiasmo pela filosofia logo diminuiu.

Interessou-se pela psicologia graças à obra de James Rowland Angell, e estudou neurologia, biologia e fisiologia com Jacques Loeb, que lhe deu a conhecer o conceito de mecanismo. Ele trabalhou em várias ocupações — garçom de uma república, tratador de ratos e assistente de zelador (suas tarefas incluíam limpar a escrivaninha de Angell). Perto do fim dos estudos, sofria ataques agudos de ansiedade e não conseguia dormir sem uma lâmpada acesa.

Em 1903, Watson se doutorou, a pessoa mais jovem a obter um doutorado da Universidade de Chicago. Embora fosse aprovado com louvor, ele relata que teve um profundo sentimento de inferioridade quando Angell e Dewey lhe disseram que seu exame doutoral não era tão bom quanto o de Helen Thompson Woolley, que se graduara dois anos antes. (Woolley, apesar de sua competência, enfrentou uma considerável discriminação sexual e foi preterida na carreira acadêmica.)

Nesse mesmo ano, Watson casou com uma de suas alunas, Mary Ickes, de dezenove anos, filha de uma família social e politicamente importante. Conta-se que a jovem e impressionável Mary escrevera um longo poema de amor para Watson num dos exames, em vez de responder às perguntas. Não se sabe que nota recebeu, mas Watson ela conseguiu. Sua família se opôs ao casamento; seu irmão chamou Watson, que tivera vários casos com alunas, de “um patife egoísta e presunçoso” (Buckley, 1989, p. 50).

Watson permaneceu como instrutor na Universidade de Chicago até 1908. Publicou sua dissertação sobre a maturação neurológica e psicológica do rato branco e cedo demonstrou sua

preferência por sujeitos animais.

Eu nunca quis usar sujeitos humanos. Detestei servir como sujeito. Eu não gostava das instruções enfadonhas e artificiais que eram dadas aos sujeitos. Sempre me sentia pouco à vontade e agia sem naturalidade. Com os animais, eu me sentia em casa. Tinha a impressão de que, estudando-os, me mantinha perto da biologia, com os pés no chão. Ocorria-me cada vez mais vezes um determinado pensamento: sem que não poderei descobrir, observando o seu comportamento, tudo o que os outros alunos estão descobrindo usando [humanos]? (Watson, 1936, p. 276)

Alguns dos professores e colegas de Watson se lembram de que ele não era bom em introspecção. Sejam quais forem os talentos especiais ou os temperamentos necessários para isso, ele não os tinha. É possível que isso tenha sido parte do ímpeto que o fez rumar

na direção de uma psicologia comportamental objetiva. Afinal de contas, se ele não era bom na

235

prática da técnica essencial do seu campo, suas perspectivas de caifeira eram as piores possíveis..., a não ser que ele pudesse desenvolver outra abordagem. Além disso, se a psicologia fosse uma ciência dedicada apenas ao estudo do comportamento, que, de fato, podia ser feito tanto com animais como com seres humanos, os interesses profissionais dos psicólogos animais podiam ser promovidos e introduzidos na corrente principal do campo.

Em 1908, quando se tomou elegível para um cargo de professor-assistente em Chicago, Watson recebeu a oferta de um cargo de professor efetivo na Johns Hopkins, de Baltimore. Embora relutasse em deixar Chicago, Watson não tinha muita escolha, devido à promoção, à

oportunidade de dirigir o laboratório e ao substancial aumento de salário oferecidos pela Johns

Hopkins. Ali, ele passou doze anos, seu período mais produtivo para a psicologia.

Quem havia oferecido a Watson o emprego em Baltimore fora James Mark Baldwin (1861-1934), que, com Cattell, fundara a revista *Psychological Review*. Sua principal área de interesse era a importância da teoria evolutiva no estudo da criança. Um ano depois da chegada de Watson, Baldwin foi obrigado a demitir-se por causa de um escândalo; ele fora preso durante uma batida policial num bordel. A explicação que dera para a sua presença na casa de má reputação não foi aceita pelo presidente da universidade. “Aceitei tolamente”, disse Baldwin, “uma sugestão, feita depois do jantar, de visitar [bordel] e ver o que se fazia ali. Eu não sabia, antes de ir, que mulheres imorais estavam abrigadas ali” (Evans e Scott, 1978, p. 713). Baldwin tomou-se um proscrito da psicologia americana e passou o resto da vida na Europa. Onze anos depois, a história se repetiu, quando o mesmo presidente da universidade pediu a renúncia de Watson por causa de um escândalo.

Na época da demissão de Baldwin, contudo, Watson levou a melhor: tomou-se chefe do departamento de psicologia e substituiu Baldwin como editor da prestigiosa *Psychological Review*. Assim, aos trinta e um anos, Watson era uma figura central da psicologia americana, no lugar certo na hora certa.

Watson era extremamente popular entre os alunos da Johns Hopkins. No ano em que chegou, eles lhe dedicaram o livro do ano e, em 1919, a classe dos veteranos o escolheu como o professor mais simpático, certamente uma homenagem ímpar na história da psicologia. Pessoalmente, Watson permaneceu obstinado, ambicioso e extremamente dedicado, chegando muitas vezes à beira da exaustão. Era freqüente que se sentisse “à beira de um colapso”, lutando com “o medo de perder o controle; e costumava reagir trabalhando ainda mais” (Buckley, 1989, p. 67).

Watson começou a pensar seriamente sobre uma abordagem mais objetiva para a psicologia por volta de 1903 e expressou suas idéias publicamente, pela primeira vez, em 1908, durante uma palestra em Yale. Quatro anos depois, a convite de Cattell, voltou a falar do assunto numa série de conferências na Universidade Colúmbia. No ano seguinte, 1913,

publicou seu hoje famoso manifesto na *Psychological Review* (Watson, 1913), lançando oficialmente o comportamentalismo.

Behavior: An Introduction to Comparative Psychology (O Comportamento: Introdução à Psicologia Comparada) apareceu no ano seguinte. Nesse livro, Watson defendia a aceitação da psicologia animal descrevendo as vantagens do uso de animais como sujeitos na pesquisa psicológica. Muitos psicólogos mais jovens e alunos acharam seu atraente comportamentalismo, acreditando que Watson desanuviava a atmosfera toldada da psicologia ao desvendar mistérios e incertezas de longa data, transportados da filosofia. Mary Cover Jones (1896-1987), então aluna e mais tarde presidente da Divisão de Psicologia do Desenvolvimento da APA, recordou, mais de meio século depois, o furor causado pela publicação de cada livro de Watson. “Ele abalou os fundamentos da psicologia tradicional de linhagem européia, e nós o recebemos de braços abertos... Ele apontou o caminho para passar de uma psicologia de

236

gabinete à ação e à reforma, e por isso foi festejado como uma panacéia” (Jones, 1974, p. 582). Os psicólogos mais velhos não se sentiram tão cativados pelo seu programa; na verdade, a maioria rejeitou a sua abordagem. Suas reações serão discutidas mais adiante.

Apenas dois anos depois da publicação do artigo na *Psychological Review*, Watson foi eleito, aos trinta e sete anos, presidente da APA. Isso pode ter representado não tanto o endosso de sua posição quanto o reconhecimento de sua visibilidade no campo e de suas ligações pessoais com muitos psicólogos proeminentes.

Watson desejava que os psicólogos e o público em geral percebessem que seu novo comportamentalismo tinha valor prático. Sua abordagem não se restringia ao laboratório, alcançando também o mundo real, e ele trabalhou duro para promover suas aplicações práticas em muitas áreas. Em 1916, Watson se tomou consultor de pessoal de uma grande companhia de seguros e ofereceu aos alunos da área comercial da Johns Hopkins um curso sobre a psicologia da publicidade.

As atividades profissionais de Watson foram interrompidas pela Primeira Guerra, quando ele se incorporou, como major, ao Serviço de Aviação do Exército. Passada a guerra, em 1918, começou suas pesquisas com crianças, fazendo uma das primeiras tentativas de trabalho experimental com bebês humanos.

Seu livro seguinte, *Psychology from the Standpoint of a Behaviorist* (A Psicologia do Ponto de Vista de um Comportamentalista), foi publicado em 1919. Ele apresentava um quadro mais completo da psicologia do comportamento e afirmava que os métodos e princípios antes recomendados para a psicologia animal também eram aplicáveis, e legítimos, ao estudo dos seres humanos.

Em 1920, Watson se apaixonou por Rosalie Rayner, sua assistente, que tinha a metade da sua idade e era filha de uma família abastada e importante de Baltimore que doara uma considerável soma à universidade. Watson lhe escrevera algumas tórridas cartas de amor, quinze das quais foram descobertas pela sua esposa. Excertos das cartas foram impressos no *Baltimore Sun* durante o processo de divórcio amplamente divulgado que se seguiu. “Cada célula que eu tenho te pertence, individual e coletivamente”, escrevera Watson. “Minhas reações totais são positivas e voltadas para ti. O mesmo ocorre com cada uma e com

todas as reações do meu coração. Não posso ser mais teu do que sou, mesmo que uma operação cirúrgica fizesse de nós um único ser” (Pauly, 1979, p. 40). Assim acabou a promissora carreira universitária de Watson. Ele foi forçado a se demitir da Johns Hopkins. Desposou Rosalie Rayner, mas nunca mais conseguiu assumir uma posição acadêmica em tempo integral.

Nenhuma universidade o queria, devido à notoriedade vinculada com o seu nome, e ele logo percebeu que teria de recomeçar a vida. “Posso encontrar um emprego comercial”, escreveu ele a um amigo. “Não seria tão ruim quanto criar galinhas ou plantar repolhos. Mas amo francamente o meu trabalho. Sinto que ele é importante para a psicologia e que a tênue chama que tenho tentado manter acesa em prol do futuro da psicologia se apagará se eu desistir” (Pauly, 1986, p. 39).

Muitos colegas acadêmicos, incluindo seu mentor, Angeli, na Universidade de Chicago, criticaram publicamente Watson em termos pessoais nesse período difícil. É compreensível que Watson tenha ficado amargurado com eles. Ironicamente, considerando seus temperamentos e posições teóricas radicalmente diferentes, E. B. Titchener, de Comei!, foi de grande ajuda para Watson durante a crise. “Você fez mais por mim do que todo o resto dos meus colegas juntos”, escreveu Watson a Titchener em 1922 (Larson e Sullivan, 1965, p. 346).

Desempregado e tendo de pagar dois terços do seu antigo salário como pensão alimentar, Watson começou uma segunda carreira profissional como psicólogo aplicado no campo da publicidade. “Vou me dedicar ao trabalho comercial de todo o coração e queimarei todas as

237

pontes” (Buckley, 1982, p. 211). Ele ingressou na agência J. Walter Thompson em 1921, tendo trabalhado em todos os departamentos; fez pesquisa de porta em porta, vendeu café e fez estágio como vendedor da loja de departamentos Macy’s para aprender sobre o mundo dos negócios. Empregando sua engenhosidade e disposição características, em três anos tornou-se vice-presidente. Em 1936, foi para outra agência, permanecendo como vice-presidente até 1945, quando se aposentou.

Graças à aplicação dos princípios de sua psicologia comportamentalista, Watson exerceu um forte impacto sobre a publicidade norte-americana. Ainda é possível ver os efeitos do seu trabalho em comerciais e anúncios. Ele acreditava que as pessoas são como máquinas; seu comportamento de consumo pode ser previsto e controlado, tal como o comportamento de outras máquinas. Para controlar um consumidor, “basta apenas pôr diante dele um estímulo emocional fundamental ou condicional..., dizer-lhe algo que se vincule com o medo, algo que lhe desperte uma raiva branda, que evoque nele uma resposta afetiva ou amorosa ou atinja uma necessidade psicológica ou um hábito profundos” (Buckley, 1982, p. 212).

Ele propôs o estudo científico do comportamento do consumidor em condições de laboratório, com uma cuidadosa atenção para com as pesquisas. Acentuou que as mensagens publicitárias tinham de ter como foco antes o estilo do que a substância, devendo dar a impressão de novas formas e imagens. O propósito era tornar os consumidores insatisfeitos com os produtos que tinham e gerar o desejo de novos bens. Foi pioneiro no uso dos endossos dados por celebridades a produtos, na manipulação dos

motivos, emoções e necessidades humanas, bem como no recurso a necessidades e temores básicos com o fito de vender tudo

— de automóveis a sabonetes desodorantes. Com isso, Watson alcançou proeminência e riqueza, chegando a afirmar que era muito feliz.

Depois de 1920, seu contato com a psicologia acadêmica foi, é claro, apenas indireto. Mas ele passava grande parte do tempo defendendo o comportamentalismo diante da opinião pública. Fazia palestras, pronunciamentos radiofônicos e escrevia artigos para revistas populares como *Haiper's*, *Cosniopolitan*, *McCall's*, *Collier's* e *The Nation*. O fato de os editores dessas publicações lhe pedirem para escrever para elas mostra o interesse nacional pelo comportamentalismo.

Em seus artigos, Watson promovia uma cruzada destinada a vender a mensagem do comportamentalismo a um público amplo. Ele escrevia num estilo claro e legível, se bem que um tanto simplista, e tinha bem recompensados os seus esforços. Em sua autobiografia, assinalou que, já que não podia publicar nas revistas profissionais de psicologia, não via razão para não se dirigir ao público e, na linguagem do seu novo campo da publicidade, vender seu peixe” (Watson, 1936).

Watson fez palestras na New School for Social Research, da cidade de Nova York, surgindo delas o livro *Behaviorism (Coinportamentalisino)* (1925, 1930), que descrevia seu programa para a melhoria da sociedade.

Em 1928, publicou um livro de puericultura, *Psychological Care of the Infant and Child* (O Cuidado Psicológico do Bebê e da Criança). Na obra, Watson apresentou um sistema regulador, e não permissivo, de criação de filhos, coerente com sua forte posição ambientalista. O livro estava cheio de conselhos rigorosos acerca do modo comportamentalista de educar crianças. Os pais nunca deveriam

abraçá-las e beijá-las, ou permitir que se sentem no colo. Se não houver jeito, dê-lhes um único beijo na testa quando elas disserem boa-noite. Dê-lhes a mão pela manhã. Passe a mão em sua cabeça quando elas se saírem extraordinariamente bem numa tarefa difícil. Experimente. Em uma semana, você vai descobrir como é fácil ser perfeitamente objetivo com o seu filho, sem perder a

238

ternura. Você vai ficar bastante envergonhado com o modo sentimental e piegas com que o tem tratado até agora (Watson, 1928, pp. 81-82).

O livro transformou as práticas americanas de criação de filhos e foi a obra de maior impacto publicada por Watson. Uma geração de crianças, incluindo as suas, foi educada de acordo com essas prescrições. O filho de Watson, James, homem de negócios da Califórnia, recordou em 1987 que o pai era incapaz de demonstrar afeição pelos filhos e que nunca os beijava ou carregava. Para ele, seu pai era

insensível, emocionalmente incomunicável, incapaz de exprimir qualquer sentimento ou emoção, ou de lidar com eles, e inadvertidamente decidido a privar, a meu ver, meu irmão e eu de qualquer tipo de base emocional. Ele tinha a profunda convicção de que qualquer expressão de ternura ou afeição teria um efeito prejudicial sobre nós. Era muito rígido na

concretização de suas filosofias fundamentais como comportamentalista (Hannush, 1987, pp. 137-138).

James Watson fez psicanálise por seis anos depois de uma tentativa de suicídio. Seu irmão Williani formou-se psiquiatra e mais tarde se matou.

A mãe de James e William, Rosalie Rayner Watson, escreveu um artigo para a *Parents Magazine*, intitulado “Sou a Mãe dos Filhos de Um Comportamentalista”, no qual admitia um certo desacordo com as práticas de criação de filhos do marido. Ela dizia ter dificuldades para reprimir por inteiro sua afeição pelos filhos e que, às vezes, gostaria de quebrar todas as regras comportamentalistas; na lembrança do filho James, isso nunca aconteceu (Duke, Fried, Phley e Waiker, 1989).

Aos olhos do público, Watson possuía uma atraente combinação de características e aptidões pessoais. Era inteligente e articulado, e sua aparência simpática e seu charme lendário teriam feito dele um astro, uma figura carismática, na atual cultura dos meios de comunicação. Foi uma celebridade para boa parte do público por quase toda a vida, tendo cortejado e saboreado a atenção. Vestia-se bem, pilotava lanchas de corrida, relacionava-se com a nata da sociedade nova-iorquina e “tinha orgulho de vencer todos os desafios em longas competições de ingestão de bebida... Tinha poucos amigos e era obcecado pelas mulheres” (Buckley, 1989, pp. 177-178). Construiu uma mansão em Connecticut, encheu-a de criados, mas gostava muito de pôr roupas velhas e cuidar pessoalmente dos jardins.

A vida de Watson sofreu uma dramática mudança em 1935, quando Rosalie morreu de uma febre tropical contraída numa viagem às Índias Ocidentais. “A luz pareceu apagar-se na vida de Watson” (Larson, 1979, p. 5). Seu filho James se lembra de que essa foi a única época em que viu o pai chorar e de que, por um breve momento, Watson pôs os braços em torno dos ombros dos filhos.

Myrtle McGraw, uma psicóloga que fazia pesquisas sobre o comportamento infantil no Columbia-Presbyterian Medical Center de Nova York, lembra-se de ter encontrado Watson pouco tempo depois. Ele lhe disse quão profundamente estava despreparado para lidar com a morte da esposa; como ela era vinte anos mais nova, ele sempre esperara morrer primeiro. Watson falou com Myrtle por um bom tempo e “ficou imaginando se poderia um dia se recuperar dessa perda” (McGraw, 1990, p. 936).

Ele nunca se recuperou. Tornou-se um recluso, passou a beber muito, afastou-se de quase todo contato social e mergulhou compulsivamente no trabalho. Vendeu a propriedade e se mudou para uma simples casa de fazenda de madeira, semelhante à casa da infância.

Em 1957, aos setenta e nove anos, a APA lhe concedeu uma citação, louvando sua obra como “um dos determinantes vitais da forma e da substância da psicologia moderna..., o ponto

239

de partida de linhas de pesquisa contínuas e fecundas”. Watson foi levado ao hotel de Nova York onde a cerimônia seria realizada; “mas, no último minuto, recusou-se a entrar e insistiu que o filho mais velho fosse em seu lugar... Watson temia que, naquele momento,

as emoções tomassem conta dele, que o apóstolo do controle do comportamento se descontrolasse e chorasse” (Buckley, 1989, p. 182).

Watson faleceu no ano seguinte; antes, porém, queimou todas as suas cartas, manuscritos e notas, jogando-os um por um na lareira, recusando-se a deixá-los para a história.

Reprodução de Texto Original sobre o

Coinportainentali Trecho de Psychology as the Behaviorist Views It, de John B. Watson

Não há melhor ponto de partida para uma discussão do comportamentalismo de Watson do que o artigo que iniciou o movimento: “Psychology as the Behaviorist Views It” (“A Psicologia do Ponto de Vista de um Comportamentalista”), publicado na Psychological Review de 1913.* Em seu estilo claro e legível, Watson discutiu as seguintes idéias: (1) a definição e o objetivo de sua nova psicologia; (2) suas críticas ao estruturalismo e ao funcionalismo, as antigas psicologias da consciência; (3) o papel dos “equipamentos hereditários e do hábito” na capacitação dos organismos para se adaptar e se ajustar ao seu ambiente; (4) a concepção de que as idéias da psicologia aplicada são verdadeiramente científicas porque buscam leis gerais que possam ser usadas para controlar o comportamento; e (5) a importância de manter procedimentos experimentais uniformes, tanto na pesquisa humana como na animal.

A psicologia, tal como a vê o comportamentalista, é um ramo puramente objetivo e experimental da ciência natural. Seu objetivo teórico é prever e controlar o comportamento. A introspecção não é parte essencial dos seus métodos, e o valor científico dos seus dados não depende da facilidade com que se prestam a uma interpretação em termos de consciência. O comportamentalismo, em seu empenho para alcançar um esquema unitário da resposta animal, não reconhece linha divisória entre o homem e os animais irracionais. O comportamento humano, com todo o seu refinamento e complexidade, não é senão uma parte do esquema total de pesquisa do comportamentalista.

De modo geral, os seus seguidores têm sustentado que a psicologia é um estudo da ciência dos fenômenos da consciência. Ela aceitou como seu problema, de um lado, a análise de estados (ou processos) mentais complexos em constituintes elementares simples, e, de outro, a construção de estados complexos quando os constituintes elementares são dados. O mundo dos objetos físicos (estímulos, incluindo tudo o que possa provocar atividade num receptor), que constitui o universo total dos fenômenos do cientista natural, é considerado apenas um meio para um fim. Esse fim é a produção de estados mentais que possam ser “inspecionados” ou “observados”. O objeto psicológico de observação, no caso de uma emoção, por exemplo, é o próprio estado mental. O problema na emoção é determinar o número e o tipo de constituintes elementares presentes, seu lugar, sua intensidade, ordem de aparecimento, etc. Aceita-se que a introspecção seja o método por excelência mediante o qual os estados mentais podem ser manipulados para os propósitos da psicologia. A partir dessa suposição, os dados do comportamento (incluindo nesse termo tudo o que se abriga sob a rubrica da psicologia comparada) não têm valor per se. Eles possuem significado apenas na medida em que possam lançar luz sobre estados conscientes. Esses dados têm de ter ao menos uma referência analógica ou indireta para pertencer ao domínio da psicologia...

Não quero criticar indevidamente a psicologia. Creio ser claro que ela fracassou em seus

* Extraído de J. 13. Watson, “Psychology as the behaviorist views it”, *Psychological Review*, n. 20. pp. 158-177, 1913. Copyright © 1913 da APA. Reproduzido com permissão.

240

cinquenta e poucos anos de existência como disciplina experimental, em sua tentativa de encontrar seu lugar no mundo como uma ciência natural indiscutível. A psicologia, tal como em geral é concebida, tem algo de esotérico em seus métodos. Se você não conseguir reproduzir as minhas descobertas, isso não se deve a alguma falha no seu aparelho ou no controle dos seus estímulos, mas decorre do fato de a sua introspecção não ser bem treinada. Ataca-se o observador, e não o ambiente experimental. Na física e na química, o ataque é lançado contra as condições experimentais: o aparelho não era sensível o bastante, foram usadas substâncias impuras, etc. Nessas ciências, uma técnica melhor dará resultados reproduzíveis. Na psicologia não é assim: se você não puder observar 3-9 estados de nitidez na atenção, sua introspecção é ruim. Se, por outro lado, um sentimento lhe parecer razoavelmente claro, sua introspecção também é deficiente: você está vendo demais, os sentimentos nunca são claros.

Parece ter chegado a hora de a psicologia desprezar toda referência à consciência, o momento de ela já não precisar iludir-se pensando que faz dos estados mentais um objeto de observação. Mergulhamos a tal ponto em questões especulativas acerca dos elementos da mente, da natureza do conteúdo consciente (por exemplo, pensamentos sem imagens, atitudes... etc.) que eu, como estudioso experimental, sinto que há algo errado com as nossas premissas e com os tipos de problemas delas derivados. Já não existe garantia de que todos dizemos a mesma coisa ao usarmos os termos hoje vigentes em psicologia. Examinemos o caso da sensação. Uma sensação é definida em termos dos seus atributos. Um psicólogo afirma com prontidão que os atributos de uma sensação visual são qualidade, extensão, duração e intensidade. Outro vai acrescentar a clareza. Outro ainda, a ordem. Duvido que algum psicólogo consiga apresentar um conjunto de enunciados, descrevendo o que ele designa por sensação, que receba a aceitação de três outros psicólogos de formação diferente. Pensemos, por exemplo, na questão do número de sensações isoláveis. Há um número extremamente grande de sensações de cor ou apenas quatro — vermelho, verde, amarelo e azul? Mais uma vez, o amarelo, embora psicologicamente simples, pode ser obtido pela superposição de raios espectrais vermelhos e verdes na mesma superfície difusora! Se, por outro lado, dizemos que toda diferença apenas perceptível no espectro é uma sensação simples e que todo aumento apenas perceptível no valor branco de uma dada cor produz sensações simples, somos forçados a admitir que o número é tão grande, e as condições para obtê-las tão complexas, que o conceito de sensação é imprestável, seja para o propósito de análise ou de síntese. Titchener, que travou a luta mais valente neste país em defesa de uma psicologia baseada na introspecção, acha que essas diferenças de opinião quanto ao número de sensações e seus atributos, quanto à existência de relações (no sentido de elementos) e quanto a muitas outras coisas que parecem ser fundamentais para toda tentativa de análise são perfeitamente naturais no atual estágio subdesenvolvido da psicologia. Embora se admita que toda ciência em crescimento está plena de questões não respondidas, certamente só quem está envolvido no sistema atualmente existente, que lutou e sofreu por ele, pode acreditar confiantemente que haja algum dia uma uniformidade maior que a atual nas respostas de que dispomos para essas perguntas. Creio firmemente que, daqui a duzentos anos, a não ser que o método introspectivo seja descartado, a psicologia

ainda estará dividida quanto ao fato de as sensações auditivas terem ou não a qualidade da “extensão”, de a intensidade ser ou não um atributo que pode ser aplicado à cor, de haver ou não diferença de “textura” entre imagem e sensação, e com relação a muitas centenas de outras interrogações de caráter semelhante...

A minha disputa psicológica não é só com o psicólogo sistemático e estrutural. Os últimos quinze anos viram o desenvolvimento da denominada psicologia funcional. Esse tipo de psicologia descarta o uso de elementos no sentido estático dos estruturalistas. Ele enfatiza o significado biológico dos processos conscientes, em vez da análise de estados conscientes em elementos introspectivamente isoláveis. Fiz o melhor que pude para compreender a diferença entre psicologia funcional e psicologia estrutural. Em vez da clareza, consegui a confusão. Os termos sensação, percepção, afeição, emoção e volição são usados tanto pelos funcionalistas como pelos estruturalistas. O acréscimo da palavra . “processo de” (“ato mental como um todo” e termos semelhantes são encontrados com frequência) antes de cada um desses termos serve de certa maneira para remover o cadáver do “conteúdo” e deixar a “função” em seu lugar. Se esses conceitos certa-

241

mente são enganosos quando considerados do ponto de vista do conteúdo, eles o são ainda mais quando vistos do ângulo da função, particularmente quando a função é obtida pelo método da introspecção. É deveras interessante que nenhum psicólogo funcional tenha estabelecido uma cuidadosa distinção entre “percepção” (e isso se aplica também a outros termos psicológicos), tal como empregada pelo sistematizador, e “processo perceptivo”, tal como empregado na psicologia funcional. Parece ilógico e pouco razoável criticar a psicologia que nos é dada pelo sistematizador e depois utilizar seus termos sem mostrar com cuidado as mudanças de significado que lhes devem ser associadas. Tive uma grande surpresa há algum tempo quando abri o livro de Pillsbury e vi a psicologia definida como a “ciência do comportamento”. Um texto ainda mais recente declara que a psicologia é a “ciência do comportamento mental”. Quando vi essas promissoras afumações, pensei: agora, certamente teremos textos baseados em linhas diferentes. Depois de algumas páginas, abandona-se a ciência do comportamento, e encontramos o tratamento convencional da sensação, da percepção, das imagens mentais, etc. ao lado de algumas mudanças de ênfase e de fatos adicionais que servem para deixar a marca pessoal do autor.

Creio que podemos escrever um manual de psicologia, defini-la como o faz Pillsbury e nunca contradizer a nossa definição: nunca usar os termos consciência, estados mentais, mente, conteúdo, introspectivamente verificável, imagens mentais, etc... Essa psicologia pode ser concebida em termos de estímulo e resposta, de formação de hábitos, de integrações de hábitos, etc. Além disso, acredito que de fato vale a pena fazer agora essa tentativa.

A psicologia que eu tentaria construir teria como ponto de partida, em primeiro lugar, o fato observável de que os organismos, tanto humanos como animais, se ajustam aos seus ambientes por meio de equipamentos hereditários e de hábito. Esses ajustes podem ser muito adequados ou tão inadequados que o organismo mal mantenha a sua existência. Em segundo lugar, que certos estímulos levam os organismos a dar respostas. Num sistema de psicologia totalmente desenvolvido, dada a resposta, pode-se prever o estímulo e, dado o estímulo, pode-se prever a resposta. Esse conjunto de afirmações é crasso e grosseiro ao

extremo, como devem ser essas generalizações. Mas difícil mente são mais grosseiras e inviáveis do que as que aparecem nos atuais textos de psicologia. É possível que eu explique melhor o que digo escolhendo um problema cotidiano que qualquer pessoa provavelmente encontra no curso do seu trabalho. Há algum tempo, fui convidado a fazer um estudo de certa espécie de pássaros. Até ir a Tortugas, eu nunca vira esses pássaros vivos. Ao chegar, vi os animais fazendo certas coisas: alguns dos atos pareciam funcionar peculiarmente bem naquele ambiente, ao passo que outros davam a impressão de ser inadequados ao tipo de vida dos pássaros. Estudei primeiro as respostas do grupo como um todo e, mais tarde, as individuais. Para compreender mais plenamente a relação entre o que se devia ao hábito e o que era hereditário nessas respostas, peguei alguns jovens pássaros e os criei. Assim, pude estudar a ordem do aparecimento dos ajustes hereditários e sua complexidade, e, depois, os primórdios da formação de hábitos. Meus esforços para determinar os estímulos que provocavam esses ajustes eram de fato rudimentares. Em consequência, minhas tentativas de controlar o comportamento e induzir respostas não tiveram muito sucesso. Num estudo de campo, o alimento, a água, o sexo e outras relações sociais, bem como as condições de luz e de temperatura, estavam fora de controle. De fato descobri ser possível controlar suas reações até um certo ponto usando o ninho e ovos (ou filhotes) como estímulo. Não é necessário explicar aqui como um tal estudo deveria ser realizado e como o trabalho desse tipo tem de ser complementado por experimentos de laboratório cuidadosamente controlados. Se eu tivesse sido chamado a examinar os nativos de alguma tribo australiana, teria procedido da mesma maneira. Eu teria verificado que o problema é mais difícil: os tipos de respostas provocadas por estímulos físicos teriam sido mais variados, e o número de estímulos eficazes, maior. Eu teria tido de determinar o ambiente social de sua vida de maneira muito mais cuidadosa. Esses selvagens seriam muito mais influenciados pelas respostas uns dos outros do que os pássaros. Além disso, os hábitos seriam mais complexos e as influências de hábitos passados nas respostas presentes teriam se manifestado com maior clareza. Por fim, se me tivessem chamado para elaborar a psicologia do europeu instruído, o meu problema teria exigido várias vidas. Mas, diante de um problema qualquer, eu teria seguido a mesma linha geral de ação. O meu desejo em todo esse trabalho é, essencialmente, obter um

242

conhecimento preciso dos ajustes e dos estímulos que os geram. Minha razão final para isso é aprender métodos gerais e particulares mediante os quais poder controlar o comportamento. A minha meta não é “a descrição e explicação de estados de consciência como tais”, nem alcançar tal proficiência em ginástica mental que possa imediatamente apoderar-me de um estado de consciência e dizer “isso, como um todo, consiste na sensação do cinza número 350, de tal e tal extensão, ocorrendo em conjunção com a sensação de frio de uma dada intensidade, com uma pressão de certa intensidade e extensão”, e assim por diante, ad infinitum. Se a psicologia seguisse o plano que sugiro, o educador, o médico, o jurista e o homem de negócios poderiam usar os nossos dados de modo prático tão logo fôssemos capazes de obtê-los experimentalmente. Os que têm ocasião de aplicar princípios psicológicos em termos práticos não terão por que reclamar, como o fazem no momento. Pergunte a qualquer médico ou jurista se a psicologia científica tem alguma participação prática em sua rotina diária e você os ouvirá negar que a psicologia dos laboratórios tenha um lugar em seu esquema de trabalho. Penso que a crítica é extremamente justa. Uma das primeiras condições que me deixaram insatisfeito com a

psicologia foi a sensação de que não havia domínio de aplicação para os princípios que estavam sendo elaborados em termos de conteúdo.

O que me dá a esperança de que a posição comportamentalista seja defensável é o fato de os ramos da psicologia que já se dissociaram parcialmente da psicologia-mãe, a psicologia experimental, e que, em consequência estão menos dependentes da introspecção, estarem hoje numa condição deveras florescente. A pedagogia experimental, a farmacopsicologia, a psicologia da publicidade, a psicologia legal, a psicologia dos testes e a psicopatologia experimentam hoje um vigoroso crescimento. Elas são às vezes erroneamente chamadas de psicologia “prática” ou “aplicada”. Certamente nunca houve maior impropriedade de termos. No futuro, podem surgir instituições vocacionais que de fato apliquem a psicologia. No momento, esses campos são realmente científicos e estão em busca de generalizações amplas que levem ao controle do comportamento humano. Por exemplo, descobrimos por experimentação se uma série de estrofes de um poema pode ser assimilada mais facilmente se o todo for aprendido de uma vez ou se é mais vantajoso aprender cada estrofe separadamente e passar para a seguinte. Não tentamos aplicar as nossas descobertas; a aplicação desse princípio é puramente voluntária por parte do professor. Na farmacopsicologia, podemos demonstrar o efeito sobre o comportamento de certas doses de cafeína. Podemos chegar à conclusão de que a cafeína tem um bom efeito sobre a velocidade e a precisão do trabalho; mas esses são princípios gerais. Deixamos ao indivíduo a aplicação ou não dos resultados dos nossos testes. Mais uma vez, em testemunhos legais, testamos os efeitos da recentidade sobre a confiabilidade do depoimento de uma testemunha. Testamos a precisão do relato com relação a objetos móveis, objetos estacionários, cor, etc. Depende da máquina judiciária do país decidir se esses fatos devem ser aplicados. Se um psicólogo “puro” diz que não tem interesse pelos problemas levantados nessas divisões da ciência porque eles se vinculam indireta mente com a aplicação da psicologia, ele revela, em primeiro lugar, que não consegue compreender o objetivo científico desses problemas e, em segundo, que não tem interesse por uma psicologia voltada para a vida humana. O único defeito que vejo nessas disciplinas é que boa parte do seu material é formulada em termos de introspecção, quando uma formulação em termos de resultados objetivos teria muito mais valor. Não há razão para que em algum momento se recorra à consciência em nenhuma delas, nem para se pensar em dados introspectivos durante a experimentação ou publicá-los nos resultados. Na pedagogia experimental, em particular, podemos ver a desejabilidade de manter todos os resultados num plano puramente objetivo. Se se faz isso, o trabalho realizado com seres humanos será diretamente comparável ao trabalho com animais. Por exemplo, nas Hopkins, o sr. Ulrich obteve certos resultados em termos da distribuição do esforço na aprendizagem — usando ratos como sujeitos. Ele tem condições de apresentar resultados comparados sobre o efeito do trabalho de um animal com o problema uma vez por dia, três vezes por dia e cinco vezes por dia, e sobre se é aconselhável que o animal aprenda somente um problema de cada vez ou três ao mesmo tempo. Precisamos fazer experiências semelhantes com o homem, mas com tão pouca preocupação acerca dos seus “processos conscientes”, durante a realização da experiência, quanto temos em relação aos ratos.

Interesso-me mais, no presente momento, por tentar demonstrar a necessidade de manter a uniformidade do procedimento experimental e do método de apresentar resultados, no

trabalho com seres humanos e animais, do que por desenvolver quaisquer idéias que eu possa ter acerca das mudanças que por certo virão no escopo da psicologia humana. Consideremos por um momento a questão da gama de estímulos a que os animais reagem. Falarei primeiro do trabalho sobre a visão em animais. Colocamos o nosso animal numa situação em que ele responde (ou aprende a responder) a uma dentre duas luzes monocromáticas. Nós o alimentamos numa (positiva) e o punimos na outra (negativa); num curto espaço de tempo, o animal aprende a dirigir-se para a luz em que é alimentado. Nesse ponto, surgem interrogações que posso elaborar de duas maneiras: posso escolher a maneira psicológica e dizer “o animal vê essas duas luzes como eu as vejo, isto é, como duas cores distintas, ou ele as vê como dois cinzentos que diferem em termos de brilho, tal como o faz o daltônico total?” Enunciada pelo comportamentalista, a pergunta seria: “O meu animal está respondendo com base na diferença de intensidade entre os dois estímulos ou com base na diferença de comprimentos de onda?” Em nenhum momento ele pensa na resposta do animal em termos de suas próprias experiências de cores e cinzentos. Ele deseja estabelecer um fato: saber se o comprimento de onda é um fator no ajustamento do animal. Se o for, que comprimentos de onda são eficazes e que diferenças de comprimento de onda devem ser mantidas nas distintas regiões para garantir a base para respostas diferenciais? Se o comprimento de onda não for um fator no ajustamento, o comportamentalista quer saber que diferença de intensidade proporciona uma base para a resposta e se essa mesma diferença será suficiente em todo o espectro. Além disso, ele quer testar se o animal pode responder a comprimentos de onda que não afetam o olho humano. Ele está muito interessado em comparar o espectro do rato com o da galinha, assim como com o do homem. Quando se fazem os vários conjuntos de comparações, o ponto de vista não sofre a menor mudança.

Como quer que formulemos a pergunta, pegamos o nosso animal, depois de formada a associação, e introduzimos determinados experimentos de controle que nos permitem dar respostas às perguntas levantadas. Mas também há o mesmo desejo intenso de testar o homem nas mesmas condições e apresentar os resultados, em ambos os casos, nos mesmos termos.

O homem e o animal devem ser colocados, tanto quanto possível, nas mesmas condições experimentais. Em vez de alimentar ou punir o sujeito humano, devemos pedir-lhe que responda instalando um segundo aparelho até que a padronização e o controle não ofereçam base para uma resposta diferencial. Estarei abrindo a guarda à acusação de que uso, nesse caso, a introspecção? Absolutamente não; embora eu possa perfeitamente alimentar o meu sujeito humano diante da resposta certa e puni-lo diante da errada, produzindo assim a resposta, se o sujeito puder dá-la, não há necessidade de chegar a esses extremos mesmo na base que sugiro. Mas entenda-se que só uso esse segundo método como um método comportamental abreviado. Podemos chegar ao mesmo lugar e obter resultados igualmente confiáveis pelo método mais longo e pelo abreviado. Em muitos casos, o método direto e tipicamente humano não pode ser usado com segurança. Suponha, por exemplo, que eu duvide da precisão do instrumento de controle no experimento acima, como é muito provável que eu duvide de suspeitar que há um defeito de visão. De nada me serve, nessa situação, o relato introspectivo do sujeito. Ele vai dizer: “Não há diferença de sensação; as duas lâmpadas são vermelhas, de qualidade idêntica.” Mas supon que eu lhe apresente o padrão e o controle e crie condições para que ele seja punido se responder ao “controle” mas não ao padrão. Mudo as posições do controle e do padrão ao acaso e o obrigo a tentar

diferenciar um do outro. Se ele puder aprender a fazer o ajustamento, mesmo depois de um grande número de tentativas, ficará evidenciado que os dois estímulos de fato oferecem bases para uma resposta diferencial. Esse método pode parecer absurdo, mas creio firmemente que teremos de recorrer cada vez mais a ele sempre que tivermos razões para não confiar no método lingüístico.

Difícilmente um problema da visão humana não é também um problema da visão animal; basta mencionar os limites do espectro, os valores de limiar, absoluto e relativo, o pisca-pisca, a lei de Talbot, a lei de Weber, o campo de visão, o fenômeno de Purkinje, etc. Cada um deles pode ser elaborado por métodos comportamentais, o que tem acontecido no presente momento com muitos deles.

244

Sinto que todo o trabalho com os sentidos pode ser levado coerentemente a efeito ao longo das linhas que sugeri aqui para a visão. No final, os nossos resultados darão um excelente quadro daquilo que cada órgão representa no tocante à sua função. O anatomista e o fisiologista podem usar os nossos dados e mostrar, de um lado, as estruturas responsáveis por essas respostas e, de outro, as relações físico-químicas necessariamente envolvidas (química fisiológica de nervos e músculos), nessas e em outras reações.

A situação no estudo da memória é praticamente igual. Quase todos os métodos mnemônicos hoje usados no laboratório geram o tipo de resultados que estou defendendo. Uma certa série de sílabas sem sentido, ou outro material, é apresentado ao sujeito humano, o que deve receber ênfase é a rapidez da formação de hábito, os erros, as peculiaridades na forma da curva, a persistência do hábito assim formado, a relação desses hábitos com os formados quando do uso de materiais mais complexos, etc. Ora, esses resultados são obtidos pela introspecção do sujeito. As experiências são feitas com o propósito de discutir o maquinário mental envolvido na aprendizagem, na recordação e no esquecimento, e não com a finalidade de verificar o modo como o ser humano molda suas respostas para enfrentar os problemas do ambiente terrivelmente complexo em que é lançado, nem para mostrar as semelhanças e diferenças entre os métodos humanos e os dos outros animais.

A situação é um tanto distinta quando se trata do estudo de formas mais complexas de comportamento, como a imaginação, o julgamento, o raciocínio e a concepção. No momento, as únicas explicações delas são dadas em termos de conteúdo; nossa mente foi tão pervertida pelos mais de cinquenta anos dedicados ao estudo dos estados de consciência que só podemos conceber esses problemas de uma única maneira. Temos de encarar a situação de frente e dizer que não podemos levar adiante as investigações em todas essas linhas pelos métodos comportamentais hoje empregados. Para me justificar, eu gostaria de chamar a atenção para o parágrafo acima, onde afirmei que o próprio método introspectivo chegou a um cul-de-sac com relação a esses problemas. Os tópicos foram tão desfigurados por um excesso de manipulação que talvez fosse preferível abandoná-los por algum tempo. Com um melhor desenvolvimento de nossos métodos, será possível fazer pesquisas sobre formas cada vez mais complexas de comportamento. Problemas hoje postos de lado se tornarão imperativos, mas poderão ser considerados de um novo ângulo e em contextos mais concretos.

Restara à psicologia um mundo de psiquismo puro, para usar o termo de Yerkes? Confesso que não sei. Os planos que mais me agradam em psicologia levam praticamente a ignorar a

consciência no sentido dado ao termo pelos atuais psicólogos. Praticamente neguei que esse psiquismo esteja aberto à pesquisa experimental. Não desejo me alongar sobre o problema, neste momento, porque isso leva inevitavelmente à metafísica. Se se conceder ao comportamentalista o direito de usar a consciência do mesmo modo como outros cientistas naturais a empregam — ou seja, sem fazer dela um objeto especial de observação —, ter-se-á garantido tudo o que a minha tese exige.

Concluindo, suponho dever confessar uma profunda tendenciosidade com relação a essas questões. Dediquei quase doze anos à experimentação com animais. É natural que uma pessoa nessas condições se incline a uma posição teórica compatível com seu trabalho experimental. É possível que eu tenha montado um espantalho e tenha estado a lutar contra ele. Talvez não haja uma falta absoluta de harmonia entre a posição esboçada aqui e a da psicologia funcional. Estou propenso a pensar, no entanto, que essas duas posições não são facilmente harmonizáveis. É certo que a posição que defendo está no presente muito fraca, podendo ser atacada de muitas perspectivas. Entretanto, mesmo admitindo tudo isso, ainda sinto que as considerações que fiz estão destinadas a ter uma ampla influência sobre o tipo de psicologia a ser desenvolvido no futuro. O que precisamos fazer é começar a trabalhar na psicologia fazendo do comportamento, e não da consciência, o ponto objetivo do nosso ataque. Sem dúvida, há problemas suficientes no controle do comportamento para nos manter trabalhando por várias vidas sem que sequer tenhamos tempo para pensar na consciência an sich [si]. Iniciado o empreendimento, em pouco tempo nos veremos tão afastados da psicologia introspectiva quanto a atual psicologia o está da psicologia das faculdades.

245

A Reação ao Programa de Watson

O vigoroso ataque de Watson à velha psicologia e sua defesa de uma nova abordagem tiveram um forte efeito. Consideremos seus pontos principais. A psicologia deveria ser a ciência do comportamento — e não o estudo introspectivo da consciência — e um ramo experimental puramente objetivo das ciências naturais. Dever-se-iam pesquisar tanto o comportamento animal como o humano. A nova psicologia descartaria todos os conceitos mentais e só usaria conceitos comportamentais como estímulo e resposta. A finalidade da psicologia seria prever e controlar o comportamento.

Como discutimos, esses pontos não se originaram em Watson. Métodos experimentais objetivos vinham sendo usados há algum tempo, e os conceitos funcionais por certo vinham sendo influentes, até dominantes, nos Estados Unidos. Pesquisas sobre aprendizagem animal tinham começado a gerar dados aplicáveis à aprendizagem humana, e testes objetivos tinham sido desenvolvidos e usados com algum sucesso na previsão e controle do comportamento. A própria definição de Watson da psicologia como a ciência do comportamento fora antecipada. Logo, os pontos básicos de Watson não eram novos. O que havia de novo e provocador em seu programa era a sua proposta de eliminar da psicologia a mente e a consciência, os conceitos mentalistas, a especulação sobre o que poderia estar ocorrendo no cérebro e o uso da introspecção.

O programa de Watson não foi aceito imediatamente nem universalmente. A primeira resposta publicada ao seu artigo de 1913 foi dada por Mary Whiton Calkins, que discordava da rejeição da introspecção; ela refletia a opinião de muitos psicólogos, que acreditavam que

certos tipos de processos psicológicos só podiam ser estudados pela introspecção. A discussão durou alguns anos, entrando pela década de 20, e o debate muitas vezes foi acirrado. Margaret Floy Washburn chegou a ponto de considerar Watson inimigo da psicologia (Samelson, 1981).

Não se pretende sugerir que tenha havido uma súbita chuva de ataques às concepções de Watson. No início, o comportamentalismo recebeu relativamente pouca atenção nas publicações profissionais. Mas o apoio crescia na surdina, vindo em especial de psicólogos mais jovens, e, na década de 20, algumas universidades ofereciam cursos sobre o comportamentalismo e a palavra “comportamental” estava aparecendo nas revistas. William McDougall, um oponente do comportamentalismo, preocupou-se com isso o bastante para dar um alerta sobre o florescimento dessa abordagem. Em 1924, E. B. Titchener queixou-se de que o comportamentalismo tinha varrido o país como uma grande onda. E, perto de 1930, Watson proclamou com orgulho que seu trabalho se tomara tão popular que nenhuma universidade podia deixar de ensiná-lo.

O comportamentalismo de fato alcançou sucesso, mas o fez muito lentamente. As mudanças que Watson pedia demoraram bastante para surgir. Quando finalmente chegaram, a

sua não era a única forma de psicologia do comportamento promovida.

Os Métodos do Comportamentalismo

Como vimos, quando a psicologia científica começou, havia nela a disposição para aliar-se à velha e consagrada ciência natural da física. A nova psicologia tentou consistentemente adaptar os métodos das ciências naturais às suas necessidades. Mas em nenhuma forma precedente de psicologia essa tendência foi tão forte quanto no comportamentalismo watsoniano.

Watson afirmou que a psicologia devia restringir-se aos dados das ciências naturais, ao que podia ser observado — em outras palavras, ao comportamento. Por conseguinte, só os métodos de investigação mais verdadeiramente objetivos eram admitidos no laboratório com-

246

portamentalista. Watson declarara explicitamente que os métodos a serem usados seriam: (1) a observação, com e sem o uso de instrumentos; (2) os métodos de teste; (3) o método do relato verbal; e (4) o método do reflexo condicionado.

O método da observação, auto-explicativo e fundamental, é a base necessária dos outros métodos. Os métodos de teste objetivo já eram usados, mas Watson propôs que os resultados tivessem o tratamento de amostras de comportamento, e não medidas de qualidades mentais. Para ele, os testes não mediam a inteligência nem a personalidade, mas sim as respostas dadas pelo sujeito à situação de estímulo, e nada mais.

O método do relato verbal é peculiar ao sistema de Watson e merece comentário, e talvez justificação. Como Watson se opunha fortemente à introspecção, seu uso desse método no laboratório tem sido questionado. Alguns psicólogos o consideravam uma transigência que

podia permitir a entrada da introspecção pela porta dos fundos, depois de ela ter sido atirada longe pela da frente.

Consideremos em primeiro lugar por que Watson se opunha à introspecção. Além da sugestão, feita acima, de que ele não era bom nisso, há o fato de a introspecção não poder ser usada na pesquisa com animais se não se aceitasse a técnica da introspecção por analogia de Romanes. É claro que um comportamentalista não podia admitir esse método. Por outro lado, Watson não confiava na precisão da introspecção. Se introspectores altamente treinados não chegavam a um consenso sobre o que observavam, como poderia a psicologia progredir? Era mais fundamental o argumento de que um comportamentalista não podia tolerar no laboratório qualquer coisa que não pudesse ser objetivamente observada. Watson só iria tratar de coisas tangíveis e discordava das pretensões de relatos introspectivos sobre ocorrências no interior de um organismo que não podiam ser verificadas por uma observação independente.

Apesar dessas razões para se opor à introspecção, Watson não podia ignorar o trabalho na psicofísica, que usava a introspecção. Ele sugeriu, portanto, que as reações verbais, por serem objetivamente observáveis, são tão significativas para o comportamentalismo quanto qualquer outro tipo de reação motora. Watson escreveu: “Dizer é fazer — isto é, comportar-se. Falar abertamente ou para si mesmo (pensar) é um tipo de comportamento tão objetivo quanto o beisebol” (Watson, 1930, p. 6).

O uso desse método no comportamentalismo foi uma concessão muito debatida pelos críticos de Watson, que alegavam que ele propunha uma mera mudança semântica, e não uma alteração genuína de procedimentos de pesquisa. Admitindo que o relato verbal era um método inexato e não substituiu satisfatoriamente métodos mais objetivos de observação, Watson limitou seu uso a situações passíveis de verificação, por exemplo, a observação de diferenças de tons (Watson, 1914). Relatos verbais não verificáveis, como pensamentos sem imagens ou comentários sobre estados de ânimo, foram banidos.

O mais importante método de pesquisa dos comportamentalistas, o método do reflexo condicionado, só foi adotado em 1915, dois anos depois do início formal do comportamentalismo. Métodos de condicionamento já eram usados antes do advento dessa abordagem, mas a sua adoção por psicólogos americanos fora limitada. Deve-se a Watson, em larga medida, sua disseminada adoção pela pesquisa psicológica americana. E, em seus escritos ulteriores, Watson reconheceu seu débito para com Pavlov e Bekhterev por esse método.

Watson escreveu sobre o condicionamento em termos de substituição do estímulo. Uma resposta, disse ele, é condicionada quando se liga ou se conecta a um estímulo distinto do que a despertou originalmente. (A salivação dos cães de Pavlov diante do som de uma sineta, e não diante da visão da comida, é uma resposta condicionada.) Watson lançou mão dessa abordagem porque ela lhe propiciava um método objetivo de análise do comportamento, isto é, de redução do comportamento às suas unidades elementares, os vínculos estímulo-resposta

247

(E-R). Todo comportamento, afirmava ele, podia ser reduzido a esses elementos, o que fornecia um método para a investigação em laboratório do comportamento humano complexo.

Percebe-se que Watson dava continuidade à tradição atomista e mecanicista estabelecida pelos empiristas britânicos e usada pelos estruturalistas. Os psicólogos estudariam o comportamento humano tal como os físicos estudam o universo: decompondo-o em suas partes constituintes, os átomos ou elementos.

O foco exclusivo no uso de métodos objetivos e a eliminação da introspecção representaram uma mudança da natureza e do papel do sujeito humano no laboratório psicológico. Nas abordagens de Wundt e Titchener, os sujeitos eram observadores e observados; eles observavam sua própria experiência consciente. Assim, seu papel era muito mais importante do que o do experimentador.

No comportamentalismo, os sujeitos tinham um papel menos importante: tinham deixado de observar, passando a ser observados pelo experimentador. Foi com essa mudança que os sujeitos passaram a ser chamados de sujeitos, e não de observadores (ver Danziger, 1988; Scheibe, 1988). Os verdadeiros observadores eram os experimentadores, que estabeleciam as condições experimentais e observavam como os sujeitos respondiam a elas. Logo, os seres humanos sofreram uma perda de status; já não observavam, eles simplesmente se comportavam. E quase todos podem se comportar — crianças, doentes mentais, animais. Essa perspectiva reforçou a imagem psicológica do homem como máquina: “você põe um estímulo numa das ranhuras e sai um pacote de reações” (Burt, 1962, p. 232).

No início, os argumentos de Watson em favor do uso exclusivo de métodos objetivos pareceram um grande avanço para a psicologia. Mas a análise retrospectiva nos recorda de que os métodos objetivos vinham caracterizando o campo desde os seus primórdios como ciência. Os estudos de psicofísica, da memória e do condicionamento aplicavam métodos objetivos. Portanto, as contribuições dos comportamentalistas consistiram mais em ampliar e aperfeiçoar os métodos estabelecidos do que em desenvolver novos.

O Objeto de Estudo do Comportamentalismo

O objeto de estudo, ou dados primários, da psicologia têm de ser itens do comportamento: movimentos musculares ou secreções glandulares. A psicologia como ciência do comportamento só deve tratar de atos passíveis de descrição objetiva em termos de estímulo e resposta, formação de hábito ou integração de hábito. Todo comportamento humano e animal pode ser descrito dessa maneira sem o recurso a conceitos e à terminologia mentalistas. Mediante o estudo objetivo do comportamento, a psicologia comportamentalista pode alcançar seu objetivo de prever a resposta dado o estímulo, bem como de prever o estímulo antecedente, dada a resposta. O comportamento humano e animal pode ser eficazmente previsto, e controlado, pela sua redução ao nível de estímulo e resposta.

Apesar do alvo de reduzir o comportamento a unidades de E-R, Watson afirmava que o comportamentalismo, em última análise, se ocupa do comportamento geral do organismo total. Embora uma resposta possa ter a simplicidade de um reflexo patelar ou outro reflexo, ela também pode ser mais complexa; nesse caso, aplica-se o termo ‘ato’. Watson considerava que os atos de resposta incluem coisas como ingerir alimentos, escrever um livro, jogar beisebol ou construir uma casa. Portanto, um ato envolve a resposta do organismo em termos de movimento no espaço, como falar, alcançar ou caminhar. Watson parece ter concebido a resposta em termos da obtenção de algum resultado no ambiente, e não como uma agregação de elementos musculares. Em outras palavras, ele a considerava

mais em termos molares do que moleculares. Mesmo assim, os atos de comportamento, por mais complexos que sejam, são passíveis de redução a respostas glandulares ou motoras de nível inferior.

248

As respostas são classificadas de duas maneiras: (1) aprendidas ou não-aprendidas, e (2) explícitas ou implícitas. Para Watson, era importante que o comportamentalismo distinguisse entre as respostas inatas ou não-aprendidas e as aprendidas, e descobrisse para estas últimas as leis da aprendizagem. Respostas explícitas são manifestas e, portanto, diretamente observáveis; respostas implícitas, como movimentos viscerais, secreções glandulares e impulsos nervosos, ocorrem no interior do organismo. Esses movimentos interiores, embora não manifestos, constituem itens de comportamento. Ao introduzir a noção de respostas implícitas, Watson modificou seu requisito inicial de que o objeto de estudo da psicologia fosse concretamente observável, aceitando também que ele fosse potencialmente observável. Os movimentos ou respostas que acontecem no interior do organismo são observáveis por meio de instrumentos.

Os estímulos, assim como as respostas de que o comportamentalista se ocupa, podem ser simples ou complexos. Ondas luminosas que atingem a retina podem ser consideradas estímulos relativamente simples; mas os estímulos podem ser objetos físicos do meio ambiente ou uma situação mais ampla (uma constelação de estímulos específicos). Assim como a constelação de respostas envolvidas num ato pode ser reduzida a resposta particulares, assim também a situação de estímulo pode ser decomposta em seus estímulos componentes específicos.

Logo, o comportamentalismo se ocupa do comportamento do organismo inteiro com relação ao seu ambiente. Podem-se elaborar leis específicas do comportamento, por meio de análise dos complexos estímulo-resposta totais, em seus segmentos mais elementares de estímulo e resposta. Não se pretendia que essa análise fosse tão detalhada quanto a do fisiologista ao determinar a estrutura e a organização do sistema nervoso central. Devido à inacessibilidade do cérebro, que Watson denominava “caixa misteriosa”, ele tinha pouco interesse pelo funcionamento cortical. Watson acreditava que o comportamento envolvia o organismo total, não podendo restringir-se apenas ao sistema nervoso. O seu foco eram unidades mais amplas de comportamento, a resposta total do organismo a uma situação dada.

Tanto em termos de metodologia como de objeto de estudo, a nova psicologia de Watson era um esforço de construção de uma ciência livre de noções mentalistas e de métodos subjetivos, uma ciência tão objetiva quanto a física. Examinaremos aqui seu tratamento de alguns dos tópicos tradicionais da psicologia: instinto, aprendizagem, emoção e pensamento. Como todos os teóricos sistemáticos, Watson desenvolveu a sua psicologia segundo suas teses fundamentais. Todas as áreas do comportamento tinham de ser tratadas em termos objetivos de estímulo-resposta.

O Instinto

De início, Watson aceitava o papel dos instintos no comportamento. Em seu livro *Behavior: An Introduction to Comparative Psychology* (O Comportamento: Introdução à Psicologia Comparada) (1914), ele descreveu onze instintos, incluindo um vinculado com comportamentos aleatórios. Ele estudara os comportamentos instintivos da andorinha do mar,

um pássaro aquático, nas Ilhas Tortugas, na costa da Flórida, com Karl Lashley, estudante da Johns Hopkins (Lashley disse que a expedição fora interrompida quando ele e Watson ficaram sem cigarros e uísque).

Por volta de 1925, Watson mudou de posição e recusou o conceito de instinto. Ele argumentou que todos os aspectos do comportamento humano que parecem instintivos são, na realidade, respostas socialmente condicionadas. Com a concepção de que a aprendizagem é a chave da compreensão do desenvolvimento do comportamento humano, Watson tornou-se um ambientalista radical. Em seguida, ele foi além da negação dos instintos em seu sistema e

249

recusou-se a admitir a existência de capacidades, temperamentos ou talentos herdados de qualquer espécie. Coisas que pareciam herdadas podiam ter identificada sua origem no treinamento da infância. As crianças não nasciam com a aptidão de ser grandes atletas ou músicos, por exemplo, mas eram influenciadas nessa direção pelos pais, que encorajavam e reforçavam os comportamentos apropriados. Essa ênfase na influência in do ambiente parental e social, com seu corolário de que as crianças podem ser treinadas para ser o que quisermos que sejam, foi uma das razões da grande aceitação pública de Watson.

Watson não estava sozinho ao espisar a primazia das influências do ambiente sobre os instintos; já se evidenciava na psicologia a tendência de descartar o papel dos instintos na determinação do comportamento. Logo, sua posição refletia um movimento na direção do ambientalismo já em progresso. Além disso, ele pode ter sido influenciado pela orientação prática, aplicada, característica da psicologia americana do começo deste século. A psicologia só poderia ser aplicada à modificação do comportamento se este pudesse ser mudado. Se o comportamento fosse governado pelos instintos, não seria possível impor-lhe modificações; mas, se dependesse da aprendizagem ou do treinamento, poder-se-ia alterá-lo. O insistente apoio de Watson à posição ambientalista pode ter sido uma maneira de demonstrar a “aplicabilidade e universalidade de suas teorias comportamentalistas” (Logue, 1978, p. 74).

Watson testa o reflexo de preensão de um bebê (foto feita a partir de um filme de 1919).

250

A Aprendizagem

De acordo com Watson, o adulto é apenas um produto do condicionamento da infância. As concepções watsonianas da aprendizagem se modificaram ao longo do tempo para incorporar o condicionamento. Em seu artigo de 1913, não há menção ao condicionamento, e o seu livro de 1914, *O Comportamento*, dá muito pouca ênfase aos experimentos de Pavlov com o condicionamento. Na realidade, Watson expressou dúvida sobre a possibilidade de usar o método com primatas. Em seu discurso presidencial na APA, em 1915, Watson, contudo, sugeriu que o método do reflexo condicionado deveria ocupar o lugar da introspecção (Watson, 1916).

A partir de então, o condicionamento se tomou um importante método de pesquisa dos comportamentalistas. É surpreendente que, apesar de seu entusiasmo pelo método, Watson não tenha reconhecido a importância da lei do reforço de Pavlov e sua semelhança com a lei do efeito de Thorndike. Watson nunca desenvolveu uma teoria satisfatória de

aprendizagem, e suas concepções pareciam ter muito em comum com os ultrapassados associacionistas pré thorndikeanos. Mesmo aceitando, e usando em suas pesquisas, princípios do condicionamento, ele continuou a acentuar a repetição, a frequência e a recentidade como fatores primordiais da aprendizagem, ignorando o reforço ou a recompensa.

A Emoção

Watson sugeriu que as emoções eram tão-somente respostas corporais a estímulos específicos. Um estímulo, como a presença do perigo, produz mudanças corporais internas e as respostas manifestas aprendidas apropriadas. Essa noção não implica a percepção consciente da emoção ou da massa de sensações oriundas dos órgãos internos. Cada emoção envolve seu padrão particular de mudanças no mecanismo geral do corpo, em particular nos sistemas visceral e glandular. Embora Watson admitisse que todas as respostas emocionais envolvem movimentos ostensivos, ele acreditava na predominância das respostas internas. Logo, a emoção é uma forma de comportamento implícito em que as respostas internas se evidenciam, até um certo ponto, como manifestações físicas como o rubor ou aumentos na pulsação e na respiração.

A teoria watsoniana da emoção é menos complexa que a de William James (Capítulo 7).

Na teoria de James, as mudanças corporais seguem-se imediatamente à percepção do estímulo; a sensação dessas mudanças corporais era a emoção. Watson criticou a posição de James, observando que “James provocou um retrocesso na psicologia das emoções de que só recentemente começamos a nos recobrar” (Watson, 1930, p. 140). Rejeitando o processo consciente da percepção da situação e do estado de ânimo, Watson alegou que as emoções podem ser entendidas simplesmente em termos da situação objetiva de estímulo, da resposta corporal manifesta e das mudanças fisiológicas internas.

Num estudo hoje clássico, Watson investigou os estímulos que produzem respostas emocionais em bebês. Ele propôs três emoções fundamentais nos bebês: medo, raiva e amor. O medo é produzido por sons fortes e pela perda súbita de apoio; a raiva é gerada pelo impedimento do movimento corporal; e o amor vem de carícias na pele, embalos e afagos. Ele também descobriu padrões de reação característicos a esses estímulos. Ele acreditava que essas emoções são as únicas respostas emocionais não aprendidas. As outras respostas emocionais humanas se formam a partir dessas três por meio do processo de condicionamento, isto é, elas podem se ligar a outros estímulos que originalmente não podiam suscitá-las.

Watson demonstrou sua teoria das respostas emocionais condicionadas em seu estudo

251

experimental de Albert, um bebê de onze meses, que foi condicionado a ter medo de um rato branco que ele não temia antes das tentativas de condicionamento (Watson e Rayner, 1920). O medo foi estabelecido com a apresentação de um ruído forte (golpear uma barra de aço com um martelo) por trás de Albert sempre que o rato lhe era mostrado. Dentro de pouco tempo, a mera visão do rato produzia sinais de medo na criança. Watson demonstrou que esse medo condicionado podia ser generalizado para outros estímulos como um coelho, um casaco de pele branco e as barbas do Papai Noel. Watson acreditava que os medos, aversões e angustias dos adultos são condicionados dessa maneira no início da infância.

O estudo de Albert nunca foi repetido com sucesso. Watson descreveu a pesquisa como preliminar, um mero estudo piloto, e os psicólogos desde então têm observado sérias falhas em sua metodologia. Contudo, os resultados foram aceitos como prova científica, sendo citados em quase todo manual introdutório, de modo geral incorretamente (ver Harris, 1979; Samelson, 1980).

Embora possa ter sido condicionado a temer os objetos mencionados, Albert não estava disponível como sujeito quando Watson quis tentar remover ou eliminar esses medos. Pouco depois dessa experiência, Watson saiu do meio acadêmico e não deu prosseguimento ao estudo. Algum tempo mais tarde, quando trabalhava em publicidade na cidade de Nova York ele fez uma palestra sobre o assunto. No auditório estava Mary Cover Jones, colega de Rosalie Rayner Watson em Vassar e ex-aluna de Washburn. As observações de Watson despertaram o seu interesse, e ela ficou imaginando se a técnica de condicionamento não poderia ser usada para remover os temores infantis. Ela pediu a Rosalie que a apresentasse a Watson e empenhou-se em um estudo que se tornou outro clássico na história da psicologia (Jones, 1924).

O sujeito chamava-se Peter, e já tinha medo de coelhos, embora seu medo não tivesse sido condicionado no laboratório. Enquanto Peter comia, um coelho foi levado à sala, mas mantido a uma distância grande o bastante para não evocar a resposta de medo. Ao longo de várias tentativas, o coelho foi sendo progressivamente aproximado, sempre enquanto a criança comia. No final, Peter conseguia passar a mão no coelho sem demonstrar temores. Respostas generalizadas de medo a objetos semelhantes também foram eliminadas com esse procedimento. O estudo tem sido descrito como precursor da terapia comportamental (a aplicação de princípios de aprendizagem à modificação de comportamentos inadaptados) quase cinquenta anos antes de a técnica tornar-se popular. Mary Cover Jones, associada ao Instituto de Bem-Estar Infantil da Universidade da Califórnia em Berkeley, recebeu em 1968 o prêmio G. Stanley Hall por suas notáveis contribuições à psicologia do desenvolvimento.

A abordagem comportamentalista de Watson das emoções e o seu interesse pelas mudanças fisiológicas que acompanham o comportamento emocional estimularam consideravelmente as pesquisas sobre o desenvolvimento emocional das crianças e os padrões de reação para emoções específicas.

O Pensamento

Antes do comportamentalismo de Watson, a concepção tradicional dos processos de pensamento sustentava que eles ocorriam no cérebro “de modo tão tênue que nenhum impulso neural se transfere do nervo motor para o músculo, não havendo portanto nenhuma resposta nos músculos e glândulas” (Watson, 1930, p. 239). Segundo essa tese, como ocorrem na ausência de movimentos musculares, os processos de pensamento não são acessíveis à observação e experimentação. O pensamento era considerado intangível, algo exclusivamente mental e sem equivalentes físicos. O conceito de imagem dos estruturalistas é um exemplo dessa perspectiva.

252

Watson propôs uma teoria do pensamento que se opõe à antiga noção e tenta reduzir o pensamento ao comportamento motor implícito. Ele alegava que o pensamento, assim como todos os outros aspectos do funcionamento humano, tem de ser um comportamento

sensorio- motor de alguma espécie. Ele raciocinou que o comportamento do pensamento envolve reações ou movimentos implícitos de fala. Logo, o pensamento verbal pode ser reduzido a uma fala subvocal que envolve os mesmos hábitos musculares aprendidos para a fala manifesta. À medida que as crianças crescem, esses hábitos musculares ficam inaudíveis e invisíveis, porque os pais e professores advertem as crianças a parar de falar alto para si mesmas. Assim, o pensamento se torna um mero falar silenciosamente de si para si.

Watson sugeriu que os pontos focais de boa parte desse comportamento implícito são os músculos da laringe (a chamada caixa da voz) e da língua. Inicialmente, ele considerava a laringe o órgão do pensamento e sugeria que o pensamento é mediado por gestos, como carrancas e o encolher de ombros, que são reações ostensivas a situações.

Uma fonte óbvia de con para a teoria do pensamento de Watson é que a maioria de nós percebe que fala consigo mesmo enquanto pensa. Mas essa evidência é inadmissível

253

Mary Cover Jones antecipou a moderna terapia comportamentalista com suas experiências sobre técnicas de condicionamento.

para os comportamentalistas, por ser introspectiva, e dificilmente Watson poderia recorrer à introspecção para sustentar sua teoria comportamentalista. O comportamentalismo exigia provas objetivas desses movimentos implícitos de fala, razão por que se fizeram tentativas para registrar movimentos linguais e laríngeos durante o pensamento. Essas medidas revelaram ligeiros movimentos durante parte do tempo em que os sujeitos estavam pensando. Medidas feitas das mãos e dos dedos de surdos-mudos que usavam a linguagem dos sinais também revelaram movimentos da mesma espécie. Apesar da incapacidade de obter resultados mais positivos, Watson permaneceu convencido da existência de movimentos implícitos de fala. Ele acreditava que sua demonstração aguardava apenas o desenvolvimento de equipamentos de laboratório mais sofisticados.

O Atrativo Popular do Comportamentalismo

Por que terão os ousados pronunciamentos de Watson conseguido para ele numerosos adeptos? É certo que as pessoas não queriam saber se alguns psicólogos praticavam a introspecção e outros refutavam o seu uso, nem se alguns psicólogos pretendiam ser conscientes enquanto outros proclamavam que a psicologia tinha perdido a cabeça, assim como não se interessavam pelas disputas sobre se o pensamento acontecia na cabeça ou no pescoço. Tudo isso era objeto de comentário entre os psicólogos, mas dificilmente preocupava os outros.

A agitação do público decorreu da proposta de Watson de uma sociedade baseada no comportamento cientificamente modelado e controlado, livre de mitos, costumes e convenções. Suas idéias ofereciam uma esperança a pessoas desencantadas com os credos orientadores mais antigos, como os fundamentados nos dogmas religiosos. Em termos de fervor e de fé, o comportamentalismo atraiu muitas pessoas e assumiu alguns aspectos de uma religião. Entre os muitos artigos e livros escritos a respeito, houve um intitulado *The Religion Called Behaviorism* (A Religião Chamada Comportamentalismo) (Berman, 1927). Ele foi lido por um jovem de vinte e três anos de nome B. F. Skinner, que escreveu uma resenha do livro e a enviou a uma revista literária popular. “Eles não publicaram [

resenha]”, escreveu ele mais tarde, “mas, ao escrevê-la, eu estava mais ou menos definindo a mim mesmo, pela primeira vez, como comportamentalista” (Skinner, 1976, p. 299).

Parte da excitação produzida pelas idéias de Watson pode ser avaliada pelas resenhas feitas pelos jornais do seu livro *Behaviorism* (O Comportamentalismo) (Watson, 1925). O *New York Time* disse, dramaticamente: “O livro marca uma época na história intelectual do homem” (2 de agosto de 1925). O *New York Herald Tribune* considerou-o “o mais importante livro já escrito. Fica-se por um momento ofuscado por uma grande esperança” (21 de junho de 1925).

A esperança vinha, em parte, da ênfase de Watson sobre o efeito propiciador do ambiente na determinação do comportamento, e de sua negação da influência das tendências instintivas

ou herdadas. A passagem a seguir, extraída de *Behaviorism*, é citada com freqüência:

Dêem-me uns dez bebês saudáveis e bem formados, e um mundo especificado por mim para criá-los, e garanto escolher um deles ao acaso e treiná-lo para ser qualquer tipo de especialista que eu selecione — médico, advogado, artista, chefe de empresa e até mendigo e ladrão, pouco importando os seus talentos, inclinações, tendências, aptidões, vocações e a raça dos seus anceis (Watson, 1930, p. 104).

Os experimentos de condicionamento de Watson, como o estudo de Albert, o persuadiram de que os distúrbios emocionais da idade adulta não podem ser atribuídos apenas a fatores sexuais, como acreditava Sigmund Freud. Alegava Watson que os problemas dos adultos estão

254

vinculados com respostas condicionadas e transferidas que se estabeleceram na infância, na meninice e na adolescência. E, se os distúrbios do adulto são uma função do condicionamento infantil deficiente, um programa adequado de condicionamento na infância poderia prevenir a emergência de distúrbios no adulto. Watson acreditava que esse tipo de controle prático do comportamento infantil (e, portanto, do comportamento adulto ulterior) era não só possível como absolutamente necessário. Ele desenvolveu um plano de aperfeiçoamento da sociedade

— um programa de ética experimental — baseado nos princípios comportamentalistas.

Ninguém lhe deu dez bebês saudáveis para que ele testasse sua hipótese, e ele mais tarde admitiu que afirmar isso era ir além dos fatos. Observou, no entanto, que as pessoas que discordavam dele — aqueles que acreditavam ter a hereditariedade predomínio sobre o ambiente — vinham defendendo sua causa há milhares de anos e ainda não tinham provas concretas verdadeiras.

O seguinte parágrafo de *Behaviorism* revela a vitalidade com que Watson descreveu seu programa da vida sob o estandarte do comportamentalismo. Ele pode ajudar a explicar por que

tantas pessoas acorreram para ele como para uma nova fé:

O comportamentalismo deveria ser uma ciência que prepara homens e mulheres para compreender os princípios do seu próprio comportamento. Ele deveria deixar homens e

mulheres ávidos por reorganizar sua própria vida e particularmente ávidos por se preparar para criar seus filhos de um modo saudável. Eu gostaria de poder retratar para vocês que pessoa rica e maravilhosa faríamos de cada criança saudável se ao menos pudéssemos moldá-la adequadamente e propiciar-lhe um universo em que ela pudesse exercer essa organização — um universo não perturbado pelas lendas folclóricas de acontecimentos de milhares de anos atrás; não abalado por uma ignominiosa história política; livre de costumes e convenções tolos que nada significam em si mesmos, mas que submetem o indivíduo como rígidas algemas de aço.

Não clamo aqui por uma revolução; não peço às pessoas que vão para algum lugar esquecido por Deus, formem uma colônia, andem nuas e criem uma vida comunitária primitiva, nem clamo por uma mudança para uma dieta de raízes e ervas. Não apregôo o “amor livre”, mas tento acenar diante de vocês um estímulo, um estímulo verbal que, se levar a uma reação, modificará gradualmente este universo. Porque o universo vai se alterar se vocês criarem os filhos, não na liberdade do libertino, mas na liberdade comportamentalista — uma liberdade que nem sequer emos descrever com palavras, pois a conhecemos muito pouco. Não irão essas crianças, com seus modos melhores de viver e de pensar, substituir-nos como sociedade e criar os seus filhos de um modo ainda mais científico, até que o mundo finalmente se tome um lugar adequado à existência humana? (Watson, 1930, pp. 303-304)

O programa da ética experimental de Watson, voltado para substituir a velha ética especulativa baseada na religião, permaneceu como uma esperança, nunca sendo levado a efeito. Ele simplesmente fez um breve esboço do seu plano e o deixou como quadro de referência para pesquisas futuras. Um comportamentalista ulterior, B. F. Skinner, formulou um programa mais detalhado de uma utopia cientificamente construída segundo o espírito da defendida por Watson; descrevemo-la no Capítulo 11.

O Surto de Popularização da Psicologia

A psicologia já se tornara popular por volta dos anos 20, como discutimos no Capítulo 7. Sob a influência de Watson, diante do seu charme, carisma, capacidade de persuasão e mensagem de esperança, os americanos quase foram dominados por aquilo que alguém chamou ironicamente de “surto” de psicologia. Boa parte do público americano estava convencida de que o caminho para a saúde, a felicidade e a prosperidade era a psicologia, e as colunas

255

de conselhos psicológicos espocaram nos jornais diários. A coluna do psicólogo Joseph Jastrow, ‘Mantenha a Boa Forma Mental’, era publicada em mais de 150 jornais. Um certo Albert Wiggam, que não era psicólogo, tinha uma coluna, em 1928, chamada “Explorando a Mente”. Muitas pessoas concordavam com suas opiniões:

Os homens e as mulheres nunca precisaram tanto da psicologia quanto hoje. Jovens homens e mulheres necessitam dela para avaliar suas características e capacidades mentais com vistas à escolha precoce e sábia de uma carreira... Os homens de negócios precisam dela como ajuda na seleção de empregados; pais e educadores dela necessitam como um auxílio na criação e educação de crianças; todos precisam dela para garantir a mais elevada eficácia e felicidade. Não é possível conseguir essas coisas da maneira mais plena sem o novo

conhecimento da mente e da personalidade que os psicólogos nos têm propiciado (Benjamin, 1986, p. 943).

O humorista canadense Stephen Butier Leacock observou que a psicologia costumava ficar restrita ao campus universitário, onde não tinha vínculos com a realidade e não causava nenhum dano visível a quem quer que a estudasse. Por volta de 1924, no entanto, podia-se vê-la em toda parte. ‘Para quase todos os momentos da vida’, escreveu Leacock, “solicitamos os serviços de um psicólogo especialista com a mesma naturalidade com que chamamos o encanador. Em todas as nossas grandes cidades já existem, ou logo vão existir, placas dizendo ‘Psicólogo — Aberto Dia e Noite’ “ (Benjamin, 1986, p. 944).

Assim foi a epidemia da psicologia nos Estados Unidos, e Watson pode ter feito mais do que qualquer outra pessoa para ajuda-la a se disseminar.

Outros Comportamentalistas Pioneiros:

Holt, Weiss e Lashley

Por volta dos anos 20, como dissemos, o comportamentalismo cativara a atenção de muitos psicólogos americanos. Nem todos, no entanto, adotaram a forma watsoniana. Alguns desenvolveram suas próprias psicologias comportamentais, levando a escola de pensamento em diferentes direções: Três desses primeiros comportamentalistas são Edwin Holt, Albert Weiss e Karl Lashley.

Edwin B. Holt (1873-1946) doutorou-se em Harvard e fez carreira acadêmica ali e em Princeton. Ele discordava da rejeição da consciência e dos fenômenos mentais por Watson, e acreditava ser possível vincular a experiência consciente com referentes físicos. Tal como Watson, ele aceitava a influência determinante do ambiente; contudo, sugeria que a aprendizagem também ocorre em resposta ao que denominou motivação interna (necessidades e impulsos internos como a fome e a sede), bem como à motivação exterior (estímulos externos). Holt foi um dos primeiros teóricos a postular esses impulsos interiores, antecipando assim o importante trabalho de Clark Hull sobre a motivação (Capítulo 11).

Holt trabalhava com o comportamento numa escala mais ampla do que Watson. Ele não aceitava a redução do comportamento a unidades de estímulo-resposta, preferindo ocupar-se de comportamentos que tinham um propósito, que realizassem algum objetivo. (Na verdade, o termo e o conceito de “propósito” eram alheios ao sistema de Watson.) A ênfase de Holt no propósito serviu de estímulo para o trabalho do neocomportamentalista E. C. Tolman (Capítulo 11).

Albert P. Weiss (1879-1931) nasceu na Alemanha, doutorou-se na Universidade do Missouri e ensinou na Universidade Estadual de Ohio. Comportamentalista mais radical que Watson, ele concordava com a eliminação de toda referência à consciência e aos fenômenos mentais. Tudo o que não fosse acessível a uma abordagem de ciência natural não tinha lugar na psicologia. Ele diferia de Watson em sua posição radicalmente reducionista. Weiss desejava

256

reduzir todo comportamento a entidades físico-químicas, e, nesse sentido, foi mais fisiologista que psicólogo.

Contudo, também sustentava que os seres humanos são tanto biológicos como sociais, e cunhou o termo biossocial para indicar que o nosso comportamento é moldado por forças biológicas e sociais. Na infância, somos apenas entidades biológicas, mas, à medida que amadurecemos e nos desenvolvemos, interagimos com outras pessoas, e essas experiências sociais modificam o nosso comportamento. Weiss argumentava que a psicologia tem de estudar os processos fisiológicos e sociais para compreender como os bebês vêm a ser adultos sociais.

Karl Lashley (1890-1958), aluno de Watson, doutorou-se na Johns Hopkins. Sua carreira de psicólogo fisiológico o levou às Universidades de Minnesota e Chicago, Harvard e, por fim, ao Laboratório Yerkes de Biologia dos Primatas. Lashley era um ardente defensor do comportamentalismo de Watson, embora sua pesquisa sobre mecanismos cerebrais em ratos se opusesse a um ponto essencial do sistema deste. Ele resumiu suas descobertas em *Brain Mechanisms and Intelligence* (Mecanismos Cerebrais e Inteligência), de 1929, onde postulou dois princípios hoje famosos: (1) a lei da ação da massa, que afirma que a eficiência da aprendizagem é uma função da massa total do córtex que permanece intacta — isto é, quanto mais tecido cortical disponível, tanto melhor a aprendizagem; e (2) o princípio da equipotencialidade, que afirma que todas as partes do córtex são essencialmente iguais em sua contribuição à aprendizagem.

Lashley esperava encontrar centros motores e sensoriais específicos no córtex, bem como conexões específicas entre os aparatos sensorial e motor. Essas descobertas teriam sustentado a primazia e a simplicidade do arco reflexo como unidade elementar de comportamento. Seus resultados, no entanto, contestavam a noção watsoniana de uma conexão simples, ponto a ponto, nos reflexos, segundo a qual o cérebro serve somente para transformar impulsos nervosos sensoriais de entrada em impulsos motores de saída. As descobertas de Lashley sugeriam que o cérebro tem na aprendizagem um papel mais ativo do que Watson podia aceitar, e ele contestava o pressuposto watsoniano de que o comportamento é formado parte por parte mediante reflexos condicionados.

Embora desacreditasse, dessa forma, um ponto fundamental do sistema de Watson, o trabalho de Lashley não enfraqueceu a sugestão comportamentalista de que só se usassem métodos objetivos de pesquisa. Na realidade, seu trabalho confirmou o valor desses métodos na pesquisa psicológica.

O trabalho desses primeiros comportamentalistas — Holt, Weiss e Lashley — foi em preendido pouco depois de Watson ter apresentado o seu sistema. Embora diferisse em certos aspectos da abordagem watsoniana, sua pesquisa contribuiu para o desenvolvimento geral do comportamentalismo e reforçou a reivindicação de uma ciência natural objetiva do comportamento.

Críticas ao Comportamentalismo de Watson

Qualquer programa sistemático que se proponha a fazer revisões de monta e ataque clamorosamente a ordem existente — na realidade, sugira que a versão anterior da verdade seja rejeitada — está fadado a ser criticado. Sabemos que a psicologia americana já rumava para uma maior objetividade quando Watson fundou o comportamentalismo; mas nem todos os psicólogos estavam prontos para aceitar a forma extrema de objetividade que ele propunha. Muitos, inclusive alguns que apoiavam a objetividade, acreditavam que o

sistema de Watson omitia componentes importantes da psicologia, como os processos sensoriais e perceptuais.

Um dos oponentes destacados de Watson foi William McDougall (1871-1938), um psicólogo inglês que fora para os Estados Unidos em 1920, ligando-se primeiramente a Harvard e, mais tarde, à Universidade Duke. McDougall é reconhecido por sua teoria do

257

comportamento instintivo e pelo impulso que o seu livro de psicologia social deu a esse campo (McDougall, 1908). Ele também defendia várias causas impopulares, incluindo a liberdade da vontade, a superioridade nórdica e a pesquisa mediúnica, sendo regularmente denunciado na imprensa americana por suas opiniões.

McDougall também foi atacado pela comunidade psicológica americana por criticar comportamentalismo na década de 20, quando a maioria dos psicólogos estava de algum modo sob a influência dessa corrente. Por volta de 1928, McDougall estava tão ‘marginalizado em relação à corrente psicológica americana principal que acreditava ser objeto de desdém’ (Jones, 1987, p. 931). Dez anos mais tarde, quando McDougall estava morrendo de câncer, o psicólogo Knight Dunlap, sucessor de Watson na Johns Hopkins, disse que “quanto mais cedo ele morrer, melhor para a psicologia” (Smith, 1989, p. 446).

Num debate com Watson, William McDougall afirmou que a psicologia não deve estudar apenas o comportamento, mas também a consciência.

258

A teoria do instinto de McDougall afirma que toda ação humana resulta de tendências inatas de pensamento e ação. Suas idéias tiveram de início boa acolhida, mas logo perderam terreno para o comportamentalismo. Watson rejeitara a noção de instintos e, nessa, e em outras questões, os dois homens se opunham acirradamente.

Eles se reuniram para debater suas diferenças em 5 de fevereiro de 1924, no Clube de Psicologia, em Washington D.C. O fato de essa cidade ter um clube de psicologia não vinculado com uma universidade prova a ampla popularidade do campo. Mil pessoas assistiram ao debate. Poucos eram psicólogos; na época, a APA contava apenas com 464 membros em todo o país. Assim, tamanha multidão também reflete a popularidade do sistema de Watson. Mas os juízes do debate votaram a favor de McDougall. Os dois contendores publicaram seus argumentos na obra conjunta *The Battle of Behaviorism* (A Batalha do Comportamentalismo), em 1929.

McDougall iniciou o debate num tom falsamente otimista: “Tenho sobre o Dr. Watson uma vantagem inicial”, disse ele, “uma vantagem que considero tão grande quanto injusta:

quero dizer, todas as pessoas de bom senso ficarão necessariamente do meu lado desde o começo” (Watson e McDougall, 1929, p. 40).

McDougall disse que concordava com Watson que os dados do comportamento são necessários à ciência da psicologia, mas alegou que os dados da consciência também são indispensáveis. Sua posição foi mais tarde retomada pelos psicólogos humanistas e, mais recentemente, pelos teóricos da aprendizagem social.

Se não usam a introspecção, perguntou McDougall, como podem os psicólogos determinar o sentido da resposta de um sujeito ou a precisão do comportamento lingüístico (aquilo que Watson denominava relato verbal)? Como podemos saber alguma coisa sobre o mundo das fantasias e das divagações? Como compreender ou apreciar as experiências estéticas? Ele desafiou Watson a explicar como um comportamentalista descreveria a experiência de prazer diante de um concerto de violino. McDougall disse:

Entro nesta sala e vejo um homem, sobre este estrado, raspando tripas de gato com crinas de cauda de cavalo, e, sentadas silenciosamente, em atitude de enlevada atenção, mil pessoas, que de repente irrompem num aplauso estrondoso. Como vai o comportamentalista dar conta desses estranhos incidentes? Como explicar o fato de as vibrações emitidas pelo categutestimularem todas as mil pessoas a guardar o mais profundo silêncio e calma, bem como o fato adicional de a cessação do estímulo parecer ser um estímulo para a mais frenética atividade?

O senso comum e a psicologia estão de acordo em aceitar a explicação de que o público ouviu a música com vivo prazer e expressou sua gratidão e admiração pelo artista com gritos e aplausos. Mas o comportamentalista nada sabe de prazer e dor, de admiração e gratidão. Ele relegou todas essas “entidades metafísicas” à lata de lixo, e tem de procurar alguma outra explicação. Deixemo-lo procurar. Essa busca vai mantê-lo inofensivamente ocupado por vários séculos (Watson e McDougall, 1929, pp. 62-63).

Em seguida, McDougall questionou o pressuposto de Watson de que o comportamento humano é totalmente determinado, de que tudo o que fazemos é o resultado direto da experiência passada e pode ser previsto, uma vez conhecidos os eventos passados. Essa psicologia, afirmou McDougall, não deixa espaço para o livre-arbítrio ou a liberdade de escolha.

É claro que a questão de saber se o comportamento é ou não predeterminado não começou com esses dois adversários. A oposição entre defensores do determinismo e do livre-arbítrio vem de longa data. A ciência aceita um mundo natural determinado, ao passo que algumas teologias e filosofias aceitam a liberdade da vontade. Watson pertence ao campo determinista. Se todo comportamento pode ser interpretado em termos físicos, todos os atos de

259

comportamento têm de ser fisicamente predeterminados. Watson acreditava que não somos pessoalmente responsáveis pelas nossas ações, crença de importantes consequências sociais, em particular no tocante ao tratamento da conduta anormal e socialmente desviante. De acordo com ele, essas pessoas não deveriam ser punidas por suas ações, mas “recondicionadas”.

McDougall e outros críticos do comportamentalismo diziam que, se a posição determinista fosse verdadeira — que os seres humanos não têm livre-arbítrio, não podendo, portanto, ser considerados responsáveis por suas ações —, não haveria esforço, empenho nem desejo de melhoria pessoal ou social. Ninguém faria nada para evitar a guerra, combater a injustiça ou alcançar ideais pessoais ou sociais.

Outras críticas eram feitas, como mencionamos, à admissão por Watson do método do relato verbal em suas pesquisas. Acusavam-no de incoerente, de só usar esse método

quando podia ser comprovado e rejeitá-lo quando isso não fosse possível. É claro, pois esse foi o princípio de Watson, bem como o objetivo de todo o movimento comportamentalista — só usar dados passíveis de verificação.

O debate Watson—McDougall ocorreu onze anos depois da fundação formal do comportamentalismo. McDougall previu que em poucos anos a posição de Watson desapareceria sem deixar vestígios. Num pós-escrito à versão publicada do debate, ele escreveu que sua previsão fora demasiado otimista: “Ela se fundava numa estimativa por demais generosa da inteligência do público americano... O Dr. Watson continua, como um profeta muito honrado em seu país, a emitir seus pronunciamentos” (Watson e McDougall, 1929, pp. 86-87).

Contribuições do Comportamentalismo de Watson

A carreira produtiva de Watson na psicologia durou menos de vinte anos, mas afetou profundamente o curso do desenvolvimento da ciência. Foi um agente eficaz do *Zeitgeist*, e o tempo estava mudando não apenas a psicologia como também nas atitudes científicas gerais. O século XIX testemunhara magníficos avanços em todos os ramos da ciência; o século XX prometia ainda mais prodígios. Pensava-se que os cientistas, se lhes fosse concedido tempo suficiente, teriam condições de descobrir soluções para todos os problemas, respostas para todas as perguntas. Tratava-se de uma era em que o idealismo cedia rapidamente lugar a um realismo vigoroso. A cruzada comportamentalista de Watson ajudou a psicologia americana em sua transição da concentração na consciência e no subjetivismo para o materialismo e o objetivismo no estudo do comportamento.

A contribuição primordial de Watson foi a defesa de uma ciência do comportamento totalmente objetiva. Ele teve uma enorme influência no movimento que tomou a psicologia mais objetiva em termos de métodos e terminologia. Embora suas posições sobre tópicos específicos tenuiam estimulado muitas pesquisas, suas formulações originais já não têm utilidade. O comportamentalismo watsoniano como escola distinta de pensamento foi substituído por formas mais recentes de objetivismo psicológico que nele se alicerçaram. O historiador E. G. Boring disse em 1929 que o comportamentalismo já saíra do seu apogeu como movimento. Como os movimentos dependem do protesto para ter existência e força, é um tributo efetivo ao sistema de Watson o fato de apenas dezesseis anos depois de sua introdução já não haver necessidade de protestar contra aquilo a que se opunha.

A abordagem watsoniana certamente já tinha, nessa época, superado as posições anteriores. Um aluno graduado da Universidade de Wisconsin em 1926 contou que poucos alunos tinham ouvido falar em Wundt e Titchener (Gengereili, 1976). A terminologia e a metodologia objetivas foram incorporadas à psicologia americana; e o comportamentalismo watsoniano morreu, como ocorrera com outros movimentos bem-sucedidos, ao ser absorvido pelo

260

corpo principal de pensamento, onde forneceu uma vigorosa base conceitual para a psicologia moderna.

Embora o seu programa não tenha realizado suas ambiciosas metas, Watson tem amplamente reconhecido seu papel de fundador. O centenário do seu nascimento foi celebrado em abril de 1979, mesmo ano do centenário do nascimento da psicologia como ciência. Um

simpósio realizado na Universidade Furman, em Greenville, Carolina do Sul (cujo laboratório de psicologia tem o nome de Watson), atraiu psicólogos e outros estudiosos de todos os Estados Unidos. Entre os palestrantes esteve B. F. Skinner, cuja conferência teve como título “O que J. B. Watson significou para mim”. Ao que parece, no entanto, Watson é lembrado menos favoravelmente pelos seus conterrâneos, muitos dos quais ‘o consideraram um arrivista e ateu que deu as costas ao seu legado e à sua criação batista sulina” (Greenville News, 5 de abril de 1979).

De certo modo, a aceitação do comportamentalismo watsoniano decorreu das capacidades e forças do próprio Watson. Sedutor e atraente, ele exprimia suas idéias com entusiasmo, otimismo, autoconfiança e clareza. Foi uma figura atrevida e charmosa que desdenhou a tradição e rejeitou a versão vigente da psicologia. Essas qualidades pessoais, em sua interação com o espírito da época, que ele refletiu tão perfeitamente, definem John B. Watson como um dos pioneiros da psicologia.

Sugestões de Leitura

Buckley, K. W., *Mechanical Man: John Broadus Watson and the Beginnings of Behaviorism*, Nova York, Griford Press, 1989. Apresenta a vida e a obra do fundador da escola comportamental de pensamento, baseando-se em fontes publicadas e inéditas, incluindo correspondência e entrevistas; avalia as carreiras acadêmica e comercial de Watson, seu papel como popularizador da psicologia e sua posição no contexto do desenvolvimento da psicologia moderna.

Duke, C., Fried, S., Pliley, W. & Waiker, D., “Rosalie Rayner Watson: The mother of a behaviorist’s sons”, *Psychological Reports*, n 65, pp. 163-169, 1989. Um esboço biográfico da segunda esposa de Watson, que foi co-autora do trabalho sobre reações emocionais condicionadas e lhe deu assistência na preparação do seu popular livro sobre a educação infantil.

Hannush, M. J., “John B. Watson remembered: An interview with Janies B. Watson”, *Journal of the History of Behavioral Sciences*, n 23, pp. 137-152, 1987. Uma tentativa de analisar a personalidade de John B. Watson, o fundador do comportamentalismo, por meio de uma entrevista com seu filho.

History of the Behavioral Sciences, n 23, pp. 137-152, 1987. Uma tentativa de analisar a personalidade de John B. Watson, o fundador do comportamentalismo, por meio de uma entrevista com seu filho.

Harris, B., “Whatever happened to little Albert?”, *American Psychologist*, n 34, pp. 151-160, 1979.

Questiona a concepção, a interpretação e a compreensão popular do estudo clássico de Watson sobre o medo condicionado.

Jones, R. A., “Psychology, history, and the press: The case of William McDougall and The New York Times”, *American Psychologist*, n 42, pp. 931-940, 1987. Sugere que o declínio da influência e da credibilidade de McDougall depois de sua ida para a Universidade Harvard em 1920 deveu-se em parte a uma imagem negativa sua veiculada no The New York Times.

McGraw, M. B., “Memories, deliberate recollections, and speculations”, *American Psychologist*, n 45, pp.

934-937, 1990. Excertos de um texto escrito pela psicóloga infantil Myrtle McGraw, sobre sua

carreira, seu casamento e suas recordações de John B. Watson.

Samelson, F., “Struggle for scientific authority: The reception of Watson’s behaviorism, 1913-1920”, Journal of the History of the Behavioral Sciences, n 17, pp. 399-425, 1981.

Um relatório de pesquisa em livros, artigos e documentos de psicologia voltado para acompanhar o impacto das ideias de Watson depois da publicação do seu manifesto comportamental.

261

11

O Comportamentalismo: Depois da Fundação

O Neocomportamentalismo

A Influência do Operacionismo

Edward Chace Tolman (1886-1959)

O Comportamentalismo Intencional

Variações Intervenientes

A Teoria da Aprendizagem

Edwin Ray Guthrie (1886-1959) A Aprendizagem por uma Tentativa

Clark Leonard Hull (1884-1952)

A Vida de Hull

O Referencial

A Metodologia Objetiva e a Quantificação

Os Impulsos

A Aprendizagem

Burrhus Frederick Skinner (1904-1990) A Vida de Skinner

O Comportamentalismo de Skinner

O Condicionamento Operante

Programas de Reforço

O Comportamento Verbal

As Máquinas do Comportamentalismo de Skinner

Warden Two — Uma Sociedade Comportamentalista

A Modificação do Comportamento

Teorias da Aprendizagem Social: O Desafio Cognitivo no Âmbito do Comportamentalismo

)

Albert Bandura (1925-

A Teoria Cognitiva Social

A Auto-Eficácia

A Modificação do Comportamento

O Neocomportamentalismo

)

Julian Rotter (1916-

Os Processos Cognitivos e o Centro de Controle

Comentário

A revolução que Watson pretendia não transformou a psicologia de uma hora para a outra, como ele esperava. Levou tempo. Contudo, perto de 1924, pouco mais de uma década depois de ele ter lançado o comportamentalismo, mesmo seu maior oponente, E. B. Titchener, concedeu que o movimento engolfara todo o país. Em 1930, Watson pôde proclamar, com consideráveis razões, que sua vitória fora completa. Embora outras variedades de comportamentalismo tenham sido propostas — como as de Holt, Weiss e Lashley —, elas serviram para reforçar o movimento de Watson na direção da definição da psicologia como ciência natural totalmente objetiva. Assim, em 1930, o comportamentalismo, em suas várias formas, vencera todas as abordagens anteriores do campo.

262

O primeiro estágio da evolução do comportamentalismo, o watsoniano, durou de 1913 a mais ou menos 1930. O segundo, o neocomportamentalismo, pode ser datado de 1930 a 1960; ele incluiu o trabalho de Edward Tolman, Edwin Guthrie, Clark Hull e B. F. Skinner. Nesse período de trinta anos, eles e muitos outros psicólogos experimentais americanos trabalharam para promover o progresso e a consolidação da abordagem comportamentalista na psicologia.

Um ponto de consenso foi o uso de uma base de dados comum, derivada exclusivamente de estudos sobre a aprendizagem animal. Por meio de um grande número de experimentos de aprendizagem por condicionamento e discriminação, os comportamentalistas reuniram enormes quantidades de dados e, de modo geral, concordaram sobre quais eram os dados ou fatos importantes para a psicologia.

Os neocomportamentalistas também concordavam acerca de várias questões relativas aos sistemas que haviam elaborado para explicar os seus dados. O comportamentalismo watsoniano abrangia muitos fatos e descobertas, mas pouca coisa que permitisse a existência de princípios explicativos e preditivos úteis, nem teorias comparáveis às das ciências físicas. Embora tenham formulado sistemas explicativos que diferiam em seus aspectos específicos, como veremos, os neocomportamentalistas concordavam com o

seguinte: (1) o núcleo da psicologia é o estudo da aprendizagem; (2) a associação é o conceito-chave da aprendizagem; (3) por mais complexo, todo comportamento pode ser explicado pelas leis do condicionamento; e (4) a psicologia deve adotar o princípio do operacionismo.

Depois de discutirmos o operacionismo, examinaremos o trabalho de quatro destacados neocomportamentalistas — Tolman, Guthrie, Hull e Skinner. Depois, consideraremos o terceiro estágio da evolução do comportamentalismo, o neocomportamentalismo, que data mais ou menos de 1960.

A Influência do Operacionismo

O operacionismo é uma atitude ou princípio geral que tem como propósito tornar a linguagem e a terminologia da ciência mais objetivas e precisas, e libertar a ciência de problemas que não sejam concretamente observáveis nem fisicamente demonstráveis (os chamados pseudoproblemas). Resumidamente, o operacionismo sustenta que a validade de uma dada descoberta científica ou construção teórica depende da validade das operações empregadas na realização dessa descoberta.

O ponto de vista operacionista foi defendido pelo físico de Harvard Percy W. Bridgman em seu livro *The Logic of Modern Physics* (A Lógica da Física Moderna), de 1927, que atraiu a atenção de muitos psicólogos. Bridgman propôs que os conceitos físicos fossem definidos em termos precisos e rígidos e que todos os conceitos desprovidos de referentes físicos fossem desprezados. Ele escreveu:

Podemos ilustrar [nova atitude] considerando o conceito de comprimento. O que entendemos por comprimento de um objetivo? Evidentemente, sabemos o que entendemos por comprimento se pudermos dizer qual é o comprimento de todo e qualquer objeto e, para o físico, não se exige nada mais. Para determinar o comprimento de um objeto, temos de realizar certas operações físicas. Por conseguinte, o conceito de comprimento é fixado quando as operações pelas quais o comprimento é medido estão fixadas; isto é, o conceito de comprimento envolve tão-só e nada mais do que um conjunto de operações; o conceito é sinônimo do conjunto correspondente de operações (Bridgman, 1927, p. 5).

Logo, um conceito físico é idêntico ao conjunto de operações ou procedimentos pelos quais é determinado. Muitos psicólogos consideraram esse princípio útil na ciência da psicologia e tomaram-se ávidos por aplicá-lo.

263

A preocupação de Bridgman com o abandono dos pseudoproblemas, questões que desafiam respostas obtidas por qualquer teste objetivo conhecido, tem particular importância. Noções ou proposições que não podem ser submetidas a testes experimentais — tal como a questão da existência e da natureza da alma — são sem sentido para a ciência. O que é essa coisa chamada “alma”? Pode ela ser observada no laboratório? Medida e manipulada em condições controladas para se determinar seus efeitos sobre o comportamento? Se não, ela não tem utilidade, sentido ou relevância para a ciência. Segue-se que o conceito de experiência consciente individual ou privada é um pseudoproblema para a psicologia. Não é possível determinar ou mesmo investigar através de métodos objetivos a existência nem as características da consciência. Portanto, segundo o ponto de vista operacionista, a consciência não tem lugar numa psicologia científica.

Pode-se alegar que o operacionismo pouco mais é do que um enunciado formal de princípios já usados pelos psicólogos ao definirem palavras e conceitos em termos dos seus referentes físicos. Pouca coisa há no operacionismo cuja origem não esteja nas obras dos empiristas britânicos. Referimo-nos à tendência de longo prazo da psicologia americana na direção de uma crescente objetividade em termos de métodos e de objeto de estudo, razão por que é possível dizer que o operacionismo, como atitude e referencial no qual fazer pesquisas e formular teorias, já fora aceito por muitos psicólogos americanos antes da publicação do livro de Bridgman em 1927. Desde a época de Wundt, contudo, a física vinha sendo o modelo da respeitabilidade científica para a psicologia mais recente; e, quando os físicos proclamaram sua aceitação do operacionismo como doutrina formal, os psicólogos rapidamente a seguiram. Com efeito, a psicologia favoreceu e usou o operacionismo num grau muito maior do que a física.

Mas o operacionismo não alcançou aceitação universal na psicologia. Surgiu uma controvérsia acerca da utilidade ou futilidade relativas de limitar o objeto de estudo da psicologia apenas ao que tem referência empírica. Do mesmo modo, como acentuou o historiador E. G. Boring, “a redução de conceitos às suas operações revelou-se uma tarefa enfadonha. Ninguém quer se incomodar com isso na ausência de uma necessidade especial” (Boring, 1950, p. 658). O próprio Bridgman tinha dúvidas acerca do uso dado pelos psicólogos ao conceito. Escreven do vinte e sete anos depois de ter proposto a perspectiva operacionista, ele disse: “Acho que criei um Frankenstein que por certo fugiu ao meu controle. Tenho horror à palavra operacionismo ou operacionismo... A coisa que concebi é simples demais para ser homenageada por um nome tão pretensioso” (Bridgman, 1954, p. 224).

Isso parece mais um caso de súditos que são mais realistas do que o rei. De todo modo, o ponto importante sobre o operacionismo, para os nossos propósitos, é que a geração de neocomportamentalistas que chegou à maioria no final dos anos 20 e início dos 30 incluiu

o operacionismo em sua abordagem da psicologia.

Edward Chace Tolman (1886-1959)

Um dos primeiros adeptos do comportamentalismo, Edward Tolman originalmente estudou engenharia no Massachusetts Institute of Technology. Ele passou para a psicologia e trabalhou com Edwin Holt em Harvard, onde se doutorou em 1915. No verão de 1912, Tolman estudou na Alemanha com o psicólogo da Gestalt Kurt Koffka e, em seu último ano de pós-graduação, enquanto era treinado na tradição de Titchener, tomou conhecimento do comportamentalismo watsoniano. Em seus anos de pós-graduação, Tolman já questionara a utilidade científica da introspecção. Em sua *Autobiography* (Autobiografia) (1952), ele escreveu que o comportamentalismo de Watson chegou como um “tremendo estímulo e alívio” para ele.

264

Edward Chace Tolman concebeu o comportamentalismo intencional para dar forma empírica aos processos não observáveis que dirigem o comportamento de um organismo para algum alvo.

Depois da sua graduação, Toinian foi ser instrutor na Universidade Northwestern, em Evanston, Illinois, e, em 1918, foi para a Universidade da Califórnia em Berkeley. Ali, onde ensinava psicologia comparada e fazia pesquisas sobre a aprendizagem com ratos, ele começou a ficar insatisfeito com o comportamentalismo de Watson e a desenvolver o seu. Sua carreira em Berkeley foi interrompida pela Segunda Guerra Mundial, quando ele serviu no Serviço Secreto e, outra vez, de 1950 a 1953, quando ajudou a liderar a corajosa e louvável oposição dos professores ao juramento de lealdade que o Estado da Califórnia exigia. Neste último período, ele dava aulas em Harvard e na Universidade de Chicago.

O Comportamentalismo Intencional

O enunciado definitivo da posição de Tolman foi apresentado em seu primeiro e mais importante livro, *Purposive Behavior in Animals and Men* (O Comportamento Intencional em

Animais e Seres Humanos), de 1932. À primeira vista, seu sistema pode parecer uma curiosa

265

mistura de dois termos contraditórios: intencional e comportamento. Atribuir intenção a um organismo parece implicar consciência, um conceito mentalista que com certeza não tinha lugar numa psicologia comportamentalista. Mas Tolman deixou claro, tanto no livro como na pesquisa, que era totalmente comportamentalista em termos de objeto de estudo e de metodologia; ele não estava pedindo um retorno da psicologia à consciência. Tal como Watson, ele rejeitava vigorosamente a introspecção e não tinha interesse em nenhuma suposta experiência interna do organismo não acessível à observação objetiva. Toda referência a processos conscientes em seu sistema era vazada em termos de cautelosas inferências a partir do comportamento observável.

É igualmente claro que Tolman não era watsoniano. Em primeiro lugar, ele não se interessava pelo estudo do comportamento em nível molecular, em termos de conexões estímulo-resposta. Ao contrário de Watson, ele não se preocupava com unidades elementares de comportamento, as atividades dos nervos, músculos e glândulas. O seu foco era o comportamento molar, as ações de resposta total do organismo inteiro. Nesse aspecto, seu sistema combina conceitos comportamentalistas e gestaltistas.

Uma segunda diferença, e o principal pilar do sistema de Tolman, é a noção de comportamento intencional. A intenção no comportamento, dizia ele, pode ser definida em termos comportamentais objetivos sem recorrer à introspecção nem a relatos de como o organismo poderia “sentir-se” com relação a uma experiência. Parecia-lhe evidente que todo comportamento está voltado para algum alvo, O gato, por exemplo, tenta sair da caixa-problema, o rato tenta conhecer um labirinto difícil e o ser humano tenta aprender a tocar piano. O comportamento, afirmava ele, “exsuda intenção”. Todo comportamento se orienta para a realização de algum objetivo, para a aprendizagem dos meios destinados a um fim. O rato percorre persistentemente o labirinto, cometendo cada vez menos erros e alcançando o alvo, a cada tentativa, com mais rapidez. Em outras palavras, o rato aprende, e o fato da aprendizagem — no rato ou no homem — é uma prova comportamental altamente objetiva de intenção. Observe-se que Tolman se ocupa da resposta do organismo e que suas medidas referem-se às modificações no comportamento de resposta como função da aprendizagem. E isso produz dados objetivos.

Os watsonianos se apressaram a criticar a atribuição de intenção ao comportamento porque, diziam, ela tinha de se basear no pressuposto da consciência. Tolman replicou que pouca diferença fazia se o organismo tinha ou não consciência. A experiência consciente — caso existisse — associada com o comportamento intencional não influenciava de maneira alguma as respostas comportamentais do animal. Sua única preocupação era o comportamento de resposta manifesto.

Tolman acreditava que, se existe uma percepção consciente do alvo por parte do organismo, isso é um assunto particular ao interior de cada organismo, não estando, pois, disponível aos instrumentos objetivos da ciência. E qualquer coisa interior e que não possa ser observada fora do organismo não faz parte do domínio da ciência.

Variáveis Intervenientes

Como comportamentalista, Tolman acreditava que as causas iniciadoras do comportamento e o comportamento resultante final têm de ser suscetíveis de observação objetiva e de definição operacional. Ele sugeria que as causas iniciadoras do comportamento consistem em cinco variáveis independentes: os estímulos ambientais (S), os impulsos fisiológicos (P), a hereditariedade (H), o treinamento prévio (T) e a idade (A). Com sujeitos animais, o experimentador pode controlar essas variáveis, mas, com seres humanos, havia obviamente menos oportunidades para isso. Tolman formalizou o relacionamento entre as causas do comporta-

266

mento e o comportamento resultante final (B) em termos de uma equação: o comportamento é uma função (O das cinco variáveis independentes.

$B = f(S, P, H, T, A)$

Entre essas variáveis independentes observáveis e o comportamento de resposta final (a variável dependente observável), Tolman postulava um conjunto de fatores inferidos e não observados, as variáveis intervenientes. Trata-se dos reais determinantes do comportamento. Essas variáveis são os processos internos que conectam a situação de estímulo com a resposta observada. O enunciado E-R (estímulo-resposta) deve ser agora E-O-R. A variável interveniente é o que está acontecendo em O (o organismo) que provoca uma dada resposta comportamental diante de um estímulo dado.

Como essa variável interveniente não pode ser objetivamente observada, sua utilidade para a psicologia só se concretiza se for possível relacioná-la claramente com as variáveis (independentes) experimentais e com a variável (dependente) de comportamento. O exemplo clássico de variável interveniente é a fome, que não pode ser vista numa pessoa nem num animal de laboratório. Contudo, é possível relacioná-la precisa e objetivamente com uma variável experimental como a extensão de tempo transcorrida desde a última vez que o organismo foi alimentado. Ela também pode ser relacionada com uma resposta objetiva ou variável de comportamento, como a quantidade de alimento ingerido e a velocidade com que foi consumido. Assim, a variável não observável e inferida da fome pode receber uma referência empírica precisa, sendo portanto suscetível de quantificação e de manipulação experimental.

Tolman propôs originalmente dois tipos de variáveis intervenientes: variáveis de demanda e variáveis cognitivas. As variáveis de demanda são essencialmente motivos e incluem

sexo, fome e segurança diante do perigo. As variáveis cognitivas, ou know-how, são capacidades como aptidões motoras e percepção de objetos. Mais tarde, Tolman revisou o conceito e propôs três categorias: sistemas de necessidades, a privação ou impulso fisiológico num dado momento; motivos de crença-valor, a intensidade da preferência por determinados objetos-alvo e a força relativa desses objetos na satisfação de necessidades; e espaços de comportamento, a situação em que ocorre o comportamento do organismo. No espaço de comportamento, alguns objetos atraem o indivíduo (têm uma valência positiva) enquanto outros o repelem (têm uma valência negativa).

O conceito de variáveis intervenientes não escapou a críticas. Essas variáveis parecem úteis ao desenvolvimento de uma teoria do comportamento desde que sejam empiricamente relacionadas com variáveis experimentais e comportamentais. Fazer isso de modo abrangente

e complexo mostrou-se, no entanto, uma tarefa tão monumental que Tolman mais tarde chegou

a “repudiar a esperança de um dia fazer uma definição completa de quaisquer variáveis intervenientes, declarando que, se elas não fossem totalmente abandonadas, tudo o que poderiam ser consideradas era, na melhor das hipóteses, um ‘auxílio ao pensamento’ “ (Mackenzie,

1977, p. 146).

A Teoria da Aprendizagem

Tolman acreditava que todo comportamento, animal e humano (exceção feita aos reflexos simples e aos tropismos ou movimentos forçados propostos por Jacques Loeb), é passível de ser modificado por meio da experiência; assim, a aprendizagem tem um papel importante em seu comportamentalismo intencional. Ele rejeitava a lei do efeito de Thorndike, dizendo

267

que a recompensa ou reforço tem pouca influência sobre a aprendizagem. Tolman propôs em seu lugar uma teoria cognitiva da aprendizagem, sugerindo que a realização repetida de uma tarefa fortalece a relação aprendida entre indícios do ambiente e expectativas do organismo. Assim, o organismo passa a conhecer o seu ambiente. Ele denominou essas relações aprendidas gestalts-sinais, constituídas pela execução continuada de uma tarefa.

Acompanhemos o sistema de Tolman enquanto observamos um rato faminto num labirinto. O rato se move pelo labirinto, às vezes nos corredores corretos e às vezes em becos sem saída. Ele termina por descobrir o alimento. Em tentativas subsequentes no labirinto, o alvo (encontrar o alimento) confere propósito e direção ao comportamento do roedor. A cada ponto de escolha no labirinto, são estabelecidas expectativas. O rato começa a esperar que certos indícios associados com o ponto de escolha levem ou não ao alimento. Quando sua expectativa é confirmada e ele consegue alimento, a gestalt-sinal (a expectativa dos indícios, associada com um ponto de escolha particular) é fortalecida. Assim, ao longo de todos os pontos de escolha no labirinto, o animal vai estabelecendo um padrão de gestalts-sinais que Tolman denominou mapa cognitivo. Esse padrão é aquilo que o animal aprende

— um mapa cognitivo do labirinto, e não um conjunto de hábitos motores. Num certo sentido, o rato estabelece um conhecimento abrangente do labirinto ou de qualquer ambiente familiar. Algo semelhante a um mapa topográfico se desenvolve em seu cérebro, permitindo-lhe ir de um ponto a outro do ambiente sem se restringir a uma série fixa de movimentos corporais.

Um experimento clássico que sustenta a teoria da aprendizagem de Tolman investigou a questão de saber se o rato no labirinto aprende um mapa cognitivo ou um conjunto de respostas motoras. Foi usado um labirinto em forma de cruz. Um conjunto de ratos sempre encontrava comida no mesmo lugar, muito embora, partindo de pontos distintos, tivessem de às vezes virar à direita e outras vezes à esquerda para encontrar o alimento. As respostas motoras diferiam, mas o alimento permanecia no mesmo lugar.

O segundo grupo de ratos sempre dava a mesma resposta, independentemente do ponto de partida, mas o alimento era encontrado em lugares diferentes. Por exemplo, partindo de uma extremidade do labirinto em cruz, os ratos só encontravam comida se virassem à direita no ponto de escolha; quando partiam da outra extremidade, eles também só a encontravam virando à direita.

Os resultados mostraram que o primeiro grupo, o dos aprendizes de lugar, se saía significativamente melhor do que o segundo, o dos aprendizes de resposta. Tolman concluiu que o mesmo fenômeno ocorre com pessoas familiarizadas com o seu bairro ou cidade. Elas podem ir de um ponto a outro por várias rotas distintas graças ao mapa cognitivo da área que elas desenvolveram.

Outra experiência envolveu a aprendizagem latente, a aprendizagem que não pode ser observada enquanto está ocorrendo. Um rato com fome foi colocado num labirinto, podendo perambular livremente. Não havia comida para ele encontrar. Estaria o rato aprendendo alguma coisa na ausência de reforço? Depois de algumas tentativas não reforçadas, o rato encontrou comida. Daí por diante, seu progresso em termos do tempo necessário para percorrer o labirinto foi extremamente rápido, indicando que alguma aprendizagem ocorrera durante o período em que não houvera reforço. Seu desempenho igualou rapidamente o de um grupo de controle que fora reforçado com comida a cada tentativa.

O trabalho de Tolman teve uma grande influência na psicologia, em particular na área da aprendizagem, e seu impacto é reconhecido hoje no movimento cognitivo. Mas ele foi criticado por não ter conseguido desenvolver um sistema teórico plenamente integrado, e muitos psicólogos acreditam que ele nunca vinculou adequadamente o comportamento com funcionamentos mais encobertos como os estados cognitivos. Um ponto de ataque mais óbvio é a sua linguagem, tida por muitos como subjetiva e mentalista.

268

Do lado positivo, Tolman abriu muitos tópicos importantes de pesquisa na área da aprendizagem e introduziu o conceito de variável interveniente. Como elas são um modo de definir operacionalmente estados não observáveis como a fome, fizeram esses estados ser considerados cientificamente respeitáveis por alguns comportamentalistas. As variáveis interveientes se tornaram um formato necessário para lidar com construções hipotéticas, tendo sido muito usadas por outros neocomportamentalistas como Guthrie, Hull e, por algum tempo, Skinner.

Outra contribuição importante é o apoio de Tolman ao rato como sujeito apropriado a estudos psicológicos. Um ensaio escrito em 1945 marca clara e deliciosamente sua posição:

Observe-se que os ratos vivem em gaiolas; eles não fazem farras na noite anterior ao dia em que se planejou uma experiência; eles não se matam uns aos outros em guerras; eles não inventam máquinas de destruição e, se o fizessem, não seriam tão ineptos no seu controle; eles não se envolvem em conflitos de classe ou de raça. Eles evitam a política, a economia e os ensaios de psicologia. Eles são maravilhosos, puros e encantadores (Tolman, 1945, p. 166).

Edwin Ray Guthrie (1886-1959)

Edwin Guthrie doutorou-se em 1912 na Universidade da Pensilvânia e fez sua carreira acadêmica na Universidade de Washington em Seattle, onde ficou até se aposentar em 1956. Na época da pós-graduação, tornou-se um ardente adepto da abordagem comportamentalista em psicologia, embora não possa ser descrito como um watsoniano.

A Aprendizagem por uma Tentativa

A mais importante contribuição de Guthrie para a psicologia é sua formulação de uma teoria da aprendizagem simples, descrita em seu livro *The Psychology of Learning* (Psicologia da Aprendizagem), de 1935. Ela tem como base o princípio da contigüidade. Explicando o fortalecimento de respostas aprendidas, Guthrie rejeitou as leis do efeito e de frequência de Thorndike, bem como o reforço pavloviano, apoiando-se no que denominou condicionamento simultâneo, considerado por ele a lei mais geral da psicologia.

Para Guthrie, toda aprendizagem depende da contigüidade entre estímulo e resposta. Quando um estímulo evoca, apenas uma vez, uma dada resposta, forma-se a associação E-R. Essa é, em essência, a aprendizagem por uma tentativa. A repetição e o reforço não são necessários ao estabelecimento da conexão entre estímulo e resposta. A formação de um par entre o estímulo e o movimento resultante ou resposta serve para estabelecer a associação, e assim o comportamento é aprendido. A única lei formal da aprendizagem de Guthrie afirma:

Uma combinação de estímulos que acompanhou um movimento tende, ao se repetir, a ser seguida por esse movimento” (Guthrie, 1935; p. 26). Observe-se outra vez que não há menção aos estados de impulsos internos, à repetição do pareamento E-R ou a qualquer forma de recompensa ou reforço.

A lei de Guthrie se refere a movimentos, que ele teve o cuidado de distinguir de atos. Um movimento é um padrão de respostas ou ações motoras e glandulares. Um ato, por outro lado, é um movimento ou série de movimentos que produz resultados. Embora um ato seja um movimento, um movimento não é um ato, pois este tem uma escala mais ampla. Bater num prego com um martelo, por exemplo, é um ato composto de vários movimentos distintos e produz um certo resultado. Guthrie acreditava que, quando os psicólogos medem a aprendizagem, o desempenho do ato completo costuma ser tomado como critério de aprendizagem, quando na verdade são os movimentos que são condicionados ou aprendidos como respostas.

Para ele, a concentração nos movimentos era a característica distintiva de sua teoria. Ele

alegava que Thorndike se interessava pelo ato total, como a aquisição de uma capacidade (como ocorre no caso de um gato que tenta escapar de uma caixa-problema), mas que isso é na realidade uma função de alguns movimentos musculares individuais. Esses movimentos, dizia ele, são desenvolvidos ou adquiridos em tentativas únicas (aprendizagem por uma tentativa), mas a aprendizagem do ato total requer uma prática repetida. Os movimentos (componentes individuais do ato aprendido) são os dados brutos do sistema de Guthrie. Por terem um alcance menor do que os atos, esses movimentos apresentam maior dificuldade de observação numa situação de aprendizagem, sendo com frequência deixados de lado.

Assim como a resposta do organismo é formada de componentes separados, assim também ocorre com a estimulação a que o organismo está exposto. Como o estímulo e a resposta se compõem de muitas partes, é necessário haver um grande número de pares entre o

estímulo total e as situações de resposta para que o ato de comportamento alcance consistência.

270

Edwin Guthrie propôs uma teoria da aprendizagem simples, afirmando que os movimentos são aprendidos durante uma associação simples de estímulo e resposta.

Logo, a prática é necessária para que haja progresso na aprendizagem da combinação de movimentos, isto é, do ato, mas cada movimento componente é aprendido depois de um único pareamento com o estímulo.

Guthrie preferia escrever e observar a experimentar. Ele acreditava na importância da teoria para o desenvolvimento da psicologia, dizendo que são as teorias, e não os fatos, que persistem. Seus vários livros contêm observações episódicas e comparativamente poucas provas experimentais. Boa parte do atrativo do seu sistema reside em sua simplicidade e consistência ao longo dos anos. Ele é fácil de compreender, em especial quando comparado com as teorias de aprendizagem mais complexas e de base matemática, como as de Hull.

A simplicidade estrutural do sistema de Guthrie suscitou elogios de alguns psicólogos e críticas de outros. Sugeriu-se que ele manteve essa simplicidade por não ter tratado de problemas da aprendizagem capazes de resistir a uma explicação no âmbito do seu sistema:

“Muitas análises acerca de Guthrie confundiram incompletude com simplicidade” (Mueller e Schoenfeld, 1954, p. 368). Essas críticas sugerem haver necessidade de princípios e pressupostos adicionais para abranger os principais pontos da aprendizagem.

Mesmo assim Guthrie manteve sua posição e sua estatura como importante teórico da aprendizagem. Suas contribuições receberam reconhecimento formal em 1958, quando a Federação Psicológica Americana lhe conferiu sua Medalha de Ouro.

Clark Leonard Hull (1884-1952)

Em primeiro lugar e sobretudo um comportamentalista, Clark Hull alcançou uma posição deveras respeitada na psicologia americana nas décadas de 40 e 50. Talvez nenhum outro psicólogo tenha sido tão sistemática e profundamente dedicado aos problemas inerentes ao

método científico. Ele tinha um prodigioso conhecimento da matemática e da lógica formal e o aplicou à teoria psicológica de uma maneira que ninguém fizera antes.

A Vida de Hull

Por quase toda a vida, Hull teve uma saúde frágil e dificuldades visuais. Aos vinte e quatro anos, contraiu poliomielite, o que o deixou aleijado de uma perna, forçando-o a usar um pesado grampo de aço por ele mesmo construído. Como sua família não tinha recursos, ele interrompeu a sua educação várias vezes para dar aulas e ganhar a vida. Seu maior predado foi uma intensa aspiração de grandeza e a perseverança diante de inúmeros obstáculos.

Em 1918, com a idade relativamente avançada de trinta e quatro anos, ele se doutorou na Universidade de Wisconsin, onde estudara engenharia de minas antes de passar para a psicologia. Foi professor em Wisconsin durante dez anos. Suas primeiras pesquisas prenunciavam a ênfase que ele atribuiria por toda a vida aos métodos objetivos e às leis funcionais. Hull investigou a formação de conceitos e os efeitos do fumo sobre a eficiência do comportamento, e fez um reexame da literatura sobre testes e medidas, tendo publicado um importante texto na área aplicada dos testes da aptidão (Hull, 1928). Ele se esforçou por desenvolver métodos práticos de análise estatística e inventou uma máquina de calcular correlações. Essa foi uma das primeiras máquinas projetadas para fazer computações matemáticas a partir de dados codificados em fita. O aparelho está hoje exposto na Smithsonian Institution em Washington, D.C. Hull dedicou dez anos ao estudo da hipnose e da sugestão, tendo publicado trinta e dois artigos e um livro que resumia a pesquisa na área (Hull, 1933).

Em 1929, Hull tornou-se professor de pesquisa na Universidade Yale, onde se dedicou ao seu mais importante interesse de pesquisa: uma teoria do comportamento baseada nas leis

do condicionamento de Pavlov. Ele lera Pavlov pela primeira vez em 1927, tendo se interessado

271

pela questão dos reflexos condicionados e da aprendizagem. Ele se referia à obra de Pavlov, *Conditioned Reflexes*, como “aquele grande livro”, voltando-se para o uso de sujeitos animais em seu programa de pesquisas. Ele não empregara antes ratos por não apreciar o cheiro de um laboratório de ratos; mas, em Yale, encontrou a colônia roedora estabelecida por E. R. Hilgard, que era mantida meticulosamente limpa. Conta Hilgard que ele olhou para os ratos e “cheirou os, dizendo imaginar que, afinal, poderia usar ratos” (Hilgard, 1987, p. 201).

272

O comportamentalismo radical de Clark Leonard Hull considerava todo comportamento mecânico e quantificável.

Nos anos 30, Hull escreveu artigos sobre o condicionamento, afirmando que comportamentos complexos, de ordem superior, podiam ser explicados em termos dos princípios básicos do condicionamento. Em 1940, ele publicou, com cinco colegas, *Mathematico-Deductive Theory of Rote Learning: A Study in Scientific Methodology* (Teoria

Matemático-Dedutiva da Aprendizagem Mecânica: Um Estudo de Metodologia Científica). Embora fosse reconhecido como uma notável realização no desenvolvimento da psicologia científica, o livro era difícil de entender, tendo sido lido por poucas pessoas.

Sua próxima publicação importante, *Principles of Behavior* (Princípios do Comportamento), de 1943, descrevia com detalhes e uma precisão característica um referencial teórico amplo o bastante para incluir todo o comportamento. Esse livro garantiu a proeminência das idéias de Hull na área da aprendizagem nos Estados Unidos e estimulou consideráveis pesquisas. Ele logo se tornou o psicólogo citado com mais frequência no campo; na década de 40, sua obra era citada por mais de 40% dos artigos experimentais, e em 70% dos artigos sobre aprendizagem e motivação publicados nas duas principais revistas americanas de psicologia (Spence, 1952). Hull revisou seu sistema em vários artigos, e sua forma final apareceu em *A Behavior System* (Sistema do Comportamento) em 1952. Hull estava doente há anos e faleceu antes de ler as provas do livro.

O Referencial

Hull acreditava que o comportamento envolve uma contínua interação entre o organismo e o ambiente. Os estímulos objetivos fornecidos por este último e as respostas comportamentais objetivas advindas do organismo são fatos observáveis. Contudo, a interação ocorre num contexto mais amplo que não pode ser totalmente definido em termos observáveis de estímulo-resposta.

Esse contexto mais amplo, ou referencial, é a adaptação biológica do organismo ao seu ambiente específico. A sobrevivência orgânica é ajudada por essa adaptação biológica. Quando a sobrevivência está ameaçada, diz-se que o organismo se encontra em estado de necessidade. Hull asseverava que a necessidade envolve uma situação em que os requisitos biológicos da sobrevivência não estão sendo satisfeitos. Em estado de necessidade, o organismo se comporta de uma maneira voltada para reduzir essa necessidade. Seu comportamento serve para recriar as condições biológicas ótimas necessárias à sobrevivência. Essa preocupação de Hull com a sobrevivência biológica decorria do seu interesse pela teoria da evolução e é coerente com a ênfase funcionalista na adaptação ao ambiente.

Hull estava comprometido com uma psicologia comportamentalista, objetiva. Não havia lugar em seu programa para a consciência, a intenção, nem para qualquer outra noção mentalista. Seu sistema era um comportamentalismo intransigente e radical em que ele tentava reduzir todo conceito a termos físicos, e embora talvez fosse mais rígido do que o de Watson, ele admitia a noção de variáveis intervenientes. Contudo, vinculava-as estritamente e concretamente com condições objetivas de estímulo e resposta, passíveis de quantificação e medição precisas.

Seu sistema e sua imagem da natureza humana eram formulados em termos mecanicistas. Para Hull, o comportamento humano é automático e cíclico, podendo ser reduzido à terminologia da física. Ele recomendava que se evitasse a intrusão do subjetivismo antropomórfico, ou seja, dar interpretações subjetivas do comportamento observado, prática comum dos primeiros psicólogos animais. A observação e a interpretação do comportamento têm de ser radicalmente objetivas. Uma forma de consegui-lo, sugeriu Hull de início, era pensar em termos do comportamento animal, embora mesmo isso fosse

arriscado: “ é com demasiada frequência prejudicado quando o teórico começa a pensar no que faria se fosse um rato, um gato ou

273

um chimpanzé; quando isso acontece, todo o seu conhecimento sobre o seu próprio comportamento, nascido de anos de auto-observação, começa de imediato a funcionar em lugar das leis ou princípios gerais objetivamente formulados que constituem a substância legítima da ciência” (Hull, 1943, p. 27). Ele buscava uma salvaguarda mais forte contra o subjetivismo e a encontrou numa atitude que considera o organismo um “robô completamente autônomo, construído de materiais tão diferentes de nós mesmos quanto possível” (Hull, 1943, p. 27).

Assim, para Hull, os comportamentalistas precisavam ver o seu objeto de estudo como um “robô”. Ele esteve bem além do seu tempo ao considerar a possibilidade de se construírem máquinas capazes de pensar e exibir outras funções cognitivas humanas, um empreendimento hoje tentado com os computadores. “Vem-me muitas vezes à idéia”, escreveu ele em 1926, ‘que o organismo humano é uma das mais extraordinárias máquinas — e, no entanto, uma máquina — e me ocorreu mais de uma vez que, considerando os processos de pensamento, poder-se-ia construir uma máquina capaz de fazer todas as coisas essenciais que o corpo faz” (Amsel e Rashotte, 1984, pp. 2-3).

O espírito do mecanismo representado pelas figuras mecânicas dos jardins e relógios da Europa seiscentista foi fielmente incorporado à obra de Hull. Uma vantagem da abordagem robótica, segundo Hull, é impedir a atribuição do comportamento a causas que não as estritamente mecânicas. Para ele, pouca diferença havia entre a psicologia e a física; e, mesmo que houvesse, seria uma questão de grau, e não de gênero.

A Metodologia Objetiva e a Quantificação

O comportamentalismo mecanicista, reducionista e objetivo de Hull oferece uma visão clara do que devem ser os seus métodos de estudo. Evidentemente, esses métodos se caracterizam pela maior objetividade possível. Além disso, sua abordagem da psicologia caracteriza-se pela quantificação. As leis do comportamento devem ser enunciadas ou expressas na linguagem precisa da matemática, razão por que a quantificação constitui a segunda pedra angular sobre a qual Hull edificou seu comportamentalismo.

Ele escreveu que os psicólogos não apenas devem desenvolver uma plena compreensão da matemática, como pensar em termos matemáticos. Em *Principles of Behavior* (1943), ele

explicou o procedimento a ser seguido por uma psicologia matematicamente definida:

O progresso consistirá na laboriosa elaboração, uma por uma, de centenas de equações; na determinação experimental, uma por uma, de centenas de constantes empíricas contidas nas equações; na concepção de unidades utilizáveis praticamente com as quais medir as quantidades expressas pelas equações; na definição objetiva de centenas de símbolos usados nas equações; na rigorosa dedução, uma por uma, de milhares de teoremas e corolários a partir das definições e equações primárias, na meticulosa realização de milhares de experimentos quantitativos fundamentais (Hull, 1943, pp. 400-401).

Esse enunciado dá uma boa indicação do rigor — e da paciência — exigido de um seguidor do sistema de Huli.

Huil descreveu quatro métodos que considerava úteis à ciência. Três já eram empregados: (1) a observação simples; (2) a observação sistemática controlada; e (3) a verificação experimental de hipóteses. Além disso, Huli exigiu a adesão estrita a um quarto método, o método hipotético-dedutivo, que usa a dedução a partir de um conjunto de formulações determinadas a priori. O método envolve o estabelecimento de postulados a partir dos quais deduzir conclusões experimentalmente verificáveis, que são então submetidas à verificação experimental. Se as proposições não forem validadas pelas provas experimentais, deverão ser

274

revistas. Se forem comprovadas e verificadas, poderão ser incluídas no corpo da ciência. Huli acreditava que, se a psicologia queria tornar-se uma ciência objetiva igual às outras ciências naturais, de acordo com o projeto comportamentalista, a única abordagem apropriada seria a hipotético-dedutiva.

Os Impulsos

Huli considerava a necessidade corporal decorrente de um desvio de condições biológicas ótimas a base da motivação. Entretanto, em vez de introduzir o conceito de necessidade biológica diretamente em seu sistema, ele postulou a variável interveniente do impulso, um termo já empregado na psicologia. O impulso era postulado como um estímulo advindo de um estado de necessidade do tecido que desperta ou ativa o comportamento. A força do impulso pode ser determinada empiricamente em termos da duração da privação ou da intensidade, força ou gasto de energia do comportamento resultante. Para ele, a duração da privação era uma medida imperfeita, razão por que acentuou a força da resposta.

Considerava-se o impulso não específico. Em outras palavras, qualquer espécie de privação — de comida, de água ou de sexo, por exemplo — contribuía da mesma maneira, se bem que em graus distintos, para o impulso. Essa não especificidade significa que o impulso não dirige o comportamento, servindo apenas para energizá-lo. A orientação ou condução do comportamento é realizada por estímulos ambientais. Além disso, a redução do impulso é a base exclusiva do reforço.

Hull postulou dois tipos de impulsos: primários e secundários. Os impulsos primários estão associados com estados de necessidade biológica e diretamente envolvidos na sobrevivência do organismo. Esses impulsos, oriundos de um estado de necessidade do tecido, incluem a fome, a sede, o ar, a regulação da temperatura, a defecação, a micção, o sono, a atividade, as relações sexuais e o alívio da dor. Trata-se de processos inatos básicos vitais para a sobrevivência do organismo.

Ele admitiu que os seres humanos e animais são motivados por outras forças além dos impulsos primários. Assim, Huil postulou os impulsos secundários ou aprendidos, que se referem a situações ou estímulos ambientais associados com a redução de impulsos primários, e que, por isso, podem se tomar eles mesmos impulsos. Isso significa que estímulos antes neutros podem assumir as características de um impulso por serem capazes de evocar respostas semelhantes às geradas pelo impulso primário ou estado de necessidade original.

Um exemplo simples envolve pôr a mão num fogão quente e se queimar. A dolorosa queimadura, cansada pela danificação do tecido, gera um impulso primário, o desejo de alívio da dor. Outros estímulos ambientais vinculados com esse impulso primário, tal como a visão do fogão, pode levar ao afastamento da mão diante da percepção do estímulo visual. Assim, a visão do fogão pode vir a ser o estímulo para o impulso aprendido do medo. Esses impulsos secundários ou aprendidos que servem para motivar o comportamento se desenvolvem com base nos impulsos primários. Devido a esse foco nos impulsos aprendidos, a aprendizagem teve um papel-chave no sistema de Hull.

A Aprendizagem

Hull tentou integrar, ou ao menos reconciliar, a lei do efeito de Thorndike com o condicionamento pavloviano. Ele acreditava que a aprendizagem não poderia ser adequadamente explicada pelos princípios da recência e da frequência. Sua teoria da aprendizagem concentra-se primordialmente no princípio do reforço, que é, em termos essenciais, a lei do efeito de Thorndike. A lei do reforço primário de Hull postula que, quando uma relação

275

estímulo-resposta é seguida por uma redução da necessidade, aumenta a probabilidade de que, em ocasiões subseqüentes, o mesmo estímulo evoque a mesma resposta. Observe-se que a recompensa ou reforço não é definida em termos da noção thorndikeana de satisfação, mas em termos da redução de uma necessidade primária. Logo, a base da teoria da aprendizagem de Hull é o reforço primário, a redução de um impulso primário.

Assim como contém impulsos secundários ou aprendidos, o sistema de Hull também trata do reforço secundário. Se a intensidade do estímulo for reduzida como resultado de um

impulso secundário ou aprendido, ela vai agir como um reforço secundário:

Segue-se que qualquer estímulo associado sistematicamente com uma situação de reforço adquirirá, por meio dessa associação, o poder de evocar a inibição condicionada, isto é, a redução da intensidade do estímulo, e, assim, de produzir o reforço resultante. Como esse poder indireto de reforço é adquirido através da aprendizagem, damos-lhe o nome de reforço secundário (Hull, 1951, pp. 27-28).

Hull pensava que a conexão estímulo-resposta é fortalecida pelo número de reforços que ocorreram. Ele denominava a força do vínculo E-R força do hábito, que se refere à persistência do condicionamento e é uma função do reforço.

A aprendizagem não pode acontecer na ausência de reforço, que é necessário para gerar uma redução do impulso. Por causa dessa ênfase no reforço, o sistema de Hull é chamado de teoria da redução da necessidade, oposta à teoria da contigüidade de Guthrie e à teoria cognitiva de Tolman.

O sistema de Hull é apresentado em forma verbal e matemática em termos de postulados e corolários específicos e detalhados. Em sua última publicação (Hull, 1952) há dezoito postulados e doze corolários. Embora o sistema se fundamente em princípios de condicionamento, Hull achava que essa posição fundamental podia ser ampliada para incluir processos

complexos como a solução de problemas, o comportamento social e formas de aprendizagem distintas do condicionamento. Ele viveu para ver somente parte de sua ambição realizada.

Seu sistema alcançou tamanha notoriedade que gerou inevitavelmente inúmeras críticas. Como destacado expoente do neocomportamentalismo, Huli sofreu os mesmos ataques feitos a Watson e a outros seguidores da tradição comportamentalista. Os adversários de uma abordagem comportamentalista da psicologia em termos metodológicos e teóricos, incluem necessariamente Hull no campo inimigo.

Pode-se acusar o programa de Hull de falta de generalização. Afirmou-se que, em sua tentativa de definir suas variáveis de modo tão preciso em termos quantitativos, ele não teve como deixar de operar sobre uma base muito estreita. Sua abordagem é extremamente particu larista, tendo ele muitas vezes formulado postulados a partir de resultados obtidos numa única situação experimental. Alegam os adversários que é questionável poder generalizar para todo o comportamento com base em demonstrações experimentais específicas como “o intervalo mais favorável para o condicionamento da pálpebra humana (Postulado 2)” ou “o peso em gramas de alimento necessário para condicionar um rato (Postulado 7)” (Hilgard, 1956, p. 181). Embora a quantificação precisa seja necessária e recomendável, a abordagem extrema de Hull tende a reduzir a gama de aplicabilidade das descobertas.

Em conseqüência, a adesão de Hull a um sistema formal e matemático de construção da teoria está aberta tanto a elogios como a críticas. Ele pode ter sido vítima do seu entusiasmo pela matemática, tendo quantificado suas proposições de maneira tão abrangente e minuciosa que as formulações incompletas ou imprecisas são relativamente fáceis de perceber. Lacunas e inconsistências numa teoria expressa por escrito podem ser mais facilmente resolvidas com

276

ilustrações apropriadas. Cri encontraram lacunas desse tipo no sistema de Hull e afirmam que ao menos algumas de suas formulações não são construídas com tanto rigor quanto se costumava pensar.

Nem por isso é possível minimizar a influência de Hull. Já mencionamos o grande número de pesquisas ocasionadas por sua obra, talvez mais do que qualquer outra teoria, e só isso já lhe garante seu status na história da psicologia. Ele forneceu uma terminologia objetiva que foi bem aceita e representou uma nova abordagem dos dados psicológicos, não se limitando a renomear velhos conceitos. Também é um tributo à grandeza de Hull citar alguns dos psicólogos que foram seus discípulos e seguidores: John Dollard, Carl Hovland, Neal Miller, Robert Sears, Hobart Mowrer e Kenneth Spence. Poucos psicólogos tiveram um efeito tão amplo e extenso sobre a motivação profissional de tantos outros psicólogos.

Hull defendeu, ampliou e expôs a abordagem comportamentalista objetiva da psicologia como ninguém fizera antes. Embora os psicólogos questionem partes ou a totalidade de sua teoria, há um respeito e uma admiração generalizados pelos métodos rigorosos que ele usou para desenvolvê-la. “Não é freqüente em nenhum campo o surgimento de um verdadeiro gênio teórico; dentre os raros que a psicologia pode reivindicar para si, Hull por certo deve figurar entre os mais destacados” (Lowry, 1982, p. 211).

Burrhus Frederick Skinner (1904-1990)

B. F. Skinner foi por décadas, a partir dos anos 50, o mais influente indivíduo no campo da psicologia. São muito amplas suas áreas de interesse em sua longa carreira, bem como suas implicações para a sociedade moderna. Em 1982, um historiador da psicologia disse ser ele “inquestionavelmente, o mais famoso psicólogo americano do mundo” (Gilgen, 1982, p. 97). Quando ele morreu, em 1990, o editor da *American Psychologist* o saudou como o “mais importante psicólogo contemporâneo... um dos gigantes da nossa disciplina”, alguém que “deixou uma marca permanente na psicologia” (Fowler, 1990, p. 1.203).

Por muitos anos, Skinner foi o mais destacado comportamentalista da América, tendo atraído um amplo, leal e entusiasmado grupo de seguidores. Ele desenvolveu um programa para o controle comportamental da sociedade, inventou um berço automático para cuidar de bebês e foi o principal responsável pela introdução das técnicas de modificação do comportamento e das máquinas de ensinar. Escreveu um romance (*Walden Two*) que continua a ser popular mais de quarenta anos depois da sua primeira publicação. Em 1971, seu livro *Beyond Freedom and Dignity* (*Além da Liberdade e da Dignidade*) tornou-se um best-seller nacional. Ele publicou muitos artigos e livros profissionais, tendo sido comparado com Francis Galton na diversidade e na amplitude de seus interesses.

A Vida de Skinner

Skinner nasceu em Susquehanna, Pensilvânia, onde viveu até ir para o colégio. Segundo o seu próprio relato, seu ambiente da infância era estável e não lhe faltou afeto. Ele frequentou o mesmo ginásio onde seus pais haviam estudado; havia apenas sete outros alunos em sua classe ao final do curso. Ele gostava da escola e era o primeiro a chegar todas as manhãs. Quando criança e adolescente, gostava de construir coisas: trenós, carrinhos, jangadas, carros séis, atiradeiras, modelos de aviões e até um canhão a vapor com o qual atirava buchas de batata e cenoura nos telhados dos vizinhos. Passou anos tentando construir uma máquina de movimento perpétuo. Também tinha interesse pelo comportamento dos animais. Lia muito sobre eles e mantinha um estoque de tartarugas, cobras, lagartos, sapos e esquilos listrados. Numa feira rural, ele observou certa feita um bando de pombos numa apresentação; anos mais tarde, ele treinaria essas aves para realizar uma variedade de façanhas.

277

O sistema de psicologia de Skinner é sob muitos aspectos um reflexo das suas primeiras experiências de vida. Ele considerava a vida um produto de reforços passados e afirmava que a sua própria vida fora tão predeterminada, organizada e ordeira quanto o seu sistema ditava que todas as vidas humanas fossem. Ele acreditava que todos os aspectos da sua experiência pessoal remontavam apenas a fontes ambientais.

A conselho de um amigo da família, Skinner se matriculou no Hamilton College de Nova York. Ele escreveu:

Todo comportamento está sujeito a contingências de reforço, segundo B. F. Skinner, durante muitos anos o principal comportamentalista da América, que aplicou seus dados de laboratório a problemas da criação de filhos e da educação.

278

Nunca me adaptei à vida de estudante. Ingressei numa fraternidade acadêmica sem saber do que se tratava. Não era bom nos esportes e sofria muito quando as minhas canelas eram atingidas no hóquei sobre o gelo ou quando melhores jogadores de basquete faziam tabela na minha cabeça... Num artigo que escrevi no final do meu ano de calouro, reclamei de que o colégio me obrigava a cumprir exigências desnecessárias (uma delas era a presença diária na capela) e que quase nenhum interesse intelectual era demonstrado pela maioria dos alunos. No meu último ano, eu era um rebelde declarado (Skinner, 1967, p. 392).

Como parte dessa revolta, Skinner instigava trotes que muito perturbaram a comunidade acadêmica e se entregava a ataques verbais aos professores e à administração. Sua desobediência continuou até o dia da graduação, quando, na abertura das cerimônias, o diretor o alertou, e aos seus amigos, que, se não se comportassem, não colariam grau.

Ele se formou em inglês, recebeu a chave simbólica da Phi Beta Kappa e manifestou o desejo de tornar-se escritor. Quando criança, tinha escrito poemas e histórias, e, em 1925, num curso de verão sobre redação, o poeta Robert Frost fizera comentários favoráveis sobre seu trabalho. Durante dois anos depois da formatura, Skinner dedicou-se a escrever e então decidiu que não tinha ‘nada importante a dizer’. Sua falta de sucesso como escritor o deixou tão desesperado que ele pensou em consultar um psiquiatra. Considerou-se um fracasso e estava com sua auto-estima abalada. Também estava desapontado no amor; ao menos uma meia dúzia de jovens haviam rejeitado suas investidas, deixando-o com o que ele descreveu como intensa dor física. Skinner ficou tão perturbado que gravou a inicial do nome de uma mulher no braço, onde ela ficou durante anos.

Depois de ler sobre John B. Watson e Ivan Pavlov, Skinner decidiu transferir seu interesse literário pelas pessoas para um interesse mais científico. Em 1928, inscreveu-se na pós-graduação de psicologia em Harvard, embora nunca tivesse estudado psicologia antes. Foi para a pós-graduação, disse ele, “não porque fosse um adepto totalmente comprometido da psicologia, mas para fugir de uma alternativa intolerável” (Skinner, 1979, p. 37).

Comprometido ou não, doutorou-se três anos mais tarde. Seu tema de dissertação dá um primeiro vislumbre da posição a que ele iria aderir por toda a sua carreira. Sua principal proposição era de que um reflexo não é senão a correlação entre um estímulo e uma resposta.

Depois de vários pós-doutorados, Skinner foi dar aulas na Universidade de Minnesota (1936-1945) e na Universidade de Indiana (1945-1947). Em 1947, voltou a Harvard. Seu livro de 1938, *The Behavior of Organisms* (O Comportamento dos Organismos), descreve os pontos essenciais do seu sistema. Cinquenta anos mais tarde, esse livro foi considerado “um dos poucos livros que mudaram a face da psicologia moderna” (Thompson, 1988, p. 397), e ainda é muito lido. Seu livro de 1953, *Science and Human Behavior* (Ciência e Comportamento Humano), é o manual básico da sua psicologia comportamentalista.

Skinner manteve-se produtivo até a morte, aos oitenta e seis anos, trabalhando até o fim com o mesmo entusiasmo com que começara uns sessenta anos antes. Em seus últimos anos de vida, ele construiu, no porão de sua casa, sua própria “caixa de Skinner” — um ambiente controlado que propiciava reforço positivo. Ele dormia ali num tanque plástico amarelo, de tamanho apenas suficiente para conter um colchão, algumas prateleiras de livros e um pequeno televisor. Ia dormir toda noite às dez, acordava três horas depois, trabalhava por uma hora, dormia mais três horas e despertava às cinco da manhã para

trabalhar mais três horas. Então, ia para o gabinete na universidade para trabalhar mais, e toda tarde retemperava as forças ouvindo música.

Aos setenta e oito anos, escreveu um artigo intitulado “Auto-Administração Intelectual na Velhice”, citando suas próprias experiências como estudo de caso (Skinner, 1983a). Ele

mostrava que é necessário que o cérebro trabalhe menos horas a cada dia, com períodos de descanso entre picos de esforço, para a pessoa lidar com a memória que começa a falhar e com a redução das capacidades intelectuais na velhice. Doente terminal com leucemia, apresentou uma comunicação na convenção de 1990 da APA, em Boston, apenas oito dias antes de morrer; nela, ele atacava a psicologia cognitiva. Na noite anterior à sua morte, estava trabalhando em seu artigo final, “Pode a Psicologia ser uma Ciência da Mente?” (Skinner, 1990), outra acusação ao movimento cognitivo que estava suplantando sua definição de psicologia.

O Comportamentalismo de Skinner

Em vários aspectos importantes, a posição de Skinner representa uma renovação do comportamentalismo watsoniano. Com efeito, um psicólogo escreveu que “o espírito de Watson é indestrutível. Expurgado e purificado, respira por meio dos escritos de B. F. Skinner” (MacLeod, 1959, p. 34).

Embora Clark Hull também seja considerado um comportamentalista rigoroso, há nítidas diferenças entre a sua abordagem e a de Skinner. Enquanto Hull acentuava a importância da teoria, Skinner defendia um sistema estritamente empírico sem referencial teórico no âmbito do qual realizar pesquisas. O trabalho de Hull consistia em propor uma teoria e fazer a verificação das conclusões deduzidas a partir de provas experimentais; Skinner evitava a teoria e preferia praticar um positivismo estrito: começava com dados empíricos e trabalhava, cuida dose e lentamente, na elaboração de generalizações conjecturais. Hull representa o método dedutivo; Skinner, o indutivo.

Skinner resumiu sua perspectiva da seguinte maneira: “Nunca tratei de um problema construindo uma hipótese. Nunca deduzi teoremas, nem os submeti à prova experimental. Pelo que sei, eu não tinha um modelo preconcebido de comportamento — certamente não um modelo fisiológico e mentalista, e, creio eu, tampouco um conceitual” (Skinner, 1956, p. 227).

Seu tipo exclusivamente descritivo de comportamentalismo radical se dedica ao estudo das respostas; volta-se para descrever, e não para explicar, o comportamento. Ele só se ocupava do comportamento observável e acreditava que a tarefa da investigação científica se traduz em estabelecer relacionamentos funcionais entre as condições de estímulo controladas pelo experimentador e a resposta subsequente do organismo.

Em *Science and Human Behavior* (1953), Skinner escreveu sobre as figuras mecânicas dos jardins reais da Europa do século XVII e sobre a imagem mecânica dos seres humanos por elas retratada. Sob o título “O Homem, Uma Máquina”, ele descrevia como suas idéias são compatíveis com essa imagem mecânica precedente. O organismo humano, dizia Skinner, é uma máquina, e o ser humano, como qualquer outra máquina, se comporta de maneiras previsíveis e regulares em resposta às forças externas, os estímulos, que o afetam.

Skinner não se interessava nem um pouco por teorizar ou especular sobre o que pode estar ocorrendo no interior do organismo. Seu programa não inclui pressupostos sobre entidades internas, descritas quer como variáveis intervenientes ou como processos fisiológicos. O que quer que aconteça entre o estímulo e a resposta não representa, para um comportamentalista skinneriano, dados objetivos. Esse comportamentalismo descritivo estrito tem sido chamado, e com boas razões, de abordagem do organismo vazio. Atuamos a partir de forças do ambiente, do mundo exterior, e não de forças interiores.

É importante notar que, embora o seu sistema seja a-teórico, Skinner não se opunha por inteiro à teorização. Na verdade, ele era adversário da teorização prematura, feita na ausência de dados comprobatórios adequados. Numa entrevista de 1968, Skinner disse que ansiava por “uma teoria geral do comportamento humano que reúna uma batelada de fatos e os exprima de uma forma geral. Eu estaria muito interessado em estimular esse tipo de teoria” (Evans, 1968, p. 88).

280

Ao contrário de muitos psicólogos contemporâneos, Skinner não era favorável ao uso de grande número de sujeitos ou de comparações estatísticas entre a mediana e a média das respostas de grupos. Ele se concentrava, em vez disso, na intensa e exaustiva investigação de um único sujeito:

A previsão do que o indivíduo médio faz com frequência tem pouco ou nenhum valor quando temos diante de nós um indivíduo particular... Uma ciência é útil para tratar com o indivíduo apenas na medida em que as suas leis se refiram a indivíduos. Uma ciência do comportamento que só se ocupe do comportamento de grupos provavelmente não serve de ajuda para a compreensão do caso particular (Skinner, 1953, p. 19).

Skinner acreditava que resultados reproduzíveis e válidos poderiam ser obtidos de um único sujeito sem o recurso à análise estatística, desde que dados suficientes fossem coletados em condições experimentais bem controladas. Ele afirmava que o uso de um grande grupo de sujeitos obrigava o pesquisador a dar atenção ao comportamento médio e, como resultado, o comportamento de resposta individual e as diferenças individuais de comportamento se perdiam. Em 1958, os skinnerianos fundaram sua própria publicação, *Journal for the Experimental Analysis of Behavior*, principalmente em função dos requisitos tradicionais das revistas de psicologia com relação ao uso da análise estatística e do tamanho da amostra. Dez anos mais tarde, a *Journal of Applied Behavior Analysis* foi fundada para servir de saída ao crescente corpo de pesquisas sobre a modificação do comportamento, um desdobramento aplicado do sistema de Skinner.

O Condicionamento Operante

Todo aluno de psicologia conhece a ênfase de Skinner no comportamento operante, em oposição ao respondente. Na situação de condicionamento pavloviano, um estímulo conhecido é associado com uma resposta em condições de reforço. A resposta comportamental é suscitada por um estímulo observável específico; Skinner dava-lhe o nome de comportamento respondente.

O comportamento operante ocorre sem nenhum estímulo externo observável; a resposta do organismo é aparentemente espontânea — no sentido de não estar relacionada com nenhum estímulo observável. Isso não significa que não haja de fato um estímulo suscitando a

resposta, mas sim que não se detecta nenhum estímulo quando da ocorrência da resposta. Do ponto de vista dos experimentadores, não há estímulo porque eles não aplicaram nenhum e não em ver nenhum.

Outra diferença entre o comportamento respondente e o operante é que o comportamento operante opera no ambiente do organismo, ao passo que o respondente não o faz. O cão preso a arreios no laboratório de Pavlov não pode senão responder quando o pesquisador lhe apresenta o estímulo; ele não pode agir por sua própria conta para assegurar o estímulo. O comportamento operante do rato na caixa de Skinner, no entanto, serve de instrumento para garantir o estímulo (o alimento). Quando pressiona a barra, o rato recebe comida; ele não recebe nenhuma comida enquanto não pressionar a barra e, assim, opera no ambiente. (Skinner deplorou o termo caixa de Skinner, usado pela primeira vez por Hull em 1933, como rótulo para o seu aparato de condicionamento operante. O termo, porém, tomou-se tão popular que está na maioria dos dicionários e é de uso aceito em psicologia.)

Skinner acreditava que o comportamento operante é muito mais representativo da situação de aprendizagem humana na vida real. Como o comportamento é principalmente do tipo operante, a mais eficaz abordagem de uma ciência do comportamento, alegava ele, consiste em

281

estudar o condicionamento e a extinção de comportamentos operantes. Sua demonstração experimental clássica envolvia o pressionar uma barra numa caixa de Skinner construída para eliminar estímulos externos. Nessa experiência, um rato privado de comida era colocado no aparelho e deixado livre para explorar o ambiente. No curso dessa exploração geral, o rato cedo ou tarde pressionava acidentalmente uma alavanca que ativava um mecanismo que liberava uma pelota de alimento numa bandeja. Depois do recebimento de algumas dessas pelotas, o reforço, o condicionamento costumava ser rápido. Observe-se que o comportamento do rato (pressionar a barra ou alavanca) agia sobre o ambiente e era instrumental na garantia do alimento. A variável dependente desse tipo de experiência é simples e direta: a taxa de resposta. Um registrador cumulativo ligado à caixa de Skinner acompanha momento a momento a taxa de pressão da barra.

A partir dessa experiência básica, Skinner derivou sua lei da aquisição, segundo a qual a força de um comportamento operante aumenta quando ele é seguido pela apresentação de um estímulo de reforço. Embora a prática seja importante no estabelecimento de altas taxas de pressão da barra, a variável-chave é o reforço. A prática por si só não aumenta a taxa; tudo o que ela faz é dar oportunidade para a ocorrência do reforço adicional.

A lei da aquisição de Skinner difere das posições de Thorndike e de Hull sobre a aprendizagem. Skinner não fala em termos das conseqüências de prazer-dor do reforço, como fez Thorndike, nem faz tentativas para interpretar o reforço em termos da redução do impulso, como fez Hull. Os sistemas de Thorndike e de Hull são explicativos, enquanto o de Skinner é descritivo. Para ele, o impulso não passa de um conjunto de operações que influencia o comportamento de resposta de uma dada maneira; ele não o vê como um estímulo nem como um estado fisiológico. Ele o definia objetivamente em termos do número de horas de privação.

Skinner e seus seguidores fizeram muitas pesquisas sobre problemas de aprendizagem, tais como o papel da punição na aquisição de respostas, o efeito de diferentes programas de reforço, a extinção da resposta operante, o reforço secundário e a generalização. Ele também trabalhou com outros animais e com sujeitos humanos, usando a mesma abordagem básica da caixa de Skinner. Com pombos, o comportamento operante envolve bico uma chave ou um ponto determinado; o reforço é o alimento. No caso dos seres humanos, o comportamento operante envolve a resolução de problemas, reforçada pela aprovação verbal ou pelo conhecimento de ter dado a resposta correta.

Skinner relatou uma experiência de usar o afago nas costas como reforço para sua filha de três anos, mas o experimento fracassou. Ele estava falando com ela na hora de dormir enquanto afagava-lhe as costas e decidiu testar esse ato como reforço. “Esperei”, escreveu ele,

até que ela levantasse o pé ligeiramente e fiz-lhe uma rápida carícia. Quase imediatamente, ela levantou o pé outra vez e eu voltei a afagá-la. E ela riu. ‘De que você está rindo?’, perguntei. Cada vez que levanto o meu pé, você passa a mão nas minhas costas!’ “(Skinner, 1987a, p. 179).

Programas de Reforço

Para muitos psicólogos, a mais notável pesquisa de Skinner é a dedicada aos efeitos de diferentes programas de reforço. A pesquisa inicial de pressionar a barra na caixa de Skinner demonstrou o papel necessário do reforço no comportamento operante. Naquela situação, o comportamento do rato era reforçado a cada pressão da barra, isto é, ele recebia comida cada vez que dava a resposta correta. Contudo, como assinalou Skinner, o reforço no mundo real nem sempre é consistente ou contínuo, mas, mesmo assim, a aprendizagem ocorre e os comportamentos persistem, ainda que reforçados só intermitentemente.

282

Nem sempre encontramos um bom gelo ou uma boa neve quando vamos patinar ou esquiar... Nem sempre conseguimos uma boa refeição num restaurante particular, já que os cozinheiros nem sempre são previsíveis. Nem sempre conseguimos uma resposta quando telefonamos a um amigo, pois o amigo nem sempre está em casa... Os reforços característicos da indústria e da educação são quase sempre intermitentes, visto não ser viável controlar o comportamento mediante o reforço de cada resposta (Skinner, 1953, p. 99).

Mesmo que se estude com afinco, nem sempre se consegue a nota máxima em todos os exames. No trabalho, não se recebem elogios ou aumentos de salários todos os dias. Na loteria, ou num caça-níqueis, não se ganha todo o tempo. Como pode o comportamento ser afetado por esse reforço intermitente? Há algum programa de reforço ótimo em termos de influência do comportamento? Skinner e seus colegas dedicaram anos de pesquisa a essas interrogações (Ferster e Skinner, 1957; Skinner, 1969).

O impulso para essa pesquisa não veio da curiosidade intelectual, mas da necessidade, demonstrando que a ciência às vezes opera de uma maneira bem distinta da imagem idealizada apresentada em alguns manuais. Numa tarde de sábado, Skinner descobriu que seu estoque de bolas estava acabando. Na época (os anos 30), as bolas não podiam ser

compradas de uma empresa fornecedora de laboratório. O experimentador tinha de fazê-las ele mesmo, num laborioso e demorado processo. Em vez de passar o fim de semana fazendo isso, Skinner se perguntou o que aconteceria se só reforçasse os ratos uma vez por minuto, independentemente do número de respostas que eles dessem. Assim, ele precisaria de muito menos pelotas. Skinner desenvolveu uma longa série de experiências para testar diferentes taxas e tempos de reforço.

Num conjunto de estudos, ele comparou as taxas de resposta de animais reforçados a cada resposta com a dos reforçados apenas depois de um certo intervalo de tempo. Esta última condição é conhecida como programa de reforço com intervalo fixo. O reforço pode ser dado, por exemplo, a cada minuto ou a cada quatro minutos. O importante é que o animal só seja reforçado depois da passagem de um período fixo de tempo. Um trabalho cujo salário é pago semanal ou mensalmente dá reforço num programa de intervalo fixo. Os empregados, nesses sistemas, não recebem pelo número de itens que produzem (número de respostas dadas), mas pelo número de dias ou semanas transcorridos. A pesquisa de Skinner mostrou que, quanto menor o intervalo entre reforços, tanto mais rápida a resposta do animal. Inversamente, com o aumento do intervalo entre reforços, a taxa de resposta declinava.

A frequência do reforço também afeta a extinção de uma resposta. Os comportamentos se extinguem mais rapidamente quando foram reforçados continuamente, suspendendo-se em seguida os reforços, do que quando foram reforçados intermitentemente. Alguns pombos responderam até dez mil vezes na ausência de reforço quando foram condicionados num programa de reforço intermitente.

Skinner também investigou um programa de reforço de razão fixa. Nesse caso, o reforço é apresentado, não depois de passado um certo intervalo de tempo, mas depois de um número predeterminado de respostas. O comportamento do animal determina a frequência do reforço. Espera-se que ele responda, por exemplo, dez ou vinte vezes depois de receber um reforço e antes de receber outro. Os animais num programa de razão fixa respondem mais rapidamente do que os de um programa de intervalo fixo. A resposta mais rápida no reforço de intervalo fixo não produz reforço adicional; o animal num programa de intervalo fixo pode pressionar a barra cinco ou cinquenta vezes e ainda será reforçado somente quando o intervalo de tempo predeterminado tiver transcorrido.

A taxa mais elevada de respostas no programa de razão fixa foi considerada válida para ratos, pombos e seres humanos. Um programa de razão fixa de pagamento é usado no

283

comércio e na indústria quando o salário do empregado depende do número de unidades produzidas ou quando uma comissão de vendas depende do número de itens vendidos. Esse programa de reforço só funciona enquanto a razão não for alta demais (ou seja, uma quantidade de trabalho impossível exigida para cada unidade de salário) e o reforço valer o esforço.

Outros programas de reforço incluem razões variáveis, intervalos variáveis e esquemas mistos.

O Comportamento Verbal

O comportamento verbal é a única área em que Skinner admitia diferenças entre o rato e o homem. Os sons que o organismo humano produz na fala, dizia Skinner, são respostas que podem ser reforçadas por outros sons da fala ou gestos, da mesma maneira como o comportamento do rato de pressionar a barra pode ser reforçado por comida. Para o bebê, os sons específicos que serão reforçados dependem da cultura, mas os mecanismos do comportamento verbal são independentes dela.

O comportamento verbal exige duas pessoas em interação — uma falando e outra ouvindo. O falante dá uma resposta, isto é, emite um som. O ouvinte, através do seu comportamento de reforçar, não reforçar ou punir o falante pelo que disse, pode controlar o comportamento subsequente deste último. Por exemplo, se toda vez que o falante usar uma certa palavra o ouvinte sorrir, este aumenta a probabilidade de que o falante repita essa palavra. Se o ouvinte responde franzindo o cenho, fazendo gestos hostis ou um comentário desfavorável, estará aumentando a possibilidade de o falante evitar essa palavra no futuro.

Podemos ver exemplos desse processo no comportamento de pais quando os filhos aprendem a falar. Palavras inaceitáveis, uso incorreto e pronúncia ruim evocam reações diferentes das provocadas por frases polidas, uso correto e pronúncia clara. Assim, a criança é ensinada a usar adequadamente a fala, ao menos de acordo com o que os pais acham que isso seja.

Para Skinner, a fala é comportamento, estando, pois, sujeita, como qualquer outro comportamento, a contingências de reforço, de previsão e de controle. Seu trabalho sobre isso

está resumido no livro *Verbal Behavior* (O Comportamento Verbal), publicado em 1957.

As Máquinas Comportamentalistas de Skinner

Discutimos a caixa de Skinner e o seu uso em experiências de condicionamento operante. Ela, contudo, não é o único instrumento que Skinner desenvolveu. A caixa lhe deu proeminência na psicologia, e o berço de ar — um artefato projetado para mecanizar o cuidado infantil

— lhe trouxe notoriedade pública. Ele descreveu seu desenvolvimento num artigo publicado na *Ladies Home Journal* em 1945. Quando ele e a esposa decidiram ter um segundo filho, ela observou que cuidar da criança nos primeiros anos de vida exigia muita atenção e trabalhos domésticos; assim, Skinner inventou um aparelho automático para aliviar os pais dessas tarefas. A invenção foi comercializada mas nunca teve grande sucesso.

O berço de ar foi descrito como “um compartimento amplo, com ar condicionado, temperatura controlada, imune a germes e à prova de som, em que o bebê pode dormir e brincar sem mantas ou quaisquer roupas além das fraldas. Permite uma completa liberdade de movimentos e uma relativa segurança dos resfriados e assaduras comuns” (Rice, 1968, p. 98). Skinner e a esposa criaram o segundo filho no berço de ar. A não ser uma perna quebrada num acidente de esqui fora do berço, a criança aparentemente não sofreu nenhum efeito maléfico e até conseguiu vencer o pai no xadrez.

Outro aparelho que Skinner promoveu foi a máquina de ensinar, inventada pelo psicólogo Sidney Pressey nos anos 20. Infelizmente para Pressey, a máquina estava muito além do

seu tempo e ninguém exprimiu interesse por ela. Assim, fatores contextuais podem ter sido

284

responsáveis pela falta de interesse na época, bem como pela entusiástica aceitação do aparelho uns trinta anos depois (Benjamin, 1988b). Nos anos 20, quando Pressey introduziu a máquina, ela prometia ensinar num ritmo mais rápido com menos professores. Naquele momento, porém, havia um superávit de professores e não havia pressão pública para melhorar o processo de aprendizagem. Nos anos cinquenta, quando Skinner introduziu um artefato semelhante, havia carência de professores, um número incomumente grande de alunos e pressão pública para melhorar a qualidade da educação para que os americanos pudessem competir com os russos na exploração do espaço. Skinner conta que não sabia da invenção de Pressey ao desenvolver a sua, mas deu o devido crédito ao seu predecessor.

Skinner popularizou sua máquina depois de visitar a classe da filha, quando ele decidiu que algo tinha de ser feito para melhorar o processo de ensino. Ele resumiu seu trabalho nesse campo em *The Technology of Teaching (A Tecnologia do Ensino)*, de 1968. As máquinas de ensinar tiveram amplo uso entre o final da década de 50 e o começo da de 60, sendo substituídas pelos métodos de instrução assistidos por computador.

Walden Two — Uma Sociedade Comportamentalista

Skinner estabeleceu um programa de controle comportamental, uma tecnologia do comportamento, em que tentou transpor para a sociedade mais ampla suas descobertas de laboratório. Enquanto John B. Watson falava em termos gerais sobre uma fundação para uma existência mais sã por meio dos princípios do condicionamento, Skinner esboçou a operação de uma tal sociedade em detalhes.

Em 1948, ele publicou *Walden Two*, um romance em que descreve uma comunidade rural de mil membros na qual cada aspecto da vida é controlado pelo reforço positivo. O livro surgiu de um período de depressão por que Skinner passou, aos quarenta e um anos. Ele a resolveu retornando temporariamente à sua identidade anterior de escritor. Estava vivendo um turbilhão com relação a muitos aspectos de sua vida, pessoal e profissional, e fez jorrar seu desespero por meio do livro, falando através da principal personagem da história, T. E. Frazier. “Boa parte da vida em *Walden Two* era a minha própria vida na época”, admitiu Skinner. “Permiti que Frazier dissesse coisas que eu mesmo ainda não estava preparado para dizer a quem quer que fosse” (Skinner, 1979, pp. 297-298). No romance, o Skinner ficcional fala abertamente dos seus problemas emocionais.

O livro foi festejado e atacado em resenhas e só uns poucos milhares de exemplares foram vendidos até o começo dos anos 60. Então, as vendas aumentaram vertiginosamente, tendo hoje chegado aos milhões. O livro continua popular e sua leitura é exigida em muitos cursos.

A longa linha de pensamento que vem de Galileu e Newton e passa pelos empiristas britânicos e por Watson alcança seu ponto culminante na sociedade *Walden Two* de Skinner e em seu pressuposto básico da natureza maquinal do ser humano. “Se formos usar os métodos da ciência no campo dos assuntos humanos, devemos supor que o comportamento é ordenado e determinado..., que aquilo que o homem faz é o resultado de condições especificáveis e que, uma vez que essas condições sejam descobertas, poderemos prever, e até certo ponto determinar, suas ações” (Skinner, 1953, p. 6). A abordagem

mecanicista analítica e determinista da ciência natural, reforçada pelos experimentos de condicionamento de Skinner, persuadiu os comportamentalistas de que o comportamento humano poderia ser controlado, orientado, modificado e moldado pelo uso adequado do reforço positivo.

Na controvérsia livre-arbítrio/determinismo, é fácil ver de que lado do muro estão os skinnerianos. Skinner afirmou repetidamente que “não se deve deixar a questão da liberdade

ressoal interferir na análise científica do comportamento humano. Não podemos alimentar a

285

esperança de empregar as vantagens da aplicação dos métodos da ciência ao comportamento humano se, por alguma razão estranha, nos recusamos a admitir que o nosso objeto de estudo pode ser controlado” (Skinner, 1953, p. 322).

Essa posição é discutida em *Beyond Freedom and Dignity* (Skinner, 1971), um livro que gerou muita publicidade, provocada pelo aparecimento de Skinner em programas de entrevistas na televisão, e se tomou um best-seller. Tal como ocorrera com *Walden Two*, essa obra foi louvada por uns e ridicularizada por outros. O fato de ter sido lida por tantas pessoas demonstra a curiosidade pública sobre as concepções de Skinner.

A Modificação do Comportamento

O programa de Skinner para uma sociedade baseada no reforço positivo existe apenas em termos ficcionais, mas o controle ou modificação do comportamento de pessoas e pequenos grupos é muito difundido. A modificação do comportamento mediante o reforço positivo é uma técnica popular em hospitais, fábricas, prisões e escolas, onde é usada para transformar comportamentos anormais ou indesejáveis em comportamentos mais aceitáveis e desejáveis. Ela opera com as pessoas do mesmo modo como o aparato de condicionamento operante opera para modificar o comportamento de ratos: reforçando o comportamento desejado e não reforçando o indesejado.

Pensemos na criança que tem ataques para conseguir comida ou atenção. Quando os pais cedem às suas exigências, reforça-se o comportamento indesejável. Na modificação do comportamento, atitudes como chutar e gritar nunca são reforçadas. O reforço só se aplica a comportamentos mais agradáveis e desejáveis. Depois de um certo período, a criança muda de atitude porque suas exibições de mau humor, já não servem para produzir recompensas, ocorrendo o contrário com os comportamentos agradáveis.

O condicionamento e o reforço operantes têm sido aplicados no mundo dos negócios, em que são usados com sucesso programas de modificação do comportamento para reduzir as faltas e o abuso das licenças médicas e para melhorar o desempenho e a segurança no trabalho. Essas técnicas também são empregadas para ensinar habilidades ocupacionais, especialmente a trabalhadores com deficiências, costumando ter êxito onde fracassam os métodos de treinamento mais tradicionais.

A modificação do comportamento também tem sido aplicada a doentes mentais. Recomendo pensar os pacientes com brindes que podem ser trocados por bens ou privilégios quando eles se comportam da maneira desejada, e não reforçando o comportamento negativo ou

disruptivo, podem-se induzir mudanças comportamentais positivas. Ao contrário das técnicas clínicas tradicionais, não há nesse caso uma preocupação com o que possa estar se passando na mente do paciente, assim como não se pensa no que pode acontecer dentro do rato na caixa de Skinner. O foco é exclusivamente o comportamento manifesto e o reforço positivo.

Não se usa a punição; ninguém é punido por não exibir o comportamento desejado. Em vez disso, as pessoas são reforçadas ou recompensadas quando seu comportamento sofre mudanças positivas. Assim como Thorndike, Skinner acreditava que o reforço positivo é muito mais eficaz do que a punição na alteração do comportamento, posição sustentada por consideráveis pesquisas humanas e animais. (Skinner escreveu que, quando criança, nunca foi fisicamente punido pelo pai, e só uma vez por sua mãe; ela lavou sua boca com água e sabão porque ele disse um palavrão - Skinner, 1976. Ele não disse se a punição conseguiu mudar o seu comportamento.)

Como quer que se vejam as intenções de Skinner — quer o consideremos um salvador ou um escravizador de seres humanos —, não se pode negar o alcance de sua influência sobre

a psicologia contemporânea. Mas ele foi muito criticado, tanto dentro como fora da instituição

286

psicológica. Talvez a objeção mais freqüente se dirija ao seu positivismo extremo e à sua oposição à teoria. Alegam os adversários ser impossível eliminar toda a teorização, como Skinner teria feito. Os detalhes de uma experiência devem ser planejados antes de sua execução, e esse planejamento é prova de teorização, mesmo simples. Também se observou que a aceitação por Skinner dos princípios básicos do condicionamento como o referencial da sua pesquisa constitui um certo grau de teorização.

Além disso, Skinner fez asserções ousadas sobre questões econômicas, sociais, políticas e religiosas que aparentemente derivou do seu sistema. Em 1986, por exemplo, ele escreveu um artigo de título abrangente: ‘O Que Há de Errado com a Vida Diária no Mundo Ocidental?’ Nele, afirmava que “o comportamento humano no Ocidente se enfraqueceu, mas pode ser fortalecido mediante a aplicação de princípios derivados de uma análise experimental do comportamento” (Skinner, 1986, p. 568). Essa propensão a extrapolar os dados, em especial com relação a propostas sobre complexos problemas humanos, não tem coerência com uma posição a-teórica e mostra que Skinner foi além dos dados observáveis ao apresentar uma matriz para a reorganização da sociedade.

A gama estreita de comportamento estudada nos laboratórios skinnerianos (tal como pressionar a barra e bicar a chave) também tem sido atacada. Dizem os críticos que esses estudos ignoram muitos aspectos do comportamento. Por exemplo, a posição de Skinner de que todo comportamento é aprendido foi contestada por um dos seus ex-alunos, que condicionou mais de seis mil animais de trinta e oito espécies para atuar em comerciais de televisão, atrações turísticas e feiras e exposições (Breland e Breland, 1961). Porcos, galinhas, hamsters, porcos-marinheiros, baleias, vacas e outros animais demonstraram uma tendência para a deriva instintiva, isto é, substituíam os comportamentos reforçados por

comportamentos instintivos, mesmo quando esses comportamentos prejudicavam a obtenção de alimento suficiente.

A posição de Skinner sobre o comportamento verbal, particular sobre a aquisição da linguagem pelos bebês, foi contestada com base na afirmação de que alguns comportamentos devem ser dados a priori. Alegam os críticos que a criança não aprende uma língua numa base palavra por palavra em função do reforço recebido para o uso ou pronúncia corretos de cada uma delas. Em vez disso, o bebê domina as regras gramaticais necessárias à produção de frases, e é o potencial para construir essas regras, prossegue o argumento, que é herdado e não aprendido (Chomsky, 1959, 1972).

Quer prevaleça, a longo prazo, a crítica ou o elogio, pode-se afirmar com certeza que Skinner foi o líder e o defensor incontestado da psicologia comportamentalista. A maioria dos seus oponentes tem de concordar que a psicologia americana foi moldada, ao menos por três décadas, mais pela sua obra do que pela de qualquer outro psicólogo.

A APA concedeu-lhe o Distinguished Scientific Contribution Award em 1958, notando que “poucos psicólogos americanos tiveram um impacto tão profundo sobre o desenvolvimento da psicologia e sobre promissores psicólogos mais jovens”. Em 1968, Skinner recebeu a Medalha Nacional de Ciência, a maior honraria conferida pelo governo dos Estados Unidos por contribuições notáveis à ciência. Em 1971, a Fundação Psicológica Americana deu-lhe seu Gold Medal Award e ele foi capa da revista Time. E, em 1990, Skinner foi agraciado com a Citação Presidencial por uma Vida de Contribuição à Psicologia da APA.

É importante notar que a meta de Skinner era a melhoria da vida das pessoas e da sociedade. Apesar da natureza mecanicista do seu sistema, Skinner era um humanitário, uma qualidade evidente em seus esforços por modificar o comportamento nos ambientes do mundo real — lares, escolas, fábricas e instituições de saúde mental. Ele esperava que sua tecnologia do comportamento aliviasse o sofrimento humano e sentia-se cada vez mais frustrado com o fato de o seu sistema, embora popular e influente, não estar sendo aplicado mais amplamente.

287

Não há dúvida de que o comportamentalismo radical de Skinner alcançou e manteve uma posição forte no âmbito da psicologia. As publicações *Journal for the Experimental Analysis of Behavior* e *Journal of Applied Behavior Analysis* continuam a florescer, assim como a Divisão de Análise Experimental do Comportamento da APA. A aplicação de princípios skinnerianos na forma de técnicas de modificação do comportamento permanece popular, e os resultados do seu trabalho fornecem apoio adicional à sua abordagem. Sejam quais forem os índices de aclamação profissional e pública, o comportamentalismo skinneriano com toda a certeza superou todas as outras variedades na área.

Teorias da Aprendizagem Social:

O Desafio Cognitivo no Âmbito do Comportamentalismo

Vimos que o comportamentalismo, tal como outras posições sistemáticas, tem uma longa história. John B. Watson deu voz ao clima em mutação da época, na psicologia americana, rebelou-se contra seus fundamentos mentalistas e estabeleceu formalmente uma ciência objetiva do comportamento. Esse vigoroso movimento marcou o começo da era positivista

na psicologia americana. Seguiram-se entusiásticas formulações de diferentes espécies de comportamentalismo. Cinquenta anos depois da publicação do artigo de Watson que lançou o comportamentalismo, Skinner marcou o aniversário com um texto intitulado “O Comportamentalismo aos Cinquenta” (Skinner, 1963), em que observou que o tremendo progresso da psicologia experimental nos Estados Unidos se deveu essencialmente à influência do comportamentalismo.

Apesar de toda a sua popularidade e influência, o comportamentalismo foi atacado por muitos psicólogos, inclusive por alguns que se identificavam como comportamentalistas. Eles questionaram a negação total dos processos mentais ou cognitivos e formaram um novo movimento, a abordagem da aprendizagem social ou sócio-comportamentalista, que reflete a revolução cognitiva mais ampla na psicologia. Esse movimento marca o terceiro estágio — o neo-neocomportamentalismo — do desenvolvimento do comportamentalismo.

Desde mais ou menos 1960, tem havido em psicologia um afastamento das “algemas restritivas do comportamentalismo na direção de uma ênfase mais flexível nos processos cognitivos” (Bruner, 1982, p. 42). Hoje, a consciência retornou à psicologia de forma total. Como seria de esperar, Skinner lamentou essa tendência, observando que “o mentalismo voltou como um dilúvio... Tornou-se elegante inserir a palavra ‘cognitivo’ onde for possível” (Skinner, 1983b, p. 194).

Discutiremos o movimento cognitivo em escala maior — suas origens e impacto sobre a psicologia contemporânea — no Capítulo 15. Vamos dar aqui dois exemplos da maneira pela qual o retorno à consciência alterou a natureza do comportamentalismo. Faremos uma breve consideração dos trabalhos dos neo-neocomportamentalistas Albert Bandura e Julian Rotter.

Albert Bandura (1925-

Nascido no Canadá, Albert Bandura doutorou-se em 1952 na Universidade de Iowa e foi fazer parte do corpo docente de Stanford. A partir do início dos anos 60, ele propôs uma versão do comportamentalismo inicialmente definida como abordagem sócio-comportamentalista, mas depois denominada teoria cognitiva social (Bandura, 1986).

A Teoria Cognitiva Social

A teoria cognitiva social de Bandura é uma forma de comportamentalismo menos extrema do que a de Skinner que reflete e reforça o impacto do interesse renovado pelos fatores cognitivos. A abordagem de Bandura permanece, mesmo assim, comportamentalista; sua)

288

pesquisa se concentra na observação do comportamento de sujeitos humanos em interação. Ele não usa a introspecção e enfatiza o papel do reforço na aquisição e modificação dos comportamentos.

Além de comportamental, o sistema de Bandura é cognitivo. Ele considera a influência em programas de reforço externo de processos de pensamento como crenças, expectativas e instruções. Ao ver de Bandura, as respostas comportamentais não são automaticamente suscitadas por estímulos externos à feição de um robô ou máquina. Em vez disso, as

reações a estímulos são auto-ativadas. Quando um reforço exterior altera o comportamento, ele o faz porque o indivíduo tem percepção consciente do que está sendo reforçado e antecipa o mesmo reforço por comportar-se outra vez da mesma maneira.

Embora concorde com Skinner que o comportamento humano pode modificar-se devido ao reforço, Bandura acredita, tendo demonstrado empiricamente, que virtualmente todo tipo de comportamento pode ser aprendido na ausência do reforço diretamente vivenciado. Nem sempre temos de vivenciar o reforço; podemos aprender por meio do reforço vicário, pela observação dos comportamentos e das conseqüências dos comportamentos de outras pessoas. Essa capacidade para aprender pelo exemplo e pelo reforço vicário supõe a aptidão de anteci par e avaliar conseqüências apenas observadas em outras pessoas e ainda não vivenciadas. Podemos regular e orientar o nosso comportamento visualizando ou imaginando conseqüências ainda não vivenciadas desse comportamento e tomando uma decisão consciente de nos comportarmos ou não da mesma maneira. Por conseguinte, não há uma ligação entre um estímulo e uma resposta, ou entre comportamento e reforço, como havia no caso do sistema de Skinner. Em vez disso, há um mecanismo mediador interposto entre os dois; esse mecanismo são os processos cognitivos da pessoa.

Podemos ver quão potentes são os processos cognitivos na abordagem de Bandura e de que maneira suas concepções diferem das de Skinner. Por exemplo, para Bandura não é o programa concreto de reforço que tem eficácia na modificação do comportamento, mas sim aquilo que a pessoa pensa que o programa é. Em vez de aprendermos pela vivência direta do reforço, aprendemos por meio da modelagem, observando outras pessoas e estabelecendo os padrões do nosso comportamento com base no delas. Segundo Skinner, quem controla os reforços controla o comportamento; na concepção de Bandura, quem controla os modelos de uma sociedade controla o comportamento. Bandura fez amplas pesquisas sobre as características dos modelos que podem influenciar o nosso comportamento.

A abordagem de Bandura é também um tipo social de teoria da aprendizagem, pois estuda o comportamento tal como é formado e modificado em situações sociais, ou seja, na interação com outras pessoas. Bandura criticou a ênfase de Skinner em estudar apenas sujeitos individuais, e principalmente ratos e pombos, em vez de sujeitos humanos interagindo uns com os outros. Bandura acredita que a psicologia não pode esperar que descobertas de pesquisas que não envolvam interações sociais sejam relevantes no mundo moderno. Poucas pessoas agem em isolamento social ou escapam à presença dos outros.

A Auto-Eficácia

Bandura realizou consideráveis pesquisas sobre a auto-eficácia, descrita como o nosso sentido de auto-estima ou de valor próprio, nossa sensação de adequação e eficiência em tratar dos problemas da vida. Sua obra mostrou que pessoas de auto-eficácia elevada acreditam que são capazes de lidar com todos os eventos de sua vida; elas esperam superar obstáculos e, como resultado, buscam desafios, perseveram e mantêm um alto nível de confiança em sua aptidão para ter êxito. Em contraste, pessoas de pequena auto-eficácia sentem-se impotentes e sem esperança em termos de se haver com os eventos da vida e acreditam ter pouca ou

nenhuma capacidade de influenciar as condições ou situações que as afetam. Quando deparam com problemas, é provável que essas pessoas desistam de tentar resolvê-los se seus esforços iniciais fracassarem. Para elas, nada do que está em seu poder faz alguma diferença.

Pesquisas demonstraram que essas crenças podem afetar muitos aspectos do funcionamento humano, incluindo a escolha da carreira, a persistência em procurar o emprego certo, a excelência com que realizamos o nosso trabalho e muitos elementos vinculados com a nossa saúde física e mental.

A Modificação do Comportamento

O alvo de Bandura ao desenvolver sua abordagem cognitiva social do comportamentalismo foi prático e aplicado: mudar ou modificar comportamentos que a sociedade considera anormais ou indesejáveis. Ele raciocinou que, se todo comportamento, incluindo o anormal, é aprendido por meio da observação dos outros e da modelagem, então o comportamento pode ser reaprendido ou alterado da mesma maneira. Tal como Skinner, Bandura concentra-se nos aspectos externos da anormalidade — o comportamento —, e não em supostos conflitos conscientes ou inconscientes interiores. Assim, considera-se que tratar o sintoma é tratar o distúrbio, pois eles são a mesma coisa.

A modelação é usada para modificar o comportamento levando os sujeitos a observarem um modelo numa situação que consideram assustadora ou causadora de ansiedade. Por exemplo, crianças que temem cães observam outra criança de sua idade aproximando-se de um cachorro e brincando com ele. Olhando de uma distância segura, os sujeitos observam o modelo fazer movimentos progressivamente mais próximos e mais ousados na direção do cachorro. O modelo pode afagar o cachorro através das barras de um cercado e depois entrar no cercado para brincar alegremente com o cão. Como resultado dessa aprendizagem observacional, o medo da criança se reduz pronunciadamente.

Numa variação dessa técnica, os sujeitos primeiro observam modelos brincar com o objeto temido, como uma cobra, e então fazem eles mesmos movimentos progressivamente mais próximos do objeto, terminando por tocá-lo e manipulá-lo.

A forma de terapia comportamental de Bandura tem imensa popularidade e tem sido corroborada por centenas de estudos experimentais. Ela tem se mostrado eficaz na eliminação de fobias com relação a cobras, espaços fechados, espaços abertos e lugares altos e no tratamento de distúrbios obsessivo-compulsivos, disfunções sexuais e algumas formas de ansiedade. A técnica também se mostrou útil no aumento da auto-eficácia, sendo aplicada amplamente em situações de sala de aula e na indústria.

Comportamentalistas radicais têm lançado críticas à abordagem cognitiva social do comportamentalismo, afirmando que processos cognitivos como crença e antecipação não têm efeito causal sobre o comportamento. “É divertido”, comentou Bandura, “ver comportamentalistas que afirmam que os pensamentos não têm influência causal, dedicando um considerável tempo a pronunciamentos, artigos e livros, num esforço para converter as crenças das pessoas ao seu modo de pensar” (Evans, 1989, p. 83).

A abordagem de Bandura obteve em termos gerais um alto grau de aceitação na psicologia como forma efetiva de estudar o comportamento no laboratório e de modificá-lo na clínica.

Suas contribuições à psicologia contemporânea foram reconhecidas pelos colegas. Ele foi presidente da APA em 1974 e recebeu em 1980 o Distinguished Scientific Contribution Award da Associação. Sua teoria e a terapia da modelagem dela derivada são congruentes com a tendência funcional e prática de boa parte da psicologia americana do século XX. Sua obra é altamente objetiva, suscetível de métodos laboratoriais precisos, respondendo ao clima

290

intelectual corrente da psicologia em seu reconhecimento de variáveis cognitivas internas, e é aplicável a questões do mundo real. Para muitos psicólogos, ela representa uma das mais estimulantes e produtivas inovações na longa história do comportamentalismo.

Julian Rotter (1916-

Julian Rotter foi criado no Brooklyn, Nova York, e descobriu as obras de Sigmund Freud e Alfred Adler na escola secundária, tendo decidido na época que queria ser psicólogo. Havia então poucos empregos para psicólogos, durante a Grande Depressão, e ele escolheu como área de concentração, no Brooklyn College, a química. Enquanto estava lá, conheceu Adler e, a conselho de dois professores, finalmente foi para a psicologia, muito embora isso não parecesse prático. Doutorou-se em 1941 na Universidade Indiana e foi trabalhar num hospital público de saúde mental em Connecticut. Foi psicólogo do exército durante a Segunda Guerra Mundial, deu aulas na Universidade Estadual de Ohio até 1963, tendo ido então para a Universidade de Connecticut.

Os Processos Cognitivos e o Centro de Controle

Rotter foi o primeiro a usar o termo teoria da aprendizagem social. Ele desenvolveu uma abordagem cognitiva do comportamentalismo que, tal como a de Bandura, invoca a existência de experiências subjetivas interiores. Assim, seu comportamentalismo (mais uma vez, tal como o de Bandura) é menos extremo que o de Skinner. Ele criticou Skinner por estudar sujeitos individuais isolados, afirmando que aprendemos o nosso comportamento, primordialmente, em experiências e interações sociais. A abordagem de Rotter se apóia em pesquisas de laboratório rigorosas e bem controladas, da espécie típica do movimento comportamentalista, e ele só estuda sujeitos humanos em interação social.

O sistema de Rotter trata dos processos cognitivos de modo mais amplo do que o de Bandura. Sua posição é de que sempre percebemos a nós mesmos como seres conscientes capazes de influenciar as experiências que nos afetam a vida. Tanto os estímulos externos como o reforço que eles propiciam podem afetar o comportamento humano, mas a natureza e a amplitude de sua influência sempre são mediadas por fatores cognitivos (Rotter, 1982).

Foram propostos quatro princípios cognitivos. (1) Possuímos uma expectativa subjetiva acerca do desfecho ou resultado do nosso comportamento em termos da quantidade e do tipo de reforço que tem probabilidades de vir. (2) Formamos estimativas da probabilidade de que um comportamento particular leve a um certo reforço, e regulamos ou ajustamos nosso comportamento de acordo com isso: (3) Atribuímos diferentes valores ou graus de importância a diferentes reforços, e julgamos ou avaliamos seu valor relativo em diferentes situações. (4) Como funcionamos em diferentes ambientes psicológicos peculiares a nós como indivíduos, o mesmo reforço pode ter diferentes valores para diferentes pessoas.

Logo, nossas expectativas e experiências subjetivas, que são estados cognitivos internos, determinam os efeitos que diferentes experiências externas têm sobre nós.

A teoria de Rotter também se ocupa das nossas crenças acerca da fonte de controle do nosso reforço. Sua pesquisa demonstrou que algumas pessoas acreditam que o reforço depende do seu próprio comportamento; diz-se que elas têm um centro de controle interno. Outras pessoas crêem que o reforço depende de forças exteriores; afirma-se que elas têm um centro de controle externo.

Essas duas fontes de controle exercem influências distintas sobre o comportamento humano. Pessoas de centro de controle externo pensam que suas aptidões e respostas pouca diferença fazem em termos dos reforços que recebem, motivo pelo qual não tentam muito)

291

melhorar ou mudar sua própria situação. Pessoas de centro de controle interno acham que estão no comando de sua vida e se comportam de acordo com isso.

A teoria da aprendizagem social de Rotter atraiu um grande e leal grupo de seguidores de orientação primordialmente experimental que aceitam a importância das variáveis cognitivas como influências sobre o comportamento. Sua pesquisa é considerada tão rigorosa e bem controlada quanto o permite o seu objeto de estudo, tendo Rotter definido seus conceitos com um grau de precisão que os torna passíveis de verificação experimental. Há um imenso número de estudos, em especial acerca da questão do centro de controle interno/externo, que sustentam sua abordagem cognitiva do comportamentalismo.

Comentário

Embora o desafio cognitivo ao comportamentalismo a partir de dentro tenha conseguido modificar o movimento comportamentalista que acompanhamos de Watson a Skinner, é impor tante lembrar que Bandura, Rotter e outros neo-neocomportamentalistas adeptos da abordagem cognitiva continuam a se considerar comportamentalistas. O comportamento permanece sendo seu foco teórico e o objeto de suas pesquisas. Deve-se notar, no entanto, que a obra dos neo neocomportamentalistas modificou a natureza do comportamentalismo na psicologia americana atual.

Um núcleo leal de skinnerianos permanece ativo na tradição comportamentalista radical promovida por Skinner, mas sua popularidade e influência alcançaram um ponto de estagnação na década de 80, e o declínio do sistema pode muito bem ter sido apressado pela morte de Skinner em 1990. Em 1987, Skinner admitiu que sua forma de psicologia comportamentalista estava perdendo terreno e que a abordagem cogriitiva estava em ascensão (Goleman, 1987). Outros estudiosos contemporâneos concordam, observando que o comportamentalismo skinne riano “perdeu a preferência entre a maioria dos profissionais ativos no campo... Cada vez menos pesquisadores das principais universidades se consideram hoje comportamentalistas no sentido tradicional. Com efeito, costuma-se fazer referência ao ‘comportamentalismo’ no tempo passado” (Baars, 1986, pp. viii, 1).

O comportamentalismo que permanece intacto e vívido na psicologia de hoje — e que é especialmente visível na psicologia aplicada, onde as técnicas de modificação do comporta

mento são populares — tem uma forma distinta da promovida nas décadas entre o manifesto de 1913 de Watson e a recente morte de Skinner. Tal como ocorre com todos os movimentos evolutivos da ciência e da natureza, a espécie continua a se desenvolver. Nesse sentido, o comportamentalismo sobrevive no espírito, embora não na letra original, da sua intenção.

Sugestões de Leitura

Neocomportamentalistas

Bergmann, G. & Spence, K. W., ‘Operationism and theory in psychology’, *Psychological Review*, n

48, pp. 1-14, 1941. Descreve algumas das dificuldades envolvidas no uso do operacionismo e avalia

a teoria de Hull no contexto desses problemas.

(Guthrie, E. R., *The Psychology of Learning* (ed. rev.), Nova York, Harper, 1952. Apresenta um referencial comportamentalista para o estudo de tópicos de interesse para os teóricos da aprendizagem.

Tolman, E. C., ‘A new formula for behaviorism’, *Psychological Review*, a 29, pp. 44-53, 1922. Sugere

que uma abordagem menos fisiológica do comportamentalismo permite que os psicólogos se ocupem

de modo mais abrangente de tópicos como motivação e emoção.

B. F. Skinner

Benjamin, L. T., Jr., ‘A history of teaching machines’, *American Psychologist*, n 43, pp. 703-712,

1988. Descreve o trabalho pioneiro de Sidney Pressey nos anos 20 com artefatos de ensino para

292

salas de aula, três décadas antes de B. F. Skinner ter desenvolvido sua máquina de ensinar. Discute a popularidade dessas máquinas nos anos 60 e sua eventual substituição por computadores pessoais.

Elms, A. C., ‘Skinner’s dark year and Warden Two’, *American Psychologist*, n 36, pp. 470-479, 1981. Sugere que Skinner sofreu uma crise de identidade em sua juventude quando fracassou como escritor e que o seu romance foi escrito como uma forma de autoterapia quando questões de identidade voltaram a ter importância fundamental para ele na meia-idade.

Skinner, B. F., *Science and Human Behavior*, Nova York, Free Press, 1953. Apresenta as minúcias da abordagem de Skinner da análise científica do comportamento humano; discute os reflexos condicionados, o comportamento operante, a punição, o ambiente de controle e o autocontrole, bem como implicações dos princípios comportamentalistas para o governo, a religião e a educação.

Skinner, B. F., *Beyond Freedom and Dignity*, Nova York, Knopf, 1971. Trata de questões sociais amplas,

afirmando que, se desejamos obter o máximo de liberdade e de dignidade, temos de modificar o

nosso ambiente físico, social e cultural.

Skinner, B. F., *Particulars of My Life*, 1976; *The Shaping of a Behaviorist*, 1979; *A Matter of Consequences* 1983, Nova York, Knopf. A copiosa e detalhada autobiografia de Skinner em três volumes.

Skinner, B. F., *Upon Further Reflection*, Englewood Cliffs, Nova Jersey, Prentice-Hall, 1987. Coletânea

de ensaios sobre tópicos tão diversos quanto a psicologia cognitiva, a evolução do comportamento

verbal, o sistema educacional americano e a auto-administração na velhice.

Teóricos da Aprendizagem Social

Bandura, A., *Albert Bandura*, iii R. L. Evans (Org.), *The Making of Psychology: Discussions with*

Creative Contributors, Nova York, Knopf, 1976. Entrevistas com Bandura sobre sua vida e trabalho.

Bandura, A., *Social Foundations of Thought and Action: A Social Cognitive Theory*, Englewood Cliffs,

Nova Jersey, Prentice-Hall, 1986. Apresenta a teoria da natureza humana formulada por Bandura,

ênfatizando a auto-regulação do comportamento.

Rotter, J. B., *The Development and Applications of Social Learning Theory: Selected Papers*, Nova York,

Praeger, 1982. Sobre o desenvolvimento da teoria de Rotter e sua aplicação a problemas de psicologia clínica, da personalidade e social; inclui um breve esboço autobiográfico.

293

12

A Psicologia da Gestalt

Reprodução de Texto Original sobre a Psicologia

da Gestalt: Trecho de Gestalt Theory,

de Max Wertheimer

Introdução

Os Princípios Gestaltistas da Aprendizagem A Mentalidade dos Macacos

O Pensamento Produtivo em Seres Humanos

O Princípio do Isomorfismo

A Expansão da Psicologia da Gestalt

Acompanhamos o desenvolvimento da psicologia, das idéias iniciais de Wilhelni Wundt e de sua elaboração por E. B. Titchener à disseminação do comportamentalismo de Watson e Skinner, incluindo o desafio cognitivo no interior desse movimento, passando pelo desenvolvimento da escola funcionalista de pensamento. Enquanto essas idéias se formavam nos Estados Unidos, a revolução da Gestalt ia acontecendo na Alemanha. Tratava-se de mais um protesto contra a psicologia wundtiana, um testemunho adicional da importância das idéias de Wundt como inspiração para pontos de vista opostos e como base efetiva a partir da qual lançar novos sistemas de psicologia.

Em seu ataque à instituição wundtiana, a rebelião gestaltista teve como foco primordial um dos aspectos da obra de Wundt: seu atomismo ou elementarismo. Os psicólogos gestaltistas consideravam o pressuposto wundtiano da condição fundamental dos elementos sensoriais e fizeram disso o alvo de sua oposição. “Estávamos chocados”, escreveu Wolfgang Köhler, um dos fundadores da psicologia da Gestalt, “com a tese de que todos os fatos psicológicos... consistem em átomos inertes sem relação entre si e que as associações são praticamente os únicos fatores que combinam esses átomos e introduzem a ação” (K 1959, p. 728).

Para compreender a natureza da revolução gestaltista, temos de voltar a mais ou menos 1912, o ano descrito como “época de dificuldades” para a velha abordagem da psicologia, o de

E

s,

12

A Psicologia da Gestalt

Introdução

Influências Antecedentes sobre a Psicologia da Gestalt

A Fundação da Psicologia da Gestalt

Max Wertheimer (1880-1943)

Kurt Koffka (1886-1941)

Wolfgang Köhler (1887-1967)

A Natureza da Revolta da Gestalt

A Teoria de Campo: Kurt Lewin (1890-1947)

Críticas à Psicologia da Gestalt

Contribuições da Psicologia da Gestalt

momento em que o comportamentalismo começava a atacar Wundt, Titchener e o funcionalismo. A pesquisa animal de Thorndike e Pavlov estivera em ascensão por uma década, a primeira formulação completa de sua posição fora feita por Thorndike nessa época, e a significação do reflexo condicionado de Pavlov para a psicologia estava em vias de ser reconhecida. Outra abordagem nova, a psicanálise, já tinha mais de dez anos.

O ataque dos gestaltistas à posição elementarista de Wundt foi simultânea, se bem que independente, ao movimento comportamentalista nos Estados Unidos. Ambas as escolas de pensamento começaram se opondo às mesmas idéias, mas chegariam a se opor uma à outra. Havia entre elas claras diferenças. Os psicólogos da Gestalt aceitavam o valor da consciência mas criticavam a tentativa de analisá-la em elementos; os comportamentalistas se recusavam até a reconhecer a existência da consciência para a psicologia.

Os psicólogos da Gestalt referiam-se à abordagem wundtiana (tal como a compreendiam) como a psicologia do “tijolo e argamassa”, querendo dizer com isso que os elementos (os tijolos) eram mantidos juntos pela argamassa do processo de associação. Eles afirmavam que, quando olhamos para fora de uma janela, vemos imediatamente as árvores e o céu, e não pretensos elementos sensoriais, como brilhos e matizes, que possam constituir a nossa percepção das árvores e do céu. Além disso, acusavam os wundtianos de afirmar que a nossa percepção dos objetos consiste apenas na acumulação ou soma de elementos em grupos ou coleções. Os psicólogos da Gestalt afirmavam que, quando os elementos sensoriais são combinados, forma-se algum novo padrão ou configuração. Juntemos algumas notas musicais e algo novo — uma melodia ou tom — surge da combinação, uma coisa que não existia em nenhum dos elementos individuais ou notas. Em termos sucintos: o todo é distinto da soma de suas partes. Deve-se observar, no entanto, que Wundt reconhecia esse ponto em sua doutrina da apercepção.

Para ilustrar a diferença entre as abordagens gestaltista e wundtiana da percepção, imagine que você é um sujeito num laboratório de psicologia da Alemanha perto de 1915. O

psicólogo encarregado lhe pergunta o que você está vendo na mesa. Você diz:

- Um livro.

— Sim, claro, é um livro .- ele concorda —, mas o que você de fato vê?

— O que você quer dizer com o que de fato vejo? — você pergunta, atônito. — Eu lhe disse que vejo um livro. É um pequeno livro de capa vermelha.

O psicólogo é persistente. — Qual é realmente a sua percepção? — ele insiste. — Descreva-a para mim com toda a exatidão que puder.

- Você quer dizer que não é um livro? De que se trata, alguma espécie de truque?

Há indícios de impaciência. — Sim, é um livro. Não há nenhum truque. Eu só quero que você descreva para mim o que você vê exatamente, nem mais nem menos.

A essa altura, você já está todo desconfiado. — Bem, deste ângulo, a capa do livro parece um paralelogramo vermelho escuro — você diz.

— Sim — ele diz, satisfeito. — Sim, você está vendo uma mancha vermelha escura com a forma de um paralelogramo. E que mais?

— Há um rebordo branco acinzentado abaixo dela e outra linha tênue vermelha escura depois daquela. Sob o livro, vejo a mesa... — Ele se empertiga. — Ao redor do livro vejo algo parecido com um acastanhado escuro com barras onduladas de castanho mais claro correndo mais ou menos paralelas umas às outras.

- Muito bem, muito bem. - Ele lhe agradece pela cooperação.

Enquanto fica ali parado olhando o livro na mesa, você se sente um pouco embaraçado porque aquele camarada persistente conseguiu levá-lo a semelhante análise. Ele fez você ficar tão

cauteloso que você já não tinha nenhuma certeza do que realmente via e do que apenas pensava

295

que via... Em sua cautela, você começou a falar do que via em termos de sensações, quando apenas um momento antes tinha bastante certeza de perceber um livro sobre a mesa.

Seu devaneio é subitamente interrompido pelo aparecimento de um psicólogo que se parece vagamente com Wilhelrn Wundt. — Obrigado por ajudar a confirmar mais urna vez minha teoria da percepção. Você provou — diz ele — que o livro que vê não passa de um composto de sensações elementares. Quando estava tentando ser preciso e dizer exatamente o que viu de fato, você teve de falar em termos de manchas de cor, e não de objetos. As sensações de cor é que são primárias, e todo objeto visual pode ser reduzido a elas. Sua percepção do livro é construída a partir de sensações, do mesmo modo como uma molécula é construída a partir de átomos.

Esse pequeno discurso é, ao que parece, um sinal para a batalha começar. — É um absurdo!

— grita uma voz do extremo oposto da sala — um absurdo! Qualquer idiota sabe que o livro é o fato primário, imediato, direto, incontestável e perceptível!

O psicólogo que nos olha agora tem uma ligeira semelhança com William James, mas parece ter sotaque alemão, e o seu rosto tem um ar tão furioso que você não pode ter certeza. — Essa redução de uma percepção a sensações de que vocês não param de falar não passa de jogo intelectual. Um objeto não é apenas um grupo de sensações. Qualquer pessoa que ande por aí vendo manchas vermelhas escuras quando devia ver livros está doente!

Como a batalha começa a ficar acalorada, você fecha a porta bem devagar e foge dali. Você teve o que queria, um exemplo de que há duas atitudes diferentes, dois modos distintos de falar

sobre a informação que os nossos sentidos fornecem (Miller, 1962, pp. 103

Os psicólogos gestaltistas acreditam que há mais coisas na percepção do que vêem os nossos olhos, que a nossa percepção vai além dos elementos sensoriais, dos dados físicos básicos fornecidos pelos órgãos dos sentidos.

Influências Antecedentes Sobre a Psicologia da Gestalt

Tal como ocorre com todos os movimentos, as idéias do protesto gestaltista têm seus antecedentes históricos. A base dessa posição, seu foco na unidade da percepção, pode ser encontrada na obra do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804). Esse homem eminente, que nunca se aventurou a se afastar mais de noventa quilômetros de sua terra natal, dominou o pensamento filosófico por mais de uma geração. Embora menos ampla do que a sua contribuição à filosofia, a que ele deu à psicologia tem importância.

Kant influenciou a psicologia graças à sua ênfase na unidade de um ato perceptivo. Ele afirmava que, quando percebemos o que denominamos objetos, deparamos com estados mentais que poderiam parecer compostos de pedaços de fragmentos; esses são os elementos sensoriais de que os empiristas e associacionistas britânicos se ocupavam. Contudo, esses elementos são organizados significativamente a priori, e não por meio de algum processo mecânico de associação. A mente, no processo de percepção, forma ou cria uma experiência unitária.

Segundo Kant, a percepção não é uma impressão e combinação passiva de elementos sensoriais, como afirmava a escola britânica, mas uma organização ativa desses elementos numa experiência coerente. Logo, a mente confere forma e organização ao material bruto da percepção. Essa posição se opõe à doutrina da associação. Para Kant, algumas das formas que a mente impõe à experiência são inatas (como o espaço, o tempo e a causalidade), no sentido de não serem derivadas da experiência, mas existirem na mente como intuitivamente cognoscíveis.

O psicólogo Franz Brentano (1838-1917), da Universidade de Viena, se opôs ao foco de Wundt sobre os elementos ou conteúdo da experiência consciente, tendo proposto que e

* Extraído das págs. 103-105 de *Psychology*, de George A. Miller. Copyright 1962 de George A. Mifflin Reproduzido com permissão de Harper & Row, Publishers, Inc.

296

psicologia estudasse, em vez disso, o processo ou ato da experiência (Capítulo 4). Assim sendo, ele foi um precursor do movimento gestaltista formal. Ele considerava a introspecção wundtiana artificial, favorecendo uma observação menos rígida e mais direta da experiência tal como ela ocorre, mais ou menos como o método ulterior da Gestalt.

Ernst Mach (1839-1916), professor de física da Universidade de Praga, exerceu uma influência mais direta sobre a revolução da Gestalt. Em seu livro *The Analysis of Sensations* (A Análise das Sensações), de 1885, Mach escreveu sobre sensações da forma do espaço e da forma do tempo. Ele considerou os padrões espaciais como figuras geométricas e os padrões temporais como melodias sensoriais. Essas sensações da forma do espaço e da forma do tempo independiam dos seus elementos. Por exemplo, a forma do espaço de um círculo poderia ser branca ou preta, grande ou pequena, e nada perder de sua qualidade elementar de circularidade.

Mach afirmava que nossa percepção visual ou auditiva de um objeto não muda mesmo que modifiquemos nossa orientação espacial com relação a ele. Uma mesa permanece como tal em nossa percepção quer a olhemos de lado, de cima ou de um dado ângulo. Do mesmo modo, uma série de sons permanece a mesma na nossa percepção ainda quando sua forma do tempo é modificada, isto é, quando ela é tocada mais rápida ou mais devagar.

As idéias de Mach foram ampliadas por Christian von Ehrenfels (1859-1932), que trabalhava em Viena e (3raz. Ele sugeriu que há qualidades da experiência que não podem ser explicadas em termos de combinações de sensações. Ele denominou essas qualidades Gestalt qualitäten (qualidades configuracionais), percepções baseadas em algo que vai além das sensações individuais. Uma melodia, por exemplo, é uma qualidade configuracional porque soa da mesma maneira inclusive quando transposta para tonalidades diferentes. Assim, a melodia independe das sensações particulares de que é composta. Para Ehrenfels e a escola austríaca da Gestalt qualit. instalada em Oraz, a própria configuração era um elemento (se bem que não uma sensação), um novo elemento criado pela ação da mente sobre os elementos sensoriais. Logo, a mente configura a partir de sensações elementares.

Embora seguissem as linhas que viriam a ser conhecidas como psicologia da Gestalt, Mach e Ehrenfels se desviaram um pouco da posição elementarista ortodoxa. Em vez de se oporem à noção de elementarismo, como os gestaltistas mais tarde fariam, eles apenas acrescentaram a configuração como um novo elemento. Ainda que criticassem a mesma posição criticada pelos psicólogos da Gestalt, eles davam uma solução diferente. Mesmo assim, Ehrenfels em particular teve um certo impacto sobre o movimento da Gestalt. Max Wertheimer, um dos fundadores, estudou com ele em Praga. No artigo de Wertheimer reproduzido neste capítulo, ele observou que o impulso mais importante para o movimento da Gestalt veio da obra de Ehrenfels.

William James, adversário do elementarismo psicológico, também foi precursor da Gestalt. Ele considerava os elementos da consciência abstrações artificiais e enfatizou que vemos objetos como um todo, e não como feixes de sensações.

Outra influência antecedente é o movimento fenomenológico na psicologia e na filosofia alemãs. Metodologicamente, a fenomenologia se refere a uma descrição imparcial da experiência imediata tal como ela ocorre. É uma observação não corrigida em que a experiência não é analisada em elementos nem abstraída artificialmente de alguma outra maneira. A fenomenologia envolve a experiência quase ingênua do senso comum, e não a experiência relatada por um introspector treinado que segue uma orientação sistemática particular.

Um grupo de psicólogos fenomenológicos trabalhou no laboratório de G. E. Müller na Universidade do Gießen, Alemanha, entre 1909 e 1915, período em que o movimento da Gestalt estava em seus primórdios. Esses psicólogos, incluindo Erich R. Jaensch, David Katz e Edgar Rubin, fizeram extensas pesquisas fenomenológicas. Seu trabalho antecipou a escola de pensamento formal da Gestalt, que adotou sua abordagem.

297

Não se pode deixar de lado, entre as influências antecedentes da Gestalt, o Zeitgeist, particularmente o clima intelectual da física. Nas últimas décadas do século XIX, essa disciplina tornava-se menos atomista à medida que os físicos iam reconhecendo e aceitando noção de campos de força (regiões ou espaços cruzados por linhas de força, como as geradas por uma corrente elétrica ou um ímã).

O exemplo clássico dessa nova direção na física é o magnetismo, uma propriedade ou qualidade que parecia difícil de definir ou compreender em termos tradicionais galileunianos. Por exemplo, quando se agita limalha de ferro numa folha de papel apoiada no topo de um ímã, a limalha se organiza segundo um padrão característico. Os fragmentos

não tocam no ímã, mas são evidentemente afetados pelo campo de força que está ao seu redor. Considerava-se que a luz e a eletricidade operavam de maneira semelhante. Considerava-se que esses campos de força eram dotados das propriedades de extensão e de padrão ou configuração espaciais. Em outras palavras, eles eram considerados novas entidades estruturais, e não o somatório dos efeitos de elementos ou partículas individuais.

Assim, a noção de atomismo ou elementarismo, que tivera tanta influência no estabelecimento da nova ciência da psicologia, estava sendo reconsiderada na física. Os físicos estavam começando a pensar em termos de campos ou todos orgânicos, um conceito compatível com a psicologia da Gestalt. As mudanças oferecidas à psicologia pelos psicólogos da Gestalt refletiam as mudanças na física da época, pois os psicólogos se esforçavam outra vez para acompanhar as antigas e bem estabelecidas ciências naturais.

O impacto sobre a psicologia dessa alteração de ênfase na física surgiu em termos pessoais. Wolfgang Köhler tinha uma sólida formação em física e tinha estudado com Max Planck, um dos arquitetos da física moderna. Köhler escreveu que foi devido à influência de Planck que ele começou a perceber um vínculo entre a física dos campos e a ênfase da Gestalt no todo. Ele viu na física uma crescente relutância em continuar a tratar de elementos como átomos e moléculas e a tendência a se concentrar em sistemas mais amplos ou campos. Ele afirmou que “desde então, a psicologia da Gestalt se tornou uma espécie de aplicação da física dos campos a partes essenciais da psicologia” (K 1969, p. 77).

O fundador do comportamentalismo, John B. Watson, em contrapartida, ao que parece não tinha conhecimento da nova física, e continuou a desenvolver uma abordagem reducionista da psicologia que se concentrava em elementos — os elementos de comportamento —, concepção compatível com os princípios da antiga física atomística.

A Fundação da Psicologia da Gestalt

O movimento formal conhecido como psicologia da Gestalt surgiu de uma pesquisa feita em 1910 por Max Wertheimer. Durante as férias, quando viajava num trem, Wertheimer teve a idéia de fazer uma experiência sobre a visão do movimento quando nenhum movimento real tinha ocorrido. Abandonando prontamente seus alunos de férias, ele desceu do trem em Frankfurt, comprou um estroboscópio de brinquedo,* e verificou a idéia que lhe ocorrera, de modo preliminar, num quarto de hotel. Mais tarde, fez pesquisas mais formais na Universidade de Frankfurt, que lhe forneceu um taquistoscópio. Dois outros jovens psicólogos, Kurt Koffka e Wolfgang Köhler, que tinham sido alunos da Universidade de Berlim, também estavam em Frankfurt. Logo depois, eles se engajaram numa cruzada comum.

O problema de pesquisa de Wertheimer, em que Koffka e K serviram de sujeitos,

* o estroboscópio, inventado uns oitenta anos antes por J. Plateau, era um precursor da câmera de cinema. É um instn que projeta rapidamente uma série de quadros diferentes no olho, produzindo movimento aparente.

298

envolia a percepção do movimento aparente, isto é, a percepção do movimento quando nenhum movimento físico real tinha acontecido. Wertheimer se referia ao fenômeno como a ‘impressão de movimento’ (Seaman. 1984, p. 3). Usando o taquistoscópio, Wertheimer projetou luz por duas ranhuras, uma vertical e a outra a vinte ou trinta graus da vertical. Se

a luz era mostrada primeiro por uma ranhura e depois pela outra, com um intervalo relativamente longo (mais de 200 milissegundos), os sujeitos viam o que pareciam ser duas luzes sucessivas, primeiro uma luz numa ranhura e então uma luz na outra. Quando o intervalo entre as luzes era menor, os sujeitos viam o que pareciam ser duas luzes contínuas. Com um intervalo de tempo ótimo (cerca de 60 milissegundos) entre as luzes, os sujeitos viam uma única linha de luz que parecia mover-se de uma ranhura para a outra e na direção inversa.

Essas descobertas podem parecer triviais. Os cientistas há anos conheciam o fenômeno, e ele podia até ser considerado uma questão de senso comum. Contudo, de acordo com a posição então prevalecente na psicologia, a de Wuridt, toda experiência consciente podia ser analisada em seus elementos sensoriais. E, no entanto, poderia essa percepção do movimento aparente ser explicada em termos de um somatório de elementos sensoriais individuais, que eram apenas duas ranhuras estacionárias de luz? Poderia um estímulo estacionário ser acrescido a outro para produzir uma sensação de movimento? Não; e esse era precisamente o ponto central da demonstração brilhantemente simples de Wertheimer: o fenômeno desafiava a explicação pelo sistema wundtiano.

Wertheimer acreditava que o fenômeno que verificara em seu laboratório era, à sua maneira, tão elementar quanto uma sensação, embora diferisse evidentemente de uma sensação ou mesmo de uma sucessão de sensações. Ele deu ao fenômeno um nome adequado à sua natureza peculiar: fenômeno phi. E como ele explicava o fenômeno phi quando a psicologia tradicional da época não o podia? Sua resposta era tão simples e engenhosa quanto a experiência de verificação: o movimento aparente não precisava de explicação; ele existia tal como era percebido, não podendo ser reduzido a nada mais simples.

De acordo com Wundt, a introspecção do estímulo produziria duas linhas sucessivas e nada mais; contudo, por mais rigorosamente que se pudesse fazer a introspecção das duas exposições da luz, a experiência de uma única linha em movimento persistia. Quaisquer tentativas de análise adicional fracassavam. O todo (o movimento aparente da linha) diferia da soma de suas partes (as duas linhas estacionárias). A psicologia associacionista-atomista tradicional, dominante há tantos anos, fora desafiada, e a esse desafio ela não podia responder. Wertheimer publicou os resultados de sua pesquisa em 1912 em “Estudos Experimentais da Percepção do Movimento”, artigo considerado o marco do começo da escola de pensamento da psicologia da Gestalt.

Max Wertheimer (1880-1943)

Nascido em Praga, Max Wertheimer frequentou o Liceu local até os dezoito anos e depois estudou Direito por alguns anos na Universidade de Praga. Passou para a filosofia, assistiu a palestras de Ehrenfels, e mais tarde foi para a Universidade de Berlim estudar filosofia e psicologia. Doutorou-se em 1904 na Universidade de Würzburg, sob a direção de Oswald Külpe, no auge da controvérsia sobre o pensamento sem imagens. Entre 1904 e 1910, Wertheimer passou algum tempo nas universidades de Praga, Viena e Berlim antes de se estabelecer na Universidade de Frankfurt. Ali, fez pesquisas e conferências por vários anos, tomando-se professor em 1929. Durante a Primeira Guerra, fez pesquisas militares sobre dispositivos de escuta para submarinos e fortificações portuárias.

Wertheimer era o mais velho dos três primeiros psicólogos da Gestalt e o líder intelectual

do movimento. (Embora Koffka e Kchler tenham servido para promover a posição proeminente

299

de Wertheimer, cada qual foi influente por direito próprio, como veremos.) Wertheimer produziu importantes artigos sobre o pensamento criativo e sobre agrupamento perceptivo.

Em 1921, os três colegas, assistidos por Kurt Goldstein e Hans Gruhle, fundaram a revista *Psychologische Forschung* (Pesquisa Psicológica), que se tomou o órgão oficial da escola da Gestalt. Vinte e dois volumes foram publicados antes de ela ser suspensa em 1938 pelo regime nazista; a publicação foi retomada em 1949 (Scheere, 1988).

Wertheimer fazia parte do primeiro grupo de estudiosos refugiados a fugir da Alemanha nazista, tendo chegado a Nova York em 1933. Associou-se à Nova Escola de Pesquisa Social,

onde ficou até morrer, em 1943. Seus anos nos Estados Unidos foram ativos, mas ele ficou

300

Com seu estudo da percepção do movimento aparente, Max Wertheimer iniciou o movimento conhecido por psicologia da Gestalt.

cada vez mais exausto devido ao ônus de adaptar-se a uma nova língua e a uma nova cultura. Seu programa de pesquisa foi informal, comunicado pessoalmente a amigos e colegas em reuniões profissionais.

Em seus últimos anos em Nova York, Wertheimer, ao que parece, causou forte impressão num jovem psicólogo americano, Abraham Maslow. Maslow ficou tão fascinado por Wertheimer que começou a estudar as características e qualidades do homem. Foi a partir dessas observações iniciais de Wertheimer (e da antropóloga Ruth Benedict) que Maslow desenvolveu seu conceito de self-actualization (auto-realização) (Capítulo 15).

Kurt Koffka (1886-1941)

Kurt Koffka foi provavelmente o mais inventivo dos fundadores da Gestalt. Estudou na Universidade de Berlim, a cidade onde nasceu, e desenvolveu pela ciência e pela filosofia um interesse que foi fortalecido pelo ano que passou na Universidade de Edimburgo, na Escócia. Retomando a Berlim, estudou psicologia com Carl Stumpf e se doutorou em 1909. No ano seguinte, iniciou sua longa e frutífera associação com Wertheimer e Köhler na Universidade de Frankfurt. Em 1911, aceitou um cargo na Universidade de Giessen, que ficava a uns sessenta quilômetros de Frankfurt, onde ficou até 1924. Durante a Primeira Guerra, trabalhou com pacientes lesionados cerebrais e afásicos numa clínica psiquiátrica.

Ao final da guerra, quando os psicólogos dos Estados Unidos começavam a tomar conhecimento de que uma nova escola de pensamento se desenvolvia na Alemanha, Koffka foi convencido a escrever um artigo para a revista americana *Psychological Bulletin*. Esse artigo, “A Percepção: Uma Introdução à Teoria da Gestalt” (Koffka, 1922), apresentava os conceitos básicos da escola e os resultados e as implicações de suas copiosas pesquisas. Embora tenha sido importante como primeira exposição formal da revolução da Gestalt aos psicólogos americanos, o artigo pode ter feito um desserviço à expansão do movimento. O título, “A Percepção”, deu início a um mal-entendido que paira até hoje, isto é, a idéia de

que a psicologia da Gestalt se ocupa exclusivamente da percepção, não tendo portanto relevância para outras áreas da psicologia.

Na realidade, a psicologia da Gestalt tinha uma preocupação mais ampla com problemas do pensamento e da aprendizagem:

O principal motivo pelo qual os primeiros psicólogos da Gestalt concentraram suas publicações sistemáticas na percepção foi o *Zeitgeist* a psicologia de Wundt, contra a qual se rebelaram os gestaltistas, obtivera boa parte do seu apoio de estudos sobre a sensação e a percepção, razão por que os psicólogos da Gestalt escolheram a percepção como arena a fim de atacar Wundt em sua própria fortaleza (Michael Wertheimer, 1979, p. 134).

Em 1921, Koffka publicou *O Desenvolvimento da Mente*, um livro sobre psicologia do desenvolvimento infantil que foi um sucesso na Alemanha e nos Estados Unidos. Ele foi à América como professor visitante da Universidade de Columbia e da Universidade de Wisconsin e, em 1927, foi nomeado professor do Smith College, de Northampton, Massachusetts, onde ficou até a sua morte, em 1941. Em 1935, publicou *Princípios de Psicologia da Gestalt*, livro extremamente difícil que não veio a ser o tratamento definitivo da psicologia da Gestalt, como ele pretendia.

Wolfgang Köhler (1887-1967)

Wolfgang Köhler, o mais jovem dos três, era o porta-voz do movimento. Seus livros, escritos com cuidado e precisão, tornaram-se as obras definitivas sobre vários aspectos da

301

psicologia da Gestalt. O seu treinamento em física com o notável Max Planck o persuadiu de que a psicologia tinha de aliar-se àquela ciência. Nascido na Estônia, Köhler tinha cinco anos quando sua família se mudou para o norte da Alemanha. Sua educação universitária foi em Tübingen, Bonn, e em Berlim, e ele recebeu seu doutorado sob a orientação de Carl Stumpf na Universidade de Berlim em 1909. Foi para a Universidade de Frankfurt, tendo chegado pouco antes de Wertheimer e do seu estroboscópio de brinquedo.

Em 1913, a convite da Academia Prussiana de Ciência, Köhler fez uma viagem para

302

Os escritos de Köhler atraíam a atenção dos psicólogos americanos para a escola gestaltista de psicologia.

Tenerife, nas Ilhas Canárias, na costa noroeste da África, para estudar chimpanzés. Seis meses depois de sua chegada, eclodiu a Primeira Guerra, e ele relata que não pôde partir, embora outros cidadãos alemães tenham conseguido voltar para casa nos anos de guerra. Um psicólogo sugeriu, com base em sua interpretação de novos dados da história, que Köhler pode ter sido um espião da Alemanha, e que suas instalações de pesquisa eram na verdade uma cobertura para as suas atividades de espionagem (Ley, 1990). Afirma-se que, no sótão de sua casa, ele escondera um potente rádio transmissor que usava para transmitir informações sobre os movimentos da marinha aliada. As provas que sustentam essa acusação são, no entanto, circunstanciais, tendo sido refutadas por historiadores e psicólogos gestaltistas.

Quer espião ou apenas um cientista retido pela guerra, K passou os sete anos seguintes estudando o comportamento em chimpanzés. Ele produziu o compêndio hoje clássico *A Mentalidade dos Macacos* em 1917; o livro teve uma segunda edição em 1924 e foi traduzido para o inglês e o francês.

Em 1920, Köhler voltou à Alemanha e, dois anos mais tarde, sucedeu Stumpf como professor de psicologia da Universidade de Berlim, onde ficou até 1935. A razão aparente de sua nomeação para esse cargo cobiçado foi a publicação em 1920 do livro *Gestalts Físicas Estáticas e Estacionárias*, que obteve consideráveis aplausos por seu alto grau de erudição.

A metade dos anos 20 foram difíceis na vida pessoal de Kohler. Ele se divorciou da esposa, desposou uma jovem estudante sueca e, a partir de então, perdeu o contato com os quatro filhos do primeiro casamento. Passou a ser acometido por um tremor nas mãos que se tornava mais perceptível quando seu estado de ânimo se tornava sombrio. Para avaliar seu humor, os assistentes de laboratório o observavam toda manhã para ver a intensidade do tremor. Ele era extremamente nervoso sempre que dava aulas, e nunca permitia visitantes na sala (Ley, 1990).

No ano acadêmico de 1925-1926, Köhler deu aulas em Harvard e em Clark nesta última, ensinou os alunos de pós-graduação a dançar o tango. Em 1929, publicou *Gestalt Psychology* (Psicologia da Gestalt), uma abrangente defesa do movimento gestaltista. Deixou a Alemanha nazista em 1935, devido a contínuos conflitos com o governo. Depois de falar contra as autoridades em suas aulas, sua sala foi invadida por uma gangue de nazistas. Ele escreveu uma corajosa carta antinazista para um jornal de Berlim, pois estava irritado com a dispensa de todos os professores judeus das universidades alemãs. Na tarde em que sua carta foi publicada, ele e alguns amigos esperaram calmamente em sua casa, tocando música de câmara, que a Gestapo fosse prendê-lo. A temida batida na porta nunca veio (Henle, 1978).

Depois de emigrar para os Estados Unidos, Köhler ensinou no Swarthmore College, na Pensilvânia, publicou vários livros e editou a revista gestaltista *Psychological Research*. Em 1956, recebeu o Distinguished Scientific Contribution Award da APA e, pouco depois, foi eleito seu presidente.

A Natureza da Revolta da Gestalt

Os princípios gestaltistas estavam em oposição direta a boa parte da tradição acadêmica da psicologia na Alemanha. O comportamentalismo fora uma revolta menos imediata contra Wundt e o estruturalismo porque o funcionalismo já tinha produzido algumas mudanças na psicologia americana. A revolta gestaltista na Alemanha não contou com nada que lhe prepa rasse o caminho dessa maneira. Os pronunciamentos dos psicólogos da Gestalt estavam bem próximos da heresia aos olhos da tradição alemã.

Os iniciadores do movimento perceberam que estavam atacando uma força rígida e poderosa, atingindo os fundamentos da psicologia tal como então definida. Assim como a

303

maioria dos revolucionários, os líderes da escola de pensamento da Gestalt exigiam uma completa revisão da velha ordem, quase como “missionários intelectuais difundindo um

novo evangelho” (Sokal, 1984, p. 1.257). Wolfgang Köhler escreveu que “Estávamos eufóricos com o que descobríamos e mais ainda com a perspectiva de descobrir mais fatos reveladores. Além disso, não era apenas a novidade estimulante do nosso empreendimento que nos inspi rava. Havia também uma grande sensação de alívio — como se estivéssemos escapando de uma prisão. A prisão era a psicologia tal como ensinada nas universidades quando ainda éramos alunos” (Köhler, 1959, p. 285).

304

Woffgang Kciliier, treinado em física, estudou a aprendizagem em chiznpanzés e veio a ser um proemi nente porta-voz do movimento gestaltista.

Depois do estudo da percepção do movimento aparente, os psicólogos gestaltistas esta vam ávidos para lançar mão de outros fenômenos da percepção para darem apoio à sua posição. A experiência das constâncias perceptivas lhes deu ampla corroboração. Por exem plo, quando estamos bem em frente de uma janela, uma imagem retangular é projetada na retina; contudo, quando nos colocamos mais para um lado e olhamos para a janela, a imagem retiniana se torna trapezóide, embora continuemos a perceber a janela como retangular. Nossa percepção da janela permanece constante, embora os dados sensoriais (as imagens projetadas na retina) tenham se modificado.

O mesmo ocorre com a consciência do brilho e do tamanho; os elementos sensoriais reais podem mudar, mas a nossa percepção é a mesma. Nesses casos, assim como com o movimento aparente, a experiência perceptiva tem uma qualidade de integralidade ou completude não encontrada em nenhuma de suas partes. Existe, pois, uma diferença entre o caráter da percep ção concreta e o da estimulação sensorial. A percepção não pode ser explicada simplesmente como uma reunião de elementos sensoriais nem como a mera soma das partes.

A percepção é uma totalidade, uma Gestalt, e toda tentativa de analisá-la ou de reduzi-la a elementos provoca a sua destruição:

Começar com elementos é começar pelo lado errado; porque os elementos são produtos da reflexão e da abstração remotamente derivados da experiência imediata que são chamados a explicar. A psicologia da Gestalt tenta voltar à percepção ingênua, à experiência imediata., e insiste que não encontra aí montagens de elementos, mas todos unificados; não massas de sensa ções, mas árvores, nuvens e o céu. E ela convida todos a verificar essa asserção com o simples ato de abrir os olhos e olhar para o mundo ao redor em seu modo cotidiano comum (Heidbreder, 1933, p. 331).

A palavra Gestalt causou consideráveis dificuldades porque não indica com clareza, ao contrário de funcionalismo ou comportamentalismo, o que o movimento representa. Além disso, não tem um equivalente exato em outras línguas. Vários equivalentes de uso comum são forma, totalidade morfológica e configuração, e o próprio termo Gestalt foi incorporado por outras línguas. Em seu livro Psicologia da Gestalt, de 1929, Köhler observou que a palavra é usada em alemão de duas maneiras. Um emprego denota a forma como propriedade dos objetos; nessa acepção, Gestalt refere-se a propriedades gerais que podem ser expressas por termos como angular ou simétrico, descrevendo características como a triangularidade nas figuras geométricas ou as seqüências de tempo numa melodia, O segundo uso denota um todo ou entidade concreta que tem como um de seus atributos uma

forma ou configuração específica. Nesse sentido, a palavra pode referir-se, por exemplo, aos triângulos, e não à noção de triangularidade. Assim, a palavra Gestalt pode servir de referência tanto a objetos como às formas características dos objetos.

Por outro lado, o termo não se restringe ao campo visual nem ao campo sensorial total. ‘Segundo a mais geral definição funcional do termo, os processos da aprendizagem, da recordação, dos impulsos, da atitude emocional, do pensamento, da ação, etc. podem ter de ser incluídos’ (Köhler, 1947, pp. 178-179). E é nesse sentido mais amplo da palavra que os psicólogos da Gestalt tentaram lidar com todo o campo da psicologia, como o vemos na palestra a seguir, feita por Max Wertheimer.

Reprodução de Texto Original sobre a Psicologia da Gestalt:

Trecho de Gestalt Theory, de Max Wertheimer

O material a seguir vem de uma palestra feita por Max Wertheimer na Sociedade Kant
305

em Berlim, Alemanha, em 17 de dezembro de 1924.* Falando de psicologia, filosofia e ciências sociais, Wertheimer assinalou as diferenças entre uma abordagem gestáltica ou total e uma abordagem que envolva a redução do objeto de estudo a elementos. Os pontos específicos discutidos incluem: (1) a definição básica de psicologia da Gestalt; (2) a abordagem wundtiana elementarista ou atomista da psicologia e a tentativa de Ehrenfels no sentido de acrescentar novos elementos; (3) exemplos da abordagem gestaltista das totalidades; (4) a natureza dos campos psicológicos, que são mais do que somas de sensações; e (5) a relação entre mente e corpo (os mundos espiritual e material) e a semelhança, em termos gestaltistas, entre os dois.

O que é a teoria da Gestalt e o que ela pretende?...

A “fórmula” fundamental da teoria da Gestalt poderia ser expressa da seguinte maneira:

existem totalidades, cujo comportamento não é determinado pelo dos seus elementos individuais, mas nos quais os processos parciais são eles mesmos determinados pela natureza intrínseca do todo. A teoria da Gestalt alimenta a esperança de determinar a natureza dessas totalidades.

Com essa fórmula, poderíamos terminar, pois a teoria da Gestalt não é nem mais nem menos do que isso. Ela não está interessada em decifrar as questões filosóficas que semelhante fórmula poderia sugerir. A teoria da Gestalt está voltada para a pesquisa concreta; ela não é somente um resultado, mas também um dispositivo; não é apenas uma teoria sobre resultados, mas um recurso para descobertas ulteriores. Não se trata tão-só de propor um ou mais problemas; trata-se também de tentar ver o que de fato está ocorrendo na ciência. Não é possível resolver esse problema relacionando possibilidades de sistematização, classificação e organização. Se o quisermos abordar realmente, devemos ser orientados pelo espírito do novo método e pela natureza concreta das próprias coisas que estamos estudando, dispondo-nos a penetrar naquilo que é efetivamente dado pela natureza...

Tudo o que posso esperar numa discussão tão breve é sugerir alguns problemas que no momento ocupam a atenção da teoria da Gestalt e algo do modo pelo qual eles estão sendo abordados.

Repetindo: o problema não se refere apenas ao trabalho científico — é um problema fundamental da nossa época. A teoria da Gestalt não é algo que nos caiu súbita e inesperadamente de cima; ela é, em vez disso, uma convergência palpável de problemas que envolvem todas as ciências e as várias concepções filosóficas dos tempos modernos.

Examinemos, por exemplo, um dado evento da história da psicologia. Alguém, a partir de uma experiência viva, recorreu à ciência e perguntou o que ela tinha a dizer acerca dessa experiência; a pessoa encontrou grande número de elementos, sensações, imagens, sentimentos, atos de vontade e leis que regem esses elementos — e lhe disseram: “Faça a sua escolha; reconstrua a partir deles a experiência que teve.” Esse procedimento criou dificuldades na pesquisa psicológica concreta e levou ao surgimento de problemas que desafiavam a solução pelos métodos analíticos tradicionais. Historicamente, o impulso mais importante veio de von Ehrenfels, que levantou o seguinte problema. A psicologia dissera que a experiência é um composto de elementos:

ouvimos uma melodia e, quando a ouvimos outra vez, a memória nos permite reconhecê-la. Mas o que será que nos permite reconhecer a melodia quando ela é tocada num novo tom? A soma dos elementos é diferente, mas a melodia é a mesma; na realidade, muitas vezes nem sequer percebemos que foi feita uma transposição.

Quando consideramos retrospectivamente a situação vigente, a nossa atenção é atraída por dois aspectos da tese de von Ehrenfels; de um lado, somos surpreendidos pelo caráter essencialmente somativo de sua teoria e, de outro, admiramos sua coragem em propor e defender sua posição. Estritamente interpretada, a proposição de Ehrenfels era: eu toco uma melodia familiar de seis tons e emprego seis novos tons; mas você reconhece a melodia, apesar da mudança. Tem de

* Extraído de Max Wertheimer, “Gestalt Theory”. In W. D. Ellis (Org.), *A Source Book of Gestalt Psychology*, Londres, Routledge & Kegan Paul, 1938; Nova York, Humanities Press, pp. 1-11.

306

haver alguma coisa mais do que a soma de seis tons, isto é, uma sétima alguma coisa, que é a qualidade da forma, a Gestalt-qualität, dos seis tons originais. É esse sétimo fator ou elemento que lhe permitiu reconhecer a melodia apesar da transposição.

Por mais estranha que possa parecer, essa concepção partilha com muitas outras hipóteses, mais tarde abandonadas, a honra de ter visto e enfatizado com clareza um problema fundamental.

Mas também foram propostas outras explicações. Uma delas afirmava que, além dos seis tons, havia intervalos — relações — e que esses intervalos é que permaneciam constantes. Em outras palavras, pedem-nos que suponhamos não somente elementos como também “relações-entre-elementos” como componentes adicionais do complexo total. Mas esse ponto de vista não deu conta do fenômeno porque, em alguns casos, também a relação pode ser alterada sem destruir a melodia original.

Outro tipo de explicação, também voltada para sustentar a hipótese elementarista, foi de que

contribuem para esse total de seis ou mais tons determinados * ‘processos superiores’ que operam

sobre o material dado a fim de “produzir” unidade.

Tal era a situação até que a teoria da Gestalt fez a pergunta radical: é de fato verdadeiro que, quando ouvimos uma melodia, temos uma soma de tons individuais (elementos) que constitui o fundamento essencial da nossa experiência? A verdade não será talvez o inverso disso? O que de fato temos, o que ouvimos de cada nota individual, o que experimentamos em cada ponto da melodia é uma parte determinada ela mesma pelo caráter do todo. Aquilo que a melodia nos dá não vem (mediante a influência de algum fator auxiliar) como um processo secundário da soma dos elementos como tais. Em vez disso, aquilo que acontece em cada parte individual já depende daquilo que é o todo. A carne e o sangue de um tom dependem desde o começo do papel desse tom na melodia... Faz parte da carne e do sangue das coisas dadas pela experiência (Gegebenheit), como, em que papel, e em que função elas estão no seu todo.

Deixemos o exemplo da melodia e voltemo-nos para outro campo. Examinemos o caso dos fenômenos de limiar. Há muito se afirma que um certo estímulo produz necessariamente uma certa sensação. Segue-se que, quando dois estímulos são suficientemente diferentes, as sensações também o serão. A psicologia está repleta de cuidadosas investigações acerca dos fenômenos de limiar. Para dar conta das dificuldades que se encontram constantemente, supõe-se que esses fenômenos têm de ser influenciados por funções mentais superiores, juízos, ilusões, atenção, etc. E isso continuou até que se levantasse a questão radical: é realmente verdadeiro que um estímulo específico sempre evoca a mesma sensação? Não será possível que as condições totais prevaleçam e determinem elas mesmas o efeito da estimulação? Essa espécie de formulação leva à experimentação, e as experiências mostram, por exemplo, que quando vejo duas cores, as sensações que tenho são determinadas pelas condições totais de toda a situação de estímulo. Logo, o mesmo padrão de estímulo físico local pode dar origem a uma figura unitária e homogênea ou a uma figura articulada com partes distintas, todas elas dependentes das condições totais que podem favorecer quer a unidade quer a articulação. Evidentemente, a tarefa consiste em investigar essas “condições totais” e descobrir que influências elas exercem sobre a experiência...

O nosso ponto seguinte é o fato de o meu campo compreender também o meu Ego. Não há, desde o início, um Ego em confronto com outros, mas a gênese de um Ego nos oferece um dos mais fascinantes problemas, cuja solução parece residir em princípios da Gestalt. Contudo, uma vez constituído, o Ego é uma parte funcional do campo total. Procedendo como antes, podemos, pois, perguntar: o que acontece com o Ego como parte do campo? Será o comportamento resultante o tipo de coisa fracionada que o associacionismo, a teoria da experiência e outras coisas parecidas nos fazem crer? Os resultados experimentais contrariam essa interpretação; e, mais uma vez, descobrimos com frequência que as leis dos processos totais que operam num tal campo tendem a um comportamento significativo de suas partes.

Esse campo não é uma soma de dados sensoriais, e nenhuma descrição dele que considere esses elementos separados primários será correta. Se fosse, para as crianças, os povos primitivos e os animais, a experiência não passaria de sensações fragmentadas. As criaturas

mais desenvol vidas do que aquelas teriam, além de sensações independentes, alguma coisa superior e assim por

307

diante. Mas esse quadro total é o oposto do que a pesquisa concreta revelou. Aprendemos a reconhecer as “sensações” dos nossos manuais como resultados de uma cultura ulterior profundamente distinta das experiências dos estágios mais primitivos. Quem experimenta a sensação de um vermelho específico nesse sentido? Aquilo a que o homem das ruas, as crianças ou os povos primitivos costumam ter acesso é alguma coisa colorida, mas, ao mesmo tempo, estimulante, alegre, forte ou comovente — não “sensações”.

O programa para tratar o organismo como parte de um campo mais amplo requer a reformulação do problema no que se refere à relação entre organismo e ambiente. A conexão estímulo-sensação tem de ser substituída por uma conexão entre a alteração nas condições do campo, a situação vital e a reação total do organismo por uma mudança em sua atitude, impulso e sentimento.

Há, no entanto, outro passo a ser considerado. Além de ser parte do seu campo, um homem é também um entre outros homens. Quando um grupo de pessoas trabalha junto, raramente ocorre, e, quando ocorre, só em condições muito especiais, que essas pessoas constituam uma mera soma de Egos independentes. Em vez disso, o empreendimento comum costuma tomar-se sua preocupação mútua, e cada uma delas trabalha como uma parte significativamente operante do todo. Considere mos um grupo de habitantes dos Mares do Sul engajados em alguma ocupação comunitária ou um grupo de crianças brincando. Apenas em circunstâncias muito particulares um “Eu” se destaca sozinho. Então, o equilíbrio obtido no decorrer de uma harmoniosa e sistemática ocupação pode ser perturbado e dar lugar a um novo equilíbrio substituto (em certas condições, patológico)...

A questão fundamental pode ser formulada de modo bem simples: são as partes de um certo todo determinadas pela estrutura interna desse todo, ou têm os eventos uma natureza independente, fragmentária, fortuita e cega, de modo que a atividade total seja uma soma de atividades parciais? Os seres humanos podem, é verdade, inventar uma espécie de física própria — por exemplo, uma seqüência de máquinas — que exemplifiquem a última metade da nossa pergunta, mas isso não significa que todos os fenômenos naturais sejam dessa espécie. Eis aqui um ponto em que a teoria da Gestalt é menos facilmente compreendida; isso porque grande número de preconceitos sobre a natureza tem se acumulado ao longo dos séculos. Considera-se a natureza algo que tem leis essencialmente cegas, em que tudo o que acontece no todo é apenas a soma de ocorrências individuais. Essa concepção foi o resultado natural da luta que a física sempre teve de travar para se libertar da teleologia. Hoje, pode-se ver que somos obrigados a trilhar outros caminhos que não os sugeridos por esse tipo de intencionalismo.

Demos mais um passo e indaguemos: qual a posição disso tudo diante do problema do corpo e da mente? Que valor tem o meu conhecimento das experiências mentais de outra pessoa e de que maneira eu o obtenho? Há, com efeito, velhos dogmas estabelecidos sobre esses pontos:

o mental e o físico são totalmente heterogêneos; há entre eles uma dicotomia absoluta. (Partindo disso, os filósofos desenvolveram uma série de deduções metafísicas destinadas a atribuir todas as boas qualidades à mente, reservando à natureza as odiosas.) No tocante à

segunda questão, meu discernimento de fenômenos mentais em outras pessoas é explicado tradicionalmente como uma inferência por analogia. Interpretado estritamente, esse princípio afirma que alguma coisa mental se associa inexpressivamente com alguma coisa física. Observo o físico e infiro o mental a partir dele de acordo com o seguinte esquema: observo alguém pressionar um botão na parede e infiro que ele quer que a luz se acenda. Pode haver associações desse tipo. Contudo, muitos cientistas se sentiram perturbados por esse dualismo e tentaram salvar-se recorrendo a hipóteses diversas. De fato, a pessoa comum se recusaria violentamente a crer que, quando vê seu companheiro perplexo, assustado ou encolerizado, vê somente certas ocorrências físicas que em si mesmas (em sua natureza interior) não têm nenhuma relação com o plano mental, estando apenas superficialmente vinculadas com ele: você viu freqüentemente isso e isso se combinou..., etc. Têm havido muitas tentativas de contornar esse problema. Fala-se, por exemplo, de intuição, e diz-se que não pode haver outra possibilidade, já que eu vejo o medo do meu companheiro. Não é verdade, alegam os intuicionistas, que eu veja apenas as simples atividades corporais conjugadas inexpressivamente com outras atividades invisíveis. Por mais inadmissível que isso possa ser, uma teoria

308

da intuição ao menos tem uma coisa em seu favor: ela mostra a suspeita de que o procedimento tradicional possa ser revertido com sucesso. Mas a palavra intuição é, na melhor das hipóteses, um nome daquilo que devemos nos esforçar por apreender.

Essa e outras hipóteses, entendidas como hoje são, não farão progredir o empreendimento científico, visto que a ciência requer uma penetração fecunda, e não a mera catalogação e sistematização. Mas a pergunta é: em que situação se encontra de fato a questão? Olhando com mais cuidado, descobrimos um terceiro pressuposto, o de que um processo como o medo é uma questão de consciência. Será isso verdade? Suponha que você veja uma pessoa amável ou benevolente. Alguém supõe que essa pessoa se sente enganada? É possível que ninguém possa acreditar nisso. A característica predominante desse comportamento pouca relação tem com a consciência. Uma das mais fáceis invenções da filosofia é identificar o comportamento real de um homem e a direção de sua mente com sua consciência. Diga-se de passagem que, na opinião de muitas pessoas, a distinção entre idealismo e materialismo implica a que há entre o nobre e o ignóbil. Contudo, será que alguém de fato quer, com isso, contrastar a consciência com a alegre floração das árvores? De fato, o que há de tão repugnante no materialista e mecânico? E o que há de tão atraente no idealista? Será que isso provém das qualidades materiais das peças conectadas? Em termos gerais, a maioria dos manuais e teorias de psicologia, apesar de sua permanente ênfase na consciência, são muito mais “materialistas”, áridos e exangues do que uma árvore viva — que provavelmente não tem nenhuma consciência. A questão não é saber quais são os elementos materiais, mas qual é o tipo de totalidade. Operando em termos de problemas específicos, cedo se percebe quantas atividades corporais existem que não dão nenhum indício de uma separação entre corpo e mente. Imagine uma dança, uma dança cheia de graça e júbilo. Qual é a situação numa tal dança? Teremos uma soma dos movimentos físicos dos membros e uma consciência psíquica? Não. É claro que essa resposta não resolve o problema; temos de começar outra vez. E me parece que um ponto de abordagem adequado e promissor foi descoberto. Deparamos com muitos processos que, em sua forma dinâmica, são idênticos independentemente de variações no caráter material dos seus

elementos. Quando um homem é tímido, temeroso ou enérgico, feliz ou triste, com muita frequência é possível demonstrar que o curso de seus processos físicos é Gestalt idêntico ao curso seguido pelos processos mentais.

Mais uma vez, posso apenas indicar a direção do pensamento. Toquei na questão do corpo e da mente apenas para mostrar que o problema que discutimos também tem seus aspectos filosóficos

Isso nos leva mais perto de uma tentativa de apresentar uma concepção do problema tal como ilustrado por suas manifestações específicas em vários campos. Concluindo, posso sugerir uma certa unificação dessas ilustrações mais ou menos da seguinte maneira. Considero a situação do ponto de vista de uma teoria de agregados e pergunto: como deveria ser um mundo em que a ciência, os conceitos, a pesquisa, a investigação e a compreensão de unidades interiores fossem impossíveis? A resposta é óbvia. Esse mundo seria uma multiplicidade de peças díspares. Em segundo lugar, que tipo de mundo deveria haver a que uma ciência fragmentária se aplicasse? A resposta é de novo bem simples, pois basta-nos aqui um mero sistema de associações pareadas repetidas que sejam cegas e fragmentárias em termos de caráter, uru sistema em que todas as coisas estão disponíveis para a aplicação dos métodos fragmentários tradicionais da lógica, da matemática e da ciência em geral, na medida em que estas suponham semelhante mundo. Mas há um terceiro tipo de agregado que só foi investigado superficialmente. Trata-se dos agregados em que uma multiplicidade não se compõe de elementos adjacentes, mas organizada de maneira tal que um termo em seu lugar nesse agregado é determinado pelas leis totais do próprio agregado.

Pictoricamente: suponha que o mundo fosse um vasto tablado no qual há muitos músicos. Ando por ali ouvindo e observando os músicos. Suponha primeiro que o mundo seja uma pluralidade sem sentido. Todos agem como querem, cada qual por si mesmo. O que acontece quando ouço juntos dez músicos poderia ser a base da minha conjectura sobre o que todos eles estão fazendo, mas isso é apenas uma questão de acaso e probabilidade, tal como ocorre na cinética das moléculas de gás. — Uma segunda possibilidade seria que, cada vez que um músico tocasse dó, outro tocasse fá, x segundos depois. Eu formulo unia teoria de acoplamentos cegos, mas a

309

execução como um todo continua sem sentido. É isso que muitas pessoas pensam que a física faz; mas o verdadeiro trabalho da física o desmente. — A terceira possibilidade é, digamos, uma sinfonia de Beethoven na qual pudéssemos selecionar uma palte do todo e trabalhar a partir disso rumo a uma idéia do princípio estrutural motivador e determinante do todo. Nesse caso, as leis fundamentais não são elementos fortuitos, concernindo o próprio caráter do evento.

Os Princípios Gestaltistas da Organização da Percepção

Os princípios da organização da percepção de Wertheirner foram apresentados num artigo de 1923. Ele propôs que percebemos os objetos da mesma maneira como percebemos o movimento aparente, isto é, como totalidades unificadas, e não como aglomerados de sensações individuais. Os princípios de organização da percepção, descritos na maioria dos

manuais introdutórios de psicologia, são essencialmente leis ou regras a partir das quais organizamos o nosso mundo perceptivo.

Uma premissa básica desses princípios é que, na percepção, a organização ocorre instantaneamente sempre que vemos ou ouvimos diferentes formas ou padrões. Partes do campo perceptivo se combinam, unindo-se para formar estruturas que são distintas do fundo. A organização da percepção é espontânea e inevitável sempre que olhamos ao nosso redor. Não temos de aprender a formar padrões, como querem os associacionistas, se bem que a percepção de nível superior, como o é, por exemplo, rotular objetos pelo nome, de fato dependa da aprendizagem.

0

o

00

0

0

0

0

0

0

0

0

o

0

o

o

o

0

o

0

o

0

0

0

0

0

LIL

00

o

o

(a)

(c)

0

.

0

.

o

0

.

0

.

0

0

.

0

0

00

••

00

••

00

(b)

0

.

o

.

o

Figura 12-1. Exemplos de organização da percepção.

Segundo a teoria da Gestalt, o processo cerebral primordial na percepção visual não é um conjunto de atividades separadas. A área visual do cérebro não responde a elementos separados do que é visualizado, nem vincula esses elementos mediante algum processo mecânico de associação. O cérebro, na verdade, é um sistema dinâmico em que todos os elementos que estejam ativos num dado momento interagem entre si; elementos semelhantes ou próximos uns dos outros tendem a se combinar, e elementos distanciados ou diferentes não tendem a se combinar.

Vários dos princípios da organização perceptiva são relacionados aqui e ilustrados na Figura 12-1.

1. Proximidade: Partes que estão próximas no tempo ou no espaço parecem formar uma unidade

e tendem a ser percebidas juntas. Na Figura 12-1 (a), você vê os círculos em três colunas duplas,

e não como um grande conjunto.

2. Continuidade: Há uma tendência na nossa percepção de seguir uma direção, de vincular os elementos de uma maneira que os faça parecer contínuos ou fluindo numa direção particular. Na Figura 12-1 (a), você tende a seguir as colunas de pequenos círculos de cima para baixo.

3. Semelhança: Partes semelhantes tendem a ser vistas juntas como se formassem um grupo. Na Figura 12-1 (b), os círculos parecem formar uma classe e os pontos, outra, e você tende a perceber fileiras de círculos e fileiras de pontos em vez de colunas.

4. Complementação: Há uma tendência na nossa percepção de completar figuras incompletas, preencher as lacunas. Na Figura 12-1 (c), você percebe três quadrados, embora as figuras estejam incompletas.

5. Simplicidade: Tendemos a ver uma figura tão boa quanto possível sob as condições do estímulo; os psicólogos da Gestalt denominaram isso *prägnanz* ou “boa forma”. Uma boa Gestalt é simétrica, simples e estável, não podendo ser tomada mais simples ou mais ordenada. Os quadrados na Figura 12-1 (c) são boas Gestalts porque são claramente percebidos como completos e organizados.

6. Figura-Fundo: Tendemos a organizar percepções no objeto observado (a figura) e o segundo plano contra o qual ela se destaca (o fundo). A figura parece ser mais substancial e destacar-se do seu fundo. Na Figura 12-1 (d), a figura e o fundo são reversíveis, você pode ver dois rostos ou uma taça, a depender da maneira como organiza sua percepção.

Esses princípios de organização não dependem dos nossos processos mentais superiores nem de experiências passadas; eles estão presentes, nos próprios estímulos. Wertheimer os denominou fatores periféricos, mas também reconheceu que fatores centrais no interior do organismo influenciam a percepção; por exemplo, os processos mentais superiores de familiaridade e atitude podem afetar a percepção. De maneira geral, no entanto, os psicólogos da Gestalt tendiam a se concentrar mais nos fatores periféricos da organização do que nos efeitos da aprendizagem ou da experiência.

Os Princípios Gestaltistas da Aprendizagem

Vimos que a percepção foi o primeiro foco dos psicólogos da Gestalt. Eles assumiram a posição de que a aprendizagem desempenha um papel principalmente nos processos perceptivos de nível superior. Algumas das experiências mais significativas na história da psicologia são as concebidas por Köhler para estudar a aprendizagem, especificamente a solução de problemas por macacos.

311

Desde o início, os psicólogos da Gestalt se opuseram à concepção da aprendizagem por tentativa e erro de Thorndike, bem como à de estímulo-resposta (E-R) de Watson. Os gestaltistas acreditavam que sua crítica coerente às teorias da aprendizagem associacionista e por estímulo-resposta constituía uma contribuição significativa ao desenvolvimento da psicologia. A concepção gestaltista da aprendizagem está expressa na pesquisa de Köhler sobre a mentalidade dos macacos e no trabalho de Wertheimer sobre o pensamento produtivo em seres humanos.

A Mentalidade dos Macacos

Mencionamos a estada de Köhler na Ilha de Tenerife entre 1913 e 1920, quando ele investigou a inteligência dos chimpanzés tal como demonstrada na sua capacidade de solucionar problemas (Köhler, 1917). Esses estudos foram realizados nas jaulas dos animais e em torno delas, e envolviam apetrechos muito simples, como as barras das jaulas (usadas para bloquear o acesso), bananas, varas para puxar as bananas para dentro das jaulas e caixas onde os animais podiam subir. Coerente com a concepção gestaltista da percepção, Köhler interpretou os resultados dos seus estudos animais em termos da situação como um todo e dos relacionamentos entre os vários estímulos aí encontrados. Ele considerou a resolução de problemas uma questão de reestruturação do campo perceptivo.

Num estudo, uma banana era colocada fora da jaula e um barbante amarrado nela era deixado na jaula. O macaco puxava a banana para a jaula com pouca hesitação. Köhler concluiu que, nessa situação, o problema como um todo era facilmente compreendido pelo animal. Contudo, se vários barbantes fossem da jaula até a direção geral da banana, o macaco não reconhecia, no início, qual deles puxar para obter a fruta. Isso indicou a Köhler que o problema não pôde ser compreendido claramente de imediato.

Em outro estudo, um pedaço de fruta era colocado fora da jaula pouco além do alcance do macaco. Se se colocasse uma vara perto das barras da jaula diante da fruta, a vara e a fruta eram visualizadas como parte da mesma situação, e o macaco usava a vara para puxar a fruta até a jaula. Se a vara fosse colocada na parte posterior da jaula, os dois objetos (a vara e a fruta) eram vistos de forma menos imediata como partes da mesma situação. Nesse caso, a solução do problema requeria uma reestruturação do campo perceptivo.

Outra experiência envolvia a colocação de uma banana fora da jaula, além do alcance, e o posicionamento de duas varas de bambu ocas dentro da jaula. Cada vara por si mesma era demasiado curta para alcançar a banana. Para fazê-lo, o animal tinha de juntar as duas varas (inserindo a extremidade de uma na extremidade da outra) a fim de construir uma vara de comprimento suficiente. Logo, para resolver o problema, alcançando a banana, o animal tinha de perceber uma nova relação entre as varas.

Sultão, o macaco mais inteligente de Köhler, fracassou em seu primeiro confronto com essa situação. De início, ele tentou alcançar a banana com uma das varas. Depois, empurrou

uma delas o mais longe que pôde, empurrando-a para ainda mais longe com a segunda até que

a primeira tocasse a banana. Ele não teve sucesso pelo período de uma hora, mas imediatamente depois do fim da sessão experimental, enquanto brincava com as varas, Sultão resolveu

o problema, como conta seu tratador:

Primeiro Sultão se agacha indiferentemente sobre a caixa, que tinha ficado um pouco atrás das grades; então ele se levanta, pega as duas varas, senta-se outra vez na caixa e brinca descuidadamente com elas. Enquanto faz isso, vê-se de repente segurando uma vara em cada mão de uma maneira que as faz ficar em linha reta; ele empurra a mais fina um pouquinho para dentro da abertura da menos fina, pula e corre na direção das grades, para as quais até agora estivera quase de costas, e começa a puxar a banana para si com a ajuda da vara dupla (Köhler, 1927, p. 127).

312

Em tentativas ulteriores, Sultão resolveu problemas semelhantes sem dificuldade, mesmo quando algumas das varas fornecidas não se encaixavam uma na outra. Kohler conta que o macaco nem sequer tentava encaixar as varas inajustáveis.

Estudos como esse foram interpretados por Köhler como evidência de introvisão (in sight), a apreensão ou compreensão aparentemente espont e imediata de relações. Noutro exemplo de descoberta independente e simultânea, o psicólogo animal americano Robert Yerkes descobriu evidências em orangotangos para sustentar o conceito. Ele deu ao fenômeno o nome de aprendizagem ideacional.

Em 1974, o tratador dos chimpanzés de Köhler, Manuel Gonzalez y Garcia, então com oitenta e sete anos, contou a um entrevistador muitas histórias sobre os animais, particularmente Sultão, que costumava ajudá-lo a alimentar os outros. Gonzales dava cachos de banana para Sultão segurar. “Então, diante da ordem duas para cada”, Sultão andava pelo lugar e dava duas bananas a cada um dos outros macacos” (Ley, 1990, pp. 12-13).

Um dia, Sultão viu o tratador pintar uma porta. Quando o tratador saiu, Sultão pegou o pincel e começou a imitar o comportamento que observara. Noutra ocasião, o filho mais novo de Köhler, Claus, estava sentado diante de uma jaula, tentando sem sucesso enfiar uma banana entre as barras. Sultão, dentro da jaula e aparentemente sem fome, virou a banana noventa

-

Um chimpanzé usa varas de diferentes comprimentos para alcançar um pedaço de fruta.

313

graus para que ela coubesse entre as barras, momento em que Köhler disse a Claus que Sultão era mais esperto que ele.

A solução de problemas e a introvisão diferiam drasticamente da aprendizagem por tentativa e erro descrita por Thorndike e outros. K criticou com veemência a obra de Thorndike, afirmando que suas condições experimentais eram artificiais e só permitiam o

comportamento aleatório do animal. K alegou que os gatos na caixa-problema de Thorndike não podiam explorar todo o mecanismo de libertação (todos os elementos pertencentes ao todo), razão por que só podiam se comportar em termos de tentativa e erro. Do mesmo modo, um animal num labirinto não pode ver o padrão ou projeto geral, mas apenas cada corredor que encontra; por isso, tudo o que pode fazer é experimentar cegamente seguir por um ou por outro. Na concepção gestaltista, antes de a introvisão poder ocorrer, o organismo tem de ter capacidade de ver os relacionamentos entre os vários elementos do problema.

Esses estudos de Köhler sustentam a concepção molar do comportamento proposta pelos gestaltistas, em oposição à visão molecular promovida pelos associacionistas e comportamentalistas. Essa pesquisa também reforça a idéia de que a aprendizagem envolve a reorganização ou reestruturação do ambiente psicológico.

O Pensamento Produtivo em Seres Humanos

A obra póstuma de Wertheimer sobre o pensamento produtivo (Wertheimer, 1945) aplicava os princípios da aprendizagem gestaltistas ao pensamento criativo em seres humanos. Ele sugeria que esse pensamento se processa em termos de todos. Não somente o aprendiz considera a situação como um todo como o professor deve apresentar-lhe a situação como um todo. Essa abordagem difere da aprendizagem por tentativa e erro de Thorndike, em que a solução do problema está, num certo sentido, oculta, e o aprendiz tem de cometer erros antes de acertar a trilha correta.

O material do livro de Wertheimer vai da solução de problemas geométricos por crianças aos processos de pensamento do físico Albert Einstein que o levaram à teoria da relatividade. Em diferentes idades e em vários níveis de dificuldade, Wertheimer descobriu provas que corroboravam a idéia de que o problema como um todo tem de dominar as partes. Ele acreditava que os detalhes de um problema só devem ser considerados em relação à estrutura da situação total, e que a solução de problemas deve realizar-se do problema como um todo para as suas partes, e não ao contrário.

Wertheimer sugeriu que, se o professor organizasse os elementos dos exercícios em sala de aula de modo a formar todos significativos, a introvisão iria ocorrer. Ele demonstrou que, uma vez percebido, o princípio da solução de um problema poderia ser transferido prontamente para outras situações. Ele atacava as práticas educacionais tradicionais da instrução ou da aprendizagem mecânica, que decorrem da abordagem associacionista da aprendizagem. A repetição raramente é produtiva, argumentava Wertheimer, citando como prova a incapacidade do aluno de resolver uma variação de um problema quando a solução tinha sido aprendida de modo mecânico, e não por meio da introvisão. Ele concordava, no entanto, que materiais como nomes e datas tinham de ser assimilados de modo mecânico por meio da associação e com o reforço da repetição. Ele admitia que a repetição era útil até certo ponto, mas asseverava que seu uso habitual levava a um desempenho mecânico, e não a um pensamento verdadeiramente criativo ou produtivo.

O Princípio do Isomorfismo

Tendo estabelecido que percebemos totalidades organizadas em vez de feixes de sensações, os gestaltistas se voltaram para o problema dos mecanismos cerebrais envolvidos na

percepção. Eles tentaram desenvolver uma teoria dos correlatos neurológicos subjacentes de

Gestalts percebidas. Os gestaltistas concebiam o córtex cerebral como um sistema dinâmico em que os elementos ativos num dado momento interagem. A idéia contrasta com a concepção mecânica que compara a atividade neural com uma mesa telefônica que liga mecanicamente elementos sensoriais através dos princípios da associação. Nesta última concepção, o cérebro funciona de modo passivo e é incapaz de organizar ou modificar ativamente os elementos sensoriais que recebe; ela também implica uma correspondência direta entre a percepção e sua contraparte neurológica.

Em sua pesquisa do movimento aparente, Wertheimer sugerira que a atividade cerebral é um processo total configurativo. Como os movimentos aparente e real são vivenciados de modo idêntico, os processos corticais para os dois têm de ser semelhantes. Supondo que esses dois tipos de movimento sejam idênticos, deve haver processos cerebrais correspondentes a eles. Em outras palavras, para explicar o fenômeno phi, deve haver uma correspondência entre a experiência psicológica ou consciente e a experiência cerebral subjacente. Esse ponto de vista é denominado isomorfismo, uma idéia já amplamente aceita na biologia e na química. Os psicólogos da Gestalt compararam a percepção a um mapa, que é idêntico (iso) em forma (mórfico) àquilo que representa, embora não seja uma cópia literal do território. O mapa, no entanto, serve de guia confiável para o mundo real percebido.

A posição de Wertheimer foi ampliada por K em seu livro *Static and Stationary Physical Gestalts* (1920). Köhler considerava que os processos corticais têm um comportamento semelhante ao dos campos de força, sugerindo que, assim como o comportamento de um campo de força eletromagnético em volta de um ímã, os campos de atividade neuronal podem ser estabelecidos por processos eletromecânicos no cérebro em resposta a impulsos sensoriais. Ele fez extensas pesquisas sobre essas idéias como uma fase de um projeto ambicioso para demons—trair que a física, a química, a biologia e a psicologia envolvem, todas elas Gestalts.

A Expansão da Psicologia da Gestalt

Na metade dos anos 20, o movimento da Gestalt era uma escola de pensamento coesa, dominante e vigorosa na Alemanha, centrada no Instituto de Psicologia da Universidade de Berlim, para onde atraía grande número de alunos de muitos países. Abrigada numa ala do antigo Palácio Imperial, contava com um dos maiores e mais bem equipados laboratórios do mundo. A revista *Psychological Research* era ativa, e os gestaltistas investigavam vários problemas psicológicos.

A ascensão dos nazistas ao poder na Alemanha em 1933, com seu violento anti-intelectualismo e anti-semitismo e suas ações repressivas, forçou muitos estudiosos, inclusive os líderes da Gestalt, a deixar o país. O movimento passou a ocupar uma posição inferior no sistema acadêmico alemão da época, e o seu centro passou para os Estados Unidos. O trabalho dos gestaltistas os tinha precedido, de modo que eles e suas posições eram bem conhecidos na América quando de sua chegada.

A expansão do gestaltismo nos Estados Unidos foi feita através de contatos pessoais, bem como de artigos e livros. Nos primeiros anos do século XX, mesmo antes de a psicologia da Gestalt ser fundada, psicólogos americanos que viriam a se destacar tinham estudado com

futuros líderes da escola. Herbert Langfeld, de Princeton, conhecera Koffka em Berlim na primeira década do século e enviara seu aluno Edward Chace Tolman para a Alemanha, onde este serviu de sujeito às primeiras pesquisas gestaltistas de Koffka. Robert Ogden, de Comeu, também conhecia Koffka. O pesquisador da personalidade Gordon Allport, de Harvard, passara um ano na Alemanha, onde declarou estar muito impressionado com a qualidade da pesquisa experimental feita pela escola de psicologia da Gestalt.

315

Nos anos 20, alguns livros de Koffka e Khler foram traduzidos para o inglês e resenhados nas revistas americanas de psicologia. Uma série de artigos sobre a Gestalt, escritos pelo americano Harry Helson, publicados na *American Journal of Psychology*, também fizeram muito para disseminar o ponto de vista gestaltista nos Estados Unidos (Helson, 1925, 1926). Koffka e Köhler visitaram os Estados Unidos para dar aulas e conferências em universidades. Koffka fez trinta palestras sobre a psicologia da Gestalt em três anos, e Köhler foi um dos principais oradores do IX Congresso Internacional de Psicologia, realizado em Yale em 1929. (O outro orador principal foi Ivan Pavlov, no qual um dos chimpanzés de Robert Yerkes subiu.)

Embora atraísse atenção nos Estados Unidos, sendo considerada por alguns psicólogos americanos um útil antídoto para o que viam como os exageros do comportamentalismo, a psicologia da Gestalt não encontrou aceitação geral. Por várias razões, seu progresso como escola de pensamento foi relativamente lento. Em primeiro lugar, o comportamentalismo vivia então o auge de sua popularidade. Em segundo, havia o problema da barreira linguística; as principais publicações gestaltistas estavam escritas em alemão, e a necessidade de tradução retardou a disseminação plena e precisa de suas bases nos Estados Unidos. Em terceiro, como já observamos, muitos psicólogos acreditavam erroneamente que a Gestalt só tratava da percepção. E, em quarto, os três líderes foram para escolas americanas que não tinham programas de pós-graduação, sendo uma dificuldade para eles atrair discípulos que expandissem e divulgassem o movimento. Por essa razão, não havia uma nova geração de discípulos e pesquisadores em treinamento. Temos de considerar isso um fator contextual que restringiu o desenvolvimento da psicologia da Gestalt no país.

Contudo, a razão mais importante para a aceitação relativamente lenta da Gestalt nos Estados Unidos foi o fato de a psicologia americana já ter ido bem além das idéias de Wundt e de Titchener. O comportamentalismo era a segunda fase da oposição americana. Por conseguinte, a psicologia americana já estava bem mais afastada da posição elementarista de Wundt do que a européia. Os americanos acreditavam que os gestaltistas tinham ido para o país protestando contra algo que já não estava em questão. Isso foi perigoso para a escola da Gestalt. Como vimos, os movimentos revolucionários precisam de algo a que se oponha, algo para atacar, a fim de sobreviver.

Quando perceberam as tendências da psicologia americana, os gestaltistas logo encontraram um novo alvo — a escola reducionista e atomista do comportamentalismo. Os gestaltistas alegaram que o comportamentalismo, à semelhança da psicologia wundtiana, também lidava com abstrações artificiais. Pouca diferença fazia para eles se a análise era em termos de redução introspectiva a elementos mentais ou de redução objetiva a reflexos condicionados; o resultado era o mesmo: uma abordagem molecular, e não molar. Os psicólogos da Gestalt também criticavam a negação comportamentalista da validade da

introspecção e sua eliminação da consciência. Koffka alegava não haver sentido em desenvolver uma psicologia sem consciência, como os comportamentalistas tinham feito, porque isso reduzia a psicologia a uma mera coleção de pesquisas com animais.

As batalhas entre os psicólogos da Gestalt e os comportamentalistas assumiram tons emocionais e pessoais. Numa reunião social em 1941, quando Clark Hull, E. C. Tolman, Wolfgang Kihler e vários outros psicólogos foram tomar cerveja num bar, depois de um encontro em Filadélfia, K6hler disse a Hull que ouvira dizer que ele costumava insultar “aqueles malditos gestaltistas” em suas aulas. Hull ficou embaraçado — a acusação era verdadeira — e disse a K que questões científicas não deveriam ser decididas com base em alguma espécie de batalha. K”hler disse que “estava disposto a discutir a maioria das coisas de modo lógico e científico, mas que, quando as pessoas se punham a tomar o homem uma espécie de máquina cheia de ranhuras, ele lutava”. Segundo Hull, quando disse a palavra

316

“lutava”, Kdhler “deixou o pulso cair sobre a mesa com um barulho ressoante — e ele não sorria quando a disse” (Amsel e Rashotte, 1984, p. 23).

Com o tempo, os princípios gestaltistas foram absorvidos nas áreas da psicologia infantil, da psicologia aplicada, da psiquiatria, da educação, da antropologia e da sociologia. Além disso, alguns psicólogos clínicos combinaram a abordagem da Gestalt com a psicanálise. A tendência geral na psicologia americana tem sido considerar os ensinamentos dos psicólogos gestaltistas acréscimos interessantes e potencialmente úteis a outros sistemas, mas não como a base de um sistema abrangente. Os psicólogos americanos têm tentado demonstrar que ocorrem respostas elementares e organizadas e que ambas as respostas são meios proveitosos de explicar processos psicológicos.

Para alguns psicólogos, a concepção da Gestalt permanece vital, e ela continua a estimular pesquisas. Já não tem o espírito combativo de uma revolução, mas os seus adeptos trabalham para aprimorar seus pontos básicos. A psicologia da Gestalt não foi totalmente absorvida pela corrente principal da psicologia americana, conservando uma identidade de movimento minoritário. Ela tem exercido uma influência visível em muitas áreas da psicologia, incluindo a percepção, o pensamento, a aprendizagem, a personalidade, a psicologia social e a motivação.

A Teoria de Campo: Kurt Lewin (1890-1947)

Na ciência do final do século XIX, a tendência era pensar em termos de relações de campo e afastar-se de um quadro de referência atomista e elementarista. Como vimos, a psicologia da Gestalt refletia essa tendência. A teoria de campo surgiu na psicologia como analogia do conceito de campos de força na física. Na psicologia, o termo teoria de campo refere-se agora quase exclusivamente à obra de Kurt Lewin. Essa obra é bastante gestaltista no tocante à orientação, mas as idéias de Lewin foram além da posição gestaltista ortodoxa. Os psicólogos da Gestalt enfatizavam a percepção e a aprendizagem e propunham construções fisiológicas para explicar o comportamento; o trabalho de Lewin centrava-se nas necessidades e na personalidade e se ocupava das influências sociais sobre o comportamento.

Kurt Lewin nasceu em Mogilno, Alemanha, e estudou em universidades de Friburgo, Munique e Berlim. Em 1914, doutorou-se em psicologia pela Universidade de Berlim, onde

também estudou matemática e física. Durante a Primeira Guerra Mundial, Lewin foi militar e recebeu a condecoração alemã Cruz de Ferro. Mais tarde, voltou à Universidade de Berlim e se tornou um membro tão produtivo e criativo do grupo da Gestalt que era considerado um colega dos três gestaltistas principais. Fez pesquisas sobre a associação e a motivação e começou a desenvolver sua teoria de campo, que apresentou a psicólogos nos Estados Unidos durante o Congresso Internacional de Psicologia, realizado em Yale em 1929.

Quando foi ser professor visitante em Stanford, em 1932, Lewin já era bem conhecido nos Estados Unidos. No ano seguinte, decidiu deixar a Alemanha permanentemente devido à ameaça nazista. Passou dois anos em Cornell e, em 1935, foi para a Universidade de Iowa fazer pesquisas sobre a psicologia social da criança. Como resultado desse trabalho, foi convidado a desenvolver e dirigir o novo Centro de Pesquisas de Dinâmica de Grupo do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Embora tenha vindo a falecer poucos anos depois de aceitar o cargo, seu programa foi tão eficaz que o centro de pesquisas, hoje na Universidade de Michigan, permanece ativo.

Em seus trinta anos de atividade profissional, Lewin dedicou-se à área amplamente definida da motivação humana. Suas pesquisas enfatizaram o estudo do comportamento humano em seu contexto físico e social total (Lewin, 1936, 1939).

317

A teoria de campo na física levou Lewin a considerar que as atividades psicológicas da pessoa ocorrem numa espécie de campo psicológico, que ele denominou espaço vital. O campo total compreende todos os eventos passados, presentes e futuros que possam influenciar uma pessoa. Do ponto de vista psicológico, cada um desses eventos pode determinar o comportamento numa dada situação. Assim, o espaço vital consiste na interação das necessidades do indivíduo com o ambiente psicológico.

O espaço vital pode revelar graus variáveis de diferenciação, a depender da quantidade e do tipo de experiência que a pessoa acumulou. Como não tem experiências, um bebê tem poucas regiões diferenciadas no espaço vital. Um adulto altamente educado e sofisticado revela, em função de experiências passadas, um complexo e bem diferenciado espaço vital.

318

A teoria de campo de Kurt Lewin tem influenciado o trabalho no campo da dinâmica de grupo e em outras áreas da psicologia social.

Lewin queria usar um modelo matemático para representar sua concepção teórica dos processos psicológicos. Como ele estava interessado no caso particular, e não em grupos ou médias, as estatísticas não tinham utilidade no seu trabalho. Ele escolheu uma forma de geometria chamada topologia para mapear ou diagramar o espaço vital, a fim de mostrar, a qualquer momento dado, os alvos possíveis da pessoa e os caminhos que levam a eles.

Para representar a direção, Lewin desenvolveu uma forma de geometria qualitativa chamada espaço hodológico, em que usava vetores para representar a direção do movimento rumo a um alvo. Para completar a representação esquemática do seu sistema, ele usou a noção de valências para designar o valor positivo ou negativo dos objetos no

âmbito do espaço vital. Objetos que atraíam a pessoa ou satisfizessem necessidades têm valência positiva; objetos ameaçadores têm valência negativa.

Essa abordagem da teoria de campo, que foi apelidada de psicologia de quadro-negro, inclui complexos diagramas para representar fenômenos psicológicos. Para Lewin, todas as formas de comportamento podem ser representadas por um diagrama. Um comportamento simples está mapeado na Figura 12-2, que ilustra uma situação em que uma criança quer ir ao cinema mas os pais a proibem. A elipse representa o espaço vital; C representa a criança. A flecha é um vetor que indica que C está motivada a atingir o alvo de ir ao cinema, que, como está indicado, tem uma valência ou valor positivo para a criança. A linha vertical é a barreira para o alvo, estabelecida pelos pais, e de valência negativa.

Lewin postulou um estado de equilíbrio entre a pessoa e o seu ambiente. Quando esse equilíbrio é perturbado, surge uma tensão (o conceito de motivação ou necessidade de Lewin)

que leva a algum movimento, numa tentativa de restaurar o equilíbrio. Ele acreditava que o comportamento humano envolve o contínuo aparecimento de tensão-locomoção-alívio. Essa

seqüência é semelhante à de necessidade-atividade-alívio. Sempre que uma necessidade é sentida, existe um estado de tensão, e o organismo tenta descarregá-la agindo de modo a restaurar o equilíbrio.

A primeira tentativa experimental de testar essa proposição foi feita sob a supervisão de Lewin por Bioma Zeigarnik em 1927. Propôs-se aos sujeitos uma série de tarefas, penitendo

Figura 12.2. Um exemplo simplificado de espaço vital.

319

lhes completar algumas mas interrompendo-os antes de poderem terminar outras. Lewin previu que (1) um sistema de tensão se desenvolve quando se propõe a sujeitos uma tarefa a realizar; (2) quando a tarefa é completada, a tensão se dissipa; e (3) quando a tarefa não é completada, a persistência da tensão resulta numa maior probabilidade de que a tarefa seja recordada. Os resultados de Zeigarnik confirmaram as previsões. Os sujeitos se recordaram mais das tarefas interrompidas do que das terminadas. Muitas pesquisas subseqüentes foram feitas sobre o que hoje é conhecido como o efeito de Zeigarnik.

Nos primeiros anos de sua carreira, Lewin se preocupava principalmente com indagações teóricas, mas a partir dos anos 30 se interessou pela psicologia social. Bastam os seus esforços pioneiros nesse campo para justificar sua posição na história da psicologia. Alguns psicólogos sociais proeminentes associados com Lewin na qualidade de alunos ou colegas no Centro de Pesquisas de Dinâmica de Grupo são Dorwin Cartwright, Leon Festinger, J. P. French, Harold II. Kelley, Renais Likert, Stanley Schachter e Alvin Zander.

A característica notável da psicologia social de Lewin é a dinâmica de grupo, a aplicação de conceitos relativos ao comportamento individual e grupal. Assim como o indivíduo e o seu ambiente formam um campo psicológico, assim também o grupo e o seu ambiente

compõem um campo social. Os comportamentos sociais ocorrem no interior de entidades sociais simul taneamente existentes como subgrupos, membros de grupos, barreiras e canais de comunicação, e delas resultam. Assim, o comportamento do grupo é uma função do campo total existente em qualquer momento dado.

Lewin fez pesquisas sobre o comportamento em várias situações sociais. Um experimento clássico envolveu estilos de liderança autoritária, democrática e liberal, e seus efeitos sobre a produtividade e o comportamento de grupos de rapazes (Lewin, Lippitt e White, 1939).

Estudos como esse iniciaram importantes novas áreas de pesquisa social e contribuíram para

o desenvolvimento da psicologia social.

Além disso, Lewin acentuou a importância da pesquisa de ação social, o estudo de problemas sociais relevantes voltado para a introdução de mudanças. Ele se preocupava com os conflitos raciais e fez estudos comunitários sobre os efeitos da habitação integrada sobre o preconceito, sobre a equalização de oportunidades de emprego e sobre o desenvolvimento e a prevenção do preconceito em crianças. Sua pesquisa de ação social transformou problemas como a discriminação e o preconceito em estudos controlados, aplicando o rigor da abordagem experimental sem a artificialidade e a esterilidade do laboratório acadêmico.

Lewin também foi fundamental na promoção do treinamento da sensibilidade, que tem sido aplicado a muitas situações no campo da educação e do mundo dos negócios para reduzir os conflitos intergrupais e desenvolver o potencial individual. Seus grupos de treinamento da sensibilidade (grupos T) foram o começo do movimento mais tarde popularizado pelos grupos de encontro.

De modo geral, seus programas experimentais e descobertas de pesquisa são mais aceitáveis para os psicólogos do que suas concepções teóricas. É considerável sua influência sobre a psicologia social e infantil e, até certo ponto, experimental. Muitos dos seus conceitos e técnicas experimentais são amplamente usados nas áreas da personalidade e da motivação. Em 1984, realizou-se na Universidade Temple, em Filadélfia, um Simpósio Internacional Kurt Lewin.

Críticas à Psicologia da Gestalt

As críticas à posição gestaltista incluem a acusação de que os psicólogos da Gestalt tentavam resolver problemas transformando-os em postulados. A organização da percepção consciente, tal como se manifesta no fenômeno phi, não foi tratada como um problema a

320

requerer solução, mas como um fenômeno que simplesmente existia per se. Alegam os críticos que isso equivalia a resolver um problema por meio da negação da sua existência. Do mesmo modo, afirmou-se que os gestaltistas nunca explicaram as leis do seu sistema. Para muitos psicólogos experimentais, sua posição era vaga, e os conceitos e termos básicos não foram definidos com rigor suficiente para serem cientificamente significativos. Os gestaltistas se defenderam insistindo que as tentativas de uma jovem ciência para

explicar e definir têm necessariamente de ser incompletas, mas que ser incompleto não é o mesmo que ser vago.

Também se alegou que as bases da psicologia da Gestalt não eram, na realidade, novas — o que de fato é verdade. O movimento gestaltista, assim como outros que discutimos, teve seus antecipadores, mas isso não tem nenhuma relação com os méritos relativos da posição gestaltista.

Outros críticos disseram que a psicologia da Gestalt se ocupava demais da teoria em detrimento da pesquisa experimental e dos dados empíricos comprobatórios. A escola gestaltista de pensamento tem orientação teórica, mas também tem acentuado, desde a época de seus fundadores, a experimentação, tendo sido direta ou indiretamente responsável por um considerável volume de pesquisas.

Vincula-se com esse ponto a sugestão de que o trabalho experimental dos gestaltistas é inferior ao dos teóricos E-R por lhe faltar controles e porque os seus dados não quantificados não são suscetíveis de análise estatística. Os gestaltistas alegam que, como os resultados qualitativos têm precedência, boa parte de suas pesquisas foi deliberadamente menos quantitativa do que consideram necessário psicólogos de outras escolas. A maioria das pesquisas gestaltistas é preliminar, investigando problemas no âmbito de um outro referencial.

A noção de introvisão proposta por Köhler também não escapou. Tentativas de reproduzir a experiência das duas varas com chimpanzés forneceram pouco apoio ao papel da introvisão. Esses estudos sugerem que a solução símica do problema não ocorre de repente e pode depender da aprendizagem ou de experiências prévias (Windholz e Lamal, 1985).

Uma última crítica tem relação com o que alguns psicólogos consideram pressupostos fisiológicos mal definidos e mal sustentados. Os gestaltistas admitem que sua teorização nessa área é conjectural, mas acrescentam que suas especulações são um útil auxiliar do seu sistema. A psicologia da Gestalt tem inspirado muitas pesquisas, e a validade dos resultados não é diminuída pelo referencial especulativo no âmbito do qual elas são realizadas.

Contribuições da Psicologia da Gestalt

O movimento gestaltista deixou uma marca indelével na psicologia. Tal como outros movimentos que se opuseram a concepções mais antigas, ele teve um efeito revigorante e estimulante sobre a psicologia como um todo. O ponto de vista gestaltista influenciou as áreas da percepção e da aprendizagem, e trabalhos recentes derivados da escola sugerem que o movimento ainda tem contribuições a dar.

Ao contrário do seu principal concorrente temporal, o comportamentalismo, a psicologia da Gestalt conserva boa parte de sua identidade distinta, visto que os seus principais pilares não foram absorvidos por inteiro pela corrente principal do pensamento psicológico. Ela continua a estimular o interesse pela experiência consciente como problema legítimo para ao menos alguns psicólogos. Esse foco na experiência consciente não é da variedade de Wundt/Titchener, tendo como centro uma versão moderna da fenomenologia. Os atuais adeptos da posição gestaltista estão convencidos de que a experiência consciente é um fato e tem de ser estudada. Admitem, contudo, que não é possível investigá-la com a mesma precisão e objetividade com que se estuda o comportamento manifesto. São numerosos os defensores europeus

de uma abordagem fenomenológica da psicologia, e essa perspectiva está ganhando apoio nos Estados Unidos, podendo-se ver sua influência no movimento da psicologia humanista. Por

como veremos no Capítulo 15, muitos aspectos da psicologia cognitiva devem sua origem à obra de Wertheimer, Koffka e Köhler e ao movimento que eles fundaram há mais de oitenta anos.

Sugestões de Leitura

Eng, E., “Looking back on Kurt Lewin: From field theory to action research”, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 14, pp. 228-232, 1978. Acompanha a mudança de Lewin da Alemanha

para os Estados Unidos e descreve o impacto disso em suas teorias e pesquisas.

Heider, F., “Gestalt theory: Early history and reminiscences”, *Journal of the History of the Behavioral*

Sciences, r 6, pp. 131-139, 1970. Relembra pioneiros do movimento gestaltista como Ehrenfels,

Wertheimer, Koffka e Köhler.

Helson, H., “The psychology of Gestalt”, *American Journal of Psychology*, n 36, pp. 342-370, pp.

494-526, 1925; a 37, pp. 25-62, 189-223, 1926. Uma série de artigos que muito contribuíram para disseminar o ponto de vista da Gestalt nos Estados Unidos.

Henle, M., “One man against the Nazis — Wolfgang Köhler”, *American Psychologist*, ri 33, pp. 939-944, 1978. Um relato dos últimos anos de Köhler no Instituto Psicológico da Universidade de Berlim, antes de ele emigrar para os Estados Unidos em 1935; descreve sua luta para preservar a integridade do instituto diante da repressão nazista.

Henle, M., 1879 and Ali That: *Essays in the Theory and History of Psychology*, Nova York, Columbia

University Press, 1986. Uma coletânea de ensaios críticos e provocativos sobre os principais tópicos

e figuras da história da psicologia, com destaque para os fundadores da psicologia da Gestalt.

Henle, M., “Koffka’s Principles after fifty years”, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n

23, pp. 14-21, 1987. Discute os objetivos de Koffka ao escrever seus *Princípios de Psicologia da*

Gestalt e avalia o impacto do livro sobre a psicologia hoje.

Köhler, W., “Gestalt psychology today”, *American Psychologist*, ri 14, pp. 727-734, 1959. Descreve

tópicos específicos da psicologia da Gestalt e discute a diferença de abordagem desses problemas

entre os gestaltistas e os comportamentalistas.

O'Neil, W. M. e Landauer, A. A., "The phi phenomenon: Turning point or rallying point?", *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, n 2, pp. 335-340, 1966. Discute o termo "fenômeno phi" e descreve interpretações errôneas que têm surgido desde que Wertheimer publicou as suas descobertas a respeito desse tópico.

Sokal, M. M., "The Gestalt psychologists in behaviorist America", *American Historical Review*, n 89,

pp. 1.240-1.263, 1984. Analisa a expansão do movimento gestaltista nos Estados Unidos e sugere

que a psicologia americana foi mais receptiva a ele do que admitem muitos historiadores.

322

13

A Psicanálise: Primórdios

Introdução

Influências Antecedentes sobre a Psicanálise

Teorias do Inconsciente

A Psicopatologia

A Influência de Darwin

Outras Fontes de Influência

Sigmund Freud (1856-1939) e o Desenvolvimento da Psicanálise

A Psicanálise como Método de Tratamento

O Método de Pesquisa de Freud

A Psicanálise como Sistema da Personalidade Os Instintos

Os Aspectos Conscientes e Inconscientes da Personalidade

Introdução

A Ansiedade

Os Estágios Psicosssexuais do Desenvolvimento da Personalidade

Reprodução de Texto Original sobre a Psicanálise: Trecho de An Outline of Psychoanalysis, de Sigmund Freud

O Mecanismo e o Determinismo no Sistema de Freud

As Relações entre a Psicanálise e a Psicologia

Críticas à Psicanálise

A Validação Científica de Conceitos Psicanalíticos

Contribuições da Psicanálise

O termo psicanálise e o nome Sigmund Freud são reconhecidos em todo o mundo. Outras figuras proeminentes na história da psicologia, como Fechner, Wundt e Titchener, são pouco conhecidas fora dos círculos profissionais de psicologia, mas Freud continua a ter uma fenomenal popularidade entre o público leigo. Mais de quarenta anos depois da morte de Freud, a revista Newsweek observou que suas idéias se tornaram tão penetrantes que “seria difícil imaginar o pensamento do século XX sem ele” (30 de novembro de 1981). Concorde mos ou não com suas teorias, não se pode negar o impacto de sua obra. Ele é um dos membros do pequeno grupo de indivíduos que foram fundamentais na história da civilização ao modiﬁcarem a maneira como pensamos a nosso próprio respeito.

Em termos cronológicos, a psicanálise se entrecruza com as outras escolas de pensamento psicológico de que nos ocupamos. Consideremos a situação em 1895, ano em que Freud publicou seu primeiro livro, marcando o começo formal do seu novo movimento. Naquele ano, Wundt tinha sessenta e três anos. Titchener, com apenas vinte e oito, só

323

estava em Comeu há dois anos e começava a desenvolver seu sistema de psicologia estrutural. O espírito do funcionalismo começava a se desenvolver nos Estados Unidos, mas ainda não se formalizara em escola. Nem o comportamentalismo nem a psicologia da Gestalt tinham começado: Watson tinha dezessete anos e Wertheimer, quinze.

E, no entanto, à época do falecimento de Freud, em 1939, todo o mundo psicológico se modificara. A psicologia wundtiana, o estruturalismo e o funcionalismo eram história. A psicologia da Gestalt estava sendo transplantada da Alemanha para os Estados Unidos, e o comportamentalismo se tornara a forma dominante de psicologia americana. Freud alcançara proeminência internacional, mas sua posição já estava se partindo em subescolas e movimentos derivativos.

O relacionamento entre a psicanálise freudiana e as outras escolas de pensamento em psicologia foi apenas temporal. Não havia vínculos substantivos, quer em termos de concordância ou de dissidência, entre Freud e os outros fundadores no campo da psicologia. As outras escolas deviam seu impulso e forma a Wundt, quer desenvolvendo-se a partir de sua obra, como foi o caso do estruturalismo e do funcionalismo, quer se revoltando contra ela, como ocorreu com o comportamentalismo e a psicologia da Gestalt. A psicanálise, em contraste, não tinha vínculo direto com esses movimentos evolutivos e revolucionários, pois não surgira no âmbito da psicologia acadêmica. O estudo freudiano da personalidade humana e dos seus distúrbios estava bem afastado da psicologia do laboratório universitário.

Apesar de suas discordâncias fundamentais, os outros sistemas de pensamento tinham um legado acadêmico comum. Seus conceitos e métodos básicos tinham sido formados e aprimorados em laboratórios, bibliotecas e salas de aula. Suas preocupações tradicionais eram tópicos como a sensação, a percepção e a aprendizagem. Esses sistemas eram — ou se esforçavam por ser — ciência pura. A psicanálise, por sua vez, não era um produto da academia nem uma ciência pura. Em conseqüência, não era, e ainda não é, uma escola de psicologia diretamente comparável com as outras.

A psicanálise não se ocupava das áreas tradicionais da psicologia, em especial porque a preocupação delas é oferecer terapia a pessoas com distúrbios emocionais. Desde o começo, a psicanálise era separada e distinta do pensamento psicológico principal em termos de objetivos, objeto de estudo e métodos. Seu objeto de estudo é o comportamento anormal, que fora relativamente negligenciado pelas outras escolas de pensamento, e seu método primário é a observação clínica, e não a experimentação laboratorial controlada. Do mesmo modo, a psicanálise está voltada para o inconsciente, um tópico virtualmente ignorado pelos outros sistemas de pensamento.

Wundt e Titchener não admitiram o inconsciente em seus sistemas por uma razão simples: é impossível fazer introspecção com o inconsciente. E como não é possível fazer isso, não se pode reduzir o inconsciente aos seus componentes elementares para determinar seus conteúdos. Os funcionalistas, da mesma maneira, com seu foco exclusivo na consciência, não tinham o que fazer com o inconsciente. No extenso manual que James Rowland Angeli publicou em 1904, não havia mais do que duas páginas, no final, dedicadas à noção de inconsciente. O compêndio de 1921 de Robert Woodworth tinha pouco mais a dizer sobre isso, cobrindo o assunto nas últimas páginas — tal como Angeli, como um apêndice, elaborado depois de o livro estar pronto.

John B. Watson, é claro, tinha tanto espaço em seu sistema para o inconsciente quanto para a consciência. Para a sua abordagem de ciência natural da psicologia, nenhuma dessas entidades tinha validade. Entre 1912 e 1920, o *Psychological Bulletin* publicou artigos anuais intitulados “A Consciência e o Inconsciente”, que todos os anos depreciavam e denunciavam o conceito desses estados mentais num tom cada vez mais vociferante, até que os artigos deixaram de aparecer (Fulmer, 1986).

324

Apesar dessas diferenças, a psicanálise tem algumas características secundárias partilhadas com ao menos o funcionalismo e o comportamentalismo. Todos esses movimentos foram influenciados pelo espírito do mecanicismo, pela obra de Gustav Fechner e pelas idéias revolucionárias de Charles Darwin.

Influências Antecedentes sobre a Psicanálise

Tal como acontece com todas as escolas de pensamento, o movimento psicanalítico teve antecedentes intelectuais e culturais definidos. Duas fontes principais de influência foram as primeiras especulações filosóficas acerca da natureza de fenômenos psicológicos inconscientes e os primeiros trabalhos no campo da psicopatologia.

Teorias do Inconsciente

Vimos que, na maior parte de sua história inicial, até o advento do comportamentalismo, a psicologia científica se ocupava da experiência mental consciente. Do mesmo modo, os filósofos empiristas, que forneceram uma base para a nova psicologia, tinham como foco a experiência consciente. Contudo, nem todos os que trabalhavam nesses campos concordavam com essa orientação. Alguns também admitiam a importância de processos não conscientes. Embora o interesse pela influência do inconsciente possa remontar a Platão, o pensamento mais recente sobre o tópico acompanhou a obra de Descartes, no século XVII.

No começo do século XVIII, o filósofo e matemático alemão Gottfried Wilhelm Leibnitz (1646-1716) desenvolveu a teoria da monadologia. As mônadas, que Leibnitz considerava os elementos individuais de toda realidade, não eram átomos físicos. Elas nem sequer eram inteiramente materiais, na acepção usual da palavra. Cada mônada era uma entidade psíquica inextensa que, embora de natureza mental, tinha algumas das propriedades da matéria física. Quando um número suficiente delas se agregava, criava-se uma extensão.

Em termos gerais, podemos comparar as mônadas a percepções. Leibnitz acreditava que os eventos mentais (a atividade das mônadas) tinham diferentes graus de clareza ou consciência, que podem variar do completamente inconsciente ao mais nítida e definitivamente consciente. Graus menores de consciência eram denominados *petites perceptions*, e a atualização consciente dessas pequenas percepções foi denominada *apercepção*. Por exemplo, o som das ondas arrebentando na praia é uma *apercepção*. Essa *apercepção* se compõe de todas as gotas cadentes individuais de água (as *petites perceptions*). As gotas individuais não são consciente- mente percebidas em si; mas, quando um número suficiente delas se combina, elas se somam para produzir uma *apercepção*.

Um século mais tarde, o filósofo e educador alemão Johann Friedrich Herbart (1776-1841) desenvolveu a noção do inconsciente de Leibnitz, criando o conceito de limiar da consciência. As idéias que estão aquém do limiar são inconscientes. Quando uma idéia assoma num nível consciente de percepção, ela é *apercebida*, nos termos de Leibnitz, mas Herbart foi além disso. Para que uma idéia assome na consciência, é preciso que ela seja compatível e coerente com idéias já presentes na consciência. Não é possível existirem ao mesmo tempo idéias coerentes e incoerentes na consciência, e as idéias irrelevantes são expulsas da consciência, tornando-se idéias inibidas. As idéias inibidas existem abaixo do limiar da consciência; elas são semelhantes às *petites perceptions* leibnitzianas. Segundo Herbart, há entre as idéias um conflito em que elas lutam pela realização consciente, e ele propôs fórmulas e equações matemáticas para dar conta dos mecanismos das idéias em sua entrada na consciência ou expulsão dela. Logo, seu trabalho revela a influência do espírito mecanicista.

Gustav Fecimer também contribuiu para o desenvolvimento de teorias sobre o incons

325

ciente. Ele usou a noção de limiar, mas foi a sua sugestão de que a mente equivale a um iceberg que teve um maior impacto sobre Freud. Em sua analogia com o iceberg, Fechner especulou que uma parcela considerável da mente está oculta sob a superfície, onde é influenciada por forças não observáveis.

É interessante que Fechner, a quem a psicologia experimental tanto deve, também seja precursor da psicanálise. Freud citou em vários dos seus livros o de Fechner, *Elementos de Psicofísica*, tendo derivado conceitos importantes (o princípio do prazer, a energia psíquica, o conceito topográfico da mente e a importância do instinto destrutivo) da obra de Fecimer. Um dos biógrafos de Freud observou que Fechner foi “o único psicólogo de quem Freud tomou alguma idéia” (Jones, 1957, p. 268).

A noção de inconsciente era parte integrante do *Zeitgeist* europeu da década de 1880, época em que Freud iniciava sua prática clínica. Além de ser do interesse dos profissionais, a idéia de inconsciente também era considerada um assunto da moda para as conversas em geral. Um livro chamado *Philosophy of the Unconscious* (Filosofia do Inconsciente), de

Hartmann, publicado em 1869, era tão popular que teve nove edições entre esse ano e 1882. Nos anos 1870, ao menos meia dúzia de outros livros publicados na Alemanha tinham a palavra inconsciente no título.

Freud, portanto, não foi o primeiro a descobrir ou mesmo a discutir seriamente a mente inconsciente. Ele era o primeiro a reconhecer que poetas e filósofos antes dele tinham se ocupado

amplamente do inconsciente. O que ele descobrira, afirmava Freud, fora um modo de estudá-lo.

A Psicopatologia

Observamos que um novo movimento sempre requer algo contra que revoltar-se, algo em que se apoiar para ganhar impulso. Como a psicanálise não se desenvolveu no âmbito da psicologia acadêmica, a ordem vigente a que ela se opôs não foi a psicologia wundtiana nem nenhuma outra escola de pensamento psicológico. Para descobrir aquilo a que Freud se opunha, é forçoso considerar o pensamento prevalecente na área em que ele trabalhava — a compreensão e o tratamento de distúrbios mentais.

A história do tratamento dos doentes mentais é fascinante e depressiva, apresentando um chocante quadro de desumanidade. Na Idade Média, os indivíduos perturbados não obtinham nenhuma compreensão e não recebiam quase nenhum tratamento. Afirmava-se que a mente era um agente livre, responsável por sua própria condição. O tratamento de pessoas mentalmente perturbadas consistia principalmente em incriminação e punição, pois se acreditava que as causas dos distúrbios emocionais eram a perversidade, a possessão demoníaca e a feitiçaria.

Na Renascença, as coisas não melhoraram:

As grandes mudanças de estrutura social na época da Renascença suscitaram um sentimento geral de incerteza e insegurança... Homens inseguros, incertos com relação ao futuro, frustrados pelas transformações, ficam prontos a exorcizar a ameaça do mal através de uma distribuição acrítica de recriminações e punições ... No século XV, a Igreja fazia isso por eles. Em 1489, Jacob Sprenger e Heinrich Kraemer, dois irmãos dominicanos, aproveitando-se da recente invenção da imprensa, publicaram o *Maileus Maleficarum*, título que talvez possa ser melhor traduzido por O Martelo das Feiticeiras, já que o livro se destinava a ser um instrumento para martelar as feiticeiras.

O *Maileus Maleficarum* é uma cruel enciclopédia sobre feitiçaria, detecção de feiticeiras e procedimentos para examiná-las por meio da tortura, bem como para sentenciá-las... Ele identifica a feitiçaria com os distúrbios mentais, dos quais descreve com cuidado muitos sintomas. Durante trezentos anos, em dezenove edições, esse compêndio malévolo foi a autoridade e o guia da Inquisição (Boring, 1950, pp. 694-695).

326

Por volta do século XIX, uma atitude mais humana e racional em relação aos doentes mentais começou a surgir. Na Europa e na América, as cadeias que prendiam os insanos foram literalmente quebradas à medida que o declínio da influência da superstição religiosa abriu o caminho para a investigação científica das causas das doenças mentais. Os

tratamentos oferecidos eram, na melhor das hipóteses, primitivos, por vezes causando mais sofrimento do que as perturbações que pretendiam curar.

327

A teoria da inonadologia, proposta por Gottfried Wilhelm Leibnitz, foi uma primeira tentativa de explicar os processos inconscientes

Considerem-se as técnicas desenvolvidas por Benjamin Rush (1745-1813), o primeiro psiquiatra a clinicar nos Estados Unidos. Ele acreditava que alguns comportamentos estranhos eram causados pelo excesso ou pela falta de sangue, e seu remédio era tirar sangue do paciente ou colocá-lo nele. Ele desenvolveu uma cadeira rotativa que fazia o infeliz girar em alta velocidade, procedimento que com frequência provocava desmaios. Numa forma primitiva de tratamento de choque, Rush mergulhava os pacientes numa banheira. Também se deve creditar a ele a primeira técnica tranqüilizante. Os pacientes eram amarrados numa cadeira tranqüilizante e aplicava-se pressão em sua cabeça com grandes blocos de madeira presos num torno.

Embora essas técnicas nos pareçam cruéis, temos de nos lembrar que Rush estava tentando ajudar os doentes mentais em vez de jogá-los em instituições de custódia em que as suas necessidades seriam ignoradas. Ele reconhecia que seus pacientes estavam doentes e fundou o primeiro hospital norte-americano destinado especificamente ao tratamento de distúrbios emocionais.

No decorrer do século XIX, havia duas principais escolas de pensamento em psiquiatria — a somática e a psíquica. A escola somática afirmava que o comportamento anormal tem causas físicas, como lesões cerebrais, subestimulação dos nervos ou nervos demasiado contraídos. A escola psíquica recorria a explicações mentais ou psicológicas. De modo geral, a psiquiatria oitocentista foi dominada pela escola somática, uma concepção que recebera considerável apoio, no século precedente, de Immanuel Kant, que zombava da idéia de que emoções pudessem causar doenças mentais. A psicanálise se desenvolveu como um aspecto da revolta contra essa orientação somática. À medida que o trabalho com os doentes mentais progredia, alguns cientistas se convenciam de que os fatores emocionais tinham muito mais importância do que lesões cerebrais ou outras possíveis causas físicas.

A hipnose teve seu papel na promoção do interesse pelas causas psíquicas do comportamento anormal. Na última parte do século XVIII, o fenômeno da hipnose foi levado à atenção da profissão médica pelo médico austríaco Franz Anton Mesmer (1734-1815), mas durante um século foi rejeitado por esses profissionais, que equiparavam o mesmerismo ao charlatanismo. (O público, contudo, aceitou a idéia dos estados hipnóticos, fazendo deles uma espécie de jogo de salão.) Na Inglaterra, James Braid (1795-1860) denominou o estado hipnótico neuripnologia, do qual o termo hipnose acabou por ser derivado. O cuidadoso trabalho de Braid e o seu desdém por pretensões exageradas deram ao fenômeno um certo grau de respeitabilidade científica.

A hipnose alcançou aceitação profissional com o trabalho do médico francês Jean Martin Charcot (1825-1893), chefe da clínica neurológica do Salpêtrière, um hospital parisiense para insanos. Charcot tratara pacientes histéricas por meio da hipnose com algum sucesso. E, o que é mais importante, descrevera os sintomas da histeria e o uso que fizera da hipnose em termos médicos, tornando-a mais aceitável para outros médicos e para a

Academia Francesa de Ciências, que rejeitara por três vezes a idéia do mesmerismo. A aprovação da Academia era vital, pois abria a porta para a investigação dos aspectos psicológicos das enfermidades mentais.

O trabalho de Charcot, contudo, era primordialmente neurológico, enfatizando distúrbios e sintomas físicos como a paralisia. Os médicos continuaram a atribuir a histeria a causas somáticas até 1889, quando o discípulo de Charcot, Pierre Janet (1859-1947), aceitou o convite para ser diretor do laboratório psicológico no Salpêtrière. Janet rejeitou a opinião de que a histeria fosse um problema físico e a considerou um distúrbio mental. Ele enfatizou os fenômenos mentais — como deteriorações da memória, idéias fixas e forças inconscientes — como fatores causais, preferindo a hipnose como método de tratamento. Assim, nos primeiros anos da carreira de Freud, a literatura publicada sobre a hipnose e sobre as causas psicológicas das doenças mentais estava aumentando. A obra de Janet, em especial, antecipava muitas das

328

idéias de Freud. Em termos pessoais, contudo, Janet mais tarde exprimiu desdém pelo próprio Freud (Abel, 1989).

A obra de Charcot e Janet no tratamento dos mentalmente perturbados ajudou a mudar as crenças da psiquiatria, que passaram da escola somática para a escola mental ou psíquica. Os médicos começaram a pensar em termos da cura de distúrbios emocionais tratando a mente em vez do corpo. Quando Freud começou a publicar suas idéias, o termo psicoterapia já tinha uso disseminado.

A Influência de Darwin

Em 1979, Frank J. Sulloway, um notável historiador da ciência, publicou *Freud: Biólogo da Mente* (Freud: Biólogo da Mente), em que afirmava que Freud fora muito influenciado pela obra de Charles Darwin. Sulloway apoiou-se em novos dados da história; mais precisamente, ele examinou dados que já existiam há anos, mas que ninguém tinha considerado da mesma maneira.

Sulloway examinou os livros da biblioteca pessoal de Freud e descobriu exemplares das obras de Darwin. Freud os lera a todos, fazendo anotações à margem e, pelo que se sabia, os tinha elogiado. Freud admitia que a obra de Darwin, ao lado de um ensaio sobre a natureza escrito pelo poeta alemão Goethe, tinham influenciado sua escolha da medicina como profissão. Além disso, podem-se detectar muitas semelhanças com as idéias de Darwin nos escritos de Freud. Sulloway concluiu que Darwin “provavelmente fez mais do que qualquer outra pessoa para abrir o caminho para Sigmund Freud e a revolução psicanalítica” (Sulloway, 1979, p. 238).

Darwin discutiu várias idéias que Freud mais tarde transformou em questões centrais da psicanálise, incluindo processos e conflitos mentais inconscientes, a significação dos sonhos, o simbolismo oculto em sintomas estranhos de comportamento e a importância da excitação sexual. De modo geral, Darwin se concentrou, como Freud mais tarde, em aspectos não racionais do pensamento e do comportamento.

As teorias de Darwin também influenciaram o pensamento freudiano sobre o desenvolvimento infantil. Observamos que Darwin deu suas anotações e seu material não publicado a George John Romanes, que mais tarde escreveu dois livros, com base nesse material,

sobre a evolução mental dos seres humanos e dos animais. Sulloway encontrou exemplares de livros de Romanes na biblioteca de Freud, bem como comentários manuscritos deste apostos à margem. Romanes desenvolveu a noção darwiniana da continuidade do comportamento emocional da infância à idade adulta, e a sugestão de que o impulso sexual aparece em bebês de até sete semanas de vida. Esses dois temas se tornaram centrais na psicanálise freudiana.

Darwin insistia que os seres humanos são impelidos por forças biológicas, particularmente pelo amor e pela fome, que ele acreditava serem o fundamento de todo comportamento. Menos de uma década mais tarde, o psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing exprimiu a mesma concepção, a de que a autopreservação e a gratificação sexual são os dois únicos instintos da fisiologia humana. Assim, cientistas respeitados que seguiam a linha de Darwin reconheciam o papel do sexo como motivação humana básica.

Há outros pontos de semelhança entre as obras de Darwin e Freud. A ênfase freudiana no conflito interior é conceitualmente idêntica ao tema darwiniano da luta pela existência. Freud escreveu que “o indivíduo perece a partir dos seus conflitos interiores, a espécie [em sua luta com o mundo exterior ao qual já não está adaptada]” (Freud, 1938/1941, p. 299). Em ambos os casos, a luta é com a morte, psicológica ou fisiológica. Logo, podemos incluir Darwin como um importante precursor de Freud, que se apoiou em muitos aspectos da teoria evolucionista para desenvolver sua teoria revolucionária da psicanálise.

329

Outras Fontes de Influência

Várias outras influências sobre Freud merecem menção. O clima intelectual dos séculos XVIII e XIX acolhia a doutrina do hedonismo, a proposição de que os seres humanos são motivados para obter prazer e evitar a dor. Associado primordialmente com o filósofo inglês Jeremy Bentham e sua noção de utilitarismo, o hedonismo também era sustentado por alguns associacionistas britânicos. O conceito freudiano do princípio do prazer é sustentado pela doutrina do hedonismo.

No decorrer de sua formação universitária, Freud esteve exposto à idéia do mecanicismo, representada pelos fisiologistas Carl Ludwig, Emil du Bois-Reymond, Ernst Brücke e Hermann von Helmholtz. Esses alunos do grande Johannes Müller tinham se unido para assumir a posição de que não se encontram forças nos seres vivos que não existam nos objetos inanimados. Em outras palavras, não há no organismo forças ativas além das forças físicas e químicas comuns. Como aluno de Brücke, Freud foi influenciado por essa orientação mecanicista. Mais tarde, ele formularia uma teoria determinista sobre a natureza do comportamento humano que denominou determinismo psíquico.

Outro aspecto do Zeitgeist que influenciou e reforçou o trabalho de Freud foi a atitude diante do sexo na Viena do final do século passado. Afirmase que, como a sociedade na época de Freud era muito repressiva e puritana, ele estava muito além do seu tempo ao discutir questões sexuais com tanta franqueza. Embora as inibições sexuais possam ter caracterizado as mulheres neuróticas de classe média alta que foram pacientes de Freud (bem como o próprio Freud), isso não era típico da cultura como um todo. A Viena da virada do século era uma sociedade aberta e permissiva, e essa aceitação generalizada da sensualidade não era acompanhada por sentimentos de culpa nem por repressão. A pesquisa sugere que nem sequer a Inglaterra vitoriana e a América puritana foram de fato

caracterizadas pela pudicícia e pelas inibições excessivas que se costumam associar com essas culturas (ver Gay, 1983).

O interesse pelos assuntos sexuais era visível na vida cotidiana vienense e na literatura científica. Nos anos antes de Freud apresentar sua teoria de fundo sexual, tinham sido publicados muitos estudos sobre patologias sexuais, sexualidade infantil e supressão de impulsos sexuais e seus efeitos sobre a saúde física e mental. Em 1845, o médico alemão Adolf Patze afirmou que o impulso sexual estava presente em crianças já aos três anos, o que foi reiterado em 1867 por Henry Maudsley, um conhecido psiquiatra britânico. Em 1886, Krafft-Ebing publicou seu livro sensacional *Psychopathia Sexualis* (Psicopatía Sexual). E, em 1897, um médico vienense, Albert Moll, escreveu um livro sobre a sexualidade na criança e sobre o amor da criança pelo genitor do sexo oposto (Steele, 1985a).

Um colega de Freud em Viena, o neurologista Moritz Benedikt, conseguira curas dramáticas com histéricas ao fazê-las falar sobre seus problemas com a vida sexual. O psicólogo francês Alfred Binet publicara trabalhos sobre perversões sexuais no final dos anos 1880 e no início dos anos 1890. Até a palavra libido, que tanta importância assumiria na psicanálise, já estava em uso e com o mesmo sentido dado por Freud. Assim, boa parte do componente sexual do seu trabalho fora antecipado de uma ou de outra forma. Como o *Zeitgeist* profissional e público já era receptivo, as idéias de Freud foram objeto de grande atenção.

O conceito de catarse também era popular antes de Freud publicar qualquer obra. Em 1880, um ano antes de Freud receber seu diploma de médico, um tio de sua futura esposa escreveu um livro sobre o conceito aristotélico de catarse. Seguiu-se uma “mania pela questão da catarse... Por um certo tempo, a catarse era um dos assuntos mais discutidos entre os estudiosos e um dos tópicos de conversa nos sofisticados salões vienenses” (Ellenberger, 1972, p. 272). Por volta de 1890, havia mais de 140 publicações em alemão sobre o tópico (Suloway, 1979).

330

Por fim, muitas idéias de Freud acerca dos sonhos tinham sido antecipadas na literatura filosófica e fisiológica já no século XVII. Houve muitas e diversificadas influências sobre o pensamento de Freud. Grande parte da sua genialidade, e da de todos os fundadores, foi a capacidade de recorrer a essas várias idéias e, a partir delas, desenvolver um sistema coerente.

Sigmund Freud (1856-1939) e o Desenvolvimento da Psicanálise

O movimento psicanalítico que Sigmund Freud desenvolveu tem íntimas relações com a sua própria vida e é, em larga medida, autobiográfico. Em consequência, conhecer a história

de sua vida é fundamental para a compreensão do seu sistema.

Freud nasceu a 6 de maio de 1856 em Freiberg, Morávia (atualmente Příbor, na antiga Checoslováquia). Em 1990, a cidade deu à sua Praça Stálin o nome de Praça Freud. O pai de Freud era um comerciante de lã relativamente mal-sucedido que, quando os seus

negócios fracassaram na Morávia, se mudou com a família para Leipzig e, mais tarde, quando Freud tinha quatro anos, para Viena. Freud permaneceu ali por quase oitenta anos.

O pai de Freud, vinte anos mais velho que a esposa, era rigoroso e autoritário. Quando jovem, Freud sentia medo e amor pelo pai. Sua mãe era protetora e amorosa, e ele tinha por ela um apego apaixonado. Esse medo do pai e a atração sexual pela mãe formam o que Freud mais tarde denominou complexo de Édipo — que parece ter sido derivado de suas experiências e lembranças da meninice.

Um entre oito filhos, Freud cedo demonstrou grande capacidade intelectual, que a família tudo fez para encorajar. Seu quarto era o único da casa que tinha uma lâmpada de azeite, o que era uma iluminação melhor para o estudo do que as velas usadas pelos outros. As outras crianças, pelas quais Freud demonstrava considerável ressentimento, não podiam estudar muito para que sua prática não perturbasse o jovem estudioso.

Freud ingressou no Liceu um ano antes do que era comum; considerado um aluno brilhante, graduou-se com distinção aos dezessete anos. Indeciso sobre sua carreira, tinha como interesses a civilização, a cultura humana, as relações humanas e a história militar. A teoria da evolução de Darwin fez-no interessar-se pela abordagem científica do conhecimento, e Freud, com alguma hesitação, resolveu estudar medicina. Ele não desejava ser médico clínico mas esperava que o diploma o levasse a uma carreira de pesquisa científica.

Iniciou seus estudos na Universidade de Viena em 1873. Como queria estudar vários assuntos sem vínculo direto com seu treinamento médico (por exemplo, fez cinco cursos de filosofia com Franz Brentano), levou oito anos para obter o grau. No início, Freud se concentrou na biologia; dissecou mais de quatrocentas enguias macho para determinar a estrutura dos testículos. Suas descobertas foram inconclusivas, mas é digno de nota que seu primeiro esforço de pesquisa se relacionasse com sexo. Ele passou para a fisiologia e trabalhou com a medula espinhal do peixe. Ao que parece, gostava do assunto, pois levou seis anos trabalhando com um microscópio no instituto fisiológico de Ernst Brücke.

Durante seu treinamento médico, Freud fez experiências com a cocaína. Usou-a, ofereceu-a à noiva, às suas irmãs e aos seus amigos, sendo responsável pela introdução da substância na prática médica. Entusiasmado com ela, descobriu que a cocaína curava sua depressão e ajudava sua indigestão quase crônica. Freud estava convencido de ter encontrado uma droga milagrosa que curaria a ciática ao enjôo marítimo, e lhe daria a fama e o reconhecimento por que ansiava.

Mas isso não iria acontecer. Um dos colegas médicos de Freud, depois de ouvir suas conversas casuais sobre a droga, fez suas próprias experiências e descobriu que a cocaína podia

331

ser usada para anestesiar o olho humano, possibilitando pela primeira vez a cirurgia ocular. Freud publicou seu artigo sobre os usos benéficos da cocaína em 1884, sendo esse trabalho considerado parcialmente responsável pela epidemia do uso de cocaína que varreu a Europa e os Estados Unidos, durando até quase toda a década de 20.

Freud foi criticado por defender o uso da cocaína fora da cirurgia do olho e por se

desencadear essa peste no mundo. Pelo resto da vida, ele tentou deliberadamente apagar toda

332

O movimento psicanalítico fundado por Sigmund Freud tem tido uma profunda influência sobre a psicologia moderna, bem como sobre muitos aspectos da cultura ocidental.

lembrança do seu endosso à cocaína, chegando a omitir referências ao seu trabalho em sua própria bibliografia. Por muitos anos, acreditava-se que Freud parara de usar a cocaína dos dias da escola médica, mas dados recém-descobertos da história, na forma de suas próprias cartas, revelam que ele usou a droga por ao menos mais dez anos, até a meia-idade (Masson, 1985).

Freud queria prosseguir com o estudo científico num ambiente acadêmico, mas Brücke o desestimulou devido às suas circunstâncias financeiras. Freud era pobre demais para se manter durante os muitos anos que teria de esperar para garantir um dos poucos cargos de professor universitário disponíveis. Com relutância, concordou com Brücke, decidindo fazer os exames e praticar a medicina. Isso o obrigou a trabalhos adicionais em clínicas e hospitais, pois deixara de lado o aspecto clínico de sua educação médica em favor da pesquisa fisiológica. Durante seu treinamento hospitalar, ele se especializou na anatomia e nas doenças orgânicas do sistema nervoso, particularmente a paralisia, a afasia, as lesões cerebrais em crianças e a patologia da fala.

Freud se formou em 1881 e no ano seguinte começou a praticar a neurologia clínica. A prática médica não era mais atraente do que ele esperara, mas as realidades econômicas prevaleceram. Ele era noivo de Martha Bernays, que também não tinha dinheiro, e eles tinham adiado o casamento várias vezes por razões financeiras. Por fim, depois de um frustrante compromisso de quatro anos, eles se casaram, mas Freud teve de tomar dinheiro emprestado e empenhar os relógios. Sua situação acabou por melhorar, mas Freud nunca se esqueceu desses primeiros anos de pobreza.

As longas horas de trabalho a que se dedicava impediam Freud de passar muito tempo com a esposa e os filhos (que viriam a ser seis). Ele passava as férias sozinho ou com a cunhada, porque Martha não acompanhava o seu ritmo de caminhada.

Durante esses anos, Freud desenvolveu uma importante amizade com o médico Josef Breuer (1842-1925), que alcançara a fama pelo seu estudo da respiração e pela descoberta do funcionamento dos canais auditivos semicirculares. O bem-sucedido e sofisticado Breuer ofereceu ao jovem Freud conselho, amizade e até dinheiro emprestado. Freud o via como uma figura paterna, e Breuer, ao que parece, via Freud como um irmão mais novo e precoce. ‘O intelecto de Freud está alcançando o seu auge’, escreveu Breuer a um amigo. ‘Eu o contemplo como uma galinha a uma águia’ (Hirschmuller, 1989, p. 315). Eles discutiam freqüente mente sobre os pacientes de Breuer, incluindo Anna O., cujo caso seria vital para o desenvolvimento da psicanálise.

Jovem inteligente e atraente de vinte e um anos, Anna O. apresentava uma ampla gama de graves sintomas histéricos, incluindo a paralisia, a perda de memória, a deterioração mental, náuseas e distúrbios da visão e da fala. Os sintomas começaram a aparecer enquanto ela cuidava do pai moribundo. Breuer tratou-a inicialmente usando a hipnose. Ele

descobriu que, hipnotizada, ela se recordava de experiências específicas que pareciam ter gerado determinados sintomas, e que falar sobre essas experiências em estado hipnótico parecia aliviar os sintomas.

Por exemplo, Anna passou por um período em que não conseguia beber água, apesar de uma intensa sede. Sob hipnose, ela relatou uma aversão à água na infância, lembrando-se de ter visto um cão de que ela não gostava bebendo de um copo. Depois que contou o incidente a Breuer, Anna descobriu que podia voltar a beber água — e o sintoma nunca voltou.

Breuer atendeu Anna diariamente por mais de um ano. Em suas consultas, Anna contava os incidentes perturbadores do dia e, depois disso, com frequência se sentia aliviada dos sintomas. Ela se referia às conversas com Breuer pelos termos “limpeza de chaminé” e “cura falada”. À medida que o tratamento continuava, Breuer percebeu — e contou a Freud — que os incidentes recordados por Anna sob hipnose envolviam algum pensamento ou evento que ela considerava repulsivo. Revivendo a experiência perturbadora sob hipnose, ela tinha os sintomas reduzidos ou eliminados.

333

A esposa de Breuer teve ciúmes do estreito relacionamento emocional desenvolvido entre ele e Anna O., que apresentava o que Breuer mais tarde denominou transferência positiva, isto é, ela transferiu seus sentimentos pelo pai para o médico. Essa transferência teve a ajuda da grande semelhança física entre o pai e o médico. Breuer também deve ter sentido um apego emocional pela paciente; “seus jovens atrativos, sua encantadora impotência e o seu próprio nome... redespertaram em Breuer seus anseios edípicos adormecidos pela sua própria mãe” (Gay, 1988, p. 68). Breuer finalmente percebeu a situação como uma ameaça e disse a Anna que não poderia mais tratá-la. Poucas horas depois, Anna sentiu os sintomas do parto histérico. Breuer encerrou esse evento com a hipnose e, de acordo com a lenda, foi com a esposa para uma segunda lua-de-mel em Veneza, quando ela ficou grávida.

Essa história é um mito perpetuado por várias gerações de psicanalistas e historiadores, fornecendo outro exemplo das distorções que podem ocorrer com os dados da história. Nesse caso, o mito persistiu por quase cem anos. Breuer e sua esposa podem de fato ter ido a Veneza, mas as datas de nascimento dos seus filhos revelam que nenhum poderia ter sido concebido durante essa viagem (Ellenberger, 1972). Na verdade, boa parte da história de Anna O. parece ter mais ficção do que fatos, particularmente sua cura pelos tratamentos catárticos de Breuer. Depois que este interrompeu o seu tratamento, ela foi internada por algum tempo, e passava horas sentada diante de um retrato do pai, falando incessantemente em visitar o seu túmulo. Breuer disse a Freud que ela estava “perturbada” e exprimiu a esperança de que ela morresse para terminar seu sofrimento. Mais tarde, Anna O. veio a ser uma feminista e assistente social na Alemanha. Ela nunca falou de suas experiências com Breuer e manteve uma atitude negativa com respeito à psicanálise pelo resto da vida (Freeman, 1972). O relato desse caso por Breuer é importante para o desenvolvimento da psicanálise, pois introduziu a Freud o método da catarse, a cura falada, que viria depois a merecer tanto destaque em sua obra.

Em 1885, Freud recebeu uma pequena bolsa de pós-graduação que lhe permitiu passar alguns meses estudando em Paris com Jean Martin Charcot. Certa noite, numa recepção, Freud ouviu Charcot asseverar que as dificuldades de um paciente tinham base sexual.

“Mas nesse tipo de caso é sempre uma questão de genitais — sempre, sempre, sempre” (Freud, 1914, p. 14). Para Freud, essa avaliação foi uma percepção iluminadora e estimulante. A partir disso, ele ficou alerta para a sugestão de problemas sexuais em seus clientes.

Ele teve a oportunidade de observar Charcot usar a hipnose no tratamento da histeria. Charcot demonstrara que a concepção tradicional da histeria como uma moléstia exclusivamente feminina (a palavra vem do grego *hystera*, que significa útero) era incorreta; ele provara a existência de sintomas histéricos em alguns dos seus pacientes homens.

Um ano depois de voltar de Paris, Freud foi recordado outra vez da possível base sexual dos distúrbios emocionais. Um destacado ginecologista pediu a Freud para se encarregar do caso de uma paciente que tinha ataques de ansiedade cujo alívio só ocorria se soubesse onde o seu médico estava naquele momento. O médico disse a Freud que a ansiedade era causada pelo marido impotente da mulher; seu casamento não fora consumado depois de dezoito anos. “A única prescrição para essa moléstia”, disse ele a Freud, “é muito conhecida de nós, mas não podemos prescrevê-la. Ela é: .I Penis norinalis dosim repetatur!” (Freud, 1914).

Freud adotava os métodos de Breuer, a hipnose e a catarse, no tratamento de seus pacientes, mas pouco a pouco foi ficando insatisfeito com a hipnose. Embora aparentemente bem-sucedida em aliviar ou eliminar sintomas, ela não parecia capaz de curar. Muitos pacientes voltavam com queixas de um novo grupo de sintomas. Além disso, Freud descobriu que alguns pacientes neuróticos não eram fácil ou profundamente hipnotizáveis. Esses e outros problemas o levaram a abandonar a técnica, mas ele manteve a catarse como método de tratamento, tendo desenvolvido a partir dela o que tem sido considerado a técnica mais

334

significativa na evolução da psicanálise: a livre associação. (Observamos no Capítulo 1 que Freud queria dizer, em alemão, livre intrusão ou invasão, e não livre associação.)

Nessa técnica, o paciente deita num divã e é encorajado a falar aberta e espontaneamente, dando completa expressão a qualquer idéia, por mais embaraçosa, irrelevante ou tola que pareça. O objetivo da psicanálise freudiana é trazer à percepção consciente lembranças ou pensamentos reprimidos, que ele supunha ser a fonte do comportamento anormal do paciente. Ele acreditava que não havia nada de aleatório no material revelado durante a livre associação, e que esse material não estava sujeito à escolha consciente do paciente. A informação revelada era predeterminada, forçada a entrar em sua consciência ou a invadi-la pela natureza dos seus conflitos.

Mediante a livre associação, Freud descobriu que as lembranças do paciente iam invariavelmente à infância, e que muitas das experiências reprimidas de que o paciente se recorda tinham relação com questões sexuais. Já sensível ao possível papel dos fatores sexuais na etiologia das doenças, e tendo conhecimento da literatura profissional corrente sobre a patologia sexual, Freud voltou sua atenção para o material de cunho sexual revelado nas narrativas dos pacientes.

Em 1895, Freud e Breuer publicaram *Estudos Sobre Histeria*, considerado por muitos o marco do início formal da psicanálise. O livro continha um artigo conjunto já publicado; cinco históricos de caso, incluindo o de Anna O.; um artigo teórico de Breuer; e um

capítulo sobre psicoterapia escrito por Freud. Embora tenha recebido algumas críticas negativas, a obra foi elogiada em revistas científicas e literárias de toda a Europa e considerada uma valiosa contribuição ao campo. Foi um começo defmido, embora modesto, do reconhecimento que Freud desejava. Breuer, no entanto, relutara em publicar o livro. Eles discutiram sobre a idéia de Freud de que o sexo era a mnica causa da neurose. Breuer aceitava a importância dos fatores sexuais, mas não estava convencido de que fossem a única causa. Ele sugeriu que Freud não tinha provas suficientes em que basear sua conclusão. A decisão de publicar o livro mesmo assim levou a um estremecimento de sua amizade.

Freud estava persuadido do seu acerto e de que não era preciso acumular dados adicio nais para sustentar sua posição. Pode ser que ele não quisesse esperar mais documentação porque um retardamento poderia permitir que alguém publicasse a idéia e reivindicasse prioridade. Sua ambição pelo sucesso e pela fama pode ter assumido precedência sobre a cautela científica para que ele corresse a imprimir o livro com evidências insuficientes. Sua atitude dogmática com relação a seu trabalho perturbou Breuer e, dentro de poucos anos, o rompimen to entre eles era completo. Freud ficara amargurado com o homem que tanto fizera por ele, chegando a dizer a um amigo que o simples fato de ver Breuer fazia-o querer deixar o país. À época da morte de Breuer, em 1925, esses sentimentos parecem ter se suavizado. Ele escreveu um obituário sensível para Breuer, no qual reconhecia as realizações do seu mentor. Também enviou uma carta de condolências ao filho de Breuer, referindo-se ao “magnífico papel desempenhado pelo seu falecido pai na criação da nossa nova ciência” (Hirschmuller, 1989, p. 321).

Na metade dos anos 1890, a convicção de Freud de que o sexo tinha o papel deternii nante na neurose estava firme. Ele observara que a maioria dos seus pacientes relatava experiências sexuais traumáticas na infância, com freqüência envolvendo membros da família. Ele também passou a acreditar que não era possível a neurose se desenvolver numa pessoa que tivesse uma vida sexual normal.

Num artigo apresentado à Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena em 1896, Freud relatou que seus pacientes tinham revelado experiências semelhantes à sedução na infância, sendo o sedutor, de modo geral, um parente mais velho, mais freqüentemente o pai.

335

Hoje, essas experiências são claramente rotuladas de abuso infantil. Esses traumas de sedução, acreditava Freud, eram a causa do comportamento neurótico dos adultos. Ele também contou que seus pacientes hesitavam em descrever detalhes da experiência de sedução e que os eventos pareciam um tanto irreais. Os pacientes falavam de um modo que sugeria não se lembrarem absolutamente das experiências, quase como se elas nunca tivessem ocorrido de fato. O artigo foi recebido com ceticismo. O presidente do grupo, Krafft-Ebing, disse que ele parecia “um conto de fadas científico” (Jones, 1953, p. 263). Freud replicou que seus críticos eram ignorantes e que podiam ir todos para o inferno.

Cerca de um ano depois, Freud mudou de posição, alegando que, na maioria dos casos, as experiências de sedução infantil descritas pelos pacientes nunca tinham ocorrido de fato. Isso marca outra mutação na história da psicanálise. No início, a consciência de que alguns

dos pacientes relatavam fantasias foi um golpe para Freud, porque sua teoria da neurose se baseava na crença de que os traumas sexuais infantis eram reais. Refletindo, porém, ele concluiu que essas fantasias eram bem reais para os pacientes. E, como as fantasias tinham o sexo como centro, este permanecia na raiz dos seus problemas. Assim, Freud pôde preservar a tese básica do sexo como a causa da neurose.

Quase um século depois, em 1984, surgiu uma controvérsia quando um psicanalista que dirigira por algum tempo os Arquivos Freud, Jeffrey Masson, acusou Freud de estar mentindo sobre a realidade das experiências sexuais infantis dos pacientes. Masson alegou que a maioria dos abusos sexuais relatados por pacientes de Freud tinha de fato ocorrido e que Freud decidira considerá-los fantasias apenas para tornar seu sistema mais aceitável para os colegas e o público (Masson, 1984).

A maioria dos estudiosos respeitados contestou as afirmações de Masson, alegando que ele não apresentou provas convincentes (ver Gay, 1988; Krüll, 1986; Malcoim, 1984). A disputa mereceu ampla publicidade em jornais e revistas. Numa entrevista ao Washington Post (19 de fevereiro de 1984), os freudianos Paul Roazen e Peter Gay descreveram a teoria de Masson como “um embuste”, “uma grave calúnia” e “uma severa distorção da história da psicanálise”. Deve-se notar que Freud nunca abandonara a sua crença de que o abuso sexual infantil tinha por vezes ocorrido; o que ele negara fora sua concepção anterior de que essas experiências sempre tinham ocorrido; ele tinha afirmado que esse abuso infantil tão disseminado dificilmente merecia crédito. Afinal, quem poderia acreditar que tantos pais e tios abusavam sexualmente de menininhas?

Contudo, evidências mais recentes indicam que o abuso sexual infantil é mais comum do que se costumava pensar, levando os pesquisadores a sugerir que a concepção freudiana original da teoria da sedução pode ter sido a correta. Não sabemos se Freud suprimiu deliberadamente a verdade, como diz Masson, ou acreditou genuinamente que seus pacientes relatavam apenas fantasias. Entretanto, é possível sugerir que “o número de pacientes de Freud que estavam contando a verdade sobre suas experiências infantis era maior do que ele estava preparado para acreditar” (Crewsdon, 1988, p. 41).

A essa mesma conclusão chegara, nos anos 30, o discípulo de Freud, Sandor Ferenczi. Com base nos relatos de seus pacientes, Ferenczi concluiu que o complexo de Édipo resultava de atos reais de abuso sexual, e não de fantasias. Quando Ferenczi ia apresentar suas idéias num congresso psicanalítico em 1932, Freud tentou impedi-lo de ler o artigo. Como isso fracassasse, Freud liderou uma vigorosa oposição à alegação do seu aluno.

Também se sugeriu que Freud modificou a teoria da sedução porque percebeu que, se isso fosse verdade, todos os pais, incluindo o seu, seriam culpados de atos perversos contra os

filhos (Krüll, 1986).

Seja qual for o julgamento final da teoria da sedução, está claro que Freud, que acentuava

o papel do sexo na vida emocional, tinha uma atitude negativa diante do sexo em geral e passara ele mesmo por dificuldades sexuais. Ele escrevera sobre os perigos da sexualidade, mesmo para pessoas não neuróticas, alegando que devíamos nos empenhar para nos elevar

acima dessa ‘necessidade animal comum’. Ele considerava o ato sexual degradante, tendo afirmado que contaminava a mente e o corpo. Em 1897, quando tinha quarenta e um anos, Freud contou que, pessoalmente, desistira do sexo, escrevendo a um amigo que “a excitação sexual já não tem nenhuma utilidade para uma pessoa como eu” (Freud, 1954, p. 227). Freud passara por experiências esporádicas de impotência e, por alguns períodos, se absteve do sexo devido ao seu declarado horror pelos preservativos e pelo coito interrompido, os métodos- padrão de controle da natalidade da época.

No mesmo ano em que decidiu abandonar o sexo, Freud começou a monumental tarefa de auto-análise. Por vários anos, ele tivera algumas dificuldades neuróticas, tendo diagnosticado sua condição como neurose de ansiedade, que atribuiu ao acúmulo de tensão sexual. Essa foi uma época de um intenso tumulto interior para Freud, mas, ao mesmo tempo, um dos seus períodos mais criativos. Ele empreendeu a tarefa de auto-análise como um recurso para melhor compreender a si mesmo e aos seus pacientes; para isso, empregou o método da análise de sonhos.

No curso do seu trabalho, Freud descobrirá que os sonhos do paciente poderiam ser uma rica fonte de material emocional significativo. Os sonhos com frequência continham indícios que remetiam às causas subjacentes de um distúrbio. Devido à sua crença positivista de que tudo tinha uma causa, ele achava que os eventos de um sonho não poderiam ser completamente sem sentido, mas resultar de algum elemento presente no inconsciente.

Percebendo que não podia analisar a si mesmo com a técnica da livre associação (pois era difícil assumir os papéis de paciente e terapeuta ao mesmo tempo), Freud decidiu analisar seus sonhos. Ao despertar toda manhã, ele anotava o material onírico da noite e fazia livres associações com ele. Essa auto-análise durou uns dois anos, culminando com a publicação de *A interpretação dos Sonhos* (1900), livro hoje considerado sua principal obra. Nele, Freud esboçou pela primeira vez a natureza do complexo de Édipo, apoiando-se amplamente em suas próprias experiências infantis. O livro não foi elogiado por todos, mas atraiu muito reconhecimento e comentários favoráveis. Revistas profissionais de campos tão diversos quanto a filosofia e a neuropsiquiatria o analisaram, bem como revistas e jornais populares de Viena, Berlim e outras cidades européias importantes. Em Zurique, Suíça, um jovem chamado Cai Jung leu o livro e logo se converteu à nova psicanálise — ao menos por algum tempo.

No final, *A interpretação dos Sonhos* teve tanto sucesso que mereceu oito edições durante a vida de Freud. Ele incorporou a análise de sonhos ao corpo de técnicas que usava em psicanálise e, dali por diante, dedicava ao menos meia hora por dia à auto-análise.

Nos anos produtivos posteriores a 1900, Freud desenvolveu e expandiu suas idéias. Em 1901, publicou *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, que contém uma descrição do hoje famoso

lapso freudiano. Freud sugeria que, no comportamento cotidiano da pessoa normal, bem como

nos sintomas neuróticos, idéias inconscientes lutam por expressão e são capazes de modificar

o pensamento e a ação. O que poderiam parecer lapsos lingüísticos ou atos de esquecimento casuais eram, na realidade, reflexos de motivos reais, embora não reconhecidos.

Seu livro seguinte, *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, apareceu em 1905. Três anos antes, alguns alunos lhe pediram para coordenar um grupo semanal de discussão para que pudessem aprender psicanálise. Esses discípulos, incluindo Alfred Adler e Carl Jung, mais tarde alcançaram fama através de sua oposição a Freud; este, como vimos ocorrer com Breuer, não tolerava discussões sobre a sua ênfase quanto ao papel da sexualidade. Quem não aceitasse ou tentasse modificar esse pilar era excomungado. Freud escreveu: “A psicanálise é criação minha; durante dez anos, fui a única pessoa que se interessou por ela... Ninguém pode saber melhor do que eu o que é a psicanálise” (Freud, 1914, p. 7).

337

Na primeira década do século XX, a situação pessoal e profissional de Freud teve uma pronunciada melhoria. Sua prática privada aumentou e um crescente número de pessoas passou a levar a sério seus pronunciamentos. Em 1909, ele recebeu um sinal de reconhecimento internacional quando foi convidado, ao lado de Jung, por G. Stanley Hall, para falar na celebração do vigésimo aniversário da Universidade Clark, em Massachusetts. Freud recebeu um doutorado honorário em psicologia. Achou a experiência profundamente comovente e conheceu muitos psicólogos americanos importantes, incluindo William James, E. B. Titchener e James McKeen Cattell. As cinco palestras que Freud fez em Clark foram publicadas na *American Journal of Psychology* e traduzidas para várias línguas (Freud, 1909/ 1910). Poucos meses depois das cerimônias em Clark, a reunião anual da APA dedicou uma sessão de três horas à discussão da obra de Freud, prova do impacto de sua ida aos Estados Unidos.

Embora tenha sido acolhido e recebido com honras em sua visita, Freud ficou com uma impressão desfavorável dos Estados Unidos, um sentimento que alimentou por muitos anos. Queixou-se da qualidade da culinária americana, da escassez de banheiros, das dificuldades com a língua e da informalidade dos costumes. Ele ficou ofendido quando um guia nas cataratas do Niagara referiu-se a ele como o velhote”. Nunca mais voltou lá e disse ao seu biógrafo, Ernst Jones, que “a América é um equívoco; um equívoco gigantesco, é verdade, mas mesmo assim um equívoco” (Jones, 1955, p. 60). Para sermos justos, é preciso observar que Freud também dizia não gostar de Viena, a cidade em que viveu por tantos anos.

Foi pouco depois disso que a família psicanalítica oficial foi dividida pela discórdia, pela dissidência e por defecções. O rompimento com Alfred Adler ocorreu em 1911 e, com Carl Jung — a quem Freud considerava filho espiritual e herdeiro do sistema psicanalítico —, em 1914. Freud queixou-se amargamente dessas defecções. Num jantar com a família, lamentou sua incapacidade de conservar a lealdade daqueles que um dia tinham sido tão fiéis a ele e à sua causa. “O problema com você, Sigi”, observou sua tia, “é que você simplesmente não compreende as pessoas” (Hilgard, 1987, p. 641).

Quando da eclosão da Primeira Guerra, havia três facções rivais, mas Freud conservou o nome psicanálise para o seu grupo. Os anos de guerra impediram o progresso do seu sistema, reduzindo o número de seus pacientes e, portanto, sua renda. Com uma esposa, seis filhos e uma cunhada para sustentar, ele estava muito preocupado com as questões financeiras. Freud alcançou o auge da fama entre 1919 e 1939, e continuou a escrever, a

atender vários pacientes por dia e tirava três meses de férias todo verão. Por volta da década de 20, a psicanálise tinha evoluído como sistema teórico que propunha uma compreensão de toda motivação e personalidade humanas, e não apenas como um método de tratamento de pessoas perturbadas.

Em 1923, descobriu-se que Freud tinha câncer na boca. Nos dezesseis anos seguintes, ele sofreu uma dor quase contínua e se submeteu a trinta e três operações; foram removidas porções do seu palato e do maxilar superior. Recebeu tratamento de raios X e de radioterapia, sendo submetido também a uma vasectomia, que, segundo alguns médicos acreditavam, rever teria o desenvolvimento do câncer. O aparelho bucal que as operações o obrigaram a usar prejudicava sua fala, tornando-se cada vez mais difícil compreender o que ele dizia. Embora continuasse a ver os pacientes e discípulos, ele evitava outros contatos pessoais. Freud morreu, depois do diagnóstico de sua doença, fumando seus vinte charutos por dia. (O escritor contemporâneo Anthony Burgess descreveu no *New York Times* de 7 de outubro de 1984 sua visita à casa de Freud em Viena, hoje um museu. É possível adquirir lá uma vívida lembrança dos últimos anos sombrios de Freud. “Você pode comprar um registro fonográfico em que [fala dos mortos num inglês correto torturado pelos ruídos da sua prótese.”)

338

Freud, cercado por membros da comunidade psicológica americana, na Universidade Clark em 1909.

Primeira fileira, da esquerda para direita: Franz Boas, E. B. Titchener, William James, William Stern,

Leo Burgerstein, G. Stanley Hall, Sigmund Freud, Carl Jung, Adolf Meyer, II. S. Jennings. Segunda

fileira: C. E. Seashore, Joseph Jastrow, James McKeen Cattell, E. F. Buchner, E. Katzenellenbogen,

Ernest Jones, A. A. Brill, William H. Burnham, A. F. Chamberlain. Terceira fileira: Albert Schinz, J. A.

Magni, B. T. Baldwin, F. Lyman Welis, G. M. Fobes, E. A. Kirkpatrick, Sandor Ferenczi, E. C. Sanford,

J. P. Porter, Sakyo Kanda, Hikoso Kakise. Quarta fileira: G. E. Dawson, S. P. Hayes, Edwin B. Holt, C.

S. Berry, G. M. Whipple, Frank Drew, J. W. A. Young, L. N. Wilson, K. J. Karison, H. H. Goddard, H.

1. Klopp, S. C. Fuiler.

Com a chegada de Adolf Hitler ao poder em 1933, a posição nazista oficial sobre a psicanálise ficou clara — livros de Freud foram queimados publicamente em maio daquele ano, numa fogueira em Berlim. Enquanto os volumes eram atirados ao fogo, um nazista gritava:

“Contra a supervalorização da vida sexual, destruidora da alma — e em nome da nobreza da alma humana — ofereço às chamas os escritos de um certo Sigmund Freud!” (Schur,

1972, p. 446). Freud comentou: “Estamos progredindo. Na Idade Média, eles teriam me queimado; hoje em dia, contentam-se em queimar meus livros” (Jones, 1957, p. 182).

Por volta de 1934, os analistas judeus mais visados tinham deixado a Alemanha. A vigorosa campanha nazista para erradicar a psicanálise do país foi tão eficaz que o conhecimento de Freud, antes tão disseminado, fora praticamente obliterado. Um aluno do Instituto de Pesquisa Psicológica e Psicoterapia, instalado pelos nazistas em Berlim, relembra que ‘o nome de Freud nunca era mencionado, e seus livros eram mantidos numa estante fechada’ (New York Times, 3 de julho de 1984). Quase cinquenta anos depois da guerra, ainda não se encontram na Alemanha muitos livros importantes sobre a psicanálise.

339

Contrariando o conselho de amigos, Freud insistiu em permanecer em Viena. Em março de 1938, a Alemanha invadiu a Áustria e, no dia 15, sua casa foi saqueada por um bando de nazistas. Uma semana depois, sua filha Anna foi presa e detida por um dia. Freud se convenceu de que devia fugir. Em parte graças à intervenção do embaixador americano na França, os nazistas permitiram que Freud fosse para a Inglaterra. Quatro de suas irmãs morreram em campos de concentração nazistas. Para garantir um visto de saída, Freud teve de assinar um documento atestando o tratamento respeitoso e cortês da Gestapo e observando não ter razões para queixas. Ele assinou o formulário e acrescentou o comentário sarcástico: “Posso recomendar calorosamente a Gestapo a qualquer pessoa” (Jones, 1957, p. 226).

Embora bem recebido na Inglaterra, Freud não pôde aproveitar o último ano de sua vida por causa da doença. “É trágico”, disse ele, “quando um homem sobrevive ao seu corpo” (Time, 10 de abril de 1939). Ele permaneceu lúcido e trabalhou quase até o fim. Alguns anos antes, quando escolhera Max Schur como médico pessoal, Freud fizera que ele promettesse que não o deixaria sofrer desnecessariamente. Em 21 de setembro de 1939, Freud recordou o médico de sua promessa. “Você me prometeu não me abandonar quando a minha hora chegasse. Agora, só me resta a tortura, algo que já não faz sentido” (Schur, 1972, p. 529). Schur deu a Freud três injeções de morfina num período de vinte e quatro horas, encerrando os muitos anos de sofrimento por que ele passara.

A Psicanálise como Método de Tratamento

Freud descobriu que o método da livre associação nem sempre funcionava livremente. Cedo ou tarde, os pacientes alcançavam um ponto em que não podiam ou não queriam continuar. Ele acreditava que essas resistências indicavam que o paciente tinha evocado na percepção consciente lembranças ou idéias demasiado horríveis, vergonhosas ou repulsivas para serem enfrentadas. Freud pensava que a resistência é uma forma de proteção contra o sofrimento emocional e que a presença da dor indica que a análise está se aproximando da fonte do problema.

Assim, ele supôs que a resistência indicava que o tratamento seguia a direção correta e que o analista devia continuar a explorar essa área. Freud enfatizava muito que se ajudassem os pacientes a vencer essas resistências. Ele insistia que eles deviam enfrentar as experiências ocultas, por mais perturbadoras, e vê-las à luz da realidade. Esperava-se que, no curso de uma análise completa, se encontrassem e se vencessem resistências algumas vezes.

A noção de resistência levou Freud a formular o princípio psicanalítico fundamental da repressão, o processo de ejetar ou excluir idéias, lembranças ou desejos inaceitáveis da percepção consciente, permitindo-lhes operar no inconsciente. Para ele, a repressão era a única explicação adequada para a ocorrência de resistências. Idéias ou impulsos desagradáveis são expulsos da consciência e mantidos à força fora dela. O terapeuta deve ajudar os pacientes a trazer esse material reprimido de volta à consciência, para que possam enfrentá-lo e aprender a conviver com ele. (Alguns pesquisadores sugeriram que Freud desenvolveu os conceitos de resistência e repressão a partir da obra do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. Freud disse que não tinha lido suas obras, mas reconheceu sua precedência.)

Freud admitia que o trabalho eficaz com pacientes neuróticos depende do desenvolvimento de uma relação pessoal íntima entre paciente e terapeuta. Notamos antes que a transferência que Arma O. desenvolveu em relação a Breuer o perturbou tanto que ele encerrou seu tratamento. Freud considerava essa transferência das atitudes emocionais do paciente dos genitores para o terapeuta vital e necessária ao processo terapêutico. Um dos alvos da terapia era emancipar os pacientes de sua dependência infantil e ajudá-los a assumir um papel mais adulto.

340

Observamos o reconhecimento dado por Freud à importância do material onírico na sua própria auto-análise. Ele acreditava que os sonhos representam uma satisfação disfarçada de desejos e anseios reprimidos e que a história onírica é muito mais significativa e complexa do que pode parecer. Conta-se que numa noite de quarta-feira, no dia 24 de julho de 1895, sentado a uma mesa do lado nordeste do terraço do restaurante Believue, em Viena, Freud percebeu que a essência do sonho é a realização de desejos. Seguindo a noção de que o gênio sempre se lisonjeia datando suas próprias inspirações, Freud gracejou dizendo que uma placa deveria ser construída naquele lugar: ‘Aqui foi revelado ao Dr. Sigm. Freud, no dia 24 de julho de 1895, o segredo dos sonhos’ (Jones, 1953, p. 354).

Os sonhos têm um conteúdo manifesto e um conteúdo latente, O conteúdo manifesto é a história contada quando nos recordamos dos eventos ocorridos no sonho. A verdadeira significação do sonho reside, contudo, no conteúdo latente, que constitui o seu significado oculto ou simbólico. Para interpretar o sentido oculto, o terapeuta deve partir do conteúdo manifesto para o latente, isto é, interpretar o significado simbólico dos eventos que o paciente relata na história onírica.

A análise dos sonhos é uma tarefa complexa. Freud acreditava que os desejos proibidos presentes no conteúdo onírico latente se exprimem, no conteúdo manifesto, apenas de forma

simbólica ou disfarçada. Embora muitos símbolos que surgem em sonhos só tenham relevância

Freud em seu gabinete em Viena, no ano de 1937, cercado pela sua coleção de antiguidades gregas, romanas e egípcias.

341

para a pessoa que relata um sonho particular, há símbolos comuns a todos nós. Freud sugeriu, por exemplo, que jardins, varandas e portas representam o corpo feminino, e flechas de igreja, velas e serpentes, os órgãos genitais masculinos. Sonhos sobre quedas representam a entrega a desejos eróticos, e sonhos com vôo representam um desejo de realização sexual. Freud advertiu que, apesar da universalidade desses símbolos, a interpretação de um sonho particular exige o conhecimento dos conflitos específicos do paciente.

Freud também escreveu que nem todos os sonhos têm como causa conflitos emocionais. Alguns surgem de estímulos corriqueiros como a temperatura do aposento, o contato com o parceiro ou comer muito antes de dormir. Por conseguinte, nem todos os sonhos contêm material oculto ou simbólico.

Acreditava Freud que um longo e intenso período de terapia era necessário para se efetuar uma cura. Com seus pacientes, ele descobriu que eram necessárias não menos de cinco sessões semanais durante meses ou até anos. Logo, um analista só poderia tratar, tipicamente, de uns poucos pacientes de cada vez.

Ele também tinha idéias definidas acerca do treinamento dos terapeutas. Pensava que cada analista deveria passar por análise e por um período mínimo de dois anos de trabalho, sob supervisão, antes de lhe ser permitido tratar de pacientes. Por outro lado, achava que a prática da psicanálise deveria ser uma profissão independente da medicina. Ironicamente, ele previu que, em algum momento futuro, seriam desenvolvidas substâncias químicas para tratar distúrbios emocionais, o que tomaria a prática psicanalítica obsoleta.

Apesar do crescente uso da psicanálise como método de tratamento, Freud tinha pouco interesse em seu potencial valor terapêutico. Sua preocupação primordial não era curar pessoas, mas esclarecer a dinâmica que subjaz ao comportamento humano. Ele via a si mesmo mais como cientista do que como terapeuta e considerava suas técnicas de livre associação e análise de sonhos instrumentos de pesquisa para a coleta de dados. O fato de as técnicas também terem aplicações terapêuticas era para ele secundário em relação ao seu uso científico.

Talvez devido à sua relativa falta de interesse pelo tratamento de pacientes, ele era descrito como impessoal, indiferente e brusco ao lidar com eles. Ele colocava sua cadeira atrás do divã psicanalítico porque, dizia, não queria que os pacientes o encarassem. Por vezes, adormecia durante sessões analíticas. “Falta-me a paixão de ajudar”, confessou a um amigo (Jones, 1955, p. 446). A paixão de Freud era a pesquisa e a análise dos dados com os quais construiu sua teoria da personalidade.

O Método de Pesquisa de Freud

O sistema de Freud diferia muito, em conteúdo e metodologia, da psicologia experimental tradicional da época. É difícil reconciliar algumas de suas teorias com seu treinamento científico, particularmente com seus anos de pesquisa fisiológica. Apesar de sua formação, ele não usou métodos experimentais de pesquisa. Embora conhecesse a psicologia experimental, Freud não coletava dados a partir de experiências controladas nem fazia análises quantitativas dos seus resultados. Os dados que coletava e os modos como os interpretava estavam em discrepância com os métodos da psicologia experimental. E tinham de estar, dado o objeto de estudo escolhido por Freud.

Ele contou que tinha pouca fé na abordagem experimental. Quando, nos anos 30, um psicólogo americano lhe enviou cópias de artigos sobre experiências que fizera para validar alguns conceitos freudianos, Freud “atirou as cópias sobre a mesa num gesto de impaciente rejeição”. Ele escreveu ao psicólogo que não poderia “atribuir muito valor a essa confirmação” (Rosenzweig, 1985, pp. 171, 173).

342

Contudo, Freud acreditava que o seu trabalho era científico e que as histórias de caso dos seus pacientes forneciam amplo apoio às suas conclusões. Ele sugeria que só psicanalistas que usassem suas técnicas estavam qualificados para julgar o valor científico de suas descobertas. Ele escreveu que o seu sistema tinha como base um “rn incalculável de observações e experiências, e só alguém que repetiu essas observações em si e nos outros tem condições de chegar a um julgamento pessoal a seu respeito” (Freud, 1940, p. 144).

Suas teorias foram derivadas da auto-observação e da observação dos seus pacientes submetidos à psicanálise. Ele usava principalmente as técnicas da livre associação e da análise de sonhos, não vendo obstáculos inerentes à extração de conclusões relevantes e significativas desse material.

Quando me impus a tarefa de trazer à luz aquilo que os seres humanos conservam oculto dentro de si, não pelo poder coercitivo da hipnose, mas observando o que dizem e o que demonstram, julguei-a mais difícil do que de fato é. Quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir pode se convencer de que não há mortal capaz de guardar um segredo. Mesmo que os lábios silenciem, ele conversa com as pontas dos dedos; a autotraição exala dele por todos os poros. Assim, a tarefa de tomar conscientes os recessos mais ocultos da mente apresenta boas possibilidades de ser realizada (Freud, 1901/1905b, pp. 77-78).

As teorias de Freud foram formuladas, revisadas e ampliadas em termos das evidências interpretadas apenas por ele. Sua própria capacidade crítica foi o guia predominante da construção de sua teoria. Ele ignorava as críticas alheias, em particular de pessoas não simpáticas à psicanálise; mesmo comentários de amigos e colegas pouco influenciavam o seu pensamento. Muito raramente ele se dava ao trabalho de responder aos críticos. A psicanálise era seu sistema, e só seu.

A Psicanálise como Sistema da Personalidade

O sistema teórico de Freud não compreendia os tópicos que costumavam ser incluídos nos compêndios de psicologia da época. Freud explorou áreas que os psicólogos tendiam a ignorar, tais como as forças motivadoras inconscientes, os conflitos entre essas forças e os efeitos desses conflitos sobre o comportamento humano.

Os Instintos

Os instintos são os fatores propulsores ou motivadores da dinâmica da personalidade, as forças biológicas que liberam energia mental. Embora a palavra instinto tenha passado a ter uso corrente, ela não transmite o sentido original de Freud. Ele não usava a palavra alemã Instinkt quando se referia aos seres humanos, reservando-a à descrição de impulsos inatos de animais. O termo por ele usado para os seres humanos era Trieb, melhor traduzido por impulso ou pulsão (Bettelheim, 1982). Os instintos freudianos não são predisposições herdadas, que é o sentido usual de instinto, referindo-se antes a fontes de estimulação no

interior do corpo. O seu objetivo é remover ou reduzir a estimulação por meio de alguma atividade como comer, beber ou satisfazer a necessidade sexual.

Freud não tentou delimitar o ni de instintos, mas os agrupou em duas categorias:

os instintos de vida e o instinto de morte. Os instintos de vida (eros) incluem a fome, a sede e o sexo, referindo-se à autopreservação e à sobrevivência da espécie. Trata-se das forças criadoras que sustentam a própria vida; a forma de energia mediante a qual eles se manifestam

é denominada libido. O instinto de morte (thanatos) é uma força destrutiva. Ela pode ser

343

dirigida para dentro, como ocorre no masoquismo ou no suicídio, ou para fora, como no ódio

e na agressão. Freud acreditava que somos impelidos irresistivelmente para a morte e até que

o “objetivo de toda vida é a morte” (Freud, 1920, p. 38).

Ele reconheceu gradualmente que a hostilidade e a agressão, tanto quanto o sexo, são forças importantes na personalidade. À medida que envelhecia, foi se convencendo de que a agressão podia até ser mais forte do que o sexo como motivação do comportamento humano. Eis outro exemplo da natureza autobiográfica do sistema de Freud. Ele só desenvolveu a noção de instinto de morte, e de sua manifestação exterior como agressão, quando a morte se tornou uma preocupação pessoal — depois que o seu câncer piorou, depois de testemunhar os horrores da guerra e depois que sua filha Sophie morreu aos vinte e seis anos, deixando dois filhos pequenos.

Freud ficou arrasado com essa perda e propôs o conceito de instinto de morte menos de três semanas depois. Ele também tomou consciência de uma tendência agressiva no interior de si mesmo. Alguns colegas o desprezaram como um bom inimigo, e alguns dos seus escritos, para não falar da contundência e do caráter irrevogável dos seus rompimentos com os dissidentes do movimento psicanalítico, sugerem um alto nível pessoal de agressividade.

O conceito freudiano de agressão como força motivadora tem tido melhor aceitação do que a sugestão de um instinto de morte. Um psicanalista escreveu que a idéia de instinto de morte poderia ser “relegada à lata de lixo da história” (Becker, 1973, p. 99). Outro sugeriu que, se Freud era um gênio, a proposição do instinto de morte foi um excelente exemplo de um dia de mau humor de um gênio (Eissler, 1971).

Os Aspectos Conscientes e Inconscientes da Personalidade

Em suas primeiras obras, Freud expressou a crença de que a vida psíquica consiste em duas partes, a consciente e a inconsciente. A parte consciente, qual a porção visível de um iceberg, é pequena e insignificante, representando somente um aspecto superficial da personalidade total. O vasto e poderoso inconsciente contém os instintos que são a força propulsora de todo o comportamento humano. Freud também postulou a existência de um pré-consciente ou anteciente. Ao contrário do material no inconsciente, o material pré-consciente não foi ativamente reprimido e pode ser trazido com facilidade à consciência.

Por exemplo, se a sua mente se desviar das palavras desta página e você começar a pensar em alguma coisa que fez a noite passada, você estará trazendo material do pré-consciente à sua percepção consciente.

Freud mais tarde reviu essa distinção simples consciente/inconsciente e introduziu os constructos do id, ego e superego. O id, que corresponde mais ou menos à noção freudiana anterior do inconsciente, é a parte mais primitiva e menos acessível da personalidade. As poderosas forças do id incluem os instintos sexuais e agressivos. “Chamamo-lo de caos, um caldeirão repleto de fervilhantes excitações”, escreveu Freud. E ele acrescentou que o id “não conhece juízos de valor, nem o bem e o mal, nenhuma moralidade” (Freud, 1933, p. 74). O id busca satisfação imediata, sem levar em conta as circunstâncias da realidade objetiva; assim, age de acordo com o que Freud denominou princípio do prazer, que tem relação com a redução da tensão por meio da busca do prazer e da evitação da dor. Observamos no Capítulo 1 que a palavra que Freud usou em alemão para id foi es, que significa isso, termo sugerido pelo psicanalista Georg Gtodeck, que, em 1921, enviou a Freud o manuscrito dos primeiros cinco capítulos de um livro que estava escrevendo, intitulado *The Book of It* (O Livro do Isso), (Isbister, 1985).

Nossa energia psíquica básica ou libido está contida no id e é expressa por meio da redução da tensão. Aumentos na energia libidinal provocam aumento da tensão, que tentamos

reduzir a um nível mais tolerável. Para satisfazer as nossas necessidades e manter um nível de

344

tensão confortável, temos de interagir com o mundo real. Quem tem fome, por exemplo, deve procurar comida a fim de descarregar a tensão induzida pela fome. Uma ligação apropriada entre as exigências do id e as circunstâncias da realidade tem, portanto, de ser estabelecida. O ego, que serve de mediador entre o id e o mundo exterior, facilita essa interação. O ego representa aquilo que designamos por razão ou racionalidade, em contraste com as paixões cegas e insistentes do id. Freud denominava o ego *ich*, traduzido como eu.

O id tem exigências impensadas, que não levam em conta a realidade. O ego é cômico da realidade, percebendo-a e manipulando-a, regulando o id com referência a ela. Ele opera de acordo com o que Freud denominou princípio da realidade, mantendo em suspenso as exigências voltadas para o prazer advindas do id até ser encontrado um objeto apropriado com que satisfazer a necessidade e reduzir ou descarregar a tensão. O ego não existe independentemente do id; com efeito, ele deriva sua força do id. O ego serve para ajudar, e não para atrapalhar o id, estando constantemente empenhado em proporcionar-lhe satisfação. Freud comparou o relacionamento entre ego e id com o que há entre o cavaleiro e o cavalo. O cavalo fornece a energia que é dirigida para o caminho que o cavaleiro deseja percorrer. Contudo, a força do cavalo tem de ser constantemente guiada ou controlada para que ele não derrube o cavaleiro no chão. Do mesmo modo, é preciso orientar e controlar o id para que ele não derrube o ego racional.

O terceiro componente da estrutura da personalidade freudiana, o superego, se desenvolve bem cedo na infância, quando são assimiladas as regras de conduta ensinadas pelos pais mediante um sistema de recompensas e punições. Os comportamentos errados (que

produzem punição) se tomam parte da consciência da criança, que é uma parte do superego. Comportamentos corretos (que são recompensados) se tornam parte do ego ideal da criança, a outra parte do superego. Assim, o comportamento infantil é de início governado pelo controle parental, mas uma vez que o superego tenha formado um padrão de conduta, o comportamento é determinado pelo autocontrole. Nesse ponto, as recompensas e punições são administradas pelo próprio indivíduo. O termo de Freud para superego era uma palavra que ele cunhou, *über-ich*, que significa, literalmente, sobre-eu.

O superego representa ‘todas as restrições morais’, afirmou Freud, e é o “defensor de um impulso rumo à perfeição — ele é, em suma, o que se descreve, até onde podemos apreender psicologicamente, como o lado superior da vida humana” (Freud, 1933, p. 67). É fácil ver que o superego está evidentemente em conflito com o id. Ao contrário do ego, o superego não tenta apenas adiar a satisfação do id; ele tenta inibi-la por completo.

Em consequência, há um conflito interminável no interior da personalidade humana. O ego está numa posição difícil, pressionado por todos os lados por forças insistentes e opostas. Ele tem de (1) adiar os anseios incessantes do id, (2) perceber e manipular a realidade para aliviar as tensões das pulsões do id, e (3) lidar com o anseio de perfeição do superego. Um pesquisador freudiano comparou o inconsciente com uma prisão de segurança máxima em que as pulsões do id são como presidiários anti-sociais — alguns presos há anos e outros recém- chegados — que devem ser “tratados com muito rigor e estreitamente vigiados” pelo ego e pelo superego. Contudo, eles “mal estão sob controle e sempre tentam escapar” (Gay, 1988, p. 128). Sempre que o ego é submetido a uma pressão demasiado grande, resulta inevitavelmente a ansiedade.

A Ansiedade

A ansiedade funciona como uma advertência de que o ego está sendo ameaçado. Freud descreveu três tipos de ansiedade: objetiva (ou real), neurótica e moral. A ansiedade objetiva

vem do medo de perigos concretos do mundo real. Os outros dois tipos são derivados dela.

345

A ansiedade neurótica vem do reconhecimento dos perigos potenciais inerentes à gratificação instintual. Não é o temor dos instintos em si, mas o medo da punição suscetível de seguir o comportamento indiscriminado, dominado pelo id. Em outras palavras, a ansiedade é o medo de ser punido por expressar desejos impulsivos.

A ansiedade moral advém do medo da nossa própria consciência moral. Quando realiza ou mesmo pensa em realizar algum ato contrário ao conjunto de valores morais da consciência moral, a pessoa pode experimentar culpa ou vergonha. Logo, a ansiedade moral depende de quão desenvolvida é a consciência moral de cada um. O indivíduo menos virtuoso é menos suscetível de vivenciar a ansiedade moral.

A ansiedade é uma força indutora de tensão do comportamento humano, motivando o indivíduo a agir para reduzir a tensão. Freud sugeriu que o ego desenvolve algumas defesas protetoras contra a ansiedade — os mecanismos de defesa —, que são negações ou distorções inconscientes da realidade. Por exemplo, no mecanismo da identificação, a pessoa assume os modos, o vestuário ou o modo de falar de alguém que pareça admirável e

menos vulnerável às condições que dão origem à ansiedade. No mecanismo de defesa da repressão, as pulsões ou pensamentos provocadores de ansiedade são barrados da percepção consciente. A sublimação envolve a substituição de uma meta que não pode ser satisfeita diretamente por metas socialmente aceitáveis, como ocorre quando se desvia energia sexual dos comportamentos sexuais para empreendimentos artisticamente criadores.

Na projeção, a fonte da ansiedade é atribuída a outrem; é o que ocorre quando se diz “ele me odeia” em vez de eu o odeio”. Na formação reativa, a pessoa oculta uma pulsão perturbadora ao convertê-la em seu por exemplo, quando substitui o ódio pelo amor. Com o mecanismo da fixação, o desenvolvimento da pessoa fica bloqueado num estágio mais primitivo, porque o estágio seguinte é fonte de demasiada ansiedade. O mecanismo de defesa da regressão envolve comportamentos que indicam uma reversão a um estágio de desenvolvimento anterior no qual havia maior segurança e menor ansiedade. Freud acreditava que, quando a pessoa não consegue enfrentar adequadamente a ansiedade, esta se torna traumática, reduzindo-a a um estado de impotência infantil.

Os Estágios Psicosssexuais do Desenvolvimento da Personalidade

Freud estava convencido de que os distúrbios neuróticos manifestos pelos seus pacientes tinham origem em experiências da infância. Por conseguinte, ele veio a ser um dos primeiros teóricos a atribuir um papel importante ao desenvolvimento da criança. Freud acreditava que o padrão de personalidade do adulto era estabelecido no começo da vida, estando quase completamente formado por volta dos cinco anos. Na teoria psicanalítica do desenvolvimento, a criança passa por uma série de estágios psicosssexuais. No decorrer desses estágios, as crianças são consideradas auto-eróticas, isto é, elas obtêm prazer erótico ou sensual ao estimular as zonas erógenas do corpo ou ao ser estimuladas pelos pais ou por outras pessoas que costumam cuidar delas normalmente. Cada estágio de desenvolvimento tende a estar localizado numa zona erógena específica.

O estágio oral vai do nascimento ao segundo ano de vida. Durante essa fase, a estimulação da boca, como sugar, morder e engolir, é a fonte primária de satisfação erótica. A satisfação inadequada nesse estágio — demasiada ou muito pouca — pode produzir um tipo oral de personalidade, uma pessoa excessivamente preocupada com hábitos bucais como fumar, beijar e comer. Freud acreditava que uma ampla gama de comportamentos adultos, do otimismo exagerado ao sarcasmo e ao cinismo, era atribuível a incidentes ocorridos no curso do estágio oral de desenvolvimento.

346

No estágio anal, a gratificação vai da boca para o ânus, e as crianças derivam prazer da zona anal. Durante esse estágio, que coincide com o período de treinamento da higiene pessoal, as crianças podem expelir ou reter fezes, em ambos os casos desafiando os pais. Conflitos durante esse período podem resultar num adulto anal expulsivo, que é sujo, perdulário e extravagante, ou num adulto anal retentivo, demasiado asseado, parcimonioso e compulsivo.

Durante o estágio fálico, que ocorre por volta do quarto ano de idade, a satisfação erótica se transfere para a região genital. Há muita manipulação e exibição dos órgãos genitais, bem como fantasias sexuais. Freud situou nesse estágio o desenvolvimento do complexo de Édipo, a partir da lenda grega em que Édipo mata inadvertidamente o pai e desposa a mãe. Freud sugeriu que as crianças sentem atração sexual pelo genitor do sexo oposto e temor

pelo genitor do mesmo sexo, agora percebido como rival. Freud derivou essa noção de suas próprias experiências infantis. “Também no meu caso, encontrei amor na mãe e ciúme do pai”, escreveu ele (Freud, 1954, p. 223).

De modo geral, as crianças superam o complexo de Édipo identificando-se com o genitor do mesmo sexo e substituindo o anseio sexual com relação ao genitor do sexo oposto pela afeição. Contudo, as atitudes com relação ao sexo oposto no decorrer desse período persistem e influenciam as relações adultas com membros do sexo oposto. Um dos resultados da identificação com o genitor do mesmo sexo é o desenvolvimento do superego. Ao assumirem os modos e atitudes desse genitor, as crianças também adotam os seus padrões do superego.

As crianças que sobreviverem às muitas lutas desses primeiros estágios entram num período de latência, que dura mais ou menos do quinto ao décimo segundo ano de vida. Então, ao ver de Freud, o início da adolescência e a proximidade da puberdade assinalam o começo do estágio genital. O comportamento heterossexual se torna evidente, e a pessoa começa a se preparar para o casamento e para fomar uma família.

Reprodução de Texto Original sobre a Psicanálise: Trecho de An Outline of Psychoanalysis, de Sigmund Freud

O material a seguir trata do desenvolvimento da vida sexual em bebês e crianças.* Ele foi escrito cerca de trinta anos depois de Freud ter proposto pela primeira vez os estágios psicosssexuais da personalidade, e representa seu pensamento ulterior sobre questões do desenvolvimento sexual. Nesta passagem, Freud discute (1) o surgimento da pulsão sexual no início da vida, (2) seu ressurgimento na época da puberdade, (3) os estágios oral, anal e fálico do desenvolvimento psicosssexual, e (4) a homossexualidade, que Freud considerava uma inibição do desenvolvimento.

Segundo a opinião predominante, a vida sexual humana consiste essencialmente num esforço para colocar o próprio órgão genital em contato com o de alguém do sexo oposto. A isso acham-se associados, como fenômenos acessórios e atos introdutórios, beijar esse corpo alheio, olhá-lo e tocá-lo. Imagina-se que esse esforço faça seu aparecimento na puberdade — isto é, na idade da maturidade sexual — e esteja a serviço da reprodução. Não obstante, sempre foram conhecidos certos fatos que não se enquadram na estreita moldura dessa visão. (1) Constitui um fato notável existirem pessoas que só são atraídas por indivíduos do seu próprio sexo e pelo órgão genital deles.

(2) É igualmente notável existirem pessoas cujos desejos se comportam exatamente como os sexuais, mas que, ao mesmo tempo, desprezam inteiramente o órgão sexual ou seu uso normal; as

* Extraído de Sigmund Freud, An Outline of Psychoanalysis. In J. Strachey (Org. e Trad.), The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud, 1940, Vol 23, pp. 141-207, capítulo III, O

Desenvolvimento da Função Sexual, Londres, Hogarth Press. Publicado originalmente em 1938.

pessoas desse tipo são conhecidas como ‘pervértidas’. (3) E, por fim, é uma coisa marcante que algumas crianças (que são, por causa disso, consideradas degeneradas) tenham um interesse muito precoce pelo seu órgão genital e apresentem nele sinais de excitação.

Pode-se bem acreditar que a psicanálise tenha provocado espanto e oposição quando, em parte com base nesses três fatos negligenciados, contradisse todas as opiniões populares acerca da

sexualidade. As suas principais descobertas são as seguintes:

(a) A vida sexual não começa apenas na puberdade, mas se inicia, com manifestações claras, logo depois do nascimento.

(b) É necessário distinguir nitidamente entre os conceitos de “sexual” e “genital”. O primeiro é o conceito mais amplo e inclui muitas atividades que não têm nenhuma relação com os

órgãos genitais.

(c) A vida sexual inclui a função de obter prazer das zonas do corpo — função mais tarde posta a serviço da reprodução. As duas funções muitas vezes deixam de coincidir completamente.

O principal interesse se concentra, naturalmente, na primeira dessas asserções, a mais inesperada. Descobriu-se que, na tenra infância, há indícios de atividade corporal a que somente um antigo preconceito poderia negar o nome de sexual, atividade que se acha ligada a fenômenos físicos com que deparamos mais tarde na vida erótica adulta — tais como a fixação em objetos particulares, o ciúme e assim por diante. Descobriu-se ainda, contudo, que esses fenômenos que surgem na tenra infância fazem parte de um curso ordenado de desenvolvimento, que eles atravessam um processo regular de aumento, chegando a um climax perto do final do quinto ano de vida, seguindo-se então uma calmaria. Durante essa calmaria, o progresso se interrompe e muita coisa é desaprendida, além de haver muito retrocesso. Terminado esse período de latência, como ele é chamado, a vida sexual volta a avançar com a puberdade; poderíamos dizer que ela tem uma segunda florescência. E aqui damos com o fato de o início da vida sexual ser difásico, de ele ocorrer em duas ondas — algo que é desconhecido a não ser no homem e que, evidentemente, tem uma importante relação com a hominização. Não é sem importância o fato de os eventos desse período primitivo, exceção feita a uns poucos resíduos, serem vitimados pela amnésia infantil. As nossas concepções sobre a etiologia das neuroses e a nossa técnica de terapia analítica derivam desses conceitos; e o nosso rastreamento dos processos desenvolvimentais desse período primitivo também forneceu provas para outras conclusões.

O primeiro órgão a emergir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente é, a partir da época do nascimento, a boca. De início, toda atividade física se concentra em fornecer satisfação às necessidades dessa zona. Primariamente, é claro, essa satisfação serve ao propósito da autopreservação por meio da alimentação; mas não se deve confundir fisiologia com psicologia. A obstinada persistência do bebê em sugar é uma prova, num estágio precoce, de uma necessidade de satisfação que, embora originada na ingestão da nutrição e por ela instigada, se esforça por obter prazer independentemente da nutrição, podendo e devendo, por essa razão, ser considerada sexual.

Durante essa fase oral, impulsos sádicos já ocorrem esporadicamente ao lado do aparecimento dos dentes. Sua amplitude é bem maior na segunda fase, que descrevemos como anal- sádica, visto que a satisfação é então procurada na agressão e na função excretória. A nossa justificativa para incluir na libido os impulsos agressivos tem como base a concepção de que o sadismo constitui uma fusão instintual de impulsos puramente libidinais e impulsos puramente destrutivos, fusão que, a partir de então, persiste ininterruptamente.*

A terceira fase é a conhecida como fálica, que é, por assim dizer, uma precursora da forma final assumida pela vida sexual e já se assemelha muito a ela. Deve-se observar que não são os órgãos genitais de ambos os sexos que desempenham um papel nessa fase, mas apenas o masculino (o falo). Os órgãos genitais femininos permanecem por muito tempo desconhecidos: nas tentativas

* Surge a questão de saber se a satisfação de impulsos instintuais puramente destrutivos pode ser sentida com prazer, se ocorre a destrutividade pura sem nenhuma mistura libidinal. A satisfação do instinto de morte que permanece no ego parece não produzir sentimentos de prazer, embora o masoquismo represente uma fusão inteiramente análoga ao sadismo.

348

das crianças de compreender os processos sexuais, elas se rendem à venerável teoria da cloaca — teoria que tem justificação genética.*

Com a fase fálica, e no curso dela, a sexualidade da tenra infância alcança seu apogeu e se aproxima da dissolução. Doravante, meninos e meninas têm histórias diferentes. Ambos começam a pôr sua atividade intelectual a serviço de pesquisas sexuais; ambos partem da premissa da presença universal do pênis. Mas agora os caminhos dos sexos divergem. O menino entra na fase edipiana; começa a manipular o pênis e, simultaneamente, tem fantasias de praticar algum tipo de atividade com ele em relação à sua mãe, até que, devido ao efeito combinado de uma ameaça de castração e da visão da ausência de pênis nas pessoas do sexo feminino, passa pelo maior trauma de sua vida, que dá início ao período de latência, com todas as suas conseqüências. A menina, depois de tentar em vão fazer o mesmo que o menino, vem a reconhecer sua falta de pênis, ou melhor, a inferioridade do seu clitóris, o que tem efeitos permanentes sobre o desenvolvimento do seu caráter; como resultado desse primeiro desapontamento em rivalidade, ela com freqüência começa a dar as costas inteiramente à vida sexual.

Seria um erro supor que essas três fases se sucedem de forma clara. Uma pode aparecer em adição a outra; elas podem sobrepor-se e podem estar presentes lado a lado. Nas primeiras fases, os diferentes instintos componentes empenham-se em sua busca do prazer independentemente uns dos outros; na fase fálica, há os primórdios de uma organização que subordina os outros impulsos à primazia do genitais e determina o começo de uma coordenação do impulso geral na direção do prazer na função sexual. A organização completa só é alcançada na puberdade, numa quarta fase, a genital. Estabelece-se então um estado de coisas em que (1) algumas catexias (investimentos) libidinais primitivas são retidas, (2) outras são incorporadas à função sexual como atos preparatórios, auxiliares, cuja satisfação produz o que é conhecido como pré-prazer, e (3) outros impulsos são excluídos da organização, sendo quer inteiramente suprimidos (reprimidos) ou empregados no ego de outra maneira, formando traços de caráter ou passando pela sublimação, com um deslocamento dos seus objetivos.

Esse processo nem sempre é realizado de modo perfeito. As inibições do seu desenvolvimento manifestam-se como os muitos tipos de distúrbios da vida sexual. Quando isso acontece, deparamos com fixações da libido em condições de fases anteriores, cujo impulso, que independe do objetivo sexual normal, é descrito como perversão. Uma dessas inibições do desenvolvimento é, por exemplo, a homossexualidade, quando manifesta. A análise revela que, em todos os casos, um vínculo objetal de caráter homossexual esteve presente e, na maioria das vezes, persistiu em condição latente. A situação é complicada pelo fato de que, como regra geral, os processos necessários à obtenção de um desfecho normal não se acham completamente presentes nem ausentes, mas parcialmente presentes, de modo que o resultado final fica dependente dessas relações quantitativas. Nessas circunstâncias, a organização genital é, na verdade, obtida, mas faltam-lhe as parcelas da libido que não avançaram com o resto e permaneceram fixadas em objetos e objetivos pré-genitais. Esse enfraquecimento revela-se numa tendência, quando há ausência de satisfação genital ou existem dificuldades no mundo exterior real, de a libido retomar às suas catexias pré-genitais anteriores (regressão).

Durante o estudo das funções sexuais, alcançamos uma convicção inicial, preliminar, ou melhor, uma suspeita, sobre duas descobertas que adiante se verá serem importantes para todo o nosso campo. Primeiramente, as manifestações normais e anormais que observamos (isto é, a fenomenologia do assunto) necessitam ser descritas do ponto de vista de sua dinâmica e de sua economia (no nosso caso, do ponto de vista da distribuição quantitativa da libido). E, em segundo lugar, a etiologia dos distúrbios que estudamos deve ser procurada na história do desenvolvimento do indivíduo — quer dizer, no começo de sua vida.

* Afirma-se com frequência a ocorrência de excitações vaginais precoces. É, porém, mais provável que se trate de excitações do citóris — isto é, de um órgão análogo ao pênis. Isso não invalide nosso direito de descrever

a fase como fállica.

349

O Mecanismo e o Determinismo no Sistema de Freud

Durante sua formação universitária, Freud sofreu a influência da escola de pensamento mecanicista da fisiologia alemã. Pode parecer que a noção de mecanismo, que permeia tanto a psicologia experimental, fosse irrelevante para a obra de Freud sobre as motivações ocultas do comportamento. Os estruturalistas e mais tarde os comportamentalistas consideravam os seres humanos, em seus processos e funções, semelhantes a máquinas. Em primeiro lugar a mente, e depois o comportamento do homem, foram reduzidos aos seus componentes mais elementares, analisados e estudados em termos positivistas e materialistas. Pode afigurar-se surpreendente, portanto, saber que também Freud foi afetado pela mesma tradição mecanicista. Freud, não menos que os psicólogos experimentais, acreditava que todos os eventos mentais

— incluindo os atos falhos e os sonhos — eram determinados. Nenhum fragmento de comportamento ou pensamento podia acontecer por acaso ou por livre-arbítrio. Para Freud, a cada ação correspondia sempre uma causa, sempre havia um motivo consciente ou inconsciente.

Mas o determinismo não esgota o espírito mecanicista. Observamos o solene compromisso assumido por quatro jovens cientistas, incluindo Brücke (professor de Freud na escola de medicina): somente as forças físico-químicas comuns agem no interior do organismo. E, desde o início de sua carreira, Freud aceitou esse fisicalismo, a noção de que todos os fenômenos podem ser reduzidos aos princípios da física.

Em 1895, Freud estava trabalhando num projeto de uma psicologia científica, no qual ele tentava mostrar que a psicologia tem de ter uma base física e que fenômenos puramente mentais exibem muitas das características e inúmeros padrões dos processos neurofisiológicos que lhes servem de base. Para Freud, a psicologia deve ser uma ciência natural cuja meta é “representar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis” (Freud, 1895, p. 359). Esse projeto nunca se completou, mas é possível discernir, em escritos posteriores de Freud, os princípios com que ele trabalhou e a terminologia que adotou da física, particularmente da mecânica, da eletricidade e da hidráulica. Seu trabalho ao longo dessas linhas dá outro exemplo de dados perdidos para a história durante um período de tempo. O trabalho só foi encontrado mais de cinquenta anos depois de ele tê-lo escrito, e onze anos depois de sua morte. Até então, ninguém sabia sequer que Freud considerara semelhante idéia, e muito menos que trabalhara tão extensamente com ela.

Freud modificou sua intenção original de modelar sua psicologia de acordo com a física (quando descobriu que seu objeto de estudo não podia ser tratado por técnicas físicas e químicas), mas permaneceu fiel à filosofia positivista, ao determinismo em especial, que alimentava a psicologia experimental. E, embora evidentemente influenciado por essa concepção, ele não se deixou restringir por ela. Quando via que ela não se enquadrava, ele a alterava ou descartava. No final, demonstrou quão restritiva era a concepção mecanicista dos seres humanos.

As Relações entre a Psicanálise e a Psicologia

A psicanálise desenvolveu-se fora da corrente principal da psicologia acadêmica, onde permaneceu por muitos anos. “A psicologia acadêmica fechou em larga medida suas portas à doutrina psicanalítica. Um editorial não assinado de um número de 1924 do *Journal of Abnormal Psychology* lamentou a interminável corrente de escritos sobre o inconsciente de autoria de psicólogos europeus” (Fuller, 1986, p. 123). O editorial afirmava que esses escritos eram essencialmente desprovidos de valor. A partir dessa declaração, aceitaram-se poucos artigos sobre psicanálise para publicação, uma proibição que durou ao menos duas décadas.

350

O fato de tanto o sistema como o seu originador não serem do meio também complicou e retardou sua aceitação. Na realidade, isso foi até uma barreira, por algum tempo, a uma séria consideração da psicanálise. Eventualmente, contudo, as barreiras entre as duas disciplinas, a princípio rígidas e absolutas, foram rompidas.

Vários fatores contribuíram para manter a psicanálise e a psicologia acadêmica distanciadadas. O primeiro envolve a ausência de um sentido de continuidade na obra de Freud com relação aos progressos da psicologia. Não havia paralelos nem esforços coincidentes, porque o trabalho de Freud não tinha precedentes no desenvolvimento da psicologia. Os psicólogos não podiam encontrar uma maneira significativa de vincular seus esforços com

seu próprio trabalho nem com o de seus predecessores. Wilhelm Wundt, por exemplo, nunca foi levado a admitir o inconsciente em sua psicologia como resultado do conhecimento sobre o trabalho de Freud, já que ele não tinha relação com sua própria investigação sobre a natureza da consciência. Comentando a posição de Wundt, Freud disse: “Não podemos deixar de pensar que a velha psicologia foi morta pela minha... doutrina, mas a velha psicologia não se deu conta do fato e continua a ensinar como sempre” (Wittels, 1924, p. 130).

Uma segunda razão para os conflitos entre psicólogos e psicanalistas foi o fato de a psicologia, em suas primeiras tentativas de ser uma ciência pura, estar centrada no método. A psicanálise, em contraste, estava centrada no problema. A aplicação da psicanálise ao tratamento das neuroses divergia do objetivo da psicologia de descobrir leis do comportamento humano por meio dos métodos das ciências naturais. Esses diferentes objetivos e objetos de estudo requeriam métodos distintos. A preocupação de Freud era mais global — a personalidade humana total, em vez de funções específicas como a percepção e a aprendizagem. A psicologia tinha adotado o método experimental, em que cada variável, cada pequeno aspecto do comportamento era isolado para estudo por um breve tempo no laboratório. A psicanálise se ocupava do ser humano inteiro durante um longo período de tempo, colhendo dados sobre todos os aspectos de experiências passadas e presentes.

Os psicólogos acadêmicos — mergulhados no rigor da ciência, buscando definições precisas e operacionais para os seus conceitos — não gostavam e desconfiavam das idéias freudianas, que não podiam ser quantificadas nem vinculadas com variáveis empíricas concretas. Termos como ego, id e repressão eram anátema para psicólogos que só queriam trabalhar em termos específicos de estímulo-resposta.

Críticas à Psicanálise

O volume de críticas dirigidas a Freud e suas teorias, muitas delas vindas de fora da psicologia, é enorme, mas restringiremos a nossa discussão às críticas de psicólogos, algumas delas já mencionadas. Particularmente vulneráveis ao ataque dos psicólogos experimentais são os métodos freudianos de coleta de dados. Ele apoiava suas descobertas e conclusões nas respostas que os pacientes davam enquanto eram submetidos à análise. Consideremos algumas das deficiências dessa abordagem em comparação com o método experimental de coletar sistematicamente dados objetivos em condições controladas de observação.

Em primeiro lugar, as condições em que Freud coletou seus dados são assistemáticas e não controladas. Ele não fazia uma transcrição textual das palavras de cada paciente, trabalhando a partir de anotações que fazia várias horas depois de ver o paciente. Alguns dos dados originais (as palavras do paciente) certamente se perdiam nesse ínterim devido aos caprichos da memória e à bem documentada possibilidade de distorção e omissão. Assim, os dados consistiam somente no que Freud se lembrava.

Também é possível que, ao se recordar das palavras do paciente, Freud as reinterpretasse.

351

Sua reconstrução dos dados poderia não refleti-los de maneira precisa. Ao extrair suas inferências, Freud pode ter sido movido pelo desejo de encontrar materiais que

sustentassem suas hipóteses. Em outras palavras, ele pode só ter se recordado e registrado aquilo que queria ouvir. Devemos ainda considerar a possibilidade de que as anotações de Freud fossem alta mente precisas, mas não há como estar certo sobre isso porque os dados originais não sobreviveram.

Outra crítica refere-se a discrepâncias descobertas entre as anotações de Freud em suas sessões terapêuticas e as histórias de caso que ele terminava por publicar, supostamente com base nessas notas. Um estudo fez uma comparação e descobriu várias diferenças entre suas anotações e a história publicada. Entre as diferenças estavam um alongamento do período de análise, uma versão incorreta da sequência de eventos revelada pelo paciente durante a análise e a afirmação não fundamentada de que o paciente estava curado (Eagle, 1988; Mahoney, 1986). Não há como determinar se Freud fez essas distorções deliberadamente, para reforçar sua posição, ou se elas foram produto do seu inconsciente. Também não podemos determinar se erros semelhantes caracterizam seus outros estudos de caso, pois ele destruiu a maioria dos arquivos dos pacientes.

Há uma outra crítica aos dados brutos de Freud. Mesmo que um registro completo e literal tivesse sido mantido, nem sempre teria sido possível determinar a validade do que os pacientes relatavam. Freud fez poucas tentativas de verificar os relatos das experiências infantis dos seus pacientes. Alegam críticos que ele deveria ter tentado fazê-lo perguntando a parentes e amigos, por exemplo, sobre os eventos descritos. Assim, o primeiro passo da construção teórica de Freud — a coleta de dados — pode ser caracterizado como incompleto, imperfeito e impreciso.

Quanto ao segundo — fazer inferências e generalizações a partir dos dados —, não sabemos o que aconteceu, porque Freud nunca explicou o processo. E, como os seus dados não eram suscetíveis de quantificação, não há como determinar sua confiabilidade ou significação estatística.

Há sérias acusações da perspectiva da metodologia científica e da construção teórica. Num certo sentido, pedem-nos que aceitemos de boa fé a validade das operações e conclusões de Freud. Suas observações não podem ser repetidas, pois não se sabe precisamente o que ele fez em termos da reunião de dados e das generalizações. A linguagem da ciência é precisa, não deixando espaço para ambigüidade ou distorção. Parece que Freud não falava essa língua, e é difícil traduzir de uma para a outra.

Outro ponto de crítica refere-se à dificuldade de derivar proposições testáveis empiricamente das suas muitas hipóteses. Como, por exemplo, verificaríamos a noção de desejo de morte? Os psicanalistas podem usar a idéia para explicar comportamentos como o suicídio, depois do fato, mas como estudá-la no laboratório?

Também as teorias e pressupostos freudianos sobre o comportamento humano têm sido atacados. Mesmo freudianos concordam que ele muitas vezes se contradisse e que suas definições de alguns conceitos-chave — como id, ego e superego — são obscuras. Freud o reconheceu e fez em seus últimos escritos observações sobre as dificuldades de definição de algumas de suas idéias.

Muitos psicólogos contestaram as concepções de Freud sobre as mulheres. Ele sugeriu que as mulheres tinham superegos sofrivelmente desenvolvidos e se sentiam inferiores quanto a seus corpos por não terem pênis. A analista Karen Horney (Capítulo 14) deixou o círculo psicanalítico de Freud por causa disso, tendo desenvolvido mais tarde seu próprio sistema.

Hoje, contudo, a crença disseminada entre os psicólogos é que as “falácias da teoria freudiana sobre o desenvolvimento psicosssexual feminino [quase totalmente refutadas e recoihei cidamente incorretas” (Schwartz, 1988, p. 502).

352

Nos Capítulos 14 e 15, examinamos a obra de outros teóricos que romperam com Freud e tentaram modificar sua posição. Eles alegaram que Freud acentuava em demasia as forças biológicas, o sexo em especial, como forças plasmadoras primárias da personalidade. Eles acreditavam que a personalidade era mais influenciada por forças sociais. Outros se opuseram ao determinismo e à negação do livre-arbítrio por Freud, bem como à sua concentração no comportamento passado, excluindo as esperanças e alvos do futuro. Alguns criticaram Freud por desenvolver uma teoria da personalidade baseada apenas em observações de neuróticos, ignorando as características de pessoas emocionalmente saudáveis. Todos esses pontos foram usados para construir concepções distintas da personalidade humana e logo levaram à divisão do campo psicanalítico e à formalização de várias escolas derivativas de análise freudiana.

A Validação Científica de Conceitos Psicanalíticos

Observamos que Freud não confiava muito em avaliações experimentais de sua teoria. Contudo, a partir de sua morte, em 1939, muitos dos seus conceitos foram submetidos a testes experimentais. Uma análise de uns dois mil estudos retirados da psiquiatria, da psicologia, da antropologia e de outras disciplinas examinou a credibilidade científica de algumas formulações de Freud (Fisher e Greenberg, 1977). As histórias de caso, o principal método de pesquisa da literatura psicanalítica, não foram incluídas, por algumas das razões acima citadas. Os pesquisadores só aceitaram os dados que tinham sido “obtidos por meio de procedimentos repetíveis e que envolvessem técnicas que permitissem verificar a objetividade do observador responsável pelo relato” (Fisher e Greenberg, 1977, p. 15).

Embora alguns conceitos freudianos mais amplos (como id, ego, superego, desejo de morte, libido e ansiedade) resistissem a tentativas de validação científica, outros se mostraram suscetíveis de testes. Estudos publicados dão apoio a algumas das características dos tipos de personalidade oral e anal, a alguns fatores causativos da homossexualidade, à noção de que os sonhos servem como um liberador da tensão e a aspectos do complexo de Édipo em meninos (rivalidade com o pai, fantasias sexuais acerca da mãe e ansiedade da castração).

Entre os conceitos freudianos testados e não corroborados pelos resultados experimentais estão a noção de que os sonhos satisfazem simbolicamente desejos e anseios reprimidos; a afirmação de que os meninos, ao resolverem o complexo de Édipo, se identificam com o pai e aceitam seus padrões de superego por medo; e a idéia de que as mulheres têm uma concepção inferior do seu corpo, padrões de superego menos severos do que os homens e mais dificuldade em alcançar uma identidade.

Outras pesquisas comprovaram os processos inconscientes e sua influência sobre os pensamentos e o comportamento, sugerindo que as influências podem até ser mais profundas do que Freud afirmava (Brody, 1987; Jacoby e Kelley, 1987; Silverman, 1976). Além disso, experimentos do chamado lapso freudiano demonstraram que ao menos algumas de suas manifestações parecem ser justamente o que Freud dissera que eram — conflitos e ansiedades inconscientes que se revelam de modo embaraçoso (Motley, 1985).

Como observamos, nem todas as pesquisas feitas sobre esses conceitos corroboram a psicanálise. Por exemplo, a pesquisa sobre o desenvolvimento da personalidade não confirma a proposta de Freud de que a personalidade é formada principalmente aos cinco anos e pouco muda depois disso. Estudos mostram que a personalidade continua a se desenvolver ao longo do tempo e pode passar por dramáticas mudanças depois dos cinco anos (Kagan, Kearsley e Zelazo, 1978; Olweus, 1979).

O mais importante a respeito dessas tentativas científicas de validar idéias freudianas é que elas mostram que ao menos alguns conceitos psicanalíticos podem ser reduzidos a proposições testáveis pelo método experimental.

353

Contribuições da Psicanálise

Por que terá a psicanálise não apenas sobrevivido como também prosperado apesar das críticas que lhe foram feitas? Todas as teorias do comportamento podem ser criticadas por exibir algum grau de ausência de validade científica. Os psicólogos em busca de uma teoria têm às vezes escolhido-a com base em outros critérios além da rigidez e da precisão formal. Quem escolhe a psicanálise, contudo, não o faz na ausência de provas. A psicanálise de fato oferece evidências, embora não do tipo que costuma ser aceito pela ciência. Mas, embora a evidência psicanalítica não seja científica no sentido tradicional, isso não significa que a teoria seja incorreta ou falaciosa. A crença na psicanálise deve ter como base o terreno intuitivo da aparência de plausibilidade:

Quem quer que aceite ou rejeite as teorias psicanalíticas o faz mediante a mesma espécie de raciocínio que lhe proporciona os mil e um julgamentos que ele é obrigado a fazer na vida cotidiana com base em provas insuficientes ou inadequadas — na verdade, o tipo de julgamentos que ele é obrigado a fazer para viver, mas que não tem nenhum prestígio na ciência. Essas estimativas, advindas de uma multiplicidade de impressões e interpretações, conjeturas e intuições, resultam com frequência em convicções inabaláveis, convicções que podem estar certas ou erradas mas que, da perspectiva da ciência, não podem ser reconhecidas quer como provadas ou como refutadas (Heidbreder, 1933, pp. 403-404).

De modo geral, a teoria freudiana tem tido um forte impacto sobre a psicologia acadêmica americana. Quase cinquenta anos depois da morte de Freud, foi publicado o primeiro de uma série de volumes anuais dedicados ao estudo da psicanálise. O editor desse número inicial falou de uma “verdadeira renascença dos estudos freudianos” (Stepansky, 1986, p. xv). Embora o interesse pela teoria permaneça elevado, o interesse pela psicanálise como técnica terapêutica declinou, se considerarmos o número de pacientes que preferem a psicanálise e o número de candidatos ao treinamento analítico (ver Gelman, 1988; Smith, 1986). Cara e demorada, a terapia freudiana está sendo superada por formas mais breves e baratas de psicoterapia (algumas delas derivadas da psicanálise freudiana) e pelas várias terapias comportamentalistas e cognitivas.

Alguns conceitos de Freud obtiveram ampla aceitação e foram assimilados à corrente principal da psicologia contemporânea. Incluem-se entre eles o papel da motivação inconsciente, a importância das experiências infantis na formação do comportamento adulto e a operação dos mecanismos de defesa. O interesse por essas áreas deu origem a muitas pesquisas que têm sustentado a existência de influências inconscientes sobre o

comportamento. Embora essas investigações do inconsciente não sejam do tipo freudiano, a admissão do inconsciente na psicologia é um legado da obra de Freud.

O impacto de Freud sobre a cultura popular tem sido de fato enorme. Isso se fez sentir imediatamente depois de sua visita à Universidade Clark em 1909. Jornais apresentaram muitas histórias sobre Freud e, por volta de 1920, mais de duzentos livros sobre a psicanálise freudiana tinham sido publicados nos Estados Unidos. A imprensa britânica considerou a psicanálise uma “mania” (Rapp, 1988, p. 191). Revistas como *Ladies Home Journal*, *77 Nation* e *The New Republic* publicaram artigos sobre a psicanálise. Em 1935, um grande estúdio cinematográfico, a MGM, ofereceu a Freud cem mil dólares para ele colaborar num filme sobre o amor. Ele recusou. Esse entusiasmo público pelas idéias freudianas ocorreu bem antes de sua aceitação pela psicologia acadêmica.

O século XX tem testemunhado um gradual afrouxamento das restrições sexuais no comportamento, nas artes, na literatura e no entretenimento. Acredita-se amplamente que a

354

inibição ou repressão da satisfação sexual podem ser danosas. É irônico, no entanto, que a mensagem de Freud sobre o sexo tenha sido submetida a semelhante interpretação errônea. Ele não estava pedindo um enfraquecimento dos códigos sexuais de conduta nem o aumento da liberdade sexual. Sua posição consistente era de que a inibição do impulso sexual era necessária à sobrevivência da civilização. Apesar de sua intenção, a maior liberdade sexual da nossa época resulta em parte do seu trabalho. Sua ênfase no sexo ajudou a popularizar suas concepções. Mesmo em revistas científicas, artigos sobre sexo têm um atrativo sensacionalista.

Apesar das críticas de falta de rigor científico e de fraqueza metodológica, a psicanálise freudiana continua sendo uma importante força na psicologia moderna. O historiador E. G. Boring lamentou, na edição de 1929 de sua *História da Psicologia Experimental*, que a psicologia não tivesse um expoente verdadeiramente grande da estatura de um Darwin ou de um Helmholtz. Somente vinte e um anos mais tarde, na segunda edição, ele falou de Freud com admiração:

Hoje, ele é visto como o maior originador de todos, o agente do *Zeitgeist* que consumou a invasão da psicologia pelo princípio do processo inconsciente... Não é provável que a história da psicologia possa ser escrita nos próximos três séculos sem mencionar o nome de Freud e ainda se considerar uma história geral da psicologia. E aqui temos o melhor critério da grandeza: a fama póstuma (Boring, 1950, pp. 743, 707).

Sugestões de Leitura

Drinka, O. F., *The Birth of Neurosis: Myth, Malady, and the Victorians*, Nova York, Simon and Schuster, 1984. Examina as influências sociais e culturais sobre teorias da neurose antes da época de Freud.

Ellenberger, H. F., *The Discovery of the Unconscious: The History and Evolution of Dynamic Psychiatry*,

Nova York, Basic Books, 1970. Acompanha o estudo do inconsciente desde as épocas primitivas

até a psicanálise freudiana e os seus derivativos.

Evans, R. B. e Koelsch, W. A., * ‘Psychoanalysis arrives in America: The 1909 psychology conference at Clark University’, American Psychologist, n 40, pp. 942-948, 1985.

Descreve a reunião, organizada por O. Stanley Hall, que apresentou Sigmund Freud, Carl Jung e o movimento psicanalítico a um público acadêmico americano.

Freeman, L. e Strean, H. S., Freud and Women, Nova York, Continuum, 1987. Explora o relacionamento

de Freud com sua mãe, suas irmãs, sua esposa, suas filhas e colegas e pacientes mulheres.

Freud/Jung Letters, Princeton, Nova Jersey, Princeton University Press, 1974. Apresenta cerca de 360

cartas do período 1906-1913 mostrando o desenvolvimento e a dissolução da amizade entre Freud e Jung.

Gay, P., Freud: A Life for Our Time, Nova York, Norton, 1988; Sulloway, F. J., Freud, Biologist of the Mind: Beyond the Psychoanalytic Legend, Nova York, Basic Books, 1979. Duas biografias de Freud: a primeira é um trabalho perspicaz sobre a vida e a carreira de Freud que se baseia em muitos materiais até então inéditos; a segunda situa a obra de Freud no contexto de sua época e contesta a lenda de que Freud foi um “herói solitário” trabalhando em isolamento.

Krüll, M., Freud and His Father, Nova York, Norton, 1986. Um exame da vida de Sigmund Freud e de

seu pai; analisa a influência das experiências de Freud como filho sobre o desenvolvimento do seu

sistema de psicanálise.

Rapp, D., “The reception of Freud by the British press: General interest and literary magazines, 1920-1925”, Journal of the History of the Behavioral Sciences, n 24, pp. 191-201, 1988. Um levantamento de revistas populares que demonstra que o interesse pela psicanálise na Inglaterra chegou ao auge por volta de 1921, declinando a partir de então, e que a hostilidade pública se concentrava na ênfase freudiana nos fatores sexuais.

Roazen, P., Freud and His Followers, Nova York, Knopf, 1975. Um vívido e bem escrito relato da vida

de Freud e dos homens e mulheres que se tornaram seus discípulos, alguns dos quais romperam

depois com ele para formar seus próprios movimentos.

355

14

A Psicanálise: Dissidentes e Descendentes

Depois da Fundação A Psicologia Individual

Comentário

Os Neofreudianos e a Psicologia do Ego

Anna Freud (1895-1982) Karen Horney (1885-1952)

A Vida de Horney

Carl Jung (1875-1961)

- O Desenvolvimento da Personalidade

A Vida de Jung

- Coincidentia

A Psicologia Analítica

Comentário Os Descendentes

- (Gordon Allport (1897-1967))

Temas Sociopsicológicos na Psicanálise:

- . Henry Murray (1893-1988)

O Zeitgeist Ataca Outra Vez Erik Erikson (1902-

Alfred Adler (1870-1937)

A Vida de Adler Comentário

Depois da Fundação

Tal como ocorreu com Wundt e sua psicologia experimental, durou pouco o monopólio de Freud sobre o seu novo sistema da psicanálise. Mas se passaram vinte anos da fundação do movimento e este se dividiu em facções concorrentes lideradas por analistas que discordavam de Freud em pontos básicos. Durante a vida de Freud, esses homens e mulheres desenvolveram suas próprias abordagens. Embora não contestassem por inteiro sua orientação psicanalítica, eles tentaram corrigir o que consideravam deficiências e inadequações sérias nas formulações freudianas.

Freud não reagiu bem aos dissidentes. Os analistas que esposavam as novas posições foram recebidos com desaprovação e até com hostilidade, como “o tipo de invectiva um dia dirigido contra as cabeças dos hereges” (Brown, 1963, p. 37). Pouco importava o quanto estavam próximos, pessoal e profissionalmente, de Freud: uma vez que eles abandonavam seus ensinamentos, ele os considerava proscritos e não voltava a lhes dirigir a palavra.

Discutiremos três dos dissidentes mais proeminentes: Carl Jung, Alfred Adler e Karen Horney. Todos foram freudianos ortodoxos antes de deixarem o círculo do mestre para promover suas próprias concepções. Também trataremos de três descendentes da posição freudiana — Gordon Allport, Henry Murray e Erik Erikson — que desenvolveram suas abordagens

356

depois da morte de Freud. Nunca tendo sido freudianos ortodoxos, eles não foram dissidentes; em vez disso, derivaram suas idéias das de Freud, quer apoiando-se no seu trabalho ou se opondo a ele.

Os Neofreudianos e a Psicologia do Ego

Antes de passar aos dissidentes e descendentes, observamos que nem todos os que vieram depois de Freud na tradição psicanalítica sentiram a necessidade de modificar radicalmente, abandonar ou derrubar seu sistema. Permaneceu um grande grupo de analistas neofreudianos que aceitam os fundamentos e premissas centrais da psicanálise, mas que, ao longo dos anos, modificaram e ampliaram certos aspectos do sistema de Freud.

A principal modificação que esses freudianos leais introduziram na psicanálise é uma ênfase ampliada no ego (ver Hartmann, 1964). Em vez de ser o escravo do id, o ego tem um papel mais amplo. Acredita-se que ele seja mais independente do id, possua sua própria energia não derivada do id e tenha suas próprias funções distintas das do id. Esses psicanalistas consideram o ego capaz de realizar as funções normais da consciência, como a percepção, a aprendizagem e a memória, livre do conflito que Freud disse ser produzido quando os impulsos do id pressionavam em busca de satisfação. Ao ver de Freud, o ego era eternamente respon sável diante do id, nunca estava livre de suas exigências. Na concepção revista, o ego pode levar suas funções a efeito independentemente do id, o que constitui um significativo afastamento do pensamento freudiano ortodoxo.

Outra mudança introduzida pelos neofreudianos é uma diminuição na ênfase sobre as forças biológicas como influências sobre a personalidade, e o favorecimento de forças sociais e psicológicas. Os neofreudianos também minimizam a importância da sexualidade infantil e do complexo de Édipo. Eles sugerem que o desenvolvimento da personalidade é determinado primordialmente por forças psicossociais, e não psicosexuais. As interações sociais na infância assumem maior importância do que as interações sexuais, reais ou imaginadas.

Um dos líderes do movimento neofreudiano da psicologia do ego foi a filha de Freud, Anna.

Anna Freud (1895-1982)

A mais nova dos seis filhos de Freud, Anna Freud, escreveu que não teria nascido se alguma forma segura de contracepção tivesse estado disponível aos seus pais. Freud anunciou o seu nascimento, recebido mais com resignação do que com alegria, numa carta a um amigo, comentando que teria dado a notícia por telegrama se o bebê fosse menino (Young-Bruehl, 1988). Mas o ano de nascimento de Anna, 1895, foi talvez simbólico — ou profético — porque coincidiu com o nascimento da psicanálise e porque Anna seria a única filha a seguir os passos do pai e tornar-se analista.

Esse desfecho não correspondia aos desejos de Freud. Ele esperava que Anna se casasse e tivesse filhos, tendo resistido à idéia de que seguisse a carreira psicanalítica. No fim, contudo, ele cedeu. “O que eu podia fazer?”, disse ele. “Ela era minha filha” (New York Times, 12 de novembro de 1985). Assim, aos catorze anos, Anna Freud se sentava discretamente num canto nas reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena, absorvendo tudo o que era dito.

Aos vinte e dois, movida pelo seu forte apego emocional ao pai e por suas preocupações com o que Freud denominou “sua sexualidade”, Anna foi fazer análise com ele. Cinco anos depois, ela leu seu primeiro artigo acadêmico perante a Sociedade Psicanalítica de Viena. Intitulado “Fantasias e Devaneios de Espancamento”, ele supostamente se baseava numa

história de caso de um paciente anônimo. (Na verdade, tratava-se de suas próprias fantasias; ela ainda não começara a tratar pacientes.) O artigo descrevia sonhos de um relacionamento

357

amoroso e incestuoso entre pai e filha, uma surra e a gratificação através da masturbação. O artigo foi bem recebido por Freud e seus colegas e valeu a Anna sua admissão na Sociedade.

Três anos depois, ela publicou seu primeiro livro, *Introdução à Técnica da Análise Infantil* (1927), que indicou a direção dos seus interesses. Ali apresentava uma abordagem de terapia psicanalítica com crianças que considerava sua relativa imaturidade e seu baixo nível de habilidade verbal. Suas inovações incluem o uso de materiais para brincar e a observação da criança em casa. A maior parte do seu trabalho foi feita em Londres, onde a família Freud se instalou depois de fugir dos nazistas em 1938. Ela abriu uma clínica na casa vizinha àquela onde Freud morreu, tratando de pacientes e, instalando ali um centro de treinamento psicanalítico onde muitos psicólogos clínicos americanos estudaram. Sua obra foi registrada em *volu mes anuais de The Psychoanalytic Study of the Child* (O Estudo Psicanalítico da Criança), que começou a ser publicado em 1945.

Anna Freud também deu substancial contribuição à revisão da posição teórica ortodoxa do pai, ampliando o papel do ego em seu funcionamento independente do id. Em *O Ego e os*

Mecanismos de Defesa (1936), ela desenvolveu e esclareceu as concepções freudianas sobre o

358

Anna Freud reviu a posição teórica ortodoxa do pai e aplicou a terapia psicanalítica a crianças.

uso dos mecanismos de defesa para proteger o ego da ansiedade, O que veio a ser a relação-padrão de mecanismos de defesa freudianos, como os mencionados no Capítulo 13, foi na realidade trabalho de Anna Freud. Ela os definiu mais claramente e forneceu exemplos com base em sua análise de crianças.

A psicologia do ego, tal como desenvolvida por Anna Freud e outros, tornou-se a forma americana primordial de psicanálise entre a década de 40 e o começo da de 70,. Esses neo freudianos se empenharam em tornar a psicanálise “parte da psicologia científica. Eles o fizeram traduzindo, simplificando e definindo em termos operacionais noções freudianas, estimulando a investigação experimental de hipóteses psicanalíticas e alterando a psicoterapia psicanalítica” (Steele, 1985b, p. 222). Com isso, promoveram uma aproximação entre a psicanálise e a psicologia experimental acadêmica.

Outra tentativa de modificar a psicanálise freudiana é a teoria das relações objetais, que também se desenvolveu na Inglaterra. Essa abordagem tem como foco a intensa relação emocional que se desenvolve entre o bebê e a mãe. Ela descreve esse vínculo em termos sociais e cognitivos, e não em termos exclusivamente sexuais. O relacionamento bebê-mãe é estudado mediante a observação direta dos bebês, e não pedindo-se a pacientes adultos que reconstruam suas primeiras experiências infantis em histórias de caso.

Os neofreudianos ainda se identificam, de modo geral, como freudianos. Esse rótulo não pode ser aplicado aos dissidentes e descendentes, para os quais nos voltamos agora.

Cari Jung (1875-1961)

Jung, que entre outras coisas era exímio intérprete de cantos dos Alpes, foi considerado por Freud por algum tempo um filho adotivo e herdeiro aparente do movimento psicanalítico. Freud o chamara, numa carta, “meu sucessor e príncipe herdeiro” (McGuire, 1974, p. 218). Depois de a amizade com Freud desintegrar-se em 1914, Jung iniciou o que denominou psicologia analítica, que estava em total desacordo com a teoria freudiana.

A Vida de Jung

Carl Jung cresceu numa pequena aldeia no norte da Suíça (Kesswill), perto das famosas cachoeiras do Reno. Segundo seu próprio relato, ele teve uma infância solitária, isolada e infeliz (Jung, 1961). Seu pai era um clérigo que aparentemente perdera a fé e muitas vezes estava de mau humor e irritado. Sua mãe sofria de distúrbios emocionais; tinha um comportamento errático, passando, num instante, de esposa feliz a um demônio enfeitado e murmurava coisas incoerentes. O casamento era infeliz. Jung aprendeu em tenra idade a não confiar nem acreditar em nenhum dos genitores e, por extensão, a não ter confiança no mundo exterior como um todo. Como resultado disso, ele se voltou para dentro, para o mundo dos seus sonhos, visões e fantasias, o mundo do seu inconsciente. Os sonhos e o inconsciente — e não o mundo consciente da razão — tornaram-se seus guias na infância e permaneceram como tais por toda a sua vida adulta.

Em momentos críticos de sua vida, Jung resolvia problemas e tomava decisões com base no que o seu inconsciente lhe dizia em sonhos. Quando estava pronto para iniciar o colégio, a solução do problema do que estudar foi-lhe revelada assim. Ele se viu desenterrando ossos de animais pré-históricos e interpretou isso como significando que ele deveria estudar a natureza e a ciência. Esse sonho sobre cavar sob a superfície da terra, além de um outro de que ele se lembrava desde os três anos, no qual se encontrava numa caverna subterrânea, determinaram a direção que o seu futuro estudo da personalidade humana seguiria: ele iria se ocupar das forças inconscientes que estão sob a superfície da mente.

359

Jung freqüentou a Universidade da Basileia, na Suíça, e formou-se médico em 1900. Interessado em psiquiatria, seu primeiro compromisso profissional foi um hospital de saúde mental de Zurique. O diretor era Engen Blenler, psiquiatra conhecido pelo seu trabalho no campo da esquizofrenia. Em 1905, Jung foi nomeado professor de psiquiatria na Universidade de Zurique, mas alguns anos depois demitiu-se para dedicar-se a pesquisar, escrever e manter uma clínica particular

360

De início freudiano, Cari Jung veio a discordar de Freud no tocante a questões da mente inconsciente e da importância do sexo, e desenvolveu um sistema a que deu o nome de psicologia analítica.

Em seu trabalho com pacientes, Jung resolveu não seguir o hábito freudiano de deitar o paciente num divã, dizendo que não era o seu desejo pô-lo na cama. Em vez disso, Jung e seu paciente sentavam-se em cadeiras uma diante da outra. Por vezes, ele fazia sessões

terapêuticas a bordo do seu barco a vela, que deslizava alegremente pelo lago com o vento forte. Outras vezes, cantava para os pacientes e, outras vezes ainda, era deliberadamente rude. “Oh não!”, disse ele a um paciente que chegou na hora certa. “Não suporto a visão de mais um. Vá para casa e cure a si mesmo hoje” (Brome, 1981, p. 185).

Jung se interessou pela obra de Freud em 1900, depois de ler *A interpretação dos Sonhos*, que descreveu como uma obra-prima. Em 1906, os dois tinham começado a se corresponder e, um ano depois, Jung foi para Viena encontrar Freud. Em seu encontro inicial, eles falaram com grande animação durante treze horas, um excitante começo para sua íntima mas curta amizade. Em 1909, Jung acompanhou Freud aos Estados Unidos, indo às cerimônias da Universidade Clark, em que os dois fizeram palestras.

Ao contrário da maioria dos discípulos de Freud, Jung já estabelecera uma impressionante reputação profissional própria antes de se associar com o mestre. Ele era o mais bem conhecido dos primeiros conversos à psicanálise. Por isso, era talvez menos maleável, menos sugestível, do que os analistas mais jovens que passavam a pertencer à família psicanalítica, muitos dos quais ainda estudavam medicina ou faziam pós-graduação, inseguros de suas identidades profissionais.

Embora fosse por algum tempo discípulo de Freud, Jung nunca foi acrítico. Mas, no início de sua afiliação, ele tentou suprimir suas dúvidas e objeções. Quando escrevia *A Psicologia do Inconsciente* (Jung, 1912), ficou muito perturbado, percebendo que, quando essa declaração de sua posição fosse publicada, seu relacionamento com Freud seria prejudicado, pois as suas idéias diferiam em pontos importantes das do mestre. Durante meses, Jung não conseguia avançar com o livro, tamanha a sua aflição com a possível reação de Freud. É claro que ele terminou por publicar o livro — e o inevitável ocorreu.

Em 1911, por insistência de Freud, e com a oposição dos membros vienenses, Jung tomou-se o primeiro presidente da Associação Psicanalítica Internacional. Freud acreditava que o anti-semitismo poderia impedir o desenvolvimento do movimento psicanalítico se o chefe do grupo fosse judeu. Os analistas vienenses, quase todos judeus, se ressentiam e desconfiavam do suíço Jung, que era claramente o favorito de Freud. Eles não apenas tinham precedência no movimento como acreditavam que Jung era anti-semita.

Pouco depois da eleição para a presidência, a amizade de Jung com Freud começou a mostrar sinais de tensão. Em *A Psicologia do inconsciente* e em palestras na Universidade Fordham em Nova York, Jung reduzira o papel do sexo em sua teoria e propusera uma concepção distinta de libido. Surgiram atritos com relação a essas diferenças profissionais e, em 1912, os dois concordaram em encerrar também sua correspondência pessoal. Eles romperam relações em 1914, quando Jung renunciou e afastou-se da Associação.

A partir de 1913, quando tinha trinta e oito anos, Jung padeceu de um período de intenso abalo emocional que durou três anos; Freud passara por um período semelhante na mesma época da vida. Acreditando que estava enlouquecendo, Jung ficou sem poder realizar trabalhos intelectuais ou mesmo ler um livro científico (mas não parou de tratar pacientes). Resolveu seu problema essencialmente da mesma maneira como Freud o havia resolvido; enfrentando sua mente inconsciente. Embora não analisasse sistematicamente seus sonhos, como Freud fizera, Jung seguia os impulsos do inconsciente tal como se revelavam em sonhos e fantasias. Assim como ocorrera com Freud, a crise emocional de Jung mais tarde

tomou-se uma época de imensa criatividade, levando-o à formulação de sua peculiar abordagem da personalidade.

Como fruto do seu interesse pela mitologia, Jung fez algumas expedições de campo à

361

África e ao sudoeste dos Estados Unidos na década de 20, pretendendo estudar os processos mentais de povos pré-alfabetizados. Em 1932, foi nomeado professor da Universidade Politécnica Federal de Zurique, posição que manteve até que a sua saúde debilitada o fez demitir-se em 1942. Dois anos depois, foi fundada para ele, na Universidade da Basileia, uma cadeira de psicologia médica, mas a doença o impediu de manter essa posição por mais de um ano. No entanto, permaneceu ativo na pesquisa e na produção de trabalhos escritos pela maior parte dos seus oitenta e seis anos, publicando um espantoso número de livros. Na noite anterior à sua morte, ele disse a um amigo: “Vamos tomar um vinho realmente bom esta noite” (Wehr, 1987, p. 454). Ele sempre vivera a sua vida com bom gosto.

A Psicologia Analítica

Um ponto fundamental de diferença entre Jung e Freud vincula-se com a natureza da libido. Enquanto Freud a definia em termos predominantemente sexuais, Jung a considerava a energia vital generalizada de que o sexo era apenas uma parte. Para Jung, essa energia vital libidinal básica se exprime no crescimento e na reprodução, e também em outras atividades, a depender do que é mais importante para um indivíduo num momento particular.

A recusa junguiana de considerar a libido como exclusivamente sexual deixou-o livre para dar interpretações diferentes ao comportamento que Freud só podia definir em termos sexuais. Para Jung, por exemplo, entre os três e os cinco anos de vida, que ele denominava fase pré-sexual, a energia libidinal serve às funções de nutrição e de crescimento e não tem nenhuma das nuances sexuais da concepção freudiana desses primeiros anos.

Jung também rejeitava o complexo de Édipo freudiano e explicava o apego da criança à mãe em termos de uma necessidade de dependência, com todas as satisfações e rivalidades associadas com a função materna de fornecer alimento. À medida que a criança amadurece e desenvolve o funcionalismo sexual, as funções de nutrição combinam-se com sentimentos sexuais. Para Jung, a energia libidinal só assume forma heterossexual depois da puberdade. Ele não negava a existência de fatores sexuais, mas reduzia o papel do sexo ao de um dos impulsos que compõem a libido.

É fácil ver que as próprias experiências de vida de Jung influenciaram sua teoria que, como a de Freud, foi intensamente autobiográfica. Já observamos que a imersão pessoal de Jung no inconsciente pressagiava seu interesse profissional ulterior pelo tópico. Com relação ao sexo, as evidências também são altamente sugestivas. Jung não tinha como usar, nem precisava de um complexo de Édipo em sua teoria, porque isso não tinha relevância para a sua infância. Ele descrevera a mãe como uma mulher gorda e pouco atraente, e por isso nunca pôde compreender a insistência de Freud de que todo garotinho tinha anseios sexuais pela mãe.

Ao contrário de Freud, Jung não desenvolveu nenhuma insegurança, inibição nem ansiedade sobre o sexo quando adulto, e não fez nenhuma tentativa de limitar suas atividades sexuais, também ao contrário de Freud. Na verdade, Jung teve alguns casos com pacientes e

discípulas. Para Jung, que satisfazia livre e freqüentemente suas necessidades sexuais, o sexo tinha um papel mínimo na motivação humana. Para Freud, acossado por frustrações e ansioso com seus desejos contrariados, o sexo tinha o papel central” (Schultz, 1990, p. 148).

A segunda diferença básica entre as obras de Freud e Jung é a sua concepção da direção das forças que influenciam a personalidade humana. Freud via as pessoas como vítimas dos eventos da infância; Jung acreditava que somos moldados por nossas metas, esperanças e aspirações com relação ao futuro, bem como pelo nosso passado. Jung propunha que o comportamento humano não é determinado por inteiro pelas primeiras experiências da vida, estando sujeito a mudança em anos subseqüentes.

362

Uma terceira diferença entre os dois é que Jung enfatizava mais o inconsciente. Ele tentava mergulhar mais profundamente na mente inconsciente, tendo-lhe acrescentado uma nova dimensão — as experiências herdadas dos seres humanos como espécie e as dos seus ancestrais animais (o inconsciente coletivo).

Jung usava o termo psique para referir-se à mente, que segundo ele consistia em três níveis: a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. No centro da mente consciente está o ego, que se assemelha à nossa concepção de nós mesmos. A consciência inclui percepções e lembranças, e é a via de contato com a realidade que nos permite adaptar-nos ao nosso ambiente. Jung acreditava, contudo, que se dera demasiada atenção à consciência, que ele julgava secundária diante do inconsciente. Ele comparava a parte consciente da psique com a porção visível de uma ilha. Existe uma parte maior desconhecida sob a pequena parte visível acima da linha da água, e foi nessa base oculta misteriosa que Jung concentrou sua atenção.

Ele postulava dois níveis do inconsciente. Logo abaixo da consciência está o inconsciente pessoal, pertencente ao indivíduo. Ele consiste em todas as lembranças, impulsos, desejos, percepções fugidias e outras experiências da vida da pessoa que foram suprimidas ou esquecidas. Incidentes do inconsciente pessoal podem ser trazidos com facilidade à percepção consciente, o que indica que esse nível de inconsciência não é muito profundo.

As experiências do inconsciente pessoal estão agrupadas em complexos. Trata-se de padrões de emoções, lembranças, anseios, etc., com temas comuns. Os exemplos se manifestam na pessoa como uma preocupação com alguma idéia, como o poder ou a inferioridade, que influencia o comportamento. Assim, um complexo é essencialmente uma personalidade menor que se forma no interior da personalidade total.

Abaixo do inconsciente pessoal se encontra o terceiro e mais profundo nível de psique, o inconsciente coletivo, que o indivíduo não conhece e que contém as experiências acumuladas de todas as gerações precedentes, incluindo nossos ancestrais animais. O inconsciente coletivo consiste em experiências evolutivas universais e forma a base da personalidade. Como dirige todo o comportamento corrente, ele é considerado a mais potente força presente na personalidade. É importante notar que as experiências evolutivas no interior do inconsciente coletivo são, naturalmente, inconscientes; não as percebemos, não nos recordamos delas nem temos imagens suas, ao contrário do que ocorre com as experiências do inconsciente pessoal. Jung acreditava que a universalidade do inconsciente coletivo

podia ser explicada pela teoria da evolução, mediante a semelhança de estruturas cerebrais presentes em todas as raças humanas.

Na analogia junguiana da ilha, algumas pequenas ilhas que se elevam acima da superfície da água representam a mente consciente individual de algumas pessoas. A área de terra de cada ilha que está logo abaixo da água, e que de quando em vez é exposta pela ação das marés, representa o inconsciente pessoal de cada indivíduo. O leito do oceano, em que todas as ilhas estão, é o inconsciente coletivo.

Jung enfatizou o poder de contribuição do inconsciente coletivo ao desenvolvimento da psique. Tendências herdadas contidas no inconsciente coletivo — aquilo que Jung denominou arquétipos — são determinantes preexistentes ou inatos da vida mental que dispõem a pessoa a se comportar de modo semelhante ao de ancestrais que se viram diante de situações análogas.

Os arquétipos são vivenciados como emoções e outros eventos mentais, e estão tipicamente associados com experiências significativas da vida como o nascimento e a morte, com estágios particulares como a adolescência e com reações ao perigo extremo. Jung empreendeu uma extensa investigação das criações míticas e artísticas de várias civilizações e descobriu símbolos comuns a todas, mesmo em culturas tão amplamente separadas no tempo e no espaço que excluam a possibilidade de influência direta. Ele também descobriu o que considerou vestígios desses símbolos nos sonhos contados por seus pacientes. Todo esse material corro borava sua concepção de inconsciente coletivo.

363

Quatro dos arquétipos descritos por Jung pareciam ocorrer mais freqüentemente do que os outros. Eles estavam plenos de altos níveis de significado emocional, podendo ser remetidos a mitos antigos de diversas origens. Esses arquétipos principais, considerados por Jung siste mas distintos de personalidade, são a persona, a anima e o animus, a sombra e o self:

A persona, o aspecto mais exterior da personalidade, oculta o eu verdadeiro. É a máscara que usamos nos contatos com os outros, representando-nos tal como queremos apare cer para a sociedade. A persona pode não corresponder à verdadeira personalidade do indivíduo. A noção de persona se assemelha ao conceito sociológico de desempenho de papel (role playing), em que podemos agir como pensamos que os outros esperam que ajamos em diferentes situações.

Os arquétipos da anima e do animus refletem a idéia de que cada pessoa de um sexo exibe algumas das características do outro. A anima se refere às características femininas presentes no homem; o animus denota características masculinas na mulher. Tal como os outros arquétipos, esses advêm do passado primitivo da espécie humana, em que os homens e as mulheres absorveram algumas das tendências comportamentais e emocionais do outro sexo.

O arquétipo da sombra, nosso eu mais sombrio, é a parte mais primitiva e animalesca da personalidade. Jung o considerava nosso legado racial de formas inferiores de vida. A sombra contém todos os desejos e atividades imorais, passionais e inaceitáveis. Jung escreveu que a sombra nos impele a fazer coisas que normalmente não nos permitiríamos. Uma vez que tenhamos feito uma dessas coisas, costumamos insistir que algo se apossou de

nós. Jung afirmou que o salgo” é a parte primitiva da nossa natureza. Mas a sombra também tem um lado positivo: é a fonte da espontaneidade, da criatividade, da percepção e da emoção profunda, todas elas necessárias ao pleno desenvolvimento humano.

Jung considerava o sei! o mais importante arquétipo do seu sistema. Equilibrando todos os aspectos do inconsciente, o sei! proporciona unidade e estabilidade à personalidade. Como representação da pessoa inteira, o sei! tenta promover a integração da personalidade e pode ser comparado com um impulso para a auto-realização ou auto-atualização. Por auto-atualização, Jung designava a harmonia e a completude da personalidade, o desenvolvimento mais integral de todos os aspectos do sei!

Jung acreditava que a auto-atualização não podia ser alcançada antes da meia-idade, e considerava esses anos (entre os trinta e cinco e os quarenta) essenciais para o desenvolvimento da personalidade, uma época de transição natural em que a personalidade passa por mudanças necessárias e benéficas. Vemos nessa crença, outro elemento autobiográfico da teoria de Jung. A meia-idade foi a época de sua vida em que ele acreditava ter alcançado a integração do seu sei!, a partir da resolução de sua crise neurótica. Assim, para ele, o estágio mais importante do desenvolvimento da personalidade não era a infância, ao contrário da vida e do sistema de Freud, mas a meia-idade, época de sua própria crise pessoal.

O trabalho de Jung sobre as atitudes de introversão e extroversão é bem conhecido. Ele via essas modalidades de reação a diferentes situações como parte da mente consciente, definindo-as em termos da direção da energia libidinal. O extrovertido dirige libido para fora do eu, para eventos e pessoas do mundo exterior. Uma pessoa desse tipo é fortemente influenciada por forças do ambiente, sendo sociável e autoconfiante numa ampla gama de situações. A libido do introvertido é dirigida para o seu próprio interior. Uma pessoa introvertida é mais contemplativa, introspectiva e resistente a influências externas, menos confiante nas relações com os outros e com o mundo exterior e menos sociável do que a extrovertida. Ambas as atitudes opostas existem em algum grau em todas as pessoas, mas uma delas costuma ser mais pronunciada. Ninguém é totalmente extrovertido ou introvertido. A atitude dominante a qualquer momento dado pode ser influenciada pela situação. Por exemplo, de

364

modo geral, as pessoas introvertidas podem tornar-se sociáveis e francas em situações que atraíam o seu interesse.

Segundo a teoria de Jung, as diferenças de personalidade também se manifestam por meio das quatro funções, as maneiras como nos orientamos tanto diante do mundo objetivo exterior como diante do nosso mundo subjetivo interior. Essas funções são o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição. O pensamento é um processo conceitual que proporciona sentido e compreensão. O sentimento é um processo subjetivo de ponderação e avaliação. A sensação é a percepção consciente de objetos físicos. E a intuição envolve perceber de maneira inconsciente.

Jung considerava o pensamento e o sentimento modalidades racionais de reação, visto envolverem a razão e o juízo. A sensação e a intuição são consideradas não racionais, pois dependem do mundo dos estímulos concretos e específicos e não envolvem o uso da razão. Em cada par de funções, somente uma pode ser dominante num dado momento. As funções

dominantes podem se combinar com o domínio da extroversão ou da introversão para produzir oito diferentes tipos psicológicos.

Jung desenvolveu o teste de associação de palavras como instrumento de diagnóstico e terapia para descobrir complexos da personalidade em seus pacientes. Ele iniciou essa pesquisa sobre a associação de palavras depois que um colega lhe falou do experimento de associação de Wilhelm Wundt. No procedimento de associação de palavras de Jung, o analista lê para o paciente uma lista de palavras, dizendo uma de cada vez. O paciente responde a cada palavra com a primeira palavra que lhe vier à mente. Jung media o tempo que o paciente levava para reagir a cada palavra, bem como as alterações da respiração e da condutividade elétrica da pele, consideradas evidências de reações emocionais. Se uma palavra específica produzisse um longo tempo de resposta, irregularidades na respiração e uma mudança na condutividade da pele, Jung deduzia a existência de um problema emocional inconsciente vinculado com a palavra-estímulo ou com a réplica.

Comentário

A obra de Jung tem tido alguma influência sobre a psicologia e a psiquiatria, mas principalmente sobre campos diversos como a religião, a história, a arte e a literatura. Muitos historiadores, teólogos e escritores o reconhecem como fonte de inspiração. De modo geral, no entanto, a psicologia científica tem ignorado sua psicologia analítica. Muitos dos seus livros não foram traduzidos para o inglês até os anos 60, e seu estilo não inteiramente claro tem impedido um entendimento completo de suas formulações. Seu desdém pelos métodos científicos tradicionais repele muitos psicólogos experimentais, para quem as idéias de Jung, com sua base mística e religiosa, têm ainda menos atrativo do que as de Freud. Além disso, as críticas a que nos referimos no Capítulo 13 acerca das evidências corroboratórias da teoria de Freud também se aplicam ao trabalho de Jung. Também ele se apoiou na observação clínica e na interpretação, e não na investigação controlada de laboratório. Mas a psicologia analítica recebeu uma avaliação menos minuciosa do que a psicanálise freudiana, provavelmente porque a estatura de Freud no campo relegou Jung e outros a um plano secundário na competição por atenção profissional.

A delinação por Jung dos oito tipos psicológicos tem estimulado consideráveis pesquisas. Tem particular imponência o Myers-Briggs Type Indicator (Indicador de Tipo Myers-Briggs), um teste de personalidade elaborado nos anos 20 por Katharine Briggs e Isabel Briggs Myers. Ele se tornou um importante instrumento de pesquisa e avaliação. A obra de Jung sobre a introversão e a extroversão inspirou o psicólogo inglês Hans Eysenck a desenvolver o Maudsley

365

Pei Inventory (Inventário de Personalidade Maudsley), um teste popular para medir essas duas atitudes. Estudos usando esses instrumentos forneceram algum apoio empírico às idéias de Jung e demonstram que ao menos algumas de suas noções são suscetíveis de testes experimentais. Tal como ocorreu com a obra de Freud, os aspectos mais amplos da teoria de Jung (como os complexos, os arquétipos e o inconsciente coletivo) resistem a tentativas de validação científica.

Jung deu outras contribuições à psicologia. O teste de associação de palavras tornou-se uma técnica projetiva padrão e incentivou o desenvolvimento do Teste Rorschach. O conceito de

auto-atualização (auto-realização) antecipou a obra de Abraham Maslow e de outros que, desde então, têm desenvolvido o tema de Jung. A sugestão junguiana de que a meia-idade é uma época crucial de mudança de personalidade foi incorporada por Maslow e Erik Erikson, tendo sido aceita por teóricos contemporâneos da personalidade como estágio desenvolvimen tal necessário (ver Levinson, 1978; Wrightsman, 1981).

Apesar dessas contribuições, o grosso da obra de Jung não tem sido popular na psicologia. Suas idéias gozaram de uma explosão de atenção pública nos anos 70 e 80, ao que parece devido ao seu conteúdo místico. Treinamento formal em análise junguiana é oferecido em Nova York, São Francisco e Los Angeles, bem como em institutos junguianos na Europa e em Israel.

Teorias Sociopsicológicas na Psicanálise:

O Zeitgeist Ataca Outra Vez

Sigmund Freud foi influenciado pela perspectiva mecanicista e positivista que impregnou a ciência do século XIX. Perto do final do século XIX, contudo, novas disciplinas estavam oferecendo novas maneiras de conceber a natureza humana, formas que iam além dos quadros biológicos e físicos de referência. A antropologia, a sociologia e a psicologia social estavam oferecendo evidências para sustentar a proposição de que os seres humanos são o produto das forças e instituições sociais que formam seu ambiente. Essas evidências sugeriam que os seres humanos deveriam ser estudados como seres sociais, e não como seres estritamente biológicos.

À medida que os antropólogos publicavam seus estudos sobre diferentes culturas, ia ficando claro que alguns sintomas neuróticos e tabus presentes nas hipóteses freudianas não eram, ao contrário do que ele pensara, universais. Por exemplo, não existem tabus contra o incesto em todas as sociedades. Além disso, sociólogos e psicólogos sociais tinham descoberto que grande parte do comportamento humano parecia vir antes do condicionamento social do que de quaisquer tentativas de satisfazer necessidades biológicas.

O espírito intelectual do tempo, o Zeitgeist, estava pedindo uma revisão da concepção da natureza humana, mas Freud, para a consternação de alguns dos seus seguidores, apegara-se à sua ênfase nos determinantes biológicos da personalidade. Analistas mais jovens, menos restringidos pela tradição, foram se afastando da posição psicanalítica ortodoxa e começaram a remoldar a teoria freudiana ao longo de linhas mais compatíveis com a orientação das ciências sociais. Sua idéia de que a personalidade é mais um produto do ambiente do que da biologia era consentânea com a cultura e o pensamento americanos, e apresentava uma imagem da natureza humana mais otimista do que a posição determinista de Freud.

Discutiremos dois desses dissidentes que apresentaram suas próprias teorias sociopsicológicas: Alfred Adler e Karen Homey. Eles e outros sugeriram que o comportamento humano não

é determinado por forças biológicas, mas pelos relacionamentos interpessoais a que a pessoa está

exposta, particularmente na infância. Assim como as forças biológicas, também o papel da libido

e de sua manifestação no complexo de Édipo, bem como os estágios psicosssexuais do desenvolvimento, são minimizados em suas teorias. Para os teóricos sociopsicológicos, a ansiedade

366

e outras expressões de perturbações emocionais não se originam na libido, nos instintos nem no sexo, desenvolvendo-se, em vez disso, a partir dos primeiros relacionamentos sociais. Por conseguinte, não estamos condenados à ansiedade, como quer a teoria determinista de Freud, porque a ansiedade pode ser evitada por meio das experiências sociais apropriadas na infância.

Segundo Freud, os nossos pensamentos e comportamentos são determinados por forças biológicas. Em contraste, os teóricos sociopsicológicos consideram o comportamento flexível e suscetível de ser conscientemente modificado pelo indivíduo. As instituições sociais também são flexíveis e abertas à mudança. Embora reconheçam que os costumes e padrões da sociedade só podem ser modificados gradualmente e com dificuldade, esses teóricos concordam que as pessoas são capazes de desenvolver o tipo de sistema social apropriado às suas necessidades.

Alfred Adler (1870-1937)

Costuma-se considerar Adler o primeiro proponente da forma sociopsicológica de psicanálise porque ele rompeu com Freud em 1911. Adler desenvolveu uma teoria em que o interesse social tem um papel relevante, e é o único psicólogo que tem um quarteto de cordas com o seu nome.

A Vida de Adler

Alfred Adler nasceu numa família abastada de um subúrbio de Viena, Áustria. Sua infância infeliz foi marcada pela doença, pelo ciúme de um irmão mais velho e por sentimentos de ser franzino, feio e rejeitado pela mãe. Ele se sentia muito mais próximo do pai do que da mãe. Talvez tenha rejeitado o conceito freudiano do complexo de Édipo porque ele não refletia sua própria experiência infantil. Quando criança, Adler se esforçou muito para ter popularidade entre os seus colegas e, à medida que crescia, foi conseguindo um sentido de auto-estima e de aceitação dos outros que não encontrara no seio de sua família.

No início, Adler era mau aluno, tão inepto que um professor disse ao seu pai que o único emprego para o qual o garoto prestava era o de aprendiz de sapateiro. Com persistência e dedicação, Adler foi do fundo do poço ao topo de sua classe. Tanto em termos acadêmicos como sociais, ele se esforçava para superar suas desvantagens e inferioridade; assim, tomou-se um exemplo vivo de sua teoria da necessidade de compensar as próprias fraquezas. Os sentimentos de inferioridade, que formam o cerne do seu sistema, são um reflexo direto de suas próprias experiências infantis. Adler admitia essa dívida, confessando que “quem tem familiaridade com o trabalho da minha vida verá com clareza a concordância entre os fatos da minha infância e os pontos de vista que exprimi” (Bottome, 1939, p. 9).

Aos quatro anos, enquanto se recuperava de um ataque quase fatal de pneumonia, Adler decidiu ser médico. Formou-se na Universidade de Viena em 1895. Depois de se especializar em oftalmologia e praticar a clínica geral, transferiu-se para a psiquiatria. Em 1902, juntou-se ao grupo de discussão semanal de psicanálise formado por Freud, como um

dos quatro membros fundadores. Embora trabalhasse próximo de Freud, seu relacionamento com ele não era pessoal. Freud disse certa vez que Adler o entediava.

Nos anos seguintes, Adler desenvolveu uma teoria da personalidade distinta da de Freud em vários aspectos, tendo criticado abertamente a ênfase freudiana nos fatores sexuais. Em 1910, Freud o indicou presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena, ao que parece num esforço para reconciliar as crescentes diferenças entre eles, mas, em 1911, seu rompimento inevitável estava completo. Adler renunciou à presidência e rompeu oficialmente com a posição freudiana. A separação foi amarga. Adler descreveu Freud como um trapaceiro e disse que a psicanálise era * “suja” (Roazen, 1975, p. 210). Freud referiu-se a Adler como “anor mal” e “enlouquecido pela ambição” (Gay, 1988, p. 223).

367

Adler foi médico do exército austríaco na Primeira Guerra, tendo organizado mais tarde clínicas de orientação infantil no sistema escolar vienense. Nos anos 20, seu sistema sociopsicológico, que ele denominou psicologia individual, atraiu comentários favoráveis da comunidade profissional, e muitos seguidores foram para Viena estudar com ele. Ele fez palestras em vários países e, em 1929, fez a primeira de várias visitas aos Estados Unidos. Em 1934, foi nomeado professor de psicologia médica da Escola de Medicina de Long Island, Nova York. Três anos depois, durante um exaustivo circuito de conferências, faleceu em Aberdeen, Escócia.

Freud, respondendo a um amigo que exprimia tristeza pela morte de Adler, escreveu:

Não entendo sua simpatia por Adler. Para um menino judeu de um subúrbio vienense, a

368

Affred Adler, que rompeu com Freud em 1911, considerava a motivação humana um esforço por atingir a superioridade e acentuava a importância dos fatores sociais no desenvolvimento da personalidade.

morte em Aberdeen constitui em si mesma uma carreira inaudita e uma prova de quão longe ele tinha ido. O mundo de fato o recompensou prodigamente pelo seu serviço de contestação da psicanálise” (Scarf, 1971, p. 47).

A Psicologia Individual

Adler desenvolveu seu sistema de psicologia individual ao longo de linhas sociais. Ele acreditava que o comportamento humano não é determinado por forças biológicas, mas por forças sociais. Sugeriu que só podemos compreender a personalidade investigando os relacionamentos sociais e as atitudes que a pessoa tem para com os outros. Ele propôs que esse interesse social, que pode ser definido como um potencial inato para cooperar com os outros a fim de alcançar alvos pessoais e sociais, se desenvolve na infância por meio de experiências de aprendizagem. Tal como Freud, Adler reconhecia a importância dos primeiros anos formativos da infância, mas, como dissemos, seu foco eram as forças sociais, e não as biológicas. Ele também minimizava o papel do sexo na formação da personalidade (Adler, 1930).

Outro ponto de diferença entre as teorias de Adler e Freud refere-se à importância da

consciência: ao contrário de Freud, Adler acentuava os determinantes conscientes do comportamento. Ele considerava os humanos seres conscientes, cientes de suas motivações.

Para Freud, o comportamento humano era determinado por experiências passadas. Adler, por sua vez, acreditava que somos mais influenciados por aquilo que pensamos que o futuro nos reserva. Esforçar-se por atingir metas ou antecipar futuros eventos são elementos capazes de afetar o nosso comportamento presente. Por exemplo, quem vive temeroso da danação eterna após a morte tem um comportamento diferente do de quem não tem essa expectativa.

Freud dividia a personalidade em partes distintas (id, ego e superego), mas Adler enfatizava a unidade e a consistência essenciais da personalidade. Ele propôs uma força propulsora dinâmica que canaliza os vários recursos da personalidade para um alvo premente. Esse alvo, para cuja consecução todos nos esforçamos, é a superioridade ou perfeição, que abrange o desenvolvimento, o aperfeiçoamento e a realização plenos do eu. Segundo Adler, o sexo não é o impulso dominante, mas apenas um entre muitos meios para atingir a superioridade ou a perfeição.

Adler acreditava que essa luta pela superioridade, pelo aprimoramento do eu, é inata, manifestando-se em todos os aspectos da personalidade. Ela é responsável por todos os progressos e realizações humanas, tanto individuais como em termos da civilização.

Observamos que Adler não concordava com a afirmação de Freud de que a base primária da motivação é o sexo. Adler acreditava que um sentimento generalizado de inferioridade é a força determinante do comportamento, ao que parece como tinha sido em sua vida. Inicialmente, Adler associava esse sentimento de inferioridade com partes deficientes do corpo. A criança com uma fraqueza orgânica hereditária tenta compensar o defeito superenfatizando a função defeituosa. Uma criança que gagueja pode, por meio da terapia da fala, tornar-se um grande orador; a criança com membros fracos pode, através do exercício intenso, alcançar a excelência como atleta ou dançarina.

Mais tarde, Adler ampliou seu conceito e incluiu quaisquer deficiências físicas, mentais ou sociais, reais ou imaginadas. Ele também acreditava que a pequenez, a impotência e a total dependência da criança diante do seu ambiente produzem um sentimento de inferioridade vivenciado por todos. Consciente de sua inferioridade e da necessidade de superá-la, a criança também é impelida por essa luta pela superioridade ou perfeição. Para ele, esse processo de restrição e empuxo continua por toda a vida, impulsionando a pessoa a realizações cada vez maiores.

369

Os sentimentos de inferioridade também apresentam vantagens para a pessoa e para a sociedade, pois levam a uma contínua melhoria. Mas, se na infância esses sentimentos forem acolhidos com mimo excessivo ou com rejeição, o resultado pode ser comportamentos com pensamentos expressos de modo anormal. A incapacidade de compensar adequadamente os sentimentos de inferioridade pode ocasionar o desenvolvimento de um complexo de inferioridade, que torna a pessoa incapaz de lidar com os problemas da vida.

Segundo Adler, a meta suprema do homem, atingir a superioridade, é universal, mas existem vários comportamentos mediante os quais cada um de nós pode alcançar essa meta. Demonstramos nossa maneira de lutar em modalidades distintas e desenvolvemos uma forma peculiar ou característica de reagir que Adler denominou estilo de vida. Esse estilo de vida envolve os comportamentos com os quais compensamos a inferioridade real ou imaginada. No exemplo da criança de corpo débil, o estilo de vida inclui as atividades, como o exercício ou a prática de esportes, que resultem no aumento do ânimo e da força física. Formado por volta dos quatro ou cinco anos, o estilo de vida se fixa e se torna difícil de mudar a partir de então; ele proporciona a referência no âmbito da qual todas as experiências posteriores são vivenciadas. Mais uma vez, vemos que Adler admitia a importância dos primeiros anos de vida, mas diferia de Freud em sua crença de que criamos conscientemente o nosso próprio estilo de vida ou eu.

Adler também se concentrava na família como fator de desenvolvimento da personalidade. Crianças com deficiências podem se considerar um fracasso, mas, por meio da compensação e com a ajuda de pais compreensivos, podem transformar inferioridades em forças. Crianças estimuladas em demasia pelos pais podem tornar-se egocêntricas. É improvável que desenvolvam interesse social; em vez disso, vão esperar que os outros cedam aos seus desejos. Crianças negligenciadas podem desenvolver estilos de vida que envolvem a busca de vingança contra a sociedade. O mimó e a negligência abalam nossa confiança em nossa capacidade de enfrentar as exigências da vida.

Considera-se o conceito adleriano do poder criativo do eu o pináculo de sua teoria. Ele sugeriu que temos a capacidade de determinar nossa própria personalidade de acordo com o nosso estilo pessoal de vida. Esse poder criativo representa um princípio ativo da existência humana comparável à noção de alma. Certas capacidades e experiências nos vêm por hereditariedade e pelo ambiente, mas é o modo como usamos e interpretamos ativamente essas experiências que nos fornece a base da nossa atitude diante da vida. Isso significa que estamos conscientemente envolvidos no processo de dar forma à nossa personalidade e ao nosso destino. Para ele, podemos determinar o nosso próprio futuro, em vez de tê-lo determinado para nós pela experiência passada.

Examinando a infância de seus pacientes, Adler se interessou pelo relacionamento entre a personalidade e a ordem de nascimento. Ele descobriu que a criança mais velha, a do meio e a mais nova, devido à sua posição na família, passam por experiências sociais distintas que resultam em diferenças de personalidades. A criança mais velha recebe muita atenção até ser destronada pelo nascimento do segundo filho. O primeiro filho pode então ficar inseguro e hostil, autoritário e conservador, com um forte interesse pela manutenção da ordem. Adler sugeriu que os criminosos, os neuróticos e os pervertidos costumam ser primogênitos. (Sigmund Freud era primogênito; Adler o considerava um típico filho mais velho.)

Adler descobriu que o segundo filho é intensamente ambicioso, rebelde e ciumento, esforçando-se constantemente para superar o primogênito. (Adler era segundo filho e teve por toda a vida um relacionamento competitivo com o irmão mais velho, cujo nome era Sigmund.) Contudo, Adler considerava o segundo filho melhor ajustado do que o primogênito ou o caçula. Ele acreditava que este último era estragado pelos mimos e o que tinha mais probabilidade de exibir problemas de comportamento na infância e na idade adulta.

Com entario

As teorias de Adler foram calorosamente recebidas por muitas pessoas insatisfeitas ou desgostosas com o quadro freudiano dos humanos como seres dominados por forças sexuais e determinados pelas experiências infantis. Afmal, é mais agradável considerar que podemos dirigir conscientemente o nosso desenvolvimento. Adler apresentava uma imagem satisfatória e otimista da natureza humana. Sua crença na importância dos fatores sociais, com a relativa exclusão de determinantes biológicos, reforçou a tendência em ascensão das ciências sociais. Seu trabalho foi também o começo de uma reorientação semelhante na psicanálise, destinada a tomar seus princípios mais aplicáveis à diversidade de comportamentos humanos.

Mas não faltaram críticos à psicologia individual de Adler. Muitos afirmam que suas teorias pecam pela superficialidade e por se basear em observações da vida cotidiana fundadas no senso comum. Outros consideram suas idéias argutas e perceptivas. Freud disse que o sistema de Adler era demasiado simples. Ele observou que são necessários dois anos para aprender psicanálise, por ser ela complexa, mas que as idéias de Adler podem ser ‘aprendidas em duas semanas, porque, com Adler, há muito pouco a aprender’ (Sterba, 1982, p. 156). Adler respondeu que essa era exatamente a questão: ele precisara de quarenta anos para tornar sua psicologia simples.

Também se alega que Adler não era um teórico coerente nem sistemático e que sua posição deixa muitas questões sem resposta. O que precisamente é a força criativa pela qual dirigimos o nosso comportamento? O que impede a pessoa de se reconciliar com sua inferioridade? Quais os papéis relativos da hereditariedade e do ambiente nesse processo? Além disso, as críticas dos psicólogos experimentais feitas a Freud e Jung também se aplicam a Adler.

Suas observações dos pacientes não podem ser reproduzidas e verificadas, nem foram realizadas de modo controlado e sistemático. Ele não tentou confirmar a precisão dos relatos dos pacientes e, tal como Freud e Jung, não explicou os procedimentos mediante os quais analisou seus dados e chegou às suas conclusões.

Embora muitos dos conceitos adlerianos resistam a tentativas de validação científica, sua noção de ordem de nascimento tem sido objeto de consideráveis pesquisas. Estudos revelam que os primogênitos têm alto grau de inteligência e necessidade de realização, e sustentam sua noção de que eles experimentam ansiedade quando destronados pela chegada do segundo filho (Belmont e Marolla, 1973; Breland, 1974; Schachter, 1963). Há evidências de pesquisas para a concepção de Adler de que os sonhos podem nos ajudar a resolver problemas correntes e para a sua idéia de que as nossas primeiras lembranças infantis podem fornecer alguma indicação sobre o nosso estilo de vida adulto (Grieser, Greenberg e Harrison, 1972; Jackson e Sechrest, 1962).

De modo geral, a influência de Adler sobre a psicanálise pós-freudiana tem sido substancial. O trabalho dos psicólogos do ego, que se concentra mais nos processos racionais e conscientes do que nos inconscientes, segue a direção proposta por Adler. Sua ênfase na ação das forças sociais sobre a personalidade pode ser vista no trabalho de Karen Horney, e o seu foco na unidade da personalidade se reflete na teoria de Gordon Allport. O destaque que dá ao poder criativo do eu como força capaz de dar forma ao próprio estilo de vida

influenciou o pensamento do Abraham Maslow, que comentou que “Adler fica mais correto a cada ano” (Maslow, 1970, p. 13). A influência de Adler se estende ao presente, como vimos na obra do teórico da aprendizagem social Julian Rotter. Alguns psicólogos têm sugerido que Adler estava muito além do seu tempo, que sua ênfase nas variáveis sociais e cognitivas é mais compatível com tendências da psicologia atual do que com a de sua época.

371

As concepções de Adler continuam a influenciar psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e educadores. As pesquisas baseadas em sua teoria e terapia são publicadas na revista trimestral *Individual Psychology: The Journal of Adlerian Theory, Research, and Practice*. Institutos de treinamento adlerianos funcionam em Nova York e em outras cidades americanas, e uma nova geração de adlerianos tem ampliado, desenvolvido e aplicado seu trabalho, particularmente na área do aconselhamento infantil.

Karen Horney (1885-1952)

Horney, uma das primeiras feministas, foi treinada na psicanálise freudiana em Berlim. Ela descreveu sua obra como uma modificação e extensão do sistema de Freud, e não como um esforço para suplantá-lo.

A Vida de Horney

Karen Horney nasceu em Hamburgo, Alemanha. Seu pai era um devoto e melancólico capitão de navio muito mais velho que a sua mãe, uma mulher liberal e vivaz. A infância de Horney nada teve de idílico. Sua mãe a rejeitou em favor de um irmão mais velho (a quem Karen invejava por ser um menino), e seu pai costumava menosprezar sua aparência e inteligência, deixando-a com sentimentos de inferioridade, de falta de valor e de hostilidade. Essa carência de amor promoveu o que ela mais tarde denominou ansiedade básica, e dá outro exemplo da influência das experiências pessoais sobre a concepção do desenvolvimento da personalidade de um teórico.

A partir dos catorze anos, Horney passou por uma série de choques adolescentes como parte de sua busca cada vez mais frenética do amor e da aceitação que não podia encontrar em casa. Aos dezessete, fundou um jornal que caracterizou como “um órgão virginal para super- virgens” e começou a andar por ruas freqüentadas por prostitutas. “Na minha imaginação”, confidenciou ela ao seu diário, “não há ponto em mim que não tenha sido beijado por uma boca ardente. Na minha imaginação, não há depravaçã3 que eu não tenha experimentado até as últimas conseqüências” (Horney, 1980, p. 64).

Apesar da oposição do pai, Horney ingressou na escola médica da Universidade de Berlim e se formou em 1913. Casou-se, teve três filhas e passou por um longo período de perturbação emocional. Sentia-se cada vez mais infeliz e oprimida, sofria de dores no estôma go, tinha problemas sexuais com o marido e teve vários casos. Divorciou-se em 1927 e continuou sua busca incansável de amor pelo resto da vida. Entre 1914 e 1918, fez um treinamento psicanalítico ortodoxo no Instituto Psicanalítico de Berlim. No ano seguinte, tomou-se parte do corpo docente do Instituto e iniciou sua prática privada.

Nos quinze anos seguintes, Horney escreveu muitos artigos técnicos, a maioria dedicada aos problemas da personalidade feminina, nos quais esboçou seu desacordo com certos con

ceitos freudianos. Em 1932, foi para os Estados Unidos como diretora associada do Instituto de Psicanálise de Chicago. Prosseguiu com seu consultório particular e deu aulas no Instituto Psicanalítico de Nova York, mas um crescente desagrado com a teoria freudiana ortodoxa fê-la romper com esse grupo. Ela fundou o Instituto Americano de Psicanálise, que dirigiu até a morte.

O Desenvolvimento da Personalidade

Consideremos de início os pontos de desacordo entre Horney e Freud. Ela acreditava que alguns dos pressupostos básicos de Freud tinham sido influenciados pela época em que ele trabalhara e que, nos anos 30 e 40, quando ela formulava seu sistema, o *Zeitgeist* sofrera dramáticas mudanças. Os padrões culturais eram diferentes, e as atitudes sobre o comporta-

372

mento sexual e os papéis sexuais tinham sido revistas. As teorias freudianas já não eram compatíveis com o clima intelectual vigente.

E essas diferenças eram não apenas de época como também de lugar. Horney desenvolveu suas teorias nos Estados Unidos, que tinham suas próprias atitudes populares acerca do sexo. Seus pacientes americanos diferiam dos seus primeiros pacientes europeus, e as diferenças entre eles só poderiam ser explicadas em termos de influências sociais, e não, como Freud dissera, por fatores biológicos universais.

Horney não concordava com Freud quanto ao fato de a personalidade depender de forças

373

Embora aceitasse a ênfase freudiana na importância dos primórdios da infância, Karen Horney propôs a

ansiedade básica, advinda do relacionamento pais-filhos, como a principal força que motiva as pessoas a

procurar segurança e proteção.

biológicas imutáveis. Ela negava a posição destacada dos fatores sexuais, contestava a validade da teoria edipiana e descartava os conceitos de libido e da estrutura freudiana da personalidade. Opondo-se à crença de Freud de que as mulheres são motivadas pela inveja do pênis, ela afirmou que os homens são motivados pela inveja do útero, que eles invejam a capacidade feminina de gerar filhos. Horney acreditava que essa inveja do útero e o conseqüente ressentimento se manifestam inconscientemente nos homens por meio de comportamentos voltados para depreciar e diminuir as mulheres, para promover e manter sua condição inferior. Negando às mulheres direitos iguais, minimizando suas oportunidades de contribuir para a sociedade e depreciando seus esforços de realização, os homens tentam manter uma pretensa superioridade natural. Para Horney, a razão fundamental desse comportamento masculino é um sentido de inferioridade decorrente da inveja do útero.

Horney e Freud também diferiam em suas concepções básicas da natureza humana.

Horney escreveu:

O pessimismo de Freud no que se refere a neuroses e ao seu tratamento veio das profundezas de sua descrença na bondade humana e no desenvolvimento humano. O homem,

postulou ele, está fadado a sofrer ou a destruir... Minha convicção pessoal é a de que o homem tem tanto a capacidade como o desejo de desenvolver suas potencialidades e vir a ser um ser humano decente... Acredito que o homem possa mudar e continuar mudando enquanto viver (Horney, 1945, p. 19).

Embora rejeitasse boa parte do sistema de Freud, Horney aceitava a noção de motivação inconsciente, assim como a existência de motivos emocionais e não racionais.

O conceito fundamental da teoria de Horney é a ansiedade básica, definida por ela como ‘o sentimento que a criança tem de estar isolada e desamparada num mundo potencialmente hostil’ (Horney, 1945, p. 41). Essa definição caracteriza seus próprios sentimentos quando criança. A ansiedade básica pode resultar de várias ações parentais com relação à criança, incluindo uma atitude de domínio, a falta de proteção e de amor e o comportamento errático. Qualquer coisa que perturbe o relacionamento seguro entre as crianças e os pais pode produzir a ansiedade básica. Logo, a ansiedade básica não é inata, mas resultado de forças sociais presentes no ambiente da criança.

Em lugar dos instintos freudianos como as principais forças motivadoras, Horney considerava que o bebê impotente busca segurança num mundo ameaçador. Ela propôs que a força impulsora do comportamento humano é essa necessidade de segurança, de proteção e de libertação do medo.

Partilhando com Freud a idéia de que a personalidade se desenvolve em tenra infância, ela sustentava também que a personalidade pode mudar ao longo da vida. Enquanto Freud detalhava estágios psicosssexuais do desenvolvimento, Horney concentrava-se na maneira como a criança em crescimento é tratada pelos pais. Ela contestava fases de desenvolvimento universais, como os estágios oral ou anal, sugerindo que, se a criança desenvolvia alguma tendência desse tipo, isso se devia aos comportamentos dos pais. Nada no desenvolvimento da criança era visto como universal; tudo dependia de fatores culturais, sociais e ambientais. Horney tentou demonstrar que os conflitos atribuídos por Freud a fontes biológicas poderiam ser atribuídos, em vez disso, a forças sociais. Assim, ela se concentrou nas primeiras experiências infantis que envolvem a interação parental com a criança, já que os pais podem tanto satisfazer como frustrar suas necessidades de segurança e proteção. O ambiente que os pais proporcionam à criança e a maneira como esta reage a ele formam a estrutura de sua personalidade.

Observamos que a ansiedade básica advém do relacionamento pai-filho. Quando essa ansiedade social ou ambientalmente produzida se manifesta, a criança desenvolve várias

374

estratégias comportamentais para enfrentar os sentimentos resultantes de desamparo e insegurança, respondendo às atitudes e comportamentos parentais. Se alguma estratégia comportamental da criança se tornar uma parte fixa da personalidade, ela é denominada necessidade neurótica, uma forma de defesa contra a ansiedade. Horney postulou dez necessidades neuróticas, incluindo as de afeição, de realização pessoal e de auto-suficiência.

Em escritos ulteriores, ela agrupou as dez necessidades em três categorias: (1) o tipo submisso (movimento de aproximação das pessoas, como na necessidade de amor); (2) o

tipo distante (movimento de afastamento das pessoas, como na necessidade de auto-suficiência); e (3) o tipo agressivo (movimento contra as pessoas, como na necessidade de poder). O movimento de aproximação das pessoas envolve a aceitação da impotência e a tentativa de obter o afeto dos outros e de depender deles; essa é a única maneira que permite à pessoa sentir-se segura com os outros. O movimento de afastamento das pessoas envolve permanecer distante dos outros para evitar toda situação de dependência. O movimento contra as pessoas envolve hostilidade, rebelião e agressão contra os outros.

Horney acreditava que nenhuma dessas necessidades ou tipos constitui um modo realista de enfrentar a ansiedade. As próprias necessidades podem dar origem a conflitos por causa de sua incompatibilidade. Uma vez que a pessoa estabeleça uma estratégia comportamental para enfrentar a ansiedade, esse comportamento deixa de ter flexibilidade suficiente para permitir modalidades alternativas de expressão. Quando um comportamento fixo é inadequado para uma situação particular, a pessoa fica incapaz de mudar em resposta às exigências da situação. Esses comportamentos solidamente estabelecidos intensificam as dificuldades da pessoa por que permeiam toda a personalidade, “abrangendo não apenas a relação da pessoa com os outros como também sua relação consigo mesma e com a vida em geral” (Horney, 1945, p. 46).

Ela invocou o conceito de auto-imagem idealizada, que, num certo sentido, proporciona um falso quadro da personalidade. Trata-se de uma máscara imperfeita e enganosa que impede as pessoas neuróticas de compreender e aceitar seus verdadeiros eus. Ao envergar a máscara, os neuróticos negam a existência de seus conflitos interiores. Os neuróticos vêm como genuínas as auto-imagens idealizadas, e essas imagens permitem acreditar que são superiores às pessoas que de fato são. Horney acreditava que os conflitos neuróticos não são inatos nem inevitáveis, mas surgem de situações indesejáveis na infância. Eles podem ser evitados se a vida familiar da criança for caracterizada pela generosidade, pela compreensão, pela segurança e pelo amor.

Comentário

O otimismo de Horney quanto à possibilidade de se evitarem conflitos neuróticos foi bem recebido por psicólogos e psiquiatras como um alívio para o pessimismo da teoria freudiana. Além disso, sua contribuição à psicologia é digna de nota porque ela introduziu um modelo da personalidade que tem como base os fatores sociais e atribui pouco ou nada aos fatores inatos.

Sua teoria da personalidade pode ser mais fraca do que a de Freud em termos de clareza, coerência interna e desenvolvimento formal. Muitos psicólogos acreditam que teria sido mais fácil aceitar ou rejeitar a teoria freudiana do que tentar reformulá-la como Horney fez. Seu afastamento da doutrina freudiana básica é tão radical que o seu sistema é mal visto pelos psicanalistas ortodoxos. Embora não comentasse diretamente o trabalho de Horney, Freud disse dela certa feita: “ela é capaz, mas maliciosa” (Bianton, 1971, p. 65).

As evidências da teoria de Horney, tais como as de Freud, Jung e Adler, vêm de observações clínicas, estando sujeitas aos problemas de credibilidade científica já aludidos.

375

Poucas pesquisas foram feitas sobre os conceitos do seu sistema, e alguns consideram isso uma grande limitação do seu trabalho. Contudo, as pesquisas citadas no Capítulo 13, que

refutaram as noções freudianas de que as mulheres têm superegos inadequadamente desenvolvidos e concepções inferiores do corpo, podem ser tomadas como apoio para alguns dos pontos de vista de Horney.

Mesmo privada de um grupo leal de discípulos ou de uma revista onde desenvolver e divulgar suas idéias, Horney tem causado um impacto considerável com suas obras. A Clínica Karen Horney e o Instituto Psicanalítico Karen Horney (um centro de treinamento para analistas) são atuantes na cidade de Nova York. Com o movimento feminista que teve início nos anos 60, seus livros tiveram renovada a sua popularidade. São os seus escritos sobre a psicologia feminina que hoje constituem sua principal contribuição. “Se ela não tivesse escrito nada mais do que isso”, observou um biógrafo, “esses documentos teriam conferido a Horney um lugar importante na história da psicanálise” (Quinn, 1987, p. 211).

Horney foi uma feminista ardente e pioneira, e muitas de suas posições, expressas há mais de cinquenta anos, têm um forte acento contemporâneo. Em 1934, ela contrastou a mulher tradicional, que procura sua identidade no casamento e na maternidade, com a mulher moderna, que busca sua identidade numa carreira. Esse conflito entre o amor e o trabalho, tal como ela o via, caracterizou sua própria vida. Horney concentrou-se no trabalho, que lhe proporcionou enorme satisfação, mas continuou, por toda a vida, a buscar o amor. Seu dilema é tão intenso nos anos 90 quanto o foi para ela nos 30, e ela lutou vigorosamente para que as mulheres tivessem o direito de escolher, de tomar suas próprias decisões diante das exigências impostas por uma sociedade dominada pelos homens.

Os Descendentes

Vimos que a teoria psicanalítica freudiana não permaneceu por muito tempo como a única abordagem da compreensão da personalidade humana. As alterações introduzidas pelos neofreudianos leais, por Carl Jung e pelos teóricos sociopsicológicos representam algumas alternativas desenvolvidas no curso da vida de Freud. A área da teoria e da pesquisa da personalidade se desenvolveu imensamente nos anos seguintes e redundou em muitas perspectivas conflitantes. Os manuais contemporâneos sobre a personalidade costumam discutir quinze ou mais teorias plenamente formuladas. Embora difiram tanto em termos específicos como no tocante a generalidades, essas abordagens têm uma herança comum: todas devem sua origem e sua forma, em alguma medida, aos esforços fundadores de Sigmund Freud.

Freud serviu, do lado psicanalítico da história da psicologia, ao mesmo propósito a que Wilhelm Wundt serviu do lado experimental: como fonte de inspiração e como força a que se opor. Toda estrutura, concreta e teórica, depende da solidez dos seus fundamentos, e Freud, assim como Wundt, forneceu um vigoroso e desafiador alicerce a partir do qual construir.

Como exemplos da evolução da teoria da personalidade desde a época de Freud, discutiremos as obras de três descendentes: Gordon Allport, Henry Murray e Erik Erikson.

Gordon Allport (1897-1967)

No curso de uma longa e produtiva carreira em Harvard, Gordon Allport, mais do que qualquer outra pessoa, tornou o estudo da personalidade uma parte academicamente respeitável da psicologia. A área da personalidade não era considerada formalmente parte da psicologia até ele publicar *Personality: a Psychological Interpretation* (A Personalidade:

Uma Interpretação Psicológica) em 1937. Allport, que nunca foi psicanalisado nem manteve prática privada, empreendeu o estudo da personalidade a partir do ambiente clínico e o levou para a universidade.

376

Quando criança, Allport sentia-se isolado e rejeitado por outras crianças, mas sua vida familiar era feliz e marcada pela afeição e pela confiança. Ao contrário de Freud e dos primeiros pós-freudianos, ele não parece ter tido nenhuma experiência infantil digna de nota que tenha afetado diretamente sua concepção adulta da personalidade. Talvez por isso tenha preferido abordar o campo de um ponto de vista intelectual e acadêmico, e não de uma perspectiva mais pessoal através da psicanálise.

Entre sua graduação e pós-graduação em Harvard, Allport viajou por algum tempo. Em Viena conheceu Sigmund Freud, um evento que teve algum impacto em sua abordagem da personalidade. Introduzido no gabinete do grande homem, o jovem Allport não conseguiu pensar em nada para dizer. Freud ficou imóvel, olhando para ele, esperando que Allport comesse a conversa. Finalmente, o rapaz começou a relatar um incidente que ocorrera no bonde naquela manhã envolvendo um garoto com um medo óbvio e extremo de sujeira. Quando Allport terminou a história, Freud o olhou em silêncio por um momento e então perguntou: ‘Esse garoto por acaso era você?’

Freud estava exprimindo sua crença de que Allport revelava seus próprios conflitos interiores com essa história (Allport, 1968, pp. 383-384). Um psicólogo sugeriu que a pergunta de Freud a Allport foi arguta e bem precisa. “Allport era de fato uma pessoa limpa, meticuloosa, organizada e pontual — possuía muitas características associadas por Freud com a personalidade compulsiva” (Pervin, 1984, p. 267).

Allport ficou abalado com a pergunta de Freud. Começou a suspeitar que a psicanálise se concentrava em demasia no inconsciente, negligenciando os motivos conscientes, e se lançou à formulação de uma concepção da personalidade distinta da de Freud. Ele minimizou o papel do inconsciente em adultos normais, alegando que eles funcionam em termos mais racionais e conscientes. Só os neuróticos, disse ele, são influenciados significativamente pelo inconsciente. Allport também discordava de Freud quanto ao impacto das experiências infantis sobre os conflitos da idade adulta, insistindo que somos muito mais influenciados pelas experiências presentes e pelas nossas esperanças com relação ao futuro do que pelo passado.

outra diferença importante é a convicção de Allport de que a única maneira de investigar a personalidade é estudar adultos normais, e não neuróticos. Ao contrário de Freud, ele não acreditava na existência de uma continuidade entre pessoas normais e neuróticas. Ele afirmava que não havia semelhanças entre indivíduos normais e neuróticos, não havendo portanto bases para comparação. Acentuando a peculiaridade de cada personalidade individual, Allport não acreditava que houvesse leis universais passíveis de aplicação a todos.

Para Allport, o cerne de qualquer teoria da personalidade é o tratamento da motivação. Para explicar a motivação no adulto normal, ele propôs o conceito de autonomia funcional, a idéia de que um motivo não tem relação funcional com nenhuma experiência infantil. Os motivos humanos independem das circunstâncias originais em que apareceram. Pode-se fazer uma analogia com uma árvore, que já não tem relação funcional com a semente da

qual veio. A árvore se torna autodeterminante, assim como o ser humano adulto. Por exemplo, quando começamos a nossa carreira, trabalhamos duro, talvez motivados para alcançar as metas do dinheiro e da segurança no emprego. Anos mais tarde, tendo alcançado o sucesso e tendo segurança financeira, podemos continuar a trabalhar duro, mas por outras razões, porque as nossas metas originais já foram alcançadas. A motivação adulta, ao ver de Allport, não pode ser remetida à infância, devendo ser compreendida apenas em termos do nosso comportamento e das nossas intenções presentes.

O termo de Allport para o eu é o *proprium*, que é usado no sentido de ser apropriado. O eu é aquilo que pertence a cada um de nós ou é apropriado para cada um de nós. Ele inclui tudo o que nos é peculiar, que nos distingue de todos os outros, constituindo um aspecto impor-

377

tante e consciente da personalidade. O *proprium* se desenvolve através de sete estágios entre a infância e a adolescência. Esses estágios desenvolvimentais não têm caráter psicosssexual nem envolvem conflitos freudianos centrados nas zonas erógenas do corpo. Em vez disso, os relacionamentos sociais, em particular com a mãe, são cruciais no desenvolvimento do *proprium*.

O estudo de Allport sobre os traços de personalidade, o primeiro empreendido nos Estados Unidos, começou com sua dissertação de doutorado. Ele distinguiu entre traços, que podem ser comuns a qualquer número de pessoas, e disposições pessoais, que são as características ímpares de cada pessoa. É possível inferir os dois a partir da observação do comportamento ao longo de um período de tempo, procurando-se as consistências e regularidades. Allport postulou três tipos de traços: (1) traços cardiais, que são paixões que dominam todos os aspectos da vida; (2) traços centrais, que são temas comportamentais, como a agressividade ou a sentimentalidade; e (3) traços secundários, que são comportamentos exibidos menos freqüente e consistentemente do que os outros traços.

Sua teoria influenciou mais a psicologia do que o trabalho dos primeiros psicanalistas.

Não inspirou, no entanto, muitas pesquisas, dada a dificuldade de traduzir seus conceitos em

378

Gordon Allport destacou a peculiaridade da personalidade individual e tornou a teoria da personalidade parte importante da psicologia acadêmica.

proposições específicas passíveis de ser testadas em condições de laboratório. A mais notável pesquisa realizada pelo próprio Allport se ocupava do comportamento expressivo, as expressões faciais, inflexões vocais, gestos e maneirismos que tendem a revelar, a um observador treinado, várias facetas da personalidade.

Afirmam os críticos que o fato de Allport focalizar exclusivamente o indivíduo torna impossível generalizar de uma pessoa para a outra e formular leis do comportamento humano. Contudo, seu trabalho em termos da definição e da avaliação de traços é considerado uma contribuição significativa ao estudo da personalidade. Seus livros são claros e seus conceitos, de fácil compreensão. Ele desenvolveu um teste psicológico, o Estudo de Valores, para medir os valores do indivíduo. Esse teste provou ser um recurso

bem-sucedido de avaliação para pesquisas, aconselhamento e seleção de pessoal, sendo tido como um útil desenvolvimento de sua teoria. Allport recebeu o Gold Medal Award da Fundação Psicológica Americana e o Distinguished Scientific Contribution Award da Associação Psicológica Americana; foi também presidente da APA.

Henry Murray (1893-1988)

Enquanto a teoria da personalidade de Allport constituía uma completa rejeição da psicanálise freudiana, o sistema de Murray, que ele denominou personologia, teve como base a teoria de Freud. Tal como Allport, Murray preferiu estudar a personalidade num ambiente universitário, e não numa clínica. Embora tivesse se submetido à psicanálise (e dito que o seu analista ficou entediado), ele não clinicou, preferindo investigar a personalidade humana por meio do estudo intensivo de sujeitos normais.

A infância de Murray teve como destaque a rejeição por parte da mãe, uma grande sensibilidade diante dos sofrimentos alheios e a compensação adleriana de defeitos físicos (gagueira e inépcia nos esportes). Depois de graduar-se na escola de medicina da Universidade Colúmbia, Murray fez residência em cirurgia, realizou pesquisas bioquímicas e doutorou-se nessa área na Universidade Cambridge inglesa — certamente uma das rotas mais cheias de rodeios para uma carreira em psicologia.

Ele fizera apenas um curso de psicologia na faculdade e, pelo que contou, na segunda aula começou a procurar a saída mais próxima. O curso seguinte a que esteve presente foi o que ele mesmo deu anos depois. Ao que parece, Murray chegou à psicologia em consequência de uma crise pessoal. Ele se apaixonou por uma mulher mais jovem, mas não queria deixar a esposa. A instâncias de sua amante, foi a Zurique consultar Carl Jung.

Na época, Jung estava tendo um caso com uma mulher mais jovem, que mantinha abertamente enquanto vivia com a esposa e a família. Ele aconselhou Murray a fazer o mesmo,

e este seguiu o conselho durante muitos anos. Assim, Jung não somente resolveu o dilema pessoal de Murray como o impeliu a fazer uma carreira em psicologia. Jung lhe mostrou que

a psicologia, em especial o estudo do inconsciente, poderia fornecer as respostas aos problemas

da vida. “Os grandes portões do mundo das maravilhas se abriram com a força de uma enchente”, escreveu Murray sobre a época do seu contato com Jung. “Eu tinha experimentado

o inconsciente” (Murray, 1940, p. 153).

Em 1927, Murray passou a fazer parte da Clínica Psicológica de Harvard, que foi formada especificamente para estudar a personalidade. Permaneceu em Harvard o resto da sua carreira, exceto nos anos da Segunda Guerra, quando estabeleceu um programa de avaliação para o Escritório de Serviços Estratégicos (um precursor da CIA). Esse programa, em que os candidatos eram observados em situações concretas de tensão, redundou na abordagem do centro de avaliação para seleção de executivos hoje usada amplamente na iniciativa privada e no governo 379

no. Ele oferece um notável exemplo da aplicação prática de uma técnica de avaliação original- mente empregada para fins de pesquisa pura.

Não surpreende, dado seu treinamento em medicina e bioquímica, que Murray preferisse enfatizar o funcionamento fisiológico em sua relação com a personalidade. Ele acentuou o conceito de redução de tensão, que considerava uma lei primária do comportamento humano, tal como Freud fizera. Também seguindo Freud, Murray chamou a atenção para a importância do inconsciente e do impacto das experiências infantis sobre o comportamento adulto. Seu sistema incorporava o id, o ego e o superego, se bem que com alguma modificação da posição freudiana ortodoxa.

Murray dividia a personalidade nessas três estruturas básicas — id, ego e superego (Murray, 1938). O id contém nossas tendências impulsivas, inatas, e fornece a energia para o funcionamento da personalidade, uma concepção virtualmente idêntica à de Freud. Contudo, além de pulsões primitivas e luxuriosas, o id no sistema de Murray também contém tendências socialmente desejáveis como a empatia, a identificação e formas de amor. Embora partes do id devam ser suprimidas para que ocorra o desenvolvimento normal, outras partes devem poder expressar-se plenamente. Podemos ver aqui a influência do conceito junguiano do arquétipo da sombra, que também contém qualidades desejáveis e indesejáveis.

No sistema de Murray, assim como na obra dos psicólogos do ego, o ego assume um papel mais ativo na determinação do comportamento do que o faz na psicanálise freudiana. Murray acreditava que o ego não se limita a ser servo do id; ele também é um organizador consciente do comportamento. Ele age para suprimir impulsos indesejáveis do id e facilita a expressão dos impulsos desejáveis deste último.

Murray aceitava a idéia de Freud de que o superego representa a internalização de valores culturais e de que os indivíduos julgam seu próprio comportamento com base nesses valores. Mas discordava de Freud acerca das forças que moldam o superego e do período em que ele se forma. Para Murray, o superego não é influenciado apenas pelos ensinamentos dos pais, mas pelos nossos colegas e pela literatura e mitologia da sociedade. Além disso, em vez de fixar-se aos cinco anos de idade, o superego continua a se desenvolver ao longo da vida.

A motivação ocupa o lugar central na teoria da personalidade de Murray. Sua classificação das necessidades para explicar a motivação é a sua contribuição mais significativa à psicologia. As necessidades envolvem uma força química no cérebro que organiza o funcionamento intelectual e perceptivo. Elas despertam níveis de tensão no interior do organismo que só podem ser reduzidos pela satisfação das necessidades. Assim, as necessidades ativam o comportamento, dirigindo-o de todas as maneiras necessárias para trazer a satisfação e a redução da tensão. A pesquisa de Murray identificou vinte necessidades, entre elas a realização, a afiliação, a agressão, a autonomia e o domínio.

Tal como Freud, Murray acreditava que a personalidade se desenvolve por meio de uma série de estágios na infância. Cada estágio se caracteriza por alguma condição que produz prazer, e cada um deles deixa sua marca na personalidade na forma de um complexo, que é um padrão normal de comportamento que afeta inconscientemente o desenvolvimento ulterior da pessoa. As condições prazerosas da infância e seus complexos se assemelham a alguns dos estágios psicosssexuais do desenvolvimento proposto por Freud: (1) a existência

segura no interior do útero (o complexo de claustro); (2) o júbilo sensual da nutrição através do ato de sugar enquanto se é sustentado (o complexo oral); (3) o prazer resultante da defecação (o complexo anal); (4) o prazer que acompanha o ato de urinar (o complexo uretral); e (5) os prazeres genitais (o complexo da castração).

A classificação de necessidades propostas por Murray foi a base do seu Thematic

Apperception Test (Teste de Apercepção Temática — TAT), que ele desenvolveu com Christiana

380

Morgan. Essa técnica projetiva tem amplo uso em pesquisas para avaliar aspectos da personalidade, sendo também empregada no diagnóstico clínico e na seleção de pessoal. O conceito de técnica projetiva deriva do mecanismo de defesa freudiano da projeção, em que a pessoa projeta impulsos perturbadores em outrem. No TAT, a pessoa projeta esses impulsos nas figuras de uma série de quadros ambíguos. Outro teste popular, o Edwards Personal Preference Schedule (Escala de Preferências Pessoais de Edward), é usado para medir quinze das necessidades propostas por Murray. O Jackson Personality Research Form (Formulário Jackson de Pesquisa da Personalidade) avalia traços formulados a partir da relação de necessidades de Murray.

A teoria de Murray tem gerado consideráveis pesquisas sobre necessidades específicas e sobre as técnicas que ele desenvolveu para avaliar a personalidade. Boa parte dessa pesquisa corrobora suas idéias, em especial no tocante às necessidades de afiliação e de realização. Mas há pouco apoio científico para outros aspectos de sua teoria. Em reconhecimento às suas contribuições para o estudo da personalidade, Murray recebeu o (JoId Medal A ward, da Fundação Psicológica Americana, e o Distinguished Scientific Contribution Award, da Associação Psicológica Americana.

Erik Erikson (1902-

Erik Erikson foi treinado em psicanálise ortodoxa por Anna Freud. Ele desenvolveu uma abordagem popular da personalidade que conserva muita coisa do sistema freudiano, ao mesmo tempo em que o estende de várias maneiras. Erikson ampliou a questão dos estágios do desenvolvimento, afirmou que a personalidade continua a se desenvolver ao longo da vida e reconheceu o impacto de forças sociais, históricas e culturais sobre a personalidade.

Erikson é bem conhecido pelo seu conceito de crise de identidade, uma idéia que pode ter surgido das crises pessoais por que passou em seus primeiros anos. “Meus melhores amigos insistem”, escreveu ele, “que eu precisava dar um nome a essa crise e vê-la em todas as outras pessoas a fim de chegar de fato a um acordo com ela em mim mesmo” (Erikson, 1975, pp. 25-26).

A primeira crise de Erikson envolveu o seu nome. Por muitos anos, ele acreditou que seu sobrenome era Homburger, sobrenome do padrasto de quem Erikson acreditava ser filho natural. Ele mudou seu sobrenome para Erikson aos trinta e nove anos, quando se tornou cidadão dos Estados Unidos. A segunda crise de identidade ocorreu em seus anos escolares na Alemanha. Ele se considerava alemão, mas seus colegas o rejeitavam porque ele era judeu. Ao

mesmo tempo, seus colegas judeus o desprezavam por causa de sua loura aparência ariana.

A terceira crise ocorreu depois que ele terminou o colégio. Ele se afastou da sociedade e, durante vários anos, vagou pela Europa em busca de sua identidade. Aos vinte e cinco anos, aceitou um emprego de professor numa pequena escola de Viena que fora fundada para os filhos dos pacientes e amigos de Sigmund Freud. Ele se casou e fez seu treinamento em psicanálise, tendo dito que então encontrou tanto uma identidade pessoal como profissional. Embora sua educação formal tivesse parado no colégio (ele se inscreveu num programa de doutorado na Universidade Harvard, mas, tendo sido reprovado no primeiro curso, não conti nuou), Erikson terminou por dar aulas em Harvard e se tornou um dos mais influentes psicanalistas dos tempos modernos.

Sua teoria segue uma abordagem desenvolvimental ou de duração de vida, já que se concentra no crescimento da personalidade no decorrer de toda a vida cio indivíduo. O tema central do desenvolvimento da personalidade é a busca de uma identidade de ego. Erikson dividiu a duração da vida em oito estágios psossociais de desenvolvimento, cada um dos quais envolve um conflito ou crise que tem de ser resolvido. Esses conflitos surgem em cada

)

381

estágio desenvolvimental à medida que o ambiente faz novas exigências. A pessoa vê-se diante de uma escolha entre dois modos de lidar com a crise, um modo adaptativo e um modo inadaptativo. Somente quando a crise de cada estágio é resolvida, tendo a personalidade, portanto, se modificado, a pessoa tem força suficiente para enfrentar o próximo estágio de desenvolvimento.

Os primeiros estágios propostos por Erikson se assemelham aos estágios oral, anal e fálico e ao período de latência de Freud, embora Erikson enfatize antes os fatores sociais do que os biológicos e sexuais. Os quatro últimos estágios do desenvolvimento são próprios do sistema de Erikson e levam o indivíduo da adolescência à velhice, um período bastante ignorado por Freud.

Cada um desses estágios de crescimento, embora carregado de tensão o bastante para ser considerado uma crise, pode ter um desfecho positivo se for resolvido de maneira adaptativa. Além disso, a pessoa que fracassar em algum deles e ficar com uma forma desajustada de reagir pode corrigir isso por meio da adaptação bem-sucedida num estágio ulterior. Há, pois, esperança para o futuro em todos os estágios do crescimento da personalidade.

Erikson acreditava que podemos influenciar e dirigir conscientemente nosso desenvolvimento em cada estágio. Isso contrasta com a concepção freudiana de que somos produto das experiências infantis e incapazes de mudar mais tarde. Embora reconhecesse que as influências infantis são importantes e podem até ser traumáticas, Erikson afirmava que os eventos de estágios ulteriores podem se contrapor às experiências infantis negativas e superá-las, contri buindo para a nossa meta última: o estabelecimento de uma identidade de ego positiva.

A questão da nossa identidade básica de ego deve ser resolvida no período da adolescência (mais ou menos entre os doze e os dezoito anos). Trata-se de um período de consolidação em que a pessoa deve formar uma auto-imagem que faça sentido e proporcione

continuidade com o passado e uma orientação para o futuro. Erikson sugeriu que o processo de moldar e aceitar a própria identidade é difícil e cheio de ansiedade. O adolescente deve experimentar diferentes papéis e ideologias para determinar os mais adequados. As pessoas que alcançam um forte sentido de identidade estão equipadas para enfrentar os problemas da idade adulta. Diz-se que os que não conseguem fazê-lo passam por uma crise de identidade. Eles podem fugir da sequência de vida normal (educação, emprego, casamento), como o fez o próprio Erikson, e, talvez, até procurar uma identidade negativa em comportamentos socialmente inaceitáveis como o vício das drogas ou o crime.

Um aspecto controverso da obra de Erikson é o fato de ele concordar com Freud que as diferenças de personalidade entre os sexos têm base biológica e advêm da posse ou da falta de um pênis. Erikson baseou suas conclusões em pesquisas com crianças, notadamente um estudo em que meninos e meninas entre os dez e os doze anos construíam cenas a partir de figuras e blocos de madeira (Erikson, 1968). As construções das meninas eram estruturas baixas e estáticas para as quais os animais e as figuras masculinas tentavam forçar o caminho. As construções dos meninos eram orientadas para a ação e apresentavam estruturas altas e imponentes. Erikson interpretou essas construções de brinquedo como expressão simbólica dos órgãos genitais dos meninos e meninas. Ele concebeu, contudo, que as diferenças de personalidade poderiam ser o resultado do treinamento de papéis sexuais em que se ensina aos meninos a ser mais agressivos do que as meninas.

Consideráveis pesquisas têm sido feitas sobre o conceito eriksoniano de identidade de ego. Estudos revelam que adolescentes que desenvolveram uma identidade forte, positiva, enfrentaram de modo adaptativo as crises dos estágios anteriores de desenvolvimento. Adolescentes com uma identidade do ego fraca resolveram as crises de maneira não adaptativa (ver, por exemplo, Waterman, Buebel e Waterman, 1970). Essas e outras descobertas confirmam as previsões de Erikson. Algumas pesquisas, no entanto, sugerem que a crise de identidade pode ocorrer numa idade posterior à postulada por Erikson. Um estudo mostrou que a crise de

382

A busca de uma identidade de ego durante a adolescência, advinda de suas próprias experiências de vida,

é o tema central da teoria do desenvolvimento da personalidade, que considera que esse processo ocupa

a duração de vida da pessoa, formulada por Erik Erikson.

identidade começa no final da adolescência e que mais de 30% dos sujeitos ainda estavam buscando uma identidade aos vinte e quatro anos (Archer, 1982). Outras descobertas indicam que quem assume empregos de tempo integral depois do colégio adquire uma identidade de ego mais cedo do que os que vão para a universidade. Assim, o prosseguimento dos estudos pode retardar a resolução da crise de identidade (Adams e Fitch, 1982). Isso confirma a noção de Erikson de crise de identidade, mas indica que sua estimativa da resolução aos dezoito anos pode estar equivocada.

De modo geral, há consideráveis evidências para sustentar a noção de identidade do ego, mas não ocorre o mesmo com os estágios infantis do desenvolvimento ou com o estágio da idade adulta (McAdams, Ruetzel e Foley, 1986). Menos atenção tem sido dada à

maturidade, o estágio final de desenvolvimento segundo Erikson,, e os críticos alegaram que ele tinha pouco a dizer sobre isso. Ele respondeu a essas críticas em 1986, escrevendo, aos oitenta e quatro anos, *Vital Involvement in Old Age* (Envolvimento Vital na Velhice — Erikson Erikson e Kivnick, 1986). O livro mostra a própria vitalidade de Erikson em seus últimos anos, em que continuou a desenvolver e a aplicar sua teoria.

383

A obra de Erikson tem tido influência tanto na psicanálise como na educação, na assistência social e no aconselhamento vocacional e de casais. O desenvolvimento do campo da psicologia desenvolvimental que abrange toda a duração de vida, e o atual interesse nos problemas do desenvolvimento da meia-idade e da velhice, são decorrências diretas do seu trabalho. Seus livros continuam a ter popularidade entre os profissionais e o público em geral, e ele foi capa das revistas *Newsweek* e *The New York Times Magazine*, incomum reconhecimento para um psicólogo.

Comentário

Descrevemos a diversidade e as divisões que têm caracterizado os desenvolvimentos da tradição psicanalítica durante a vida de Freud e depois de sua morte. Algumas posições contemporâneas têm pouca semelhança com as concepções freudianas e só podem ser consideradas psicanalíticas por se mostrarem distantes da tradição psicológica comportamentalista /experimental. Embora devam sua origem a Freud, por terem surgido a partir da oposição aos seus pontos de vista, elas compartilham com a psicanálise ortodoxa apenas um interesse amplo pela compreensão da personalidade humana. Allport, que tanto divergiu das concepções freudianas, poderia ser chamado mais apropriadamente de psicólogo humanista. As obras de Murray e Erikson têm uma semelhança mais clara com a de Freud, mas dela divergem em aspectos gerais e específicos.

Há na tradição psicanalítica uma fragmentação consideravelmente maior do que no âmbito da posição comportamentalista. Apesar das mudanças introduzidas pelos neocomportamentalistas e pelos neo-neocomportamentalistas, todos partilham a crença de John B. Watson segundo a qual o comportamento, em alguma forma, deve permanecer como foco de estudo. Em contrapartida, nem todos os seguidores de Freud concordam que o foco do seu estudo deva ser as forças inconscientes ou biológicas, ou que o comportamento humano é motivado pelo sexo e pela agressão.

Hoje, há muito mais subescolas de psicanálise do que de comportamentalismo. Essa maior pluralidade de pontos de vista pode ser considerada quer um sinal de força e vitalidade, quer de fraqueza e fracasso, mas no momento esses desenvolvimentos são demasiado recentes para se julgar. Eles ainda constituem a história em formação.

Sugestões de Leitura

Dissidentes e Descendentes

Ellenberger, H. F., *The Discovery of the Unconscious: The History and Evolution of Dynamic Psychiatry*, Nova York, Basic Books, 1970. Acompanha o estudo do inconsciente da época primitiva à psicanálise freudiana e aos seus derivativos; ver especialmente os Capítulos 8, ‘Alfred Adler e a Psicologia Individual’ e 9, ‘Carl Gustav Jung e a Psicologia Analítica’

Roazen, P., Freud and His Followers, Nova York, Knopf, 1975. Um relato vivido e bem escrito da vida

de Freud e dos homens e mulheres que se tornaram seus discípulos, alguns dos quais mais tarde

romperam com ele para formar seus próprios movimentos.

Young-Bruehl, E., Atina Freud: A Biography, Nova York, Summit Books, 1988. Um relato da vida e da

obra da filha mais nova de Freud, que desenvolveu um sistema de análise infantil e foi colega e

confidente do pai.

Carl Jung

Freud/Jung Letters, Princeton, Nova Jersey, Princeton University Press, 1974. Apresenta cerca de 360

cartas datadas de 1906 a 1913 mostrando o desenvolvimento e a dissolução da amizade entre Freud e Jung.

384

Hannah, B., Jung: His Life and Work, Nova York, Putnam's, 1976; Stem, P.J., C.G. Jung: The Haunted Prophet, Nova York, Braziller, 1976. Duas biografias de Jung: a primeira são as memórias de uma analista junguiana que foi amiga de Jung por mais de trinta anos; a segunda tem um tratamento mais provocador, descrevendo a vida de Jung como uma guerra contra "demônios interiores".

Jung, C. G., Memories, Dreams, Reflections, Nova York, Vintage, 1961. As lembranças da vida de Jung,

escritas aos oitenta e um anos.

Alfred Adler

Orgler, H., Alfred Adler: The Man and His Work: Triumph Over the Inferiority Complex, Nova York,

Liveright, 1963. Apresenta uma visão geral da vida e da obra de Adler; discute as aplicações práticas

do seu sistema de psicologia individual ao aconselhamento infantil e à educação.

Karen Horney

Horney, K., The Neurotic Personality of Our Time, Nova York, Norton, 1937. Descreve o desenvolvimento do conflito e da ansiedade na personalidade humana e relaciona as neuroses com experiências

passadas e com o clima social/cultural geral.

Quinn, S., A Mind of Her Own: The Life of Karen Horney, Nova York, Summit Books, 1987. Utiliza

diários inéditos para descrever a vida de Horney, seu trabalho sobre a psicologia feminina e seus

conflitos com o freudianismo ortodoxo.

Gordon Allport

Allport, a, *Becoming: Basic Considerations for a Psychology of Personality*, New Haven, Yale University Press, 1955. Esboça a abordagem da personalidade humana de Allport, enfatizando a capacidade

de crescimento e desenvolvimento.

Allport, G., “Autobiography”, in E. O. Boring e O. Lindzey (Orgs.), *A History of Psychology in Autobiography*, Vol. 5, Nova York, Appleton-Century-Crofts, 1967; Evans, R. 1., Gordon Allport:

The Man and His Ideas, Nova York, Dutton, 1971. Relatos da vida e da obra de Allport: o primeiro é um ensaio de Allport; o segundo é uma série de entrevistas.

Maddi, S. R. e Costa, P. T., *Humanism in Personality: Allport, Maslow, and Muriel*, Nova York, Aldine-Atherton, 1972. Uma clara apresentação das bases e da obra desses três psicólogos; explica as semelhanças e diferenças entre suas teorias, bem como a influência dos eventos dos seus primeiros anos de vida.

Henry Murray

Anderson, J. W., “Henry A. Murray’s early career: A psychobiographical exploration”, *Journal of Personality*, n 56 (1), pp. 139-171, 1988. Uma análise da vida de Murray que se concentra em sua terceira década de vida, examinando sua decisão de ser psicólogo, seu desenvolvimento com a psicanálise e o impacto de suas experiências pessoais e acadêmicas sobre a sua obra.

Murray, H. A., “Autobiography”, in E. O. Boring e O. Lindzey (Orgs.), *A History of Psychology* iii

Autobiography (Vol. 5), Nova York, Appleton-Century-Crofts, 1967. As reflexões de Murray sobre

sua vida e obra.

Erik Erikson

Erikson, E. H., *Identity: Youth and Crisis*, Nova York, Norton, 1968. A Obra clássica sobre a crise de

identidade e as maneiras de enfrentar o conflito nesse estágio do desenvolvimento.

Evans, R. 1., *Dialogue with Erik Erikson*, Nova York, Harper & Row, 1967. Conversas com Erikson

sobre sua vida e obra.

385

Além das Escolas de Pensamento:

Desenvolvimentos Mais Recentes

As Escolas de Pensamento em Perspectiva

As Mulheres na História da Psicologia

Leia Stetter Hollingworth (1886-1939) e a Psicologia das Mulheres

Os Afro-Americanos na História da Psicologia

A Psicologia Humanista: A Terceira Força

Abraham Maslow (1908-1970)

Carl Rogers (1902-1987)

A Influência da Psicologia Humanista

O Movimento Cognitivo na Psicologia

Influências Antecedentes sobre a Psicologia Cognitiva

A Fundação da Psicologia Cognitiva

George Miller (1920-)

Ulric Neisser (1928-)

O Papel do Computador na Psicologia Cognitiva

A Natureza da Psicologia Cognitiva Comentário

Uma Observação Final

As Escolas de Pensamento em Perspectiva

Ao longo deste livro, temos descrito a maneira pela qual as principais escolas de pensamento psicológicas surgiram, prosperaram por algum tempo e (com exceção da psicanálise) passaram a fazer parte da corrente principal da psicologia americana contemporânea — ou contribuíram para ela. Vimos que cada movimento se fortaleceu e se vitalizou mediante sua oposição à escola precedente. Quando já não havia necessidade de protesto, quando a nova escola tinha conquistado sua oposição, essa escola cessava de ser um movimento e se tornava a posição estabelecida — ao menos por algum tempo.

Cada escola de pensamento foi bem-sucedida à sua própria maneira. Cada uma delas deu substanciais contribuições à evolução da psicologia. Isso se aplica até ao estruturalismo, apesar de ele ter deixado poucas marcas diretas na cena psicológica moderna. Já há décadas não existem estruturalistas da variedade titcheneriana na psicologia. Mas o estruturalismo foi um sucesso enorme por ter ajudado o empreendimento iniciado por Wilhelm Wundt: o estabelecimento de uma ciência psicológica independente, finalmente livre da filosofia. O fato de o estruturalismo não ter conseguido permanecer como a posição dominante em psicologia por

mais do que um curto período não lhe retira sua realização revolucionária de primeira escola de pensamento de uma nova ciência e de fonte de oposição para as escolas que a ele se seguiram.

Consideremos o sucesso do funcionalismo, que também não durou como escola de pensamento distinta. Enquanto atitude ou ponto de vista, tudo o que ele pretendia ser, o funcionalismo permeia o pensamento psicológico americano contemporâneo. Na medida em que a psicologia americana é hoje tanto profissão como ciência e está aplicando ativamente suas descobertas a quase todos os aspectos da vida, a idéia funcional, utilitária, mudou a natureza da psicologia.

Que dizer da psicologia da Gestalt? Também ela, em escala mais modesta, realizou sua missão. Sua oposição ao elementarismo, seu apoio a uma abordagem molar e seu continuo interesse pela consciência influenciaram psicólogos das áreas de psicologia clínica, aprendizagem, percepção, psicologia social e pensamento. Ao contrário do estruturalismo e do funcionalismo, a psicologia da Gestalt conserva muitas das características de uma escola de pensamento distinta; há hoje psicólogos que definem sua pesquisa e identidade profissional como gestaltista. Embora essa escola não tenha transformado a psicologia da maneira que os seus fundadores esperavam, ela teve um impacto considerável e deve por isso ser considerada um sucesso.

Por mais notáveis que sejam as realizações do estruturalismo, do funcionalismo e da psicologia da Gestalt, cumpre colocá-las em segundo plano diante das influências fenomenais do comportamentalismo e da psicanálise. São pronunciados os efeitos desses movimentos, que mantiveram suas identidades como escolas de pensamento ímpares. Durante décadas, em especial nos Estados Unidos, os psicólogos vêm declarando pertencer à tradição comportamentalista ou psicanalítica. Embora as relações entre essas duas escolas tenham melhorado ao longo dos anos, elas permanecem, de modo geral, forças distintas no campo da psicologia.

Discutimos o modo pelo qual tanto o comportamentalismo como a psicanálise se partiram em várias posições desde os dias dos seus fundadores, John B. Watson e Sigmund Freud. Não há hoje uma forma de comportamentalismo ou de psicanálise aceita por todos os membros de qualquer dessas escolas (embora, por muitos anos, B. F. Skinner tenha tido proeminência no comportamentalismo). A emergência de subescolas dividiu ambos os sistemas em facções competidoras, cada qual com seu próprio mapa do caminho correto. Apesar da diversidade interna das escolas, os comportamentalistas e os psicanalistas permanecem firmemente uns contra os outros em muitas das suas definições e abordagens de problemas psicológicos. Os comportamentalistas skinnerianos, por exemplo, ainda têm mais em comum com os sociocomportamentalistas seguidores de Bandura ou Rotter do que com os seguidores da psicanálise junguiana ou eriksoniana.

A vitalidade dessas duas importantes escolas de pensamento se evidencia em sua contínua evolução. Vimos que a psicologia de Skinner não é o último estágio no desenvolvimento do comportamentalismo, do mesmo modo como a psicologia de Adler ou de Horney não é o estágio final da psicanálise.

Neste capítulo examinaremos vários desenvolvimentos que caracterizam a psicologia americana na última metade do século XX. Entre eles, há questões práticas que promovem o avanço da psicologia como profissão, por exemplo, o papel das mulheres e das minorias,

que trataremos nos termos de alguns dos fatores contextuais assinalados no Capítulo 1. Outros desenvolvimentos são teóricos e fazem progredir a evolução científica da psicologia. No tocante a isso, discutiremos dois movimentos — a psicologia humanista e a psicologia cognitiva — que ajudaram a dar nova forma ao campo ao retornarem ao estudo da consciência.

387

As Mulheres na História da Psicologia

Mais da metade dos que recebem doutorados em psicologia todos os anos são mulheres, mas a história da psicologia tem sido claramente dominada pelos homens. Esse desequilíbrio de gêneros não é, naturalmente, peculiar à psicologia. Se considerarmos a história de qualquer disciplina, seja nas outras ciências, nas humanidades, na música, nas artes ou na literatura, encontramos a mesma preponderância de nomes masculinos nas páginas dos seus relatos escritos. Neste texto, as obras de mulheres notáveis como Margaret Floy Washburn, Mary Whiton Calkins, Mary Cover Jones, Biuma Zeigarnik, Anua Freud e Karen Horney foram citadas, mas são uma minoria em comparação com o espaço necessariamente dedicado às contribuições dos homens.

Há razões históricas pelas quais as contribuições das mulheres na psicologia permaneceram não reconhecidas, razões que se relacionam com algumas das forças contextuais mencionadas no Capítulo 1 e discutidas ao longo do livro. Uma delas é que, durante muitos anos, as mulheres enfrentaram restrições, discriminações e desigualdades na pós-graduação, tanto nos Estados Unidos como na Europa. Recorde-se o exemplo de Washburn, que, por ser mulher, não pôde ser admitida em Colúmbia. Só em 1892 Yale, a Universidade de Chicago e algumas outras instituições aceitaram umas poucas mulheres em programas de pós-graduação. Assim, por quase duas décadas depois da fundação formal da psicologia como disciplina científica, as mulheres tinham dificuldades em se tornar psicólogas e ainda mais em dar contribuições ao campo.

A explicação dada para essas restrições acadêmicas, e que é outra forma de discriminação enfrentada pelas mulheres na época, era a crença social e cultural consagrada na superioridade intelectual dos homens. Mesmo que se dessem às mulheres oportunidades educacionais iguais às oferecidas aos homens, prosseguia o argumento, suas deficiências intelectuais inatas as impediriam de aproveitá-las. Cientistas proeminentes do século XIX, incluindo Darwin e a maioria dos psicólogos da época (entre eles Hall, Thorndike, Cattell e Freud), aceitavam essa concepção. Mesmo hoje, essa crença não desapareceu por inteiro.

Uma outra teoria sobre as mulheres sugeria que elas sofreriam danos físicos e emocionais se fossem expostas à educação superior. O. Stanley Hall, entre outros, afirmou que educar as mulheres poria em risco seu imperativo biológico da maternidade, perturbando o ciclo menstrual e enfraquecendo o impulso maternal, levando ao “suicídio da raça”. Se tivessem de ser educadas, instou Hall, “elas deveriam ser educadas para a maternidade” (Diehl, 1986, p. 872). Em 1873, um ex-professor da escola médica de Harvard publicou um livro catalogando “com detalhes grotescos os efeitos deletérios da educação superior sobre o bem-estar físico das mulheres”, incluindo “cérebros monstruosos e corpos débeis; cerebração anormalmente ativa e digestão anormalmente fraca; pensamento disperso e entranhas constipadas” (Scarborough e Furumoto, 1987, p. 4). O livro ficou tão popular que teve dezessete edições nos treze anos seguintes.

Outra razão por que as mulheres na história da psicologia têm sido insuficientemente reconhecidas é a natureza das tarefas a que quase todas têm ficado restritas. Em muitos campos, e não só na psicologia, tem sido difícil para as mulheres conseguir cargos nos corpos docentes de universidades, exceto em escolas de mulheres. Mesmo quando eram contratadas, as mulheres eram discriminadas em termos de promoção e de vantagens, tendiam a ser concentradas nos níveis docentes mais baixos e recebiam um salário menor do que os homens em posições semelhantes.

Por serem, na prática, afastadas de muitos cargos universitários, as mulheres foram obrigadas a procurar emprego nos campos aplicados, particularmente em profissões de ajuda como psicologia clínica e aconselhamento, orientação infantil e psicologia escolar. Mesmo tendo feito contribuições significativas nessas áreas — sendo pioneiras, por exemplo, no

388

desenvolvimento e no uso de testes psicológicos —, as mulheres estavam em desvantagem profissional por trabalharem em psicologia aplicada. Empregos em ambientes não acadêmicos não proporcionam o tempo, o apoio financeiro e a assistência de alunos de pós-graduação necessários para a realização de pesquisas e a redação de artigos e livros, os veículos primários da visibilidade profissional. Em ambientes aplicados, as contribuições dadas raramente se tomam conhecidas fora dos limites da instituição em que se trabalha.

A tremenda expansão da psicologia aplicada nos Estados Unidos no século XX ofereceu às mulheres oportunidades de emprego que, do contrário, elas não teriam tido. Mas também significou mantê-las fora da corrente principal da psicologia acadêmica, onde as teorias, programas de pesquisa e escolas de pensamento — os temas que definem a história da psicologia — estavam sendo desenvolvidos.

Muitos psicólogos acadêmicos viam de modo negativo o trabalho aplicado, consideram do-o uma espécie de trabalho doméstico menor. E, por algum tempo, algumas das áreas aplicadas da psicologia eram consideradas, depreciativamente, “trabalho de mulher”. Além disso, como a maioria das histórias da psicologia são escritas por professores universitários, o campo da psicologia aplicada é minimizado ou desprezado e, com ele, as contribuições das muitas mulheres que se dedicam a essas áreas.

As mulheres que conseguiam cargos universitários, realizavam pesquisas e publicavam suas descobertas e idéias tinham ainda outro obstáculo que as privava de reconhecimento como psicólogas. O método aceito de documentação para apresentação de nomes de autores em publicações profissionais (apenas o sobrenome e as iniciais) torna impossível a determinação pelos leitores do sexo do autor. Logo, a consciência das contribuições das mulheres como grupo termina por ser menor do que o seria se se usassem os nomes nas citações. Por outro lado, “é provável que nunca venhamos a saber a quantidade de trabalhos feitos por mulheres mas creditados a homens; quantas notas de pé de página de agradecimento não deveriam se tornar o reconhecimento de co-autorias, quantas vezes a co-autoria não é na verdade autoria ou quantas vezes era o co-autor masculino que deveria ter merecido a nota de pé de página” (Bernstein e Russo, 1974, p. 131).

Os historiadores de psicologia estão começando a tratar desses problemas, proporcionando maior reconhecimento às contribuições das mulheres. A literatura profissional sobre o seu papel na psicologia tem crescido com rapidez a partir dos anos 70 (ver Furumoto, 1989;

Lerner, 1979; O'Connell e Russo, 1983, 1988; e Scarborough e Furumoto, 1987). Essa consciência também levou a APA a estabelecer a Força Tarefa Sobre a Condição das Mulheres, em 1970, e o Comitê Sobre Mulheres no Campo da Psicologia, em 1973. O propósito do comitê é assegurar que “as mulheres consigam a igualdade como membros da comunidade psicológica, a fim de que todos os recursos humanos sejam utilizados” (Women in the American Psychological Association, 1986, p. 1).

Também em 1973 foi estabelecida na APA a Divisão da Psicologia das Mulheres (Divisão 35) para promover o estudo das mulheres e a avaliação do trabalho de mulheres psicólogas. Uma das prioridades é aumentar a participação na psicologia de mulheres de minorias étnicas e desenvolver uma abordagem multicultural dos aspectos psicológicos e sociais da vida das mulheres.

No começo do século XX, cerca de vinte mulheres tinham conseguido graus de doutoras em psicologia. Na edição de 1906 de *An American Men of Science*, de Cattell, 12% dos psicólogos eram mulheres, número alto se considerarmos as barreiras impostas à sua educação pós-graduada. Essas primeiras psicólogas foram ativamente encorajadas a se filiar à APA. Na segunda reunião da organização, em 1893, duas mulheres ingressaram na instituição; doze anos mais tarde, Mary Whiton Calkins tomou-se a primeira presidente da APA. A Associação

389

Médica Americana só permitiu o ingresso de médicas em 1915, e as advogadas estiveram banidas da associação profissional até 1918 (Furumoto, 1987). Por volta de 1917, as mulheres constituíam 13% dos membros da APA, proporção superior à de qualquer outra sociedade científica da época. O número de mulheres eleitas para a presidência da APA também aumentou recentemente. Apenas duas mulheres se tornaram presidente nos setenta e oito anos entre 1892 e 1970; mas, a partir de 1970, cinco já o foram.

Nos anos 70 e 80, as mulheres obtiveram mais ou menos a metade dos doutorados concedidos no campo. Tem havido um marcado crescimento no número de pesquisadoras e autoras de livros e artigos de revistas profissionais, mesmo em áreas tradicionalmente dominadas pelos homens, como a psicologia industrial/organizacional. Um crescente número de mulheres tem ocupado cargos importantes em organizações profissionais e recebido prestígio nos prêmios e medalhas.

Embora as mulheres já não sejam invisíveis na psicologia, a discriminação sexual continua no ensino universitário. A porcentagem de mulheres que compõem o corpo docente dos departamentos de psicologia é hoje, passados quarenta anos, praticamente a mesma de 1944: 26%. As mulheres continuam principalmente nos níveis universitários mais baixos e menos vantajosos e a receber menos do que os homens com experiência comparável.

Leta Stetter Hollingworth (1886-1939)

e a Psicologia das Mulheres

Além de progredirem no interior da psicologia como profissão e ciência, as psicólogas têm contribuído para o estudo da psicologia das mulheres. Uma pioneira nessa área é Leta Stetter Hollingworth, doutorada em Colúmbia no ano de 1916. Na época, ela já publicara obras significativas sobre a psicologia das mulheres. Ela fez amplas pesquisas empíricas sobre a hipótese da variabilidade, a idéia de que, em termos de capacidades físicas e

intelectuais, as mulheres constituem um grupo mais homogêneo do que os homens. Como se consideravam os homens um grupo que exibia maior variação, havendo portanto maior probabilidade de que alguns deles exibissem capacidades acima da média e superiores, eles obviamente se beneficiariam de oportunidades educacionais e profissionais diversificadas. As mulheres, consideradas mais semelhantes entre si e mais aglomeradas no nível médio de capacidade, tinham pouca necessidade de ser educadas para qualquer coisa além das tarefas domésticas.

Os dados de Hollingworth refutaram a hipótese da variabilidade e outras noções de inferioridade feminina. Ela descobriu que o ciclo menstrual não tinha relação com decréscimos de desempenho em termos de habilidades perceptivas e motoras ou de aptidões intelectuais. Seu trabalho contestou a idéia de que as mulheres só poderiam encontrar satisfação na maternidade e de que o seu desejo de se realizar em outros campos era um tanto anormal e não saudável. Ela sugeriu que eram antes as atitudes sociais do que os fatores biológicos que impediam as mulheres de se tornar membros plenamente contribuintes da sociedade (Benja— mm, 1975; Shields, 1975). Assim, o trabalho de Hollingworth, que apresentou essas idéias no período entre 1913 e os anos 30, deve por força ser reconhecido precursor do pensamento contemporâneo sobre a psicologia das mulheres.

Os Afro-Americanos na História da Psicologia

Assinalamos no Capítulo 1 que os afro-americanos também tinham sido amplamente excluídos da psicologia por muitos anos. Num ano tão recente quanto 1940, apenas quatro faculdades para negros dos Estados Unidos ofereciam cursos de graduação em

390

psicologia. Quando tinham permissão para freqüentar universidades predominantemente brancas, os negros enfrentavam várias formas de discriminação. Por exemplo, nos anos 30 e 40, os estudantes negros não podiam viver nos campi de muitas universidades.

Durante muitos anos, a universidade que se destacou no oferecimento de instrução em psicologia para alunos afro-americanos foi a Universidade Howard, de Washington, D.C. Entre 1919 e 1938, vinte alunos negros de pós-graduação a freqüentaram. Entre 1920 e 1950, só trinta e dois negros conseguiram o doutorado em psicologia. E, entre 1920 e 1966, os dez mais respeitados departamentos de psicologia dos Estados Unidos só concederam oito doutorados a negros, de um total de mais de 3.700 (Guthrie, 1976; Russo e Denmark, 1987). Já observamos que G. Stanley Hall, na Universidade Clark, foi um dos poucos psicólogos a encorajar a matrícula de negros em seus programas de pós-graduação.

Uns poucos afro-americanos foram para a Alemanha fazer estudos pós-graduados; Gilbert Haven Jones, por exemplo, doutorou-se na Universidade de Göttingen em 1901. Os negros americanos não encontravam nas escolas européias o mesmo tipo de preconceito existente em casa, mas poucos tinham recursos financeiros para estudar no exterior.

391

As pesquisas de Leta Stetter Hollingworth refutaram amplamente as noções de inferioridade feminina e sugeriram que as mulheres sofriam uma maior restrição de fatores sociais do que de fatores biológicos.

Doutorar-se era apenas o primeiro obstáculo no caminho de uma carreira de psicólogo. Encontrar um emprego costumava apresentar a mesma dificuldade. Virtualmente nenhuma universidade branca empregaria um professor negro, e a maioria das organizações que contra tavam psicólogos aplicados — unia importante fonte de empregos para as psicólogas — estava fechada aos negros. Isso deixava as faculdades negras como a principal fonte de emprego, mas as condições nelas raramente forneciam oportunidades de pesquisas acadêmicas que levassem à visibilidade e ao reconhecimento profissionais. Em 1936, um professor escreveu acerca da luta do professor universitário negro:

A falta de dinheiro, o excesso de trabalho e outros fatores desagradáveis tomam praticamente impossível que ele faça algo notável no campo da pesquisa acadêmica pura. Ele não pode comprar livros em larga escala e não tem acesso a eles nas bibliotecas das escolas, porque, nas escolas de negros, na verdade não há bibliotecas adequadas. É provável que a maior deficiência de todas seja a carência de atmosfera acadêmica ao seu redor. Não há incentivo e, naturalmente, não há dinheiro para pesquisas na maioria das escolas (Guthrie, 1976, p. 123).

A situação dos psicólogos afro-americanos melhorou recentemente tanto em termos de graus de pós-graduação como de oportunidades de emprego. Em 1970, Kenneth B. Clark tomou-se o primeiro psicólogo negro a ser eleito presidente da APA. Clark bacharelou-se e fez o mestrado em psicologia na Universidade Howard, tendo feito o doutorado em Cohimbia, graduando-se em 1940. Sua carreira acadêmica e de pesquisa é notável. Ele trabalhou primeiro no Hampton Institute e, mais tarde, com o City College de Nova York. Suas pesquisas sobre os efeitos da segregação racial foram citadas pela Suprema Corte dos Estados Unidos em seu famoso pronunciamento de 1954 sobre os direitos civis, que banuiu a segregação racial nas escolas públicas. Clark publicou muitos livros e artigos importantes e recebeu honras profissionais por suas contribuições à psicologia e à sociedade.

A Psicologia Humanista: A Terceira Força

No início dos anos 60, há mais de três décadas, desenvolveu-se na psicologia americana um movimento conhecido como psicologia humanista ou a terceira força. Ele não pretendia ser a revisão nem a adaptação de nenhuma escola de pensamento corrente, ao contrário do que ocorria com algumas posições neofreudianas e neocomportamentais. Em vez disso, como o termo terceira força o indica, a psicologia humanista queria substituir o comportamentalismo e a psicanálise, as duas principais forças da psicologia.

Os temas básicos da psicologia humanista, como os de todos os movimentos, tinham sido reconhecidos e defendidos anteriormente. Os pontos essenciais eram (1) uma ênfase na experiência consciente, (2) uma crença na integralidade da natureza e da conduta do ser humano, (3) a concentração no livre-arbítrio, na espontaneidade e no poder de criação do indivíduo, e (4) o estudo de tudo o que tenha relevância para a condição humana. Antecipações dessas idéias podem ser encontradas nas obras dos primeiros psicólogos.

Consideremos o caso de Franz Brentano (Capítulo 4), oponente de Wundt e precursor dos gestaltistas. Brentano criticou o uso da abordagem mecanicista e reducionista da ciência natural para a psicologia e favoreceu o estudo da consciência como qualidade molar ativa, e não como conteúdo molecular passivo. Oswald Külpe demonstrou que nem toda experiência consciente podia ser reduzida à forma elementar ou ser explicada em termos de

respostas a estímulos. William James se opusera à abordagem mecanicista e conclamara à concentração na consciência e no indivíduo inteiro.

392

Os gestaltistas acreditavam que a psicologia deveria abordar a consciência a partir da perspectiva da totalidade. Diante da primazia do comportamentalismo, eles continuaram a insistir que a experiência consciente era uma área de estudo legítima e proveitosa para a psicologia. Alguns psicólogos afirmaram que a semelhança entre a psicologia da Gestalt e a psicologia humanista é tão forte que não há razão para dar ao movimento mais novo nenhum outro nome. Eles acreditam que o rótulo Gestalt é adequado para descrever os temas compreendidos pela psicologia humanista (Wertheimer, 1978).

Há vários antecedentes da posição humanista na psicanálise. Adler, Horney, Erikson e Allport se opuseram à idéia freudiana de que a personalidade é determinada por forças

393

O trabalho de Kenneth B. Clark sobre os efeitos da segregação racial foi citado pela Suprema Corte dos Estados Unidos numa decisão de 1954 que pôs fim à segregação racial nas escolas públicas.

biológicas e eventos passados. Também, discordaram da noção de Freud de que as pessoas são governadas por forças inconscientes. Esses dissidentes da psicanálise ortodoxa acreditavam que as pessoas são primordialmente seres conscientes que possuem espontaneidade e livre- arbítrio e são pelo menos tão influenciadas pelo presente e pelo futuro quanto pelo passado. Eles creditavam à personalidade humana o poder criativo de moldar a si mesma.

Com todos os movimentos da psicologia moderna, o Zeitgeist faz sentir sua influência ao transformar antecedentes e tendências num ponto de vista efetivo. A psicologia humanista parecia refletir a insatisfação e o desgosto veiculado pelos jovens dos anos 60 contra os aspectos mecanicistas e materialistas da cultura ocidental contemporânea. Dissemos que todo novo movimento usa seu oponente mais antigo, a posição estabelecida, como base a partir da qual impele a si mesmo para ganhar impulso. Em termos práticos, o novo movimento precisa afirmar articuladamente e em voz alta as fraquezas da visão dominante vigente. A psicologia humanista tinha dois desses alvos: o comportamentalismo e a psicanálise.

Os psicólogos humanistas acreditavam que o comportamentalismo era uma abordagem estreita, artificial e relativamente estéril da natureza humana. A ênfase no comportamento manifesto era, diziam eles, desumanizante, reduzindo-nos a animais ou máquinas. Eles rejeitam a concepção de seres humanos funcionando de modo determinista em resposta a experiências infantis ou a eventos-estímulo do ambiente. Além disso, o comportamentalismo não chegara a um acordo com características propriamente humanas, com as qualidades e capacidades conscientes subjetivas que distinguem as pessoas dos animais de laboratório. Uma psicologia baseada em respostas condicionadas discretas faz da pessoa um organismo mecanizado que apenas responde aos estímulos apresentados. Para os psicólogos humanistas, os seres humanos são muito mais do que ratos brancos, robôs ou computadores, não podendo ser objetificados, quantificados e reduzidos a

unidades de estímulo-resposta. Em outras palavras, os indivíduos não são organismos vazios.

Os psicólogos humanistas também se opunham às tendências deterministas encontradas na abordagem freudiana da psicologia, bem como à sua minimização do papel da consciência. Os freudianos eram criticados por só estudarem pessoas perturbadas — neuróticos e psicóticos. Se os psicólogos tivessem como foco exclusivo a doença mental, como poderiam aprender alguma coisa sobre a saúde mental, sobre qualidades e características humanas positivas? Desconsiderando atributos como o júbilo, a satisfação, o contentamento, o êxtase, a gentileza e a generosidade, e concentrando-se no lado mais sombrio da personalidade humana, a psicologia ignorava todas essas forças e virtudes distintamente humanas. Assim, foi em resposta à forma limitadora de psicologia promovida pelo comportamentalismo e pela psicanálise que os psicólogos humanistas apresentaram sua alternativa como a terceira força em psicologia.

Todos os aspectos da experiência peculiarmente humana são levados em consideração pela psicologia humanista: o amor, o ódio, o medo, a esperança, a felicidade, o bom humor, a afeição, a responsabilidade e o sentido da vida. Esses aspectos da existência humana não são tratados por muitos manuais modernos de psicologia por não serem suscetíveis de definição operacional, quantificação ou manipulação de laboratório. Os críticos da psicologia humanista asseveram que o seu escopo parece vago, mas isso é da natureza do movimento. É mais fácil descrever aquilo a que se opõem os psicólogos humanistas do que aquilo que defendem ou como esperam alcançar suas metas. O termo psicologia humanista veio a ter muitos sentidos, e é “improvável que uma definição explícita dele que venha a ser formulada satisfaça mesmo uma pequena parcela das pessoas que denominam a si mesmas ‘psicólogos humanistas’

(Wertheimer, 1978, p. 743).

Como a psicologia humanista, ao contrário da primeira psicanálise, se concentrava mais em pessoas psicologicamente saudáveis do que em pessoas emocionalmente perturbadas, sua

394

abordagem terapêutica era diferente. Chamadas terapias do crescimento, parte do movimento do potencial humano, terapias humanistas proliferaram nos anos 60 e 70, quando milhões de pessoas passaram a frequentar grupos de encontro e programas de treinamento da sensibilidade em escolas, empresas, igrejas, presídios e clínicas privadas. A popularidade desses programas vem desde então declinando dramaticamente.

Derivadas em parte do trabalho de Kurt Lewin (Capítulo 12), terapias do crescimento eram usadas com pessoas de saúde mental normal ou média a fim de elevar seus níveis de consciência, ajudá-las a se relacionar melhor consigo mesmas e com os outros e libertar potenciais ocultos de criatividade e autodesenvolvimento. Em outras palavras, os programas pretendiam incrementar a saúde psicológica e a auto-realização.

Infelizmente, o movimento do potencial humano atraiu mais charlatões, praticantes bem intencionados mas não treinados e gurus e messias autocriados, que faziam mais mal do que bem, do que merecia. Estudos sobre os efeitos ulteriores da participação em grupos de encontro revelaram um aumento de taxas de baixas psicológicas de menos de 1% para

quase 50% (Hartley, Robach e Abramowitz, 1976). Muitas pessoas acreditam que a psicologia humanista se resumia aos grupos de encontro, mas o movimento é muito mais amplo. Trata-se de um sério estudo da natureza e da conduta humana, e é talvez melhor representado pelas obras de Abraham Maslow e Carl Rogers.

Abraham Maslow (1908-1970)

Abraham Maslow é considerado o pai espiritual da psicologia humanista, e é provável que tenha feito mais do que ninguém para difundir o movimento e conferir-lhe um certo grau de respeitabilidade acadêmica. Maslow desejava compreender as mais elevadas realizações que os seres humanos são capazes de alcançar, razão por que estudou uma pequena amostra das pessoas mais saudáveis psicologicamente que pôde encontrar a fim de determinar de que maneira diferiam das pessoas cuja saúde mental não passava da média. A partir desse estudo, ele desenvolveu uma teoria da personalidade que se concentra na motivação para crescer, para se desenvolver e realizar o eu a fim de concretizar de modo pleno nossas capacidades e potencialidades humanas.

Nascido no Brooklyn, Nova York, Maslow teve uma infância infeliz. Seu pai era um alcoólatra e perverso distante que desaparecia por longos períodos de tempo. Sua mãe era intensamente supersticiosa, e punia o jovem Maslow pelo mínimo comportamento incorreto, rejeitando-o abertamente em favor dos seus dois filhos mais novos. Certa feita, ela matou dois gatos que ele levava para casa batendo-lhes a cabeça contra a parede na frente dele. Ele nunca perdoou sua atitude e seu comportamento para com ele e, quando ela morreu, recusou-se a ir ao funeral. Essas experiências tiveram sobre Maslow um efeito que durou toda a vida. “Todo o impulso da minha filosofia de vida”, escreveu ele, “e todas as minhas pesquisas e teorias... têm suas raízes no ódio e na revolta contra tudo o que ela representava” (Hoffman, 1988, p. 9).

Maslow tinha um sentimento de inferioridade desde a infância, por causa do seu físico esquelético e do seu nariz grande, e caracterizou sua adolescência como um gigantesco complexo de inferioridade, que ele tentou compensar desenvolvendo habilidades atléticas. Assim, o homem que mais tarde se interessou pela obra de Alfred Adler era ele mesmo um exemplo da teoria adleriana dos sentimentos de inferioridade e da compensação. Como não conseguisse alcançar aceitação e estima no campo atlético, Maslow se voltou para os livros e para o estudo. Nessa arena, sua atuação sempre foi excelente.

Ele se inscreveu na Universidade Cornell, onde seu primeiro curso de psicologia foi, segundo ele, “terrível e exangue, nada tendo que ver com as pessoas; por isso, dei de ombros

395

e o abandonei” (Hoffman, 1988, p. 26). Ironicamente, o professor de Maslow naquele curso era E. B. Titchener, que ainda (em 1927) ensinava apenas sua própria visão estreita de psicologia estrutural, ignorando as outras escolas de pensamento. Maslow transferiu-se para a Universidade de Wisconsin e doutorou-se em 1934.

No início, Maslow era um ardoso comportamentalista, convencido de que a abordagem mecanicista da ciência natural fornecia respostas para todos os problemas do mundo. Então, uma série de experiências pessoais, que foram do nascimento do seu primeiro filho à eclosão da Segunda Guerra, passando pela exposição a outras abordagens da natureza

humana (tais como a filosofia, a psicologia da Gestalt e a psicanálise freudiana), o persuadiram de que o comportamentalismo era demasiado limitado para ter relevância para questões humanas duras e douradas. Maslow também sofreu a influência de alguns psicólogos europeus que tinham fugido da Alemanha nazista e se instalado nos Estados Unidos — Alfred Adler, Karen Horney, Kurt Koffka e Max Wertheimer. Seus sentimentos de assombro diante de Wertheimer e da antropóloga americana Ruth Benedict o levaram ao seu primeiro estudo das pessoas auto-realizadoras psicologicamente saudáveis. Wertheimer e Benedict foram os modelos de Maslow para a melhor expressão da natureza humana.

Trabalhando principalmente na Universidade Brandeis, em Waltham, Massachusetts, entre 1951 e 1969, Maslow desenvolveu e aprimorou sua teoria numa série de livros provocadores. Ele apoiou o movimento dos grupos de sensibilidade e veio a ser um dos mais bem conhecidos psicólogos dos anos 60. Em 1967, foi eleito presidente da APA.

Segundo a perspectiva de Maslow, cada pessoa traz em si uma tendência inata para tornar-se auto-realizadora (Maslow, 1970). Esse nível mais alto da existência humana envolve o desenvolvimento e o uso supremo de todas as nossas qualidades e capacidades, a realização de todo o nosso potencial. Para tornar-se auto-realizadora, a pessoa precisa satisfazer as

Abraham Maslow, opai espiritual da psicologia humanista, acentuava a capacidade de auto-realização de cada pessoa.

396

necessidades que estão na escala mais baixa da hierarquia de necessidades proposta por Maslow. Essas necessidades são inatas, e cada uma delas tem de ser satisfeita antes que a próxima necessidade da hierarquia surja para nos motivar. As necessidades, na ordem em que têm de ser atendidas, são: (1) as necessidades fisiológicas de comida, água, ar, sono e sexo; (2) as necessidades de garantia: segurança, estabilidade, ordem, proteção e libertação do medo e da ansiedade; (3) as necessidades de pertinência e de amor; (4) as necessidades de estima dos outros e de si mesmo; e (5) a necessidade de auto-realização.

O maior volume das pesquisas de Maslow concentrou-se nas características de pessoas que atenderam à necessidade de auto-realização e são por isso consideradas psicologicamente saudáveis. Maslow disse que elas não chegam a 1% da população. Essas pessoas são livres de neuroses e psicoses e quase sempre têm da meia-idade em diante. Elas têm em comum as seguintes características: uma percepção objetiva da realidade; a plena aceitação de sua própria natureza; compromisso e dedicação a algum tipo de trabalho; simplicidade e naturalidade em seu comportamento; necessidade de autonomia, privacidade e independência; experiências místicas ou culminantes (momentos de êxtase, maravilhamento, assombro e deleite intensos); empatia com toda a humanidade e afeição por ela; resistência ao conformismo; estrutura de caráter democrática; atitude de criatividade; e um alto grau de interesse social (um conceito tomado de Alfred Adler).

Nessa descrição, Maslow apresentou uma imagem otimista e lisonjeira da natureza humana, uma concepção de saúde psicológica e de realização que pode ser considerada um bem-vindo antídoto para os aspectos doentios, preconceituosos e hostis que podemos encontrar em nossa vida cotidiana. Muitas pessoas consideram tranquilizador acreditar que ao menos alguns de nós são capazes de alcançar um estado próximo da perfeição.

O método de pesquisa e os dados de Maslow têm sido criticados a partir da alegação de que sua amostra de cerca de vinte pessoas é demasiado pequena para permitir generalizações. Além disso, seus sujeitos foram escolhidos segundo seus próprios critérios subjetivos de saúde psicológica, e os seus termos são definidos de maneira ambígua e inconsistente. Maslow admitiu que seus estudos não preenchiam os requisitos da pesquisa científica, mas retorquiu que não há outra maneira de estudar a auto-realização. Ele disse que seu programa de pesquisa consistia em estudos pilotos, e permaneceu convencido de que as suas conclusões um dia seriam confirmadas.

A teoria da auto-realização tem apenas um limitado apoio laboratorial empírico; a maioria das pesquisas não conseguiu sustentá-la. Ela foi aplicada nos negócios e na indústria, onde muitos executivos acreditam que a necessidade de auto-realização é uma útil força motivadora e uma fonte potencial de satisfação no trabalho. Apesar de sua popularidade entre os líderes de negócios, a teoria tem um baixo grau de validade científica e uma aplicabilidade apenas limitada ao mundo do trabalho. Ela tem sido aplicada em outras áreas, incluindo a psicoterapia, a educação e a medicina.

Carl Rogers (1902-1987)

Carl Rogers é conhecido por uma abordagem popular de psicoterapia denominada terapia centrada na pessoa ou terapia centrada no cliente. Com base em dados derivados de sua terapia, Rogers desenvolveu uma teoria da personalidade que se concentra numa única motivação avassaladora, semelhante ao conceito de auto-realização de Maslow. Rogers propôs que cada pessoa possui uma tendência inata para atualizar as capacidades e potenciais do eu. Ao contrário de Maslow, no entanto, as visões de Rogers não foram formuladas a partir do estudo de pessoas saudáveis, mas advieram do tratamento de indivíduos emocionalmente perturbados através da terapia centrada na pessoa.

397

O nome de sua terapia sugere algo da sua concepção da personalidade humana. Atribuiu a responsabilidade da mudança à pessoa ou cliente, e não ao terapeuta, como é o caso na psicanálise ortodoxa. Rogers supôs que as pessoas podem alterar conscientemente e racionalmente seus pensamentos e comportamentos indesejáveis, tornando-os desejáveis. Ele não acreditava que as pessoas sejam controladas por forças inconscientes ou por experiências da infância. A personalidade é moldada pelo presente e pela maneira como o percebemos conscientemente.

A idéia de Rogers de que a personalidade pode ser compreendida apenas em termos das nossas experiências subjetivas pode refletir um incidente de sua própria vida. Quando tinha vinte e dois anos e assistia na China a uma conferência de estudantes cristãos, começou a questionar as crenças religiosas fundamentalistas dos pais e a desenvolver uma filosofia de vida mais liberal (ver Rogers, 1967). Convenceu-se de que as pessoas devem confiar em seu próprio exame e na interpretação das suas próprias experiências. Ele também acreditava que as pessoas podem melhorar conscientemente a si mesmas. Esses conceitos se tornaram pilares de sua teoria da personalidade. No curso de uma carreira ativa, Rogers desenvolveu sua teoria e sua abordagem psicoterapêutica, exprimindo idéias em inúmeros artigos e livros populares.

Rogers sugeriu que a principal força motivadora da personalidade é a atualização do eu (Rogers, 1961). Embora esse impulso para a auto-atualização seja inato, ele pode ser

ajudado ou prejudicado por experiências infantis e pela aprendizagem. Rogers enfatizou a importância da relação mãe-filho porque ela afeta o crescente sentido do eu da criança. Se a mãe satisfazer sua necessidade de amor, que Rogers denominava estima positiva, a criança tenderá a se tornar uma personalidade saudável. Se a mãe condicionar seu amor pelo filho ao comportamento adequado (o que é denominado estima positiva condicional), a criança vai internalizar a atitude da mãe e desenvolver condições de valor. Nessa situação, a criança só tem um sentido de valor próprio em certas condições, e evita os comportamentos que produzam desaprovação por parte da mãe. Como resultado, o eu da criança não consegue se desenvolver de modo pleno, já que está impedido de exprimir todos os seus aspectos.

O requisito primordial para o desenvolvimento da saúde psicológica é a estima positiva incondicional na infância. Durante esse período, a mãe deve demonstrar seu amor e aceitação da criança, pouco importando o comportamento desta última. A criança que recebe essa estima positiva incondicional não desenvolve condições de valor e não terá de reprimir nenhuma parcela do eu emergente. Só assim pode a auto-atualização ser alcançada.

A auto-atualização é o nível mais alto de saúde psicológica, e é alcançada por meio de um processo que Rogers denominou funcionamento pleno. Esse nível de desenvolvimento supremo na teoria de Rogers se assemelha em princípio com o estudo de auto-realização proposto por Maslow. As duas teorias diferem um tanto no tocante às características da pessoa psicologicamente saudável ou que alcançou seu pleno funcionamento. Para Rogers, as pessoas que alcançaram seu pleno funcionamento se caracterizam por uma abertura a toda experiência, uma tendência a viver plenamente cada momento, a capacidade de serem guiadas pelos próprios instintos, e não pela razão ou pelas opiniões dos outros, um sentido de liberdade de pensamento e de ação e um alto grau de criatividade.

A abordagem de psicoterapia centrada na pessoa desenvolvida por Rogers tem tido um grande impacto sobre a psicologia e sobre o público em geral, sendo ao menos tão popular quanto a psicanálise freudiana. Sua teoria da personalidade tem sido bem recebida, particularmente sua ênfase na importância do eu. Têm sido feitas críticas à falta de especificidade no tocante ao potencial inato de auto-realização, bem como à ênfase nas experiências conscientes subjetivas com a exclusão de possíveis influências inconscientes. Tanto a teoria como a terapia geraram consideráveis pesquisas corroboratórias, sendo amplamente usadas em ambientes clínicos. Rogers influenciou o movimento do potencial humano, e sua obra é vista como uma

398

importante contribuição da tendência de humanização da psicologia. Foi eleito presidente da APA em 1946 e recebeu dela os prêmios Distinguished Scientific Contribution Award e Distinguished Professional Contribution Award.

A Influência da Psicologia Humanista

A psicologia humanista exibiu no início do seu desenvolvimento as mesmas características que vimos em todos os outros novos movimentos da história da psicologia. Seus membros foram enfáticos em apontar as fraquezas das posições mais antigas, o comportamentalismo e a psicanálise, ambas bases sólidas a partir das quais tomar impulso. Muitos psicólogos humanistas eram zelosos e cheios de retidão, preparados para combater os demônios da situação estabelecida.

A abordagem de psicoterapia centrada na pessoa desenvolvida por Carl Rogers atribui a responsabilidade da mudança ao cliente, e não ao terapeuta.

O movimento foi formalizado com a fundação da publicação *Journal of Humanistic Psychology* em 1961, da Associação Americana de Psicologia Humanista em 1962, e da Divisão de Psicologia Humanista da APA em 1971. Assim, os traços distintivos de uma escola coesa de pensamento ficaram evidentes. Os psicólogos humanistas deram sua própria definição de psicologia, distinta das outras duas forças do campo, e descreveram seu próprio objeto de estudo, seus próprios métodos e sua própria terminologia. E, sobretudo, possuíam aquilo que todas as outras escolas de pensamento se gabavam de ter em seus primeiros dias: uma apaixonada convicção de que o seu era o melhor caminho a ser seguido pela psicologia.

Apesar desses símbolos e características de escola de pensamento, a psicologia humanista não se tomou de fato uma escola. Foi esse o julgamento dos próprios psicólogos humanistas numa reunião de 1985, quase três décadas depois do início do movimento. “A psicologia humanista foi uma grande experiência”, disse um deles, “mas é basicamente uma experiência fracassada, já que não há uma escola de pensamento humanista em psicologia, nem uma teoria que possa ser reconhecida como uma filosofia da ciência” (Cunningham, 1985, p. 18).

Carl Rogers concordou. “A psicologia humanista não tem tido um impacto significativo sobre a corrente principal da psicologia”, afirmou. “Somos percebidos como tendo relativamente pouca importância” (Cunningham, 1985, p. 16). Rogers disse aos que apoiavam a sua posição que, se quisessem uma prova de sua afirmação, bastava que examinassem qualquer manual introdutório de psicologia. Ali, encontrariam os mesmos tópicos que caracterizavam a psicologia vinte e cinco anos antes, com pouca menção à pessoa inteira. Uma análise dos manuais correntes na época revelou que Rogers tinha razão: menos de 1% do conteúdo dos livros se ocupava da psicologia humanista. Os poucos dados existentes falavam apenas da hierarquia de necessidades de Maslow e da terapia centrada na pessoa de Rogers (Churchill, 1988).

Por que a psicologia humanista não se tomou parte da corrente principal do pensamento psicológico? Uma das razões é que a maioria dos psicólogos humanistas trabalha em clínicas particulares, e não em universidades. Ao contrário dos psicólogos acadêmicos, os humanistas não fizeram o mesmo número de pesquisas nem publicaram artigos ou treinaram novas gerações de alunos de pós-graduação para dar continuidade à sua tradição.

Outra razão se relaciona com o momento do seu protesto. No seu auge, os anos 60 e início dos 70, os psicólogos humanistas atacavam posições que já não tinham tanta influência na psicologia. Tanto a psicanálise freudiana como o comportamentalismo skinneriano já tinham sido amortecidos e enfraquecidos pela divisão em seus quadros, e ambos já estavam começando a mudar na direção indicada pelos psicólogos humanistas. Tal como os gestaltistas ao chegarem aos Estados Unidos, os psicólogos humanistas estavam se opondo, nos anos 60, a movimentos que já não dominavam em sua forma original.

Embora a psicologia humanista não tenha transformado o campo como um todo, ele reforçou a idéia, contida na psicanálise, de que podemos conscientemente e livremente preferir moldar a nossa própria vida. Ela pode ter ajudado a fortalecer o crescente reconhecimento

da consciência na psicologia acadêmica, pois foi contemporânea do movimento cognitivo. Ela promoveu métodos terapêuticos que acentuam a auto-realização, a responsabilidade pessoal e a liberdade de escolha, bem como a consideração da pessoa no contexto da família, do trabalho e dos ambientes sociais. A psicologia humanista ajudou a expandir e ratificar mudanças já em curso, e, desse ponto de vista, pode-se considerar o movimento bem-sucedido.

O Movimento Cognitivo na Psicologia

“A psicologia”, escreveu John B. Watson em seu manifesto comportamentalista de 1913, “deve descartar toda referência à consciência”. Os psicólogos que seguiram os ditames

400

de Watson eliminaram todas as referências à mente e aos processos conscientes e baniram os termos mentalistas. Foram banidos a vontade, o sentimento, a imagem, a mente e a consciência, que nunca eram mencionados exceto em tom sarcástico. Assim, B. F. Skinner pôde falar sobre um organismo vazio e construir um sistema influente de psicologia que nunca tentou investigar o que poderia estar acontecendo no interior. Durante décadas, os manuais introdutórios de psicologia não discutiam nenhuma concepção da mente humana. Tinha-se a impressão de que a psicologia ‘perdera a consciência’ para sempre.

De súbito, ou assim pareceu, embora a coisa viesse sendo construída há algum tempo, a psicologia começou a recuperar a consciência. As palavras antes proibidas estavam sendo ditas em voz alta em reuniões e conferências e aparecendo impressas em publicações profissionais. Em 1979, a *American Psychologist* publicou um artigo intitulado “O Comportamentalismo e a Mente: Uma Conclamação (Limitada) a Um Retorno à Introspecção” (Lieberman, 1979), invocando não apenas a mente mas também a técnica suspeita da introspecção. Alguns meses antes, a mesma revista publicara corajosa e abertamente um artigo com o simples título “A Consciência”. “Depois de décadas de deliberada negligência”, escrevia seu autor, “a consciência retoma ao escrutínio científico, com discussões do tópico surgindo em lugares absolutamente respeitáveis da literatura da psicologia” (Natsoulas, 1978, p. 906). O presidente da APA disse em seu discurso anual ao público reunido que a concepção de psicologia estava mudando e que essa alteração envolvia uma volta à consciência. Como resultado, a imagem psicológica da natureza humana se tornava “antes humana do que mecânica” (McKeachie, 1976, p. 831).

Quando um membro da APA e uma prestigiosa revista discutem a consciência com tanto otimismo, é justo suspeitar de que um novo movimento, outra revolução, está a caminho. Seguiram-se revisões nos manuais introdutórios definindo a psicologia como a ciência do “comportamento e dos processos mentais”, em vez de apenas do comportamento, e como a ciência que “estuda sistematicamente e tenta explicar o comportamento observável e sua relação com os processos mentais não manifestos que ocorrem no interior do organismo” (Hilgard, Atkinson e Atkinson, 1975, p. 12; Kagan e Havemann, 1972, p. 9). Essas definições nos mostram o ponto até o qual a psicologia contemporânea ultrapassou os desejos e projetos de Watson e Skinner.

Influências Antecedentes sobre a Psicologia Cognitiva

Como todos os movimentos em psicologia, a revolução cognitiva não eclodiu da noite para o dia. Muitas de suas características básicas tinham sido antecipadas pelo trabalho de outros. Com efeito, sugeriu-se que “a psicologia cognitiva é tanto a mais nova como a mais velha tendência na história do assunto” (Hearnshaw, 1987, p. 272). Isso significa que o interesse pela consciência existia nos primeiros dias da psicologia, antes mesmo de ela se tomar uma ciência formal. Os escritos de Platão e Aristóteles se ocupavam das faculdades e processos cognitivos, o mesmo ocorrendo com as teorias dos empiristas e associacionistas britânicos.

Mesmo quando se tornou uma disciplina científica distinta, a psicologia continuou a ter a consciência como foco. Considerou-se Wilhelm Wundt precursor da psicologia cognitiva devido à sua ênfase no aspecto construtivo ou criativo da mente. O estruturalismo e o funcionalismo também lidavam com a consciência, concentrando-se, num caso em seus elementos e, no outro, em suas funções. O comportamentalismo produziu uma mudança fundamental, expulsando a consciência do campo por quase cinquenta anos.

O retomo à consciência, os primórdios da psicologia cognitiva, pode remontar aos anos 50, embora sinais do ressurgimento da mente já fossem perceptíveis desde a década de 30. Um

401

dos primeiros proponentes foi E. R. Guthrie (Capítulo 11), que na maior parte de sua carreira foi um ardoroso comportamentalista. Perto do fim da vida, contudo, ele veio a deplorar o modelo mecanicista e afirmou que nem sempre é possível reduzir os estímulos a termos físicos. Ele sugeriu que temos de descrever os estímulos de que a psicologia se ocupa em termos perceptivos ou cognitivos, para que tenham sentido para o organismo que responde. Os psicólogos não podem tratar do sentido apenas em termos comportamentalistas, por ser ele um processo mentalista ou consciente.

O comportamentalismo intencional de E. C. Tolman (que é uma abordagem molar) foi outro precursor do movimento cognitivo. Sua abordagem reconhecia a importância de variáveis cognitivas, tendo contribuído para o declínio da abordagem estímulo-resposta. Tolman propôs a noção de mapas cognitivos, atribuiu propósito aos animais e destacou as variáveis intervinientes como uma maneira de definir operacionalmente estados interiores não suscetíveis de observação.

Rudolf Carnap, um filósofo positivista, conclamou a um retomo à introspecção. Em 1956, Carnap observou que “a consciência que a pessoa tem do seu próprio estado de imaginação, de sentimento, etc., tem de ser reconhecida como uma espécie de observação, em princípio não distinta da observação externa, e, portanto como uma fonte legítima de conhecimento” (Koch, 1964, p. 22). Mesmo P. W. Bridgman, o físico que deu à psicologia a noção de definições operacionais, tão compatível com o comportamentalismo, mais tarde renunciou a este último. Bridgman insistiu que se invocassem relatos introspectivos de sujeitos individuais para dar sentido a análises operacionais.

Alguns psicólogos vêem a psicologia da Gestalt como uma influência sobre o movimento cognitivo. A “ênfase na organização, na estrutura, nas relações, no papel do sujeito e na importante função desempenhada pela percepção na aprendizagem e na memória reflete a influência dos seus antecedentes gestaltistas” (Hearst, 1979, p. 32). A psicologia da Gestalt ajudou a manter vivo ao menos um interesse periférico pela consciência no decorrer dos anos de domínio do comportamentalismo.

Outro antecedente do movimento cognitivo é o psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), que produziu importantes obras acerca do desenvolvimento infantil, não em termos de estágios psicosexuais ou psicossociais (propostos por Freud e Erikson), mas em termos de estágios cognitivos. As formulações piagetianas iniciais, publicadas nas décadas de 20 e 30, tiveram ampla influência na Europa, se bem que menos nos Estados Unidos, onde não eram compatíveis com a posição comportamentalista dominante. Entretanto, a ênfase de Piaget nos fatores cognitivos foi bem recebida pelos primeiros proponentes do movimento cognitivo. À medida que as idéias dos psicólogos cognitivos avançaram nos Estados Unidos, a relevância do trabalho de Piaget tomou-se mais evidente; em 1969, Piaget tomou-se o primeiro psicólogo europeu a receber o Distinguished Scientific Contribution Award da APA. Por se concentrar no desenvolvimento infantil, sua obra ajudou a ampliar a gama de comportamentos a que a psicologia em ascensão poderia ser aplicada.

Quando deparamos com uma mudança importante na evolução de uma ciência, sabemos que ela reflete mudanças já em andamento no *Zeitgeist* em que funciona. Como vimos, uma ciência, assim como uma espécie viva, se adapta a novas exigências e condições do seu ambiente. Qual foi o clima intelectual que levou ao movimento cognitivo, que determinou um arrefecimento do comportamentalismo mediante a readmissão da consciência? Podemos examinar o *Zeitgeist* na física, com frequência um modelo para a psicologia, que tem influenciado o campo desde os seus primórdios como ciência.

No início do século XX, desenvolvia-se uma nova perspectiva na física como resultado da obra de Albert Einstein, Niels Bohr, Werner Heisenberg e outros. Sua abordagem rejeitava

402

o modelo mecanicista galileu-newtoniano do universo, o modelo de que a psicologia extraiu sua concepção mecanicista, reducionista, regular e previsível da natureza humana exposta por psicólogos de Wundt a Skinner. A nova perspectiva na física descartava o mundo clássico da objetividade total e a completa separação entre o mundo exterior e o observador. Esse novo modelo teve importantes implicações para a psicologia.

403

O psicólogo suíço Jean Piaget propôs uma teoria do desenvolvimento infantil que tinha como foco processos cognitivos.

Os físicos chegaram à constatação de que não podemos observar o curso da natureza sem perturbá-la. A separação artificial entre o observador e o observado, entre o mundo interior e

o mundo exterior, entre o universo da experiência consciente e o universo da matéria, foi assim

derrubada. O foco da investigação científica passou de um universo apreensível independente

e objetivamente para a nossa observação desse universo. Os cientistas modernos, não mais apartados do foco de sua observação, seriam observadores-participantes.

O ideal de uma realidade inteiramente objetiva foi considerado inalcançável. Hoje, a física é caracterizada pela crença de que aquilo que denominamos conhecimento objetivo é, na verdade, subjetivo, ou seja, depende do observador. Essa posição de que todo o conhecimento é pessoal soa tão suspeita quanto a proposta que George Berkeley fez há duzentos anos — a de que todo o conhecimento é subjetivo porque depende da natureza da pessoa que o percebe (Capítulo 2). Um autor descreveu a situação nos seguintes termos: nosso quadro do mundo, “longe de ser uma reprodução fotográfica genuína de uma realidade independente ‘lá fora’, [antes semelhante à pintura: uma criação subjetiva da mente que pode transmitir uma semelhança mas nunca produzir uma réplica” (Matson, 1964, p. 137).

A rejeição, pelos físicos, de um objeto de estudo objetivo, semelhante a uma máquina, e seu reconhecimento da subjetividade, restauraram o papel da experiência consciente na aquisição do nosso conhecimento do mundo. Essa revolução na física foi um argumento efetivo para a aceitação da consciência como parte legítima do objeto de estudo da psicologia. Embora resistisse à nova física por meio século, apegando-se a um modelo ultrapassado ao definir-se como ciência objetiva do comportamento, a psicologia científica terminou por responder ao *Zeitgeist* e modificou a sua forma para readmitir o papel da consciência.

A Fundação da Psicologia Cognitiva

Um exame retrospectivo do movimento cognitivo dá a impressão de uma transição lógica e rápida, algo da ordem de uma revolução, que abalou os alicerces do mundo psicológico em uns poucos anos. Na época, na verdade, nada disso era evidente. Essa dramática mudança na psicologia foi se fazendo lenta e calmamente, sem tambores nem fanfarras. De fato, “ninguém anunciou a sua existência até bem depois do fato” (Baars, 1986, p. 141). A progressão da história com frequência só fica clara depois que o evento acontece. Observamos que a fundação da psicologia cognitiva não ocorreu da noite para o dia nem pode ser atribuída à força e capacidade persuasiva de um único fundador que, tal como John B. Watson, tenha mudado o campo quase que com as próprias mãos. Assim como a psicologia funcional, o movimento da psicologia cognitiva não pode reivindicar para si um fundador solitário, talvez, em parte (mais uma vez, tal como o funcionalismo), porque nenhum dos que trabalhavam na área tivesse a ambição pessoal de liderar um novo movimento. Seu único interesse era avançar com o trabalho de redefinir a psicologia.

Não obstante, podem-se identificar duas pessoas que, embora não tenham sido fundadoras no sentido formal do termo, de fato contribuíram com trabalhos seminais na forma de um importante centro de pesquisas e um livro excelente, considerados marcos no desenvolvimento da nova psicologia cognitiva. Elas são George Miller e Ulric Neisser, e suas histórias ilustram alguns dos fatores pessoais envolvidos na plasmação de novos movimentos.

George Milier (1920-)

George Miller iniciou a carreira formando-se em inglês e no estudo da fala na Universidade do Alabama; fez o mestrado nesta última área, tendo-o terminado em 1941. Enquanto estudava no Alabama, revelou interesse pela psicologia. Deram-lhe um cargo de instrutor em

que ele dava dezesseis aulas de introdução à psicologia sem nunca ter feito um curso no campo. Ele disse que, depois de ensinar o mesmo material dezesseis vezes por semana, passou a acreditar no que dizia.

Miller foi para a Universidade Harvard trabalhar em problemas de comunicação vocal no laboratório de paicoacústica e, em 1946, doutorou-se. Dedicou-se ao estudo da psicolingüística, tendo publicado em 1951 *Language and Communication* (Linguagem e Comunicação). Miller aceitou a posição comportamentalista dominante, observando que não tinha escolha, pois os comportamentalistas ocupavam todas as posições de liderança nas principais universidades e organizações profissionais. “O poder”, escreveu ele, “as honras, a autoridade, os manuais, o dinheiro, tudo em psicologia pertencia à escola comportamentalista... quem quisesse ser psicólogo científico de fato não podia se opor a ela. Você simplesmente não conseguiria um emprego” (Baars, 1986, p. 203).

Na metade dos anos 50, depois de mergulhar na teoria estatística da aprendizagem, na teoria da informação e nas primeiras tentativas de simular a mente humana com computadores, Miller chegou à conclusão de que o comportamentalismo, como ele disse, não “ia funcionar”. As semelhanças entre as operações dos computadores e da mente humana o impressionaram, e o seu interesse começou a se transferir para uma psicologia de orientação mais cognitiva. Ao mesmo tempo, uma alergia a pêlos e ao produto da descamação dos animais significou a impossibilidade de Miller fazer pesquisas com ratos de laboratório. Ele só podia trabalhar com sujeitos humanos, uma desvantagem num mundo dominado por comportamentalistas.

Além disso, a passagem de Miller para uma psicologia cognitiva teve a ajuda do seu espírito rebelde, que, segundo ele, tipificava muitos de sua geração de psicólogos. Ele e um grande número de outros estavam prontos a se revoltar contra o tipo de psicologia ensinada e praticada na época e a oferecer uma nova abordagem que se concentrasse antes em fatores cognitivos do que comportamentais.

Associando-se com um colega, Jerome Bruner (1915-), que estudara com William McDougall, Miller decidiu fundar um centro de pesquisas para a investigação da mente humana. Eles pediram espaço ao presidente de Harvard e, em 1960, receberam a casa em que William James um dia vivera, um lugar apropriado, já que James tinha se ocupado tão intensamente da natureza da vida mental.

A escolha de um nome para o novo empreendimento não era uma questão trivial. Estando em Harvard, o empreendimento teria o potencial de exercer um enorme impacto sobre a psicologia, na verdade, de definir uma nova psicologia. Miller e Bruner preferiram a palavra *cognição* para denotar seu objeto de estudo e deram às novas instalações o nome de Centro de Estudos Cognitivos. Miller disse:

Ao usar a palavra ‘cognição’, estávamos nos expulsando do comportamentalismo. Queríamos alguma coisa que fosse mental — mas “psicologia mental” parecia terrivelmente redundante. “Psicologia do senso comum” teria sugerido alguma espécie de investigação antropológica, e “psicologia popular” [folclórica] teria sugerido a psicologia social de Wundt. Que palavra usar para rotular esse conjunto de perspectivas? Escolhemos *cognição* (Baars, 1986, p. 210).

Dois dos primeiros alunos do centro se recordam de que ninguém ali poderia dizer o que a palavra cognição realmente significava ou o que se esperava que eles fizessem em favor dela.

O centro, disseram eles, “não foi instalado para ser a favor de nenhuma coisa particular, mas

para ser contra coisas, O que era importante era o que ele não era” (Norman e Levelt, 1988, p. 101).

O movimento não era o comportamentalismo. Não era a autoridade dirigente, a posição estabelecida, a psicologia do presente. Ao definir o Centro, seus fundadores estavam demonstrando

405

quão profundamente diferiam do comportamentalismo. E, como vimos ao tratar de todos os novos movimentos, proclamar de que modo sua posição ou atitude se distingue da escola de pensamento vigente é um estágio preliminar necessário à definição ulterior daquilo que se faz e da maneira como se deseja modificar o campo.

Apesar da natureza e do ardor revolucionários, Milier não acreditava que a psicologia

406

George Milier montou um centro de pesquisas na Universidade Harvard para investigar tópicos cognitivos como a linguagem, a percepção e a formação de conceitos.

cognitiva fosse uma verdadeira revolução. Ele a considerava uma “adição”, isto é, um incremento ou mudança por crescimento ou acúmulo. Ele via o movimento mais como evoluiu do que como revolucionário, e acreditava que era um retorno a uma psicologia do senso comum que reconhece e afirma que a psicologia deve se ocupar da vida mental tanto quanto do comportamento.

Uma ampla gama de tópicos, a maioria dos quais era tabu no léxico dos comportamentalistas, foi investigada no Centro, incluindo a linguagem, a memória, a percepção, a formação de conceitos, o pensamento e a psicologia do desenvolvimento. Milier mais tarde estabeleceu o programa de ciências cognitivas e instalou o laboratório de ciências cognitivas na Universidade Princeton, onde continua a trabalhar.

Como reconhecimento pelos seus esforços, Miller foi eleito presidente da APA em 1969 e recebeu seus Distinguished Scientific Contribution Award e Gold Medal Award for Life Achievement in the Application of Psychology. Talvez o maior reconhecimento do seu trabalho esteja no número de laboratórios e institutos de psicologia cognitiva que surgiram depois do seu, e no rápido desenvolvimento da abordagem de psicologia que ele tanto fez para definir.

Ulric Neisser (1928-)

Nascido em Kiel, Alemanha, Ulric Neisser foi levado para os Estados Unidos pelos pais aos três anos de idade. Começou seus estudos superiores em Harvard, concentrando-se em física. Impressionado com um jovem professor chamado George Milier, Neisser decidiu que a física não combinava com ele e passou para a psicologia. Fez um curso com Milier que tratava da psicologia das comunicações e veio a conhecer a teoria da informação e

outros aspectos dos primeiros momentos da abordagem cognitiva. Também sofreu a influência do livro de Kurt Koffka, *Princípios de Psicologia da OesLalt*.

Depois do b em fJ çvncluiu em 1950, Neisser fez o mestrado no

Swarthmore Coilege, estudando com Wolfgang Kihler. Voltando a Harvard, doutorou-se em 1956. Apesar do seu crescente interesse por fatores cognitivos, ele não viu como escapar das garras do comportamentalismo numa carreira acadêmica. “Era o que você tinha de aprender”, disse ele. “Tratava-se de um momento em que se supunha que nenhum fenômeno psicológico era real a não ser que você pudesse demonstrá-lo num rato. Por exemplo, para estabelecer se o pensamento existia, tentava-se demonstrar que os ratos pensavam. Uma tarefa bastante peculiar, pelo menos a meu ver” (Baars, 1986, p. 275).

Neisser considerava o comportamentalismo não somente peculiar como “louco”, e teve a felicidade de conseguir seu primeiro emprego acadêmico na Universidade Brandeis, onde o

departamento de psicologia era dirigido por Abraham Maslow. Na época, Maslow começava

a se afastar do seu próprio passado como comportamentalista e a desenvolver uma abordagem

humanista. Maslow não teve sucesso em transformar Neisser em psicólogo humanista, nem em

tornar a psicologia humanista a terceira força da psicologia — Neisser mais tarde afirmou que

a terceira força era a psicologia cognitiva —, mas deu a Neisser a oportunidade de desenvolver

seus interesses por assuntos cognitivos.

Em 1967, Neisser publicou *Cognitive Psychology* (Psicologia Cognitiva), um livro que “estabeleceu e batizou o campo” (Goleman, 1983, p. 54). Ele conta que o livro era pessoal, na verdade uma tentativa de definir a si mesmo, isto é, o tipo de psicólogo que era e que queria ser. O livro também ajudou a definir uma nova psicologia. Ele tomou-se extremamente popular, e Neisser viu-se diante do embaraço de ser apresentado como o “pai” da psicologia cognitiva. Ele não tinha desejo de fundar uma escola de pensamento, mas mesmo assim o seu livro ajudou a afastar a psicologia do comportamentalismo e a aproximá-la da cognição.

407

Ufric Neisser, cujo livro de psicologia cognitiva publicado em 1967 ajudou a lançar o novo movimento,

mais tarde veio a criticar o campo por sua estreiteza e artificialidade.

Neisser definia a cognição com referência aos processos “mediante os quais a entrada de dados sensoriais é transformada, reduzida, elaborada, armazenada, recuperada e usada.., a cognição está envolvida em tudo aquilo que um ser humano pode fazer” (Neisser, 1967, p. 4). Assim, a psicologia cognitiva se vincula com a sensação, a percepção, a formação de

imagens, a retenção, a recordação, a solução de problemas, o pensamento e todas as outras atividades mentais.

408

Nove anos depois de publicar o livro que lançou o campo, Neisser publicou *Cognition and Reality* (Cognição e Realidade), no qual exprimia sua insatisfação com o que considerava o estreitamento da posição cognitiva e a tendência de acentuar situações artificiais de laboratório em lugar do mundo real. Desiludido, ele concluiu que o movimento de psicologia cognitiva tal como existente em 1976 não tinha quase nada de sua função de proporcionar uma compreensão da maneira como os seres humanos enfrentam a realidade. Assim, Neisser, uma das mais importantes figuras da fundação da psicologia cognitiva, tomou-se seu crítico feroz, atacando-a como ela antes atacara o comportamentalismo. Ele dá aulas atualmente na Universidade Emory, de Atlanta, Geórgia, depois de passar dezessete anos em Comeil, onde o seu gabinete não ficava muito longe do cérebro em conserva de E. B. Titchener.

O Papel do Computador na Psicologia Cognitiva

No século XVII, os relógios e autômatos serviam de metáfora à concepção mecânica do universo e, por extensão, da mente humana (ver o Capítulo 2). Essas máquinas eram modelos facilmente disponíveis e de simples compreensão da maneira como se dizia que a mente operava. Hoje, o modelo mecânico do universo e a psicologia comportamentalista dele deriva da foram superados por outros pontos de vista, a saber, a nova perspectiva na física e o movimento cognitivo em psicologia.

É evidente que o relógio já não é um exemplo útil da concepção da mente do século XX. Uma nova metáfora é necessária, e uma máquina do século XX, o computador, veio a servir de modelo. Cada vez mais, é usado como modo de explicar fenômenos cognitivos. Afirma-se que os computadores exibem uma inteligência artificial, e seu funcionamento é corriqueiramente descrito em termos humanos. A capacidade de armazenamento de um computador, por exemplo, é a sua memória; os códigos de programação são chamados de linguagens; e afirma-se que novas gerações de computadores estão sendo desenvolvidas (Campbell, 1988; Roszak, 1986).

Pode-se afirmar que a operação dos programas de computador — essencialmente conjuntos de instruções para trabalhar com símbolos — é semelhante à da mente humana. Tanto o computador como a mente recebem e digerem grande quantidade de informações (estímulos) do ambiente. Eles processam essa informação manipulando-a, armazenando-a e recuperando-a e realizando a partir dela várias operações. Logo, a programação dos computadores é o padrão da concepção cognitiva da capacidade humana de processar informações, raciocinar e resolver problemas. É o programa, e não o próprio computador (o software, e não o hardware), que serve de explicação às operações mentais. Os psicólogos cognitivos não têm interesse em eventuais correlatos fisiológicos dos processos mentais, mas na seqüência de manipulação de símbolos que subjaz ao pensamento. Seu objetivo é descobrir a “biblioteca de programas que o ser humano tem armazenado na memória — programas que permitem que a pessoa compreenda e produza sentenças, decore certas experiências e regras e resolva novos problemas” (Howard, 1983, p. 11).

Essa concepção da mente humana baseada no processamento da informação fundamenta a psicologia cognitiva. Nos mais de cem anos de sua história, a psicologia passou dos

relógios aos computadores como modelos do seu objeto de estudo — mas o significativo é que uns e outros são máquinas. Isso demonstra a continuidade histórica da evolução da psicologia entre pontos de vista mais antigos e mais novos. “Para os psicólogos, sempre em busca de garantias de que as suas teorias se refiram a alguma realidade fisicamente possível, o encanto das metáforas com máquinas é absolutamente irresistível” (Baars, 1986, p. 154). Ficamos a imaginar se a expressão “quanto mais as coisas mudam, tanto mais permanecem iguais” não contém uma lição acerca da história para aqueles que tentam aprender com ela.

409

A Natureza da Psicologia Cognitiva

Descrevemos de que maneira a introdução de fatores cognitivos nas teorias da aprendizagem social de Albert Bandura e Julian Rotter contrabalançou a natureza do comportamentalismo americano (Capítulo 11), mas o impacto do movimento cognitivo não se limitou à psicologia comportamentalista. Os fatores cognitivos estão sendo considerados em virtualmente todas as áreas do campo: a teoria da atribuição na psicologia social, a teoria da dissonância cognitiva, a motivação e a emoção, a personalidade, a aprendizagem, a memória, a percepção e, como observamos, a abordagem da tomada de decisões e da solução de problemas baseada no processamento da informação. Em áreas aplicadas como a clínica, a psicologia comunitária, a psicologia industrial/organizacional e a psicologia escolar também há ênfase em fatores cognitivos.

A psicologia cognitiva difere do comportamentalismo em vários pontos. Em primeiro lugar, os cognitivistas concentram-se no processo do conhecimento, e não na mera resposta a estímulos. Eles acentuam os processos e eventos mentais, e não as conexões estímulo-resposta, a mente, e não o comportamento — o que não significa que eles ignorem este último. Mas significa que as respostas comportamentais não constituem o objeto exclusivo de pesquisa. As respostas são usadas como fontes para a inferência dos processos mentais que as acompanham.

Em segundo lugar, os psicólogos cognitivos se interessam pela forma como a mente estrutura ou organiza a experiência. Os gestaltistas, assim como Jean Piaget, alegaram que a tendência a organizar a experiência consciente (sensações e percepções) em todos e padrões significativos é inata. A mente dá forma e coerência à experiência mental, e o objeto de estudo da psicologia cognitiva é esse processo de organização. Os empiristas e associacionistas britânicos, e seus derivados do século XX, os comportamentalistas skinnerianos, sustentavam que a mente não possui essas capacidades organizacionais inerentes.

Em terceiro lugar, na concepção cognitiva, o indivíduo organiza ativa e criativamente os estímulos recebidos do ambiente. Somos capazes de participar da aquisição e do uso do conhecimento, atentando deliberadamente para alguns aspectos da experiência e optando por guardá-los na memória. Não respondemos passivamente a forças externas nem somos lousas em branco em que a experiência sensorial é escrita. Você vai reconhecer esta última idéia como a posição comportamentalista, derivada dos empiristas e associacionistas.

Observamos que muitas áreas de pesquisa foram influenciadas pelo movimento cognitivo. Em uma dessas, o sono e o sonho, estudos experimentais identificaram o sono REM (Rápidos Movimentos Oculares) como o estágio em que ocorre a maioria das atividades

oníricas; esse trabalho oferece um excelente exemplo da combinação de dados fisiológicos objetivos e dados conscientes subjetivos. Os sonhos são produtos conscientes, e sua relação comprovada com processos fisiológicos subjacentes torna esses dados subjetivos mais aceitáveis na psicologia atual. Essas experiências conscientemente recordadas não teriam sido admitidas pelo referencial comportamentalista estrito.

Pesquisadores cognitivos que investigam o processamento da informação durante o sono se ocupam de fenômenos como a transferência para o sono de respostas condicionadas adquiridas no estado vígil, o efeito de sugestões verbais feitas durante o sono e a tentativa de melhorar o desempenho mediante a aprendizagem durante o sono (Bootzin, Kihlstrom e Schacter, 1990). Também essas são experiências cognitivas que não poderiam ter sido discutidas, e menos ainda estudadas seriamente, sob a égide do comportamentalismo.

Os psicólogos também estão estudando o efeito de drogas sobre o comportamento em termos das mudanças tanto nas respostas fisiológicas como nas experiências conscientes relatadas — aquilo que as pessoas fazem sob a influência de drogas e aquilo que elas dizem que sentem. Esses dados eram igualmente inadmissíveis para os comportamentalistas. Mesmo pro

410

cessos não conscientes como o biofeedback em que as pessoas aprendem a controlar funções fisiológicas como a taxa de batimentos cardíacos, a tensão muscular e a temperatura do corpo, em basear-se mais em processos cognitivos do que antes se supunha. Os terapeutas que usam o biofeedback estão dando uma atenção maior ao papel das metas e expectativas dos pacientes na produção das mudanças fisiológicas desejadas.

Com a volta à psicologia do estudo dos processos mentais conscientes, o interesse pelos processos mentais inconscientes, outra área banida pelos comportamentalistas, foi impulsionado. As pesquisas de tópicos como a atenção seletiva, a hipnose, a percepção subliminar e os fenômenos visuais que envolvem o processamento perceptivo sugerem que o primeiro estágio da cognição em resposta à estimulação é inconsciente (Kihlstrom, 1987; Shevrin e Dickman, 1980).

Sob o impacto do movimento cognitivo, volta-se a atribuir consciência aos animais. As pesquisas sobre cognição animal inferem evidências de consciência animal a partir de observações do comportamento, particularmente do comportamento que demonstra adaptabilidade à mudança de condições ambientais (Domjan, 1987; Pearce, 1987). Essa obra se concentra na capacidade dos animais de pensar sobre objetos e eventos específicos, mesmo quando esses objetos e eventos não estão presentes, e de iniciar alguma ação. Outros trabalhos demonstraram que existem na memória animal processos mentais como a codificação e a organização de símbolos, bem como a capacidade de formar abstrações básicas sobre o espaço, o tempo e o número (Gailistel, 1989; Roitblat, Bever e Terrace, 1984).

Com a influência cognitiva na psicologia experimental e a ênfase na consciência na psicologia humanista e na psicanálise pós-freudiana, podemos ver que a consciência retomou a posição central em psicologia que ocupava há cem anos, celebrando assim um substancial e vigoroso retorno.

Comentário

O movimento cognitivo tem sido obviamente um sucesso. No início dos anos 70, o campo atraiu tantos seguidores que precisava de suas próprias publicações. No curso de uma década, foram fundadas seis: *Cognitive Psychology* (1970), *Cognition* (1971), *Memory and Cognition* (1983), *Journal of Mental Imagery* (1977), *Cognitive Therapy and Research* (1977) e *Cognitive Science* (1977).

Jerome Bruner descreveu a psicologia cognitiva como “uma revolução cujos limites ainda não podemos vislumbrar” (Bruner, 1983, p. 274). Seu impacto alcançou a maioria das áreas da psicologia e, saindo dos Estados Unidos, influenciou o pensamento psicológico na Europa e na ex-União Soviética. Ela também se estendeu para além da psicologia. “Talvez o mais estimulante desenvolvimento recente advindo da revolução cognitiva seja uma nova tendência na direção da integração de todas as principais disciplinas dedicadas ao estudo da natureza do conhecimento” (Baars, 1986, p. 180).

Essa nova perspectiva proposta, apelidada de “ciência cognitiva”, é um amálgama de psicologia cognitiva, linguística, antropologia, filosofia, ciências computacionais, inteligência artificial e das neurociências. Embora George Miller tenha questionado o ponto até o qual esses campos díspares de estudo podem se unificar, sugerindo que se deveria usar nas referências a eles a forma plural, ciências cognitivas, não há como negar o desenvolvimento dessa abordagem multidisciplinar. Têm sido estabelecidos em universidades de todos os Estados Unidos laboratórios e institutos de ciência cognitiva, e alguns departamentos de psicologia foram rebatizados como departamentos de ciência cognitiva. Tudo isso sugere que, qualquer que seja o nome que lhe demos, o estudo dos fenômenos e processos mentais pode dominar não apenas a psicologia como outras disciplinas, pela década de 90 e até o século XXI.

411

Nenhuma revolução, por mais bem-sucedida, deixa de ter críticos. A maioria dos comportamentalistas skinnerianos se opõe ao movimento cognitivo (Skinner, 1987b, 1989), e até os que são a favor assinalaram fraquezas e limitações. Eles alegam que há poucos conceitos com os quais a maioria dos psicólogos cognitivos concorde, ou até considere importantes, e que há uma considerável confusão no tocante à terminologia e às definições. Outra crítica está relacionada com o que alguns vêem como um excesso de ênfase na cognição em detrimento de outras influências sobre o pensamento e o comportamento, tais como a motivação e a emoção. O número de livros e artigos profissionais sobre a motivação e a emoção tem declinado muito nas últimas duas décadas, enquanto a literatura sobre a cognição tem aumentado (Pervin, 1985). O resultado, como sugeriu Ulric Neisser, é o estreitamento e a esterilidade do campo. Neisser comentou que “o pensamento humano é passional e emocional, as pessoas operam a partir de motivos complexos. Um programa de computador, em contrapartida... não tem emoções e é monomaniaco em sua franqueza” (Goleman, 1983, p. 57). Há o perigo de que a psicologia cognitiva esteja ficando demasiado unilateral, concentrando-se apenas no pensamento na mesma medida que a escola anterior se concentrava somente no comportamento.

Outros críticos dizem que o progresso da psicologia cognitiva é mais ilusório do que real, pois muitos psicólogos apenas adotaram as palavras cognitivo ou cognição sem fazer nenhuma alteração fundamental no modo como abordam seus problemas de pesquisa. B. F.

Skinner observou que ficou “elegante inserir a palavra cognitivo’ sempre que possível” (Skinner, 1983b, p. 194). George Miller concorda:

O que parece ter acontecido é que muitos psicólogos experimentais que estavam estudando a aprendizagem, a percepção ou o pensamento humanos começaram a se denominar psicólogos cognitivos sem alterar de qualquer maneira visível aquilo que sempre estiveram pensando e fazendo — como se de repente descobrissem que estiveram falando psicologia cognitiva a vida inteira. Desse modo, a nossa vitória pode ter sido mais modesta do que o registro escrito pode ter levado vocês a acreditar (Bruner, 1983, p. 126).

A psicologia cognitiva ainda não se completou; ela ainda não é história. O movimento está se formando, crescendo e se desenvolvendo; ainda é história no seu processo de vir-a-ser, É muito cedo para julgar seu impacto e sua contribuição finais. Mas a psicologia cognitiva efetivamente tem os atavios e as características que definem cada uma das escolas de pensamento anteriores. A psicologia cognitiva tem suas próprias publicações, seus próprios laboratórios, reuniões, jargão e convicções, bem como o zelo dos justos. Hoje falamos de cognitivismo, assim como falamos de funcionalismo e comportamentalismo. A psicologia cognitiva tornou-se o que outras escolas de pensamento se tornaram em sua época: parte da corrente principal da psicologia. E isso, como vimos, é a progressão natural das revoluções e dos movimentos quando eles alcançam sucesso.

Uma Observação Final

Se nos diz alguma coisa, a história da psicologia retratada nestes capítulos diz que, quando um movimento é formalizado como escola, ele ganha um impulso que só pode ser interrompido pelo seu próprio êxito na derrubada da posição estabelecida. Quando isso acontece, as artérias desobstruídas do movimento um dia vigoroso e jovem começam a endurecer. A flexibilidade se torna rigidez, a paixão revolucionária se transforma em defesa de uma posição e os olhos e mentes começam a se fechar a novas idéias. Assim nasce uma nova posição estabelecida. E assim é no progresso de toda ciência: há uma construção evolutiva para níveis cada vez mais elevados de desenvolvimento. Não há ponto culminante — nenhum

412

término nem fim —, mas um processo interminável de crescimento, à medida que espécies mais novas se desenvolvem a partir das antigas e tentam se adaptar a um ambiente em contínua mudança.

Sugestões de Leitura

As Mulheres na História da Psicologia

Hollingworth, H. L., Leta Stetter Hollingworth: A Biography, Bolton, Massachusetts, Anker Publishing,

1990. Reimpressão da biografia de Leta Stetter Hollingworth por Harry Hollingworth; narra sua vida

e seu trabalho pioneiro sobre a psicologia das mulheres.

O’Connell, A. N. e Russo, N. F., Models of Achievement: Reflections of Eminent Women in Psychology, Nova York, Columbia University Press, 1983; Models of Achievement:

Reflections of Eminent Women in Psychology, Vol. 2, Hillsdale, Nova Jersey, Erlbaum, 1988. Contêm esboços autobiográficos de mulheres que deram contribuições significativas à psicologia. Apresentam dados sobre padrões de realização e analisam o impacto de fatores como lugar de nascimento, características familiares, estado civil, maternidade, educação pós-graduada, oportunidades de emprego, mentores e redes de convivência social.

Scarborough, E. e Furumoto, L., Untold Lives: The First Generation of American Women Psychologists, Nova York, Columbia University Press, 1987. Examina as barreiras e carreiras em psicologia para mulheres, tais como oportunidades limitadas de educação pós-graduada e de emprego, exigências da família e do casamento e discriminação por colegas homens; discute, entre outras, as experiências de Mary Whiton Calkins, Margaret Floy Washburn e Christine Ladd-Franklin.

Os Afro-Americanos na História da Psicologia

Guthrie, R. V., Even the Rat Was White: A Historical View of Psychology, Nova York, Harper & Row,

1976. Documenta a história da psicologia americana segundo a perspectiva dos negros. Cobre as

contribuições de psicólogos negros e várias teorias psicológicas sobre as aptidões dos negros.

Urban, W. J., "The black scholar and intelligence testing: The case of Horace Mann Bond", Journal of the History of the Behavioral Sciences, n 25, pp. 323-334, 1989. Considera o problema do racismo nos testes de inteligência e o papel de Horace Mann Bond no debate acerca da interpretação dos níveis de QI de negros e brancos.

Abraham Maslow

Hoffman, E., The Right to Die: A Biography of Abraham Maslow, Los Angeles, Tarcher, 1988. Uma importante biografia baseada em dados publicados e não publicados (incluindo diários, correspondência e extensas entrevistas); descreve a infância difícil de Maslow e acompanha a sua carreira desde os primeiros trabalhos com primatas até o seu envolvimento como movimento do potencial humano.

Maddi, S. R. e Costa, P. T., Humanism in Psychology: Allport, Maslow, and Murray, Nova York, Aldine-Atherton, 1972. Uma clara apresentação da formação e da obra destes três psicólogos, explicando as semelhanças e diferenças entre suas teorias, bem como a influência de eventos do início de sua vida.

Maslow, A. H., Toward a Psychology of Being, 2ª ed., Nova York, Van Nostrand Reinhold, 1968.

Apresenta a concepção de Maslow de que os seres humanos podem ser amorosos, nobres e criativos,

assim como capazes de procurar os valores e as aspirações mais elevados.

Cari Rogers

Evans, R. L., Cari Rogers: Her Man and His Ideas, Nova York, Dutton, 1975. Apresenta entrevistas com

Rogers cobrindo a evolução do eu, técnicas da terapia centrada na pessoa e aplicações de sua

psicologia humanista à educação.

Kirschenbaum, H., On Becoming C. Rogers, Nova York, Delacorte, 1979. Um esboço biográfico de

Rogers e um relato de suas contribuições à psicologia humanista.

Rogers, C. R., "Autobiography", in E. O. Boring e O. Lindzey (Orgs.), A History of Psychology in

413

Autobiography. Vol. 5, Nova York, Appleton-Century-Crofts, 1967. Apresenta a avaliação de Rogers do seu trabalho e da influência de suas primeiras experiências de vida.

O Movimento Cognitivo em Psicologia

Baars, B. J., The Cognitive Revolution in Psychology, Nova York, Guilford Press, 1986. Discute os fundamentos históricos/filosóficos do comportamentalismo e a transição do comportamentalismo pós-watsoniano para a psicologia cognitiva. Inclui transcrições de entrevistas com George Miller, Ulric Neisser e outros psicólogos influentes na revolução cognitiva.

Kihlstrom, J. F., "The cognitive unconscious", Science, n 237, pp. 1.445-1.452, 18 de setembro de

1987. Descreve o modelo de funcionamento cognitivo baseado no processamento da informação e

faz considerações sobre as pesquisas da percepção subliminar, da memória implícita e da hipnose.

Rachlin, H., Judgment, Decision, and Choice: A Cognitive/Behavioral Synthesis, Nova York, Freeman, 1989. Uma tentativa acadêmica legível de reconciliar as abordagens comportamentalista e cognitiva da psicologia que se concentra em problemas de aprendizagem, resolução de problemas e tomada de decisões.

Skinner, B. F., "Whatever happened to psychology as the science of behavior?", American Psychologist, n 42, pp. 780-786, 1987. Apresenta a concepção de Skinner de que a psicologia humanista, a psicoterapia e a psicologia cognitiva são "obstáculos" no caminho da aceitação pela psicologia do seu programa de análise experimental do comportamento.

414

Referências Bibliográficas

Abel, T. M. (1989). Some famous psychologists I have known. History of Psychology Newsletter, 21(2), 53-55.

Adams, O. (dezembro de 1928). The decline of psychology in America. American Mercury, pp. 450-454.

- Adams, O. R., & Fitch, S. A. (1982). Ego stage and identity status development: A Cross-sequential analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43, 574-583.
- Adier, A. (1930). Individual psychology. In C. Murchison (org.), *Psychologies of 1930* (pp. 395-405). Worcester, MA: Clark University Press.
- Allen, O. W. (1967). *William James*. Nova York: Viking Press.
- Allport, O. W. (1937). *Personality: A psychological interpretation*. Nova York: Holt.
- Allport, O. W. (1968). *The person in psychology*. Boston: Beacon Press.
- Allman, I. (1987). Centripetal and centrifugal trends in psychology. *American Psychologist*, 42, 1058-1069.
- Amsel, A., & Rashotte, M. E. (orgs.), (1984). *Mechanisms of adaptive behavior* Clark L. Hull's theoretical papers with commentary. Nova York: Columbia University Press.
- Anderson, R. I. (1980). Wundt's prominence and popularity in his later years. *Psychological Research*, 42, 87-101.
- Angeli, J. R. (1904). *Psychology*. Nova York: Holt.
- Angell, J. R. (1907). The province of functional psychology. *Psychological Review*, 14, 61-91.
- Archer, S. L. (1982). The lower boundaries of identity development. *Child Development*, 53, 1551-1556.
- Ash, M. O. (1987). *Psychology and politics in interwar Vienna: The Vienna Psychological Institute, 1922-1942*. In M. O. Ash & W. R. Woodward (orgs.), *Psychology in twentieth-century thought and society* (pp. 143-164). Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.
- Averill, L. A. (1990). Recollections of Clark's O. Stanley Hall. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 26, 125-130.
- Baars, B. J. (1986). *The cognitive revolution in psychology*. Nova York: Guilford Press.
- Balance, W. D. O., & Bringmann, W. O. (1987) Fechner's mysterious malady. *History of Psychology Newsletter*, 19 (1,2), 36-47.
- Baldwin, B. T. (org.). (1980). In memory of Wilhelm Wundt. In W. O. Bringmann & R. D. Tweney (orgs.), *Wundt studies: A centennial collection* (pp. 280-308). Toronto: C. J. Hogrefe. (Obra publicada originalmente em 1921.)
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood

Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Becker, E. (1973). *The denial of death*. New York: Free Press.

Beers, C. (1908). *A mind that found itself*. London: Longmans, Green.

Bekhtenov, V. M. (1932). *General principles of human reflexology*. New York: International Publishers,

Belmont, L. & Marolia, F. A. (1973). Birth order, family size and intelligence. *Science* 182, 1096-1101.

Ben-David, I. & Collins, R. (1966). Social factors in the origin of a new science: The case of psychology. *American Sociological Review*, 31, 451-465.

Benjamin, L. T., Jr. (1975). The pioneering work of Leta Stetter Hollingworth in the psychology of women.

Nebraska History, 56, 493-505.

Benjamin, L. T., Jr. (1986). Why don't they understand it? A history of psychology's public image,

American Psychologist, 41, 941-946.

Benjamin, L. T., Jr. (1987). Knee jerks, Twitmyer, and the Eastern Psychological Association. *American*

Psychologist, 42, 1118-1120.

Benjamin, L. T., Jr. (1988a). E. B. Titchener and structuralism. In L. T. Benjamin, Jr. (org.), *A history*

of psychology: Original sources and contemporary research (pp. 208-211). New York: McGraw-Hill.

Benjamin, L. T., Jr. (1988b). A history of teaching machines. *American Psychologist*, 43, 703-712.

Benjamin, L. T., Jr. (1991). A history of the New York branch of the American Psychological Association: 1903—1935. *American Psychologist*, 46, 1003-1011.

Benjamin, L. T., Jr., Acord, J., Durkin, M., Link, M., & Vestal, M. (1992). Wundt's American doctoral students. *American Psychologist*, 47, no prelo.

415

Benjamin, L. T., Jr., Rogers, A. M., & Rosenbaum, A. (1991). Coca-Cola, caffeine, and mental deficiency: Harry Hollingworth and the Chattanooga trial of 1911. *Journal of the History of the*

Behavioral Sciences, 27, 42-55.

Berkeley, O. (1957). An essay towards a new theory of vision. In M. W. Calkins (org.), *Berkeley: Essay,*

principles, dialogues (pp. 1-98). New York: Scribners. (Originally published in 1709.)

Berkeley, O. (1957). A treatise concerning the principles of human knowledge. In M. W. Calkins (org.)

Berkeley: Essay, principles, dialogues (pp. 99-216). Nova York: Scribners. (Obra publicada originalmente em 1710.)

Berman, L. (1927). The religion called Behaviorism. Nova York: Boni & Liveright.

Bernstein, M. D. & Russo, N. F. (1974). The history of psychology revisited: Or, up with our foremothers. American Psychologist, 29, 130-134.

Bettelheim, B. (1982). Freud and man's soul. Nova York: Alfred A. Knopf. [e a Alma Humana,

Editora Cultrix, São Paulo, 1984.]

Binet, A. (1971). The psychic life of micro-organisms. West Orange, NJ: Saifer. (Obra publicada

originalmente em 1889.)

Bjork, D. W. (1983). The compromised scientist: William James and the development of American

psychology, Nova York: Columbia University Press.

Blanton, S. (1971). Daily of my analysis with Sigmund Freud. Nova York: Hawthorn Books.

Blumenthal, A. L. (1975). A reappraisal of Wilhelm Wundt. American Psychologist, 30, 1.081-1.088.

Blumenthal, A. L. (1977). Wilhelm Wundt and early American psychology: A clash of two cultures. Annals of the New York Academy of Sciences, 291, 13-20.

Blumenthal, A. L. (1979). Wilhelm Wundt: the founding father we never knew [do livro]. Contemporary Psychology, 24, 547-550.

Blumenthal, A. L. (1985). Wilhelm Wundt: Psychology as the propaedeutic science. In C. E. Buxton

(org.), Points of view in the modern history of psychology (pp. 19-50). Orlando, FL: Academic Press.

Boakes, R. (1984). From Darwin to behaviorism: Psychology and the minds of animals, Cambridge,

Inglaterra: Cambridge University Press.

Boas, M. (1961). The scientific renaissance: 1450-1630. Londres: Collins.

Boorstin, D. J. (1983). The discoverers. Nova York: Random House.

Bootzin, R. R., Kihlstrom, J. F., & Schacter, D. L. (orgs.) (1990). Sleep and cognition: Information processing outside of awareness. Washington DC: American Psychological Association.

Boring, E. O. (1929). A history of experimental psychology, Nova York: Appleton. Boring, E. O. (1950). A history of experimental psychology (2nd ed.). Nova York: Appleton-Century-Crofts.

Boring, E. G. (1967). Titchener's Experimentalism. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 3, 3 15-325.

Bottome, P. (1939). Alfred Adler. Nova York: Putnam.

Breland, H. M. (1974). Birth order, family configuration and verbal achievement. *Child Development*, 45, 1011-1019.

Breland, K., & Breland, M. (1961). The misbehavior of organisms. *American Psychologist*, 16, 681-684.

Brentano, F. (1874). *Psychology from an empirical standpoint*. Leipzig: Duncker & Humblot.

Breuer, J., & Freud, S. (1895). *Studies on hysteria*. 1 Standard edition (vol. 2). Londres: Hogarth Press.

Bridgman, P. W. (1927). *The Logic of modern physics*. Nova York: Macmillan.

Bridgman, P. W. (1954). Remarks on the present state of operationism. *Scientific Monthly*, 79, 224-226.

Broad, W., & Wade, N. (1982). *Betrayers of the truth: Fraud and deceit in the halls of science*. Nova York: Simon & Schuster.

Brody, N. (1987). Introduction: Some thoughts on the unconscious. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 13, 293-298.

Brome, V. (1981). *Jung: Man and myth*. Nova York: Atheneum.

Brown, J. A. C. (1963). *Freud and the post-Freudians*. Londres: Cassell. Brozek, J. (1980). The echoes of

Wundt's work in the United States, 1887-1977: A quantitative citation analysis. *Psychological Research*, 42, 103-107.

Bruner, J. S. (maio de 1982). Psychology has been responding to the so-called post-industrial revolution. *Psychology Today*, pp. 42-43.

416

Bruner, J. S. (1983). *In search of mind: Essays in autobiography*. Nova York: Harper & Row. Buckley, K. W. (1982). *The selling of a psychologist: John Broadus Watson and the application of*

behavioral techniques to advertising. *Journal of the History of Behavioral Sciences*, 18, 207-221.

Buckley, K. W. (1989). *Mechanical man: John Broadus Watson and the beginnings of behaviorism*. Nova

York Guilford Press.

Bumhain, J. (1968). On the origins of behaviorism. *Journal of the History of Behavioral Sciences*, 4,

143-151.

Burt, C. (1962). The concept of consciousness. *British Journal of Psychology*, 53, 229-242.

Cadwallader, T. C. (1984). Neglected aspects of the evolution of American comparative and animal

psychology. In O. Greenberg & E. Tobach (orgs.), *Behavioral evolution and integrative levels* (pp.

15-48). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Cadwallader, T. C. (1987). Early zoological input to comparative and animal psychology at the University of Chicago. In E. Tobach (org.), *Historical perspectives and the international status of comparative psychology* (pp. 37-59). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Campbell, D. (1988). *The improbable machine: What the upheavals in artificial intelligence research*

reveal about how the mind really works. New York: Simon & Schuster.

Carr, H. A. (1925). *Psychology*. New York: Longmans, Green.

Carr, H. A. (1930). Functionalism. In C. Murchison (org.), *Psychologies of 1930* (pp. 59-78). Worcester,

MA: Clark University Press.

Cattell, J. McK. (1890). Mental tests and measurements. *Mind*, 15, 373-381.

Cattell, J. McK. (1896). Address of the president before the American Psychological Association, 1895.

Psychological Review, 3, 134-148.

Cattell, J. McK. (1904). The conceptions and methods of psychology. *Popular Science Monthly*, 66, 176-186.

Cattell, J. McK. (1928). Early psychological laboratories. *Science*, 67, 543-548.

Chomsky, N. (1959). Resenha do Verbal Behavior de B. F. Skinner. *Language*, 35, 26-58.

Chomsky, N. (1972). *Language and mind*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.

Churchill, S. D. (agosto de 1988). Humanistic psychology and introductory psychology textbooks: Wizards and straw men. Dissertação apresentada na reunião da American Psychological Association, Atlanta, GA.

- Comte, A. (1896). *The Positive philosophy of Comte*. Londres: Belknap. (Obra publicada originalmente em 1830.)
- Coon, D. J. (1982). Eponyms, obscurity, Twitmyer, and Pavlov, *Journal of the History of Behavioral Sciences*, 18, 255-262.
- Cranston, A. (1986). Psychology in the Veterans Administration. *American Psychologist*, 41, 990-995.
- Crewsdon, J. (1988). *By silence betrayed: Sexual abuse of children in America*. Boston: Little, Brown.
- ti Cunningham, S. (maio de 1985). Humanists celebrate gains, goals. *AFA Monitor*, pp. 16, 18.
- Cuny, H. (1965). *Ivan Pavlov: The man and his theories*. Nova York: Eriksson.
- Dallenbach, K. (1967). *Autobiography*. In E. G. Boring & O. Lindzey (orgs.), *A history of psychology in autobiography* (vol. 5, pp. 57-93). Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Danziger, K. (1987). Social context and investigative practice in early twentieth-century psychology. In M. O. Ash & W. R. Woodward (orgs.), *Psychology in twentieth-century thought and society* (pp. 13-33). Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.
- Danziger, K. (1988). A question of identity: Who participated in psychological experiments? In J. O. Morawski (org.), *The rise of experimentation in American psychology* (pp. 35-52). New Haven, CT: Yale University Press.
- Darwin, C. (1859). *On the origin of species by means of natural selection*. Londres: Murray.
- Darwin, C. (1871). *The descent of man*. Londres: Murray.
- Darwin, C. (1872). *The expression of the emotions in man and animals*. Londres: Murray.
- Darwin, C. (1877). A biographical sketch of an infant. *Mind*, 2, 285-294.
- Demarest, J. (1987). Two comparative psychologies. In E. Tobach (org.), *Historical perspectives and the international status of comparative psychology* (pp. 127-155). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Dennis, P. M. (1984). The Edison questionnaire. *Journal of the History of Behavioral Sciences*, 20, 23-37.
- Descartes, R. (1912). *A discourse on method*. Londres: Dent. (Obra publicada originalmente em 1637.)

Dewey, J. (1886). *Psychology*. Nova York: Harper.

417

Dewey, J. (1896). The reflex arc concept in psychology. *Psychological Review*, 3, 357-370.

Dewey, J. (1900). Psychology and social practice. *Psychological Review*, 7, 105-124.

Diamond, S. (1980). A plea for historical accuracy [as editor]. *Contemporary Psychology*, 25, 84-85.

Diehi, L. A. (1986). The paradox of O. Stanley Hall: Foe of coeducation and educator of women. *American Psychologist*, 41, 868-878.

Domjan, M. (1987). Animal learning comes of age. *American Psychologist*, 42, 556-564.

Duke, C., Fried, S., Pliiey, W., & Waiker, D. (1989). Contributions to the history of psychology: LIX.

Rosalie Rayner Watson: The mother of a behaviorist's sons. *Psychological Reports*, 65, 163-169.

Eagie, M. N. (1988). How accurate were Freud's case histories? [do livro *Freud and the Rat*

Man] *Contemporary Psychology*, 33, 205-206.

Ebbinghaus, H. (1885). *On memory*, Leipzig: Dunker & Humblot.

Ebbinghaus, H. (1902). *The principles of psychology*, Leipzig: Veit.

Ebbinghaus, H. (1908). *A summary of psychology*. Leipzig: Veit.

Eissler, K. R. (1971). Talent and genius: The fictitious case of Tausk contra Freud. Nova York: Quadrangle.

Ellenberger, H. F. (1970). *The discovery of the unconscious: The history and evolution of dynamic psychiatry*. Nova York: Basic Books.

Ellenberger, H. F. (1972). The story of "Anna O": A critical review with new data. *Journal of the*

History of the Behavioral Sciences, 8, 267-279.

Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. Nova York: Norton.

Erikson, E. H. (1975). *Life history and the historical moment*. Nova York: Norton.

Erikson, E. H., Erikson, I. M., & Kivnick, H. Q. (1986). *Vital involvement in old age*. Nova York: Norton.

Evans, R. B. (1972). E. B. Titchener and his lost system. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 8, 168-180.

Evans, R. B., & Scott, F. J. D. (1978). The 1913 International Congress of Psychology: The American

Congress that wasn't. *American Psychologist*, 33, 711-723. Evans, R. B. (1968). *E. B. Skinner: The man and his ideas*. Nova York: Dutton.

- Evans, R. 1. (1989). Albert Bandura: The man and his ideas. Nova York Praeger.
- Fechner, O. (1966). Elements of psychophysics. Nova York: Holt, Rinehart and Winston. (Obra publicada originalmente em 1860.)
- Fernald, D. (1984). The Hans legacy: A story of science. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Ferster, C. B., & Skinner, B. F. (1957). Schedules of reinforcement. Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Fisher, S., & Greenberg, R. P. (1977). The scientific credibility of Freud's theories and therapy. Nova York: Basic Books.
- Fowler, R. D. (1990). In memoriam: Burrhus Frederick Skinner, 1904-1990. American Psychologist 45, 1.203.
- Freeman, L. (1972). The story of Anna O. Nova York: Walker.
- Freud, A. (1936). The ego and the mechanisms of defense. Londres: Hogarth Press.
- Freud, A. (1966). Introduction to the technique of child analysis. In The writings of Anna Freud (vol. 1, pp. 3-69). Nova York: International Universities Press. (Obra publicada originalmente em 1927, com o título "Four lectures on child analysis".)
- Freud, S. (1895). On the origins of psychoanalysis. In J. Strachey (Org. & Trad.). The Standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (vol. 1). Londres: Hogarth Press.
- Freud, S. (1896). Heredity and the etiology of the neuroses. In Standard edition (vol. 3, pp. 142-156). Londres: Hogarth Press.
- Freud, S. (1900). The interpretation of dreams. In Standard edition (vols. 4, 5). Londres: Hogarth Press.
- Freud, S. (1901). The psychopathology of everyday life. In Standard edition (vol. 6). Londres: Hogarth Press.
- Freud, S. (1905a). Three essays on the theory of sexuality. In Standard edition (vol. 7, pp. 125-243). Londres: Hogarth Press.
- Freud, S. (1905b). Fragment of an analysis of a case of hysteria. In Standard edition (vol. 7, pp. 3-122). Londres: Hogarth Press. (Obra publicada originalmente em 1901.)
- Freud, S. (1910). Five lectures on psychoanalysis. In Standard edition (vol. 11, pp. 3-55). Londres: Hogarth Press. (Obra publicada originalmente em 1909.)
- Freud, S. (1914). On the history of the psychoanalytic movement. In Standard edition (vol. 14, pp. 3-66). Londres: Hogarth Press.

Freud, S. (1920). Beyond the pleasure principle. In Standard edition (vol. 18, pp. 3-64).
 Londres: Hogarth Press. Freud, S. (1933). New introductory lectures on psychoanalysis. In
 Standard edition (vol. 22, pp. 3-182).

Londres: Hogarth Press.

Freud, S. (1940). An outline of psychoanalysis. In Standard edition (vol. 23, pp. 141-207).
 Londres:

Hogarth Press.

Freud, S. (1941). Findings, ideas, problems. In Standard edition (vol. 23, pp. 299-300).
 Londres: Hogarth

Press. (Obra publicada originalmente em 1938.)

Freud, S. (1954). The origins of psychoanalysis: Letters to Wilhelm Fliess, drafts and notes:
 1887-1902.

Nova York: Basic Books.

Freud, S. (1964). The letters of Sigmund Freud. Nova York: McGraw-Hill.

Fueller, R. C. (1986). Americans and the unconscious. Nova York: Oxford University Press.

Furumoto, L. (1987). On the margins: Women and the professionalization of psychology in
 the United States, 1890-1940. In M. O. Ash & W. R. Woodward (orgs.), *Psychology in
 twentieth-century*

thought and society (pp. 93-113). Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.

Furumoto, L. (1988). Shared Knowledge: The Experimentalists, 1904-1929. In i. O.
 Morawski (org.),

71erise of experimentation in American psychology (pp. 94-113). New Haven, CT: Yale
 University Press.

Furumoto, L. (1989). The new history of psychology. In i. S. Cohen (org.), *The G. Stanley
 Hall lecture*

series (vol. 9, pp. 5-34). Washington DC: American Psychological Association.

Gailistel, C. R. (1989). Animal cognition: The representation of space, time, and number,
Annual Review

of Psychology, 40, 155-189.

Galton, F. (1869). *Hereditary genius*. Londres: Macmillan.

Galton, F. (1874). *English men of science: Their nature and nurture*. Londres: Macmillan.

Galton, F. (1889). *Natural inheritance*. Londres: Macmillan.

Gantt, W. H. (1941). *Introdução*. lii 1. P. Pavlov, *Lectures on conditioned reflexes*. Nova
 York: International Publishers.

Gantt, W. H. (fevereiro de 1979). Interview with Professor Emeritus W. Horsley Gantt.
 Johns Hopkins

Magazine, pp. 26-32.

Gay, P. (1983). *The bourgeois experience: Victoria to Freud: Vol. 1. Formations of the senses*. Nova

York: Oxford University Press.

Gay, P. (1988). *Freud: A life for our time*. New York: Norton.

Gazzaniga, M. S. (1988). *Life with George: the birth of the Cognitive Neuroscience institute*. In W. Hirst

(ed.), *The making of cognitive science: Essays in honor of George A. Miller* (pp. 230-241).

Cambridge, England: Cambridge University Press.

Gelman, D. (27 de junho de 1988). *Where are the patients?* *Newsweek*

Gengereili, J. A. (1976). *Graduate school reminiscences: Hull and Köhler*. *American Psychologist*, 31, 685-688.

Geyer, L. R. (1986). *Psychology through Time The first ten years*. Dissertação apresentada na reunião da Southeastern Psychological Association.

Geuter, U. (1987). *German psychology during the Nazi period*. In M. G. Ash & W. R. Woodward (eds.),

Psychology in twentieth-century thought and society (pp. 165-187). Cambridge, England: Cambridge University Press.

Gilgen, A. R. (1982). *American psychology since World War II: A profile of the discipline*. Westport,

CT: Greenwood Press.

Goleman, D. (maio de 1983). *A conversation with Ulric Neisser*. *Psychology Today*, pp.

54-62. Goleman, D. (30 de agosto de 1987). *B. F. Skinner: On his best behavior*. New York

Times. Goodstein, L. D. (1988). *The growth of the American Psychological Association*. *American Psychologist*,

43, 491-498.

Gould, S. J. (1976). *Darwin and the captain*. *Natural History*, 85(1), 32-34.

Gould, S. J. (1986). *Knight takes bishop?* *Natural History*, 95 (5), 18-33.

Grieser, C., Orenberg, R., & Harrison, R. H. (1972). *The adaptive function of sleep: The differential effects of sleep and dreaming on recall*. *Journal of Abnormal Psychology*, 80, 280-286.

Gruber, C. (1972). *Academic freedom at Columbia University, 1917-1918: The case of James McKeen*

Cattell. *American Association of University Professors Bulletin*, 58 (3), 297-305.

- Gundlach, H. U. K. (1986). Ebbinghaus, nonsense syllables, and three-letter words [do livro], *Contemporaiy Psychology*, 31, 469-470.
- Guthrie, E. R. (1935). *The psychology of leaming*. Nova York: Harper.
- Outhrie, E. R. (1959). Association by contiguity. In S. Koch (org.), *Psychology: A study of a science* (vol. 2, pp. 158-195). Nova York: McGraw-Hill.
- Guthrie, R. V. (1976). *Even the rat was white: A historicaí view of psychology*. Nova York: Harper & Row.
- Hale, M., Jr. (1980). *Hunian science and social order: Hugo Münsterberg and the origins of applied psychology*. Filadélfia: Temple University Press.
- Hall, O. S. (1904). *Adolescence*. Nova Yorlc Appleton.
- Hall, G. S. (1912). *Founders ofinodern psychology*. Nova Yorlc Appleton.
- Hall, O. S. (1917). *Jesus, the Christ, in the light ofpsychology*. Garden City, NY: Doubleday.
- Hall, G. S. (1919). Some possible effects of the waron American psychology. *Psychologic* 16» 48-49.
- Hall, O. S. (1920). *Recreations of a psychologist*. Nova Yorlc Applenton.
- Hall, O. S. (1922). *Senescence*. Nova York: Appleton.
- Hall, G. S. (1923). *The life and confessions of a psychology*. Nova York: Appleton.
- Hannush, M. J. (1987). John B. Watson remembered: An interview with James B. Watson. *Journal o! the History of the Behavioral Sciences*, 23, 137-152.
- Harris, B. (1979). Whatever happened to little Albert? *American Psychologist*, 34, 151-160.
- Harrison, R. (1963). Functionalism and its historical significance. *Genetic Psychology Monographs*, 68, 387-423.
- Hartley, D. (1749). *Observations on man, his frame, his duty, and his expectations*. Londres: Leake & Frederick.
- Hartley, D. Robach, H. B. & Abramowitz, S. 1. (1976). Deterioration effects in encounter groups. *American Psychologist*, 31, 247-255.
- Hartmann, E. (1884). *Philosophy of the unconscious*. Londres: Trübner. (Obra publicada originalmente em 1869.)
- Hartmann, H. (1964). *Essays on ego psychology*. Nova Yorlc Intemational Universities Press.

- Hearnshaw, L. S. (1987). *The shaping of modern psychology*. Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Hearst, E. (org.). (1979). *The first century of experimental psychology*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Heidbreder, E. (1933). *Seven psychologies*. Nova York: Appleton.
- Helmholtz, H. (1856-1866). *Physiological optics*. Leipzig: Voss.
- Helmholtz, H. (1954). *On the sensations of tone*. Nova York: Dover. (Obra publicada originalmente em 1863.)
- Helson, H. (1925, 1926). The psychology of Gestalt. *American Journal of Psychology*, 36, 342-370, 494-526; 37, 25-62» 189-223.
- Henle, M. (1974). E. B. Titchener and the case of the missing element. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 10, 227-237.
- Henle, M. (1978). One man against the Nazis — Wolfgang Köhler. *American Psychologist*, 33, 939-944.
- Hilgard, E. R. (1956). *Theories of learning* (2^a ed.). Nova Appleton-Century-Crofts.
- Hilgard, E. R. (1987). *Psychology in America: A historical survey*. San Diego, CA: Harcourt Brace Jovanovich.
- Hilgard, E. R., Atkinson, R., & Atkinson, R. (1975). *Introduction to psychology* (6^a ed.). Nova York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Hilgard, E. R., Leary, D. E. & McGuire, O. R. (1991). The history of psychology: A survey and critical assessment. *Annual Review of Psychology*, 42, 79-107.
- Hirschmuller, A. (1989). *The life and work of Josef Breuer: Physiology and psychoanalysis*. Nova York: New York University Press.
- Hoffman, E. (1988). *The right to be human: A biography of Abraham Maslow*. Los Angeles: Tarcher.
- Holder, A. (1988). Reservations about the Standard Edition. In E. Timmis & N. Segal (orgs.), *Freud in exile: Psychoanalysis and its vicissitudes* (pp. 210-214). New Haven, CT: Yale University Press.
- Horney, K. (1945). *Our inner conflicts*. Nova York: Norton.
- Horney, K. (1980). *The adolescent diaries of Karen Horney, 1899-1911*. Nova York: Basic Books.
- Howard, D. V. (1983). *Cognitive psychology: Memory, language and thought*. Nova York: Macmillan.

Hall, C. L. (1928). *Aptitude testing*. Yonkers, NY: World.

Hall, C. L. (1933). *Hypnosis and suggestibility*. Nova York Appleton.

420

Huil, C. L. (1943). *Principies af behavior*. Nova York: Appleton.

Huil, C. L. (1951). *Fsse of behavior*. New Haven, CT: Yale University Press. Huil, C. L. (1952). *A behavior systeln*. New Haven, CT: Yale University Press. Huli, C. L., Hovland, C. L., Ross, R. T., Hall M., Perkins, D. T., & Fitch, F. G. (1940). *Mathe,natico deductive theoiy of rote learning: A study in scientific methodology*, New Haven, CT: Yale University Presa.

Hume, D. (1739). *A tre.atise ofhwnan nature*. Londres: Noon.

Isbister, i. N. (1985). *Freud: An introduction to his life and work*. Cambridge, Inglaterra: Polity Presa.

Jackson, M., & Sechrest, L. (1962). Early recoliectiions in four neurotic diagnostic categories. *.fournal of Individual Psychology*, 18, 52-56.

Jacobson, J. Z. (1951). *Scott of Northwestern: The life story of a pioneer i,i psychology and education*.

Chicago: Mariano.

Jacoby, L. L., & Kelley, C. M. (1987). Unconscious Influences of meniory for a prior event. *Personality*

and Social Psychology Builetín, 13, 314-336.

James, W. (1890). *The principies ofpsychology*. Nova York: Holt.

James, W. (1899). *Talks to teachers*. Nova York Holt.

James, W. (1902). *The varieties ofreligious experience*. Nova Yorlc Longmans, Green. [Variedades da E. Religiosa, Editora Cultrix, São Paulo, 1991.]

James, W. (1907). *Pragmatism*. Nova York: Longmans, Green.

Jaynes, J. (1970). The problem of animate motion in the seventeenth century. *Journal of the History of*

Idea.s, 31. 219-234.

Johnson, R. C., McClearn, O. E., Yuen, S., Nagoshi., C. T., Ahern, F. M., & Cole, R. E. (1985). *Galton's*

data a century later. *A.merican Psychologist*, 40, 875-892.

Jonçich, O. (1968). *The sane positivist: A biography of Edward L. Thorndike*. Midletown, CT: Wesleyan

University Presa.

Jones, E. (1953, 1955, 1957). *The life and work of Signiund Freud (3 vois.)*. Nova York: Basic Books.

- Jones, M. C. (1924). A laboratory study of fear: The case of Peter. *Pedagogical Seminary*, 31, 308-315.
- Jones, M. C. (1974). Albert, Peter, and John B. Watson. *American Psychologist*, 29, 581-583.
- Jones, R. A. (1987). Psychology, history, and the press: The case of William McDougall and the New York Times. *American Psychologist*, 42, 931-940.
- Jung, C. G. (1912). *The psychology of the unconscious*. Leipzig: Franz Deuticke.
- Jung, C. O. (1961). *Memories, dreams, reflections*. New York: Random House.
- Kagan, J., & Haveman, E. (1972). *Psychology: An introduction* (2 ed). New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Kagari, J., Kearsley, R., & Zelazo, P. (1978). *Infancy*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Kihlstrom, J. F. (1987). The cognitive unconscious. *Science*, 237, 1445-1452.
- Koch, S. (1964). Psychology and emerging conceptions of knowledge as unitary. In T. Wann (org.), *Behaviorism and phenomenology* (pp. 1-41). Chicago: University of Chicago Press.
- Koelsch, W. A. (1970). Freud discovered America. *Virginia Quarterly Review*, 46, 115-132.
- Koelsch, W. A. (1987). *Clark University: 1887-1987*. Worcester, MA: Clark University Press.
- Koenigsberger, L. (1965). *Henderson von Helmholtz*. New York: Dover.
- Koffka, K. (1921). *The mind*. New York: Harcourt.
- Koffka, K. (1922). Perception: An introduction to Gestalt-theorie. *Psychological Bulletin*, 19, 531-585.
- Koffka, K. (1935). *Principles of Gestalt psychology*. New York: Harcourt.
- Köhler, W. (1917, 1924, 1927). *The mentality of apes*. Berlin: Royal Academy of Sciences; New York: Harcourt Brace.
- Köhler, W. (1920). *Static and dynamic physical Gestalts*. Braunschweig: Vieweg.
- Köhler, W. (1929). *Gestalt psychology*. New York: Liveright.
- Köhler, W. (1947). *Gestalt psychology: An introduction to new concepts in modern psychology*. New York: Liveright.
- Köhler, W. (1959). Gestalt psychology today. *American Psychologist*, 14, 727-734.
- K. W. (1969). Gestalt psychology. In D. Krantz (org.), *Schools of psychology* (pp. 69-85). New York: Appleton-Century-Crofts.
- Konorski, J. (1974). Autobiography. In O. Lindzey (org.), *A history of psychology in autobiography* (vol. 6, pp. 183-217). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

- Krüll, M. (1986). Freud and his father. Nova York: Norton.
- Kuhn, T. S. (1970). The structure of scientific revolutions (2^a ed.). Chicago: University of Chicago Press.
- Külpe, O. (1893). Outline of psychology. Leipzig: Engelmann.
- Kuna, D. P. (1976). The concept of suggestion in the early history of advertising psychology. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 12, 347-353.
- Larson, C. (maio de 1979). Highlights of Dr. John B. Watson's career in advertising. *The Industrial Organizational Psychologist*, pp. 3-5.
- Larson, C., & Sullivan, J. J. (1965). Watson's relation to Titchener. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 1, 338-354.
- Lashley, K. (1929). Brain mechanisms and intelligence. Chicago: University of Chicago Press.
- Leahey, T. H. (1981). The mistaken mirror: On Wundt's and Titchener's psychologies. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 17, 273-282.
- Leary, D. E. (1987). Telling likely stories. The rhetoric of the new psychology, 1880-1920. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 23, 315-331.
- Leonard, O. (dezembro de 1983). Abraham Maslow and the new self. *Esquire*, pp. 326-336.
- Lerner, O. (1979). The majority finds its past: Placing women in history. Nova York: Oxford University Press.
- Levinson, D. J. (1978). The season of a man's life. Nova York: Knopf.
- Lewin, K. (1936). Principles of topological psychology, Nova York: McGraw-Hill.
- Lewin, K. (1939). Field theory and experiment in social psychology: Concept and methods. *American Journal of Sociology*, 44, 868-896.
- Lewin, K., Lippitt, R., & White, R. (1939). Patterns of aggressive behavior in experimentally created social climates. *Journal of Social Psychology*, 10, 271-299.
- Ley, R. (1990). A whisper of espionage: Wolfgang Köhler and the apes of Tenerife. Garden City Park, NY: Avery.
- Lieberman, D. A. (1979). Behaviorism and the mind: A (limited) call for a return to introspection. *American Psychologist*, 34, 319-333.
- Locke, J. (1959). An essay concerning human understanding. Nova York: Dover. (Obra publicada)

originalmente em 1690.)

Loeb, J. (1918). *Forced movements, tropisms, and animal conduct*. Filadélfia: Lippincott.

Loevinger, J. (1987). *Paradigm of the New York: Freeman*.

Loftus, E. (1979). *Eyewitness testimony*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Loftus, E., & Monahan, J. (1980). Trial by data: Psychological research as legal evidence. *American Psychologist*, 35, 270-283.

Logue, A. W. (1978). Behaviorist John B. Watson and the continuity of the species. *Behaviorism*, 6(1), 71-79.

Logue, A. W. (1985a). The origins of behaviorism: Antecedents and proclamation. In C. E. Buxton (org.),

Points of view in the modern history of psychology (pp. 141-167). Orlando, FL: Academic Press.

Logue, A. W. (1985b). The growth of behaviorism: Controversy and diversity. In C. E. Buxton (org.),

Points of view in the modern history of psychology (pp. 169-196). Orlando, FL: Academic Press.

Lowry, R. (1982). *The evolution of psychological theory: A critical history of concepts and presuppositions* (2 ed.). Hawthorne, NY: Aldine.

Lubek, L., & Apfelbaum, E. (1987). Neobehaviorism and the Garcia Effect: A social psychology of science approach to the history of a paradigm clash. In M. O. Ash & W. R. Woodward (orgs.), *Psychology in twentieth-century thought and society* (pp. 59-91). Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.

Mach, E. (1914). *The analysis of sensations*. Chicago: Open Court. (Obra publicada originalmente em 1885.)

Mackenzie, B. (1977). *Behaviourism and the limits of scientific method*. Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press.

MacLeod, R. B. (1959). Resenha do livro *Cumulative record* de B. F. Skinner. *Science*, 130, 34-35. MacLeod, R. B. (org.). (1969). *William James: Unfinished business*. Washington DC: American Psychological Association.

Mahoney, P. J. (1986). *Freud and the Rat Man*. New Haven, CT: Yale University Press.

422

Malcolm, J. (1984). *In the Freud archives*. Nova York: Knopf.

Maithus, T. (1914). *Essay on the principle of population*. Nova York: Dutton. (Obra originalmente

publicada em 1789.)

Marx, M., & Hillix, W. A. (1979). *Systems and theories of psychology* (3ª ed.) Nova York: McGraw Hill. [e *Teorias em Psicologia*, Editora Cultrix, São Paulo, 1974.]

- Maslow, A. H. (1970). *Motivation and personality* (2nd ed.) Nova York: Harper & Row.
- Masson, J. M. (1984). *The assault on truth: Freud's suppression of the seduction theory*. Nova York: Farrar Straus Giroux.
- Masson, J. M. (org.). (1985). *The complete letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess, 1887-1904*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Matarazzo, J. D. (1987). There is only one psychology: No specialties, but many applications. *American Psychologist*, 42, 893-903.
- Matson, F. W. (1964). *The broken image*. Nova York: Braziller.
- Maurice, K., & Mayr, O. (orgs.). (1980). *The clockwork universe: From ancient clocks and automata, 1550-1650*. Nova York: Neale Watson.
- May, W. W. (1978). A psychologist of many hats: A tribute to Mark Arthur May. *American Psychologist*, 33, 653-663.
- McAdams, D. P., Ruetzel, K., & Foley, J. M. (1986). Complexity and generativity at midlife: Relations among social motives, ego development, and adult's plans for the future. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 800-807.
- McDougall, W. (1908). *Introduction to social psychology*. Londres: Methuen.
- McDougall, W. (1912). *Psychology: The study of behavior*. Londres: Oxford University Press.
- McGovern, T. V. (julho de 1990). Goals for major in psychology outline. *APA Monitor*, p. 50.
- McGraw, M. B. (1990). Memories, deliberate recall, and speculations. *American Psychologist*, 45, 934-937.
- McGuire, W. (org.) (1974). *The Freud/Jung letters*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- McKeachie, W.J. (1976). Psychology in America's bicentennial year. *American Psychologist*, 31, 819-833.
- McKernan, F. (1978). Functionalism at Chicago: Memories of a graduate student, 1929-1931. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 14, 142-148.
- McReynolds, P. (1987). Lightner Witmer: Little-Known founder of clinical psychology. *American Psychologist*, 42, 849-858.

Merton, R. (1957). Priorities in scientific discovery. *American Sociological Review*, 22, 635-659.

Meyer, M. (1911). *The fundamental laws of human behavior*. Boston: Badger.

Mill, J. S. (1829). *Analysis of the phenomena of the human mind*. London: Baldwin & Cradock.

Miller, O. A. (1951). *Languages and communication*. New York: McGraw-Hill.

Miller, G. A. (1962). *Psychology: The science of mental life*. New York: Harper & Row.

Miller, G. A. (1985). The constitutive problem of psychology. In S. Koch & D. Leary (orgs.), *A century of psychology as science* (pp. 40-45). New York: McGraw-Hill.

Miller, O. A., & Buckhout, R. (1973). *Psychology: The science of mental life* (2nd ed.). New York:

Harper & Row.

Misceo, O., & Samelson, F. (1983). *History of psychology: XXXII On textbook lessons from history,*

or how the conditional reflex discovered Pavlov. *Psychological Reports*, 52, 447-454.

Moses, S. (March of 1991). APA calls for recast psychology major. *APA Monitor*, p. 37.

Motley, M. T. (1985). Slips of the tongue. *Scientific American*, 253, 116-127.

Muelier, C. O., & Schoenfeld, W. N. (1954). Edwin R. Guthrie. In W. Estes et al. (orgs.), *Modern learning theory* (pp. 345-379). New York: Appleton-Century-Crofts.

Münsterberg, H. (1909). *Psychotherapy*. New York: Moffat Yard.

Münsterberg, H. (1913). *Psychology and industrial efficiency*, Boston: Houghton Mifflin.

Münsterberg, H. (1922). *Hugo Münsterberg: his life and work*. New York: Appleton.

Murray, H. A. (1938). *Explorations in personality*. New York: Oxford University Press.

Murray, H. A. (1940). What should psychologists do about psychoanalysis? *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 35, 150-175.

423

Myers, O. E. (1986). *William James: His life and thought*. New Haven, CT: Yale University Press.

Natsoulas, T. (1978). Consciousness. *American Psychologist*, 33, 904-916.

Neisser, U. (1967). *Cognitive psychology*. New York: Appleton-Century-Crofts.

Neisser, U. (1976). *Cognition and reality*. San Francisco: W. H. Freeman.

Nomian, D. A. & Levelt, W. J. M. (1988). *Life at the Center*. In W. Hirst (org.), *The making of cognitive science: Essays in honor of George A. Miller* (pp. 100-109). Cambridge, England: Cambridge

University Press.

O'Connell, A. N., & Russo, N. F. (1983). Models of achievement: Reflections of eminent women in

psychology. New York: Columbia University Press.

O'Connell, A. N., & Russo, N. F. (1988). Models of achievement: Reflections of eminent women in

psychology (vol. 2). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

O'Donnell, J. M. (1979). The crisis of experimentalism in the 1920s: E. O. Boring and his uses of history.

American Psychologist, 34, 289-295.

O'Donnell, J. M. (1985). The origins of behaviorism: American psychology, 1870-1920. New York

New York University Press.

Olweus, D. (1979). The stability of aggressive reaction patterns in human males: A review. Psychological

Bulletin, 86, 852-875.

Paskauskas, R. A. (1988). The Jones-Freud, era. 1908-1939. In E. Timms & N. Segal (eds.), Freud in

exile: Psychoanalysis and its vicissitudes (pp. 109-123). New Haven, CT: Yale University Press.

Pauly, P. J. (December 1979). Psychology at Hopkins: Its rise and fall and rise and fall and... fall

Hopkins Magazine, pp. 36-41.

Pauly, P. J. (1986). O. Stanley Hall and his successors: A history of the first half-century of psychology at Johns Hopkins. In S. H. Hulse & B. F. Green, Jr. (eds.), One hundred years of psychological research in America: G. Stanley Hall and the Johns Hopkins tradition (pp. 21-51). Baltimore, MD:

Johns Hopkins University Press.

Pavlov, I. P. (1927). Conditioned reflexes. Oxford, England: Oxford University Press.

Pavlov, I. P. (1955). Selected works, Moscow: Foreign Languages Publishing House.

Pearce, J. M. (1987). An introduction to animal cognition. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Pervin, L. (1984). Personality: Theory and research (4th ed). New York: Wiley.

Pervin, L. (1985). Personality: Current controversies, issues and directions. Annual Review of Psychology, 36, 83-114.

Pickering, O. (1974). Creative malady. New York: Oxford University Press.

Pillsbury, W. (1911). Essentials of psychology. New York: Macmillan.

Planck, M. (1949). Scientific autobiography. New York: Philosophical Library.

Quinn, S. (1987). *A mind of her own: the life of Karen Horney*. New York: Summit Books.

Rapp, D. (1988). The reception of Freud by the British press: General interest and literary magazines, 1920-1925. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 24, 191-201.

Reed, J. (1987a). Robert M. Yerkes and the mental testing movement. In M. M. Sokal (org.), *Psychological testing and American society, 1890-1930* (pp. 75-94). New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.

Reed, J. (1987b). Robert M. Yerkes and the comparative method. In E. Tobach (org.), *Historical*

perspectives and the international status of comparative psychology (pp. 91-101). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Rice, B. (17 de março de 1968). Skinner agrees he is the most important influence in psychology. *New*

York Times Magazine pp. 27 ss.

Richards, R. L. (1980). Wundt's early theories of unconscious inference and cognitive evolution in their

relation to Darwinian biopsychology. In W. O. Bringmann & R. D. Teneney (orgs.), *Wundt Studies:*

A centennial collection (pp. 42-70). Toronto: Hogrefe.

Richards, R. J. (1987). *Darwin and the emergence of evolutionary theories of mind and behavior*.

Chicago: University of Chicago Press.

Roazen, P. (1975). *Freud and his followers*. New York: Knopf.

Roback, A. A. (1952). *History of American Psychology*. New York: Library Publishers.

Robinson, D. N. (1981). *An intellectual history of psychology* (ed. revista). New York: Macmillan.

Roethlisberger, F. J., & Dickson, W. L. (1939). *Management and the worker: An account of a research program conducted by the Western Electric Company*. Chicago. Cambridge, MA: Harvard University Press.

424

Rogers, C. R. (1961). *On becoming a person*. Boston: Houghton Mifflin.

Rogers, C. R. (1967). Autobiografia. In E. (3. Boring & (3. Lindzey (orgs.), *A history of psychology in*

autobiography (vol. 5, pp. 341-384). New York: Appleton-Century-Crofts.

Roitblat, H. L., Bever, T. O., & Terrace, H. S. (orgs.) (1984). *Animal cognition*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Romanes, O. L. (1883). *Animal intelligence*. London: Routledge & Kegan Paul.

- Rose, P. (1983). *Parallel lives: Five Victorian Marriages*. Nova York: Knopf.
- Rosenzweig, S. (1985). Freud and the psychology: The emergence of psychoanalysis. In S. Koch & D. Leary (orgs.), *A century of psychology as science* (pp. 135-207). Nova York: McGraw-Hill.
- Ross, D. (1972). *Granville Starbuck Hall: The psychologist as prophet*. Chicago: University of Chicago Press.
- Roszak, T. (1986). *The cult of information: 17 folk of computers and the true art of thinking*. Nova York: Pantheon.
- Rotter, J. B. (1982). *The development and applications of social learning theory: Selected papers*. Nova York: Praeger.
- Ruckmick, C. A. (1913). The use of the term "function" in English textbooks of psychology. *American Journal of Psychology*, 24, 99-123.
- Russo, N. F., & Denmark, F. L. (1987). Contributions of women to psychology. *Annual Review of Psychology*, 38, 279-298.
- Samelson, F. (1980). J. B. Watson's little Albert, Cyril Burt's twins, and the need for a critical science. *American Psychologist*, 35, 619-625.
- Samelson, F. (1981). Struggle for scientific authority: The reception of Watson's behaviorism, 1913-1920. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 17, 399-425.
- Sarton, G. (1936). *The study of the history of science*. Nova York: Dover.
- Scarborough, E., & Furumoto, L. (1987). *Untold lives. The first generation of American women psychologists*. Nova York: Columbia University Press.
- Scarf, M. (28 de fevereiro de 1971). The man who gave us "inferiority complex", "compensation", "aggressive drive" and "style of life". *New York Times Magazine*, pp. 10-15.
- Scarr, S. (maio de 1987). Twenty years of growing up. *Psychology Today*, pp. 24-28.
- Schachter, S. (1963). Birth order, eminence, and higher education. *American Sociological Review*, 28, 757-767.
- Scheerer, E. (1988). Fifty volumes of Psychological Research/Psychologische Forschung. The history and present status of the journal. *Psychological Research*, 50, 71-82.
- Scheibe, K. E. (1988). Metamorphoses of the psychologist's advantage. In J. O. Morawski (org.), *The*

rise of experimentation in American Psychology (pp. 53-71). New Haven, CT: Yale University Press.

Schultz, D. (1990). Intimate friends, dangerous rivals: The turbulent relationship between Freud and Jung.

Los Angeles: Tarcher.

Schur, M. (1972). Freud: Living and dying. New York: International Universities Press.

Schwartz, A. E. (1988). Freud and the feminine fallacy [from the book A mote in Freud's eye: From

psychoanalysis to the psychology of women]. Contemporary Psychology, 33, 501-502.

Scott, W. D. (1903). The theory and practice of advertising: A simple exposition of the principles of

psychology in their relation to successful advertising. Boston: Small, Maynard.

Seaman, I. D. (1984). On psi-phenomena. Journal of the History of Behavioral Sciences, 20, 3-8.

Shevrin, H., & Dickman, S. (1990). The psychological unconscious. A necessary assumption for all

psychological theory? American Psychologist, 35, 421-434.

Shields, S. (1975). Ms. Pilgrimage progress: The contributions of Leta Stetter Stetter to the psychology of women. American Psychologist, 30, 852-857.

Siegel, A. W., & White, S. H. (1982). The child study movement. In W. Reese (ed.), Advances in

child development and behavior (vol. 17, pp. 233-285). New York: Academic Press.

Silverman, L. H. (1976). Psychoanalytic theory: "The reports of my death are greatly exaggerated".

American Psychologist, 31, 621-637.

Skinner, B. F. (1938). The behavior of organisms. New York: Appleton.

Skinner, B. F. (October 1945a). Baby in a box. Ladies Home Journal, pp. 30 ff.

Skinner, B. F. (1945b). The operational analysis of psychological terms: Rejoinders and second thoughts. Psychological Review, 52, 291-294.

425

Skinner, B. F. (1948). Walden Two. New York: Macmillan.

Skinner, B. F. (1953). Science and human behavior. New York: Macmillan.

Skinner, B. F. (1956). A case history of scientific method. American Psychologist, 11, 221-233.

Skinner, B. F. (1957). Verbal behavior. New York: Appleton.

Skinner, B. F. (1963). Behaviorism at fifty. Science, 140, 951-958.

- Skinner, B. F. (1967). Autobiografia. In E. O. Boring & O. Lindzey (orgs.), A history of psychology in autobiography (vol. 5, pp. 387-413). Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1968). The technology of teaching. Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969). Contingencies of reinforcement. Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1971). Beyond freedom and dignity. Nova York: Knopf.
- Skinner, B. F. (1976). Particulars of my life. Nova York: Knopf.
- Skinner, B. F. (1979). The shaping of a behaviorist. Nova York: Knopf.
- Skinner, B. F. (1983a). Intellectual self-management in old age. *American Psychologist*, 38, 239-344.
- Skinner, B. F. (1983b). A matter of consequences. Nova York: Knopf.
- Skinner, B. F. (1986). What is wrong with daily life in the Western world? *American Psychologist*, 41, 568-574.
- Skinner, B. F. (1987a). Upon further reflection. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1987b). Whatever happened psychology as the science of behavior? *American Psychologist*, 42, 780-786.
- Skinner, B. F. (1989). The origin of cognitive thought. *American Psychologist*, 44, 13-18.
- Skinner, B. F. (1990). Can psychology be a science of mind? *American Psychologist*, 45, 1206-1210.
- Smith, C. (1987). David Hartley's Newtonian neuropsychology. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 23, 123-136.
- Smith, D. (31 de março de 1986). What would Freud think? The uproar in the shrine of psychoanalysis. *New York* pp. 38-45.
- Smith, M. B. (1989). Comment on "The case of William McDougall". *American Psychologist*, 44, 446.
- Sokal, M. M. (1971). The unpublished autobiography of James McKeen Cattell. *American Psychologist*, 26, 626-635.
- Sokal, M. M. (1981a). An education in psychology: James McKeen Cattell's journal and letters from Germany and England, 1880-1888. Cambridge, MA: MIT Press.
- Sokal, M. M. (1981b). The origins of the Psychological Corporation. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 17, 54-67.
- Sokal, M. M. (1984). The Gestalt psychologists in behaviorist America. *American Historical Review*, 89,

1.240-1.263.

Sokal, M. M. (1987). James McKeen Cattell and mental anthropometry: Nineteenth-century science and

reform and the origins of psychological testing. In M. M. Sokal (org.), *Psychological*

American society, 1890-1930 (pp. 21-45). New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.

Sokal, M. M. (1990). O. Stanley Hall and the institutional character of psychology at Clark, 1889-1920.

Journal of the History of the Behavioral Sciences, 26, 114-124.

Spence, K. W. (1952). Clark Leonard Hull: 1884-1952. *American Journal of Psychology*, 65, 639-646.

Spencer, H. (1855). *The principles of psychology*. London: Smith & Elder.

Steele, R. S. (1985a). Paradigm found: A deconstruction of the history of the psychoanalytic movement. In C. E. Buxton (org.), *Points of view in the modern history of psychology* (pp. 197-219). Orlando,

FL: Academic Press.

Steele, R. S. (1985b). Paradigm lost: Psychoanalysis after Freud. In C. E. Buxton (org.), *Points of view*

in the modern history of psychology (pp. 221-257). Orlando, FL: Academic Press.

Stepansky, P. E. (org.) (1986). *Freud: Appraisals and reappraisals*. New York: Analytic Press.

Sterba, R. F. (1982). *Reminiscences of a Viennese psychoanalyst*. Detroit, MI: Wayne State University Press.

Stumpf, C. (1883, 1890). *Psychology of sense*. Leipzig: Hirzel.

Sulloway, F. J. (1979). *Freud: Biologist of the mind*. New York: Basic Books.

Thompson, T. (1988). *Benedictus behavior analysis: B. F. Skinner's magnum opus a fifty [do livro The behavior of organisms: An experimental analysis]*. *Contemporary Psychology*, 33, 397-402.

Thorndike, E. L. (1898). *Animal intelligence: An experimental study of the associative processes in*

animals (monografia suplementar n 8). *Psychological Review*, 5, 68-72.

426

Thorndike, E. L. (1905). *The elements of psychology*. New York: Seiler.

Thorndike, E. L. (1931). *Human learning*. New York: Appleton.

Titchener, E. B. (1896). *An outline of psychology*. New York: Macmillan.

Titchener, E. B. (1898a). The postulates of a structural psychology. *Philosophical Review*, 7, 449-465.

- Titchener, E. B. (1898b). *Primer of Psychology*. Nova York: MacMillan.
- Titchener, E. B. (1901-1905). *Experimental psychology*. Nova York: Macmillan.
- Titchener, E. B. (1909). *A textbook of psychology*. Nova York: Macmillan.
- Titchener, E. B. (1912a). Prolegomena to a study of introspection. *American Journal of Psychology*, 23, 427-448.
- Titchener, E. B. (1912b). The schema of introspection. *American Journal of Psychology*, 23, 485-508.
- Titchener, E. B. (1921). Wilhelm Wundt. *American Journal of Psychology*, 32, 161-178.
- Tolman, E. C. (1932). *Purposive behavior in animals and men*. Nova York: Appleton.
- Tolman, E. C. (1945). A stimulus-expectancy need-cathexis psychology. *Science*, 101, 160-166.
- Tolman, E. C. (1952). Autobiografia. In E. O. Boring, H. S. Langfeld, H. Wemer, & R. Yerkes (orgs.), *A history of psychology in autobiography* (vol. 4, pp. 323-339). Worcester, MA: Clark University Press.
- Turner, C. H. (1906). A preliminary note on ant behavior. *Biological Bulletin*, 12, 31-36.
- Turner, F. J. (1947). *The significance of the frontier in American history*. Nova York: Holt.
- Turner, M. (1967). *Philosophy and the science of behavior*. Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Turner, R. S. (1982). Helmholtz, sensory physiology, and the disciplinary development of German psychology. In W. R. Woodward & M. O. Ash (orgs.), *The problematic science: Psychology in nineteenth-century thought* (pp. 147-166). Nova York: Praeger.
- Tweney, R. D. (1987). Programmatic research in experimental psychology: E. B. Titchener's laboratory investigations, 1891-1927. In M. G. Ash & W. R. Woodward (orgs.), *Psychology in twentieth century thought and society* (pp. 35-47). Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.
- Twitmyer, E. B. (1905). Knee-jerk without stimulation of the patellar tendon. *Psychological Bulletin*, 2, 43-44.
- Urban, W. J. (1989). The black scholar and intelligence testing: The case of Horace Mann Bond. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 25, 323-334.
- Von Mayrhauser, R. T. (1989). Making intelligence functional: Walter Dill Scott and applied psychological testing in World War I. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 25, 60-72.

- Washburn, M. F. (1908). *The animal mind: A textbook of comparative psychology*. New York: Macmillan.
- Washburn, M. F. (1932). Autobiografia: In C. Murchison (org.), *A history of psychology in autobiography* (vol. 2, pp. 333-358). Worcester, MA: Clark University Press.
- Waterman, C. K., Buebel, M. E., & Waterman, A. S. (1970). Relationship between resolution of the identity crises and outcomes of previous psychosocial crises. *Proceedings of the Annual Convention of the American Psychological Association*, 5, 467-468.
- Watson, J. B. (1903). *Animal education*. Chicago: University of Chicago.
- Watson, J. B. (1907). Resenha de C. H. Turner, "A preliminary note on ant behavior". *Psychological Bulletin*, 4, 296-297.
- Watson, J. B. (1908). Resenha de Das Pferd des Herrn Von Osten de Plungst. *Journal of Comparative Neurology and Psychology*, 18, 329-331.
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20, 158-177.
- Watson, J. B. (1914). *Behavior: An introduction to comparative psychology*. New York: Holt.
- Watson, J. B. (1916). The place of the conditioned reflex in psychology. *Psychological Review*, 23, 89-116.
- Watson, J. B. (1919). *Psychology from the standpoint of a behaviorist*. Philadelphia: Lippincott.
- Watson, J. B. (1925). *Behaviorism*. New York: Norton.
- Watson, J. B. (1928). *Psychological case of the infant and child*. New York: Norton.
- Watson, J. B. (1929). Behaviorism. *Encyclopedia Britannica* (vol. 3, pp. 327-329).
- Watson, J. B. (1930). *Behaviorism* (ed. revis.). New York: Norton.
- Watson, J. B. (1936). Autobiografia. In C. Murchison (org.), *A history of psychology in autobiography* (vol. 3, pp. 271-281). Worcester, MA: Clark University Press.
- Watson, J. B., & McDougall, W. (1929). *The battle of behaviorism*. New York: Norton.
- Watson, J. B., & Morgan, J. J. B. (1917). Emotional reactions and psychological experimentation. *American Journal of Psychology*, 28, 163-174.
- 427
- Watson, J. B., & Rayner, R. (1920). Conditioned emotional reactions. *Journal of Experimental Psychology*, 3, 1-14.

- Watson, R. (1978). *The great psychologists* (4 ed.,). Filadélfia: Lippincott. Wehr, G. (1987). *Jung: A biography*. Boston: Shambhala.
- Wertheimer, Max (1912). Experimental studies of the perception of movement. *Zeitschrift für Psychologie*, 61, 161-265.
- Wertheimer, Max (1938). Gestalt theory. In W. D. Ellis (org.), *A source book of Gestalt psychology* (pp. 1-11). Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Wertheimer, Max (1945). *Productive thinking*. Nova York: Harper.
- Wertheimer, Michael (1978). Humanistic Psychology and the humane but toughminded psychologist. *American Psychologist*, 33, 739-745.
- Wertheimer, Michael (1979). *A brief history of psychology* (2 ed.). Nova York: Holt, Rinehart and Winston.
- White, A. D. (1965). *A history of the warfare of science with theology on Christendom*. Nova York: Free Press. (Obra publicada originalmente em 1896.)
- White, S. H. (1990). Child study at Clark University, 1894-1904. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 26, 131-150.
- Windholz, O. (1986). A comparative analysis of the conditional reflex discoveries of Pavlov and Twitmyer, and the birth of a paradigm. *Pavlovian Journal of Biological Science*, 21, 141-147.
- Windholz, O. (1990). Pavlov and the Pavlovians in the laboratory. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 25, 64-74.
- Windholz, G., & Lamal, P. A. (1985). Köhler's insight revisited. *Teaching of Psychology*, 12, 165-167.
- Witmer, L. (1896). Practical work in psychology. *Pediatrics*, 2, 462-471.
- Wittels, F. (1924). *Sigmund Freud*. Nova York: Dodd, Mead.
- Women in the American Psychological Association. (1986). Washington DC: Committee on Women in Psychology, American Psychological Association.
- Woodworth, R. S. (1918). *Dynamic psychology*. Nova York: Columbia University Press.
- Woodworth, R. S. (1921). *Psychology*. Nova York: Holt.
- Woodworth, R. S. (1930). Dynamic psychology. In C. Murchison (org.), *Psychologies of 1930* (pp. 327-336). Worcester, MA: Clark University Press.
- Woodworth, R. S. (1938, 1954). *Experimental psychology*. Nova York: Holt.
- Woodworth, R. S. (1943). The adolescence of American Psychology. *Psychological Review*, 50, 10-32.

Woodworth, R. S. (1948). Contemporary schools of psychology (2 ed.). Nova York: Ronald Press.

Woodworth, R. S. (1958). Dynamics of behavior. Nova York: Holt.

Wingstman, L. S. (1981). Personal documents as data in conceptualizing adult personality development. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 7, 367-385.

Wundt, W. (1858-1862). Contributions to the theory of sensory perception. Leipzig: Winter.

Wundt, W. (1863). Lectures on the minds of men and animals. Leipzig: Voss.

Wundt, W. (1873-1874). Principles of psychological psychology. Leipzig: Engelmann.

Wundt, W. (1888). Zur Erinnerung an Gustav Theodor Fechner. *Philosophische Studien*, 4, 471-478.

Wundt, W. (1896). Outline of psychology. Leipzig: Engelmann.

Wundt, W. (1900-1920). Cultural psychology. Leipzig: Engelmann.

Yerkes, R. M., & Morgulis, S. (1909). The method of Pavlov in animal psychology. *Psychological Bulletin*, 6, 257-273.

Young-Bruehl, E. (1988). Anna Freud: A biography. Nova York: Summit Books.

Zeigarnik, B. (1938). On finished and unfinished tasks. In W. D. Ellis (org.), *A source book of Gestalt psychology* (pp. 300-314). Londres: Routledge & Kegan Paul. (Obra publicada originalmente em 1927.)

428

Cocaina, uso por Freud, 332, 333

Cognição (termo), 405, 412

Colúmbia, funcionalismo em, 168-171

Coilins, R., 73

Compensação, 370-371

Complexo, anal, 380

de claustro, 380

de inferioridade, 369

oral, 380

expressivo, 379 de liderança, 320-321

Conteúdo, latente do sonho, 341-342

manifesto do sonho, 341

Coon, D.J., 229, 232

Costa, P.T., 385, 413

Crewsdon, J., 336
Crise de identidade, 38 1-384
Crissman, P., 172
Cunningham, S., 400
Cuny, H., 227
uretral, 380
Dallenbach, K., 106
Danziger, K., 101, 186, 248
Darwin, C., 31, 88, 124-131, 138-142, 144,
146-147, 223, 325, 329-330, 331
Darwin, E., 125
Darwin, F., 212
Darwinismo social, 144
Debates Watson-McDougall, 257-260
Delezenne, C., 71
Demarest, J., 214
Denmark, F.L., 391
Dennis, P.M., 201
Descartes, R., 35, 36, 38-43, 44, 51, 58, 130, 138, 211
Complexos, 363, 380
Comportamentalismo, 210-212, 231, 246-261,
262-263
condição presente, 260-261, 292, 387
intencional, 265-267, 402
skinneriano, 280-288, 292, 387, 412
watsoniano, 240-255, 262, 264-266 Comportamento, animal, 42, 124-131, 212-218,
281-284
de pressionar a barra, 282-284
reativo, 28
(termo), 19, 215, 231
verbal, 284, 287
Comte, A., 43, 54, 119
Conarium, 42

Condicionamento, 226-229, 247-248, 251-252, 255, 273, 281-282
operante, 281-282, 286
pavloviano, 226-228, 247, 251, 269, 275, 281-282, 295
simultâneo, 269
Conexionismo, 220-222
Consciência, 42, 81-86, 108-112, 130-131,
152-154, 211, 401-404, 409-411
moral, 343-346
Constâncias perceptivas, 305-306
Desenvolvimento da personalidade, adolescente,
182-184, 381-384
adulta, 184, 364, 377, 383
Determinismo, 35, 259-260, 285, 350, 394
psíquico, 330
Dewey, J., 156-158, 169, 172, 184, 235
Diamond, S., 81, 142
Dickman, S., 411
Dickson, W.L., 206
Dicotomia ser humano/animal, 42, 138, 284
Diehl, L.A., 209, 388
Diferenças, apenas perceptíveis, 66-67, 71, 89
individuais, 56, 131-139, 186, 188
raciais de inteligência, 205-206
Dinâmica de grupo, 320
Dobson, V., 73
Dollard, S., 277
Domjan, M., 142, 411
Donaldson, 111-1., 213
Donders, F.C., 85
Drever, S., 55
Drinka, G.F., 355
Du Bois-Reymond, E., 330
Duke, C., 239, 261

Dunlap, K., 122, 231, 258

Durant, H., 48

Durkin, M., 177

Dados históricos (da história), 2 1-25, 75-78, 90, 184-186, 303, 333, 334, 335-336

Eagle, M.N., 352

Ebbinghaus, H., 22, 88-93, 97

Educação, psicologia aplicada à, 25-26, 158, 179, 186, 189-192

especial, 192

Edwards Personal Preferences Schedule (Escala de Preferências Pessoais de Edwards), 381

Efeito de Zeigarnik, 320

Ego, 345-346, 357-359, 379-380

ideal, 345

Ehrenfels, C., 297-298

431

Einstein, A., 28, 402

Eissler, K.R., 344

Elementarismo, 247, 298

Elementos da consciência, 81-86, 108-112

Elementos de Psicofísica (Fechner), 71, 72, 78, 88, 124, 326

Elementos mentais. Ver Elementos da consciência

Ellenberger, H.P., 24, 330, 334, 355, 384

Elms, A.C., 293

Eminência, 133-134

Emoções, 110-111, 130, 139, 155, 25 1-254. Ver também Sentimentos

Empirismo, 38, 43, 54-55

Empiristas e associacionistas britânicos, 43-54, 81, 103, 109

Eng, E., 322

Engenharia, dos fatores humanos, 206

psicológica, 206

Equipotencialidade, 257

Erikson, E.H., 366, 381-385, 393

Erikson, J.M., 382

Erro de estímulo, 108, 111

Escolas de pensamento, 29-32, 386-387

Espaços de comportamento, 267

Esquecimento, 91, 92

Estados afetivos, 110-111. Ver também Emoções,

Sentimentos Estágio, anal, 247

fálico, 347

genital, 347

oral, 346 Estágios, psicossociais de desenvolvimento,

346-347

psicossociais de desenvolvimento, 381-384

Estima positiva, 398-399

Estimulação elétrica do cérebro, 58

Estímulo-Resposta (E-R), vínculos, 220-221, 248, 266, 269, 275, 281, 410

Estruturalismo, 103-122, 156

condição atual, 121, 387

Estudo de Valores, 379

Estudo do medo condicionado de Albert (bebê), 25 1-252, 254

Eugenia, 133-134, 138, 186

Evans, Rand, 101, 111, 122, 236, 355

Evans, Richard, 280, 290, 385, 413

Exemplo, computadorizado no funcionamento

humano, 408-410

de funcionamento humano baseado no

processo de informação, 407-409

mecânico do funcionamento humano, 33-3 8,

409-410

Experiência imediata, 82-83, 108

Experimentalistas de Tichener, 107, 204

Extirpação, 58

Extroversão, 364-365

Eysenck, H., 365

Falácia dos psicólogos, 153

Fearing, S., 73

Fechner, O., 22, 66-73, 78, 82, 88-90, 124, 131, 325-326

Fenomenologia, 95, 297

Fenômeno phi, 299

Ferenczi, S., 336

Femald, D., 216, 232

Ferster, C.B., 283

Festinger, L., 320

Filosofia, impacto sobre a psicologia, 34, 38, 43-44, 54-55

sintética, 144-147

Fisher, S., 353

Física, impacto sobre a psicologia, 30, 33, 50, 107, 273, 298, 402

Fisiologia, impacto sobre a psicologia, 42, 57-60, 62-64

Fitch, S.A., 383

Fitzroy, R., 129

Fixação, 346

Flourens, P., 58

Fluxo de consciência, 154

Foley, J.M., 383

Formação reativa, 346

Forrest, D.W., 142

Fowler, R.D., 277

Freeman, L., 334, 355

French, J.P., 320

Freud, A., 340, 356-359, 381

Freud, S., 22-24, 26, 54, 69, 100, 182, 192, 199, 207, 254, 323, 355 e os neofreudianos, 359-375

Fried, S., 239, 261

Friedline, C., 106- 107, 109

Fritsch, O., 58
Fromm, E., 26
Frost, R., 279
Fuiler, R.C., 324, 350
Funcionalismo, 123-124, 143-147, 156-163,
168-172, 174-177
impacto sobre o comportamentalismo, 230 situação atual, 172, 386-387
Fundadores, 72-73, 103, 124, 156-157, 210-212, 233, 298-299, 331, 395, 404
Furumoto, L., 25, 32, 107, 388-389, 413
432
Galileu, 34, 46, 71, 285
Gailistel, C.R., 411
Galton, F., 85, 88, 124, 131-138, 183, 186, 189, 204
Galvam, L., 58
Gantt, W.H., 225, 226
Garcia, J., 28
Gay, P., 330, 336, 345, 355, 367
Gazzaniga, M.S., 28
Gehnan, D., 354
Gengereili, J.A., 260
Gênio hereditário, 133-134
Gerow, G.R., 224
Gestalt (termo), 305
Gestalt qualitäten, 297
Gestalts-sinais, 268
Geuter, U., 202
Gilgen, A.R., 202, 277
Glândula pineal, 42
Goddard, H., 203
Goethe, von, J.W., 329
Goldstein, K., 300
Goleman, D., 292, 407, 412
Gonzales, M., 313

Goodstein, L.D., 202
Gottsched, J.C., 35
Gould, S.J., 129, 141
Green, B.F., Jr., 209
Greenberg, R., 353, 371
Grieser, C., 371
Groddeck, G., 344
Gruber, C., 187
Gruhle, H., 300
Gundlach, FLU.K., 90
Guthrie, E.R., 269-271, 276, 292, 402
Guthrie, R.V., 26, 180, 391, 392, 413
Hábito, força do, 276
Hábitos, 155-156
Haeberlin, H.K., 101
Hale, M., Jr., 195, 197, 200, 209
Hall, G.S., 19, 169, 175, 176, 177-184, 190, 201, 338, 388, 391
Hall, M., 57
Hannah, B., 385
Hannush, M.J., 239, 261
Hans, O Cavalo Prodígio, 215-218
Harris, B., 252, 261
Harrison, R., 156, 371
Hartley, David, 50-51, 58
Hartley, Deanna, 395
Hartmann, E., 326
Hartmann, H., 357
Harvey, W., 41
Havemann, E., 401
Hawthorne, estudos, 206
Healey, W., 207
Hearnshaw, L.S., 60, 401
Hearst, E., 402

Hedonismo, 330
Heidbreder, E., 31, 100, 152, 157, 171, 305, 354
Heider, F., 322
Heisenberg, W., 402
Helmholtz, H., 61-64, 78, 85, 95, 150, 330
Helson, H., 316, 322
Henle, M., 111, 122, 303, 322
Henri, V., 188
Henslow, J.S., 126
Herança mental, 133-134
Herbart, J.F., 64, 325
Hierarquia de necessidades, 397
Hilgard, E.R., 19, 32, 272, 276, 338, 401
Hillix, W.A., 82
Hindeland, M.J., 122
Hipnose, 328, 333, 334
Hipótese de variabilidade, 390
Hirschmuller, A., 333, 335
Histeria, 328, 333, 334
História de caso (Estudo de caso), abordagem, 343, 352-353
Hitzig, E., 58
Hoffman, E., 395, 396, 413
Holder, A., 23
Hoffingworth, H.L., 176, 413
Hollingworth, L.S., 390-391
Holt, E.B., 256-257, 264
Homossexualidade, 347
Hooker, J., 128, 129
Homey, K., 352, 371-376, 385, 393, 396
Hovland, C.L., 277
Howard, D.V., 409
Huile, C.L., 271-277, 280, 281, 282, 316
Hulse, S.H., 209

Hume, D., 49-50
Hunt, W., 148
Husserl, E., 95
Huxley, T.H., 129
Id, 344-345, 357-359, 380
Idaias, 43, 44, 45, 48, 49, 52 complexas, 46, 48, 49, 54
derivadas, 43
inatas, 43, 44
inibidas, 325
simples, 46, 48, 49, 54
433
Kagan, J., 353, 401
Kant, I., 71, 119, 296, 328
Katz, D., 297
Jung, C.G., 137, 182, 204, 337, 338, 359-365, 376, 379, 385
r
Identidade de ego, 381-384
Identificação, 346
Imagens, 83, 98, 109, 110-111, 137
mentais, 83, 98, 109, 110-111, 137
Impulsos, 171, 275-276, 343-344, 380
aprendidos, 275
primários, 275
secundários, 275
Inconsciente, coletivo, 359-364
pessoal, 363
Infância, impacto sobre a personalidade, 335-337, 344-347, 369-371, 374-375, 382
Influências, biossociais, 257
contextuais, 25-26, 176-177
Kearsley, R., 353
Kelley, C.M., 353
Kelley, H.H., 320

Kepler, J., 35
Kihlstrom, J.F., 410, 414
Kintsch, W., 101
Kirsch, I., 73
Kirschenbaum, H., 413
Kivnick, H.Q., 383
Koch, S., 402
Koelsch, W.A., 180, 182, 183, 355
Koenigsberger, L., 63
Koffka, K., 264, 298, 299-303, 315, 316, 396, 407
Köhler, W., 22, 294, 298, 299, 301-305, 311-314,
315-317, 321, 322, 407
sexuais sobre a personalidade, 329, 334-337,
346-347, 354, 361-363
Instinto, de morte, 343-344
de vida, 343-344
Instintos, 249-250, 343-344
Inteligência, diferenças raciais de, 205-206
animal, 138-142, 212-218, 411
Interação mente-corpo, 40-44, 69-72
Interesse social, 369
Introspecção, 82-83, 92, 95, 96, 97-100, 108-110,
119-121, 154, 247-248
experimental sistemática, 97, 108
por analogia, 139-141
Introversão, 364-365
Introversão (insight), 313, 321
Inveja, do pênis, 374
do útero, 374
Isbister, J.N., 22, 344
Isomorfismo, 314-315
König, A., 91
Konorski, J., 225

Kraemer, H., 326
Kraepelin, E., 204
Krafft-Ebing, R., 329, 330, 336
Krüll, M., 336, 355
Kuhn, T.S., 30
Külpe, O., 92, 96-100, 108, 111, 190, 299, 392
Kuna, D.P., 194
Jackson, M., 371
Jackson Personality Research Form (Formulário
Jackson de Pesquisa da Personalidade), 381
Jacobson, J.Z., 194
Jacoby, L.L., 353
Jaensch, E.R., 297
James, W., 147-156, 157, 158, 169, 172, 177, 179
182, 190, 197, 218, 228, 251, 297, 392, 405
Janet, P., 176, 328
Jastrow, J., 256
Jaynes, J., 42
Johnson, R.C., 136
Joncich, G., 175, 221, 222, 232
Jones, E., 22, 24, 326, 336, 339, 341, 342
Jones, G.H., 391
Jones, M.C., 236, 252
Jones, R.A., 258, 261
Julgamento Scopes, 129
129
Labirintos (de ratos), 213, 268-269
Laboratório, Antropométrico, 136
de Leipzig, 79, 82-83, 84-86, 93, 95, 108, 130, 184
de Würzburg, 97-100, 111
Laboratórios, 19, 21, 108-111, 151-152, 179, 213
Ladd, G.T., 73
Lamal, P.A., 321

Lamarck, J.B., 125, La Mettrie, J., 36
Landauer, A.A., 322
Landes, D.S., 55
Lange, C., 155
Langfeld, H.S., 101, 315
Lapso freudiano, 337, 353
Larson, C., 237, 239
Lashley, K., 249, 256-257
Leacock, S.B., 256
Leahey, T.H., 75, 101
Leary, D.E., 19, 32, 176, 177
Lei, da ação da massa, 257
434
da aquisição, 282
da parcimônia, 140
das resultantes psíquicas, 84
do efeito, 218, 221-222, 251, 267, 269, 275
do exercício, 222
do reforço, 218, 251, 269
Leibnitz, G.W., 325
Lerner, G., 389
Levelt, W.J.M., 405
Levinson, D.J., 366
Lewin, K., 317-320, 395
Ley, R., 22, 303, 313
Libido, 330, 343, 361, 362
Lieberman, D.A., 401
Likert, R., 320
Limiar de dois pontos, 64
Lindenfeld, D., 102
Link, M., 177
Lippitt, R., 320
Livre associação, 335, 340

Ljunggren, B., 232
Lloyd Morgan, C., 140, 147, 176, 212-213, 214, 218, 220
Lloyd Morgan, C  none de, 140
Lockard, R.B., 142
Locke, J., 44-48, 50, 52, 135
Loeb, J., 2 12-213, 235, 267
Loevinger, J., 135
Loftus, E., 199
Logue, A.W., 212, 250
Lowry, R., 40, 55, 277
Lubek, 1., 28
Ludwig, C., 330
Lyeli, C., 125, 128
Mach, E., 297
Mackenzie, B., 140, 213, 220, 232, 267
MacLeod, R.B., 151, 280
Maddi, S.R., 385, 413
Maguire, M., 191
Mahoney, P.J., 352
Malcoim, J., 336
Maileus Maleficarum (O Martelo das Feiticeiras),
326
Malthus, T., 128
Manuais (Titchener), 104-106
Mapas cognitivos, 268, 402
Máquinas de ensino, 284-285
Marbe, K., 98
Maroila, F.A., 371 Marshall, M.E., 74
Marx, M., 82
Maskelyne, N., 56-57
Maslow, A.H., 301, 366, 371, 395-397, 407, 413
Masson, J.M., 333, 336
Materialismo, 44

Matson, F.W., 404
Maudsley, H., 120, 330
Maudsley Personality Inventory, 365-366
Maunce, K., 34, 35, 42
May, W.W., 157
Mayr, O., 34, 35, 42
McAdams, D.P., 383
McDougall, W., 19, 211, 231, 246, 257-260
McGovern, T.V., 19
McGraw, M.B., 239-240, 261
McGuire, G.R., 19, 32
McGuire, W., 359
McKeachie, W.J., 401
McKinney, F., 156, 173
McReynolds, P., 191, 209
Mecanismo, 30, 34, 40-44, 46, 52, 109, 248,
273-274, 330, 350, 394, 404
galileu-newtoniano, 30,34,46, 109,298,403
Mecanismos de defesa, 346, 358-359
Medida do limiar, 64-66, 69-70, 326
Medos condicionados, 251-252, 255
Memória, 89-93
associativa, 212
Mendel, G., 28
Mendeleev, D., 82
Mentalidade dos macacos, 303, 312-314
Mentalismo, 48
Merton, R., 128
Mesmer, F.A., 328
Mesmerismo, 328
Método, anedótico, 139-141
da correlação (correlacional), 134
do questionário, 137, 183

do relato verbal, 247, 260
hipotético-dedutivo, 274-275
Metodologia objetiva, 210, 247-248
Métodos, estatísticos, 134-135, 186
experimentais, 57, 70-72, 81, 89-90, 97-100
Meyer, M., 231
Mill, James, 52-54, 109
Mill, John Stuart, 52-54, 81
Miller, E.F., 55
Miller, G.A., 30, 150, 223, 296, 404-407, 411, 412
Miller, N., 277
Misceo, G., 229
Modelagem, 289, 290
Modificação do comportamento, 286-287,
290-291
435
177,
152,
187,
Ogden, R.M., 102, 315
Olweus, D., 353
Operacionismo, 263-264
Ordem de nascimento, 370
Organismo vazio, abordagem, 280
Organização da percepção, 310-311
Orgier, H., 385
Otis, A.S., 204
MoE, A., 330
Monadologia, 325
Monahan, J., 199
Moore-Russeli, M.E., 55
Morgan, C. Lloyd, 140, 147, 176, 212-213, 214, 218, 220
Morgan, Christiana, 380-381

Morgan, J.J.B., 171
Morgulis, S., 215, 232
Moses, S., 19
Motivação, 100, 377, 380
Motivologia, 169
Motley, M.T., 353
Movimento, aparente (fenômeno phi), 298-299
da educação progressiva, 158
de estudo da criança, 183
Mowrer, O.H., 277
Muelier, C.G., 271
Mulheres, concepção psicanalítica das, 372-375,
382-383
discriminação contra as, 26, 107-108, 180, 198, 225, 388-391
Müller, G.E., 92-93, 297
Müller, J., 57-58, 59, 78, 330
Münsterberg, H., 151, 190, 195-200, 207
Münsterberg, M., 198
Murray, H.A., 379-381, 385
Myers, G.E., 151, 173, 182
Myers, I.B., 365
Myers-Briggs Type Indicator (Indicador de Tipo
Myers-Briggs), 365
Paradigmas, 30
Paskauskas, R.A., 23
Pastore, N., 73
Patze, A., 330
Pauly, P.J., 180, 232, 237
Pavlov, I., 27, 215, 218, 222-229, 247, 251, 272, 279, 295, 316
Pearce, J.M., 411
Pearson, K., 135, 142
Peirce, C.S., 155
Pensamento, produtivo, 314

sem imagem, 98
verbal, 252-254
Percepção (visão), da profundidade, 49
Percepção visual, princípio gestaltista da, 310-311
Persona, 364
Personal Data Sheet (Formulário de Dados
Pessoais), 204
Personalidade, 343-347, 362-365, 367-370,
372-375, 376-384, 397-399
características da, 379
Personologia, 379-381
Pervin, 377, 412
Pesquisa, com um único sujeito, 90, 186, 281
da ação social, 320
do sono, 4 10-411
Pesquisas do desenvolvimento infantil, 130, 179,
182-184, 25 1-254
Petites perceptions, 325
Pfungst, O., 217-218
Piaget, J., 402, 410
Pickering, G., 126
Pillsbury, W., 231
Planck, M., 31, 298, 302
Platão, 17, 325, 401
Plateau, J., 298
Pliley, W., 239, 261
Popularização da psicologia, 175, 201-202,
230-23 1, 254-256, 354
Positivismo, 43, 211
Postman, L., 101
Pragmatismo, 155, 175
Pressey, S., 284-285
Princípio, da realidade, 345

do prazer, 344

Natsoulas, T., 401

Nazista, regime e psicologia europeia, 26, 300, 303, 315, 317, 339, 396

Necessidades, 380

Necessidades neuróticas, 375

Negros, discriminação contra, 26, 180, 205, 391-392

Neisser, U., 407-409, 412

Neocomportamentalismo, 262-263

Neofreudianos, 357-359

Neuripnologia, 328

Neurofisiologia, 51, 57-59, 63-64

Newton, I., 34, 50, 285

Norman, D.A., 405

O'Connell, A.N., 389, 413

O'Donnell, J.M., 25, 72, 173, 175, 189, 190, 195, 201, 204, 215

O'Neil, W.M., 322

Office of Strategic Services (OSS) (Escritório de Serviços Estratégicos), programa de avaliação, 379

436

Princípios de Psicologia (James), 151-156, 157, 158, 169

Princípios de Psicologia Fisiológica (Wundt), 78-79, 80, 81, 105, 124

Processos, de pensamento, 97-100, 252-254

inconscientes, 324-326, 344-345, 362-365, 411

Programas de reforço, 282-284

Projeção, 346

Propriwn, 377

Pseudoproble 263

Psicanálise, 208, 323-355, 356-359, 365-366, 370-372, 376, 382-384, 392, 395, 399, 400

condição atual, 354-355, 386-387

e psicologia acadêmica, 350-351
freudiana, 208, 323-355, 356-359, 365-366,
370-372, 376, 384, 394-395, 398, 400
Psicofísica, 70-72, 92
Psicologia, analítica, 362-363
aplicada, 123-124, 171-172, 174-209
clínica, 191-192, 199-200, 207-208
cognitiva, 401-412
comparada, 138-142, 212-218
condição atual, 316-317, 320-322, 386, 392, 402
cultural (folclórica), 80-81
da Gestalt, 294-322
dinâmica, 169-171
do ato, 93-95
do ego, 352-359
escolar, 189
experimental (termo), 78
feminina, 372-376, 390-391
forense, 198-199
humanista, 392-401
individual, 367-372
industrial/organização 194, 200-201,
205-208
social, 80-81, 320
wundtiana, 81-88, 93, 95, 100, 103-104,
123-124, 143-144, 152-153, 172, 174, 248,
294-295, 296, 299, 316, 324, 386, 401
Psicopatologia, 326-329
Psique, 363
Psiquiatria, 326-329
Psychological Corporation, 187-188, 206
Publicidade, psicologia aplicada à, 193-195,
238-239

Punição, 286. Ver ta.inb6m Reforço

Qualidades, primárias, 46-48 secundárias, 46-48

Quetelet, A., 134-135

Química mental, 46-47, 82-83, 84

Quinn, S., 376, 385

Quociente de Inteligência (QI), 204

Rachlin, H., 414

Radford, L., 122

Rancurelio, A.C., 101

Raphelson, A.C., 173

Rapp, D., 354, 355

Rashotte, M.E., 274, 317

Rayner, R., 237-238, 239, 252

Reagentes (sujeitos humanos), 109

Realização de desejos, 341

Redução da tensão, 319, 380

Reduccionismo, 35

Reed, J., 215

Referencial, 273-274

Reflexos, 157-158, 226-228, 230, 257 associados, 230
dos animais, 226-229

Reforço, 227, 251, 268, 269, 275, 286-287 positivo. Ver Reforço
primário, 276
secundário, 276
vicário, 288-289

Renouvier, C., 150

Repressão, 340, 346

Resistências, 340

Revistas, 19, 20, 79, 91, 180-181, 187-188, 191, 215, 281, 301, 401, 411

Revolução, Industrial, 125
científica, 30

Rice, B., 284

Richards, R.J., 130, 139, 140, 142, 147

Roazen, P., 336, 355, 367, 384
Robach, H.B., 395
Roback, A.A., 105
Robinso D.N., 18, 44
Roethlisberger, F.J., 206
Rogers, A.M., 176
Rogers, C.R., 397-399, 413
Roitblat, H.L., 411
Romanes, G.J., 139-141, 212-213, 220, 329
Rose, P., 53
Rosenbaum, A., 176
Rosenzweig, S., 342
Ross, D., 179, 181, 183
Roszałc T., 409
Rotter, J.B., 26, 291-293, 371
Rowe, F.B., 110
437
Rubin, E., 297
Ruckmick, C.A., 171, 176
Ruetzel, K., 383
Rush, B., 328
Russo, N.F., 389, 391, 413
Samelson, F., 229, 246, 252, 261
Sarton, G., 211
Sarup, O., 32
Scarborough, E., 388, 389, 413
Scarr, S., 26
Schachter, S., 371
Schacter, D.L., 410
Scheere, E., 300
Scheibe, K.E., 248
Schoenfeld, W.N., 271
Schopenhauer, A., 340

Schultz, D., 362
Schumann, F., 93
Schur, M., 340
Schwartz, A.E., 352
Scopes, J.T., 129
Scott, F.J.D., 236
Scott, W.D., 192-195, 205
Seaman, J.D., 299
Sears, R., 277
Sechrest, L., 371
Seleção, de pessoal, psicologia aplicada à,
193-195, 199-201
natural, Ver Teoria da Evolução Sensações, da forma do tempo, 297
da forma do espaço, 297
táteis, 85
Sentimentos, 83-86, 96, 111, 374-376. Ver
também Emoções
Sexualidade infantil, 329, 335, 346, 357
Sherrington, C.S., 169
Shevrin, H., 411
Shields, S., 142, 390
Siegel, A.W., 177, 183
Sílabas sem sentido, 90-91
Silverman, L.H., 353
Simon, T., 188, 202
Síntese criativa, 84
Skinner, B.F., 23, 254, 261, 277-289, 291-293, 387, 401, 412, 414
Small, W.S., 213
Smith, C., 51, 55
Smith, D., 354
Smith, M.B., 258
Sociedade Psicológica Americana (APS), 202 Sócrates, 82
Sokal, M.M., 101, 181, 184, 186, 209, 304, 322

Sono REM (Rápidos Movimentos Oculares), 410
Spence, K.W., 273, 277, 292
Spencer, H., 144-147, 214
Sprenger, J., 326
Stariford-Bine4 203-204
Steele, R.S., 330, 359
Stepansky, P.E., 354
Sterba, R.F., 371
Stern, P.J., 385
Stem, W., 204
Strean, H.S., 355
Stumpf, C., 74, 95-97, 217, 301, 302
Sublimação, 346
Sujeitos humanos, 109, 116
Sullivan, J.J., 237
Sulioway, F.J., 329, 330, 355
Sumner, F., 180
Superego, 344, 380
Sussman, E.J., 101
Tabula rasa, 46
Tambor da memória, 93
Taylor, H., 53
Técnicas projetivas, 381
Tempo de reação, 85, 137, 186, 188
Tendência determinante (disposição mental), 98
Teoria, cognitiva da aprendizagem, 267-269,
288-292
da Emoção de James-Lange, 155
da Evolução, 88, 125-13 1, 133, 138-142,
144-147, 158, 220, 273, 329-330, 331
da hierarquia de necessidades, 397
da sedução, 335-336
da visão cromática de Young-Helnholtz, 63

das relações objetais, 359
das vibrações, 51, 58-59
de campo, 298, 317-321
do comportamento instintivo, 257-258
do esquecimento por interferência, 92
edípica, 331, 336, 353, 357, 362, 374
nativista da percepção, 43
natural. Ver Teoria da Evolução
naturalista da história científica, 27-30
personalista da história científica, 27-30
psicanalítica, 340-342, 354
tridimensional do sentimento, 83-84, 85, 111
Teorias, da aprendizagem como redução da
necessidade, 276
da aprendizagem por contigüidade, 269
da aprendizagem social, 288-292
psicológicas sociais, 366-375
438
Terapia, centrada na pessoa, 397-399
centrada no paciente, 397-400
Terapias de crescimento, 394-395
Terceira força. Ver Psicologia humanista
Terman, L.M., 181-182, 204
Terrace, H.S., 411
Teste Army/Alpha/Beta, 204
Teste de complementação de frases, 91
Teste Rorschach, 366
Testemunha ocular, 199
Testes, de inteligência, 188, 194, 202-206
mentais, 135-136, 188-189, 202
psicológicos, 194, 202-206, 247
sensório-motores, 135-136, 188-189
Thematic Apperception Teste (Teste de

Apercepção Temática) (TAT), 380-381

Thompson, T., 279

Thomdike, E.L., 183, 189, 213, 218-222, 267, 269, 275, 282, 295, 312, 314

Thorne, F.C., 173

Tipos psicológicos, 365

Titchener, E.B., 76, 79, 81, 90, 92, 103-122, 124, 151, 171, 176, 190, 197, 204, 237, 246, 260, 262, 324, 396

Tolman, E.C., 256, 264-269, 276, 292, 315, 316, 402

Transferência, 334, 340

Treinamento da sensibilidade, 320

Tropismos, 212-213

Turner, C.H., 213

Turner, F.J., 146

Turner, M., 120

Turner, R.S., 74, 87, 91

Tweney, R.D., 104

Twitmyer, E.B., 228-229

Universidade Clark, cerimônias (1909), 181, 338, 361

Universidades alemãs e o desenvolvimento da psicologia, 59-61, 86-88

Urban, W.J., 205, 413

Utilitarismo, 330

Valências, 267, 319

Variáveis intervenientes, 266-267, 269, 273

Vestal, M., 177

Vierordt, K., 71

Visão, 63, 85, 92

cromática, 63, 92

Viteles, M., 192

Von Ehrenfels, C., 297-298, 299

Von Mayrhauser, R.T., 192, 193, 195, 209

Von Osten, W., 217-218

Von Wolif, C., 35

Wade, N., 28

Waiden Two (Skinner), 285-286
Walker, D., 239, 261
Wallace, A.R., 128, 147
Warren, I-LC., 55
Washburn, M.F., 107-108, 122, 213, 246, 388
Waterman, A.S., 382
Waterman, C.K., 382
Waters, R.H., 142
Watson, J.B., 161, 171, 201, 211-215, 218, 222, 231, 233-261, 262, 279, 288, 298, 312, 324, 384, 400
Watson, Robert L., 55, 137
Watson, Rosalie (Rayner), 236-237, 239, 252
Watt, H., 98
Weber, E., 64-67, 70, 71-72
Wehr, G., 362
Weiss, A., 256-257, 262
Wertheimer, Max, 297-301, 305-311, 312, 314-315, 396-397
Wertheimer, Michael, 21, 302, 393, 394
White, A.D., 129
White, R., 320
White, S.H., 177, 183
Whytt, R., 27
Wiggam, A., 256
Wilberforce, S., 129
Windholz, G., 225, 229, 232, 321
Witmer, L., 189-192, 199, 207
Wittels, F., 351
Wolfe, H.K., 100
Woodworth, R.S., 73, 168-171, 204, 229, 231, 324
Woolley, H.T., 235
Wrightsman, L.S., 366

Wundt, W., 19,29,71-73,75-88,95,99, 103-106, 124, 137, 139, 150, 158, 174, 177, 179, 182, 184-187, 190, 192, 193, 196, 229, 260, 324, 351, 376, 401

Yerkes, R.M., 204, 213, 214-215, 232, 313

Young, R.K., 101

Young, T., 63

Young-Bruehl, E., 357, 384

Zander, A.,320

Zeigarnik, B., 320

Zeitgeist, 27, 34, 36, 73, 126, 144, 176, 260, 298, 330, 366, 372, 394, 402

Volkmann A.W., 70 Voluntarismo, 81

Zelazo P,353 erógenas, 346

439